

SPIN-OFF DO LIVRO
QUANDO OS CAMINHOS SE CRUZAM

NASCIDOS PARA *Amar*

LUANA LAZZARIS



NASCIDOS PARA AMAR - LUANA LAZZARIS

Copyright © 2019

Copyright © 2019 LUANA LAZZARIS

Capa: L.A. CAPAS

Revisão: Hellen Caroline

Leitura Final: Jéssica Martins

Diagramação Digital: Karen Dorothy

**Essa é uma obra de ficção, seu intuito
é entreter pessoas, quaisquer semelhanças
entre nomes, datas e acontecimentos reais,
são mera coincidência.**

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução
e/ou armazenamento de qualquer parte
desta obra, parcial ou completa, através
de quaisquer meios sem o consentimento
escrito da autora.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98
e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

<u>DEDICATÓRIA</u>
<u>SINOPSE</u>
<u>APRESENTAÇÃO</u>
<u>EPÍGRAFE</u>
<u>PRÓLOGO</u>
<u>PARTE UM</u>
<u>CAPÍTULO UM</u>
<u>CAPÍTULO DOIS</u>
<u>CAPÍTULO TRÊS</u>
<u>CAPÍTULO QUATRO</u>
<u>CAPÍTULO CINCO</u>
<u>CAPÍTULO SEIS</u>
<u>CAPÍTULO SETE</u>
<u>CAPÍTULO OITO</u>
<u>CAPÍTULO NOVE</u>
<u>CAPÍTULO DEZ</u>
<u>CAPÍTULO ONZE</u>
<u>CAPÍTULO DOZE</u>
<u>CAPÍTULO TREZE</u>
<u>CAPÍTULO CATORZE</u>
<u>CAPÍTULO QUINZE</u>
<u>CAPÍTULO DEZESSEIS</u>
<u>CAPÍTULO DEZESSETE</u>
<u>CAPÍTULO DEZOITO</u>
<u>CAPÍTULO DEZENOVE</u>
<u>CAPÍTULO VINTE</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E UM</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E DOIS</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E TRÊS</u>
<u>PARTE DOIS</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E QUATRO</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E CINCO</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E SEIS</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E SETE</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E OITO</u>
<u>CAPÍTULO VINTE E NOVE</u>
<u>CAPÍTULO TRINTA</u>
<u>CAPÍTULO TRINTA E UM</u>
<u>CAPÍTULO TRINTA E DOIS</u>
<u>CAPÍTULO TRINTA E TRÊS</u>
<u>CAPÍTULO TRINTA E QUATRO</u>

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)
[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)
[CAPÍTULO QUARENTA](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SEIS](#)
[PARTE TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SETE](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[LEIA UM TRECHO DE QUANDO OS CAMINHOS SE CRUZAM](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[LEIA UM TRECHO DE PROVE-ME](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[SINOPSES](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[REDES SOCIAIS](#)

SPIN-OFF DO LIVRO
QUANDO OS CAMINHOS SE CRUZAM

NASCIDOS
PARA *Amar*

LUANA LAZZARIS

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais – Séssi e Batista –
e irmãos – Cristiane e George –, que
contribuíram para a formação do
meu caráter, dando-me amor,
transferindo-me conhecimento e valores.
Foi no seio da minha família que conheci
o amor verdadeiro e, se pude escrever
sobre isso, foi graças a eles.*

SINOPSE

Valentina e Gustavo cresceram juntos e tornaram-se amigos inseparáveis.

Gustavo assumiu um papel protetor e Valentina sempre se sentiu segura ao seu lado.

No despertar da juventude, o amor sempre presente entre eles começa a dar sinais de que a relação vai além do que poderiam imaginar.

Ao descobrirem essa outra forma de amar e a incontável paixão, Valentina e Gustavo viverão dilemas e terão de tomar decisões que os influenciarão para sempre.

A mais importante de todas acontece quando Valentina está prestes a perder Gustavo, e para que isso não aconteça, ela será capaz de dar sua maior prova de amor por ele. Bem como tomar a mais importante e irreversível decisão de sua vida.

Esse livro é o spin-off de Quando os Caminhos se Cruzam, e como tal, reserva grandes surpresas e um mergulho fundo nos sentimentos, tocando-nos na alma.

Prepare-se e venha se emocionar!

APRESENTAÇÃO

Olá, querida (o) leitora (o), seja bem-vinda (o)!

Se está aqui é porque decidiu ler “Nascidos para Amar”. Desde já, muito obrigada!

Mas antes, eu preciso só te explicar algo. Será rápido e logo em seguida, fique à vontade para iniciar a leitura.

“Nascidos para Amar” é spin-off do meu livro “Quando os Caminhos se Cruzam”. São histórias independentes. Não se trata de uma sequência, mas há uma certa ligação entre elas, já que no primeiro livro é contado a história de Leonardo e Maria Luiza, pais de Valentina. Que é a personagem principal deste livro. E ainda, os personagens de “Quando os Caminhos se Cruzam” aparecem em “Nascidos para Amar”, assim como informações do que aconteceu no primeiro livro.

Ainda é importante esclarecer que a história de “Nascidos para Amar” acontece anos depois dos acontecimentos de “Quando os Caminhos se Cruzam”, porém, não se trata de uma história futurista. Todas as referências de sociedade são consideradas diante da época atual. Para efeitos literários, desconsidera-se o transcurso real do tempo.

E se você ainda não leu “Quando os Caminhos se Cruzam”, mas gostaria, vou deixar o link do E-book na Amazon (<https://amzn.to/2PTfkxT>) e também o link de compra da versão impressa (<https://goo.gl/ULqNrr>).

Ok? Viu?! Eu disse que seria rápido.

Agora venha se entregar as emoções de Nascidos para Amar.

EPÍGRAFE

*“Amor da minha vida, daqui até a eternidade
nossos destinos foram traçados na maternidade.”
(Exagerado – Cazuza)*

Valentina

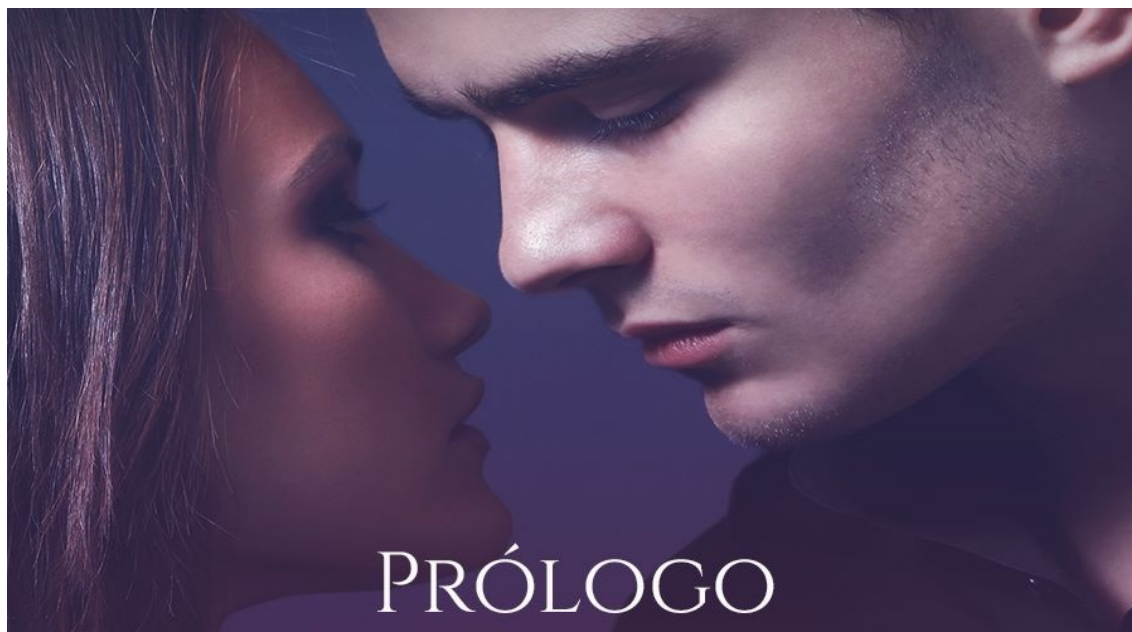
Algumas pessoas levam uma vida inteira para encontrar seu grande amor, outras passam por ela sem sequer conhecê-lo. E ainda tem aquelas que o encontram e sabem reconhecer quando ele chega e permitem-se viver o amor verdadeiro.

Bom, eu sou a pessoa que encontrou o grande amor e o encontrou bem cedo. Nascidos para amar, Gustavo e eu nos conhecemos quando éramos apenas dois bebês. Eu sempre soube que era ele, mas talvez não soube reconhecer o suficiente, e agora que estou prestes a perdê-lo, tudo que mais quero é poder desfrutar desse amor que nos uniu. Tudo que mais quero é dizer que o amo.

Espero ter tempo para isso.

Gustavo

Eu tinha tudo. Família perfeita e completa, tinha a garota dos meus sonhos, tinha vida... Até que comecei a perder tudo. Não exatamente nesta ordem, mas comecei a perder. E quando perdi pela primeira vez, eu conheci a dor. Conheci a dor e encontrei a escuridão.



Valentina

10 anos de idade.

Diante dos olhares e gargalhadas, começo a puxar e a soltar o ar seguidamente. Todos que apresentaram seus trabalhos sobre família, foram aplaudidos no final, mas o mesmo não acontece comigo e à medida que as gargalhadas aumentam, parece que a sala de aula vai ficando cada vez mais apertada. Estou sufocando... sufocando. *Preciso sair daqui!*

— Lixo! Valentina veio do lixo! — Ouço Nina repetir pela última vez antes que eu deixe a sala correndo.

Porta afora sigo em disparada pelos corredores do colégio, indo para qualquer lugar que seja o mais longe possível dos deboches dos meus colegas e, principalmente, de Nina. Meu Deus! Ela tem só dez anos, assim como eu. Por que foi tão cruel comigo? Crianças nunca deveriam ser cruéis umas com as outras.

Meu coração bate no mesmo ritmo em que corro — rápido, muito rápido. E na tentativa de correr o mais depressa que posso, numa passada descompassada, embolo as pernas e vou de joelho ao chão. *Droga!* E se a dor e vergonha pelo que acabara de acontecer na aula não fosse maior, talvez eu ficasse aqui no chão choramingando por esse ralado, mas não fico, levanto-me rapidamente limpando a mão na bermuda do uniforme e retomando minha

corrida.

Refugio-me em qualquer canto onde não haja ninguém por perto e encolhida nele deixo as lágrimas escorrerem livremente pelo meu rosto, sentindo pela primeira vez o sabor amargo de ser alvo de deboche.

A dor da mágoa e da vergonha se misturam ao meu peito, fazendo latejar e doer cada vez mais. Choro soluçando alto até que a boca fique seca e o ar me falte. E então, cansada, passo a chorar baixinho e apenas um soluço contido escapa pela boca.

— Caramba, Valentina! Eu procurei por você no refeitório. O que está fazendo aqui na quadra? É hora do recreio, vamos lanchar — Gustavo fala com a voz ofegante.

Permaneço debruçada com o rosto enterrado entre meus joelhos.

— Valentina?

Não respondo.

— Valentina... — Sua mão vai até meu cabelo caído sobre meu rosto, afastando-os. — Você está chorando?! O que aconteceu?

Ergo a cabeça, criando coragem suficiente para dizer a ele o que aconteceu.

— Nossa! — Fazendo uma careta, Gustavo se abaixa a minha frente. — Você caiu feio. Olha só esse machucado aí no seu joelho. Então, é por isso que está chorando. — Sua voz se suaviza à medida que os dedos passam ao redor da ferida recém feita.

Quem dera que meu choro fosse por causa desse ralado. Isso não é nada.

— Puxa vida! Justo hoje que tive que chegar mais tarde no colégio, você se machuca! — resmunga, chateado. Mas sinto que a chateação é com ele próprio.

E realmente, justo hoje ele não estava na sala comigo quando Nina me falou aquelas coisas horríveis e todos começaram a rir de mim.

— Está doendo muito? — Balanço a cabeça dizendo que sim. — Vamos até a sala da diretora para fazer um curativo.

— Não. Não quero sair daqui — falo, fungando e limpando meu nariz com a mão e em seguida passo na roupa para secar.

— Quer que eu chame alguém? — pergunta, preocupado.

— Não, também.

Gustavo muda a posição e se senta ao meu lado, seus braços finos passam por cima do meu ombro de uma forma protetora. Com suavidade desliza a mão pelo meu cabelo acalentando meu choro, minha dor.

— Gustavo, lembra quando te contei que minha mãe me explicou que

eu não tinha nascido da barriga dela, igual meus irmãos? Mas que eu tinha nascido do coração dela e do meu pai?

— Lembro. Minha mãe também me falou sobre isso e disse que o tio Leo e a tia Malu te conheceram quando você era um bebê e te escolheram para ser filha deles.

— Então... Mas a Nina disse que eu fui achada numa lixeira e que se eu estava numa lixeira é porque sou um lixo. E aí todo mundo começou a rir.

“Lixeira é lugar de lixo, então a Valentina é um lixo”.

A voz de Nina ressoa na minha mente junto daquela sua gargalhada que se parece com as de uma bruxa, igual nas histórias das princesas que Alice e eu sempre assistimos.

— Que idiotice! Como ela pôde fazer isso? Vou lá falar com ela e com quem mais riu de você. Eles vão ver só.

— Não, Gustavo, espera. — Ele faz menção de levantar e eu seguro em seu braço.

— Nina disse que foi a mãe dela quem contou — murmuro.

— Grande coisa! Nina só fala isso porque tem inveja de você.

— Inveja do que e por quê?

Gustavo leva alguns segundos pensando.

— Me diz quantas vezes você viu a mãe ou o pai dela aqui no colégio em alguma apresentação?

Tento me lembrar quando vi Nina com sua mãe.

— Nunca.

Ele inclina levemente a cabeça.

— Quantas vezes tia Malu e tio Leo vieram?

— Sempre.

Minha resposta é imediata. Pois em todas as vezes que tinha alguma apresentação ou se fosse uma reunião de pais, os meus estavam sempre no colégio.

— Viu? — Ele me olha com um ar de quem disse a *coisa* certa. — É inveja que ela sente. No fundo, Nina queria ter pais como os seus. É por isso que ela fala essas coisas idiotas.

— Todos começaram a rir quando ela falou que eu era lixo — reclamo. Abalada por lembrar da cena em que todos os meus colegas me olhavam com as mãos apontadas para mim e rindo tanto que precisavam se curvar sobre as mesas.

— São todos uns idiotas, então! — fala, dando de ombros. Eu noto raiva em seus olhos.

— Mas está doendo — choramingo.

— Deixa eu ver. — Ele toca meu joelho. — Foi um belo tombo. Está sangrando bastante.

— Não é o joelho que dói, é aqui. — Toco o meu peito, pois a dor que sinto no meu coração é maior que a do machucado no joelho. Saí em disparada da sala sem suportar a chacota e no meio do caminho tropecei nos próprios pés e caí.

— Ah, Valentina, não dê importância para isso. Você não é lixo coisa nenhuma. Você é a menina mais amada e inteligente que conheço.

— Você não conhece muitas meninas — retruco.

— O suficiente para saber que você é a melhor — ele me diz com um sorriso tímido.

— Bobo. — Bato em seu braço, ele ri um pouco mais e eu esqueço da dor e rio também.

Quando o riso acaba, Gustavo me olha sério, pega minhas duas mãos e ficamos de frente um para o outro.

— Valentina, quero que você se lembre sempre disto: que é uma menina inteligente e muito amada. *Tá* bem?

Balanço a cabeça com força, dizendo sim a ele.

— Agora repita em voz alta: “Eu sou uma menina inteligente e muito amada”.

Faço uma careta, ele faz outra em sinal para que eu fale.

— Eu sou uma menina inteligente e muito amada — declaro, confiante, e meus lábios se estendem num sorriso.

— Ótimo — ele diz, satisfeito. — Agora me prometa que nunca mais vai chorar por coisas idiotas que pessoas idiotas te digam.

— Prometo. — Gustavo sorri, aperta minhas mãos e as solta.

Respiro bem fundo, certa de que nunca mais deixarei que palavras ruins me atinjam.

O sinal toca, avisando que o intervalo do recreio acabou, e gemo internamente por ter de voltar para a sala de aula. Gustavo amarra os cadarços do seu tênis e depois volta sua atenção para mim.

— E Valentina, me desculpe por não estar ao seu lado quando você precisou. — Sua voz parece triste.

— Agora você está e fez com que eu me sentisse melhor. Obrigada — digo, sincera.

— Eu sempre estarei ao seu lado, Valentina.

— E eu do seu — replico.

Gustavo me dá um leve empurrão com seu ombro e se levanta.

— Inseparáveis? — ele pergunta, estendendo a mão para mim. Seguro-

a e me ponho de pé.

— Inseparáveis.

Abraço-o com a certeza de que não importa de onde eu vim e sim onde
estou.

E onde estou sou muito amada.

Parte Um



Valentina

Dezessete anos de idade.

O último ano do ensino médio, associado ao cursinho pré-vestibular, está exigindo de mim muito mais dedicação do que já costumo dar aos estudos. E poder no final do dia tomar um banho quente, vestir meu pijama e me jogar na cama, é o paraíso. Nunca pensei que esse período seria tão exaustivo, mas por sorte em poucos meses acaba.

Com os olhos pesados e o forte cansaço, sou aos poucos envolvida pela moleza do sono que vai chegando. O som do celular vibrando interrompe o momento, estico preguiçosamente o braço até a cômoda e verifico uma mensagem de Alice, minha adorável irmã do meio.

Alice: **Já está dormindo?**

Digito a mensagem de resposta com os olhos semicerrados.

Eu: **Quase.**

Alice: **Ok, estou indo aí.**

Jogo o celular na cama, ciente de que não será agora que vou dormir.

Alice e sua incrível disposição noturna. Inclusive, por este motivo que de uns tempos para cá, tomamos a decisão de dormirmos em quartos separados. Enquanto eu gosto de dormir e acordar cedo, por outro lado, Alice adora ficar até tarde lendo e escrevendo. Mas isso não impede que em muitas noites uma vá para a cama da outra.

Segundos depois ela entra no meu quarto, com um caderno abraçado ao peito e o rosto coberto por uma máscara branca, deixando apenas os olhos e os lábios de fora.

— O que passou no rosto? — pergunto e ela se embrenha na cama ao meu lado. Com a proximidade sinto o cheiro do que quer que ela tenha passado e é um cheiro bom.

— Uma mistura de iogurte natural com mel.

Hum... Além de cheiroso é apetitoso. Passo a ponta do dedo e levo até a boca.

— Valentina?! — ela diz em tom de repreensão.

— O quê? É iogurte, não é?

— Sim, mas estava no meu rosto.

— E daí? Seu rosto é tão limpinho. — Faço um biquinho para ela.

— Sua formiguinha! Não pode ver um doce. — Suas mãos vêm até minha barriga, me fazendo cócegas. Solto um gritinho e ela intensifica um pouco mais, dou algumas gargalhadas até que me rendo, pedindo para ela parar.

— Não posso mesmo, adoro! — Passo o dedo novamente, pegando mais um pouquinho.

Ela fica brava.

— Para! Deixe minha máscara de hidratação aí. Se quer mesmo comer, pego na geladeira para você.

— Já escovei os dentes. — Alice revira os olhos. — Mas, de verdade, não sei porque passa essas coisas no rosto. Sua pele é naturalmente maravilhosa — digo.

— É assim porque eu cuido e você deveria fazer o mesmo. — Ela ergue as sobrancelhas, dando-me o conselho. Definitivamente não tenho disposição para isso.

— Agora fica quieta e olha o que tenho aqui! — Ela pega o caderno, segurando-o na frente do seu rosto com um sorriso de orelha a orelha.

— Não acredito! O diário da vó Cecília! — falo, estupefata.

— É incrível, não é? Mamãe finalmente me deu!

O tom de alegria em Alice é o mesmo que sinto, talvez ela se sinta ainda mais alegre. Minha irmã sempre tem um livro de romance na cabeceira da cama, e desde que soubemos da existência desse diário, ainda na infância,

queríamos ler. Contudo, nossa mãe, apesar da nossa insistência, sempre deixou claro que só nos entregaria o diário quando estivéssemos com mais idade.

— Até que enfim vamos conhecer a história da vó Cecília com o vô Miguel através da perspectiva dela. É maravilhoso! — digo, pegando-o e deslizando os dedos sobre a capa. Tê-lo ao nosso alcance torna tudo que sabemos sobre a vida da nossa avó ainda mais palpável.

Alice enrugando a testa e noto seus olhos marejados.

— O que foi? Você queria tanto ler. — Acaricio seu cabelo.

— É que sempre que penso em como eles foram separados, me dá uma dor no peito. Queria que tivesse sido diferente.

Alice é tão romântica e sensível. Todas as vezes que nosso avô falava sobre seu amor por vó Cecília, nos fazia suspirar e minha irmã ficava muito comovida com o que aconteceu.

— Procure pensar como mamãe nos fala, que agora eles estão juntos — aconselho-a.

Fitando-me séria, ela pergunta:

— Você acredita mesmo nisso? Acredita que a morte o levou para junto dela?

— Eu acredito na força do amor verdadeiro, e o amor deles era. Então acredito que em algum lugar do universo eles estão juntos e felizes.

— No céu?

— Sim, no céu. E tenho certeza que de lá eles cuidam de nós. E acho que tanto a vó Cecília quanto o vô Miguel não querem nos ver tristes com a história deles e sim que possamos tirar algum ensinamento de tudo o que aconteceu.

— Você tem razão, Valentina.

Alice sorri, contemplativa.

— Vamos lá, leia para nós — peço.

— Preparada? — ela pergunta, animada.

— Preparadíssima!

Soltamos ao mesmo tempo um suspiro.

Alice começa a ler com sua voz doce, as primeiras páginas são recheadas de informações do tempo em que nossa avó tinha por volta da nossa idade. Uma jovem apaixonada por um garoto lindo e amável, ambos cheios de sonhos e desejos de uma vida feliz. À medida que Alice segue com a leitura, fecho meus olhos imaginando os dois em cada momento que foi contado nesse diário.

Não sei em que ponto da história acabei adormecendo, mas ao despertar brevemente, vejo o caderno também adormecido no peito de Alice. Ela

produz uma respiração calma e ritmada.

A pobrezinha também foi vencida pelo sono.

Tiro com cuidado o diário de suas mãos e coloco-o sobre a cômoda, cubro-a com a manta e me ajeito ao lado dela, entrelaço nossas mãos e volto a adormecer sentindo o cheiro adocicado Alice.



— Acordem suas dorminhocas! — Não abro meus olhos ao ouvir Gaetano chamando e finjo um sono profundo. — Vamos, acordem! — Ele se joga por cima de nós.

— Gaetano! — Alice e eu reclamamos juntas.

— Vamos, é sábado, meninas! Acordem! — Gaetano puxa com tudo nossa coberta. Reclamo, esperneando pela falta súbita do calor das cobertas.

— Por isso mesmo, nos deixe dormir — Alice resmunga, eu abro um olho espiando-a, e ela permanece de olhos fechados tateando em volta, requerendo a coberta novamente.

— Quem quer panquecas? — meu pai grita. O som da sua voz vem do andar de baixo.

— Panquecas! — falamos ao mesmo tempo em que arregalamos os olhos diante uma da outra. Logo depois sentamos em um sobressalto, fazendo com que Gaetano role, caindo da cama.

De joelhos na cama, vemos Gaetano sentado no chão. Começamos a gargalhar, nos sentindo vingadas por ele nos acordar e ainda nos tirar a coberta. Nosso irmão mais novo ergue-se do chão nos lançando um olhar de perigo e sem esperar pela sua ação, ele enlaça cada uma das mãos em nossos pulsos e começa a nos puxar. Travamos um cabo de guerra, tentando ao máximo sobrepor sua força e nos manter na cama, mas o garoto de quatorze anos possui uma energia ainda maior que a nossa, e principalmente porque acabamos de acordar. O estado de sonolência não ajuda muito e em um último forte puxão ele nos leva ao chão...

— Gaetano, seu peste! Vai ter volta! — Alice diz, chateada.

E eu choramingo sentindo o bumbum doendo.

— Só assim para vocês saírem da cama. — Ele dá de ombros, em seguida pega o celular no bolso e tira uma foto minha e de Alice *nesse estado*.

Gaetano solta uma sonora gargalhada enquanto digita no celular e ao terminar, devolve-o para o bolso.

— Deixa eu ver — digo, levantando-me e puxando Alice comigo.

— Pode ver no seu celular mesmo, acabei de postar no grupo da família. — Um sorrisinho de desforra perpassa em seus lábios.

Alice e eu partimos para cima Gaetano, que ágil escapa das nossas mãos, correndo para fora do quarto.

Do corredor ele avisa:

— Se apressem! Papai já está quase acabando.

— Bem que poderíamos ter tido uma IRMÃ e não um IRMÃO. Seria bem mais agradável — Alice diz, amarrando o cabelo em um coque.

— Não fale assim do *bebê da mamãe* e *meninão do papai* — zombo, imitando as vozes da minha mãe e do meu pai.

Ela resmunga mais algumas palavras de chateação e eu decido ir para o banheiro, deixando-a sozinha no quarto até que seu humor melhore.

No corredor ela passa por mim correndo.

— Quem chegar por último é mulher do padre. — A danada me dá um tapa no meu pobre bumbum já dolorido.

Balanço a cabeça em negação. Não sei quem dá mais trabalho: meu irmão mais novo ou minha irmã do meio. Enquanto a diferença de idade entre Gaetano e Alice é de três anos, entre Alice e eu é de apenas 10 meses, estamos as duas com dezessete, mas isso mudará em breve, quando completo dezoito anos em outubro.

Sendo assim, sou a irmã mais velha, e como tal, acabo sempre tendo que aguentar os dois e ainda apaziguar as briguinhas deles.

Ao chegar à cozinha, sinto o cheiro gostoso das panquecas. Todos já estão à mesa desfrutando do café da manhã, conversando e dando risadas.

— Vem, amorzinho, senta aqui ao meu lado — minha mãe diz, carinhosa. Debruço-me sobre seus ombros, dando um beijo em seu rosto.

— Vou fazer uma panqueca quentinha para você — papai avisa, saindo do seu lugar e vindo me abraçar.

— Obrigada, pai. — Abraço-o apertado.

Antes de ocupar meu lugar, a campainha toca.

— Deixa que eu abro, já estou de pé mesmo — digo, pegando um morango da mesa.

Abro a porta e Gustavo está parado de cabeça baixa, com uma mão apoiada na parede. Assim que me vê sorri.

— Bom dia! — falo, dando espaço para ele passar.

— Bom dia, Valentina. É bom ver que já está recomposta — diz, com tom de deboche, fazendo-me lembrar que a tal foto que Gaetano postou no grupo da família deve ter sido motivo de gargalhadas dos meus adoráveis familiares.

Fechando a porta, dou uma risadinha sem humor e só de raiva digo:

— Não tem café na sua casa, não? — Encaro-o com o semblante sério.

— Com panquecas, não. — Ele pisca e rouba o morango da minha mão.

— Ei, isso é meu! — falo, tirando da mão dele e enfiando o morango inteiro na boca.

— Gulosa! — Gustavo sussurra próximo ao meu rosto.

Dou um empurrão com meu ombro no dele e sigo para cozinha. Noto que ele não me acompanha, viro-me.

— Anda, vem tomar café — digo, por fim.

— Enfim, um gesto educado da sua parte, hein?!

Cruzo os braços e sopro o ar, vendo-o passar por mim com seu caminhar despreocupado; usando seu jeans rasgado, uma camiseta larga e a mão massageando a nuca como sempre costuma fazer. Antes de entrar na cozinha, Gustavo se vira e sorri, tirando-me do breve transe em que entrei. Descravo meus pés do chão dando uma corridinha, apressando-me em chegar logo para comer minha panqueca quentinha, antes que Gustavo fique com ela.

O café da manhã aos sábados é demorado e sem pressa. Por isso, sempre aproveitamos para conversar bastante. Meus pais fazem questão de saber em detalhes como foi nossa semana, nossas atividades e também nos contam como foi a deles. Nosso dia a dia é sempre tão corrido, todos com compromissos, que desfrutar desse momento sem se preocupar com horário é maravilhoso.

Olhando para cada um sorrindo e feliz, agradeço a Deus por ter me dado a melhor família do mundo. Ao mesmo tempo em que percebo o quanto sentirei falta disso quando for estudar fora, a decisão ainda hipotética para os meus pais — mas certa para mim — não os preocupa, mas já me faz sentir saudade.

— Os meninos sei que ficarão jogando videogame, mas e as meninas? Decidiram o que vão fazer hoje? — mamãe pergunta, colocando a louça na máquina de lavar, enquanto nós nos revezamos em recolher a mesa.

— Eu vou dar uma passada no colégio mais tarde. O pessoal do grupo de poesia vai se reunir para definir a apresentação dos trabalhos de fim de ano — Alice comenta, me entregando o que vai na geladeira.

— Eu vou estudar — respondo, sem ênfase. Porque apesar de precisar, estou com uma leve preguiça, pelo menos por agora, que comi tantas panquecas que o estômago chega a doer.

— Tem certeza, Valentina? Tenho que dar uma conferida em alguns pacientes. Quer dar uma passada na clínica, comigo?

Meu pai sabe o quanto gosto de ir à clínica e vê-lo trabalhar. Desde

criança amei estar ao seu lado e ainda sem compreender, de fato, a profissão, a vontade de me tornar pediatra como ele, crescia dentro de mim.

— Adoraria, pai, mas vou ficar — digo, circundando seu corpo com meus braços, amenizando minha negativa a seu convite. Apesar de adorar passar um tempo na clínica, hoje, estou afim de ficar em casa.

— Malu, amor, sobrou você e eu. Vem comigo? Ou vai me dar um *não* também? — Ergo meu olhar para ele que faz um beicinho, mas em seguida sorri e me dá uma piscadinha. *Como eu amo isso.*

Minha mãe enxuga as mãos e vem até nós. Sua expressão reflexiva faz meu pai insistir no convite.

— Depois te levo para almoçar naquele restaurante que você gosta e ainda fazer um programa a dois, que tal? — Ele sorri e pisca. Faz isso porque sabe que minha mãe se derrete com esse gesto.

— É uma boa proposta, doutor Leo. Considere aceita! — ela diz, com um sorriso apaixonado. Ele estende uma das mãos para minha mãe, trazendo-a para se juntar ao nosso abraço e lhe dá um beijo rápido nos lábios.

É tão lindo ver que esse amor entre eles, quanto mais os anos passam mais apaixonados se tornam.

Deixo os braços do meu pai, para que ele acomode por completo minha mãe neles. Olho ao redor e vejo que a cozinha está em ordem. Dou uma piscadela para Alice que entende o que quero dizer e de forma sorrateira deixamos o casal de pombinhos sozinhos na cozinha.



Gustavo

Depois de quase duas horas jogando videogame, sinto os olhos arderem, deixando minha concentração bem comprometida.

— YES! Acabei com você, Gustavo! — Gaetano comemora ao derrubar minha nave, bombardeando-a com toda a artilharia possível.

Ele adora esse jogo de guerra estelar. Eu não ligo tanto, aliás, a fase de ser vidrado em *games* já passou, mas o moleque gosta tanto que me animo a lhe fazer companhia. Além disso, sei o quanto é chato não ter um irmão — e até hoje me pergunto o porquê dos meus pais não terem tido outros filhos, assim todas as broncas e expectativas seriam divididas e não sobraria para cima de mim.

E para deixá-lo ainda mais animado, às vezes a gente se reúne com mais alguns amigos para uma competição.

— É... Você acabou comigo! — Coço a cabeça, resignado. — Estou achando que você ficou praticando durante a semana — comento, provocando-o.

— Treinei coisa nenhuma. Meus pais não me deixaram nem chegar perto do videogame — explica, contrariado.

— Quero revanche! — anuncio, bebendo um gole de refrigerante.

— Só se for agora! — Ele se agita no sofá, pronto para a próxima

batalha.

— Nada disso. Quem perde cai fora. — Matheus toma o controle da minha mão.

— Sossega aí! — digo, tomando-lhe de volta.

— Deixa, eu vou acabar com ele de novo, Matheus! — Gaetano emenda e Matheus reclama ao lado do Vinicius, que está mais interessado no celular do que no jogo. Nem sei porque Vinicius veio. É provável que tenha sido Matheus a convidá-lo, afinal, esses dois estão sempre juntos.

Matheus faz parte do nosso convívio desde a infância. Seus pais, Vincent e Cleo, são amigos do tio Leo e tia Malu, e o fato de ele ter puxado a descendência nipônica da mãe, deu a ele o apelido de Japa. Vinicius é nosso colega de escola. Não topo muito com ele. O cabelo liso loiro reluzente separado ao meio e olhos verdes me fazem lembrar aquele príncipe de araque do filme do *Shrek* e não só pelas características físicas, mas sua personalidade combina bem.

Com os olhos fixos na tela da televisão vejo a nave de Gaetano partindo para cima da minha sem dó. A muito custo me defendo e ele movimenta com agilidade e rapidez os dedos nos botões do controle, fazendo-me penar para ganhar essa revanche.

— Quem está afim de brigadeiro? Vou pedir para Valentina fazer — Gaetano sugere, sem tirar os olhos do jogo.

— Ouvi meu nome aí? — A voz de Valentina ressoa atrás de nós.

Desvio os olhos da televisão para ela e nesse instante o controle vibra na minha mão, sofrendo com o ataque que minha nave acaba de receber. Divido minha atenção entre o jogo e ela.

Valentina se senta ao meu lado no braço do sofá, curvando os lábios rosados, dando-me um belo sorriso. A proximidade me faz sentir o aroma dos longos cabelos escuros, soltos e caídos, contrastando com o branco da camiseta justa que usa.

— Maninha, faz aquele seu brigadeiro delicioso? — Gaetano se distrai persuadindo a irmã a aceitar o pedido, então aproveito para lhe dar o troco, destruindo uma das asas da nave dele, que xinga soltando um palavrão e no mesmo minuto leva uma reprimenda de Valentina.

Os rapazes começam a rir.

— O aviso é para todos vocês, nada de palavrão! — ela avisa, fazendo-os engolir o riso.

Vinicius larga o celular e muda de lugar indo, para perto dela.

— Valentina está certa. É muito feio falar palavrão. Fique despreocupada, não daremos mau exemplo para o Gaetano — ele diz, todo atencioso.

Cínico, pois ele é o mais boca suja que conheço. Não que eu não solte alguns palavrões de vez em quando, mas ele é bem pior. Contudo, a considerar que ele estuda na mesma sala que Valentina e eu, ela sabe bem que Vinicius só está fazendo cena e por isso não dá atenção ao comentário.

— Está bem, vou fazer o brigadeiro. Também estou afim de comer um doce.

E quando ela não está?

— Eu te ajudo. — Vinicius vai atrás dela, fazendo-me apertar o controle com força. Não é de hoje que noto que ele sempre tenta uma oportunidade para ficar sozinho com Valentina.

— Mas nem por um senhor caralho! — murmuro, talvez alto demais, pois Gaetano me olha espantado. Dou uma risadinha sem graça e nem me importo quando ele atinge mais uma vez a minha nave.

— Joga aí, Matheus. — Largo o controle no sofá e vou para a cozinha.

Valentina está com o corpo inclinado para baixo, pegando algo no armário, e Vinicius encostado no balcão com os olhos cravados nela.

— Se manda — digo a ele, que enrug a testa com um olhar de questionamento. — É sua vez de jogar — completo. E minha expressão demonstra que é para ele sair *agora* do lado dela. Vinicius ergue as mãos em sinal de rendição e deixa a cozinha, em silêncio.

Encosto-me no balcão, cruzando os braços no peito esperando até que Valentina se erga. Ao fazer, com uma panela na mão, ela me lança um olhar incompreensível e balança a cabeça negativamente, acompanhada de um sorriso. Isso me deixa incomodado.

— Você não deve dar moral para ele — digo, fitando a lateral do seu rosto, enquanto ela acende o fogo.

Valentina se vira para mim com uma expressão surpresa.

— E quem disse que eu estava?

— Só estou avisando. Vinicius não é tipo de cara que...

— Conheço Vinicius — ela diz, num tom incisivo.

— Ótimo! — respondo seguindo seu tom.

Valentina ergue as sobrancelhas de um jeito que questiona a minha atitude em resposta. Faço o mesmo. Encaramo-nos por segundos e há um ar mútuo de embate.

— Desculpe, só estou cuidando de você — amenizo.

— Não me importo que cuide, afinal, você sempre fez isso. Apenas não precisa ficar tão nervoso com situações assim.

— Não estou nervoso! — contraponho.

— Está! — rebate ao ocupar-se em separar os ingredientes para o

brigadeiro.

Sim, estou.

Como disse, Vinicius tem esse ar de príncipe, rostinho angelical, e ele se aproveita bem disso com as garotas. Vive jogando galanteios por aí e após as conquistas, tece comentários pejorativos sobre as que caem em sua lábia.

Se já sinto raiva quando ouço-o falando de qualquer garota, de Valentina, então, é motivo suficiente para querer socar a cara dele. Só de imaginar fico furioso.

Eu preciso protegê-la.

— Abre, por favor? — Valentina me entrega a lata de leite condensado, sua voz suave me diz que está tudo bem.

Relaxo e faço o que ela me pede. Enquanto o brigadeiro é preparado por Valentina e o cheiro de chocolate vai preenchendo a cozinha, conversamos sobre um trabalho de sociologia que tem que ser entregue na próxima semana. Ela ri um bocado quando imito a professora que tem uma voz aguda, fico horrível fazendo isso, mas adoro vê-la rindo e por isso não me importo de parecer um completo ridículo.

Depois de mexer o suficiente, o brigadeiro fica pronto. Valentina pega uma colher na gaveta, enfia na panela, passa a língua entre os lábios e começa a soprar, esfriando-o. Estalo os olhos vendo o biquinho que seus lábios formam. É tão lindo.

Não faz isso, Valentina!

Boquiaberto e vidrado, inclino a cabeça, perdido nela. Cada vez que Valentina passa a língua entre os lábios e toma fôlego para continuar soprando, um pouco de ar me falta. Alucinado com o que o gesto me causa, forço a desviar o olhar.

— Experimente, vê se ficou bom. — Ela traz a colher até minha boca, seguro-a junto de suas mãos e antes que eu consiga provar, ela lambuza meus lábios com o brigadeiro, soltando uma gargalhada.

— Ah, sua filha da... — brado, lambendo os lábios e sentindo o adocicado do chocolate. — Ficou ótimo! Agora me dê isso aqui.

Tomo a colher de suas mãos e deslizo-a sem dó em seu rosto, que fica todo sujo.

— Gustavooo! — grita. Ela reage, tentando segurar minhas mãos. Eu as balanço no ar, ainda com a colher na mão, evitando seu alcance. Valentina que é menor do que eu, busca me alcançar em vão. Começo a correr pela cozinha e ela faz o mesmo, sem sucesso em me pegar.

— O quê? Só dei o troco — justifico, protegendo-me do outro lado da bancada que ocupa o centro da cozinha.

— Mas eu não fiz tanto — choraminga.

Meu corpo sacode, conforme gargalho ao ver sua pele branquinha toda manchada de brigadeiro. Tento não rir muito, mas é impossível. Ela se parece com uma criancinha aprendendo a comer.

Busco pelo papel toalha, umedeço na torneira e vou até ela.

— Tome, sua bagunceira! Limpe isso aí.

Nós dois permanecemos rindo quando Valentina começa a passar o papel toalha pelo rosto, mas bem na lateral dele ainda fica sujo. Pego outro papel toalha e eu mesmo decido limpar o estrago que fiz.

Ante a ela, levo minha mão na ponta de seu queixo, uma paralização súbita acontece, tanto meu riso quanto o dela cessam, percorro meu olhar por todo o desenho delicado de sua face, os olhos castanhos brilhosos parecem receoso, os lábios em formato de coração estão entreabertos soprando uma respiração descompassada, e não sei se isso é porque estávamos correndo minutos antes, mas o mesmo descompasso me alcança. Desvio o olhar para onde a mancha do brigadeiro está, sem pressa e com suavidade começo a deslizar o papel em seu rosto. Capto o breve fechar e abrir de olhos de Valentina, e a forma como seus lábios estão separados, que dão a ela uma expressão incomum de todas que já vi. Há uma certa sensualidade, o que promove em mim uma sensação desnorteadora, fazendo com que eu sinta uma corrente elétrica transitar pela minha espinha dorsal.

— Pronto, agora sim está tudo limpo — digo, obrigando-me a me afastar dela, mas antes finalizo a limpeza tracejando com o papel os lábios de Valentina que nem estavam sujos.

— Esse brigadeiro, sai ou não? — Gaetano surge na cozinha.

Valentina se afasta rápido, abrindo a gaveta para procurar por mais colheres.

— Já está pronto! — anuncia com um sorriso, entregando as colheres ao irmão.

Os dois vão para a sala, mas eu permaneço por um tempo ainda na cozinha, olhando intrigado e ao mesmo tempo contemplativo para o papel toalha que antes tocaram os lábios dela. Intrigado por tudo que tem despertado dentro de mim quando estou perto de Valentina e contemplativo por perceber o quanto gosto.

Sentados no sofá cada um de nós desfruta do brigadeiro, avançando até a panela depositada na mesa de centro. Os elogios ao doce feito por Valentina são dados a cada colherada. Ela faz sem dúvida o melhor brigadeiro. Vinicius, por sua vez, ao tecer comentários, soa mais doce que o próprio brigadeiro, e isso me irrita demais.

— Oi, pessoal! — Alice entra feito um furacão pela porta, passando pela sala e indo direto para a escada.

— Por que tanta pressa? — Valentina pergunta.

— Já desço aí — Alice grita do alto da escada.

Não demora muito e ela está de volta. Valentina oferece o brigadeiro a irmã, que come uma colherada fazendo uma expressão de satisfação.

Em seguida Alice diz:

— Estou indo na casa da Martina, vamos fazer um sarau. Já avisei a mãe.

Valentina assente.

— Oi, Alicinha — Matheus fala, chamando a atenção dela que responde um “oi” sem olhar para ele. Desde crianças esses dois não se dão muito bem.

— Gustavo, isso aqui é para você. — Alice estende uma folha de papel dobrada em minha direção. — Nina me pediu para te entregar — completa.

Valentina lança um olhar curioso para Alice.

— Nina faz parte do grupo de poesia, agora? — pergunta.

— Até parece, claro que não! — Alice responde com uma careta. — Ela estava no colégio jogando futebol. Quando me viu saiu correndo da quadra para me alcançar e pediu que eu entregasse o papel ao Gustavo.

— *Hum*, olha só... Gustavo ganhou uma cartinha de amor — Matheus debocha.

— Alguém avisa a Nina que celular também manda mensagem. — Vinicius gargalha.

Valentina enrola com vigor uma mecha de cabelo nos dedos, enfio o bendito papel no bolso sem dar importância para o que tem escrito nele.

— Quem liga se ela não sabe que celular manda mensagem? Com aquele par de coxas isso não é problema nenhum. — Matheus volta a abrir a boca para falar besteira.

— Calem a boca, vocês! — exclamo, dando fim aos comentários.

— Como você é idiota, Matheus! — Alice comenta, com desdém.

— Obrigado pelo elogio, Alicinha — Matheus rebate e ela revira os olhos.

Valentina se volta para a irmã com um olhar pacífico que diz para ignorar as provocações do Matheus. Os dois são como cão e gato e sempre tentamos acalmar os ânimos entre eles.

Antes de sair Alice deixa um beijo na irmã, que a orienta a se cuidar e não retornar muito tarde.

— Vou voltar para o meu quarto e estudar que ganho mais —

Valentina fala com aparente chateação, levando com ela a panela do brigadeiro, criando objeções por parte dos rapazes, mas ela apenas dá as costas sem se importar.

— Também, vocês ficaram aí falando da Nina — Gaetano diz, em defesa da atitude da irmã.

— Verdade, esqueci que Valentina odeia Nina — Matheus acrescenta.

— Minha irmã não odeia ninguém, não.

Gaetano está certo, ódio não é um sentimento que Valentina nutra, nem mesmo por Nina. E se as duas não possuem uma relação amigável, é porque Nina sempre faz de tudo para provocá-la.

Merda! Ela ficou mesmo chateada.

Abandono a sala e vou falar com Valentina. A porta do seu quarto está fechada, então dou uma leve batida, mas ela não responde. Tento outra vez e sem obter sucesso decido abrir sem sua autorização. À medida que Valentina entra no meu campo de visão deitada, na cama com a panela descansando em sua barriga, comendo brigadeiro, de olhos fechados e com os fones no ouvido, entendo porque não me respondeu.

— Valentina? — chamo, mas ela não responde.

Aproximo-me o suficiente da cama com passos leves.

— Valentina? — sussurro na frente do seu rosto e dessa vez ela abre os olhos espantada, tirando em seguida os fones do ouvido.

— Caramba! Me assustou.

— Desculpe. Eu chamei, mas não ouviu.

— Tudo bem — diz, sem muita simpatia.

— Posso? — Aponto para a cama.

Ela assente, levando o corpo mais para o lado, dando-me espaço. Assim que deito ao seu lado, dividindo o mesmo travesseiro, a fragrância de morango de seus cabelos misturado ao cheiro natural de sua pele me envolve com força. É tão inebriante que por um momento esqueço o que vim fazer aqui, até que retomo o foco.

— Você ficou chateada?

Arrisco perguntar e Valentina nega com a cabeça, mas sei que sim. Me sinto um tolo por ter começado a conversa com essa pergunta.

Depois de um tempo em silêncio ela me entrega a colher com brigadeiro, deixa a panela no móvel ao lado e se vira, ficando de frente para mim com a cabeça apoiada na mão.

— Não fico chateada por falarem sobre a Nina, apenas pensei que não tínhamos segredos um com o outro. Se está ficando com ela, poderia ter me contado.

— O quê?! Não, claro que não!

Surpreso, me remexo na cama ficando na mesma posição que ela.

— De verdade, Gu, não tem problema. Não é porque eu não gosto dela que você...

— Valentina — interrompo-a. — Eu não estou ficando com a Nina — afirmo com veemência.

Ela me afronta de olhos cerrados.

— É sério, não estou.

Volto a afirmar e seu semblante assume um breve suavizar.

— Então, por que ela te mandou um bilhete?

— Não faço ideia. Aliás, vou ver agora o que tem escrito nele.

Tiro o bilhete do bolso e bufo ao ler o que está escrito. Sem demora, entrego-o para Valentina.

— “Você me bloqueou”. — Ela lê em voz alta e me lança agora um olhar questionador.

— Tive que fazer isso, ela não parava de me mandar mensagem querendo puxar papo — explico.

— Reitero, não é porque eu não gosto da Nina que você não possa... Sei lá, ser amigo dela ou...

— Presta atenção, Valentina — falo sem desviar a atenção. — Eu não tenho interesse em ser amigo ou nada dela — enfatizo.

— Então, tá — diz, voltando a encarar o teto. Não estou certo de que ela realmente tenha acreditado.

Inspiro fundo e tenso com essa conversa.

Enquanto reúno as palavras que quero dizer, coloco na boca a colher com o brigadeiro que ela havia me dado. Depois, estico-me por cima do corpo de Valentina devolvendo a colher na panela. Ao voltar não me deito, permaneço com o rosto ante ao dela e falo:

— Nina uma vez te fez chorar, e isso é o suficiente para que eu não queira ser amigo dela.

Valentina abre a boca e sei que é para contrapor o que acabo de dizer. Levo com suavidade meu indicador em seus lábios, impedindo-a de falar.

— É isso e ponto final. *Ok?* — digo, sério, vendo sua face tomar um rubor.

— *Ok.*

Sopra a resposta acompanhada de um sorriso tímido que aos poucos se estende o suficiente, dando-me a certeza de que agora ela entendeu e bem mais que isso, está feliz.

Deito novamente ao seu lado, pego o fone de ouvido dividindo um

para ela e outro para mim. A canção que toca é “*You’re the one that i want*” (Você é quem eu quero), um clássico de um filme antigo chamado *Grease - Nos tempos da Brilhantina*, mas numa versão nada dançante e sim melódica e doce.

“*You’re the one that i want*” (Você é quem eu quero)

I got chills, they're multiplyin'

(Tenho calafrios, e eles estão aumentando)

And I'm losin' control

(E estou perdendo o controle)

'Cause the power you're supplyin'

(Porque a energia que você está liberando)

It's electrifyin'!

(É eletrizante!)

(...)

Oh, oh, ooh, honey

(Oh, oh, ooh, meu bem)

The one that I want (you are the one I want)

(Você é quem eu quero (você é quem eu quero))

Oh, oh, ooh, honey

(Oh, oh, ooh, meu bem)

The one that I want (you are the one I want)

(Você é quem eu quero (você é quem eu quero))

Oh, oh, ooh

(Oh, oh, ooh)

The one I need (the one I need)

(É de quem eu preciso (de quem eu preciso))

Oh, yes, indeed (yes, indeed)

(Oh, sim, sem dúvida (sim, sem dúvida))

Ouvindo a música, busco por uma mecha do seu cabelo esparramado no travesseiro, entre meus dedos sinto a maciez deles, aproximo do nariz, fecho os olhos e inalo o aroma de Valentina, a fragrância que conheço desde que eu era um garotinho e que desde então se tornou a minha favorita no mundo.

E sempre que eu a sinto assim em silêncio, quando estamos em um momento só ela e eu, algo dentro de mim acontece. Meu coração acelera e tal como diz a canção, sinto calafrios diante da sensação eletrizante que ela me causa.

Só que o problema é que o *Gustavo* garotinho não compreendia ao certo o que tudo isso significava. Porém, agora com a idade que alcançamos,

assim como a consciência do que isso se trata, não tenho certeza se devo ou posso sentir o que sinto, mas sinto.

Incontrolavelmente, sinto.



Valentina

— Quer ajuda para fechar o vestido, filha? — mamãe pergunta do lado de fora do provador.

Encaro em frente ao espelho meu corpo seminu com o desânimo estampado no rosto. E o que seja talvez, o quinto vestido que vou provar, aguarda por mim no cabide.

— Só um minuto, mãe — respondo, ganhando mais tempo.

— Tudo bem, querida. Estarei aqui se precisar.

Viro-me de um lado para o outro, observando detalhes em mim que nunca me importei. Minha magreza não era um problema, até então, mas algo mudou e o modo como me vejo agora me chateia — falta seios, falta bumbum, falta coxa, falta tudo e todos os vestidos que provei ficaram horríveis.

— E aí? A Valentina já provou o vermelho? Trouxe um perolado lindo, acho que ela vai gostar! — Ouço Alice dizer para minha mãe, animada.

Deus! Só estou nessa maratona de escolha de um vestido *perfeito* porque ela insistiu. Do contrário, usaria qualquer outro que já tenho. Mas quando comentei isso, Alice teve um ataque dizendo que era minha formatura e que eu tinha que estar deslumbrante usando, lógico, um vestido novo e perfeito.

Cansada de enxergar minha própria apatia, arranco o vestido vermelho

de cetim do cabide e deslizo-o pelo corpo, abrindo em seguida o provador.

— Uau! — as duas exclamam ao mesmo tempo.

Fico de costas e minha mãe fecha o zíper, fazendo com que o vestido se ajuste à cintura.

— Superelegante! — Alice profere com admiração.

— Também achei! E você gostou, filha?

Aliso o tecido, dando uma conferida no espelho. De fato, é elegante. Mas ainda não acho que tenha ficado bom.

— Uma porcaria! — digo, jogando os braços no ar.

As duas arregalam os olhos.

— Nada do que provei ficou bom — emendo, insatisfeita.

— Que exagero, Valentina! Alguns ficaram bons, outros mais ou menos, mas este, está lindo! — Alice diz, segurando-me pela cintura.

— Sua irmã tem razão, este ficou maravilhoso. Realçou sua pele branquinha. — Minha mãe se encarrega de tecer o elogio, certamente, na tentativa de me animar.

Olhamo-nos as três em silêncio através do espelho e faço uma careta aborrecida que denuncia meus pensamentos.

— Prova esse! — Alice sugere, estendendo-me um vestido perolado.

— Nem pensar! Já chega por hoje!

Exacerbada, volto para o provador fechando a cortina com força na cara das duas.

— O que deu nela? — Alice sussurra.

Fecho os olhos por alguns segundos. Ser grosseira com minha irmã e mãe não vai mudar nada.

— Desculpem — murmuro, afastando a cortina. Elas estão imóveis, me olhando com preocupação.

— Alice, vai comprar um docinho para ela, vai — mamãe diz sem tirar os olhos de mim, dando uns tapinhas no braço de Alice como se fosse uma emergência. E talvez só mesmo um doce para me acalmar.

Minha irmã compreende e sem questionar pega a sua bolsa em cima de um sofá e sai girando nos calcanhares. Vou até este mesmo sofá e me sento nele, cruzando os braços em cima do peito e sem perder tempo minha mãe vem para o meu lado.

— O que houve filha? — ela pergunta, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Meu corpo, mãe — respondo, fitando o chão.

— O que tem ele?

— É feio. Não tenho corpo, ainda pareço com aquela menininha de

dez anos de idade.

— Valentina? — chama com a voz suave, erguendo meu queixo, fazendo-me encontrar seu olhar.

— Filha, você é linda, seu corpo é lindo.

— Não é não, mãe.

— Ah, filha! Não diga isso. Cada mulher tem um tipo de corpo, este é o seu; esguio e elegante.

— Magricela, isso sim!

— Valentina! — repreende-me.

— Verdade, mãe! Até meninas com menos idade que a minha, tem bem mais corpo do que eu.

— Não estou entendendo. Você nunca se queixou sobre isso, o que foi que mudou? Algum... garoto te disse algo? — Ela investiga.

Nego, entristecida.

Ninguém disse nada diretamente para mim, mas desde aquele sábado, semanas atrás, quando Matheus comentou das coxas de Nina, comecei a reparar nela e fazer um comparativo comigo. Foi deprimente. Caramba! Nina tem mesmo um corpo bonito, bem desenhado que preenche as roupas com volumes nos lugares certos. E ao reparar nisso, associado em saber que ela tem mandado mensagens para o Gustavo, me incomodou. Poderia apenas me atormentar por ela ser a menina que sempre quis me menosprezar, mas não. O que me perturbou foi pensar se Gustavo a acha bonita, e que a olha com admiração. Que droga! Eu nem deveria me preocupar com isso, mas por alguma razão estranha me preocupa, me atinge e me fere.

— Vocês estão precisando de alguma ajuda? — uma vendedora questiona, tomada de enorme simpatia.

— Ah, sim! Eu vi um vestido azul turquesa na vitrine, você pode nos trazer ele, por favor? — minha mãe pede, usando o mesmo tom simpático que o da vendedora que de pronto se afasta para atender o pedido.

— Sério, mãe, não quero provar mais nenhum, não hoje — digo, cansada.

— Já entendi isso, meu amor. Só disse para ela se ocupar e nos deixar sozinhas. Nem sei se tem mesmo um vestido azul turquesa na vitrine. — Ela pisca com um sorriso que me faz sorrir também.

— Agora me ouça, Valentina — fala, tomando minhas mãos nas dela. — Seu corpo é perfeito como é, não quero que pense diferente só porque alguém possa ter feito algum comentário. E, sobretudo, não faça comparações com outras garotas. Você é única, entendeu, Valentina? Única. Cada mulher é única.

— Mas, mãe...

— E, principalmente, se está se preocupando com isso agora, por causa de algum garoto, saiba que aquele que gostar, verdadeiramente, de você, vai gostar pelo o que você é por dentro. E ainda assim, minha filha, você é toda linda, por dentro e por fora.

— Mesmo? Não está só dizendo isso para me ver melhor? — pergunto, cabisbaixa.

— Alguma vez eu menti para você? — questiona.

— Não, mãe.

Ela sorri com carinho, passando o braço pelos meus ombros, levando-me de maneira acolhedora para seu peito.

— Então, Valentina, acredite que você é linda e não deixe que qualquer outra pessoa a faça pensar diferente — diz as palavras com convicção, enquanto desliza os dedos pelo meu cabelo.

Após pensar por um momento, decido seguir o conselho de minha mãe, afinal, ela sempre tem os melhores.

— Achei o vestido, senhora. Ele não estava mais na vitrine, mas é azul turquesa como pediu. — A vendedora surge em nossa frente com o vestido, com olhar de missão cumprida.

— Que maravilha! Obrigada! — minha mãe agradece de forma educada, pegando o vestido.

— Imagina, senhora! Fiquem à vontade, se precisar é só chamar.

Assim que a vendedora se afasta solto uma risada, deixando de lado o desânimo.

— Vou provar! — anuncio, levantando-me e indo para o provador.

— Oba! — Satisfeita, ela bate palmas.

Assim que me livro do vestido vermelho, passo pelo corpo o sexto vestido que estou provando. O tom azul turquesa é bem claro, ele tem uma suavidade diferente dos outros, no mesmo instante gosto do seu formato, bem justo na cintura e a saia rodada acaba um palmo antes dos joelhos.

Olho com extrema positividade o meu reflexo no espelho, varrendo cada parte; braços, seios, barriga, pernas e coxas. Concluo que são proporcionais ao meu tipo de corpo e que devo me amar e me achar bonita como sou.

— Trouxe trufas de nozes e damasco — Alice avisa, em tom apreensivo.

— Obrigada, já pego! — respondo, jogando uma grande mecha de cabelo para o lado e finalmente um sorriso exultante se formando em minha face.

Abro com vivacidade a cortina no provador.

— Escolhido, será este! — anuncio com as mãos na cintura e dando

uma voltinha.

Alice solta um assovio e minha mãe bate palmas. Em seguida, um abraço triplo se forma em comemoração.

— Agora me dá essa trufa. — Tomo-a das mãos de Alice e mordo o doce soltando um gemidinho e de imediato sinto a calma que ele me proporciona.

Ah... O chocolate, um bom calmante feminino, não?!

— Vamos encontrar com Gaetano. À essa altura do campeonato já gastou todo o dinheiro que dei a ele em fichas naqueles jogos e nem comeu nada — minha mãe fala de um jeito dessosegado, assim que deixamos a loja.

Gaetano é um adolescente que adora jogos, alto, tem os ombros largos como o do nosso pai, assim como os olhos de um tom esverdeado lindo, mas a pele é oliva como da nossa mãe e esse contraste dá ele uma beleza que chama atenção. É carinhoso, e mesmo com a pouca idade é um ótimo conselheiro.

— Ih... olha lá quem está com ele — Alice comenta ao nos aproximarmos do local repleto de luzes e sons das máquinas de jogos de videogame. Gaetano está em uma delas e ao seu lado Gustavo.

Me agrada ver o quanto os dois se dão bem. Gustavo é sempre tão atencioso com Gaetano que, por sua vez, tem nele até mais que um primo, quase um irmão. Possuem uma grande cumplicidade e é perceptivo como um gosta do outro.

Ao perceberem nossa presença eles largam os controles e vêm ao nosso encontro. Mamãe se adianta em conferir com Gaetano se ele está com fome, meu irmão nega contando que fez um lanche com Gustavo e sai puxando-a pelo braço para mostrar um jogo. Alice aproveita e escapa do nosso lado e a vejo indo em direção a uma livraria. Desde que chegamos ao shopping ela estava falando que queria passar para comprar um livro novo.

Gustavo permanece em minha frente, acompanhando meu olhar que transita entre minha mãe empenhada em jogar com Gaetano e Alice que some dentro da livraria.

— Pelo visto, fui deixada para trás — brinco. Ele sorri, aproximando-se um pouco mais e deixando um beijo demorado em meu rosto.

O gesto que sempre foi tão natural desencadeia de súbito uma reação diferente dentro de mim. Aquele sábado parece ter trazido mudanças maiores do que posso imaginar.

— Se quiser, te faço companhia — diz, de forma atenciosa.

— Pode ser, mas queria ir comer e você já foi com o Gaetano.

Ele dá de ombros.

— Não tem problema, vou com você também. O que está afim de

comer?

— Uma besteira bem gostosa e gordurosa! — respondo, com animação, fazendo-o estender os olhos.

— Então, já sei o que quer.

Partimos para a praça de alimentação que está lotada e por isso, espero na mesa guardando um lugar para nós enquanto Gustavo se ocupa em trazer comida. Assim que ele chega com a bandeja com dois lanches e uma batata frita gigante, meus olhos saltam de alegria.

— Não pense que vai comer tudo sozinha, um é para mim. — Ao falar seu tom imprime seriedade, mas observo o canto dos lábios minimamente curvados, mostrando seu ar brincalhão. Ignoro-o e resolvo tomar a sério seu comentário como se ele fosse descabido e eu uma pobre vítima dele.

Levando as mãos ao peito, digo:

— Nossa... imagina! Claro que não pensei isso! Até estou com fome, mas não dou conta de comer tanto.

Ele se senta na cadeira a minha frente, me observa, sério, com a testa enrugada como se eu estivesse acabado de dizer uma grande mentira. Me encolho um pouco no lugar, pois ele tem razão. Desfaço o teatro de vítima. Ele se senta na cadeira a minha frente.

— Dou conta sim! — Solto uma risada confirmando e avanço até a batata-frita, roubando uma delas. Como está quente, obrigo-me a soprá-la para não queimar os lábios.

Gustavo, que me encara por alguns segundos com um semblante incomodado, transfere um rápido olhar para o lado e passa a mão sobre os lábios, por fim, voltando a me encarar, dessa vez com um vinco maior ainda na testa. Não compreendo o porquê, mas me mantenho soprando e dando umas mordidinhas na batata, enquanto ele aparenta inquietação.

Em seguida diz:

— Viu só?! Te conheço, Valentina. Sei que acabaria com esses dois sanduíches sem fazer esforço.

Dito isto, Gustavo pega o copo de refrigerante, tira o canudo fora e bebe vários goles, como se estivesse com muita sede.

— É... mas como já comi duas trufas antes, um será o suficiente — esclareço.

— Ah... só por isso — avalia de um jeito que ainda dá a ele o crédito de me conhecer o suficiente para saber que sou capaz de comer dois sanduíches de uma só vez.

E Gustavo está certo mesmo, e não só pelo fato de saber da minha capacidade de ser uma baita comilona, mas por me conhecer perfeitamente a

ponto de trazer o meu sanduíche preferido sem sequer me perguntar, assim como meu copo de suco de laranja e não qualquer outro. Da mesma forma que eu conheço o suficiente para saber que o sanduíche dele está com molho *barbecue* extra e que se ele não cuidar — e tenho certeza que não vai — acabará sujando a sua camiseta branca na primeira mordida que der, porque eu sou a comilona e ele é o descuidado que sempre se suja ao comer.

— Droga! — murmura, passando o guardanapo na roupa após a primeira mordida.

Não disse?

Começo a rir do seu jeito atrapalhado e inconformado.

— Você sabia que isso ia acontecer, não é? Por isso está rindo! — ele fala, tentando limpar a mancha, mas acaba espalhando-a ainda mais.

— Te conheço, Gustavo — digo, parafraseando-o.

Ele assente, encolhe os ombros e acaba rindo de si próprio.

A cada mordida e outra no lanche, conto sobre a escolha do vestido, e, claro, deixo de fora da conversa minha crise de autoestima. Apenas comento que provei vários até decidir pelo último.

Tempo depois, quando já havíamos devorado nossos lanches e outros assuntos foram trazidos à tona, ultrapassando ao do vestido, ele fala:

— Deve ter sido difícil escolher o vestido.

Surpreendo-me com seu comentário, e o último gole de suco fica parado no meio do canudo, afinal, não sei exatamente o que ele quis dizer.

— Todos devem ter ficado lindos em você. — Gustavo acrescenta, como se compreendesse minha confusão e até preocupação.

Baixo o olhar, sentindo-me tímida, mas com uma ponta de contentamento e bem devagar, sugo o restante do suco, assimilando o que ele acaba de dizer. É confuso e ao mesmo tempo estranho que um elogio de Gustavo me deixe assim: *meio boba*. Então, racionalizo e concluo que deve ser apenas porque estou precisando mesmo elevar minha autoestima e um comentário assim ajuda.

— Preciso de outra camiseta. Vamos até uma loja comigo? — ele pergunta, empurrando a cadeira para trás, desvencilhando-me dos meus próprios pensamentos.

— Vai comprar uma nova só porque essa sujou?

— É o jeito. — Dá de ombros. — Não vou ficar andando por aí assim — diz, apontando para a mancha que sobressai ainda mais na cor branca.

Seguimos com calma pelos corredores do shopping, Gustavo de modo gentil carrega a sacola do vestido, que eu poderia muito bem carregar, já que está leve. Contudo, ele simplesmente tirou-a das minhas mãos assim que saímos da

praça de alimentação. Aliás, gentileza — especialmente comigo — é uma das suas inúmeras qualidades que admiro em sua personalidade. Até hoje se oferece para carregar minha mochila, que por sua vez é pesada pelos vários livros que costumo levar nela, e minhas costas agradecem por tal gesto.

Distraída olhando as vitrines, não percebo quando um homem se aproxima mexendo no celular e acaba esbarrando em mim com força.

— Ei, cara! Cuidado por onde anda! — Gustavo exclama, segurando em meu braço.

— Desculpe! — o homem responde sem hesitação e continua a andar.

— Que idiota! — Gustavo xinga, bravo, seguindo-o com olhar.

— Está tudo bem, não machucou — afirmo, acalmando-o. Apesar disso, ele continua com a atenção no homem que decidiu parar de seguir seu trajeto e olhar para trás. Isso não é bom.

— Gustavo? — sussurro, tocando de maneira afável seu rosto. Ele me olha. — Não foi nada, estou bem — volta a afirmar, seu semblante ameniza.

Respiro aliviada.

Gustavo possui um temperamento que é do tipo que não se intimida em ter que dar uns socos se for preciso, e até mesmo se não for. Ainda criança, muitas foram as vezes que ele se meteu em brigas, e dessas muitas, algumas foram por minha causa, e não precisava de um grande motivo. Um empurrão que eu levasse no recreio era o suficiente para ele ir tirar satisfação. Eu morria de preocupação e, sobretudo, raiva por ser a responsável. Foi então que aprendi a acalmá-lo. Sempre funciona quando chamo seu nome em um tom brando.

Sem requerer transferir culpa ou responsabilidade, mas Gustavo cresceu ouvindo meu pai dizer “*Gustavo, quando eu não estiver por perto, você tem que cuidar e proteger a Valentina.*”. É o que ele faz até hoje.

— Essa loja parece legal! — comento, pegando em sua mão e levando-o para dentro, desfocando sua atenção do ocorrido.

Somos recebidos com simpatia por um dos vendedores. Gustavo é sucinto ao dizer que precisa apenas de uma camiseta, mas o vendedor surge com várias, encaminhando-nos para os provadores.

— Fiquem à vontade — ele diz, deixando-nos sozinhos.

Meu olhar se volta para a porta entreaberta do provador, onde Gustavo está tirando a camiseta suja e pegando outra na mão. O breve momento em que ele a estende em sua frente analisando a estampa, me faz ter tempo para vê-lo com o peito descoberto. Essa não é a primeira vez que o vejo assim, as muitas tardes na piscina, principalmente, do último verão, já me deram essa visão, mas não com tantos músculos como agora, a considerar que ele começou recentemente a praticar artes marciais em uma academia especializada. Dá para

se notar que os exercícios já surtem efeito em seu corpo. E esse efeito causa um sentimento agriçoce que me invade de maneira furtiva.

Não quero olhar, mas quero.

Não posso olhar — não com esses olhos curiosos —, mas olho.

Droga!

Gustavo destina sua atenção para o espelho enquanto enfia os braços em cada uma das mangas da camiseta, mas cessa o movimento que viria em seguida de passá-la pelo pescoço ao notar que estou com o olhar vidrado na extensão de seu peito nu. Sinto-me congelar por ser pega em flagrante observando-o sem reservas. No entanto, não desvio a atenção, tampouco ele, deixando assim, nossos olhares conectados. À medida que os breves segundos se passam, uma chama de nervosismo e calor alcança meu corpo. Cada vez mais crescente essas sensações, a ponto de me deixar confusa. Engasgo, tusso e decido dar um passo atrás, saindo do campo de visão dele.

Logo em seguida ele abre totalmente a porta, com uma camiseta de cor preta, tampando os lindos e hipnotizantes músculos.

— Ficou boa? — pergunta.

— Si-sim! Ótima!

Jesus Cristo, estou gaguejando!

— Mas prova outra — a sugestão escapa dos meus lábios com forte entonação. — Você tem tantas de cor preta — justifico, amenizando minha reação exagerada.

Sem se preocupar em fechar a porta ele tira a camiseta e fica ali na minha frente, paciente, analisando uma camiseta azul escuro, azul claro, branca... Me perco nas cores porque não é nelas que meus olhos estão atraídos e sim para o bíceps bem definidos.

— Seu namorado já escolheu? — do corredor o vendedor pergunta.

Meu namorado?

Mexo o dedo de forma frenética em negação.

— Ah... não... ele não...

— Vou pegar outras para ele ver — apressa-se em falar, sem me deixar explicar. — E também algumas calças jeans, que chegaram ontem.

— Não! Calça não! — Meu tom de voz sai alto e posso até afirmar que desesperado.

Deus me ajude se ele decidir tirar a calça na minha frente!

Olho de canto para o Gustavo, sentindo meu rosto em chamas.

— Estamos com pressa, não é? — Dou um sorrisinho sem graça.

E como abelha atraída pelo néctar doce de uma flor, volto a percorrer seu peito ainda desnudo, deixando a cadência dessa atração levar meus olhos até

o cóis da calça onde o cinto de couro preto a ajusta com precisão, deixando a calça colada no local em que, um atraente “V” se forma. Ao longo de suas pernas — que somado a extensão de seu tronco e cabeça, dão a Gustavo significativos 1,85m de altura — o tecido não fica muito justo, mas o suficiente para perceber que na coxa a musculatura está tão bem definida como a dos braços. Como um *scanner* continuo a examiná-lo, subo o olhar para seus cabelos castanhos, os fios volumosos que estão bagunçados devido à prova das camisetas. Nesse instante Gustavo perpassa o polegar no lábio inferior, fitando-me sério com seus olhos de cor singular, uma mistura de verde com um tom de azul cristalino, que me lembra o mar paradisíaco do Caribe. Deus... como é lindo! E seu tom de pele também me remete esta ilha, pois possui um tom bronzeado luminoso, como se estivesse tomado do sol que banha as águas de beleza tão excepcional.

— Estamos? — indaga, unindo as sobrancelhas que são retas de fios grossos que acompanham em proporção aos olhos amendoados

— Estamos! — respondo, impaciente. — Me deu vontade de comer um doce — incluo a justificativa de forma branda, só para não parecer mais nervosa do que estou.

Gustavo baixa a cabeça e começa a rir.

— Vamos!

Apresso-o.

— Está bem! — responde, rindo um pouco mais. E, graças aos anjos, finalmente veste uma camiseta.



Gustavo

Apresso-me em seguir Valentina que deixou a loja feito um foguete enquanto eu ainda terminava de pagar pelas camisetas que comprei.

— Espera, Valentina! — Corro para alcançá-la.

Ela caminha cada vez mais depressa, como se fugisse de mim.

— Valentina?! — chamo-a preocupado, mas ela ignora.

Alguns passos a mais me deixam perto o suficiente para esticar o braço e lhe alcançar. Agarro com determinação sua mão, dou outro passo apressado e no mesmo segundo ela para, virando-se de súbito, fazendo com que nossos corpos se choquem de maneira repentina.

— Desculpe — sussurro.

Nossos corpos separados a uma distância mínima colocam meu rosto ante ao dela, quase tocando o seu nariz, de onde sinto sair uma respiração descompassada, e o fato de estar tão perto de seus lábios, sendo que o inferior, Valentina crava o dente, torna a minha respiração também descompassada, as íris de seus olhos se movimentam rápido e está expresso neles uma agitação. Na tentativa de acalmá-la deslizo as mãos em cada um dos seus braços, e pelo fato de a camiseta branca de algodão ser de manga curta, deixando-os desprovidos de qualquer tecido, oportuniza com que eu sinta a maciez de sua pele contra meus dedos. Logo percebo que meu intento de abrandá-la dá errado, visto que

Valentina trava a respiração e a agitação em seu olhar está ainda maior.

— Gustavo... — Ela suspira fundo, soltando o ar reprimido em seu peito.

— O que houve? — pergunto, seus olhos se fecham.

Valentina balança devagar a cabeça de um lado para outro, o movimento faz uma mecha do seu cabelo cair na frente da sua face ruborizada, afasto-a, deixando deslizar os dedos em sua bochecha e assim que a arrumo atrás da orelha, seus olhos se abrem. Tento decifrar neles o que significa essa reação aguçada que ela teve, mas é impossível, pois o olhar que eu tanto conheço, está indecifrável, deixando transparecer apenas inquietação.

— O que houve? Por que saiu desse jeito? Eu fiz ou disse algo que te chateou? — questiono novamente, contudo segundos se passam e ela não esboça que vai falar.

Deixo uma vez mais meu polegar tocar a sua face, acaricio a pele aveludada e quente.

— Por favor, Valentina. Me diz o que está acontecendo?

Calmo, sopro o pedido e permaneço atento em suas expressões.

— Não é nada, Gustavo — ela responde, cabisbaixa, dando um passo atrás e logo em seguida tirando minha mão de seu rosto.

Será que isso tem a ver com o que aconteceu na loja? Aquela troca de olhares no espelho foi surreal. Até este ponto nunca tinha acontecido nada nessa intensidade entre nós. E não posso negar o quão bom foi perceber que ela demonstrava estar tão atraída a mim, que não conseguia parar de olhar, muito menos eu. Faço uma avaliação rápida se devo tocar no assunto e decido fazer.

— Valentina...

— Aí estão vocês! — Alice nos interrompe, impedindo-me continuar a falar.

Sem dar atenção para a irmã, Valentina permanece a me lançar um olhar desassossegado e eu faço o mesmo.

— Está tudo bem? — Alice questiona, observando-nos. E como se por fim tomássemos conta que ela está ao nosso lado, afastamo-nos um pouco mais, baixo minha cabeça pressionando com força a mão na nuca, enquanto Valentina dirige sua atenção para a irmã.

— Sim, tudo bem! — responde, dando a ela um sorriso compelido. Alice parece não notar ou decide ignorar esse desconforto que paira no ar, desviando o foco do assunto.

— Comprei um livro para você, Valentina! — diz, tomada de animação, entregando-o para Valentina que corre os olhos rapidamente pela capa do livro e depois para mim.

Sem tecer comentários ela apenas agradece o presente e o enfia às pressas na sacola, mas, antes disso, consigo ler o título e não resguardo nem por um segundo a pergunta que se formula em meu cérebro:

— Para que você precisa de um guia sobre a África do Sul?

Ela e a irmã se entreolham.

— Eu preciso ir — Valentina diz com tom apressado e nos deixa sem me dar uma resposta.

— Ela ficou estranha de repente, não estou entendendo.

Confuso, comento com Alice.

— Não liga não. Valentina não está muito bem hoje — minha prima ameniza.

— Mas por que esse guia? Ela está pensando em viajar para a África? — inquirio. Minha pergunta faz com que Alice una as sobrancelhas em uma expressão séria e comprima os lábios como se estivesse se esforçando para segurar as palavras dentro da boca.

Exijo uma resposta.

— Vamos, Alice, me diga!

Ela arregala os olhos diante do meu tom de voz exigente.

— É... bem, é... para uma pesquisa que Valentina está fazendo — solta a resposta de um jeito receoso.

— Pesquisa?

— Sim, pesquisa. Sabe como ela é... toda estudiosa.

Perscruto a expressão de Alice, avaliando-a.

— *Hum...* sei — concordo, mas não me sinto certo de que a verdade foi dita.

— Ah, olha só! Comprei um livro para você também. Sei que está na dúvida de qual faculdade fazer. Talvez este sobre orientação vocacional possa te ajudar.

Fico grato com o gesto da minha prima, mas o problema é que não é *bem* dúvida o que sinto sobre qual curso quero fazer, e sim, a certeza de que não quero cursar Direito, mas isso está fora de cogitação para o meu pai que é advogado e quer mais que tudo que eu também siga a mesma profissão que a dele.

— Obrigado, Alice. — Pego o livro que ela me estende e deixo um beijo em seu rosto.

— Vim procurar por vocês, estamos indo para casa. Você quer uma carona?

— Valeu, mas estou de carro.

— Você é maluco! Como fica dirigindo por aí sem ter habilitação? —

Alice diz, espantada.

— Em breve farei dezoito anos e terei — acrescento, despreocupado.

— É... mas ainda não tem. — Dou de ombros, fazendo-a me lançar um olhar de reprimenda. — Depois você reclama quando tio Luís pega no seu pé. Você também não facilita.

— Ele não vai nem saber que saí com o carro.

Aproveito para conferir o horário no celular e me atento de que também devo ir embora agora, caso queira chegar em casa antes dos meus pais.

— Gustavo... Gustavo... Toma jeito — Alice adverte.

— Não esquentar, priminha — digo, dando-lhe um sorriso tranquilizador.

Ela assente e antes de se afastar para ir embora me deixa um convite:

— Aparece mais tarde lá em casa, vamos assistir um filme.

— Estarei lá — respondo, acenando para Alice.

No caminho para casa relembro passo a passo tudo o que aconteceu, buscando compreender o que deixou Valentina tão transtornada, e tudo me leva a crer que foi o episódio dentro da loja.

Só pode ser isso.

No primeiro momento em que a porta do provador ficou entreaberta — e não fiz isso de propósito —, captei através do espelho seu olhar perdido em meu abdome, notei seu imediato embaraço quando foi pega de surpresa me olhando. Gostei e aí sim, de propósito, deixei a porta totalmente aberta para que ela tivesse a visão por completo enquanto eu provava as camisetas. Seu olhar misturava sua costumeira doçura, mas havia ali uma linha muito tênue entre doçura e arrisco dizer desejo e talvez por isso, ela tenha ficado tão incomodada.

Sei que não deveria pensar nisso, mas já não é possível reprimir essas reações que crescem e tomam conta de mim a cada dia. Valentina mexe de tal forma comigo que acaba me tirando a razão, e hoje tive a certeza de que faço o mesmo com ela.

Abro o portão da garagem e sorrio brevemente, aliviado por não ver o carro do meu pai, porém, assim que estaciono e desligo o motor do carro, ouço o barulho de outro.

Merda! Não deu tempo o suficiente.

Enquanto recolho no banco do passageiro minha carteira e celular, espio pelo retrovisor a cara dos meus pais, ou melhor, do meu pai, e eu sei que vai ter sermão. Saio do carro tirando os óculos escuros, sorrindo, na tentativa de, talvez, amenizar a situação, mas é claro que isso não vai acontecer. Não com o doutor Luís Dutra.

— Quero você na sala agora! — exige. — Vamos conversar!

Ele passa por mim e segue para dentro de casa.

Solto uma grande lufada de ar, ciente de que vou ter que ouvi-lo proferir todo o seu discurso embasado em leis punitivas diante da minha transgressão.

— Meu filho, por que faz isso? Custa esperar mais um pouco para poder dirigir?

— Mãe — digo, afagando o cabelo dela —, você sabe muito bem que eu não fui capaz de esperar as semanas corretas de gestação para nascer. Não tenho culpa de querer adiantar os prazos estabelecidos.

— É, eu sei! Mas você já está bem grandinho para saber que isso é errado — ela fala, brava, dando um forte beliscão no meu braço.

— Caramba, dona Melissa! — reclamo. — Isso dói.

— Ótimo! Lembre-se da dor quando “*quiser adiantar os prazos estabelecidos*”. — Ela me encara cruzando os braços em frente ao peito, erguendo o queixo.

— Esse seu narizinho arrebitado é lindo, sabia disso, mãe? — pergunto, fazendo os lábios de sorriso fácil se curvarem em um.

— Vem cá. — Ela me puxa para o seu peito, deslizando a ponta dos dedos para cima e para baixo no meu braço que sofreu o beliscão, e em seguida beija o meu rosto.

— Não faça mais isso, está bem?

— Sim, senhora, dona Melissa!

Abraço-a, erguendo seus pés do chão, e a giro no ar. Ela solta uma gargalhada, que alegra meu coração. Com minha mãe é sempre assim. Nos momentos devidos ela me dá bronca, mas também me dá carinho e sorrisos.



A conversa com meu pai foi extenuante. No início fiz o bom moço arrependido do meu ato e me comprometi em não repetir, pois imaginei que dessa forma diminuiria o tempo do *blábláblá* dele. Ledo engano, já que ele aproveitou para tocar no assunto faculdade. Tentei interpelar como sempre faço quando isso vem à tona em nossas conversas, explicando que gostaria de um prazo maior para decidir — prazo este, que sei que a cada dia se torna mais curto, afinal, as inscrições para o vestibular estão batendo na porta —, mas custa ele me dar a chance de, pelo menos, deixar tentar iniciar outro curso? Ou quem sabe esperar para ingressar na faculdade no segundo semestre do próximo ano?

Claro que custa, vez que a decisão da minha carreira profissional já

está tomada por ele. E por causa disso, meu pai faz com que eu o deteste pela sua intransigência em interferir dessa forma na minha vida.

— *Meu pai é advogado, eu sou advogado, e você também será advogado e não se fala mais nisso, Gustavo. Faça de uma vez sua inscrição no vestibular e acho bom você se dedicar aos estudos para passar, do contrário, sua mesada e mordomias estarão cortadas.*

Foram com essas palavras que ele deu por fim nossa conversa, me deixando furioso e sem oportunidade para contrapor.

Subi para o meu quarto decidido a tomar um banho e não deixar que isso atrapalhasse meu estado de espírito, principalmente, porque tem algo que me incomoda mais nesse momento, que é a minha questão com Valentina.

Enquanto descansava por algumas horas antes de me arrumar para sair, decidi que não podia deixar que isso que venho sentido por ela, atrapalhe nossa relação. Posso lidar com tudo, menos com qualquer barreira que se forme entre nós dois, fazendo com que nossa amizade, que sempre foi tão forte, fique abalada.

Dobro a esquina da rua, caminho poucos metros e estou diante da porta da casa de Valentina. Se tem algo bom nas decisões do meu pai, uma delas foi a de se mudar para o mesmo condomínio fechado em que o tio Leo veio morar com a família dele. Isso facilitou o convívio diário com meus primos e diminuiu a monotonia de ser filho único.

Toco a campainha em expectativa que seja Valentina que atenda, mas logo que é aberta Gaetano surge na minha frente.

— E aí, Gustavo, beleza? — ele me cumprimenta. Assinto, cumprimentando-o com um toque de mãos, em seguida ultrapasso a porta, indo para a sala.

— Gustavo, ainda bem que você chegou. — Alice pula do sofá vindo ao meu encontro. — Estávamos te esperando para desempatar a votação de qual filme vamos assistir.

— Alice, não começa, hoje não vai ser um dos seus filmes românticos que vamos assistir, não! — Gaetano fala, cruzando os braços sobre o peito.

— Nada disso, Gaetano. É votação! Mamãe e eu escolhemos uma comédia romântica. Você e o papai escolheram mais um aí desses filmes de super-heróis. Valentina está fora, então quem vai desempatar e decidir o que vamos assistir é o Gustavo.

Nesse instante os dois irmãos se voltam para mim com um sorriso imenso no rosto, e cada um pisca mais que o outro, me fazendo sinal, tentando

persuadir meu voto, mas não é nisso que estou interessado agora.

— Como assim Valentina está fora? Ela saiu? Aonde ela foi? — indago, sentindo uma pontada de decepção e desespero por não vê-la, ou pior, por imaginar que ela saiu sozinha em um sábado à noite.

— Valentina está em casa — tia Malu fala, vindo da cozinha. — Só está com dor de cabeça e disse que quer ficar no quarto até que se sinta melhor.

Ao mesmo tempo em que relaxo por saber que ela está em casa, sinto-me preocupado com sua saúde.

Tia Malu se aproxima abraçando-me e ainda comigo ao redor de seus braços, diz:

— Seu tio foi levar um suco de laranja e um analgésico, vamos torcer para que faça efeito logo e ela venha ficar conosco.

Assinto e como se tia Malu lesse meus pensamentos, acrescenta:

— Não se preocupe, está bem?!

— Está bem, tia — respondo. Ela sorri de maneira carinhosa e me aperta em seus braços uma vez mais, antes de me soltar.

— Então, Gustavo, em qual filme você vai votar? — Alice pergunta, de inquieta.

Passo a mão pelo rosto, pensando em um jeito de escapar dessa decisão, e por sorte sou salvo por tia Malu, que intervém pedindo para Alice que concorde em assistir ao filme escolhido por Gaetano.

— Filmes de super-heróis também são legais, Alice — ela fala, piscando para a filha.

— Legais, é, dona Malu? Em que sentido, posso saber? Porque eu não gostei nem um pouco do seu tom de voz, tampouco dessa piscadinha que você deu. Pensa que eu não vi? — tio Leo inquire, descendo as escadas.

— Vem, filha, me ajude com a pipoca. — Tia Malu puxa Alice pela mão, fugindo das perguntas e o olhar enciumado do marido.

Tio Leonardo termina de descer as escadas e se junta a Gaetano e a mim.

— Começo a repensar a ideia em assistir esse filme com Thor, Homem de Ferro, Capitão América e todos esses outros homens *bombados* aí... — Ele passa a mão pela barba, com uma expressão séria.

— Ah, pai, mas não esquenta, afinal, tem a Scarlett Johansson, que interpreta aquela agente gostosona, lembra?

Meu tio sorri, balançando a cabeça positivamente.

— Eu estou ouvindo isso. Ai de você comentar ou gesticular alguma coisa, Leonardo. — A voz da tia Malu ecoa em alto e bom som vindo da cozinha.

— Claro que não, amor! Imagina! — ele responde alto o suficiente para que ela o ouça.

— Como foi que ela ouviu? — murmuro.

— Maria Luiza? Essa mulher tem todos os cinco sentidos aguçados e um sexto sentido mais aguçado ainda. Nada escapa de sua percepção — meu tio fala com típico conhecimento de causa.

Por alguma razão o final da sua frase “nada escapa de sua percepção” repete-se em minha mente, deixando-me pensativo sobre o que tia Malu é *mesmo* capaz de perceber.

Exceto pelo pote de pipoca que repousa — ainda cheio — ao meu lado no sofá de dois lugares que fica na lateral esquerda da sala, não há mais ninguém sentado nele, afinal, este é o lugar de Valentina. E sem exageros, a cada segundo transfiro, disfarçadamente, meu olhar para a escada, na esperança de que ela irá aparecer e talvez, por isso, os primeiros trinta minutos de filme se arrastam e demoram a passar até que decido por fim me concentrar e acompanhar a história como meus primos e tios estão fazendo.

Passado um bom tempo focado na televisão, eis que de modo instintivo sou levado a olhar para o alto da escada. Constató o quanto fui bobo em ter permanecido tão inquieto na primeira meia hora olhando obstinado na esperança de ver Valentina, pois nossa conexão é tamanha que neste exato momento em que tomei a decisão de olhar, só o fiz porque meu coração alertou e tive a plena certeza de sua presença.

Observo a suavidade que emana de Valentina, o cabelo solto avolumado de um único lado caído para frente dos ombros, seus pés descalços pisam com calma em cada degrau da escada, enquanto ela ergue a ponta do seu vestido longo de cor branca. Fico perdido em sua face de traços finos e delicados, e a cada passo que ela dá, as batidas do meu coração aumentam, mas não são batidas normais. São fortes e retumbam dentro do meu peito.

Quando finaliza a descida o seu olhar se conecta com o meu, seus lábios aos poucos estendem-se em um sorriso sincero e animado, não perco um único movimento até que silenciosamente ela está ao meu lado. Tiro o pote de pipoca, dando-lhe espaço, Valentina lança um sorriso e um beijo no ar para os pais, e logo depois se senta ao meu lado, apoiando o corpo sobre as pernas. Ela toma o pote de pipoca das minhas mãos e coloca algumas na boca, depois o devolve para o sofá, deixando em nosso meio, dividindo-o comigo.

Com uma expressão brincalhona Valentina joga uma pipoca em meu peito, franzo o cenho com um ar bravo e jogo outra nela, que abafa o som de uma risada e relaxa no sofá, empurrando-me com o ombro, dando-me, portanto, o sinal de que tudo está — exatamente — como sempre deve estar: nós dois

juntos, sorrindo e curtindo naturalmente os momentos que dividimos.

Porém, não me contenho quando nossas mãos se tocam dentro do pote e ali escondido nele, submerso nos grãos de pipoca, seguro sua mão tracejando seus dedos e o fato de ela não se esquivar ao carinho preenche meu peito de alegria e uma agonia gostosa.

E o meu pobre coração dá galopes dentro da minha caixa torácica, ecoando forte cada batida...

... tum-tum! tum-tum! tum-tum !



Valentina

Antes de descer para a sala e me juntar a eles para assistir ao filme, tracei em minha mente a missão de agir com naturalidade diante de Gustavo, como sempre fizemos, mesmo sabendo que não está mais tudo “normal” entre nós.

Sento-me ao seu lado e mesmo que meu coração queira se agitar no peito, do mesmo jeito que um friozinho perpassar em meu estômago, reúno forças. Brinco jogando pipoca nele e ordeno a mim mesma, para que todas essas reações parem.

À medida que me concentro em comer pipoca e acompanhar o filme, me sinto orgulhosa pelo autocontrole que consigo ter com meu próprio *eu* e por ver que minha missão está dando certo.

Mas eis que no momento em que estamos atentos em um ponto alto do filme, em que o cientista Bruce se transforma no *Hulk*, levamos ao mesmo tempo a mão ao pote de pipoca, e sem querer nossas mãos se tocam. Minha respiração torna-se suspensa, paro de mastigar o resto de pipoca que ainda tinha na boca antes de ir buscar por mais, e esse estado de súbita paralisação não acontece por conta de toda fúria do monstro verde e toda ação do filme, e sim porque percebo que o toque “sem querer” se demora um pouco mais e que os dedos de Gustavo começam a acariciar os meus.

O que ele está fazendo?

Falta-me o ar a tal ponto, que me obrigo a engolir a pipoca e respirar fundo, mas não tiro a mão e tampouco Gustavo. Por isso elas ficam ali envolvidas por pipocas, vez e outra ele apenas a deixa em cima da minha, outras vezes ele faz movimentos circulares com o polegar, e assim ficamos até que os vingadores executam bem a missão deles; já a minha, fracassa totalmente, pois meu coração desobediente se sente extasiado com o que acontece e um calor ardente castiga os poros do meu corpo.

Os créditos do filme começam a subir e com eles as vozes que tecem comentários surgem, o que faz Gustavo se remexer no sofá e antes de soltar a minha mão ele dá um leve aperto nela em resposta, aperto a dele também como se aquilo fosse um diálogo feito por toques.

Levanto-me de súbito e vou direto para a cozinha em busca de um grande copo de água, e bebo do líquido esperando que ele acalme o que estou sentindo.

Fico aqui encarando o nada e pensando em tudo, buscando compreender o que está havendo comigo e até alguma explicação para tudo isso.

O lampejo de uma conversa que uma vez tive com Clarissa acende-se em minha mente. Nesta conversa ela me revelou o quanto a fase de transição da adolescência para juventude é complicada. Na época ela estava começando a se apaixonar por Pedro. Os dois passaram a conviver ainda crianças, quando ela foi adotada pela vó Beth, e como Pedro é o filho de Priscila, uma amiga da minha mãe, acabaram tendo muito contato e perceber que a amizade se transformava em paixão a deixou muito assustada. Quando ela me contou, não compreendi porque ela estava se sentindo daquela forma, já que Pedro também demonstrava que gostava dela, então tudo ao meu ver parecia simples, era só deixar livre o sentimento que surgiu entre eles e viver o que tinha que ser vivido. Mas Clarissa se viu atordoada com tudo aquilo que passou a sentir e também preocupada, pois, caso o relacionamento não desse certo, a amizade que existia entre eles acabaria sendo prejudicada. Bem, mas não foi o que aconteceu, pois o namoro deu tão certo que estão noivos e formam um lindo casal.

Mas agora que também vivo essa fase de transição e todas essas mudanças que implicam a este momento, entendo com lucidez o que Clarissa sentiu.

Também estou assustada, pois passo a perceber que o mesmo está acontecendo comigo. Os pensamentos que estou tendo em relação a Gustavo e as reações que tenho tido estão me tirando o sossego, e temo que isso atrapalhe a relação de afeto e amizade que construímos e sobretudo o convívio que é permanente e inevitável.

Ele é meu primo, a ligação consanguínea não existe, mas fomos criados e somos como tal, e por isso mesmo não posso permitir me apaixonar por ele... Ou será que já estou? Nunca senti esse reboiço em meu coração e pensamentos, nunca me interessei por um garoto, mesmo quando cientemente fui paquerada por um.

Sempre rejeitei os meninos que se aproximaram, sequer desejei ser beijada por algum, mesmo com minhas colegas dizendo que é inaceitável que com quase dezoito anos eu não tenha dado o meu primeiro beijo. E por que agora, justo com Gustavo, uma incessante vontade e curiosidade me domina?

Isso tem que parar, isso tem que acabar!

Decido, por fim, voltar para a sala novamente, disposta a demonstrar a mim mesma que posso fazer *isso* parar.

— Tudo bem, filha? — minha pergunta assim que retorno para a sala. Gaetano está ao seu lado recebendo um cafuné dela.

— Tudo, mãe. Só fui tomar água, estava com sede — respondo, constatando a ausência de Gustavo e o de meu pai.

Alice vem para perto de mim, entrelaçando o braço no meu.

— Quero falar com você — cochicha, me levando para um canto mais afastado da sala.

Desde que chegamos em casa não conversamos, afinal, fiquei reclusa em meu quarto até então.

— Desculpe pela bola fora que dei no shopping. É tão normal Gustavo saber de tudo, que esqueci que você ainda não tinha contado dos seus planos para ele — ela diz, arqueando as sobrancelhas, e com uma carinha de arrependida.

— Não tem problema, Alice. Eu que já deveria ter contado.

— Ele ficou desconfiado. Disse a ele que lhe dei o tal guia porque você está fazendo uma pesquisa. O que não deixa de ser uma verdade, mas acho que ele não acreditou muito.

— Tudo bem, obrigada. E me desculpe também pela situação embaraçosa em que lhe deixei.

O barulho da porta de correr do escritório sendo aberta me faz virar para trás e vejo meu pai e Gustavo. Então era ali que eles estavam. Qual será o assunto da conversa que teve que ser em particular?

— Valentina — Alice chama minha atenção para ela —, conte o quanto antes para ele. Pois, pior do que saber uma verdade dolorida, é saber que foi enganado. Quanto mais tempo levar para falar, pior será a reação de Gustavo. Pense nisso.

— Eu sei, é só que ainda não tenho certeza se vou, Alice. Vai depender

do resultado do vestibular para eu ser aceita na universidade de Joanesburgo — digo com o tom de voz mais baixo possível, pois noto pela minha visão periférica que Gustavo está nos observando.

— E por acaso você tem dúvida de que vai se sair bem no vestibular?
— minha irmã diz, séria, encarando-me com seus grandes olhos azuis.

— O que as minhas duas meninas estão cochichando aí? — meu pai pergunta, curioso.

— Nada não, pai — Alice responde com um sorriso para ele. — Conte logo, Valentina — ela diz, por fim.

Assinto, ciente de que essa conversa com Gustavo não pode mais ser protelada.

Voltamos para o meio da sala onde todos estão, Alice enreda-se dos braços do meu pai e eu me sento no sofá do lado oposto, de frente para Gustavo, notando que ele me observa com cautela.

— Gustavo vai ficar, já avisei a Melissa. Dessa forma vocês podem assistir mais algum filme ou fazer qualquer outra coisa. Aproveitem, vocês são jovens. Já eu, estou velho e preciso dormir — papai fala com expressão cansada e chega até a bocejar.

— Pai, você não é velho, é um coroa superenxuto e bonitão — Alice diz, esticando-se para alcançar a bochecha e lhe dar um beijo.

— Concordo — falo, deixando o sofá em pulo e indo me juntar a eles para um abraço.

— Obrigado, meus amores. — Carinhosamente nosso pai nos envolve em seus braços e nos beija. — Preciso me manter em boa forma, tenho uma esposa bonita demais. Já pensou se eu me torno um daqueles velhos barrigudos? Nem pensar!

— Eu continuaria te amando ainda assim, doutor Leo — minha mãe fala, em seguida um coro de “uau” se forma na sala diante de sua afirmação.

— Acredito em você, meu amor, mas não estou disposto a pagar para ver — diz, dando sua costumeira piscadinha.

— Seu bobo. — Mamãe sorri com um ar enfeitiçado pelo amor que os envolve com tanta intensidade.

— Um bobo e eterno apaixonado — meu pai emenda a resposta, indo até minha mãe, alcançando-lhe a boca em um beijo e fazendo-a levantar do sofá.

— Se não for para viver um amor desses, nem quero me casar — solto a frase vendo meus pais abraçados deixando a sala com Gaetano junto deles.

— Nem eu. — Alice suspira ao meu lado.

Gustavo sorri, fitando-nos. No fundo dos seus olhos há um brilho que me prende nele e então fico por segundos apenas olhando-o.

Alice pigarreia.

— Bom... e eu vou subir, quero ler um pouco. Boa noite!

Não contesto para que ela fique. Além de saber o quanto Alice gosta de ler, tenho ciência que ao nos deixar sozinhos, faz de propósito para que eu siga seu conselho e conte para Gustavo sobre meus planos em cursar faculdade fora do País, onde terei a chance de além de estudar medicina, também realizar um trabalho voluntário que a faculdade promove em parceria com um hospital pediátrico que cuida de crianças de regiões da África do Sul que, infelizmente, ainda sofrem com a desnutrição infantil e tantas outras mazelas.

— Preciso conversar com você, Valentina — Gustavo fala assim que Alice some de nossa vista.

— Eu também — respondo de pronto. Dando-me conta logo em seguida do quanto o tom de voz de Gustavo é sério e urgente.

Ele transfere o peso de uma perna para outra massageando a nuca, então começa a falar.

— É sobre...

— Espera! — interrompo-o. — Vou até a cozinha, tem sorvete de chocolate — digo com a voz levemente trêmula, sentindo o nervosismo crescer a cada segundo. Gustavo faz menção de me acompanhar e mais nervosa ainda, digo:

— Fique aí onde está, eu já volto!

— Tá... — Assente, um pouco assustado com a minha reação.

Sigo para a cozinha e dessa vez minha busca pelo doce não é porque sinto vontade ou necessidade de satisfazer a fissura que normalmente tenho por coisas doces e sim porque é muito provável que essa conversa me deixará nervosa, ou melhor, já estou, e sei que é no meu bom calmante natural que encontrarei — ainda que temporariamente — paz durante o que quer que Gustavo tenha para me falar e principalmente o que eu tenho que contar a ele.

Volto trazendo o sorvete, duas colheres e a coragem que reuni enquanto respirei fundo na cozinha.

— Falei com seu pai e tomei uma decisão — ele diz assim que sentamos no chão da sala com as pernas esticadas sobre o tapete. Atrás de nós o sofá, onde apoiamos as costas e o que nos separa é o espaço mínimo que a circunferência do pote de sorvete possui.

— Sobre...? — pergunto, entregando-lhe uma colher e indo em busca do sorvete com a minha.

— Não, espera aí! — Gustavo interpõe, levando a mão até meu antebraço.

— O que foi? O que tem de errado com o sorvete?

— Com o sorvete? — inquire, meneando a cabeça.

— É! Você disse para eu esperar e está me impedindo de pegar — explico, fazendo sinal com a cabeça para a mão dele que está em mim.

— Ah, desculpa! Não tem nada de errado com o sorvete, pode pegar. — Gustavo solta meu antebraço, mas eu ainda continuo com a minha ação congelada igual ao sorvete. — Quando disse que precisava conversar, você respondeu dizendo que também precisava, então o que é? O que você tem para me falar, Valentina? — investiga.

A expressão de Gustavo toma uma forma ansiosa, ele não disfarça o olhar inquieto que transita livremente pela minha face, observando-me com cautela.

— Eu? Eu... ah... Gustavo! Você já começou a falar, agora termine! — contraponho-o.

Determinada em saber primeiro o que ele tem a dizer, silencio a boca enfiando o sorvete nela.

— Está bem. — Gustavo inspira fundo. — É sobre a faculdade. Hoje meu pai deu o xeque-mate.

— Tio Luís não cedeu, então — comento, entristecida pela imposição que ele está tendo com Gustavo.

— Não, nem um pouco. Fiquei furioso e até pensei em um jeito de contrariá-lo, mas a conversa com o tio Leo me ajudou. Ele me aconselhou em pelo menos tentar demonstrar ao meu pai minha boa vontade. Se realmente não der certo o curso de Direito, vou ter argumentos para comprovar que essa não é a profissão que quero seguir.

— Entendo e penso que meu pai lhe deu um bom conselho, pois quanto mais você for contra ao desejo de Tio Luís, mais ele vai querer impor a vontade dele.

— Pois é...

— Gustavo, agora me diz uma coisa: você não se interessa mesmo pela advocacia ou faz justamente para contrariar seu pai?

Gustavo digere minha pergunta e ganha tempo se ocupando com o sorvete. Eu, contudo, largo a minha colher, decidida a continuar a falar para chegar no ponto que desejo.

— Estou perguntando isso porque, particularmente, acho que você vai se sair bem nesse curso e vai até gostar, visto que você possui facilidade com redações, em interpretar textos, sua preferência pelas matérias de humanas e não exatas, e sem contar a boa desenvoltura para apresentar trabalhos, argumentar e defender seus interesses. — Sorrio ao tecer tais comentários sobre ele, já que são tão sinceros e percebo que Gustavo concorda com a cabeça enquanto falo.

— É, você tem razão, eu me dou melhor com palavras do que com números.

— Viu?! Então, acho que é mesmo porque você não quer dar o braço a torcer para o seu pai.

— Não é bem isso. E só que não quero acabar ficando como ele.

— Por quê? Seu pai é um ótimo advogado.

— Ele é, mas não quero me tornar tão sério e rigoroso como ele, que tudo gira em leis, que está sempre rodeado de pilhas de processos e prazos a cumprir que o deixam nervoso e especialmente, sem tempo para a família. Mesmo em casa ele fica trancado no escritório estudando os casos dele — expõe.

— Toda profissão exige de nós. Vai depender de como vamos administrar o tempo. Meu pai, por exemplo, é médico, mas consegue conciliar os compromissos com a família.

— Justo, mas seu pai é o *seu* pai. E tio Leo ama e se importa com a família bem mais que tudo nessa vida.

— Exatamente, essa é a questão. É você quem vai determinar suas prioridades, Gustavo. Vai sim, ser um ótimo advogado, mas acima de tudo preservar o que ama.

— O que eu amo... — ele murmura, fitando-me.

— Sim, a mulher com quem vai casar, os filhos que terão, a família que irão formar — completo.

Minhas palavras deixam Gustavo com um ar contemplativo, como se pudesse visualizar sua vida no futuro. Acabo acompanhando-o nesse momento futurístico e o que minha mente cria é algo um tanto absurdo, mas bonito.

— Valentina... — Ele sobrepõe a mão na minha que repousa em meu colo, ressurjo para o presente e para a realidade.

— Calma, ainda não terminei.

Sorrio, impedindo-o de falar no intento de lhe mostrar outro ponto e, sobretudo, desvencilhar a mente do que ela acabara de criar.

— E quanto ao seu pai, não é que ele não ame você e sua mãe, é só que não está sabendo dar valor aos momentos que pode ter com vocês. Diga isso a ele, deixe claro que quer mais o Luís *pai* e menos o *advogado* Luís em casa. Tenho certeza que ele vai entender. Talvez só precise de alguém que o alerte sobre isso.

Acaricio a sua mão enquanto falo e o gesto de carinho que é o mesmo que trocamos enquanto assistíamos o filme — e foi uma explosão de reações em meu corpo. Agora, apesar de me sentir envolvida com ele, sinto-me calma. É tão sutil e agradável.

— Obrigado, Valentina — Gustavo diz, entrelaçando nossos dedos e olhando para nossas mãos unidas. — Obrigado por me entender e me ajudar a enxergar melhor as coisas.

— Não precisa agradecer, Gustavo. Quero sempre te ver feliz e, afinal, somos melhores amigos e é para isso que melhores amigos servem.

— Melhores amigos... — ele repete, curvando milimetricamente o canto da boca, soltando minha mão devagar.

— E primos! Sabe, não é porque você é o único, mas é o meu primo preferido — brinco, mas ele não me acompanha na brincadeira, pois não sorri e muito menos fala alguma coisa.

Inclino a cabeça vendo sua reação. Gustavo aperta os lábios fechando os olhos e passando as mãos pelo rosto.

— O que foi? — pergunto, brandamente.

— Valentina... eu preciso... — Seus lábios ficam entreabertos, mas as palavras não saem.

— Do que você precisa, Gustavo? — persisto.

Ele solta uma longa lufada de ar e balança a cabeça de um lado para o outro antes de dizer:

— De ajuda com os estudos. Vou ter que me dedicar um bocado agora que decidi fazer o vestibular.

Solto também o ar que estava preso enquanto aguardava pela sua resposta.

— Claro! Podemos revisar matérias juntos e, se quiser, também pode se inscrever no cursinho pré-vestibular que estou fazendo. É ótimo.

— Está certo. A partir de segunda-feira, faremos isso.

Ele baixa a cabeça ao dizer e sorri sem vontade.

— Perfeito! — Bato as mãos em breves palminhas silenciosas, mas Gustavo continua com uma expressão fechada. — Anime-se! — Cutuco o braço dele com o meu.

Ao erguer a cabeça, seu olhar fica preso ao meu de tal forma que consigo me espelhar no mar caribenho que são seus olhos.

— Bom, por sorte tenho você. — Ele dá um sorriso tímido. — E o fato de começar a faculdade agora também, faz com que permanecemos estudando juntos, como foi desde o jardim de infância. Cursos diferentes, mas ainda assim, poderemos ir juntos para a faculdade.

Emudeço diante de suas palavras.

— Inseparáveis, lembra? — Gustavo torna a pegar em minha mão e a aperta firme.

— Si-sim... lembro. Inseparáveis. — Sorrio, sentindo o remorso da

omissão.

Estico-me no lugar, pegando o controle da televisão e duas almofadas no sofá.

— Vamos assistir outro filme? Um suspense, o que acha? — sugiro rapidamente, certa de que não quero que ele se lembre de perguntar o que *eu* tinha a dizer.

Uma vez que ele finalmente decidiu fazer o vestibular, não será agora que saberá dos meus planos de estudar fora.

Me arrependerei amargamente por omitir isso, mas até que tenhamos feito as provas e que os resultados saiam — e eu tenha a plena certeza de ser aceita para o intercâmbio universitário na faculdade de Joanesburgo — não contarei e não correrei o risco de interromper os próprios planos recém feitos de Gustavo.

Ainda no chão, agora deitados com a cabeça acomodadas nas almofadas permanecemos assistindo ao filme em um silêncio profundo, até que Gustavo fala:

— Para que você precisa de um guia sobre a África do Sul?

Ciente de que ele pergunta enquanto olha para a televisão e não para mim, fecho meus olhos e não respondo fingindo sono profundo.

— Valentina?

Continuo sem responder.

Percebo que Gustavo se mexe ao meu lado.

— Você dormiu — sussurra.

Na minha falsa inconsciência permaneço enxergando o escuro que minhas pálpebras promovem, mas começo a sentir o toque sutil das pontas dos dedos de Gustavo entre a minha têmpora, orelha e deslizando alguns fios de meu cabelo entre seus dedos. Ouço-o inspirar fundo e tenho certeza que está cheirando meu cabelo. De repente o toque cessa, meu coração dispara e segundos depois seus dedos estão em cima dos meus lábios.

Muito próximo a minha face sinto e ouço sua respiração quente. É quase impossível me manter imóvel com o que isso promove em mim, mas ao mesmo tempo é também paralisante. Um leve estalar dos lábios dele me dão a sensação de que ele me beijou através de seus dedos.

Minha consciência quase esvai e parece que vou desmaiar enquanto na escuridão pontinhos de luz brilham diante da minha experiência de quase beijo.



Valentina

Pisco algumas vezes, a claridade que entra na sala através das cortinas brancas, demonstrando que o dia amanheceu, mas a cor ainda acinzentada dá o sinal de que são apenas as primeiras horas da manhã.

Totalmente desperta, a visão que tenho em minha frente é de Gustavo. A posição dele virado para mim sugere que adormeceu me observando. Sua respiração densa e compassada evidencia seu sono profundo, o rosto tão próximo ao meu reascendem o momento que tivemos. Não fui capaz de ter qualquer ação depois do que ele fez, fiquei como uma estátua e apenas os pensamentos se reviravam com o que tinha acontecido. Ele me beijou.

Em cima de seus dedos, é verdade, mas beijou.

O ato de colocar uma barreira entre nossos lábios e impedir o toque direto, demonstra que ainda que deseje isso, não sabe se deve ou pode fazê-lo. Contudo, quer dizer que assim como eu, sente-se atraído por esse desejo de saborear meus lábios, tanto quanto eu desejo em provar os dele.

Sua boca de lábios acolchoados me faz imaginar o quanto macio deve ser, uma centelha de atrevimento e coragem me alcança, levo meus dedos até seus lábios, toco-os. O toque é mínimo, mas o suficiente para senti-los: macios, quentes e relaxados. Gustavo os mexe com se sentisse cócegas, retraio e trago os dedos até meus lábios, sorrindo de mim mesma, mas faço isso na ideia de pegar

meu próprio beijo, que fora “roubado” na noite anterior.

Gustavo é tão lindo, sempre foi, ainda garoto chamava atenção. Os olhos de uma tonalidade tão singular, era um dos muitos comentários que sempre tive de ouvir de outras meninas e o fato de ser prima dele fazia com que elas se aproximassem querendo saber mais sobre ele.

Tínhamos uns doze anos, e uma delas, que não estudava conosco, pois era um ano mais velha, entregou-me uma cartinha de amor cheia de corações e declaração apaixonada para ele. O entusiasmo dela em me passar aquele papel e conseguir uma chance com meu primo era tanto, que me deixou com raiva e de forma inconsciente, ou até consciente, de que senti ciúmes. Li, rasguei e joguei no lixo, certa de que aquela carta e nem uma outra chegaria até Gustavo. Pelo menos *não* aquelas que, antes, viessem até mim. Por isso que quando vi o bilhete que Nina tinha enviado a ele fiquei tão transtornada.

E agora compreendo que o problema não é Nina, mas sim qualquer garota que tente se aproximar.

Meu Deus!

Como nunca tinha me dado conta disso? Eu tenho ciúmes, sinto-me dona do seu olhar, sinto-me dona de seu sorriso e bajulada por saber que os mais lindos e sinceros ele dá quando está comigo.

Na idade em que estamos o normal seria estarmos dividindo nossas *paixonites* juvenis, ele falando de garotas comigo e eu de garotos com ele. Mas não! Não é isso que fazemos. O que dividimos são nossos momentos e há tanto prazer e cumplicidade neles, que não procuramos outras pessoas.

Sem que nos déssemos conta, o sentimento que nos envolve cresceu conosco e eis que este sentimento encontra seu auge. Tal como um caminhão desgovernado, parece que não tem freio, não tem controle, pois quanto mais tento parar, percebo a impotência de impedir o inevitável. Estamos apaixonados! Esse caminhão vai nos atingir, não há saída, a não ser que... eu saia do caminho antes que o choque nos machuque.

Um barulho na cozinha me deixa atenta, o aroma de café fresco que vem dela é o sinal de que meu pai já levantou, vez que só ele é capaz de acordar cedo no domingo. Pergunto-me se ele nos viu dormindo tão próximos, isso já aconteceu outras vezes, mas o problema é que o véu da inocência caiu, pelo menos para mim, e por isso, fico preocupada e receosa com o que meus pais possam achar.

Levanto-me devagar sem querer acordar Gustavo e antes de ir ao encontro de meu pai na cozinha para averiguar se “está tudo bem”, passo no banheiro. Minha bexiga relaxa quando me sento no vaso sanitário e logo depois meus dentes agradecem por serem escovados. Constato que estou com a cara

amarrotada, do mesmo jeito está meu vestido. Aliso os dois e ajeito o cabelo bagunçado.

Pé por pé entro na cozinha sem ser notada, meu pai está posicionado em frente a bancada da pia segurando sua caneca preferida — aquela em tom de azul claro com a frase “melhor pai do mundo” e o desenho de três corações, que lhe fora dada em um dia dos pais, há alguns anos. Ele a leva aos lábios, bebericando o café quente. Com a outra mão, usa os dedos para pentear o cabelo que ainda precisa de um bom e, verdadeiro pente. O cabelo, um tanto bagunçado, exhibe alguns fios grisalhos, dando ao meu pai um ar mais charmoso do que possuía quando não os tinha.

A cortina aberta por completo em toda extensão de uma comprida janela de vidro, permite a visão para a área externa dos fundos de nossa casa e é para onde meu pai tem sua atenção. Inclino o corpo, possibilitando ver melhor seu rosto por completo. Ao fazer isso, noto sua expressão contemplativa, o olhar concentrado em algum ponto perto, mas que parece levar seus pensamentos para longe.

Permanecendo em meu modo silencioso, dou outro passo posicionando-me atrás dele e também me concentro em olhar o dia que começa a nascer. Os fundos da casa é a localização onde o sol nasce e segundo a segundo ele começa a brilhar com intensidade, produzindo feixes de luz reluzentes. Rajadas de vento o acompanham, balançando os galhos de uma palmeira que fora plantada pelos meus pais assim que viemos morar nesta casa. Minha mãe adora palmeiras, e o balançar de uma foi a primeira coisa que viu quando despertou do coma após o acidente que mudou para sempre a vida dela e de meu pai, e por isso há tanto significado em termos uma em nosso jardim. Posso ouvir mais que o barulho das folhas das palmeiras se encontrando. Ouço ainda o som das correntes do balanço que se projeta sozinho com a força do vento. Isso me traz uma nostalgia. O balanço que também foi colocado ali no mesmo período em que a palmeira, está com pintura desbotada e a madeira gasta, o que nos diz que o tempo passou. Só que, sua permanência — mesmo que já não o utilizemos — nos faz lembrar das gargalhadas soltas no ar à medida que nos balançávamos nele ou então corríamos pelo gramado. Uma piscina de tamanho médio divide espaço com essa área que sempre foi palco de momentos agradáveis em família.

— Saudade das crianças que brincavam aí? — pergunto, surpreendendo-o.

— Muita saudade... — responde em um longo suspiro, ainda deixando o seu olhar no quintal e certamente relembando o passado.

— Mas elas continuam bem aqui. — Cerco-lhe com meus braços e afundo o rosto em seu peito.

— Não por muito tempo. — Seus lábios se curvam para baixo, dando-lhe uma expressão triste.

— Ah, pai... — Agarro-lhe com toda a força que tenho, ele faz o mesmo juntando-me em seu peito sem deixar nenhum espaço.

— Sabe, vocês cresceram tão rápido e mesmo que eu tenha feito o possível para aproveitar cada momento da infância dos meus filhos. Sinto que ainda queria ter tido mais tempo.

— Pai, todo nosso tempo foi bem aproveitado e ainda é — comento.

Ele sorri e beija o topo da minha cabeça.

— Enquanto vocês são crianças a sensação que nós pais temos, é que essa fase nunca vai passar e ela é tão gostosa, pois enquanto vocês ainda cabem em nosso colo é como se fôssemos o mundo inteiro para vocês. Mas aí a gente pisca e de repente nossas crianças tornam-se adultos, indo, de fato, viver no mundo.

— Está falando isso por causa da minha decisão? — pergunto, erguendo o olhar para ele.

— A insegurança é tanta, Valentina. Você é uma menina valente, e eu sei disso, mas o medo de não estar perto para segurar sua mão se caso precisar é assustador. E ao mesmo tempo é tão bonito te ver alçando voos, tomando decisões, seguindo os próprios passos e, sobretudo, seguindo esse coração bondoso. Me sinto orgulhoso por você, sabe disso.

Suas palavras tão sinceras me emocionam.

— Obrigada, pai. Sem o seu apoio e da mamãe, nada disso seria possível.

— Nós não poderíamos agir diferente, filha. Estaremos sempre aqui para te apoiar.

Não há nada mais motivador do que receber o apoio e compreensão das pessoas mais importantes em minha vida. Assim que cogitei a ideia, eles não se demonstraram contra. Um tanto receosos, claro, mas deixaram nítido que se fosse meu desejo, estariam dispostos a me ajudar. Aquilo que era uma possibilidade, nas últimas semanas tornou-se concreto. Comuniquei-os da minha decisão e desde então o que fazem é agilizar o que preciso para deixar o país e ir estudar na África do Sul, enquanto me ocupo em dedicar minha atenção aos estudos e passar no vestibular.

— Pai, sou grata por tudo que vocês fazem por mim — digo, mirando as expressões carinhosas dele.

— Nós é que somos. O que você nos trouxe foi o melhor que a vida poderia nos dar. Em particular, você me transformou, Valentina. Me transformou como profissional quando cuidei de você e me transformou como homem,

quando despertou em mim o instinto paterno. Você e sua mãe me fizeram desejar ter uma família e conhecer esse amor sublime de pai e filho e foi tão bom que quis multiplicá-lo e então veio Alice e Gaetano para me completar.

Tudo que diz é tão terno que meu coração transborda sentindo seu afeto. Sempre fui tão amada por ele e minha mãe.

— Eu te amo tanto, pai. Te admiro. E se a vida me desse a chance de escolher, escolheria você e minha mãe mil vezes para serem meus pais — digo, vislumbrando o rosto dele, orgulhoso e emocionado.

— Ah, minha filha! — Ele me abraça novamente, na sua camiseta de algodão cinza encosto na minha bochecha e ouço a batida de seu coração. Quando era criança, sempre que ele me levava para seu peito, a batida do seu coração me acalmava. — Eu também te amo tanto, e apesar de saber que um dia esse momento de separação chegaria, ainda assim não me preparei para ele.

— Como assim, você sabia que esse dia ia chegar? Como poderia prever que tomaria essa decisão, pai? — investigo, afastando-me do seu peito.

— Sua mãe e eu sempre nos preocupamos em transmitir a você e seus irmãos a importância dos valores, que julgamos ser primordial para o desenvolvimento do caráter de vocês...

— Lembro-me disso, pai — interrompo-o. — Havia até uma listinha. — Sorrio, lembrando dela que por muito tempo ficou grudada na geladeira. Repito-a com ênfase: — “Respeitar as diferenças, não fazer distinções, falar sempre a verdade e ser solidário”.

Meu pai assente e dá um sorriso orgulho por ver que ainda me lembro. Entretanto, ao falar dessa lista percebo que estou falhando com um dos itens, um sentimento de frustração comigo mesma, atinge-me em cheio. Além de não contar a verdade para Gustavo, estou deixando de cumprir com os ensinamentos que recebi.

— Pois é, filha. Você sempre levou a sério essa lista. Principalmente no que diz respeito a ser solidário. Eram nos pequenos gestos e principalmente nos de iniciativa própria que víamos que desde muito novinha, você deu sinais natos de se importar com o bem-estar alheio, bem mais que o seu. Com apenas cinco anos, decidiu que queria sua festa de aniversário no orfanato e abriu mão de todos os presentes que poderia receber, para que eles fossem doativos para o orfanato.

— Eles precisavam bem mais que eu — digo, erguendo os ombros. — Nossa casa era repleta de brinquedos e isso porque a cada ano separávamos alguns para doação — concluo, recordando de como o ato de me desfazer dos objetos nunca foi um problema, ao contrário, sentia-me feliz.

Meu pai acaricia o meu cabelo, passa a mão em meu rosto, levo a

minha mão na dele e seguro-a por um tempo, pois é tão reconfortante seu toque de carinho. E sei o quanto sentirei falta.

— Exato — ele diz. — É disso que estou falando. Você própria tinha iniciativas, não precisava que eu ou sua mãe dissesse. E quanto mais você crescia, mais tornava-se uma menina disposta a ajudar quem precisa.

— Eu me sinto bem em poder ajudar, pai. Na verdade, gosto muito. E também, sinto como se essa seja a forma que tenho de agradecer todo o bem que recebi. Mas, pai, ainda assim, por que tinha a certeza de que essa minha vontade em ajudar as pessoas, me levaria para longe?

Ele solta um sorriso e afasta-se, pegando mais café para ele e trazendo uma xícara para mim. Junto meu corpo à bancada da cozinha e impulsiono-me, sentando nela, em seguida bebo do líquido enquanto ele começa a falar:

— Lembra-se quando Henrique esteve aqui em casa pela primeira vez? Você tinha acabado de fazer treze anos — pergunta-me.

Confirmo com a cabeça.

E como poderia esquecer?! Foi um encontro cheio de emoção, o homem de mais de setenta anos ao reencontrar os netos chorou como uma criança.

Meus pais sempre prezaram por nos contar a verdade. Nessa idade possuía conhecimento de muitos fatos que envolveram a nossa família no passado, e um deles era sobre meu avô paterno. Mas ainda que sabendo o que ele havia feito, meus irmãos e eu fomos instruídos a não criar sentimentos de negação referente a ele, pois vô Henrique vivia um outro momento em sua vida, onde já tinha prestado conta por seus erros e principalmente se arrependido deles. Na época, toda a família precisava de um tempo para as feridas se fecharem e meu avô foi embora para África do Sul, com o objetivo de trabalhar no programa médicos sem fronteiras.

— Foi estranho revê-lo depois de tantos anos. Ele estava quase irreconhecível — meu pai comenta, respirando fundo, como se trouxesse aquele momento para o presente. — Sua aparência era outra, mais velho, afinal, os anos tinham passado, mas até sua postura altiva tinha deixado de existir. A forma de falar e agir demonstravam que Henrique tinha passado por uma grande transformação de vida e personalidade.

— Foi uma pena que no ano seguinte ele tenha morrido. Vocês poderiam ter tido novas chances, pai — lamento.

— Nós tivemos, filha. O perdão mútuo foi a chance que precisávamos. E mais que isso, o que Henrique precisava era de uma nova chance para si próprio. Foi realizando um trabalho humanitário que ele se encontrou — papai diz, transparecendo em sua voz a emoção que o assunto lhe causa.

— Foi um ato muito bonito e corajoso o dele. Fiquei impressionada quando ele nos contou e mostrou as fotos do seu trabalho na África — falo. E me sinto como aquela menina sentada no sofá vendo inúmeras fotografias retratando uma realidade de vidas tão diferentes da minha. Aquilo me tocou na alma e nunca mais abandonou meus pensamentos.

— Eu sei que você ficou impressionada, filha — papai diz, segurando minha mão. — Foi nessa visita que Henrique nos fez e contou de seu envolvimento no programa médicos sem fronteiras, que me deu o vislumbre de suas decisões futuras. Vi seus olhos brilharem de admiração pelo trabalho que ele estava desempenhando. Ser médico em lugares tão precários, seja em nosso país ou em outro, é, sem dúvida, um belo ato de abnegação. E vi esses mesmos olhos se compadecerem com a imagem daquelas frágeis crianças castigadas pela desnutrição. Ali, filha, quando você tinha treze anos de idade, tive duas certezas: você iria ser médica e iria entregar esse dom de amor ao próximo num lugar onde poucos querem trabalhar. Naquele dia, disse a mim mesmo que não haveria o que ser feito para te impedir, pois nada pode parar o coração de um voluntário, e Valentina, você nasceu com um. — Ele me abraça forte ao dizer e todas suas palavras formam uma grande emoção dentro do meu peito.

— Viver ao lado de vocês é maravilhoso, amo cada dia da minha vida que passo com minha família, mas no fundo sinto como se algo me chamasse para aquele lugar, pai — digo, ainda envolvida em seu abraço.

— Eu te entendo, filha. E só posso sentir orgulho de você, seja por essa nobre atitude ou por ser sempre essa filha exemplar — elogia, dando-me um demorado beijo no rosto.

Sinto-me lisonjeada por despertar no homem que me ensinou tantos valores o sentimento de orgulho e então, eis que o peso na consciência me faz querer contar que estou escondendo de Gustavo minha ida para a África e óbvio que se pretendo manter isso em sigilo, vou precisar da ajuda da minha família para que essa informação não venha à tona antes do momento certo.



Gustavo

A visão de um anjo. É assim que Valentina se parece.

Adormeci diante de seu rosto cálido, sereno, e apesar do coração ecoando toda euforia de quase beijá-la, pude ao som baixo de sua respiração, entrar em seu ritmo e fazer dele minha cantiga de ninar, dando a minha mente turbulenta, o período necessário de descanso. Mas agora, vê-la movimentando-se pela cozinha de forma tão graciosa com esse vestido branco, preparando o café da manhã enquanto dos seus lábios de querubim uma canção é cantarolada, ativa em meu cérebro a adrenalina que começa a correr em minha corrente sanguínea, fazendo toda a turbulência voltar. Inspiro tão fundo, sentindo o rosto recém lavado, antes de vir para a cozinha, perder o frescor que a água promoveu e receber o calor das chamas de energia, alegria e excitação que são injetadas em cada parte do meu corpo.

Encostado na porta, pigarreio, fazendo-a notar minha presença. A faca que corta o pão deixa de cortá-lo. Os ombros de Valentina sobem, mantendo-se suspensos por segundos, e descem devagar como se tomasse fôlego.

— Ei, bom dia! — ela diz, virando-se com um sorriso estendido pela face que é capaz de me fazer correr para abraçá-la diante de tanta empolgação que transparece nele.

Sou completamente entregue ao que ela me promove, sou o reflexo de

suas ações. E se ela está feliz, eu também estou.

— Bom dia! — respondo, dando a ela nada menos que um sorriso que possa lhe demonstrar a mesma empolgação.

— Dormiu bem? Quer dizer, dentro do possível? Afinal o chão não é o melhor...

— Como há muito tempo não dormia — afirmo, interrompendo-a.

De início sua expressão é de surpresa, depois franze o cenho e inclina a cabeça como se duvidasse da minha resposta.

— Como isso é possível? Dormiu no chão! Essa frase soaria mais sincera se tivesse dormido num belo e confortável colchão — argumenta.

Aproximo-me alguns passos dela.

Fito seus olhos semicerrados, buscando em mim a verdade. Mas é tudo que tenho a dar a ela. Talvez, não todas com a clareza que gostaria, mas da forma que posso dar (agora).

— Sabe, Valentina, não é o lugar. E sim, a companhia. — O rubor que toma sua face é instantâneo e ela engole com força, como se empurrasse o efeito que minhas palavras lhe causam.

— Vou pegar uma xícara para você — desconversa, dando-me as costas.

Ela se desloca com pressa até o armário que fica na outra ponta da extensa bancada de mármore, estica-se nas pontas dos pés e alcança a xícara na prateleira mais alta dele. Já eu, assumo o lugar que antes ela ocupava, assim como a tarefa que Valentina fazia antes da minha chegada à cozinha.

Pego o pão abandonado no prato e termino de cortá-lo ao meio, notando à frente dele a manteiga que aguarda ser utilizada. Começo a deslizar a faca por ela, mas paro ao perceber pela minha visão periférica que Valentina segura em uma das mãos a xícara e na outra a garrafa de café, sendo que ela está com seu olhar em mim e não no líquido que escorre mais do que deveria para dentro da xícara.

— Vai transbordar — alerto-a, enquanto levo a faca com manteiga ao pão, sem dirigir por completo meu olhar a ela.

— Merda! — ela resmunga e para de encher a xícara.

Continuo a observá-la pelo canto dos olhos. Valentina parece embasbacada ao colocar a xícara. Na bancada o líquido dança dentro dela, esparramando para fora.

— *Aai!* — Seu grito de dor me faz abandonar de imediato o pão e vou até ela.

Valentina ainda segura a garrafa de café em uma mão, enquanto na outra, que segura a xícara, vejo o café quente em seus dedos.

— Eu te ajudo! — Tiro a garrafa de sua mão e assim que a deixo na bancada, tomo a outra, banhada no café, nas minhas. — Venha, vamos lavar.

Trago-a para a pia e debaixo da água corrente continuo a segurar sua mão, os dedos indicador e polegar estão avermelhados. Ela faz uma careta de dor.

— Queimou — falo, preocupado, tracejando de leve com a ponta de meus dedos nos dela.

— Não foi nada — sussurra.

Nossos olhares parecem hipnotizados no mesmo ponto: a água que escorre pelos nossos dedos.

Continuo a tocá-los com delicadeza para não machucar a pele já castigada pelo calor que recebeu do café.

E em mim, aquele calor que me assumiu momentos antes pelo simples fato de vê-la, se multiplica por ter Valentina tão perto ao meu corpo, por ter nossas mãos se encontrando novamente como no pote de pipoca. Meu coração dispara lembrando que meus dedos tiveram em seus lábios e que através deles a beijei, sentindo o adocicado hálito com aroma de sorvete de chocolate.

Na noite anterior, foi por pouco que não lhe disse tudo que estou sentindo. Minha disposição em contar sobre meus sentimentos foi impedida quando ela frisou que somos melhores amigos e relembrou o evidente, somos primos. Valentina pode até ter ficado mexida como demonstrou com aquela reação no shopping, mas isso não significa que ela queira o mesmo que eu.

Decidi não contar a verdade, certo de que qualquer ato impulsivo possa afastá-la de mim, e isso é tudo que não quero. Ainda assim, é contraditório, pois ao tê-la tão perto e não poder revelar a verdade desse sentimento que já ultrapassou os limites e transborda de mim tal como o café da xícara, me faz queimar.

Queimo em agonia.

Queimo em receio... em desejo.

Queimo com a vontade de gritar para que Valentina saiba que eu sou apaixonado por ela. Sempre fui. Só não sabia que o disparar do meu coração sempre que a via, sempre que sentia o seu perfume mesmo de longe ou quando beijava sua face, e deixava escorregar o nariz quase até a curva de seu pescoço, e ainda, aproveitava para abraçá-la, e nesse abraço tinha a sensação de ter o mundo em meus braços, afinal, ela sempre foi meu mundo, significava paixão.

É cristalino como água. Valentina e eu fomos unidos pelo amor, e mais do que nunca, tenho a certeza de que nasci para amá-la.

Amá-la além de ser a filha adotiva do meu tio, a menina que cresci protegendo. E fiz não só por ele, mas fiz por minha própria necessidade, porque

Valentina além de ser dele é minha também. Deram-me a sem que eu pedisse, mas tê-la em minha vida foi o melhor e mais valioso presente, e por isso vou cuidar para sempre.

— As margaridas floresceram, estão lindas! Sua mãe vai adorar!

Tio Leonardo surge na cozinha pela porta dos fundos, segurando uma flor. Ele sorri dando-me bom-dia, respondendo-lhe um pouco atrapalhado diante de sua chegada inesperada e o fato também de eu estar perto de Valentina. Mas onde há problema nisso, se sempre estamos assim? Só na minha cabeça que sabe que meu desejo de estar perto dela mudou da afabilidade que sempre mantivemos, para algo diferente que acaba censurando um ato tão simples.

Fecho a torneira e me afasto, pego um pano que encontro na mesa, tiro o excesso da água das minhas mãos e estendo-o para ela.

— Tome, enxugue com cuidado — oriento, reprimindo o impulso de eu mesmo secar.

— Obrigada.

Ela pega o pano e começa a enxugar as mãos. Sua demonstração de dor quando o tecido encontra sua pele faz tio Leo se aproximar.

— O que houve? — ele investiga, preocupado.

— Derramei café na mão — Valentina explica, torcendo o canto dos lábios.

— Deixa eu ver.

Ela estende a mão para o pai, tio Leo a segura virando de um lado para o outro. Os dedos mais castigados pelo líquido quente diferem-se facilmente dos demais pela vermelhidão.

— Nossa, queimou bastante! Vou pegar uma pomada para passar.

— Não precisa, pai. Não foi nada.

Valentina nega, puxando a mão.

— Claro que precisa. Vai amenizar a dor e evitar a formação de bolha — tio Leo contrapõe.

— Não se preocupe... Nem queimou tanto assim — ela insiste em negar, fazendo o pai menear a cabeça e a encarar sério. — Tudo bem — murmura, aceitando os cuidados.

Segurando a mão próximo ao meu peito, Valentina se senta na cadeira que fica na cabeceira da mesa.

Tio Leo e eu observamos o ar de chateação dela.

— Nesse sentido, ela é teimosa igual a mãe — ele diz, dirigindo-se a mim.

Sorrio, concordando.

Ele tem razão. Valentina é maleável em muitos aspectos, mas nunca é

de admitir “fraqueza” quando se machuca.

A sós, lamento-me por ver a carinha chateada e até inquieta de Valentina, tão diferente daquela com um sorriso estonteante ao me dizer “*bom dia*”.

Quero ver o sorriso novamente em seus lábios e decido brincar, provocando-a.

Tomara que dê certo.

— Valentina? — chamo-a.

Ela me olha.

— Já te disseram que você ronca pra caramba?! — falo sério, cruzando os braços sobre o peito, vendo sua expressão se tornar estática.

— Eu ronco?!

A pergunta parece ser feita a si mesmo.

Continuo.

— Acho que você precisa fazer algum tratamento, algo assim, porque... sério, é muito alto o seu ronco. Parece uma Brasília velha subindo uma ladeira — emendo, fazendo-a arregalar os olhos em pavor.

Abafo o riso que quer escapar, mas acho que ela nota.

— Mentiroso! Eu não ronco! — exclama. Segundos depois, pensativa, diz: — Ou será que ronco? Meu Deus...

Receosa, Valentina baixa a cabeça mordendo o lábio inferior, e as bochechas branquinhas assumem um tom rosado, denunciando sua vergonha. Ela fica tão linda assim.

Afasto uma cadeira e me sento, inclinando-me em sua direção.

— É mentira — revelo, pegando em seu queixo, fazendo-a olhar para mim. — Você dorme como um anjo, Valentina — sussurro.

Sua expressão se suaviza.

— E vai saber se anjos não roncam? — Um sorriso tímido passeia por seus lábios e meus dedos que estão ali próximo, no queixo, arriscam-se em desenhar o contorno deles.

— Não você — afirmo.

Sorrio e o intento de vê-la sorrindo se faz por completo de uma forma majestosa, pois cada músculo de sua face se expande, e fitando o castanho luminoso de sua íris, assimilo sua alegria que vem da alma.

Obrigo-me a cessar o toque, assim como trazer o tronco para trás. Encosto-me na cadeira antes que a verdade que grita dentro de mim — de querer beijá-la — seja maior que minha prudência.

É mentira que Valentina ronca, mas mesmo que fosse verdade, não me importaria de dormir em sua companhia todas as noites. Poderia dizer isso a ela,

mas prefiro guardar essa verdade diante da nossa realidade, e afinal, tio Leonardo acaba de entrar na cozinha.

Levanto-me deixando que ele ocupe o lugar próximo a Valentina. Antes ainda, de se sentar ele leva alguns segundos lavando as mãos.

— É disso que falo — tio Leo comenta, começando a passar com a ponta do indicador a pomada na pele queimada.

Encostado na bancada de frente para eles, vejo Valentina enrugar a testa, questionando-o, e eu também fico pensando ao que ele está se referindo.

— Não estar perto quando você precisar — ele completa.

— Pai...

O tom da filha para o pai é de repreensão. Os dois se entreolham.

— Desculpe.

Valentina me olha de soslaio, parecendo conferir se estou prestando atenção. E estou, sem entender nada.

— Você acha que ainda tenho cinco anos de idade — reclama, revirando os olhos. Tio Leonardo ri. — Tenho plena capacidade de passar uma pomada no dedo e me cuidar, pai.

— Eu sei disso. — Ele dá de ombros. — Mas só eu tenho a capacidade de dar beijinhos que curam.

Brinca, salpicando beijos na mão de Valentina e depois em seu rosto.

— Isso é verdade. Obrigada, pai!

É a vez da filha beijar o rosto do pai. Em seguida ele se levanta, pegando na mesa a flor que havia deixado ali.

— Agora, vou acordar a *Malu dorminhoca* — avisa sorrindo.

Contudo, antes de deixar a cozinha, tio Leo vem até mim, aperta meu ombro e cochicha:

— Cuide dela, sim?

Asquieço, certo de que essa sempre foi minha missão.

E cuido, com o remorso por ter atrapalhado o café da manhã de Valentina e ainda lhe causar indiretamente uma queimadura. Decido me redimir.

Alcanço na fruteira algumas laranjas, corto-as e no utensílio que sempre fica de fácil acesso nessa extensa bancada da cozinha, espremo-a até obter uma boa quantidade, quando termino, caço na geladeira algo que eu sei que ela goste, avistando o vidro da geleia de morango, exatamente o que preciso. No pão só com manteiga, passo em uma das metades geleia também. Com isso feito, disponho tudo na mesa diante dela.

Valentina parece um tanto surpresa.

— É justo. Atrapalhei seu café — digo, encolhendo os ombros.

— Você nunca me atrapalha, Gustavo.

A forma, ao mesmo tempo tão amável e firme com que fala, faz fagulhas de contentamento explodirem em meu peito.

Sento-me, levando comigo um copo de suco. Enquanto bebo o meu e ela o dela, meu olhar está no vidro que recebe o toque de seus lábios. Queria *eu*, ser *ele*, só para provar da doçura dos lábios de Valentina.



Valentina

De todas as estações do ano, a primavera é a minha preferida, e não só pelo fato das flores que desabrocham nessa época dando um colorido diferente aos dias, ou pelo clima tão agradável. Há um significado especial e particular nela.

Na primavera eu nasci, foi nela também que a mulher mais importante da minha vida — minha mãe — renasceu após ocidente que sofreu e foi nessa mesma estação que fui acolhida tal como uma delicada flor nos braços do meu pai e dela. Esse período que marca o renascimento do ecossistema, marcou igualmente o renascimento da minha própria vida. E eis que, também na primavera, identifiquei o desabrochar dos meus sentimentos por Gustavo, que por sinal, tem passado a maior parte do tempo comigo. Bem mais do que já costumávamos passar.

As últimas semanas foram marcadas por dias intensos de muito estudo, e isso pode soar cansativo, mas por incrível que pareça, não foi. Teve dias em que estudamos na minha casa, outras na de Gustavo. Mesmo diante de tantos livros, matéria a ser estudada e pressão de saber que teremos uma prova decisiva muito em breve, nada disso tirou o prazer de estarmos lado a lado. Tudo foi maravilhoso. Gustavo se demonstrou disposto e animado em cada dia, a forma como sempre me olhava, por vezes me deixava desconcertada e ainda assim eu

gostava. O quase beijo nunca fora mencionado por ele, apesar disso, tenho a impressão de que ambos vivemos com algo subentendido, abstrato e ainda assim, real e palpável entre nós.

Pela porta-janela do meu quarto, os raios poentes de sol, em um dos últimos dias de primavera se despedem de uma maneira gloriosa. Enquanto aplico uma fina camada de máscara para cílios, os reflexos desses raios batem no espelho da penteadeira como se a estação me chamasse para começar a lhe dar adeus antes, de fato, ser o seu fim. Por isso, ainda que não tenha terminado com a maquiagem, abandono a missão pela metade, ajusto o roupão branco ao corpo e avanço para a sacada.

O final de tarde está lindo, o céu em tons de alaranjados é a visão mais linda e perfeita de que tudo na vida é um ciclo. E assim como as estações do ano, nós seres humanos somos feitos deles. Sinto-me despedir de um. O verão que se aproxima me trará os períodos decisivos: o vestibular, a formatura e no início do ano seguinte, a minha partida para a África do Sul. Isso me faz pensar em Gustavo, e na verdade que ainda não lhe contei. O peso da omissão machuca meu coração, mas permanecerei com ela até que chegue a hora certa de contar.

Aperto contra o peito o novo adorno em meu pescoço, lembrando que nesta mesma sacada na noite do meu aniversário, comemorado recentemente, fui surpreendida por ele. Nossa família estava reunida na sala depois do jantar, subi até o quarto para fazer qualquer coisa, mas a noite estava tão linda que me deixei demorar um pouco mais debruçada sobre o parapeito enquanto contemplava a luz da lua nova e as estrelas no imenso tapete negro do céu. Vi surgir diante de meus olhos, suspenso no ar, sendo segurado pela mão de Gustavo, um cordão de ouro com o pingente em formato de um morango cravejado com minúsculas pedrinhas de brilhantes reluzentes da mesma maneira que as estrelas no céu.

— *Feliz aniversário, Valentina!* — Ele soprou as palavras próximo ao meu ouvido.

Senti um arrepio me percorrer da nuca até o dedinho do pé, e quando sua mão resvalou no meu pescoço, afastando o cabelo para colocar o cordão, o calor de seus dedos preencheram cada parte do meu corpo. Virei-me para ele, Gustavo estava vestido com uma camisa social azul que combinava com a cor de seus olhos, que a luz da noite tornavam-se em um tom de azul escuro, e a mesma luminosidade do céu estava estampada em suas expressões. Ele estava lindo mais do que nunca. Lindo e feliz.

Agradecida pelo presente e por tê-lo em minha vida, afundei o rosto em seu peito, abraçando-o com todo vigor que podia. Gustavo correspondeu me segurando firme contra ele e depois de permanecer um tempo ouvindo o seu

coração disparado, feito o meu, atraída pelo seu perfume, deslizei meu nariz pelo tecido da camisa sentindo-o até encontrar a gola, local onde a fragrância estava mais acentuada. As notas dela tão máscula, demonstravam o que eu já sabia e sentia: Gustavo não é mais um garoto, é um *homem*, e eu uma *mulher*. Nossos corpos mudaram, nossos hormônios gritam, e tudo isso inspira uma explosão dentro de mim.

Vi Gustavo engolir com força quando ergui a cabeça e lhe alcancei o rosto, onde transferi um beijo em sua face, quase no maxilar. Ele me apertou um pouco mais e submergiu o rosto na curva do meu pescoço e eu fiquei ali, com o queixo no dele. Em silêncio, através das batidas ritmadas de nossos corações, tenho certeza que dissemos um ao outro aquilo que não tivemos coragem de proferir: “*eu te amo*”.

Levo o pingente de morango — e nem foi necessário Gustavo me explicar o porquê da escolha dele, pois sei que é por causa da fragrância adocicada da fruta que me acompanha desde sempre, e que ele tanto gosta — aos lábios, beijo-o, vendo o declínio do sol no horizonte se completar. O adeus é dado, neste dia começo a me despedir da minha estação preferida, certa de que a deste ano ficará registrada para sempre em meus pensamentos e certa de que a vida é feita de recomeços, novos ciclos e renascimentos.

— Valentina? Não acredito que ainda está assim!

A voz da Alice buzina, me tirando dos pensamentos. E aqui a palavra buzina cai muito bem, pois seu tom é para chamar atenção.

— Me arrumo rápido! — digo, voltando para o quarto. Ela acende a luz no interruptor ao lado da porta, fazendo-me vê-la com nitidez.

— Uau! Você está linda, Ali! — Pego em sua mão, fazendo-a dar um giro. O vestido de alcinha solto ao corpo, de tonalidade rosa claro, se movimenta em volta de sua cintura.

— Obrigada! — Um sorriso estonteante brilha em seus lábios iluminados pelo *gloss* que acompanha a cor do vestido. — Ainda nem acredito que papai nos deixou ir a essa festa!

Alice bate palmas enquanto rodopia uma pouco mais e se joga de costas na cama. Dou risada de sua animação e volto a me sentar em frente ao espelho para terminar a maquiagem inacabada.

A festa em questão é uma que todos os anos o grêmio estudantil organiza para reunir alunos (do ensino médio) e ex-alunos do colégio, de quebra eles arrecadam fundos para o conselho aplicar no próximo ano letivo. Ela acontece no clube que é de propriedade e paralelo ao colégio. O local é usado para as aulas de educação física, atividades ao ar livre, possui uma piscina enorme e mesmo aos finais de semana fica aberto para uso dos alunos. E a

lanchonete que fica dentro desse espaço serve os melhores e a mais inusitadas combinações de sucos, assim como sanduíches diversificados. O que faz dela um lugar muito procurado. Enfim, é um dos pontos de encontro do pessoal do colégio.

— Acho que o fato de Clarissa ir, facilitou — comento. Alice sai da cama e vem se sentar ao meu lado no banco em frente à penteadeira que cabe nós duas.

— Tenho mérito nisso! — Ela sorri e pisca para mim através do espelho. Correspondo seu sorriso, enquanto o pincel do *blush* desliza em minha bochecha.

Minha irmã teve o cuidado em persuadir Clarissa, que não é muito de festas, para garantir que tivéssemos um ponto de apoio para que nossa reivindicação de ir à festa fosse aceita com mais facilidade. E não foi só Alice que usou do poder persuasão, mamãe também o usou, mas com nosso pai. Além de ela própria nos dizer que ia convencer doutor Leo a deixar que fossemos à festa, eu “meio” que também “ouvi sem querer” uma conversa entre eles sobre isso.

— Mamãe também ajudou — relembro a Alice.

— Foi mesmo. Dona Malu tem grande poder de convencimento com o papai.

— Para nossa sorte! — emendo e finalizo a maquiagem com um batom matte de tom vermelho, dando um ar mais vibrante à minha pele tão branca, quase transparente.

— Que batom poderoso, *hein?! — Alice diz, fazendo um biquinho com olhar sexy para o espelho. Imito-a e logo em seguida estamos as duas gargalhando com o reflexo de nossa imagem.*

Alice continua a fazer caras e bocas, ela é a campeã nisso. Minha irmã tem uma expressividade gigantesca na face, e os muitos jeitos que ela tem a capacidade de mover olhos, sobrancelhas, bochechas, boca e até o nariz, entregam seus pensamentos e humor, mas ela também se utiliza disso para nos fazer rir e eu não consigo parar de rir com a expressão que ela faz agora, mordendo os lábios com um olhar querendo ser sensual, mas que não é *nada* sensual.

— Essa é sua melhor *cara de paquera*, Alice? — provoco-a.

— Não, essa é a *sua* cara com esse batom vermelho! — ela retruca.

— Palhaça!

Empurro-a com o ombro.

— Então, me mostre sua melhor cara de paquera, Valentina. — Ela junta as sobrancelhas com um olhar desafiador, igual ao do seu tom de voz.

— Eu não! Nem sei se possuo uma.

Dou de ombros.

— Sem graça, pois deveria treinar. Vai ter um monte de gatinhos na festa.

Alice esconde um de seus olhos, com uma piscadela de quem acaba de dar um importante conselho.

— Não estou interessada nisso — falo simplesmente.

Abandono o lugar ao seu lado e vou até o armário, escancaro as portas dele e sento-me de novo, mas agora na lateral da cama, de onde tenho a visão das minhas roupas no cabide que são minhas (possíveis) opções para a festa.

— Ah, Valentina! — Sinto o colchão se mover assim que Alice se senta nele. Continuo a observar as roupas em dúvida do que vestir. — Por favor... Você tem que fazer isso primeiro para me contar com sinceridade como é.

Transfiro meu olhar para ela e encaro seus grandes olhos tão perto do meu rosto.

— Isso o quê? — questiono, fazendo talvez uma expressão lerda, pois Alice corresponde com um olhar de chateada que sugere mesmo lerdeza da minha parte.

— SE-XO! — ela responde com pausa em cada sílaba, como se confirmasse o que sua expressão dizia sobre mim.

— Oh, meu Deus! Você está muito assanhada, sabia disso?

— Ai, Valentina! Não me diga que você quer ser como Clarissa, com o papo de sexo só depois de casar.

— Nossa! Isso não soa nada romântico para quem vive lendo romances e sonhando com os mocinhos dos livros que lê — digo.

— Sou consciente, eles não existem na vida real. Por isso, mesmo assim, quando eu achar que for garoto certo, vou deixar acontecer.

Fico um tanto impressionada com sua resposta e a forma séria com que a declara.

— E quem é seu garoto certo, Alice? É o... Matheus? — inquirio com um olhar sugestivo.

— Deus me livre! — ela diz e se levanta da cama. Acho que Alice ficou brava. — Aquele boçal? Nem pensar! Aliás, porque você falou dele? Eu odeio o Matheus desde que éramos crianças e você sabe muito bem disso!

Depois de, bem dizer, cuspir uma frase seguida da outra, Alice me fuzila com os braços cruzado sobre o peito. E agora não acho, tenho certeza de que ela ficou brava! E como ela fica linda e engraçada com essa carinha contrariada, decido instigá-la um pouco mais.

— Amor e ódio caminham juntos, Alice. Não se esqueça disso!

— Vire essa boca pra lá que praga de irmã pega! — Alice bate os braços na lateral do corpo, bufando como um cão raivoso.

Meu corpo se mexe todo, do tanto que gargalho, e mesmo ciente de que ela ficará mais furiosa, não seguro a próxima frase que vem na mente.

— Eu ia adorar ter sobrinhos com olhinhos puxados — digo rindo e estico com o indicador cada um dos cantos dos meus olhos imitando os do Matheus que possuem breves traços nipônicos, que herdou da genética de sua mãe, Cleo.

— Você acaba de deixar de ser minha irmã favorita — Alice cospe as palavras, virando-se de costas. Seus braços voltam a se cruzarem no peito, não vejo seu rosto, mas sei que está com um bico enorme.

— Desculpe. — Vou até ela, seguro em seu ombro e viro-a para mim. — Era só brincadeira, Ali, mas se te incomoda tanto, prometo não fazer mais.

Passo polegar na sua bochecha de pele macia feito um pêssego.

— Eu não gosto dele — Alice afirma, seus olhos estão vacilantes. E se eu não a conhecesse o suficiente, até confiaria em suas palavras. Contudo, enquanto todos acreditam que eles se odeiam, eu acredito que eles se gostam, e *muito*. E que toda a implicância não passa de um sentimento reprimido. Só não sei o porquê.

— Tudo bem. Agora que tal você me ajudar a escolher o que usar?

Desvio o foco da conversa. Com isso, Alice se anima.

— Claro!

Ela vai para o armário e começa a trazer alguns vestidos do cabide. Vou esticando em frente ao corpo, observando cada peça no espelho. Depois de um tempo, temos vários espalhados sobre a cama e nenhuma decisão.

Alice está calada demais e me preocupo se ela ainda está pensando no *assunto Matheus*.

— No que está pensando? — investigo.

— Nada demais. Estava lembrando da conversa que mamãe teve com a gente. É bom ter uma mãe que fale de maneira aberta sobre essas coisas de garotos, sexo, as mudanças do nosso corpo. Sei lá... tem mães e filhas que não conversam muito sobre isso, gosto que a nossa fale. Inspira confiança, não acha?

— Acho! Acho sim!

E de fato, nossa mãe tem falado bastante comigo e Alice referente a essas questões, tanto que tive vontade de contar o que estou sentindo por Gustavo, mas minha mente e língua parecem ter um freio e não me deixam soltar nada. Nem para Alice consegui contar. Isso justifica minha resposta sucinta e

desejo de escapar sempre de suas perguntas sobre este tipo de assunto.

— Vou com o vestido branco! — anuncio, tirando-o com agilidade do cabide, disposta a vesti-lo, mas uma leve batida na porta me impede.

— Posso entrar? — Gaetano pergunta do lado de fora.

— Sim.

Tão logo respondo, ele está dentro do quarto.

— O *chofer* de vocês chegou, madames! — ele comunica com um tom de desânimo.

— Que carinha é essa?

Procuro saber, indo até ele. Alice me acompanha, Gaetano é sempre tão animado e vê-lo tristonho não é normal.

— Não riam de mim, porque vai parecer bem idiota o que vou dizer agora, mas estou me sentindo a gata borralheira que fica em casa, enquanto suas irmãs vão para a festa.

Apesar do pedido dele para não rir, é quase impossível.

— Se conforme, criança! — Alice aperta as bochechas dele.

Faço uma careta de reprimenda para ela, que nunca perde uma oportunidade para provocá-lo.

— Gaetano. — Passo a mão por cima de seus ombros. — Não fique chateado, sua hora também chegará.

— É isso mesmo — Alice completa, jogando o braço por cima do ombro

de Gaetano, do lado apostado ao meu. — Em breve você estará por aí, arrasando corações nas festas.

— Só se prepare para lidar com ciúmes da mamãe — aviso, fazendo-o sorrir.

— Agora vamos?! Não vejo a hora de chegar na festa! — Alice diz em completo entusiasmo.

Gaetano se solta de nossos braços e vai para a porta de lá, dizendo:

— É, desçam logo, porque doutor Leonardo está enchendo os ouvidos do Gustavo. Coitado! Mal sabe ele da responsabilidade em levar vocês duas para uma festa.

Alice e eu nos entreolhamos, cientes da lista de recomendações que já recebemos de papai e que ele está repassando ao Gustavo.

— Vai descendo com Gaetano, eu não demoro aqui.

Caminho até a cama e tomo de novo o vestido em minhas mãos.

— Valentina, vá com *aquele* vestido vermelho! É sexy e combina com o seu batom.

Viro-me para Alice esperando encontrá-la fazendo suas impagáveis

caras e bocas, mas não. Ela está séria, o conselho foi sério. Só que, óbvio que eu não vou com *aquela* vestido vermelho. Não se trata de um vestido curto ou justo, o problema não é esse. O problema é o decote que é exagerado demais. Não é só um decote comum, é uma abertura gigante. Comprei-o em um rompante de ousadia de que *um dia* eu o usaria. Isso foi no ano passado, não me surpreenderia se ele ainda estivesse até com etiquetas.

— Não demore! Estou doidinha para andar no carrão novo do Gustavo! — Alice diz por fim, e some da minha visão, passando pela porta com Gaetano.

O comentário sobre o carro do Gustavo me faz lembrar do dia do aniversário dele, que é um mês antes do meu. Gustavo também nasceu na primavera, outro bom motivo para a estação ser a minha preferida. Assim como o meu, a comemoração foi com um jantar em família, entretanto na casa dele.

Em todos os instantes Gustavo sorria feliz, tia Melissa e tio Luís estavam tão animados, falavam com orgulho do empenho de Gustavo em estudar para o vestibular. Senti uma afinidade e conexão entre pai e filho que há muito não sentia. Era nítido o quanto a decisão de Gustavo em cursar a graduação de direito, agradou tio Luís, e penso que foi tanto que Gustavo ganhou de presente de aniversário um carro, e sua tão esperada carteira de habilitação. Foi uma tremenda surpresa!

No entanto, mesmo diante de tão grandioso presente, o sorriso de Gustavo não foi maior do que quando lhe abracei e entreguei meu singelo presente, um álbum de lembranças, repleto de fotografias nossas desde quando éramos bebês, até agora. Em cada uma delas deixei comentários sobre o momento que cada a foto representava. Uma que tiramos estudando, estampou não a última página do álbum, pois deixei-o incompleto, sobrando espaço para que fosse preenchido com novas fotografias com os registros futuros de momentos que ainda dividiremos. Porém, na primeira página em branco, esperando por uma nova fotografia deixei escrito: ***“Inseparáveis para Sempre”***.

Ao escrever essa frase uma lágrima rolou do meu rosto caindo no papel e borrando a tinta fresca da caneta vermelha. Senti raiva e chorei um pouco mais por ter maculado algo que estava tão bonito. E então, chorei ainda mais, ciente de que farei o mesmo ao coração de Gustavo. A tinta secou, a mancha ficou. E ainda assim, isso não foi um problema. Gustavo *amou*, palavras dele, o presente.

E isso me deu a esperança que precisava para acreditar que talvez ele seja capaz de fazer o mesmo comigo. Me amar, mesmo depois de eu macular o seu coração.

— Eu preciso confiar! — profiro, emergindo dos meus pensamentos.

— Confiar, sobretudo, em mim mesma.

Tomada pelo espírito de confiança e ousadia, determinada, vou até o armário e escondido no meio de outras roupas penduradas em cabides está ele, *aquele vestido vermelho*. Confiro-o e não está com as etiquetas, ao contrário, cheirando a roupa recém-lavada.

Deslizo-o com facilidade pelo meu corpo, o tecido é tão leve e macio que me dá sensação de usar plumas de algodão, calço as sandálias de cor nude e saltos medianos, esborrifo de maneira moderada meu perfume e confiro por fim minha aparência no espelho, com a bolsa *clutch* de tom nude, tal como o da sandália.

Saio porta afora com o vestido esvoaçante e decote até quase o umbigo, ajusto-o nos meus — nada volumosos — seios, mas que deram ao vestido o caimento perfeito sobre eles.

Do alto da escada, vejo meu pai e Gustavo de pé conversando. Gustavo percebe minha presença e transfere a atenção para onde estou, meu pai faz o mesmo. Os dois param de falar no exato momento e são tomados pelas mesmas expressões.

Eles estão boquiabertos.

Já eu, sorrio descendo as escadas, imaginando-me num daqueles filmes em que a garota é levada ao baile pelo garoto mais lindo do colégio.

E esse garoto, que na verdade já não parece mais um garoto e sim um homem lindo, de barba feita, cabelo bem penteado, está maravilhoso, usando calça jeans em um estilo mais tradicional, sem os rasgões e desfiados que seus jeans possuem, e uma camisa social. As duas peças são de igual cor, branca.

Vermelho e branco é uma boa combinação.

Valentina e Gustavo também.

— Oi — falo diante de Gustavo.

— Meu. Deus! — Gustavo e papai falam em uníssono e eles continuam boquiabertos.

Em outra ocasião, é bem provável que morreria de vergonha e até pensaria em trocar de roupa, mas como a vida é feita de ciclos, acabo de iniciar um novo, junto com a nova estação, o verão que se aproxima.

Que inspira energia, alegria, luz e calor que aquece corpos e corações.



Gustavo

— Meu. Deus! — pronuncio. Junto ao som da minha voz, ouço a voz de tio Leo e nosso tom é o mesmo: de surpresos.

Sinto-me congelar diante de Valentina, ela está deslumbrante, cada traço do seu rosto me encanta, cada parte do seu corpo me hipnotiza. Fico sem qualquer reação e minha expressão boquiaberta, assim como do meu tio, começa a dar a Valentina uma nota de preocupação em sua expressão que até então não possuía.

— Estou tão mal, assim? Digam alguma coisa, pelo amor de Deus! — pede, impaciente. Seus olhos estão inquietos, correndo de tio Leo para mim.

— Pelo amor de Deus! — murmuro. O coração parece que vai sair pela boca. Quanto mais olho para Valentina, as batidas dele aceleram.

Tio Leo pigarreia, dá um passo até Valentina e passa a mão em seu cabelo caído em ondas pelos ombros, e depois volta para o meu lado. Tudo nela está diferente, desde a roupa mais ousada assim como a cor de seus lábios, até o cabelo que sempre usa com os fios lisos e retos.

Ela está uma perfeita menina mulher, com um ar doce, quente e sexy, o que me atormenta ainda mais.

— Não, filha. Você não está mal, está linda. Não está, Gustavo? —

Meu tio cutuca com o cotovelo em meu braço.

— Está sim! Linda... — respondo, percorrendo cada parte de Valentina com meus olhos e um pensamento clandestino assume minha mente. Imagino minhas mãos percorrendo o corpo dela.

Pressiono a nuca e inspiro fundo, tentando disfarçar que meu estado abalado seja notado. Tem sido difícil camuflar o que Valentina faz comigo, e os momentos que temos a sós até me permito ir além, olho-a sem fingir o desejo que me consome, mas diante do meu tio e toda a família, busco ao máximo a coerência em minhas ações e reações.

Tia Malu e Alice acrescentam os elogios a Valentina, as três mulheres sorriem. Mas tio Leo que já estava com um tom preocupado, me pedindo que tomasse conta das meninas, agora permanece olhando para as duas filhas com preocupação ainda maior. Ele passa a mão pela barba, andando de um lado para o outro na sala.

— Filha — ele diz —, você está linda, mas acho que esse vestido está com algum problema, não?

— Leonardo! — tia Malu o censura.

— Errado? Como assim, pai?

Valentina questiona, olhando para baixo, conferindo a si própria.

— Não sei, acho que... rasgado aí no... meio? — Ele sinaliza para o decote do vestido, a voz dele quase falha ao dizer. E quanto mais ele fala, mais careta tia Malu faz para o marido. Ele se dirige para ela: — Malu, você tem agulha e linha? Eu mesmo posso dar uns pontos e fechar isso. Sou bom nisso.

— Leonardo! — Tia Malu o encara. — Não tem nada de errado com o vestido, ele não está rasgado. É assim.

Valentina e Alice sorriem uma para outra diante da reação do pai. E apesar de achar que ela está linda, concordo com meu tio que esse decote está “demais”. Meu Deus! Se eu estou alucinado nele, imagina os outros caras.

Não teço comentário sobre, mas no fundo adoraria que ele estivesse um pouco mais fechado. Só que isso é pensamento e atitude de homens da década dos meus avós. Não posso ser esse tipo.

Mas que merda!

Sinto-me remoer de ciúmes sem que Valentina sequer tenha pisado os pés para fora de casa.

Tio Leo esfrega com força o rosto com as duas mãos, ele transparece o mesmo nervoso que eu tento esconder.

— Malu — diz. — Se você não pegar linha e agulha de tecido, eu vou atrás de alguma nem que seja cirúrgica, mas vou dar uns pontos nesse vestido! — Sua voz se sobressai.

Alice solta uma gargalhada, Valentina arregala, os olhos e tia Malu agarra na mão do marido, puxando-o para um canto afastado da sala.

— Vou pegar água para o velho! Ele está precisando! — Gaetano avisa, saindo para a cozinha. Mas antes passa por Valentina e comenta que ela está uma gata, fazendo-a sorrir feliz.

Compreendo que para ela esse visual também seja uma novidade, as roupas que sempre usa são diferentes, e talvez se trate de um desafio interno. Quando desceu as escadas estava com muita confiança em cada passo, gosto de vê-la assim. Mas diante de tantos comentários do pai, parece que a confiança aos poucos diminuiu.

Aproximo-me dela.

— Ele só está com ciúme, mas você está linda! — reafirmo.

Tendo ciência dos meus sentimentos confusos, que misturam o mesmo ciúme que tio Leo está sentindo, e ainda assim, com o orgulho de vê-la ousada e deslumbrante.

— Obrigada, Gustavo. — Um sorriso largo se estende em sua face.

Os lábios vermelhos tão bem desenhados são minha perdição. Desço o olhar deles para o cordão em seu pescoço e no busto. Quase entre os dois seios, o pingente em formato de morango brilha, o presente que dei a ela e que tanto gostou. Combina com o modelo do vestido e se sobressai na pele clara exposta pelo decote.

É minha perdição parte dois.

Valentina ante a mim, leva as mãos em cada lado da gola da minha camisa branca que escolhi pensando nela, porque sei que gosta dessa cor. Ela se mantém ocupada ajustando-a, sinto sua fragrância com facilidade e é como sempre maravilhosa. Minha vontade é de mergulhar meu rosto na curva do seu pescoço e sorver do perfume em meus lábios. Quando termina de arrumar a gola, ela repousa a mão sobre meu peito e me encara. Aquela centelha de doçura e desejo brincam em suas expressões.

— Você está lindo! A cor branca fica muito bem em você.

Suas palavras são ditas devagar, quase sussurradas. Repuxo o canto dos lábios em um sorriso tímido e grato pelo elogio, sinto a tensão em cada parte dos meus músculos. Ela vai acabar com minha sanidade.

— Ai, gente! Vamos logo! — Alice fala, e em meus pensamentos agradeço-a por desfazer o momento entre Valentina e eu, visto a impotência que sinto em controlar as reações de um corpo sedento de desejo e de um coração apaixonado.

Gaetano chega com o copo d'água, avanço até ele e tomo o copo, bebendo metade do líquido em vários goles rápidos.

Ele me encara sério.

— Ih, caramba! Você estava com sede, hein?

— Muita! — respondo, devolvendo-lhe o copo.

Tia Malu e tio Leo retornam para o lugar em que estamos.

— Prontinho, crianças. Podem ir e aproveitar a festa de vocês, não é, amor? — ela fala.

O olhar entre marido e mulher demonstra que o assunto do vestido foi encerrado. E não há dúvida que a conversa a sós era com esse objetivo.

— Sim — ele confirma. — Minhas duas meninas estão lindas. Aproveitem a festa!

Tio Leo vai até Alice, beija sua têmpora e em seguida repete o mesmo gesto em Valentina. As duas agradecem e se direcionam, acompanhadas de tia Malu, para a porta. Começo a segui-las, mas sou impedido.

— Gustavo? — meu tio chama.

Viro-me, dando-lhe atenção. As três mulheres um pouco a frente param de andar e também se viram, como se quisessem verificar o que ele vai dizer.

— Nada de bebida alcoólica, sim? — diz, sério. — Lembre-se que está dirigindo. E vocês, meninas — Ele ergue o olhar até Alice e Valentina —, apesar de não estarem dirigindo, sugiro que não bebam nada, muito menos do copo dos outros.

— Você já nos falou sobre isso, pai — Alice rebate. E depois de constatar qual era o assunto, elas retomam o caminho até a porta.

Meu tio já havia me alertado sobre isso enquanto aguardávamos por Valentina e está fora de todos os meus planos desapontá-lo.

— Pode deixar, tio — asseguro, transmitindo-lhe confiança.

— Ótimo. Boa festa!

Pronto para seguir, ele me impede novamente, tocando meu ombro.

— Não tire os olhos delas — cochicha.

Assinto, ele bate nos meus ombros sinalizando para eu seguir e noto um semblante tranquilo nele enquanto ingere a água que restou no copo.

No caminho até o carro, penso o quanto tio Leonardo confia em mim e por isso um peso na consciência e um receio enorme preenchem meus pensamentos. Como ele reagiria se soubesse que os meus olhos nunca saem de Valentina, e principalmente que eu não a olho — não mais — com o olhar do primo protetor? E sim com o de um completo apaixonado pela filha dele.

Merda!

Isso não vai prestar.

— Gustavo, não importa o que papai tenha dito a você, por favor não

faça o papel de irmão mais velho e chato. Seja o primo parceiro de sempre!

Sentada no banco de trás do carro, Alice solta o conselho enquanto estaciono o carro. Pelo retrovisor noto sua expressão sorridente, e quando ela percebe que estou olhando-a, me dá uma piscadinha travessa. Alice é de longe a pessoa mais engraçada que conheço. A face de feições animadas se desfaz quando ela percebe onde estacionei o carro.

— Por que paramos no prédio do Matheus? — pergunta, assumindo uma careta de desagrado, que também é muito engraçada.

Ao meu lado no banco do carona está Valentina, o que exigiu de mim esforços sobrenaturais para conduzir o veículo e não ficar olhando para ela. Em todos os momentos, se eu pudesse, ficaria admirando-a. Ela inclina o corpo para o lado, meneando a cabeça para trás a fim de olhar para Alice. Valentina sabia que passaríamos para pegar o Matheus, pois tinha lhe dito no dia anterior. Certa de que a irmã não gostaria, me alertou para não comentar nada com Alice e deixar que soubesse só quando já estivéssemos aqui.

— Ele pediu carona para o Gustavo — Valentina explica.

Tamborilo os dedos no volante vendo Matheus se aproximar do carro.

— E você sabia disso e não me contou — Alice reclama com a irmã.

— É só uma carona, Ali. Relaxe, *ok*? — Valentina completa, virando o corpo para frente.

— Sim, com ele ao meu lado, buzinando no meu ouvido com aquela voz irritante dele. Muito obrigada!

O tom de Alice é exacerbado e assim que ela termina de falar somos surpreendidos por uma batida na janela no lado em que ela está sentada atrás do meu banco.

Dou o comando e destravo as portas, Matheus a abre.

— Dá um espaço aí — ele pede.

— Eu não. Dê a volta e entre pelo outro lado.

— Tudo bem. Você deve estar com bunda colada no banco, mesmo! — completa com deboche, bate à porta e dá a volta.

— Viu quando eu falo que ele é insuportável?!

Valentina e eu viramos ao mesmo tempo para trás para conferir a chateação de Alice. Nossas cabeças ficam pareadas, o olhar perdido um no outro, e só nos desconectamos quando Matheus abre e a porta e se enfia dentro do carro.

— E aí pessoal, tudo bem? Partiu festa, então?! — Ele estende a mão, cumprimentando-me. — Obrigado pela carona, Gustavo! — diz, animado.

Assinto, e logo depois ele transfere atenção para minha prima sentada ao seu lado.

— Oi, Alicinha! — Matheus sibila.

Ela franze o cenho para ele.

— Me faz um favor, não fale comigo!

— Uiii... Hoje ela está mais brava do que de costume! — Ergue as mãos para cima, como se estivesse com medo.

Controlo a vontade de rir e vejo Valentina fazer o mesmo.

— Vou falar com sua irmã que é mais educada que você — diz, provocando Alice. — Tudo bem, Valentina?

Ao perguntar Matheus projeta o corpo para frente, alcançando Valentina e dando-lhe um beijo no rosto.

— Caramba! Que gata! — declara.

Seu entusiasmo faz minha vontade de rir sumir. Em especial porque o percebo olhando-a por mais tempo que deveria.

— Senta aí e coloca o sinto, Matheus — ordeno.

Ele obedece, dou partida e mal coloco o carro em movimento, Matheus volta a falar:

— Eu diria para Alice que ela também está uma gata, mas *ela* já deixou claro que não quer que eu fale com *ela*. Por isso, não vou dizer que Alice está uma gata. Aliás, acho-a parecida com aquela gata Marie do desenho, vocês não acham?

— Cala a boca, Matheus! — Alice vocifera.

E nenhum de nós diz qualquer coisa, mas internamente, concordo com Matheus, ele fez um bom comparativo. Os dois se mantêm trocando farpas no banco de trás.

Valentina sopra o ar, estica o braço até o aparelho de som do carro, ligando-o e assim fazendo ressoar em volume alto — tal como estava quando coloquei para tocar a música no curto caminho que fiz da minha casa até a dela — a voz de Cazuza, com uma de suas mais belas canções, e que tenho ouvido tanto nos últimos dias - *Eu preciso dizer que te amo*.

Me sinto exposto e temeroso à medida que a letra da canção revela o que se passa em meu coração e o *pobre* para de bater uma batida, quando no final da música, dos lábios de Valentina, a parte “eu preciso dizer que eu te amo, tanto” é cantarolada. É certo que de forma despretensiosa, porém, mal sabe ela que tudo que mais desejo é poder ouvir e, melhor ainda, dizer exatamente isso.: eu preciso dizer que te amo, tanto.



Assim que chegamos ao clube, diante da quantidade de carros estacionados temos a dimensão do número grande de pessoas que já estão na festa e conforme caminhamos entre elas constatamos que boa parte são pessoas que não conhecemos, o que demonstra que os ex-alunos participam em grande peso, sobressaindo ao número dos rostos familiares dos alunos que estão no ensino médio.

— Uau, isso aqui está lindo! — Valentina comenta.

Fito a lateral do seu rosto, a chama de uma das muitas lamparinas no estilo tocha, fincadas pelo gramado, tremulam em sua íris. Observo-a por alguns instantes, vendo o fogo neles. E não é só uma metáfora.

— Está mesmo! — confirmo com a voz sufocada pelo calor que vem dos meus poros, ocasionados por Valentina.

Há algo sobre noite com um céu estrelado, essa iluminação amarelada que provém das lamparinas, a brisa quente, Valentina com um vestido vermelho e eu sentindo o corpo formigar cada vez que ocasionalmente toco em seu braço ou quando faço questão de deixar minha mão na base de sua coluna enquanto a conduzo entre as pessoas. Capto os olhares que se vão até ela, isso me faz querer tocá-la de uma maneira protetora e até possessiva.

Prevejo que meu autocontrole terá de ser grande em muitos aspectos.

— Vamos até a área da piscina? — Alice pergunta. — Fiquei sabendo que a pista de dança seria lá.

— Opa, vamos sim! Também estou afim de dançar, Alicinha. — Matheus faz graça, mexendo o corpo em um passo de dança ridículo, fazendo-nos rir, mas Alice não ri, apenas o ignora e se põe a caminhar na nossa frente.

Imaginei que ao chegarmos na festa Matheus fosse se separar de nós, mas pelo visto não, e o que ele quer mesmo é ficar perto de Alice. Visto que acaba de acelerar o passo para alcançá-la.

Na piscina de dimensões olímpicas as arraias foram retiradas e luminárias flutuam sobre a água. A decoração foi muito bem pensada e caprichada, o clube está mesmo com uma atmosfera de festa, dos autofalantes colocados pelo ambiente uma música agitada toca e a pista de dança que Alice comentou está repleta de jovens dançando. Por aqui encontramos os rostos conhecidos dos corredores do colégio. Aos poucos vamos cumprimentando alguns até que avistamos uma mesa livre, mas não nos sentamos, apenas paramos ao redor dela.

— Vou pegar algo pra gente beber, tudo bem? — digo a Valentina. O som alto me faz falar próximo ao ouvido dela, o que é uma boa oportunidade para me inebriar com seu perfume.

Antes de responder, sinto Valentina respirar fundo pelo nariz.

— Isso seria ótimo! — responde com lábios quase tocando em meu ouvido.

Caramba! Isso foi demais!

Afasto-me ainda tonto e levo Matheus comigo para buscar as bebidas, o bar está lotado, esperamos por um tempo até sermos atendidos. Conforme prometido ao tio Leo, nada de bebida alcoólica, por isso peço uns coquetéis de frutas sem álcool.

Dado ao aglomerado de pessoas, tento, sem sucesso, visualizar nossa mesa. Assim que nossas bebidas ficam prontas e estou retornando com um copo em cada uma das mãos, meu maxilar enrijece ao ver o que não queria ver. Foi só eu me afastar para isso acontecer. Maldito seja o filho da mãe que está abraçando Valentina. Marcho na direção, determinado em afastá-lo dela.

Isso vai dar merda!

Quanto mais perto, mais raiva sinto. Quanto mais perto... consigo identificar uma mulher próximo a eles, e que ela é Clarissa. Com dificuldade por causa do nervosismo que sinto, ainda assim, meu cérebro se acalma de imediato ao compreender que o homem trata-se de Pedro, noivo dela.

Paro de andar de supetão, fazendo Matheus, que vem logo atrás, esbarrar em mim.

— Ei, cara! O que houve? — pergunta-me, alarmando. — Meu Deus, você está branco, e não é reflexo da roupa. O sangue sumiu do seu rosto — investiga, semicerrando os olhos para mim.

— Me dê um minuto — peço, tomando fôlego.

Tenho a sensação de um frio passar pela minha coluna e diante da constatação de que a situação não é a que imaginei, o sangue que meu coração bombeou mais rápido que o normal segundos antes, agora parece diminuir de maneira drástica, esfriando meu rosto e meu corpo, que de fato, dever estar mesmo branco, como Matheus falou.

Reconheço que posso respirar aliviado em razão de que é Pedro “apenas” o noivo de Clarissa, e é um cara gente fina, que inclusive, nutro grande simpatia. Mas e se não fosse? E se não fosse, ele?

— Autocontrole, Gustavo... — murmuro, voltando a caminhar e fazendo sinal para Matheus me seguir.

Encontro-os e antes de cumprimentar o casal, entrego a Valentina o copo alto de plástico transparente com líquido de cor predominante rosa, espetado na borda há um conveniente morango, que o *barman* colocou ali, sem nem imaginar o quanto essa fruta tem um significado para mim. Eu passei a gostar do sabor dela, ainda criança, quando compreendi que a fragrância que eu sempre sentia em Valentina era de morango. Foi então que o morango se tornou

a minha fruta favorita e tudo vem dela também, inclusive cada aroma contido em produtos usados por Valentina.

— Obrigada — ela agradece.

Posso notar sua expressão contemplativa para o morango enquanto mexe o canudo no copo. A fruta não possui só um significado para mim, para ela também. Assim que seus lábios se encontram com o canudo e aquele biquinho lindo se forma, antes de me perder nele, decido desviar a atenção e aproveito para cumprimentar Pedro e Clarissa.

— Quer dizer que em breve seremos também colegas de profissão? — Clarissa indaga, dirigindo-se a mim. — Fiquei feliz com a notícia!

A música cessa e uma voz masculina avisa que dentro de pouco tempo um DJ começará a tocar. A ausência do som alto oportuniza que conversemos sem ter que ficar quase gritando.

— Pois é, não tive muita escolha — respondo a ela. — Mas antes, tenho que passar no vestibular. — Ergo os ombros, bebendo um gole do líquido refrescante.

Hum, está bom!

— Ué, cadê a Alice? — Matheus questiona, segurando dois copos na mão. Acompanho seu olhar ao redor de onde estamos e não a vejo.

— Está lá! — Valentina sinaliza, erguendo o olhar para a pista de dança onde Alice conversa com alguém do sexo masculino, e isso é suficiente para Matheus sair em direção a ela.

Clarissa volta a falar:

— Seu pai está bem orgulhoso, não cansa de comentar que logo você estará trabalhando no escritório conosco.

Clarissa, desde a época da faculdade, começou a estagiar no escritório do meu pai e hoje é uma das advogadas que integram o quadro de profissionais.

— Ele não cansa de fazer planos para mim, sem me consultar, isso sim!

Minha fisionomia demonstra o descontentamento, Pedro pousa a mão em meu ombro.

— Não é tão mal assim — ele aconselha. — Administro as cafeterias da minha mãe. É bom trabalhar nos negócios dos pais, afinal, são os *nossos* negócios, entende?

— Entendo — digo sem convicção.

— Gustavo, você vai adorar a advocacia, tenho certeza — Clarissa completa. O intento do casal, de idade superior à minha, é bem óbvio: me dar conselhos.

Agradeço, pois é louvável que façam isso. Demonstram empatia pela

fase que estou passando, fase que já passaram e que talvez foi válido um conselho que tenham recebido. Apesar de que os dois sempre foram muito centrados, definidos — a considerar pelo longo relacionamento entre eles —, que suspeito que não tenham precisado de muitos conselhos. Parece que para algumas pessoas tudo é mais simples.

— E o casório, quando sai?

Aproveito para perguntar e rumar a conversa para outro assunto.

— Verdade, quero saber também! — Valentina arremata, animada.

Pedro envolve Clarissa nos braços dele e encontra seus lábios em um beijo rápido antes de responder categórico:

— Impreterivelmente, no próximo ano.

Eles voltam a se beijar, agora um beijo mais demorado e apaixonado. Baixo o olhar, percebo que ao meu lado Valentina faz o mesmo, só não sei se ela sente o mesmo que eu — uma fagulha de inveja. Mas não do tipo maldosa, sinto-me feliz pela felicidade do casal, apenas queria poder fazer o mesmo.

— Matheus, sai de perto de mim, por favor?! — Alice chega feito um foguete em nosso lado, deixando-nos surpresos. — Você está me atrapalhando! — ela ferve ao dizer, encarando Matheus.

— Atrapalhando? — ele questiona, exaltado, jogando os fios do seu cabelo preto para trás. — Estou te alertando. Aquele cara é bem mais velho e ele não está aqui só para fazer amizade!

— Você nem o conhece — Alice rebate.

Matheus franze o cenho e ri sem humor.

— E nem preciso para saber que você não deve ficar de papo com ele.

— Ah, é mesmo?! E o que te faz pensar que pode me dizer com quem devo ou não conversar? Se toca, Matheus!

Os dois se fuzilam, espelhando um no outro a postura de afronta com os lábios retos e firmes. E as mãos na cintura.

Observamos atônitos. Santo Deus! Esses dois parecem cão e gato!

— Ok! Já chega! — Valentina fala, erguendo a mão em sinal de “pare”.

Alice une as sobrancelhas, com um tom queixoso se aproxima da irmã.

— Valentina, com esses dois guarda-costas ao nosso lado, nenhum cara vai chegar perto nem para dizer “boa noite”.

Valentina transfere um olhar para mim e Matheus que sugere indulgência, pelas palavras de Alice. Mas sei que ela não tem culpa alguma nisso e que não se importa de se manter em nossa companhia.

Alice... Alice... tenho uma missão aqui, que é ficar de olhos em vocês duas e não estou disposto a falhar.

Preparo-me para dizer isso a ela, mas Valentina nos pede licença e leva Alice para alguns passos de distância, a fim de conversar com a irmã, de onde não é possível ouvi-las, mas reparo o semblante pacífico e doce com que Valentina fala. E conforme Alice a ouve, sua expressão se suaviza, deixando de lado a fúria e chateação. Valentina tem esse dom, esse espírito de paz capaz de acalmar os ânimos exaltados. O oposto de mim, que sou explosivo e por isso tê-la por perto é tão fundamental. Ela me dá — além de tantas outras coisas — a paz e o tom calmo que preciso.

Luzes coloridas de neon começam a piscar, no palco é anunciado que o DJ começará a fazer sua performance, o público se anima. Valentina e Alice se juntam a nós e sem tomar tempo deixamos a conversa de lado, assim como os copos, e vamos para pista de dança.

A batida da música eletrônica começa a ecoar alto e forte que parece ser sentida dentro do peito. O ritmo coloca nossos corpos em movimento, deixando-nos ser conduzidos pelo clima envolvente e pujante que segue interrupto por um bom tempo. Em um determinado momento a sequência dessa batida forte é interrompida e outra começa. Ela é diferente, inicia lenta com notas musicais de piano. Valentina dança, acompanhando o ritmo, o quadril se move suavemente, devagar, e eu não consigo e nem quero parar de olhar.

Deus do céu! Como é sexy.

Conforme o tom gradual da batida, os movimentos vão aumentando, levo meu corpo para perto do dela e acompanho-a.

Envolvido pela atmosfera, me esqueço de tudo a minha volta. Ela me olha surpresa quando coloco a mão em sua cintura e a trago para dançar com o corpo colado ao meu, só que apesar de ter sido surpreendida ela não para de dançar, tampouco se afasta. Assim como eu, se deixa mergulhar no ritmo que agora vai tomando proporções explosivas, do mesmo modo que eu estou.

Valentina ergue os cabelos deixando-os suspenso com o auxílio de uma mão e outra ela repousa em meu ombro. Deixo meu olhar cair em seu pescoço onde noto alguns fios de cabelo colados nele, ocasionados pelo transpirar de sua pele. Passo a mão, enxugando, o toque pega fogo, mas permaneço segurando em sua nuca.

— Que calor! — ela diz, com o rosto ante ao meu. Inclino a cabeça e sopro, tentando lhe dar um pouco de conforto com a brisa que sai dos meus lábios.

Minha atitude faz Valentina parar de dançar e levar a mão até meu antebraço erguido até seu pescoço. Num momento antes havia dobrado o tecido, e por isso o contato de seus dedos em minha pele é direto e alucinante. Não sei por quanto tempo sou capaz de aguentar.

— Valentina... — sussurro, trazendo devagar o rosto novamente para frente do dela.

— Gustavo...

Meu nome também é dito num sussurro e eu sinto sua respiração entrecortada tal como a minha bater em meus lábios.

Eu não sou capaz de aguentar. Não mais!

A outra mão de Valentina abandona o cabelo que ela ainda segurava e a leva para meu peito onde agarra o tecido da camisa com força, essa é a demonstração de toda a sua tensão. Embrenho os dedos entre os fios de seu cabelo, que agora estão soltos e sentindo minha própria tensão. Agarro-os, elevando-os da nuca, e a pressão que promovo no local faz Valentina entreabrir os lábios. Anseio-os, mais do que nunca.

Estamos diante um do outro nessa ondulação de aflição, ansiedade e desejo. Perpasso meu nariz no dela, acariciando-a. Ela corresponde, meus lábios trêmulos querem os dela, e eu sei que Valentina quer isso. Eu sinto, eu vejo em seus olhos. É insensato, alucinante, mas eu estou prestes a imergir meus lábios no dela.

Fogos de artifício começam a explodir, e apesar de que poderiam ser em meu peito, não são. Mas sim no céu, o efeito inesperado faz com que ergamos a cabeça para vê-lo. Acima de nós uma chuva de fogos se derrama. Logo voltamos a abaixar a cabeça e ao fazer isso nossas testas se encontram, descansam uma na outra. Nossa respiração forte densa bate contra o rosto um do outro.

— Vamos sair daqui? — suplico. Deus! Eu quero beijá-la. Mas não... não posso fazer isso diante de todos.

— Sim! — Sua resposta é imediata.

Tomo sua mão na minha e começamos a sair do meio da multidão que dança, vibra com a música e os fogos. Com urgência sigo na frente abrindo caminho, estou desesperado!

A música para de tocar. E prestes a conseguir nos livrar da pista de dança, uma mulher aparece diante de nós, fazendo-nos também parar.

— Ei, espera! Vocês são formandos? — pergunta.

— Somos — respondo, impaciente.

— Então não podem sair agora.

Tenho vontade de mandá-la se ferrar, mas não faço, apenas volto a caminhar trazendo Valentina comigo, mas a mulher se coloca de novo em nossa frente.

— Nada disso, voltem para a pista de dança! Vai rolar uma brincadeira e precisamos de vocês! — Ela é simpática ao dizer, mas isso não ameniza minha

raiva por estar nos atrapalhando.

— Isso mesmo. Vamos lá, pessoal! Será legal! — Agora um homem aparece para ajudar a nos impedir de sair daqui.

Eles fazem uma barreira, impedindo-nos de passar, e começam a nos empurrar novamente para a pista de dança.

Mas que merda!



Valentina

— Nos deixe passar, por favor?!

O pedido de Gustavo é educado, mas o tom é áspero. Há fúria e impaciência nas feições dele, sei que se eu não fizer algo, ele vai acabar brigando com esses dois que estão diante de nós.

— Está tudo bem, Gustavo. — Toco em seu queixo, fazendo-o olhar para mim.

Ele esfrega a nuca e une as sobrancelhas, frustrado.

— Valentina...

— Vem, vamos voltar — digo.

Sua chateação é nítida e à contragosto voltamos para o lugar em que estávamos na pista de dança. Mas talvez tenha sido melhor assim. Isso tudo é loucura demais, tanto que chegamos ao ponto de quase nos beijarmos diante de todos. E se não fôssemos impedidos, aconteceria longe dos olhos alheios. E ainda assim, também seria uma loucura. Por certa, boa. Só que é provável que o empecilho tenha sido um sinal que isso não deve acontecer.

— Atenção, pessoal! — Uma voz masculina repercute no sistema de som. — Agora vamos fazer uma brincadeira que realizamos todos os anos com

os formandos — comunica. — Por isso pedimos àqueles que não são, para que deixem a pista de dança — o homem que fala do palco acrescenta, fazendo uma algazarra se formar.

Gustavo bufa, sua expressão é de total desagrado e ele não disfarça isso. Permanecemos lado a lado e sua mão continua a segurar a minha. Aperto-a e dou a ele um sorriso no intento de mudar sua expressão e apesar de chateado, ele corresponde ao meu sorriso.

Agora, com a pista de dança com um número menor de pessoas, faço um passeio com olhos reparando nos rostos conhecidos dos formandos, não só da minha turma, mas da outra existente no colégio também. Cruzo com um olhar concentrado até demais, onde Gustavo e eu estamos — Nina, junto dela, com suas amigas e espécie de fiéis escudeiras —, Anali e Analu que são irmãs gêmeas.

O trio não compõe minha lista de melhores amigas e se eu me imaginei — ao descer as escadas de casa e ver Gustavo na sala à minha espera —, a garota que o garoto busca para ir ao baile, agora me sinto a "garota" que é o alvo das "meninas malvadas" do colégio, vez que as três começam a caminhar em nossa direção e eu sou capaz de sentir a tom de provocação no olhar delas.

Só que elas não fazem o estilo completo das "meninas malvadas" (aquelas do filme) — com cabelões esvoaçantes, roupas cor-de-rosa e, muito menos, saltos. Não, de forma alguma, não! Nina, Anali e Analu, usam em geral, roupas de couro ou jeans, mas sempre de cor preta e nos pés botas sem salto, que é o look delas para essa festa — e nem eu sou a estudante novata no colégio que não as conhece suficiente para saber que elas são malvadas e perigosas.

— Oi, Gustavo! — Nina cumprimenta ao se aproximar, deixando seu olhar transitar entre mim e Gustavo.

— Nina!? — ele responde, surpreso, sem notá-la antes.

As outras duas ao lado dela me olham com tamanha curiosidade e pego o cutucar de braço que uma dá na outra, me reparando.

— Tudo bem, Valentina? — Nina pergunta com uma simpatia atípica, que beira o sarcasmo.

— Tudo ótimo!

O breve momento que passamos, as duas, com atenção uma a outra, aproveito para conferir de perto a saia de couro justa que ela usa, deixando à mostra as coxas bem torneadas — dado ao fato de ela integrar ao time de futebol feminino do colégio —, que são de dar inveja e fazer os garotos babarem.

— Estão gostando da festa?

Gustavo e eu nos entreolhamos, sem compreender onde Nina quer chegar. Ela não é de conversa, não comigo pelo menos, e que eu saiba Gustavo não costuma trocar muitas palavras com ela.

— Sim! — respondo, encarando seus olhos castanhos claros.

E lembro-me que por muito tempo seu cabelo também era dessa cor, mas houve um momento, por volta dos 14 anos, em que Nina mudou radicalmente o visual e passou a usá-lo bem curto em um tom de vermelho cereja, com os fios um tanto irregulares espetados para cima. O pessoal comentou que foi quando seus pais se separaram e ela decidiu adotar esse modo "rebelde" para contrariar a mãe.

No palco um dos membros do grêmio estudantil volta a falar e explicar como vai funcionar a brincadeira, mas eu não presto atenção porque fico esperando pela próxima ação de Nina, que parece um pouco deslocada diante de nós. Suas amigas mantêm-se de boca fechada, apenas acompanhando a líder delas.

— Gustavo, posso falar *com* você? — Nina pergunta, por fim, depois de um tempo.

A forma como pronuncia o pedido sugere uma conversa a sós, e num impulso — idiota, talvez — solto da mão de Gustavo, mas ao mesmo tempo que solto, ele interpele, voltando a segurar minha, mantendo-a assim, ao seu lado.

— Pode falar, Nina — diz, sem paciência.

Ela dá um menear de cabeça e cruza os braços.

— Deixa pra lá! Você nunca desgruda dela mesmo! — Solta as palavras bufando. Depois disso gira nos calcanhares e nos dá as costas, acompanhada, claro, das gêmeas.

— O que foi isso? — comento abismada.

— Não sei! — ele responde erguendo os ombros. — No mínimo estranho!

— Muito — completo.

Baixo o olhar e me ponho a pensar que está mais que na cara que Nina despende grande interesse por Gustavo, que almeja ter uma oportunidade com ele. Sinto-me idiota por ter largado a mão dele e também com um intenso ciúme.

— Valentina... — Gustavo toca em meu queixo, fazendo-me olhar para ele. — Vamos sair daqui, por favor?

— Gustavo... eu não sei...

O rompante da coragem em que disse "sim" a ele antes, parece se

esvair.

Ele inclina a cabeça e me transfere uma expressão que em silêncio reivindica que eu aceite seu pedido, e é impossível não aceitar. Curvo os lábios num sorriso tímido e assinto, mordendo o lábio inferior, refletindo nele uma fisionomia feliz.

— Ok, pessoal! Garotos para um lado e garotas para outro!

Aquela mesma mulher que nos impediu de sair, puxa-me pela cintura, levando-me para longe de Gustavo, vejo-o dar soco no ar. Sim, ele está muito furioso!

Junto-me às outras garotas ao lado oposto da pista de dança, ficamos todas uma ao lado da outra — por sorte não caio ao lado de Nina —, a frente estão os garotos na mesma formação que a nossa, assemelhando-se como se estivéssemos prontos para dançar quadrinha na festa junina.

Será que é isso?

Começo a ficar ansiosa, já que não faço ideia do que vai acontecer aqui. Existe uma verdadeira equipe trabalhando nessa brincadeira, eles estão identificados com um crachá do grêmio, as mulheres estão para o lado das garotas e os homens para o lado dos garotos. Minha ansiedade passa para preocupação assim que elas começam a nos vender. E antes de ter meus olhos envolvidos pelo tecido preto, tenho tempo de olhar para Gustavo, que não diferente de mim, está com um semblante preocupado.

— Se divirta, querida, é seu último ano no colégio! — uma das mulheres me diz, amarrando firme a faixa atrás da minha cabeça.

— A brincadeira "salada mista" — *Meu Deus, salad mista, não!* — já é bem conhecida, mas nós a adaptamos para um estilo um pouco diferente. Por isso, novamente vou repassar como vai funcionar. — A frase é dita pelo mesmo homem que estava falando desde então ao microfone.

Um burburinho se forma, tento-me concentrar ao máximo para ouvir enquanto o homem de voz grave explica que, tanto os garotos, quanto as garotas, permanecerão de olhos vendados e que antes de sermos colocadas diante um dos outros, seremos embaralhados. Justamente nesse momento em que ele fala, sinto uma mão me conduzindo, e os sons de passos demonstram que as outras garotas também estão sendo trocadas de lugar.

— Prestem atenção, vamos começar pelas garotas! Elas serão levadas até a frente dos garotos. Receberão as placas que indicarão o que elas irão escolher. Na mão direita a placa de: "pera, uva e maçã". Na mão esquerda a placa de "salada mista". Às cegas e sem que ninguém ouça a escolha, pois não

poderão falar, e sim levantar a placa, escolherão o que irão fazer com o garoto que estará à frente. Como na mão direita estão as três opções juntas que são pera, uva e maçã, então se levantar a placa desta mão o escolhido a fazer será: pegar na mão do garoto, dar um abraço e um beijo no rosto dele. Já se escolher a placa da mão esquerda, que é salada mista, vai fazer tudo isso e ainda dar um selinho na boca. Certo? — explica.

Mais algazarra pelos participantes e o público que acompanha a brincadeira.

Assimilo e até me parece bem, só preciso escolher a placa da mão direita que não haverá problema.

— O mesmo será feito quando os garotos forem levados até as garotas. Mas aí eles que irão escolher! — completa. E me dou conta que quando for a vez dos garotos preciso torcer para que quem esteja a minha frente escolha também a placa da mão direita.

Não vejo absolutamente nada, estou no escuro e não sei o que me espera, só sinto uma mão me guiando em passos que parecem ser em linha reta. Quando paro, em cada uma das minhas mãos são colocadas as placas e sinto como se algo fosse colado em meu peito. Imagino um adesivo com numeração, talvez.

— Lembrando que vocês só podem tirar as vendas quando for autorizado, até lá fiquem com elas. Ok, formandos! É hora de brincar! — O anúncio final é feito pelo microfone.

Deus me ajude!

O público que nos assiste é instruído a ficar em silêncio e a não dar qualquer pista de quem esteja a frente.

À medida que a brincadeira começa, e ao que parece ser, por cada uma das garotas em individual, ouço distante uma das *nossas monitoras* dizer "é a sua vez, o que quer fazer com ele?". Um breve silêncio e depois umas risadinhas, estalar de lábios e mais risadas. Até um "que delícia" é dito entre garotos e garotas.

A voz da mulher se aproxima, vou ficando nervosa e repito em minha mente: "levante a mão direita, Valentina".

— É a sua vez, o que quer fazer com ele? — A voz ressoa perto o bastante. E assim que sinto um toque em minha cintura tenho a certeza de que chegou a minha vez.

Levanto a mão direita, com a placa de "pera, uva e maçã", sou levada a dar mais um passo à frente.

— Estique o braço e faça o que escolheu — ela me instrui.

Atendo ao comando e ao esticar o braço encontro os braços também estendidos do garoto. Pego em sua mão, não faço a mínima ideia de quem seja, mas ao abraçar tenho a impressão de que ele seja alto. O *garoto* em questão me aperta forte em seus braços e começa a rir, deixando-me um tempo em seus braços, tanto que sou capaz de sentir uma fragrância forte e adocicada. Desfaço-me do seu abraço e às cegas procuro pelo seu rosto. E é aí que mora o perigo da brincadeira, pois mesmo escolhendo dar um beijo no rosto, pode acabar acontecendo na boca, por isso tateio sua face, confirmando em encontrar a bochecha e não a boca. Quando tenho certeza, ergo um pouco os pés e onde minha mão está dou o beijo, fazendo-o rir novamente.

Depois disso sou orientada a dar um passo para trás, em seguida sinto o deslizar de algo em meu peito — no local onde antes tive a sensação de que fora colado o que eu imaginei ser um adesivo —, e agora tenho a percepção de que pode ter sido uma caneta. Provável que seja uma forma de controle para saber quem brincou com quem.

É anunciado que a parte das garotas encerrou, e outra vez o público comemora, batendo palmas e fazendo algazarra. Enquanto isso, imagino estar sendo guiada de volta ao outro lado da pista, a mão vai me puxando e ao meu lado sinto o bater do corpo de uma das garotas.

Me levam de um lado para o outro, que chego a ficar tonta.

— Ok, tragam os garotos, agora! — o homem ao microfone anuncia.

Um falatório, assovios e sons de passos. Outra vez é pedido silêncio ao público, e a frase "é a sua vez, o que quer fazer com ela?" agora é dita por interlocutores masculinos.

Meu coração começa a bater acelerado, pois a escolha não está — literalmente — em minhas mãos, vez que as plaquinhas já foram retiradas delas.

A proporção que o som da fala com a temida frase vai se aproximando, vou ficando nervosa e temerosa, pois, ao que parece, os garotos são mais ousados. Ouço mais risadas e sons de beijos do que quando as garotas tinham o poder de escolha.

Tão logo identifico uma mão feminina pegando em meu braço e esticando-o para frente, ouço próximo um homem dizer:

— É a sua vez, o que quer fazer com ela?

A fração de segundo que leva para a mão do garoto encontrar a minha parece uma eternidade. Meu nervosismo aumenta e minha mente cria planos

instantâneos de como me livrar se ele tiver escolhido "salada mista".

Eu não posso dar meu primeiro beijo assim, não com um estranho, não se não for com Gustavo...

Sinto o toque em minha mão, meu coração acelera, mais do que em qualquer momento até aqui. O aperto é firme e eu reconheço de imediato o toque. Ele me envolve em seu abraço, ao sentir seu perfume não resta nem uma ponta de dúvida, repouso o queixo em seus ombros com a certeza de que o garoto é Gustavo.

Nossos corpos unidos sem nenhum espaço, coloca nossos corações para bater em uma velocidade frenética, junto um do outro. Sinto seu rosto acariciar o meu, preparo-me para receber seu beijo na bochecha, ele o faz, repousa seus lábios ali por um tempo e depois percorre com eles um caminho que vai se aproximando da minha boca. Gustavo para um segundo, sua mão se afunda em minha nuca, os dedos acariciam o local. Ele inspira fundo e volta a deslizar os lábios na minha pele, acaricia-me com a ponta do seu nariz, correspondo roçando-o com o meu. E nesse instante nossos lábios se tocam, mas ele não me beija. Instiga-me, prolongando o perpassar de seus lábios sobre os meus. Querendo mais que tudo sentir seu beijo, sua língua e seu gosto. Entreabro os lábios, dizendo sem qualquer palavra: "beije-me". E como sempre Gustavo me entende no silêncio. Assim, os lábios dele se afundam nos meus, sinto-os, quente, macio e suave.

O tempo para, nada mais existe nesse ápice, somente Gustavo e eu.

Estremeço, as batidas ensurdecedoras do meu coração parecem ecoar em cada parte do meu corpo, no estômago há aquela sensação — até aqui, desconhecida por mim — de borboletas batendo asas. Mas eu as sinto, são muitas, incontáveis borboletas. Uma revoada delas.

Sua língua se encontra com a minha, ela toma com posse, com desejo, com amor. Nossas bocas dançam no mesmo ritmo tal como o da música que dançamos antes, lento, gradual, envolvente, até que explode com força e intensidade.

Uma das mãos continua a afagar meu cabelo, no tempo em que Gustavo separa devagar os lábios dos meus. Com a outra permanece mantendo meu corpo junto ao dele.

Dou meu primeiro beijo, com meu primeiro e único amor.

Tenho certeza de que ele *é* e *será* para sempre, meu amor.

Arrancamos as vendas de nossos olhos ao mesmo e encontramos-nos um no olhar do outro, e entre as respirações irregulares, sorrimos.

— Vamos sair daqui, por favor?! — ele pede uma vez mais. Balanço a cabeça de maneira frenética dizendo que sim.

Gustavo agarra minha mão e saímos correndo, sem dar atenção a nada e a ninguém. Corremos entre o gramado repleto de lamparinas, o salto da sandália atrapalha, apoio-me em Gustavo e as tiro com pressa e voltamos a correr... Correr até encontrarmos um lugar afastado o suficiente, estamos cansados e quase sem ar para respirar.

Gustavo se senta, puxando-me pela cintura me leva com ele, rolamos pela grama, rindo, extasiados, inebriados e sedentos por mais, voltamos a nos beijar. Ora com ele sobre meu corpo, ora o meu corpo por cima do dele.

— Como você sabia? Como sabia que era eu? Estava conseguindo enxergar? — pergunto, puxando a cabeça para trás depois de um beijo.

Ele ergue a dele da grama, pescando meu lábio inferior, onde suga e mordisca.

— Eu sabia — diz, dando de ombros.

— Como? — insisto.

Gustavo gira-me, fazendo agora seu corpo ficar por cima do meu. Ele tira uma rama de grama do meu cabelo, deslizando-a em minha face.

— Eu saberia que era você, mesmo que estivesse a quilômetros de distância, Valentina.

Meneio a cabeça, querendo que ele fale mais.

— Apenas sinto. Sinto sua presença, seu perfume. Te sinto... aqui.

Ele pega em minha mão e a leva em seu peito, onde o seu coração emite batidas fortes e ritmadas. É tão lindo e sublime seu gesto. Depois se deita ao meu lado, aninhando-me nele. Encaramos a escuridão acima de nós e vemos de repente uma estrela cadente riscar o céu. Olhamo-nos sorrindo e surpresos com o fenômeno.

Sei que em silêncio ele fez um pedido e eu também o fiz. E qualquer que seja ele, confio que pedidos feitos diante de uma estrela cadente se realizam. Quando eu tinha 12 anos, vi uma, e pedi que eu pudesse viver um amor como os dos meus pais. E hoje, sei que meu pedido se realizou. O meu amor sempre esteve ao meu lado, eu só não sabia identificar que o que sempre senti por Gustavo era “esse tipo” de amor. Um que ultrapassa laços fraternos, e sim um amor entre um homem e uma mulher.

Gustavo me beija novamente e é como se fosse o primeiro.

Seja o primeiro beijo... o segundo e os seguintes, todos comprovam

que fomos feitos um para o outro e nascemos para nos amar daqui até a eternidade.

— Desejei tanto esse momento. Até pensei em tudo que queria te dizer, mas não consigo dizer nada, porque, Valentina... — Gustavo faz uma pausa em suas palavras e salpica vários beijos pelo meu rosto, lábios, testa — eu não consigo parar de beijar.

Cada cantinho da minha face recebe seus lábios.

E tudo que posso aproveitar do instante que ele me toma em seus braços, beijando-me ora suave e ora mais forte. Eu aproveito.

Sentimo-nos insaciáveis.

Durante um dos beijos, ouço uma voz feminina gritar, tenho a impressão de um pedido de socorro.

— Você ouviu isso?

— Meu coração batendo alto? — Gustavo brinca.

E então, de novo, a voz se sobressai, fazendo-me ficar alerta.

— Não deve ser nada. Alguma brincadeira, talvez — ele diz.

— Fogo! — a voz grita outra vez.

— Fogo! — repito, alarmada, ficando de pé. Gustavo me acompanha.

Começamos a olhar ao redor.

— Não vejo fumaça tampouco fogo...

— Fogo! Fogo!

Ouvimos nítido e perfeito. Meu coração dispara, pois eu reconheço a voz.

— Alice! — grito. — Ela está pedindo socorro!

— Meu Deus! Mas aonde? Aonde o incêndio?

Começamos a percorrer em volta tentando encontrá-la.

— Não é incêndio — esclareço. — É um pedido de socorro!

— Então ela deveria dizer socorro! — Gustavo fala enquanto continuamos a correr.

— Depois eu te explico!

Mas as palavras do conselho de minha mãe se formam em minha mente, fazendo-me lembrar o dia em que ela nos ensinou:

— *Crianças ao brincar, às vezes dizem socorro por nada, e por isso correm o risco de as pessoas não darem atenção quando for necessário. Então, quando vocês estiverem em qualquer situação de perigo, gritem “fogo”.*

Entenderam, meninas? Gritem o mais alto que puderem “fogo”!

— Fogo! — minha irmã grita, desesperada.

Ela está em perigo!

— Alice! Alice! — exclamo seu nome várias vezes.

— Valentina?! — ela chama pelo meu nome, meio como exclamação, meio como uma afirmação de que reconhece minha voz. Paramos de correr para identificar de onde sua voz vem. — Valentina!

— Estacionamento! — Gustavo avisa.

Voltamos a correr em direção e eu continuo a gritar por Alice e ela responder cada vez mais perto, até que a encontramos também correndo em nossa direção.

— Graças a Deus! — Seu corpo se choca com o meu. — Ma-Matheus — ela fala, hiperventilando e chorando.

— O que tem ele? — Gustavo e eu perguntamos.

— Lá, estacionamento. Estão batendo nele! — explica com dificuldade.

— Merda! — Gustavo xinga se põe a correr ainda mais. Ele segue a nossa frente e então entre os corredores formados de muitos veículos, com Alice tentando dizer onde ele está.

O encontramos. Ah, meu Deus! A cena é horrível. Um homem segura Matheus, enquanto o outro muito mais alto e forte que ele, o golpeia com socos. Gustavo avança para cima arrancando-o da frente de Matheus e começa a lhe transferir socos. Os dois brigam ferozmente, enquanto Matheus se desvencilha do outro e também começa a reagir.

Alice e eu vamos cada vez mais e perto e continuamos a clamar por ajuda.

— Segurança, socorro! — grito com toda minha força.

— Sujou, sujou! — o oponente de Gustavo avisa para o outro. — Vamos cair fora! Sujou!

Ele se solta de Gustavo, mas o que está com Matheus permanece a brigar.

— Já chega! Vamos embora. Estamos com os bolsos cheios de porcaria, se nos pegarem, estamos fodidos!

O maldito puxa seu amigo, afastando-o de Matheus. E os dois se enfiam num carro, dão partida e saem cantando pneus.

Alcançamos Gustavo e Matheus, eles estão feridos, o que posso

constatar no rápido momento é que Matheus está mais. Também pudera, coitado. Apanhou de dois.

— Um era o cara que eu estava conversando, ele parecia gente boa — Alice fala.

Lágrimas lavam o seu rosto, percebo seu cabelo todo desgrenhado.

— Desgraçados! — Matheus cospe o sangue em sua boca.

— Como isso aconteceu? Por que eles te pegaram? — Gustavo pergunta, apoiando as mãos no joelho. Junto-me a ele, pego em seu rosto, ele está com um corte no supercílio.

— Esse babaca — Alice explica, chorosa, indo até Matheus. — Quis me defender e partiu para cima dos dois brutamontes, sozinho. Machucou? Deixa eu ver...

Ela segura o rosto dele com pesar. Um olho do Matheus está quase fechado. E o hematoma é evidente.

— Deveria ter chamado por ajuda, poxa Matheus!

Alice se põe a chorar ainda mais, enquanto passa a mão pelo rosto, ombros e braços dele. Sei que está sentindo-se culpada.

— O tempo que eu fosse pedir ajuda, o cara teria enfiado a língua dentro da sua boca, mesmo você dizendo que não queria — Matheus esbraveja, mas assim como Alice ele tem o pesar no tom de voz.

Olho com pena para Alice e Matheus, e depois para Gustavo, passando o dedo perto do seu corte.

— Estou bem — Gustavo assegura, acalmando-me, e me abraçando em seguida.

— Me desculpe, Matheus — minha irmã diz, arrependida. — Você está sangrando e a culpa é minha.

Ela funga algumas vezes, soluçando de maneira dolorosa.

— Não me importo, o que importa é que ele não conseguiu o que queria. — Matheus toca o rosto de Alice, enxugando as lágrimas dela.

Pânico me assume ao dar conta da situação. O que de fato aconteceu com Alice antes de Matheus...

— Alice?! Aquelas caras, eles... eles? — Mal consigo pronunciar o que quero perguntar.

— Nã-não — afirma. — Matheus chegou e impediu que qualquer mal me acontecesse.

— Meu Deus, Ali. — Abraço-a forte.

Em meus braços ela começa a se acalmar, seu choro diminui, então volta para Matheus.

— Deveria ter ouvido seu conselho, Matheus. E nada disso teria acontecido.

— Não, Alice. O que você não deve é ter que passar por isso. Nenhuma garota deve. O cara tem que ser homem suficiente para aceitar um “não” e não insistir.

— Obrigada, Matheus. — Alice segura-o pelo rosto e afaga seu cabelo.

— Não precisa agradecer, Alicinha — ele responde, fazendo graça. E qual é a minha surpresa ao *ver* um sorriso em sua face machucada, e maior surpresa ainda, por *não ver* Alice ralar com ele ao ser chamada de “Alicinha”. Também pudera, ele a salvou.

Os dois se abraçam forte, ao meu lado Gustavo faz o mesmo.

Emociono-me diante do pavor que acabamos de passar e do gesto de carinho e amizade que envolve a nós quatro.

Agradeço a Deus por Ele ter permitido que Alice tivesse um anjo ao seu lado quando mais precisou. Matheus, cujo nome significa “presente de Deus”.

— Precisamos cuidar dos seus ferimentos, amigo! — Gustavo fala.

— Não está tão mal assim, está? — Matheus faz uma careta.

— Está sim — Gustavo confirma.

— Se colocarmos os pés na clínica, nessa situação, nossos pais serão avisados na mesma hora. E aí vai ser aquele alvoroço — Alice comenta.

— Você tem razão, Ali. Eles ficarão em pânico — concordo.

— Vem, vamos dar o fora daqui. No caminho a gente vê aonde vai — Gustavo sugere.

— Valentina, e o segurança por quem você gritou socorro? Nem apareceu! Gente, como pode isso? — Alice pergunta já no carro, a caminho do pronto atendimento público que decidimos ir.

— Não apareceu porque não tinha nenhum. Apenas falei aquilo para esquivar os caras — explico.

Ao meu lado, Gustavo transfere um olhar para mim, franzindo o cenho.

— A gente daria conta daqueles idiotas, não daria, Matheus?

Ele transfere o olhar para o retrovisor, em busca do amigo.

— Claro que sim! Com a briga de igual para igual, teríamos acabado com eles — Matheus responde.

— Não duvido disso, meninos. Mas foi melhor assim! — falo, sem tirar o mérito dos nossos protetores.

Os dois sorriem, satisfeitos.

No caminho para casa, Gustavo toma minha mão de maneira sorrateira e a leva à boca, beijando-a, em seguida a repousa em sua coxa. Dou a ele um olhar inquieto por Alice estar atrás no banco, mas então ele sinaliza para que eu olhe para ela.

— Percebi que Alice está assim desde que voltou para o carro, depois de acompanhar Matheus até a portaria do prédio — ele cochicha.

Pelo espelho retrovisor a vejo encolhida no canto do carro, com a cabeça encostada na janela, os olhos fechados, mas não parece estar dormindo, pois seus lábios estão, ainda que mínimo, curvados em um sorriso.

Algo aconteceu.

Aliás, muitas coisas aconteceram em nossa primeira noite de festa.



O relógio marca meia noite assim que minha irmã e eu ultrapassamos a porta de casa.

Nossos pais nos esperam na sala, sonolentos, e se erguem do sofá ao nos ver. Aproveitamos o ensejo e também comentamos que estamos caindo de sono e vamos dormir. Por sorte eles demonstram tamanho cansaço que não exigem detalhes da festa, apenas se despedem desejando boa-noite. Mas antes mamãe nos dá uma conferida por uns instantes e deixa o olhar correr entre Alice e eu.

— Amanhã quero saber de tudo — cochicha, beijando-nos, e segue para o quarto.

Respiramos aliviadas.

Na ponta da escada olho para Alice.

— Eu preciso te contar uma coisa — digo.

— Eu sei. É sobre o Gustavo, não é? — Alice pergunta em tom de segredo, encolhendo o rosto para perto do meu.

— Como você sabe? — sussurro diante do azul lindo de seus olhos.

— Eu vi o clima de vocês na pista de dança, aliás, clima que não é de hoje, Valentina.

Ela repuxa o canto dos lábios, com ar sabichão. Mas ela não sabe nem a metade dos fatos, a considerar que estava passando por maus bocados quando Gustavo e eu protagonizamos um beijo na frente de todos.

— Estou com medo, assustada. Mas feliz...

Abafo uma risada.

— Eu sei.

Ela me abraça e começamos a subir os degraus, apoiando-se uma no ombro da outra.

— Dorme comigo? — peço.

— Na minha cama ou na sua? — ela pergunta.

— Pode ser na sua.

— Valentina... também preciso te contar uma coisa. — Alice para no último degrau. — Eu gosto do Matheus — confessa, encabulada.

— Eu sei — digo.

Voltamos a caminhar até a porta do banheiro, que fica entre meu quarto e o dela.

— A gente se beijou — declara com um sorriso tímido.

— Imaginei. — Toco-lhe a ponta do nariz e abro a porta.

— Ei, aqui é o banheiro e não o meu quarto! — Alice franze a testa.

— Sei disso! — digo, categórica. — Ou você acha que vamos dormir sem tomar banho?

— De jeito nenhum, sou limpinha! *Valen*, banho eu tomo! Mas não quero escovar os dentes, para não tirar o gostinho.

— Eu também — revelo em seguida.

— Acho que quando fizeram o curativo em Matheus, deram enxaguante bucal para ele passar na boca, estava com hálito tão refrescante.

Alice começa a rir com os dedos nos lábios.

Enfio-a para dentro de banheiro e fecho a porta atrás de nós.

— Espere aí. — Alice arregala os olhos. — Vocês se beijaram?

É a minha vez de rir com os dedos nos lábios e, ao fazer isso, a memória recente me leva ao beijo rápido que Gustavo me deu, dentro do carro, ao nos despedir, cuidando para que Alice não visse.

Mas por sorte, agora não precisarei mais ocultar isso dela.

Abraçamo-nos em cumplicidade e alegria.

— Te amo — dizemos ao mesmo tempo, dando um beijinho de esquimó.



Gustavo

— Gustavo? — Ouço minha mãe chamar ao entrar no quarto.

— Aqui! — respondo de dentro do banheiro, onde instantes antes tomei uma ducha fria para espantar o sono.

O dia estava amanhecendo quando consegui pregar os olhos, tudo porque fiquei sonhando acordado, relembrando cada beijo que dei em Valentina, principalmente o primeiro deles, a forma tão única e mágica como aconteceu, superou todas as minhas expectativas.

As poucas horas que dormi até que o alarme de meu celular soasse não foram suficientes. Banho gelado ajuda a me manter desperto.

Termino de me secar, enrolo a toalha na cintura, atravesso a porta do banheiro e encontro minha mãe no centro do quarto, próximo à minha — espaçosa — cama de casal, que possui em cima dela um emaranhado de travesseiros e lençóis que se fundem em vários tons de azul escuro.

— Bom dia, querido! — fala com carinho, vindo ao meu encontro.

— Ei, mãe! — Agarro-a de surpresa em um abraço apertado, erguendo seus pés do chão.

Ela reclama dizendo que estou molhado, e para provocá-la passo o cabelo, que de fato está mesmo bem molhado, por seus rosto e pescoço.

— Gustavo, seu filho mãe! — xinga-me.

Arregalo os olhos e deixo a boca aberta em um grande “O”. Mas não me surpreendo de verdade. De vez *em sempre*, dona Melissa Magno Marquezzi Dutra, solta “Gustavo, seu filho da mãe!”

— Minha mãe é uma Santa! — exclamo, dando a ela a resposta de sempre.

— Concordo! — E ela dá a dela de sempre.

Começamos a gargalhar enquanto encho de beijos suas bochechas.

Mesmo que a noite de sono tenha sido curta, meu bom humor está em um nível estratosférico. Sinto-me tocando as nuvens de tanta alegria.

— Uau! Pelo visto a festa foi boa! — ela diz enquanto giro seu corpo no ar.

— Boa, não. Foi ótima! — afirmo, pousando-a no chão

Ostento um sorriso que vai de orelha a orelha, que promove o mesmo em minha mãe.

— Ei, mocinho! — Ela enruga a testa e seu sorriso some. — O que é esse corte no seu supercílio? — pergunta-me, alarmada.

— Ah, isso não é nada não, mãe.

Passo a mão no local dolorido, que em nada implica no quão bem estou me sentindo.

— Como não, Gustavo? Já te pedi tanto para não se meter em briga! — ela diz num tom que mistura bronca com preocupação.

— Fui defender um amigo, que por sua vez, estava defendendo uma amiga — justifico.

— O que aconteceu? Explica isso direito, Gustavo.

Coço a cabeça, pensando em que vou dizer, suspeito que o assunto não será ocultado por Valentina e Alice aos pais, então decido contar a minha mãe o que houve. Evito dar muitos detalhes, digo apenas que foram uns caras que importunaram Alice e que Matheus a defendeu. Mas que acabou dando em briga e por isso tive de me envolver. Minha mãe fica preocupada em saber se as meninas estão bem, tranquilizo-a informando que nada de mal aconteceu a elas.

— Bom, sendo assim, tudo bem. Mas cuide-se! Não quero você brigando por aí. É perigoso, filho.

Assinto, dando-lhe um beijo demorado em sua bochecha, acalmando seu coração preocupado de mãe.

— Seu pai e eu estamos de saída para a casa da vó Luiza, quero saber se vem conosco ou no seu carro? — pergunta-me.

— Vou de carro, depois quero passar na casa do Matheus para conferir como ele está.

— Está bem, filho. Nos vemos em breve. E cuide-se, coloque um esparadrapo no corte. Quer que eu pegue para você? — oferece, tocando minha testa próximo ao local machucado.

— Pode deixar que eu cuido disso, mãe. Obrigado!

Ela se afasta para a porta e eu para o armário em busca de roupas para vestir, mas eis que lembro-me de lhe fazer um pedido.

— Mãe? — chamo-a. Ela me dá a sua atenção. — No almoço, não comenta nada. A não ser que o tio Leo diga algo a respeito. Tudo bem?

— Tudo bem. — Ela sorri. — Prevejo meu irmão ganhando muitos fios brancos de cabelo, agora com as meninas começando a sair — comenta com um ar engraçado.

Confirmo sorrindo, mas em meus pensamentos não há sorriso, e sim preocupação. Tio Leo não vai gostar nada do que aconteceu. E é bem provável que depois desse episódio as meninas levem mais alguns anos para sair para uma festa.



Assim que chego à casa da minha vó, constato que Valentina ainda não está. Permaneço alguns instantes olhando a água que jorra no chafariz que fica no centro do jardim da frente.

Contemplo a beleza e o clima do dia ensolarado, a camiseta que coloquei combina com o céu, que está em tom de azul claro, e o fato de não ter uma nuvem sequer nele, os raios de sol brilham com intensidade projetando-se livre por toda a parte. Inspiro a brisa que traz o perfume de jasmim, oriundo das várias árvores dessa flor espalhadas pelo jardim.

Fecho os olhos e a imagem de Valentina se faz em meus pensamentos. Ela é tão delicada, branquinha e cheirosa como um jasmim. Seu perfume, assim como o da flor, é sentido de longe, e foi o que me fez ter a certeza que a garota que estava diante de mim na brincadeira. Era ela.

Ao tocar sua mão soube que ela também me reconheceu e assim que a abracei e senti seu corpo relaxado junto ao meu, outra certeza se fez: eu a beijaria. Foi meu primeiro beijo da vida e foi o dela também. Até então nunca tinha desejado beijar uma garota, pois sem ter consciência, era pelos lábios de Valentina que eu aguardava. E assim que tive consciência disto — vendo crescer em mim este sentimento e desejo de proporções incontroláveis —, tudo que poderia acontecer era permitir que déssemos nosso primeiro beijo juntos.

Só espero que o nascer de um novo dia, não tenha mudado em nada os

pensamentos de Valentina em relação a nós. Desejo mais que tudo que ela nos permita dar tantos outros beijos, pelos dias vindouros de nossas vidas. Deixo a parte externa da casa, certo de que farei Valentina saber que é isso que eu quero, assim que ela chegar aqui.

— O que a senhora está preparando, vó? — pergunto, envolvendo-a com meus braços. Ela está diante do fogão, concentrada, mexendo algo numa panela, que, por sua vez, está dentro de outra panela com água.

— Oi, meu amor. — Ela vira rosto para o lado, alcançando minha bochecha em um beijo. Com o queixo apoiado em seu ombro, estico o olhar para dentro da panela e... *Hum chocolate*. — Estou derretendo essa barra de chocolate para usar numa sobremesa com morangos, pois sei que vocês adoram.

— Que delícia, vó! Vai ficar ótimo! — Devolvo o beijo que me deu, e me ponho ao seu lado, observando-a com ternura. Uma senhora que já passa dos 70 anos, mas com tamanho vigor que é de dar inveja a qualquer pessoa.

Seus olhos verdes esmeraldas continuam com um brilho e entusiasmo de quem ama demais a vida e por muitos anos ainda deseja desfrutar dela. Vaidosa, sempre mantém os cabelos bem arrumados, e se preocupa em mantê-los tingidos com a cor castanho escuro, escondendo os fios brancos que a idade lhe trouxe.

— Vamos, não fique aí parado! Lave as mãos e me ajude a mergulhar os morangos no chocolate — vó Luiza comanda.

— Sim, senhora! — obedeço, vislumbrando seu semblante animado. Ela sempre gosta de companhia na cozinha, do mesmo modo que adora estar nela preparando comidas deliciosas para nos oferecer com tanto amor.

Partimos para uma espaçosa mesa que fica no centro da cozinha, onde um a um dos morangos são afundados no chocolate derretido e depois depositados em refratários retangulares forrados com papel manteiga. Enquanto isso, Ida, a cozinheira que há muitos anos trabalha aqui, se ocupa com o resto dos preparativos do almoço. Aos domingos é de praxe que venhamos almoçar na casa dela. Quando não, ela vai na casa de um dos filhos. De todo jeito, a família se reúne aos domingos.

Vó Luiza não se casou depois que se separou do vô Henrique, tampouco manteve algum outro relacionamento. Ocupou-se em dedicar sua atenção à mãe — minha bisavó Laura — e à avó de tia Maria Luiza, Rita, que moraram com ela nesta casa, até falecerem, o que incidiu uma no ano seguinte da outra. Quando isso aconteceu eu tinha entre 6 e 7 anos, e apesar de me sentir triste com a partida das duas e por ver a tristeza entre meus familiares, ainda assim, não foi maior quando meu tio avô, Miguel, o pai de Maria Luiza, faleceu.

Foi um verdadeiro baque, pois ele não estava doente, nem nada. Numa

manhã, quando vó Luiza foi até o quarto de seu irmão, o encontrou sem vida na cama. Como testemunha da cena, contou que sua serenidade era tamanha, que podia-se dizer que ele estava dormindo, mas o coração já havia parado de bater, ou como tia Malu disse à época, “*o coração dele foi bater junto ao de sua amada, Cecília*”, e quem sabe, por pensar assim, a notícia da morte do pai, foi assimilada por ela com muito pesar e choro, claro, mas não houve desespero. E em todos os momentos que ela chorou, despedindo-se do pai, tio Leo a acolheu em seus braços.

Por ter uma idade mais avançada, 14 anos, e assim ter exata noção do que a morte representa e por gostar muito de Miguel, experimentei o amargo de uma tristeza maior com a partida dele. Sem contar que Valentina, que era muito apegada a ele, sofreu muito. Nunca tinha visto-a chorar tanto, nunca tinha visto o sorriso em seus lábios sumir por tanto tempo, e tudo que podia fazer por ela era oferecer minha companhia e da mesma forma que tio Leo fez com tia Malu, dei a Valentina meu abraço e permiti que ela chorasse nele.

Foi uma fase bem difícil que nossa família enfrentou, depois de perdermos Miguel, tivemos também o falecimento do vô Henrique, que não diferente, foi sentida por todos. Porém, a de Miguel foi, particularmente, a mais dolorida. Ele fazia não fazia só o papel de avô de Valentina, Alice e Gaetano, mas fazia o meu também. A ausência do meu vô Henrique, transformou-o em minha referência de avô. Conto ainda, com meus avós paternos, que são importantes e eu os amo muito, mas minha relação com o lado materno da família é mais forte.

Vó Luiza dispensa comentários. Carinhosa, amiga, divertida, sempre disposta a fazer tudo para nos ver felizes. Apesar dos pesares, ela toca a vida com leveza, doando sua atenção à família e suas atividades no orfanato e no instituto que tia Malu criou. E é nele que ela trabalha todos os dias, auxiliando assim, minha tia — que soma a função de presidente da clínica —, a gerenciar o instituto.

Dizem que aprendemos a conviver com as dores que a vida nos traz, tenho certeza que vó Luiza aprendeu a conviver com as dela, e até superá-las, com as alegrias que a vida lhe deu em contrapartida. Seu sorriso se estende nos lábios quando nota meus dedos com mais chocolate que o próprio morango.

— Cuidado para não se sujar — ela avisa, ciente de que sou campeão em conseguir sempre deixar alguma comida cair na roupa.

— Estou cuidando — comunico, rindo de mim mesmo.

Depois de ter uma porção de morangos espalhados em dois dos refratários, chegamos ao fim da missão de prepará-los. Penso o quanto Valentina vai adorar, afinal ela gosta de morango, e com chocolate, então... Posso imaginá-

la se esbaldando neles.

Meus olhos se aguçam diante de tantos morangos, aproveito para provar um quando vó Luiza dá as costas, indo até a geladeira para guardar uma das formas. Nesse instante ouço o som de vozes que vêm da sala, onde meus pais estão e até agora estava silencioso.

Ela chegou!, meu coração avisa.

Me apresso em lavar as mãos e ir ao encontro de Valentina, sobre a mesa pego um pano de louça e as seco com pressa. Vó Luiza retorna para pegar a outra forma.

— Está faltando um morango aqui! — diz, de cenho franzido.

— Agora, dois! — Cato outro morango.

— Seu danadinho! — ralha comigo, enquanto deixo a cozinha com o morango escondido em um guardanapo.

Surjo na sala no momento em que Valentina está abraçando minha mãe. Estão todos cumprimentando-se, assim que ela vê, os lábios formam um sorriso com um biquinho tímido. Valentina está linda, ou melhor, ela é linda com qualquer roupa que usa. O dia de temperatura elevada a fez colocar *shorts* jeans branco desfiado nas pontas, e penso em como estamos em sintonia, já que minha bermuda também é jeans e de cor branca. A blusa num tom rosa claro, de alças, demonstra a leveza do tecido conforme ela se movimenta.

Ela começa a caminhar em minha direção, ao passo que também sigo na dela. Encontramo-nos no meio do caminho.

— Vem comigo — digo, envolvendo sua mão na minha.

— Gustavo... — ela murmura, receosa, olhando sobre os ombros, conferindo nossos pais no centro na sala.

— Vem! — sibilo, puxando-a.

Avançamos para o corredor que foge da vista da sala, penso rápido num lugar escondido e nada melhor que o quartinho que fica embaixo da escada, que sempre fora um dos nossos esconderijos quando brincávamos de esconder.

Abro a porta veneziana de madeira, fitando os olhos curiosos de Valentina.

— Entre — falo.

Preocupada, ela hesita. Agarro-a pela cintura, puxando-a para dentro e fechando a porta com o trinco. A luz aqui dentro é pouca, a única iluminação vem da claridade que passa entre os vãos da porta, o que é o suficiente. Por isso, não me preocupo em acender a luz, evitando, inclusive, que nossa sombra se projete para fora.

— O que está fazendo? — Valentina cochicha.

Aproximo-me o suficiente, fazendo-a encostar na parede atrás de si,

vou até seu pescoço e inalo fundo seu perfume e deposito um beijo ali, do jeito que sempre desejei poder fazer. Valentina suspira e perpassa o rosto em meu maxilar, fazendo-me saber que seus pensamentos em relação a nós não mudaram em nada, desde ontem à noite.

— Feche os olhos — peço e me afasto alguns centímetros.

— Salada mista? — ela indaga, com um sorriso travesso.

— Feche os olhos, Valentina — insisto no pedido, sussurrando as palavras em seu ouvido. Posso sentir o estremecer do seu corpo e atendendo ao que lhe peço, ela os fecha.

Assim que os cílios superiores se encontram com os inferiores, admiro por alguns segundos em silêncio a beleza de sua face. As sobrancelhas de fios grossos de cor escura que contrasta com pele clara possuem um desenho lindo curvados ao final delas, e sempre que Valentina estica os olhos, as sobrancelhas tornam-se ainda mais curvadas, os longos e volumosos cílios acompanham a cor das sobrancelhas. Os lábios hoje estão desprovidos do tom vermelho, há apenas um brilho neles que reconheço, é do brilho labial que ela usa desde menina. Já a vi passando sobre os lábios algumas vezes, e diferente dos batons comuns, este, o produto fica dentro de uma embalagem em formato de morango, a fragrância imita ao da fruta, resta-me saber se o gosto também.

— Abre a boca. — Toco de leve em seu queixo com a mão livre, a outra permanece segurando com cuidado o morango.

Seu queixo, assim como o nariz, é pequenino e delicado igual ao uma bonequinha de porcelana, da mesma forma que Valentina é por completo — frágil e delicada como uma porcelana fina.

Desvencilho o morango do embrulho do guardanapo e o levo diante dos lábios entreabertos de Valentina, mas não coloco-o direto dentro da boca. Antes, deslizo-o em seus lábios. Valentina permanece de olhos fechados, cada vez que tracejo o desenho de sua boca com o morango, sinto sua respiração se tornar mais densa e seu peito subir e descer com afinco, e à medida que vejo sua língua indo em busca do sabor — fazendo o mesmo percurso que o morango em seus lábios —, torno-me tenso e as chamas da excitação começam a me queimar.

— Morde — sussurro, repousando, por fim, a fruta com chocolate em seus lábios.

Prendo a respiração ao ver o movimento calmo que Valentina faz ao cravar os dentes no morango. O suco vermelho que escorre dele junta-se ao brilho de seus lábios. Ela o lambe antes que o líquido avance para o queixo.

Vou à loucura!

Cansado de ver, decido sentir. Fecho os olhos e capturo sua boca na

minha, sugando seus lábios enquanto ela termina de mastigar, e logo em seguida nossas línguas se encontram, dando-me o prazer de sorver todo o sabor do morango com chocolate direto dela.

O ritmo do beijo se torna frenético, acompanhando os movimentos dos dedos de Valentina percorrendo os fios do meu cabelo. Ela os bagunça por inteiro, puxa, ofega, e eu a beijo ainda mais, deixando minha mão agarrada em sua cintura, e com meu corpo a pressiono contra a parede. Trago o morango ao centro de nossas bocas, e juntos, mordemos a fruta permitindo que nossos lábios permaneçam unidos ao passo que fazemos dela em mil pedaços. Já eu, torno-me inteiro por ter Valentina em meus braços, por tê-la dessa forma livre e disposta a sentir e viver a experiência — até aqui — mais excitante de nossas vidas. Não que os beijos de ontem à noite não tenham me levado a consumir em desejo. Fizeram-me isso, também, mas o efeito mágico do sonho em beijá-la era ainda maior.

E, por Deus!

Hoje essa mistura de magia com sensualidade elevou nossos corpos ao máximo das chamas do desejo.

— Minha nossa, Gustavo! É melhor parar... — A voz de Valentina ressoa baixa e ofegante entre a pausa de um beijo.

Encontro seu olhar agitado, sua face diante da minha está fervendo com o rubor, e é bem provável que a barba crescida de ontem para hoje tenha colaborado para isso. Ela se solta dos meus braços, passa as mãos pelos fios do cabelo e depois pelos lábios.

— Me dê isso aqui. — Valentina toma o mísero pedaço do morango que sobrou, enfia na boca e vai se sentar numa poltrona antiga que vó Luiza guarda neste lugar com outras quinquilharias.

O espaço é pequeno e quase sem ventilação alguma. Associado a isso, todo calor que tomou conta de mim fez uma fina camada de suor se formar em minha testa. Enxugo-a, observando Valentina. Ela mastiga o tal pedaço da fruta várias vezes, que pelo tamanho, suspeito que nem precisaria tanto.

— Tá tudo, bem? — pergunto, perscrutando seu semblante que tomou um ar sério.

Esfrego a nuca, pensando se, talvez, não tenha me excedido.

— Sim.

Ela sopra a resposta com um sorriso, e isso me acalma.

Ajoelho-me diante dela, pego sua mão, e a beijo de maneira suave.

— Desculpe-me se...

— *Shhh* — Valentina silencia-me colocando os dedos sobre meus lábios. E depois a leva para a lateral do meu rosto. — Foi incrível! E você não

precisa pedir desculpas ou se preocupar com nada. Eu adorei — declara com convicção. — Só estou tomando fôlego e... assimilando tudo isso — completa.

Respiro aliviado.

— Eu também adorei, Valentina! — Acaricio sua mão com a minha.

— Alguém viu o Gustavo? Preciso falar com ele. — A voz de tio Leonardo ecoa no corredor e pela porta vimos sua sombra.

Arregalamos os olhos, Valentina se põe de pé e eu também.

— Ah, meu Deus! E agora? — ela indaga, entredentes.

Agora? Agora, deu merda!

— Eu o vi indo para o jardim dos fundos.

A resposta é dada por Alice.

— Obrigado, filha! — tio Leo diz, se afastando, fazendo sumir a sombra dele da porta.

Soltamos o ar que estava prensado durante os segundos de preocupação, mas então uma leve batida na porta nos faz travar o ar de novo.

— Barra limpa!

O aviso parte, de novo, de Alice, e outra vez voltamos a respirar.

— Eu vou sair. — Valentina corre para porta.

— Espera! — Seguro em seu braço.

— O que seu pai sabe de ontem? Contaram da briga? — investigo rápido.

— Sim, mas sem muitos detalhes, e só fizemos no carro, quando estávamos vindo para cá.

— Perfeito.

— Falando nisso, e o corte? Doendo muito? — Valentina toca no esparadrapo que coloquei antes de sair de casa.

— Nada. Não se preocupe com isso.

Ela sorri e se vira para a porta, seguro-a de novo.

— Alice, ela...

— Sabe de nós — Valentina completa.

E o fato de ela dizer essa única palavra “nós” me faz sentir uma sensação tão boa quanto ao de beijá-la, pois remete a um elo que parece ter sido criado recente. Elo este, diferente do que já possuímos.

Beijo-lhe uma vez mais, antes que ela abra a porta, e quando o faz, certifica-se de abrir devagar, espiando primeiro.

— Barra limpa — Alice repete o aviso, cochichando. E à medida que a porta se abre por completo, eu a vejo.

Diante de Alice, com uma expressão que diz “eu sei o que vocês estavam fazendo”, sinto-me por alguma razão, envergonhado.

— Por Deus, arrumem essas caras, ou melhor, esses cabelos! — Alice avisa firme.

Passo as mãos pelo cabelo, rosto, e roupas ao meu lado, Valentina faz o mesmo. Alice começa a rir baixinho.

— Ah, você está aí! — Tio Leonardo surge diante de nós.

— Oi, tio — pigarreio. — Eu estava no... banheiro. — Aponto com o polegar sobre os ombros para o fundo do corredor, onde, por toda sorte, tem mesmo um banheiro.

— Precisamos conversar. Vamos até a sala — ele diz, enfático, nos dando as costas.

Valentina, Alice e eu nos entreolhamos alarmados.

— Deve ser sobre a briga — Alice supõe.

— Deve. Por isso, vamos participar dessa conversa também — Valentina completa, pegando na mão de Alice.

— Sem detalhes, é isso? — confirmo com as duas.

— Isso! — elas respondem.

No curto trajeto de onde estamos até a sala, desejo que o assunto seja mesmo a briga, e não outro.

Tio Leonardo aguarda sentado numa das poltronas da sala folheando o jornal, o vinco em sua testa não é uma expressão brava. Acredito que seja mais preocupação do que qualquer outra coisa.

— Pai — Valentina fala, chamando sua atenção. — Se o assunto da conversa é sobre o que aconteceu ontem, é justo que Alice e eu...

— Participem da conversa — tio Leo termina a frase, transitando o olhar entre nós três. — Sentem-se — pede, dobrando o jornal e colocando-o de lado.

Ocupo a ponta do sofá perto da poltrona em que ele está e seguido por mim estão Valentina e Alice.

— As meninas me contaram sobre a briga. Como você está? — pergunta-me, apontando para o curativo.

— Estou bem, não foi um corte relevante.

— Certo. E o outro garoto, o Matheus? Como ele está?

Olho com o canto dos olhos para as meninas e depois respondo:

— Ele se machucou um pouco mais.

— Pai, nós já explicamos isso. A briga começou com o Matheus e depois Gustavo foi ajudar — Alice interpõe, seu tom de voz soa receoso.

— Entendi, só estou querendo saber como o garoto está — tio Leonardo diz, justificando-se.

— Não falei com ele hoje, mas pretendo lhe fazer uma visita mais

tarde — conto.

— Faça isso, por favor. Me avise como ele está e também coloque a clínica à disposição para o que ele precisar.

Ao falar, tio Leonardo imprime um ar preocupado.

— Tudo bem, tio, pode deixar — asseguro-lhe.

— Obrigada, pai — as meninas dizem, uma seguida da outra.

— Agora me diga uma coisa, Gustavo. — Ele inclina o corpo para frente, encarando-me sério. — Aonde você estava, que não viu a confusão se formar? Pedi para você ficar de olho nelas, justo porque temia que algo assim pudesse acontecer.

Ele não é ríspido ao dizer, ao contrário, seu tom beira a decepção.

Merda! Eu falhei com ele!

Organizo rápido o que vou dizer, sem contar que estava participando da brincadeira que me levaria a beijar Valentina, bem como não comentar que Alice foi um tanto negligente em se afastar do movimento da festa com o cara que ela não conhecia.

— Bom, tio, é que...

— Pai — Valentina interrompe-me, tocando em meu braço. Ela projeta o corpo um pouco para frente, a fim de olhar direto para o pai. — Não leve a mal o que vou dizer agora, mas Alice e eu não somos mais crianças, e sendo assim, temos a responsabilidade de nossos atos. E não Gustavo.

Suas palavras são recebidas com uma expressão surpresa, tanto por mim quanto pelo meu tio.

— É, pai — Alice ratifica

Vejo a mão delas unidas, como se uma tomasse coragem na outra para falarem o que pensam.

Valentina transfere um olhar para irmã e depois para o pai e em seguida torna a expor:

— Nós já lhe contamos como aconteceu, foi tudo muito rápido. Nenhum de nós três teve culpa, e sim o rapaz que não aceitou o “não” que Alice deu a ele.

— Alice não tinha que ter ficando conversando com um estranho — tio Leonardo emenda a resposta.

Noto Alice se encolher no sofá e Valentina apertar sua mão.

— Sim, e a Alice já aprendeu isso — Valentina diz com segurança. — Mas ainda assim, numa festa é normal conversar com outras pessoas, e não só com aquelas que conhecemos.

Meu tio se remexe na poltrona, passa a mão pela barba e lança um olhar manso para Valentina e Alice.

— Eu me preocupo com vocês — diz com a voz baixa.

Tudo que vejo aqui é um pai preocupado com as filhas que tanto ama, e apesar de no início da conversa ele estar com semblante fechado, no fundo não passava de apreensão.

— Sim, nós entendemos e o respeitamos, pedimos desculpas por deixá-lo preocupado e é certo que tiramos aprendizado do que aconteceu — Alice discorre, percebo suas sobrancelhas unirem-se, imprimindo arrependimento.

— Isso mesmo, pai — é a vez de Valentina ratificar as palavras da irmã.

— Tio, também lhe peço desculpas — digo, sincero.
Ele nos olha sorrindo.

— Estou aqui recordando de quando vocês eram crianças e aprontavam algo, depois se juntavam em defesa um do outro. Continuam iguais.

Tio Leonardo balança a cabeça de um lado para o outro e seu sorriso e se transforma numa risada. Acabamos rindo também, Valentina pega minha mão e junta na dela e de Alice, nos olhamos, respirando fundo, sentindo que a conversa começa a tomar leveza.

— Acho que poderíamos encerrar este assunto — Valentina fala, mantendo o tom pacífico que usou desde então. — Da mesma forma que você, pai, deveria encerrar esse costume de colocar Gustavo numa posição que não lhe compete. Se ele nos acompanha em uma festa é também para se divertir e não ficar o tempo todo se preocupando comigo ou com Alice.

Olho para elas.

— Não me importo de ter que fazer isso — declaro.

— Sabemos disso, Gustavo. E pode, claro, sempre nos fazer companhia, mas não ter que possuir responsabilidades sobre nós. — Valentina interpõe com afabilidade, olhando para mim e depois para tio Leonardo. — Tudo bem, pai?

Ele se ergue da poltrona e vem até nós, capto o orgulho e compreensão em seu olhar.

— Tudo bem, filha. Você tem razão. Obrigado por me fazer enxergar a situação de outra forma.

— Nós te amamos, pai.

As duas o abraçam, tio Leonardo fecha os olhos sentindo o carinho das filhas, e logo depois estende a mão, me levando para fazer parte do abraço. Ficamos um tempo assim até Alice bradar:

— Estou com fome! Vamos ver o que tem para o almoço? — Ela agarra na mão de Valentina e as duas saem abraçada em direção à cozinha.

— Não é à toa que dei o apelido de menina valente a ela — tio Leonardo murmura.

— Pois é! — Ergo os ombros ao dizer.

— Sei que elas são responsáveis, mas é impossível não me preocupar. Afinal, são as minhas menininhas.

— Entendo sua preocupação, tio.

Ele leva a mão até meu ombro, curva o canto dos lábios e diz:

— Você pode até compreender, mas só vai entender mesmo, quando tiver uma filha na idade das minhas, e ter que aceitar que elas cresceram. E, principalmente, com essa idade é muito provável que um maldito filho da mãe esteja doidinho para fazer coisas com elas que eu nem me permito imaginar.

Engulo em seco diante da seriedade de suas palavras.

— Mas talvez, tio, ele não seja um filho da mãe, pois pode ser que ele a ame de verdade. O que faz dele um bom rapaz — arrisco dizer.

Tio Leonardo meneia a cabeça com um sorriso sarcástico.

— Ainda assim, não deixa de ser um filho da mãe.

Ao dizer ele aperta com força meu ombro e em seguida me deixa sozinho na sala.

Constato que eu e sou mesmo um filho da mãe!



Valentina

Confiro na mochila o material que preciso para as aulas de hoje, segunda-feira. Está tudo certo, estou pronta e estonteante para começar a semana. Gustavo acaba de enviar uma mensagem avisando que está a caminho. Isso é suficiente para colocar meu coração a bater acelerado.

A paixão é por certo um sentimento entorpecente, vibrante e enlouquecedor. É assim que me sinto. Viciada, eufórica e enlouquecida. Viciada nos beijos de Gustavo, eufórica em cada vez que estamos juntos, e enlouquecida a ponto de aproveitar cada situação a sós com ele. O domingo na casa de vó Luiza foi maravilhoso.

Dizem que aos apaixonados lhe são conferidos uma coragem absurda e eles são capazes de tudo. Comprovei que isso é verdade. Os beijos no quartinho foram enlouquecedores.... meu Deus, nunca senti aquele calor todo, nunca senti o corpo formigar daquela forma. Os lábios dele com os meus é a união mais sublime e íntima, mais quente e sexy. O corpo de Gustavo roçando ao meu me deixa em brasas ardentes. A firmeza de seus braços ao me manter perto de seu corpo, me faz perder os sentidos e a razão, e me faz ansiar por mais! Meus hormônios parecem explodir, o desejo alcança-me em lugares profundos. E em todos os momentos possíveis, Gustavo me arrastou para algum canto escondido para me fazer provar mais e mais dessas sensações.

Na visita que fizemos ao Matheus, não foi diferente. Assim que Matheus e Alice sumiram de nossas vistas, Gustavo e eu aproveitamos cada segundo. Nossas bocas não se desgrudaram pelo tempo que foi possível no domingo. Mas ainda assim, não foi suficiente. No momento em que nos despedimos no final da tarde, eu já sentia sua falta. Passado o período de uma única noite, esta saudade aumentou ainda mais e por isso sinto-me ansiosa para vê-lo.

Desço os degraus da escada com pressa, aterrisso minha mochila no sofá e sigo para a cozinha a fim de pegar qualquer coisa rápida para comer.

— Bom dia, família! — profiro, entrando na cozinha. E em contrapartida recebo seus olhares e o desejo de bom-dia.

Mamãe e Gaetano estão tomando café. Papai saiu mais cedo e Alice, com seu pijama de cor-de-rosa e corações, está afundada na cadeira segurando nas mãos uma xícara e a sua cara está péssima.

— Não melhorou? — pergunto a ela, dando-lhe um beijo no topo de sua cabeça.

— Não. Vou ter que ficar em casa — reponde-me, esmorecida.

A *probrezinha* sofre todo mês com terríveis cólicas menstruais. Ontem à noite ela começou a senti-las, e mesmo com medicação, em algumas ocasiões não consegue sequer sair de casa.

— Meu amorzinho, toma mais um remédio e fica quietinha na cama — mamãe aconselha. — Ao meio dia estarei de volta em casa, e durante esse tempo Zete ficará de olho em você.

Zete trabalha conosco há muitos anos, mamãe diz que ela é um anjo que surgiu em sua vida. E é mesmo. Com as funções que minha mãe acumula, e com três crianças, ter alguém para auxiliá-la foi necessário. Zete sempre faz tudo com muito amor e não é só um anjo para mamãe, mas também para mim e meus irmãos.

Alice assente e Zete, enquanto se ocupa com algo na frente da bancada da pia, lança um beijo para Alice.

— Descanse, Ali. Eu aviso no colégio — digo, tranquilizando-a.

— Tudo bem, *Valen*, obrigada! Agora vou subir.

Abraço-lhe, depois ela passa por mamãe, recebe um beijo e deixa cozinha, arrastando sua pantufa de gatinho. Alice parece uma criança grande, e adoecida fica com um rostinho manhoso que acentua ainda mais essa sensação de criança.

Preencho um copo com suco de laranja, começo a bebê-lo observando meu irmão bocejando com cara de sono. Ele está vestido com o uniforme do mesmo colégio que Alice e eu estudamos, porém, suas aulas são no período da

tarde. Nós sempre tivemos o que fazer em nosso contraturno escolar, e Gaetano pela manhã em alguns dias da semana como este, vai para o curso de inglês e em outros desenvolve atividades diversificadas, um deles é o curso básico de astronomia. Ele sempre demonstrou interesse pelo tema. Uma boa conversa para o meu irmão gira em torno de jogos de videogame e o universo e todos os seus fenômenos.

Ele boceja uma vez mais, demonstrando sua típica preguiça de início de semana.

— Mãe... — ele diz, sentado na cadeira na cadeira frente a dela. — Eu também não estou me sentindo bem, posso ficar em casa? — pergunta, acrescentando uma expressão de dor.

Minha mãe o olha através da borda da xícara enquanto bebe um gole do seu café, seus olhos de avelã estão semicerrados, passando em Gaetano seu poderoso *scanner* de detector de mentiras.

— Não — responde, categórica. — E se apresse, precisamos ir! — acrescenta, afastando sua cadeira e ficando de pé.

Dona Malu é sempre uma mãe muito carinhosa conosco, mas bastante firme, também. Tanto ela e papai sabem dosar essa questão de aplicar disciplina e carinho.

Gaetano faz um bico, mas atende ao seu comando, ergue-se da cadeira e ao passar por mim, diz, dando de ombros:

— Não custa tentar! — Solta uma risadinha travessa e sai da cozinha avisando que vai escovar os dentes e apanhar a mochila no quarto.

Minha mãe e eu nos entreolhamos, não aguento o jeito descarado de Gaetano e começo a rir. Mamãe balança a cabeça de um lado para o outro e por fim também sorri.

Cato na fruteira em cima da mesa uma maçã e assim que dou a primeira mordida nela, ouço uma buzina.

— Já vou, mãe! — aviso, dando-lhe um beijo rápido. Ela segura em meu braço.

— Você está diferente — fala, me encarando. E agora sou ou quem está sob a mira do seu olhar com detector de mentiras.

Engulo o pedaço da maçã, sem mal ter terminado de mastigá-lo.

— Di-diferente, como? — questiono. E se com seu olhar mamãe é capaz de captar tudo, o fato de eu gaguejar só ajuda-lhe a ter certeza, que sim, eu estou diferente, estou apaixonada. Mas ela ainda não sabe.

— Quando pretende me contar o motivo desse brilho em seus olhos? Ou melhor, quem é o causador dele?

Puff... não sabe, é? Claro que sabe. Dona Malu sempre sabe de tudo.

Ouvimos a buzina outra vez.

— Eu preciso ir — digo, dando-lhe outro beijo. — Bom dia, mãe. Te amo! — arremato, escapando da sua frente, levando comigo a maçã e o nervosismo.

— Hoje à noite a gente conversa, mocinha! — ela fala em alto e bom som, fazendo-me ouvi-la quando estou pegando minha mochila no sofá da sala.

No caminho até a porta da frente da casa, comprimo olhos e boca. Não vai ter jeito de escapar dela por muito tempo. Nunca fui de guardar segredo. Bem, por certo, nunca tive motivos para esconder qualquer coisa, mas o fato de Gustavo ser o motivo do brilho em meus olhos me faz temer se devo contar ou não, principalmente porque ela e meu pai possuem uma cumplicidade tão grande que julgo que minha mãe não será capaz de guardar esta informação dele. E julgo também, que ele não gostará nada dessa história.

Abro a porta e a brisa da manhã me envolve. Deixo para me preocupar e pensar nisso depois, porque a visão de Gustavo encostado na porta do carro, com as mãos no bolso da frente do seu jeans azul escuro e o olhar baixo, em algo que seu coturno cutuca no chão é o suficiente para me fazer parar de pensar em qualquer coisa que não seja o quanto ele é lindo. A camiseta verde musgo do uniforme do colégio é solta ao corpo, não revelando aqueles músculos que eu sei que ela esconde. Ao vê-los aquele dia no provador da loja foi ótimo, mas tocá-los é sem dúvida muito melhor. Sempre que Gustavo me puxa para si, aproveito para senti-los, seja com minhas mãos quando as descanso sobre seu peito ou seguro em seus braços, e ainda, com meu próprio corpo pressionando-se no dele. E minha nossa! Eu os sinto com intensidade e tensão em todas as partes dele.

Gustavo ergue o olhar para mim, o canto dos lábios se curva, suas sobrancelhas se unem, dando a ele aquelas lindas linhas que sempre se formam na testa quando faz isso.

— Bom dia! — falo, aproximando-me.

Sua resposta não vem em seguida. Em silêncio deixa seus olhos conectados aos meus — capto seu peito se mover com uma respiração profunda —, assim que os transfere para os meus lábios e em seguida descem pelo meu pescoço até chegar no pingente repousado próximo ao quarto botão aberto do meu camiseta, também do uniforme do colégio. Ele balança a cabeça de um lado para o outro, umedece os lábios e o vinco na sua testa torna-se ainda maior.

Não preciso que ele me diga, mas sei que está contendo-se em não me tomar em seus braços, posso notar isso pelas suas expressões e porque suas mãos permanecem dentro dos bolsos. O gesto pode parecer relaxado, mas a musculatura tensa do antebraço, demonstra o contrário. Ele está tendo que forçá-las a ficar ali, presas. Contraditório seria se eu não estivesse sentindo o mesmo

que ele.

Gustavo volta seu olhar para o meu e com a base do corpo ainda apoiada na porta do carro, projeta devagar o tronco para frente. Assisto seu movimento como se fosse em câmera lenta, a mão esquerda escapa do bolso e vai até uma mecha do meu cabelo caída para frente dos ombros. Ele a coloca atrás da orelha, permanece com a mão ali enquanto traz o seu rosto até a lateral do meu. Sua respiração toca a minha pele, causando-me arrepios pelo corpo inteiro. E a pobre maçã na minha mão direita recebe o aperto de meus dedos.

— Bom dia, Moranguinho — sussurra com os lábios quase tocando onde seus dedos estão, e ao fazer o caminho de volta, seu rosto para à frente do meu, então desliza os dedos em minha face. — Dormiu bem? — pergunta-me.

— Sim... dormi — respondo com a voz quase falhando. Tenho a sensação de que vou derreter, seja pela ação de Gustavo, ou por me chamar de Moranguinho.

No compasso em que fita-me sorrindo — com uma expressão de que sabe que mexe comigo ao fazer algo assim —, tira a mochila dos meus ombros. Com o alívio do peso dela, aproveito para respirar fundo e retomar meus sentidos e minha razão. Enquanto Gustavo se afasta para colocar a mochila no banco traseiro do carro, informo que Alice ficará em casa e que, portanto, podemos ir. Assim que fecha a porta, aproxima-se tirando a chave do bolso e a estende para mim.

— Tome. É você que nos levará hoje.

Arregalo meus olhos.

— Sério?!

— Seríssimo! Está com a carteira de habitação aí? — pergunta.

— Sim, na mochila.

— Ótimo!

Gustavo tira a maçã da minha mão e coloca a chave no lugar dela.

— Ah, meu Deus! — vibro, segurando a chave junto ao meu peito.

— Vamos lá! — Ele abre a porta, fazendo sinal para eu assumir o lado do motorista.

Hesito por um segundo.

— Eu não tenho praticado — digo, ciente de que desde que tirei a habilitação. Foram raríssimas as vezes que conduzi um veículo.

— Por isso mesmo! Precisa praticar. — Gustavo fala, dando de ombros.

— Está bem! — Bato palminhas e em entro animada no seu Jeep Renegade de cor branca, sentindo aquele cheirinho de carro novo misturado ao de couro.

Coloco a chave no contato e seguro o volante, sentindo-me dentro de uma nave diante de todos botões contidos em todo painel do veículo. Concentro-me em ajustar a posição dos espelhos.

— Valentina? — Gustavo chama.

Olho-o com atenção. Ele permanece parado ao lado da porta.

— Sim? — digo, aguardando alguma explicação sobre o funcionamento do carro.

Gustavo me olha sério.

— É bom praticar. E nós vamos fazer isso juntos — diz com ênfase. Logo depois um sorriso sorrateiro perpassa em seus lábios que alcançam a maçã em uma mordida.

Fico alguns segundos paralisada, analisando o que mais essa frase quis dizer. Acho que ele não está se referindo só ao ato de praticar direção e ao pensar em outro ato. Perco a fala.

Seu sorriso perdura no rosto ao fechar a porta e seguir para o outro lado do carro.

Solto um longo suspiro até que Gustavo esteja sentado ao meu lado e pronto para me repassar as funções básicas do veículo, que ele as transmite uma por uma de forma tranquila. No final de tudo, puxo meu banco para frente, deixando-o numa boa posição para o alcance dos pedais do freio e acelerador. O fato do carro possuir o câmbio automático facilita um bocado. Confiro de novo a posição dos espelhos e nesse instante Gustavo se estica, passando o braço pela frente do meu corpo, puxando o cinto de segurança sobre meu peito num rápido movimento. Pegando-me de surpresa, ele deixa um beijo em meus lábios.

— Você é louco! — exclamo, assustada.

— Sou. Louco por você — diz, relaxando-se no banco e puxando o cinto de segurança dele.

— Pois, trate de ficar paradinho e não me desconcentre, por favor — peço, certa de que preciso de total concentração para dirigir.

— Você que manda, Moranguinho! — Gustavo fala, colocando os óculos escuros.

— Tenho um apelido novo, é isso? — pergunto, olhando a lateral de seu rosto de traços simétricos e lindos.

— Na verdade... — Ele se vira para mim. — Eu sempre tive vontade de te chamar assim, só nunca tinha tido... coragem, ou talvez oportunidade. Mas você sempre foi a *minha* Moranguinho. — Ao dizer, ele toma minha mão na dele e a leva até seus lábios, depositando um beijo terno no dorso dela.

Só consigo sorrir feito uma boba, suas palavras cheias de sinceridade alcançam cada parte de mim. Sinto-me nas nuvens com suas demonstrações de

carinho.

No segundo depois, Gustavo devolve minha mão ao volante e faz sinal para irmos. Dou partida no veículo, tomada de confiança e coragem de que posso ser boa nisso, e o pensamento de que também posso ser boa em *outras coisas* me alcança.

Ah... a paixão muda quem somos, nos transforma em audaciosos e corajosos seres humanos.



O professor de língua portuguesa entra na sala, como sempre, cheio de energia e animação.

— Bom dia, galerinha! — saúda, colocando seu material sobre a mesa.

Ele é um homem na faixa dos 40 anos, gordinho, barbudo e careca. Um ser humano que esbanja simpatia e bom humor. E com um jeito irreverente consegue transmitir todo o seu conhecimento de uma forma bem dinâmica. Suas aulas nunca são monótonas. Mas essa é a nossa terceira aula da manhã, e considerando as duas aulas de matemática que antecederam a esta — sugando todas as nossas poucas energias para uma segunda-feira —, nós alunos não estamos na mesma animação que ele, por isso o coro de “bom dia” sai fraco.

— Ânimo, galera! Última semana antes do vestibular e a gente vai botar pra quebrar! — Ele não perde a entonação animada e ainda faz um passinho de dança, levando-nos a gargalhar e por consequência espantar a preguiça.

Alguns comentários são feitos, ele conta algo engraçado que lhe aconteceu no final de semana, mais risadas são dadas e a turma entra em sintonia com sua *vibe* animada. Ele sabe mesmo como fazer isso. Depois de conquistar nossa atenção, parte para as atividades da aula, passando um exercício para fazermos em dupla.

Desde sempre, Gustavo e eu fazemos juntos nossos trabalhos. É evidente que com este não será diferente. Sentamos em fileiras paralelas, a minha fica no canto da parede e a dele é a seguinte, por isso ao arrastar poucos centímetros sua mesa e cadeira, ficamos lado a lado. Só espero conseguir manter o foco, ainda mais depois dos beijos que demos no carro ao pararmos por uns 15 minutos em uma praça que fica perto do colégio.

A breve pausa foi propícia para darmos os beijos que tanto ansiávamos e também para conversamos sobre os possíveis comentários e olhares que receberíamos ao chegar aqui. Afinal, o beijo que protagonizamos não passou

despercebido dos alunos e não tínhamos ideia das proporções, visto que saímos de lá sem ver as reações.

Contudo, na visita que fizemos ontem ao Matheus, ele nos contou que o celular dele pipocou com mensagens perguntando sobre o assunto — a amizade que possuímos o colocou na posição de “fonte de informação”, mas a verdade é que Matheus não sabia de nada, mesmo sendo formando. Ele não participou da brincadeira, por sorte tinha escapado antes dela, no intuito de seguir Alice —, portanto, diante dele enquanto tomávamos um suco na área externa da luxuosa cobertura em que Matheus mora, acabamos confirmando o que aconteceu. Seus olhos puxados nos cantos se arregalaram. O que está com o hematoma roxo, um pouco menos, mas ainda assim, foi o suficiente para transmitir seu espanto ao saber que se tratava de uma verdade, e não de boatos.

Apesar do espanto, no minuto seguinte, Matheus demonstrou alegria, propondo um brinde, e nesse momento seu sorriso se estendeu um pouco mais ao fitar minha irmã sentada ao seu lado, e ela o correspondeu, deixando-o com notas acentuadas de alegria no rosto machucado. Mesma alegria que demonstrou ao cruzar hoje conosco na entrada do colégio. Mas ela murchou assim que perguntou de Alice e o informei que ela não estava se sentindo bem, por isso não veio à aula.

Depois disso foi a minha vez de murchar o sorriso. Apesar de ter combinado com Gustavo que não daríamos importância, foi impossível ficar imune aos nítidos cochichos, seguidos dos olhares para mim e para Gustavo, advindos das rodinhas de alunos, principalmente os de nossa turma.

Com a quantidade de exercícios nas duas aulas de matemática, ninguém teve tempo para nos fazer de alvo. Porém, agora que estão sentados em dupla, possuem a oportunidade de conversar e tecer comentários — os quais não sou capaz de ouvir —, mas sei que se tratam do que aconteceu, pois sem disfarçar, lançam seus avaliadores olhares em nossa direção.

Gustavo parece notar o mesmo que eu, bufa e se empertiga na cadeira, virando-se para Vinícius e outro rapaz que riem nos olhando.

— Idiotas! — ele resmunga, voltando a olhar para frente e depois para mim.

— Não vamos dar bola para isso, sim?! — digo, lembrando-o do que combinamos no carro e aproveitando para lembrar a mim mesma. — Ignorar é o melhor que temos a fazer — acrescento.

Gustavo transfere a atenção para o caderno à sua frente e tamborilando a caneta nele, diz:

— Ou, eu socar a cara de um. Aí param de nos olhar — ele fala com raiva, rabiscando uma folha em branco.

— Nada disso, Gustavo. Prometa que não vai brigar?

Silêncio e mais rabiscos no papel.

— Prometa? — insisto.

Ele larga a caneta e se remexe na cadeira, ficando de frente para mim.

— Valentina, se eu ouvir qualquer porcaria, principalmente a seu respeito, faço o desgraçado que falar, engolir. Então, por isso, não posso prometer a você que não vou brigar.

Meneio a cabeça, encarando-o.

— Desculpe, mas não posso prometer.

Gustavo ajusta a posição na cadeira e volta a rabiscar o papel e eu elevo meu nível de preocupação.

— OK, turma! Vocês têm 30 minutos para formular as 5 perguntas, que, lógico, saibam as repostas, e entregar ao parceiro da dupla para que ele responda e assim vice-versa, entenderam? — o professor diz. A sala inteira responde com um sonoro “sim”, e por fim dedicam atenção ao exercício e não a Gustavo e eu.

Gustavo continua tenso, cutuco seu braço com o cotovelo e digo:

— Não me faça perguntas difíceis — peço com um sorriso. Ele corresponde e passamos a nos concentrar.

Começo a formular minhas perguntas, instantes depois a mão de Gustavo depositando uma folha dobrada, surge no meu campo de visão.

— Nossa, que rápido! — comento, a pego e desdobro para ver quais são as perguntas.

Só que, há apenas uma única pergunta. Ela faz meu coração dar um pulo no peito.

“Quer ser minha namorada?”

Corro os olhos várias vezes pela frase, repetindo a pergunta em minha mente até erguer o olhar do papel e transferi-lo para Gustavo. Com o cotovelo apoiando na mesa e a mão na nuca, lança-me aquele seu olhar acompanhado de um leve vinco na testa e um breve curvar no canto dos lábios. Sorrio, escondo o papel do alcance da sua visão, e escrevo:

“Só se você prometer que não vai brigar.”

Dobro e lhe devolvo.

Ela abre, lê, revira os olhos, solta o ar pela boca perpassando a língua nos lábios, e começa a escrever algo na folha. Tão logo me entrega e leio **“Prometo tentar”**, sinto-me feliz com a resposta.

Coloco a folha aberta em nosso meio para que ele veja à medida que a escrevo, e assim travamos uma troca de mensagens instantâneas.

“Nesse caso, prometo aceitar”

Dou a ele minha resposta, fazendo-o sorrir e no segundo depois seu semblante se fecha ao escrever:

"Mas, e se eu falhar?"

Fito-o e escrevo minha resposta:

"Prometo te perdoar. "

Gustavo volta a sorrir e também a escrever. Acompanho sua mão movendo a caneta pelo papel, vindo outra pergunta.

"Então, sendo assim, quer ser minha namorada?"

Respondo:

"SIM"

Em letras grandes e garrafais, para que expressem o tom de voz em que eu gostaria de lhe dizer.

Gustavo desenha dois corações unidos, com as linhas entrelaçadas, e escreve embaixo deles:

"Inseparáveis..."

Completo com:

"... para sempre."

— Vocês já acabaram? — o professor pergunta diante de nós.

— Não! — respondo, puxando com pressa a folha de papel com nossas mensagens para escondê-la no meu caderno.

— *Hum...* — diz, inclinando a cabeça ao nos analisar. — Portanto, concentre-se única e exclusivamente no exercício, ok?!

— Ok, professor — Gustavo concorda, baixando o olhar para o seu caderno. Depois que o professor some de nossa frente, nos entreolhamos com um sorriso.



Gustavo

Assim que o professor se afasta, Valentina eu e nos entreolhamos. Nossa cumplicidade é tamanha, que com um simples olhar somos capazes de nos comunicarmos.

Tive medo que a revelação do que sinto pudesse deixá-la confusa, com medo, e até que isso afetasse a relação de amizade que construímos por toda nossa vida. Ver que continuamos igual, mesmo depois do beijo, da descoberta desse sentimento que cresce a cada minuto, me deixa feliz e em paz. Enquanto tivermos isso, sei que nossa relação será sempre conduzida pela verdade e cumplicidade.

Sinto-me vivendo um sonho. Sempre que a tenho em meus braços, desejo mais e mais poder tê-la assim. Estamos surfando na onda das nossas emoções, com isso, assuntos relevantes ainda não foram mencionados. Os beijos escondidos são uma delícia, entretanto, eu não quero poder amá-la só dessa forma. Quero que sejamos livres para demonstrar nosso carinho um pelo outro. O primeiro passo foi dado, e se ela aceita ser minha namorada, tudo que me resta agora é falar com tio Leonardo, abrir o jogo e dizer que Valentina e eu nos apaixonamos e queremos poder viver isso com a permissão dele. Tenho consciência de que não será uma conversa fácil, afinal, meu tio já demonstrou o quanto sente ciúmes da filha, sem contar que é uma grande dúvida como toda a

família receberá a informação de que nós dois ultrapassamos a linha do amor fraterno que sempre nos uniu. Mas o que tenho certeza é que quero permanecer a viver neste sonho. Quero que sejamos livres para amar. De uma maneira ou de outra, tio Leo terá de aceitar. E se ele conseguir deixar de lado seu ciúme, poderá compreender que, sou nesse mundo, o cara certo para Valentina, pois nunca serei capaz de fazer nada que a magoe. Ao contrário. Continuarei a cuidar dela como sempre fiz e acrescentarei doses e doses de muito amor.

Deixarei Valentina saber dos meus planos, espero que esteja de acordo e tão logo tenhamos concordância neste assunto, vou me preparar para enfrentar tio Leonardo, mas... isso ainda tem um tempo para ser pensando. O exercício da aula de língua portuguesa me espera. Dou uma última conferida em Valentina e ela está absorta olhando para o caderno, formulando as perguntas. Decido, por fim, fazer o mesmo.

— Terminei as perguntas. E você?

Pouco tempo depois, Valentina sopra ao meu lado, esticando-se para enxergar o que estou escrevendo.

Ergo de maneira breve o olhar para ela e depois volto-me ao caderno, no qual finalizo a minha última pergunta.

— Agora acabei — confirmo, destacando a folha do caderno e entregando-a Valentina.

Apanho sua folha e de imediato começo a responder a perguntas, Valentina faz o mesmo, já que perdemos alguns minutos nas nossas perguntas extra-exercício. Carecemos de concentração para terminar a atividade em tempo hábil. Uma a uma respondo sem pestanejar e as respostas se acendem em minha mente, apesar de que em muitos dias que estudamos juntos me vi distraído na beleza de Valentina. Ainda assim, consegui assimilar bastante conteúdo. Inclusive, sobre regras gramaticais, visto que são compostas de tantos detalhes e, por isso, despendem uma atenção enorme. Mas, pelo visto, estudar com Valentina só me faz aprender mais.

Encerramos quase ao mesmo tempo, me encarrego de deixar a cadeira e levar nossos exercícios até o professor. No retorno até minha mesa, dou uma olhada em Vinicius, que do lugar dele observa Valentina. *Babaca!* Ela está distraída enrolando uma mecha de cabelo nos dedos enquanto sua atenção está no caderno. Torno a sentar ao seu lado e percebo que o que ela olha é a folha com as perguntas que trocamos.

— Me empresta? — peço.

Valentina assente, entregando-me o papel. Dou um sorriso ao ler as perguntas outra vez, seguro a folha entre meu corpo e a mesa, deixando-a abaixo do campo de visão das outras pessoas, tiro o celular do bolso da calça e a

fotografo.

— Obrigado.

Devolvo-a para Valentina que sustenta uma expressão curiosa.

— Este é o primeiro documento oficial da nossa relação, precisa estar devidamente registrado — explico, usando um tom de voz baixo.

— Essa frase soa bem para um futuro advogado — ela cochicha. E em seus lábios um sorriso lindo se forma.

O momento me leva para o futuro. Imagino Valentina e eu em nossas profissões, ela uma médica talentosa e eu um advogado. Até que a ideia de ser um profissional do Direito não me parece mal. Vislumbro-me, feliz com a vida que poderei levar. Um homem realizado na profissão e no amor.

O sinal toca, trazendo-me para o presente. Enfim o intervalo. A sala até então silenciosa, se agita com os alunos que começam a deixá-la. Fico de pé e estico os braços para cima, alongando o corpo depois de três aulas de atividades intensas.

Valentina permanece sentada.

— Vamos? — indago.

— Vou ficar.

Meneio a cabeça, estudando-a.

— Não me diga que não vai para o intervalo por causa...

— Quero ligar para Alice, ver como ela está — Valentina completa, antes que eu conclua.

— É só por causa disso, Valentina?

— Sim, claro! — confirma, alcançando o celular na mochila. — Sabe como Alice é manhosa. Se eu não ligar para conferir como ela está, mais tarde vai fazer um drama dizendo que ninguém se importa com ela — Valentina explica.

Concordo, e considerando que Alice é mesmo manhosa e adora fazer um drama, não resta dúvida de que seja este o único motivo para Valentina permanecer na sala durante o intervalo.

— Tudo bem. Vou pegar um suco e já volto. Quer mais alguma coisa?

— Não... obrigada. Tomo suco com você.

A forma pensativa com que Valentina fala, sugere falta de certeza em negar mais alguma coisa, ainda assim, digo:

— Ok.

Aceno e me afasto. Estou quase ultrapassando a porta quando ela me chama e me viro.

— Já sei, um chocolate — afirmo, sorrindo. *Eu sabia!*

— Isso!

Valentina confirma fazendo um biquinho acompanhado de uma piscadinha. Ah... caramba! Controlo a vontade de voltar até ela e capturar seus lábios com minha boca.

No corredor encontro com Matheus.

— Está indo na lanchonete? — pergunta-me ele.

— Sim.

— Vou também.

Ele se põe a caminhar ao meu lado. Durante o trajeto, Matheus me olha como se quisesse falar algo.

— Desembucha, Japa!

Paro de andar e ele também.

— Sabe o que é... — Matheus passa mão na testa, franzindo-a. — Como Valentina comentou que Alice não está bem, pensei em passar para vê-la. O que acha?

Seu tom e sua expressão são de completa insegurança. Ante a ele, penso por alguns segundos no que responder.

— Cara... eu não sei — digo, sincero. — Até antes do que aconteceu eu diria com toda certeza que Alice te colocaria para correr, mas agora, não sei. É mais fácil você saber do que eu, afinal, quem tem noção do que está rolando entre vocês dois é você — concluo, por fim.

— Ah... acho que estamos nos entendendo. Ela nem briga mais comigo quando a chamo de Alicinha. — ele conta, orgulhoso.

— Já é um ponto! Então vá, arrisque!

Ele confirma com a cabeça e inspira fundo.

— É legal se eu levar alguma coisa para ela? Mas... o quê? — ele pergunta, pensativo.

— Porra, Japa! Não sei! — digo, desassossegado com tantos questionamentos.

— Flores é muito brega?

Ele emenda a pergunta logo em seguida, e esta eu sei a resposta facilmente.

— Não para garotas como Alice e Valentina, que cresceram vendo o pai dar flores para a mãe. Elas devem gostar — confirmo, fazendo uma nota mental para surpreender Valentina com flores qualquer dia desses.

Por mencionar tio Leonardo, lembro-me de avisar ao meu amigo.

— Por falar no tio Leo, tome cuidado! Ele é ciumento com as filhas, então trate de ser discreto — alerto-o.

Matheus ergue as sobrancelhas, preocupado. Se ele acha que é fácil cortejar uma das filhas do doutor Leonardo, está muito enganado.

— Obrigado. Não estou afim de ter outro olho roxo — diz com um sorriso torto.

Bato em seu ombro e voltamos a fazer nosso trajeto até a lanchonete. O aglomerado de alunos pelo pátio do colégio é grande, em geral os mesmos grupos de sempre se reúnem no momento do intervalo. Capto que conforme passo por alguns, os olhares se voltam para mim, e a sensação que tenho é de que sou uma espécie de aberração. Onde já se viu? Tudo isso por causa de um beijo que dei em Valentina? Por sorte, o ano letivo está nas últimas semanas e em breve não precisarei olhar para a cara desses idiotas.

— Já sei! — Matheus brada. — Além das flores, levarei um livro para Alice!

— Boa, Japa! Com isso é certeza que ela não vai te colocar para correr. Alice tem completa paixão por livros.

Valentina sempre comenta que Alice tem mais livros do que consegue ler, e ainda assim, vive comprando um novo.

— Tenho que marcar pontos com a minha Alicinha — diz, animado, depois para de andar, segurando em meu braço, fazendo-me parar também. Ele leva a mão ao queixo, tornando-se pensativo. — Mas qual? Que tipo? Qual autor? Não sei...

Aflito, me enche de perguntas.

— Japa, se você quer mesmo conquistar minha prima, faça o dever de casa. Observe-a, vasculhe em rede social... Ela vive postando uma porção de coisas, aproveite isso e veja os gostos dela. Tem que se dedicar, entende? — aconselho-o.

Ele assente e fala:

— Foi isso que você fez quando decidiu conquistar Valentina?

O encaro e começo a explicar.

— Eu não decidi conquistar Valentina. Foi algo que aconteceu, um sentimento que foi crescendo, nada que eu tenha planejado. Mas se fosse ao contrário, saberia tudo sobre ela e seus gostos.

— Entendo. Isso é legal, Gustavo — Matheus confirma. — Eu conheço Alice há tantos anos, mas nunca parei para observar alguns detalhes sobre ela. Sempre gostei de incomodá-la para deixá-la brava. Agora que quero que ela goste de mim, me sinto perdido.

Sorrio com a declaração, que demonstra sua insegurança. Quem diria que, por trás da implicância, havia uma paixão recolhida?

— Tenho certeza que você se sairá bem nisso, Matheus. E se for para dar certo, vai dar — digo, apertando seu ombro, transmitindo-lhe confiança.

— Obrigado! — ele diz, por fim.

Na lanchonete, peço um suco natural de laranja e escolho no mostruário de vidro repleto de guloseimas, uma pequena barra de chocolate ao leite. Pago pelos dois e enfio o chocolate no bolso. No tempo que aguardo o suco ficar pronto, avisto numa mesa, próximo de onde estou, Vinícius com outros rapazes. Viro-me no mesmo instante para o lado oposto e assim não tenho que ficar olhando para ele com aquele sorriso debochado, jogando os fios de cabelo loiro de um lado para o outro. É melosa e ridícula a forma como sempre faz isso.

— Gustavo? — o maldito me chama. Parece que sabe que estou evitando-o.

Faço de conta que não ouvi.

— Gustavo?

Vinícius insiste a uma altura de voz que todos ao redor ouvem. Dou minha atenção a ele.

— O que foi? — indago sem simpatia.

— Chega aí, quero falar contigo.

Pondero em ir ou não, mas não darei a Vinícius a chance de pensar que estou intimidado, por isso, aproximo-me.

— O que você quer?

— Bom... O que eu quero e o colégio inteiro, é saber desse lance seu com Valentina.

— Nada que diga a respeito a você ou ao colégio inteiro — falo e dou-lhe as costas.

— Espera! — Ouço o arrastar da cadeira dele e Vinícius caminha até mim, parando em minha frente.

— Agora entendo seu ciúme. Por isso que ninguém podia chegar perto dela que você ficava furioso. Estava esse tempo todo pegando a priminha, hein?!

Vinícius solta uma risada e olha sobre meus ombros para os rapazes que estão na mesa. Consigo ouvi-los acompanhar Vinícius no riso, parecendo um bando de hienas. Começo a me irritar.

— Gustavo, o suco ficou pronto, vamos? — Matheus me chama, chegando ao meu lado com o suco na mão.

— Vamos! — digo, encarando Vinícius. Seu olhar confere-lhe um tom de provocação.

Sei que é esse o objetivo. Concluo que o melhor é sair da frente dele, antes que consiga o que quer: me tirar do sério e eu acabar brigando.

Me afasto.

— Gustavo? A pergunta que não quer calar — Vinícius fala para que todos na lanchonete ouçam. Paro de andar e permaneço de costas. — Valentina

é... branquinha lá embaixo também? Fico imaginando que sim, mas seria ótimo que me confirmasse. Assim, da próxima vez que eu estiver no banho, posso imaginar com certeza que é.

Desgraçado! As palavras parecem se chocar contra meu corpo e sinto a adrenalina percorrer pelas veias. Viro-me e ele me mostra sua boca cheia de dentes, com um sorriso petulante, mas eu farei com que engula o sorriso e os dentes.

Fervo! Explodo! Parto para cima dele, sem ver ou ouvir mais nada!



Valentina

Gustavo sai da sala, em seguida ocupo-me em ligar para Alice. A chamada cai na caixa postal, então não insisto, talvez esteja dormindo. Opto por lhe enviar uma mensagem, mas sou interrompida.

— Acho que isso aqui é seu!

Uma sacola é jogada em cima da minha carteira escolar. Ergo os olhos do celular e vejo Nina parada à minha frente, com os braços cruzados sobre o peito e as sobrancelhas com um leve arquear. Estranhei não a ver no primeiro tempo de aula, mas o fato de ela estar com o uniforme do time de futebol e camiseta molhada de suor, explica sua ausência.

— O que é isso? — pergunto.

— As sandálias que você esqueceu na festa.

Desfaço o nó da sacola, abro-a e confirmo, são minhas sandálias. Na agonia daquela situação para encontrar Alice e tudo que aconteceu depois, não me dei conta que deixei meu calçado para trás. Nem mesmo no dia seguinte me lembrei.

— Obrigada — digo e volto a dar atenção ao celular, a fim de finalizar a mensagem para Alice e principalmente para ignorar Nina.

— Só não achei sua calcinha perdida por lá.

Como é que é?

Meus dedos param diante do celular. Guardo-o no bolso de trás da calça jeans e volto a olhar para Nina. Seu semblante é de sarcasmo e provocação.

— O que você está querendo dizer? — inquiri, sem acreditar no que ela acaba de falar.

— Ah... qual é? Você paga de menina certinha, mas não passa de uma vadia que fica se agarrando com o próprio primo. Isso é nojento!

— Você não sabe do que está falando.

Comprimos os lábios numa linha reta.

— Sei sim, e agora tudo faz sentido.

Solto uma grande lufada de ar, levanto-me e fico na mesma altura que Nina.

Encaro-a.

— Qual é o seu problema, afinal? — indago, observando-a.

Nina retorce o rosto em um gesto de repulsa.

— Você, Valentina. Você é meu problema — ela cospe com raiva. — Sempre estive no meu caminho. Sempre foi a melhor aluna da sala, sempre disposta ajudar os colegas, sempre com esse ar superior, se achando melhor que os outros. Sem contar essa coisa de filhinha adotiva amada pelos pais.

Respiro bem fundo.

— Eu não vou ficar aqui ouvindo suas asneiras. — Dou um passo para o lado para me afastar e ela dá outro, colocando-se à minha frente.

— Vai sim! — exclama, tão perto de mim que consigo ver a transpiração nos poros do seu rosto.

Tento dar outro passo, mas ela se move outra vez, ficando mais uma vez diante de mim. Isso me deixa tensa e começo a sentir o coração bater mais rápido.

— Eu sempre achei que Gustavo nunca me deu uma chance porque sabia que você me odiava, sendo assim, você o impedia de se aproximar de mim. Mas agora vejo que você estava o tempo todo o entretendo muito bem.

Sua declaração não me choca. Em partes. Afinal, suspeitava que Nina tivesse interesse em Gustavo. O que me choca é sua aparente inconformidade por Gustavo não dar uma chance a ela, o que demonstra que esse interesse vem de muito tempo. E mais que isso, Nina fala que eu a odeio, mas é o contrário. É ela quem me odeia. Isso sempre foi nítido e diante de sua atitude, compreendo o principal motivo.

— Não sei onde você quer chegar com essa conversa, Nina. Porém, você não sabe nada sobre Gustavo e eu. E principalmente, eu não tenho que te dar explicações. Outra coisa, eu não odeio você. Não odeio ninguém, porque

ódio não é o tipo de sentimento que merece ser nutrido, só nos faz mal.

Nina solta uma risada.

— Você é patética. Como não odeia ninguém? Nem mesmo sua mãe?

— Minha mãe?

— A mulher que abandonou você naquela lixeira — esclarece, batendo as mãos em cada lado do corpo.

Uau! É sério? Ela vai tocar nesse assunto?

— Ela não é minha mãe, e ainda assim, eu não a odeio. Sequer conheço essa mulher.

— Como não odeia?! Ela te abandonou, não te deu amor, não cuidou de você. Ela te descartou como um lixo.

A raiva nos olhos de Nina é imensa, assim como a mágoa.

— Isso não tem a ver comigo, não é, Nina? Tem a ver com você e a sua mãe. Eu fui, sim, abandonada pela mulher que me gerou no ventre, mas fui acolhida e *sou* muito amada, por aquela que me gerou no coração, e essa é a única mãe que possuo. Já você, parece desconhecer esse tipo de amor. Se sente abandonada pela mulher que deveria te amar. Sinto muito que seja assim, mas está mais que na cara que você deveria procurar ajuda, fazer análise, algo assim, pois isso te incomoda.

— Você é ridícula. Para com isso! Para de querer ser sempre esse ser superior!

Nina troca o peso do corpo de uma perna para outra. Antes, até me senti nervosa com a situação. Mas, ao passo que vislumbro tamanha insegurança que Nina possui, sinto-me calma.

— Eu não faço isso. É você que pelo visto possui um baita complexo de inferioridade e precisa *mesmo* de ajuda com isso — enfatizo.

Ela bufa e revira os olhos.

— Olhar para a sua cara me irrita, Valentina!

— É simples, não olhe. Eu vou até te ajudar — falo, dando um passo além do copo de Nina e no mesmo segundo sinto sua mão agarrando meu braço.

— Eu odeio você! — esbraveja com fúria.

Estamos lado a lado, ombro a ombro, e Nina pressiona o dela no meu, mas essa búfala raivosa não me dá medo. Se é isso que ela pensa, está muito enganada.

— Solte. O. Meu. Braço — exijo entredentes.

— Ah, nossa... por quê? Vai dizer que você é capaz de bater? — ela cospe as palavras com ironia.

— Violência não resolve nada. Agora solta meu braço, porque, apesar de ser o que você quer, eu não vou sair no tapa com você, Nina — falo com total

segurança.

— Não tem é coragem, isso sim. Afinal, você é inteligente o suficiente para saber que eu acabaria com você. Em um *único* tapa te colocaria no chão, sua magricela fraca.

— Nem sempre tamanho significa força. Solta de uma vez por todas o meu braço! — exijo uma vez mais.

Puxo-o de suas garras, porém, não consigo soltar. Nina mantém seus dedos em volta dele, aprisionando-o com firmeza.

— Você acabou de dizer que tamanho não significa força, então solte-se. Quero ver se é capaz — zomba em tom de desafio, com um sorrisinho.

— Para com isso! — rebato, sentindo meu corpo ferver.

— Solte-se, Valentina! — debocha.

— O.k!

Estico o braço que está livre e levo o dedo indicador até o pescoço de Nina, pressiono com força o dedo em sua glote, e no mesmo instante ela larga meu braço, curvando o corpo e tossindo.

— Está vendo isso? Com um *único* — saliento a palavra, tal como ela fez momentos antes — dedo, fiz você me soltar e se curvar. Agora para de me perturbar, garota! — exclamo, exaltada. Até eu, que sou uma pessoa calma, tenho o limite da minha paciência e Nina a esgotou.

No segundo seguinte começo a ouvir um coro de “Briga! Briga! Briga!...” O som vem de longe, ainda assim, verifico ao redor e não há ninguém nos olhando, logo minha ficha cai. É Gustavo!

Ignoro por completo os xingamentos que Nina profere, abandono a sala às pressas e corro em direção a lanchonete que é o local onde vejo o aglomerado de pessoas. Correndo, atravesso o pátio do colégio até chegar perto. Esbaforida, abro caminho entre os alunos que formam uma roda em volta da confusão, e assim que tenho a visão, confirmo que é Gustavo. Ah, meu Deus! Ele está montado em cima de... Não consigo identificar de imediato quem é, até que enxergo os cabelos loiros de Vinícius. Gustavo transfere socos e mais socos no rosto de Vinícius. Os socos são tão fortes, que o som deles chega a ecoar no burburinho das vozes.

— Gustavo, para, por favor! — grito de onde estou.

Ele sequer me ouve.

— Para, por favor! Alguém separa eles! — imploro, atordoada, indo para perto dos dois engalfinhados no chão. No mesmo segundo Matheus começa a puxar Gustavo.

— Gustavo! — brado outra vez.

Matheus enfim consegue ter força suficiente para puxar Gustavo pela

cintura, afastando-o de cima de Vinícius e arrastando-o para longe.

— Me solta, porra! Eu vou acabar com esse desgraçado! — Gustavo grita, tentando se desvencilhar dos braços de Matheus.

— Gustavo! Se acalme! — peço, aproximando-me dele.

Seus olhos nebulosos recaem sobre os meus.

— Valentina — ele sussurra através de sua respiração entrecortada, o peito subindo e descendo com rapidez.

— Já chega! Por favor, já chega! — Seguro seu rosto entre minhas mãos, sentindo o quanto a face está fervendo e vermelha, mas não encontro nenhum corte.

Nervosa e trêmula, peço uma vez mais que ele fique calmo. À medida que falo, seus olhos tornam-se tristes.

— Desculpe... eu tentei, mas não deu, Valentina — ele diz, com a voz quase falhando.

— Está tudo bem. Só quero que se acalme, *ok*? — Olho no fundo de seus olhos e mantenho seu rosto em minhas mãos.

Gustavo assente e faço sinal para que Matheus o solte. No mesmo instante Gustavo me abraça, afundando o rosto no meu pescoço. Ele está hiperventilando, sinto o seu coração acelerando bater junto ao meu peito, deslizo as mãos pelas suas costas e cabelo, tranquilizando-o.

— Está tudo bem... tudo bem — garanto com tom de voz brando, próximo ao seu ouvido.

Por incrível que pareça, todos no local estão mudos. Não se ouve ninguém falando, rindo ou cochichando. Nada. Até que a voz ativa do professor Afrânio, que é o diretor do colégio, quebra o silêncio.

— O que está acontecendo aqui?

— Esse descontrolado do Gustavo partiu pra cima de mim. — Ouço Vinícius reclamar e o som de sua voz sai abafada.

Sem afastar Gustavo dos meus braços, tento enxergar Vinícius. Pelo canto dos olhos, na direção lateral, vejo-o com a mão coberta de sangue sobre o nariz e a boca.

— Foi você que provocou.

A réplica vem de Matheus em defesa de Gustavo.

— Você de novo, Gustavo? — o diretor diz ao nosso lado. Gustavo ergue seu rosto e se solta de mim.

— Sim, eu. — Sua voz sai firme.

— Que bom. Como sabe dos procedimentos, vamos até a diretoria preencher sua suspensão — fala sem paciência ao Gustavo e depois vira-se para Vinícius. — E você, vá até o ambulatório ver o ferimento. Se estiver em

condições, volte para a sala, senão, está dispensado para ir embora.

— Como assim, suspensão? — reclamo. — O senhor não pode apenas dar a punição ao Gustavo, sem saber o que de fato aconteceu.

O diretor Afrânio me transfere um olhar semicerrado.

— Que interessante. Agora você quer me dizer como devo conduzir meu trabalho, senhorita? — Seu tom é ácido.

— Não. Eu não quero. Mas sua decisão em punir um só dos envolvidos é arbitrária — contraponho.

Apanho em sua expressão notas corrosivas, que parecem querer me derreter no lugar. Ele solta uma grande lufada de ar antes de falar:

— Tenho sido tolerante com o comportamento do seu primo por muitos anos. O número de vezes que ele já brigou dentro do colégio me daria o direito de expulsá-lo. Apesar de esta ser uma escola particular, nós não somos obrigados a ter em nosso meio um aluno que não consegue controlar suas emoções e está sempre externando-a, ao distribuir, gratuitamente, socos nos colegas.

Solto uma risada, desprovida de total humor.

— É mesmo? Então por que não o expulsou? — Faço uma breve pausa e volto a falar: — Ah... deixa eu ver. Porque se o fizesse, saberia que no mesmo dia, eu, minha irmã e meu irmão, deixaríamos o colégio também. E sim, esta é uma escola particular, ou seja, seria menos quatro da caríssima mensalidade que vocês cobram no final do mês.

— Pois, bem. A senhorita também está suspensa por tamanha impetuosidade em me afrontar — o diretor declara, bravo.

Ergo as sobrancelhas, mas não por espanto, e sim, demonstrando-lhe que não vou baixar minha guarda com sua imposição. Não se trata de falta de respeito, e sim, exigir que as coisas sejam justas.

— Ótimo! — Dou de ombros. — Não me importo que me puna por emitir minha opinião diante de uma injustiça e arbitrariedade. Me importaria se eu tivesse ficado calada sem dar voz ao que penso.

— Diretor, eu peço que reconsidere. Não suspenda, Valentina — Gustavo pede com tom preocupado.

— Já está feito. Os dois podem ir para a minha sala! — Afrânio profere, categórico.

Transfiro minha atenção para Gustavo, dando a ele a certeza que estou bem, que não me incomodo. Ele meneia a cabeça como um pedido de desculpas.

— Não acredito no que estou vendo. Agora você precisa que ela te defenda? Que merda de homem é você? — Vinícius, mesmo depois de apanhar, provoca.

Sinto-me farta. Farta pelas provocações de Nina, farta pelas provocações de Vinicius, e não espero que Gustavo dê uma resposta, logo dando a minha.

— O tipo de homem que, pelo visto, quebrou o seu nariz para me defender de algum comentário baixo e imundo que costuma fazer das garotas. E acredite, merda é você! Mas só merda. Porque não chega nem a ser um homem.

— Uau! Toma essa, Vinicius! — Matheus diz, rindo, e todos os outros alunos espectadores da confusão o acompanham.

Gustavo me olha com um ar surpreso e sorri ao tomar minha mão na dele, em seguida passa o braço em volta da minha cintura e começa a caminhar, levando-me com ele. Os alunos abrem caminho, formando uma espécie de corredor para que possamos passar entre eles. Não perco tempo olhando em seus rostos. Não me interessa saber o que suas expressões querem dizer, interessa-me apenas, fitar o rosto daquele que sempre esteve ao meu lado para me proteger.

Beijo sua face intacta de qualquer arranhão.

Mais adiante, ao alcançarmos um extenso corredor vazio que dará na sala do diretor, Gustavo para de andar, verifica ao redor, e ao que tudo indica, o diretor Afrânio não nos segue.

Gustavo move-me com ele até o canto, numa coluna de concreto coberta de tijolos a vista, se encosta nela, puxando meu corpo para si. Envolve os braços na minha cintura e captura minha boca, beija-me rápido, mas o suficiente para me fazer transbordar em entusiasmo.

Ele recosta a testa na minha e acaricia minha face com delicados tracejos dos seus dedos.

— Você foi sensacional — fala, pousando os olhos nos meus. — Não foi à toa que tio Leo lhe deu o apelido de menina valente. Mas a partir de hoje, vou mudar este apelido para *minha* garota valente.

— Pensei que eu fosse sua Moranguinho — brinco.

— Também! — Gustavo sussurra em meus lábios. — Valentina, você é a minha Moranguinho, minha garota valente. De todas as formas, é *minha*!

Não contenho o sorriso que brota em meus lábios, adorando cada apelido que ele encontra para mim.

— Eu gosto disso! — digo, submersa na imensidão da mistura verde azulado do cristalino de sua íris.

— Vai gostar disso também!

Gustavo leva a mão no bolso da frente do jeans e faz surgir uma pequena barra de chocolate. Ele abre a embalagem e leva até meus lábios, dou uma mordida no chocolate e ele faz o mesmo em seguida.

— Vou gostar ainda mais disso! — sussurro.

Como fiz antes para lhe acalmar, seguro seu rosto entre minhas mãos, mas agora é com outro objetivo. Tomo a iniciativa do beijo, uno nossos lábios, encaminho minha língua para junto da dele e elas se encontram, quentes e açucaradas, banhando-se no sabor de chocolate e no frenesi das nossas emoções. Emoções estas que tornam o beijo cada vez mais voluptuoso. Gustavo suga meus lábios e minha língua com voracidade e enfia os dedos entre meus cabelos, erguendo-os da nuca, pressionando o local. Meu corpo todo se agita no deleite das sensações.

— Vamos pegar essas malditas suspensões e dar o fora daqui, Valentina — Gustavo avisa com a boca ainda grudada na minha.

— Vamos!

Mordisco seu lábio inferior e ele suga o meu logo depois.

Partimos para a sala do diretor. Tão logo ele chega, preenche os papéis da suspensão. Gustavo e eu decidimos não falar nada, deixando que ele fale sozinho. Nosso objetivo é sair daqui. Assim que termina, professor Afrânio nos entrega as suspensões. Estamos banidos do colégio a partir deste momento e pelo dia seguinte, mas isso não é problema. Não agora. Nossas mochilas são trazidas e enfim podemos ir embora.

Sem se importar com mais nada, deixamos o colégio abraçados e rindo um para o outro.

A superfície, a realidade, não é nosso lugar. Nosso lugar é no mergulho mais profundo dos nossos sentimentos, na mais profunda inebriante, viciante e alucinante sensação que a paixão nos promove.

Aonde quer que estejamos, será assim: Gustavo e eu, juntos, inseparáveis... para sempre.



Gustavo

— Gustavo, posso entrar?

Deixo de enxergar meu reflexo no espelho, enquanto penteio com os próprios dedos o cabelo recém lavado e dirijo a atenção até a entrada do quarto onde meu pai está. Ele escora o corpo no batente da porta, suas mãos estão guardadas no bolso da bermuda. A camiseta larga e os chinelos que está usando destoam tanto do seu habitual terno e gravata.

— Entra, pai! — Ele assente com um menear de cabeça e se move para dentro do quarto.

Por alguma razão gosto de vê-lo com roupas despojadas. Isso me faz lembrar do período em que ele sempre chegava ao entardecer em casa, apressava-se em se livrar do traje de trabalho, e o substituía por roupas confortáveis para poder brincar comigo. Mas isso faz tempo. Foi por volta dos meus 10 anos de idade que meu pai passou a assumir cada vez mais compromissos com seu trabalho do que comigo.

— Vai sair? — pergunta-me, parando ao lado da minha mesa de estudos repleta de livros. Alguns específicos de Direito, foi ele quem me deu.

Observo-o pegar um dos livros e começar a folheá-lo.

O que será que o Doutor Luís quer comigo? penso antes de responder.

Aposto que dar suas inúmeras recomendações para o dia de amanhã.

— Vou dar um pulo na casa do tio Leo — respondo. — Mas, não se preocupe que eu não volto tarde, sei que amanhã é dia de prova e preciso descansar para o vestibular.

Apresso-me em dizer, antes que ele encha meus ouvidos.

— Tudo bem. — Ele solta o livro na mesa e transfere seu olhar para mim. — Tem tempo para uma conversa?

Ergo as sobrancelhas com a pergunta e com o tom de voz brando. Doutor Luís está bem estranho. Em geral ele entra no meu quarto sem perguntar se pode, e solta a bronca que tem que soltar ou a ordem que tem que dar.

— Tenho sim — afirmo.

Sento-me nos pés da cama, ele desliza a cadeira giratória de frente da mesa de estudos até onde estou, sentando-se em seguida nela. Ficamos ante um ao outro e meu pai curva seu corpo para frente, apoiando o antebraço na coxa. Reparo sua posição e quando me dou conta, vejo que é a minha também. Isso me faz sorrir. Possuímos bem mais semelhanças do que apenas os olhos azuis. Muitos jeitos e manias temos em comum. A forma como costumo unir as sobrancelhas e fazer surgir linhas de expressão na minha testa, por exemplo, é uma dessas manias.

— Como foi o resto da semana no colégio? Teve algum outro problema? — Ele se interessa em saber.

— Foi um saco, mas não tive nenhum problema, não.

A resposta é sincera. Depois de quebrar o nariz de Vinícius, ninguém sequer olhou para mim ou para Valentina. O dia em que passamos suspensos do colégio talvez tenha sido o suficiente para que fizessem todos os comentários a nosso respeito, pois ao retornarmos, tudo parecia normal.

— Que bom que não teve mais problemas.

Meu pai imprime um sorriso breve nos lábios, suas mãos estão entrelaçadas e ele estala os dedos, como se estivesse ansioso.

— Não precisa se preocupar, pai. É bem provável que essa tenha sido minha última suspensão — acrescento, amenizando para o meu lado e tranquilizando-o também.

— Você vai ter que acalmar os ânimos na faculdade, Gustavo. Lá não é como colégio. Além disso, agora você tem 18 anos, os atos têm consequências que vão além de uma suspensão.

— Estou ciente, doutor Luís — arremato minha resposta, soltando uma grande lufada de ar.

— Pai... Quem está falando com você é o Luís-pai, que se preocupa com o filho, e não o advogado. O que faço, Gustavo, é te alertar e prevenir para

que não se envolva em problemas.

Ao falar usa de um tom de voz sério, mas seu semblante é ameno. O tom sempre austero não está presente, aliás, desde que entrou no quarto notei isso. O que me impressiona e me motiva a falar mais do que normalmente falo com ele.

— Tudo bem, estou tentando acalmar. Juro que estou tentando. Não gosto de ser o cara que explode fácil — confesso. — Mas, eu sou esse cara. Admitir que *ser assim* não é algo para se orgulhar, foi o primeiro passo que dei na tentativa de mudar.

— Isso é bom, filho. Demonstra seu amadurecimento.

Curvo o canto da boca para cima, enquanto passo os dedos sobre o desfiado de um dos rasgos do jeans que fica próximo ao bolso da frente. Ouvir um comentário positivo vindo do meu pai me deixa feliz e suscetível a falar mais.

— Comecei a praticar artes marciais por isso — revelo. Ele franze o cenho em questionamento. — Já tinha ouvido falar de casos de pessoas com dificuldades de comportamento que encontraram equilíbrio praticando-as, por isso, procurei a academia — explico.

Meu pai permanece com total atenção em mim, demonstrando interesse ao assunto, então continuo.

— Em cada uma das artes marciais mistas, encontro em suas regras, disciplinas e fundamentos. Uma forma de autocontrole. São através delas que tenho tentado aprender a lidar com minhas emoções, contê-las e canalizá-las — elucidado, tornando o assunto claro a ele. — Ainda estou longe de ser um cara tranquilíssimo, mas tenho tentado amenizar bastante.

Encolho um pouco os ombros. É a primeira vez que conto isso a alguém, e abrir o jogo sobre esse assunto me faz sentir um tanto vulnerável por admitir minhas próprias fraquezas.

— Estou surpreso em saber disso tudo. — Ele joga o corpo para trás, apoiando as costas na cadeira.

— Considerando que, exceto por ter me envolvido naquela briga para ajudar Matheus, fazia um bom tempo que eu não brigava, pode-se dizer que aos poucos estou progredindo. — Dou um sorriso contido com a afirmação, mas ao passo que me lembro do motivo da minha última briga, meu semblante se fecha com raiva. — Só que é difícil de se controlar quando alguém diz o que Vinícius disse, por isso, não me arrependo de ter quebrado o nariz dele — arremato o assunto.

Fitando-me, meu pai assume um silêncio absoluto, e isso me deixa um tanto desconfortável. Desvio minha atenção para os meus pés, onde os cadarços

do coturno esperam ser amarrados. Faço a ação pensando o quanto era para esse tipo de conversa entre ele e eu ser natural e não me deixar desta forma. Apesar disso, mesmo com a estranheza da ocasião, gosto de poder falar com ele e ter sua atenção.

— Sabe, Gustavo — ele começa. — Na sua idade eu também não era o cara mais calmo e nem alguns anos depois, principalmente, quando o assunto envolvia sua mãe. Sempre senti, ou melhor, sinto ciúmes dela. Esse foi o único motivo até hoje pelo qual me meti em brigas e me refiro a briga de socos, mesmo, não só discussão.

— Sério? Você já bateu em alguém? Se meteu mesmo em brigas? — questiono, interessado em saber mais.

Ele descansa os cotovelos no apoio de braço da cadeira e assume uma expressão pensativa antes de começar a contar.

— Melissa sempre foi desse jeito falante, simpática, distribuía sorrisos para todo mundo. Eu ficava doido de ciúmes, mas tinha que respeitar o jeito dela, não queria ser o namorado chato e controlador. Mas as vezes nós discutíamos por causa de ciúmes ou ainda, outras vezes, eu perdia a razão, explodia e partia para cima do engraçadinho que se aproximasse demais dela.

Sua confissão me impressiona, e mais que isso, me identifico com ela.

— A raiva que a gente sente é maior do que qualquer razão — digo.

— Exato — ele concorda. — Houve uma vez que estávamos numa festa da faculdade, um cara agarrou Melissa e a beijou. Da curta distância onde eu estava, a via tentando se livrar dele e a cena me enfureceu, me cegou. Bati tanto nele que parei na delegacia.

Arregalo os olhos e me empertigo. Essas revelações são de longe as mais improváveis que eu poderia imaginar ouvir do — sempre tão correto — advogado doutor Luís Dutra.

— Você foi preso?

— Fiquei algumas horas detidos, meu pai chegou, fez o papel dele de advogado, pagou fiança, depois respondi um processo por agressão física.

— Uau! Não consigo imaginar você numa circunstância dessa — comento, levando a mão ao queixo.

Estou boquiaberto em saber disso tudo.

— Não foi a melhor experiência do mundo — ele admite. — Mas pela sua mãe eu era capaz de tudo, ainda sou. Eu a amo demais. Mel é tudo para mim.

Os olhos do meu pai brilham ao falar da minha mãe. Em todos os aspectos essa conversa nos coloca tão parecidos, tão próximos...

— Eu te entendo, pai — falo, perdido nos pensamentos que me levam até Valentina.

— Sei disso. Sei que me entende e que se identifica com tudo que acabo de dizer.

Levanto-me da cama, sentindo-me apreensivo.

— Como assim? — questiono com desconfiança.

— Quase todas as suas brigas no colégio foram por causa da Valentina, e...

— Espera! — Estico o braço na direção dele, interrompendo-o. — Você está colocando a culpa nela, é isso? Te expliquei o motivo dessa última briga e você até concordou que o Vinícius mereceu — argumento aborrecido, subindo o tom de voz.

Ele também fica de pé.

— Me ouve e se acalme — pede, tocando meu ombro.

Inspiro fundo, encarando-o.

— Ok, vamos lá! Primeiro: sim, eu entendi o motivo que fez você bater no tal Vinícius. E acho até que foi a primeira vez que não me chateei por assinar uma das suspensões que você já recebeu. Valentina é minha afilhada, meu carinho por essa menina é como de uma filha, e algo tão desrespeitoso como o que esse rapaz disse, merece punições. Você fez sua parte, da maneira que sabe fazer, o colégio foi negligente e eu só não o acionei, pois você não quis, para não levar o assunto para frente, já que o ano letivo está acabando.

Concordo. Esse foi o desejo de Valentina. Com os pais ela justificou a suspensão de tal forma que não deixou de contar a verdade, mas sem os detalhes.

— Segundo: não estou querendo dizer que a culpa é da Valentina, mas ela é o motivo pelo qual você se mete em brigas, assim como eu me metia por causa da sua mãe.

— Sim, porque ela é minha prima e eu sempre quero protegê-la.

— É só por esse motivo, Gustavo?

Solto-me do toque de sua mão em meu ombro e caminho pelo quarto, pegando meu celular em cima da cama. A notificação de uma mensagem de Valentina está aparecendo no visor, fazendo-me mais do que nunca lembrar do seu pedido: “*vamos manter em segredo, por enquanto*”

— Sim. É só por esse motivo — respondo, de costas para o meu pai.

— Você gosta dela, não é?

Viro-me para ele, colocando no rosto uma expressão abismada. Ele pode imaginar que é pela pergunta que me fez, mas é muito mais. Por saber que ele percebeu que eu gosto dela, mais do que qualquer outra coisa.

— Que pergunta é essa? É óbvio que gosto dela — disfarço.

— Não é esse tipo de gostar que estou falando, é de outro, e você sabe muito bem a que *tipo* de gostar estou me referindo.

Ele me fita sério e dou alguns passos, voltando a ficar ante a ele.

— Pai, não sei aonde você quer chegar com isso...

— Eu quero que você entenda e se lembre que Valentina é a filha do seu tio Leonardo. Você percebe o quanto isso é perigoso?

Sinto-me aturdido com suas palavras.

— Você diz isso por sermos primos? — inquiri. — Mas... nós não somos primos de sangue!

— Então admite que gosta dela?

Não respondo.

Mas quem cala, consente.

— Eu sabia! — meu pai exclama, afastando-se.

Com as mãos na cintura ergue a cabeça para o teto e respira fundo. Eu pressiono a nuca com força, sabendo que a conversa não deveria ter chegado a este ponto.

Ele me encara e capto a preocupação em sua expressão. Aproximando-se, diz:

— O que quer que esteja acontecendo entre vocês dois, tem que parar, tem que acabar. Porque, Gustavo, vocês não são primos de sangue, mas isso envolve família. Já parou pra pensar o quanto pode influenciar na relação de todos nós?

— Eu gosto dela e ela gosta de mim, tá legal? Vamos assumir nosso namoro. Estávamos só ganhando um tempo e deixando para contar depois do vestibular.

— Gustavo...

Ele volta a tocar meu ombro, mas estico meu braço, alcançando o dele também. Em meus 18 anos de idade, essa é a conversa mais franca que temos.

— Pai, o que a gente sente um pelo outro é verdadeiro. Não planejamos, aconteceu. Valentina sempre foi tudo para mim e agora ainda mais. Tudo que faço é pensando nela, é porque a tenho comigo — profiro, sentindo a certeza e a verdade em cada palavra dita.

Meu pai repuxa o canto dos lábios num sorriso que soa triste.

— É isso que me preocupa, Gustavo. Essa sua dependência dela. E quando Valentina não estiver mais por perto?

— Isso nunca vai acontecer. Ela sempre estará.

— Mas, e se não estiver?

Olho no fundo dos olhos do meu pai e digo aquilo que está no fundo do meu coração.

— Então, sem Valentina por perto, minha vida não tem sentido.



Valentina

Deslizo o pente sobre os fios do meu cabelo e ele trava no meio do percurso, colidindo com um nó. Um daqueles tão embaraçados que preciso exercer força nos dedos para fazer com que o pente se livre dele. Força tamanha que faz minha cabeça pender para o lado. Puxo... puxo e não adianta, o nó continua ali. Os fios estão mais entrelaçados do que nunca.

Bufo, sentada diante do espelho da penteadeira ao notar minha incapacidade de desfazer o nó e ao ver a mancha de água que o cabelo molhado fez na minha *t-shirt* de cor branca com a estampa de várias borboletas. Ela é a mais nova peça do meu guarda-roupas. Comprei-a no dia que não precisei ir para o colégio por causa da suspensão.

Gustavo e eu fomos ao shopping depois do intensivo no cursinho pré-vestibular, e quando meus olhos encontraram a roupa em uma vitrine, recordei de imediato a sensação de borboletas no estômago sempre que Gustavo me beija, e sobretudo, aquela incomparável sensação do primeiro beijo. Não que eu precisasse de algo para me fazer lembrar o que os beijos dele me causam, mas achei tão linda e representativa que não pensei duas vezes em trazê-la para casa comigo.

Subo o pente até o topo da cabeça, voltando a fazer o percurso na

esperança de não encontrar o nó pelo caminho, mas quão idiota isso parece, afinal, ele não é capaz de se desenlaçar sozinho.

— Eu preciso desfazer esse nó...

Sopro, incomodada.

Largo o pente e com a ajuda das duas mãos, separo a mecha de cabelo onde o nó está e puxo para cada lado. Dói, choramingo, chateio-me.

— Droga... droga! Preciso desfazer isso, preciso contar a verdade, não aguento mais.

Outro nó se forma e agora é na minha garganta. Tranco a respiração, reprimindo a vontade de chorar, mas os olhos não seguram as lágrimas que se avolumam nele. Uma trilha molhada desce pelo meu rosto, enquanto em silêncio fito uma Valentina sufocando na mentira. Toda minha agitação não se deve apenas ao nó no cabelo, ainda assim, libero nele minha raiva.

Volto a separar a mecha de cabelo, puxando para cada lado os fios, na tentativa de arrebentar o nó. Mas... que merda! Não consigo desfazer este embaraço no meu cabelo, como vou conseguir desfazer o embaraço que tornei minha vida?

— Como desfaço isso? — choramingo ao meu reflexo no espelho.

— Eu te ajudo.

— Mãe?! — surpreendo-me. Ela se senta ao meu lado no banco em frente à penteadeira. — Ah, mãe — digo com a voz trêmula.

Agarro-me nela e seus braços me envolvem, aninhando-me em seu peito. Isso basta para que eu libere toda minha tensão e comece a chorar. Minha mãe permite que eu chore pelo tempo que preciso, sem questionar. Apenas afaga meu cabelo molhado e me embala em seu colo. Choro... choro... até que a emoção começa a se abrandar, com isso, afasto-me devagar de seu peito.

Seus olhos atentos e carinhosos estão em mim, seus volumosos lábios curvam-se com um sorriso e depois encontram minha testa.

— Deixa eu te ajudar — pede, pegando o pente. A voz tão suave é um conforto instantâneo, assim como seu colo.

Viro-me de costas para ela e deixo que me ajude.

— Sempre gostei de fazer isso e você também sempre gostou que eu fizesse — ela fala ao deslizar o pente pelos fios do meu cabelo. — Mas, como em tudo, desde cedo, você demonstrava sua vontade de ser independente e sua perspicácia em fazer as coisas, então a partir de um momento você decidiu que queria pentear o cabelo sozinha.

Ouçoo seu sorriso que também me faz sorrir com a recordação.

— Eu insistia em pentear o cabelo sem sua ajuda — comento.

De repente sou assaltada por um sentimento de saudade. Percebo o

quanto isso me fará falta e o quanto deveria ter aproveitado mais.

— Seu cabelo sempre foi longo, os fios finos se embaraçavam fácil e muitas vezes você conseguia penteá-los sozinha e desfazer os nós, mas quando não, me pedia ajuda. Lembra-se disso? — pergunta-me.

— Lembro — confirmo, olhando o reflexo da minha mãe no espelho.

Uma mão sua segura a mecha do cabelo, enquanto a outra trabalha com o pente na parte embaraçada. Não sei como ela faz isso, mas minha mãe não puxa um fio sequer do meu cabelo. Não sinto desconforto algum.

— E se lembra também que eu sempre disse que estaria aqui para te ajudar, independentemente da idade que tivesse?

— Lembro sim, mãe — respondo cabisbaixa.

— Ótimo — ela diz, parando um instante de pentear o cabelo e mantendo sua atenção em mim através do espelho. — Filha, te conheço o suficiente para saber que preciso deixar você tentar sozinha, dar-lhe o tempo necessário até que perceba que não há problema em assumir que não deu conta, e que precisa da minha ajuda. Só preciso que peça, meu amor. Sou sua mãe, sempre vou te ajudar, além disso, poderá confiar em mim em qualquer situação.

Deixo de olhá-la pelo espelho e viro-me, ficando com o rosto ante ao dela. Seu indicador traça o contorno da minha sobrancelha, em sua expressão sinto todo amor, respeito, e acima de tudo sua compreensão.

Sinto-me arrependida por não confidenciar a ela tudo que estou vivendo, por não dividir minhas angústias.

— Mãe, me desculpa por escapar de você durante esses dias. É só que...

— Tudo bem, eu até pensei em insistir, mas recordei exatamente disso que acabei de dizer. Você precisa tentar sozinha, assim é você.

— Obrigada por compreender, mãe.

Beijo seu rosto e ela retribui beijando o meu. Depois de breves segundos me olhando, ela volta a pentear meu cabelo, agora com duas grandes mechas divididas para frente dos ombros. Quando terminada, diz com tom suave:

— O nó do seu cabelo foi desfeito. Agora, deixe-me ajudar a desfazer o nó que está aí dentro de você. Sei que você está duelando consigo mesmo. O que te aflige filha?

Mordo o lábio inferior e minha respiração torna-se agitada, acompanhando o acelerar do meu coração.

— Gustavo, mãe. É ele — digo, certa de que já não posso mais guardar segredos.

— O fato de não ter contado sobre a faculdade? — ela pergunta.

— Sim, isso está me consumindo. Eu tentei algumas vezes essa semana, mas não consegui dizer nada. Não tive coragem — revelo, aflita.

Trago a mente os momentos em que cheguei a abrir a boca para contar a verdade para Gustavo, mas nenhum som saiu, pois via tanta alegria nos olhos dele, via sua animação com o vestibular e a nova fase que vamos viver. Não quis que nada atrapalhasse ou interferisse.

— Quando seu pai me contou desse seu pedido em manter segredo, não julguei como a melhor ideia — minha mãe fala.

O remorso me atinge, fazendo-me contrair. Ela percebe a dor que me envolve e toma minhas mãos na dela.

— Eu fiz para que ele não desistisse do vestibular — explico, triste.

— Sei disso e entendi os seus motivos para não contar. O problema, Valentina é que podemos esconder algumas verdades por um tempo, mas não a vida toda. Ainda mais nesse caso, que você vai embora. E, filha, não importa se ele saiba hoje ou depois, essa notícia será um choque para o Gustavo. Só que quanto antes você contar, mais tempo terá para arrumar a bagunça que essa notícia trará.

Meu coração se aperta dentro do peito, e nervosa, fico de pé, começando a andar de um lado para o outro no quarto enquanto imagino todas as piores possibilidades, quando a verdade vir à tona.

Novas lágrimas começam a escorrer por minha face. Nunca antes me senti tão vulnerável e com tanto... medo.

— Estou morrendo de medo! — declaro, alto e dolorido. — Medo de magoá-lo, medo das consequências... O que eu vou fazer se ele nunca me perdoar? Se ele nunca mais quiser falar comigo? Eu não posso perdê-lo, não posso... eu... eu o amo. Eu amo o Gustavo!

Cubro a boca com as mãos, surpreendo-me com minha própria afirmação e por dizê-la nesse tom tão desesperado.

Olho para minha mãe que nitidamente sofre o efeito do que acaba de ouvir. Seu rosto mantém as sobrancelhas erguidas, os lábios numa linha reta.

— Vocês se apaixonaram... — ela sussurra, levando as mãos ao rosto. Os olhos se fecham por um momento e depois voltam a encontrar os meus. — Minhas suspeitas não estavam erradas...

— O que eu faço, mãe?

Ela se levanta e fica ante a mim, de modo que posso notar seu nervosismo pelos dedos que ela desliza em um vai e vem pela própria testa.

— Você tem certeza de que é amor? Vocês sempre foram tão próximos, será que não estão confundindo tudo isso? Tanto você, quanto ele, nunca se apaixonaram antes. Sabe, filha, não estou dizendo que não é possível

vocês se amarem, é só que... que...

Minha mãe solta as perguntas, uma atrás da outra, as mãos se movendo sem parar, seu olhar dançando sobre minha face. A reação dela é tão clara, transparecendo tudo que sente, e sei mais do que nunca o quanto este assunto a deixou nervosa e agitada.

— Mãe, você já havia amado alguém antes do meu pai?

Ela paralisa.

— Não, nunca.

— Mas soube que era amor o que senti por ele? — pergunto.

Ela assente, comprimindo os lábios, e capto o quanto seu queixo está trêmulo.

— Eu sei que amo o Gustavo.

Minha mãe me puxa para os seus braços e em seguida afasta-se, segurando meu rosto entre as mãos, até que diz:

— Não espere nem mais um dia, conte a verdade. Todas! A sua ida para a África do Sul e também que o ama. Abra seu coração e esteja preparada, pois Gustavo não vai entender fácil, mas se ele também te ama, vai aceitar.

— E se ele não me perdoar por ter mentido para ele?

— Valentina, o verdadeiro amor perdoa e suporta as piores tempestades, porque há nele a segurança de que através de sua força tudo se supera. Se for verdadeiro o que ele sente por você, Gustavo vai te perdoar.

Assinto.

Voltamos a nos abraçar e os pesos dos meus segredos ainda não me abandonaram por completo, mas pelo menos o de esconder da minha mãe sobre meus sentimentos por Gustavo, me livrei.

Ouvimos uma leve batida e em seguida Alice revela-se ao abri-la.

— Valen?

— Oi, Ali. Entra.

Ela avança da porta até próximo a cama onde estou abraçada a minha mãe.

— Tio Luís quer falar com você. — Estende a mão com o celular. — Ele disse que tentou o seu, mas deu na caixa de mensagem. Disse também que é urgente, tome.

Pego o celular das mãos de Alice, e tanto ela quanto mamãe me olham de sobrelance unidas.

— Alô, tio? — digo, ansiosa.

— Oi, querida. Tudo bem?

— Tu-tudo

Consigo ouvir sua respiração profunda do outro lado linha.

— Alice disse que Gustavo ainda não está aí.

— É, ainda não — confirmo.

— Certo. Então, por favor, me ouça. Eu preciso fazer um pedido.

Seu tom de voz sério e firme me deixa ansiosa e à medida que discorre seu pedido, sinto no peito um aperto, por perceber o quão transparente é a preocupação do meu tio. E o quanto minhas escolhas e decisões influem diretamente nas de Gustavo, e no seu comportamento. A ligação é encerrada e eu permaneço imóvel processando seu pedido, que faz sentido e que compreendo.

Ao longe o som da campainha toca, Alice deixa o quarto e volta em seguida.

— Gustavo acabou de chegar — informa.

— O que Luís queria? — mamãe pergunta em seguida.

— Papai lhe contou da minha ida para África e de que estou guardando essa informação de Gustavo. Então, me pediu para continuar a guardar. Contar só depois do vestibular.

— Ele está certo. Se você não contou até agora... — Alice diz, encarando-me. — Contar às vésperas das provas não faz sentido. Deixa para soltar a bomba depois!

Aflita, transfiro minha atenção de Alice para a minha mãe, esperando ouvir sua opinião.

— Siga seu coração. Tenha um tempo sozinha, depois eu digo para ele subir.

— Está bem. Obrigada, mãe.

Alice e ela seguem até a porta, de lá me deixam um sorriso e um beijo no ar. E dentro de mim a mentira me sufoca.

Preciso de ar fresco para conseguir respirar.

Gustavo

Entro no quarto e não vejo Valentina. Uma corrente de vento faz a cortina da porta-janela se agitar, dando-me a visão dela na sacada.

Aproximo-me o suficiente para notar sua cabeça erguida para o céu e tão concentrada em observá-lo, não percebe minha presença. Dou um passo além e fico com o corpo atrás ao dela, separados por uma distância mínima.

— Um doce pelos seus pensamentos — digo, estendendo a mão com o bombom até a frente do seu rosto.

No mesmo instante ela se vira e me abraça. Os braços me apertam com força, seu rosto afunda-se entre meu ombro e pescoço, e as mãos agarram o tecido da minha camiseta. Correspondo-a com a mesma vivacidade, envolvendo meus braços nela.

— Ei, tudo bem? — pergunto depois de um tempo em que permanecemos abraçados.

Valentina se afasta devagar e seu inspirar fundo e pesado toca meu rosto. Sob a luz do luar, sua íris de tom castanho-claro toma um brilho ainda maior e ao admirá-las noto o marejar de seus olhos.

— Gustavo...

Sua voz está trêmula e eu não estou gostando nada disso.

— O que houve?

Ela pisca, fazendo o acúmulo de água nos olhos escapar e escorrer pela bochecha.

— O que houve? — Tomo seu rosto em minhas mãos. — Por que está chorando?

Encaro-a, cada vez mais o volume de água aumenta e ela permanece em silêncio.

— Fala comigo, Moranguinho — peço, comprimindo os lábios, sentindo a angústia por vê-la assim.

— Quero que saiba que o que eu sinto por você é forte, é verdadeiro, e que você é muito importante pra mim.

Suas palavras alcançam meu coração, que começa a fazer aquilo que sempre faz quando está perto dela. Bater acelerado.

— Você não tem ideia da alegria que sinto em ouvir você dizer isso... — falo, mantendo minha mão em seu rosto.

Ela junta as mãos dela nas minhas, acariciando-as, e preparo-me para dizer-lhe mais, porém, sou surpreendido pela pergunta que ela faz.

— E o que você sente por mim, Gustavo?

— Amor! — respondo de imediato.

— Amor?! — questiona com um menear de cabeça.

— Sim, amor. O mais forte e verdadeiro que existe. Já deveria saber disso — sorrio.

Olhamo-nos no fundo dos olhos um do outro e sinto-a tão frágil, como se nesse momento ela precisasse de mais. De mais certezas.

— Eu te amo, Valentina. Não temos o que temer. Se nos amamos, poderemos enfrentar qualquer coisa — declaro com convicção.

— Qualquer coisa? — indaga com tom esperançoso.

— Qualquer coisa. Sempre! — afirmo.

Valentina sorri, tira as mãos que até então permaneceram juntas das minhas em seu rosto e coloca sobre meu peito, onde meu coração já deixou de manter um ritmo normal faz tempo. A cada segundo parece acelerar mais.

— Eu também te amo, Gustavo. Nunca esqueça que eu te amo.

Uma alegria tão grande toma conta de mim e começo a sorrir feito um bobo, capturando a imagem feliz do rosto de Valentina diante do meu.

Meus olhos recaem em seus lábios, seco com o polegar o canto dele, onde uma lágrima encontrou refúgio, e logo em seguida faço dos lábios de Valentina o refúgio para os meus. Uno nossas bocas, selando assim, nossas declarações de amor.

Sei que sempre que eu disser que a amo, lembrarei deste dia. Que pela primeira vez, dei voz aquilo que meu coração vinha falando e sentindo há tanto tempo.



Valentina

O fato de caminharmos de mãos dadas é uma agradável novidade. Nos últimos dias que se passaram no colégio, por vezes, nossas mãos se encontravam de maneira discreta. Os olhares de julgamento até que cessaram, mas eu ainda estava sob e os efeitos de tudo que havia acontecido. E, por causa disso, não me sentia muito confortável com o toque, apesar de amar e desejá-lo.

Mas aqui pelos corredores da universidade, onde não há conhecidos — exceto por um e outro professor e alunos do cursinho pré-vestibular, que não sabem que Gustavo e eu somos primos —, sinto-me livre para nossas demonstrações de carinho. Livre para agirmos como qualquer casal de namorados.

— Sua mão está gelada — Gustavo diz e a leva até seus lábios cálidos, beijando-a com ternura. — Está nervosa?

— Um pouco. Você não?

Fito a lateral de seu rosto, onde instantes antes, beijei e senti sua fragrância forte e masculina de creme de barbear.

— Talvez mais ansioso do que qualquer outra coisa. Estou curioso para saber o que nos espera nessa prova — ele fala com uma expressão animada.

— É... eu também! — Meu estômago se aperta. Sinto-me ansiosa, por

certo. So que, não mais que nervosa.

Solto o ar.

Estou nervosa, muito nervosa. Mas o nervosismo não se limita só pela prova, e sim, porque sei que assim que a finalizarmos, contarei toda a verdade para Gustavo. O plano desde o início foi de só contar após o vestibular, sem poder mais adiar isso. Ontem à noite, enquanto nos beijávamos por um tempo no quarto, tomei a decisão de que não esperaria nem mais um dia sequer, portanto, em questão de horas estarei diante de outra prova. Sem dúvida, uma prova de fogo dizer a Gustavo que no início do próximo ano estou de partida e teremos de nos separar, assim como agora que alcançamos o prédio do curso de medicina, onde farei minha prova.

— Eu fico por aqui — digo.

Como os locais de prova já haviam sido informados durante a semana, Gustavo e eu nos preocupamos em vir conferir, para que hoje, não precisássemos ficar rodando à procura deles. Descobrimos que faremos em salas, bem como prédios distintos, conforme a escolha do curso. Descobrimos ainda que os blocos de Direito e Medicina ficam próximos. O que na ocasião deixou Gustavo feliz por ver a proximidade deles.

— Quem acabar a prova primeiro vai ao encontro do outro, ok? — Confirmo com a cabeça, ouvindo-o. — Vi que tem uma lanchonete do outro lado da avenida, podemos almoçar por lá e depois vir descansar ali. — Gustavo aponta para um gramado com grandes árvores. — E assim, estaremos revigorados para a segunda parte da prova.

Ele sorri contando todo o planejamento feito.

— Está bem.

Minha resposta é concisa, apesar da vontade de dizer o quanto ele é observador e quão atencioso foi em traçar esse breve planejamento para nós. Mas evito falar muito, pois estou com medo de que minha voz falhe, ou saia trêmula demais e ele note ainda mais meu nervosismo.

Sinceramente, já não sei como vou me sair na prova.

— Valentina? — Ele toca em meu queixo. — Você sabe o quanto estudou para essa prova e sabe também que tem grandes chances de gabaritar as perguntas. Só precisa afastar o nervosismo que dará tudo certo.

Gustavo me abraça apertado. Deus! Ele está preocupado comigo, dando-me conselhos, acreditando que meu estado afetado é devido à prova. Eu queria mesmo que todo esse nervosismo fosse só por ela, mas não é. Encolho-me um pouco, deixando a lateral do meu rosto pressionar-se ao seu peito. Ali ouço a batida ritmada do seu coração e o som cadenciado começa a me transmitir o mínimo de calma para ordenar meus pensamentos e ações.

— Dará tudo certo para nós dois — falo, erguendo o olhar para ele. — Você também estudou bastante, tenho certeza que se sairá bem.

Incentivo-o como agradecimento e Gustavo acaricia o polegar em minha face.

— Tive uma boa companheira de estudos. Isso vai ajudar bastante para um resultado positivo — diz com um sorriso amplo.

— Que nada! Você que é inteligente e se dedicou — acrescento.

Pego suas mãos e aperto firme entre nossos corpos.

— Boa sorte! — desejo-o, esticando-me e alcançando sua bochecha onde deposito um beijo. Gustavo em resposta sopra um “*boa sorte*”.

Em seguida me afasto, dou-lhe as costas e começo a caminhar. Mais alguns segundos tão perto dele e tão perto de lhe dizer a verdade, parece me colocar cada vez mais nervosa. Não sei como sobreviverei ao restante do dia.

— Moranguinho?

Paraliso ao som da sua voz e a forma tão doce como meu apelido rola pelos seus lábios.

Viro-me e sou surpreendida pela rapidez com que seu corpo se junta ao meu. Gustavo une nossas bocas, beijando-me de forma suave. Envolvendo seus lábios nos meus, indo um pouco mais fundo a cada mover de cabeça para o lado.

Em nossas línguas há resquícios do sabor de morango deixando pela bala que Gustavo colocou na boca assim que saímos do carro, e ao fazer, antes ele colocou uma na minha com seus próprios lábios. E o beijo que ele me deu em seguida, pressionando-me contra a porta do automóvel, foi um tanto quente e sensual demais para o momento. Mas eu gostei. Gostei e comecei a desmoronar, ficando nervosa pelo medo de que existam grandes chances que eu não tenha mais desses beijos em breve.

Aos poucos liberamos um a boca do outro, afastamo-nos devagar, como se não quiséssemos ter que fazer. Ergo minhas pálpebras com a mesma leveza que esse beijo foi encontrando, os olhos de Gustavo fixos nos meus.

Eles brilham, vitoriosos e felizes, como os raios de sol que conseguem ultrapassar as nuvens dessa manhã de céu nublado. Como estamos entrando quase na segunda quinzena de dezembro, ainda que nublado, a temperatura está alta e a sensação de abafamento adiciona um calor em nossos poros, além daquele habitual de sentimentos quando estamos juntos, e... nos beijando.

Sua mão envolve-se em uma grande mecha do meu cabelo, levando-a até seu nariz e inspirando fundo, diz:

— Agora, sim. Boa sorte!

Dando-me um sorriso travesso ele se vai.

Subo os três lances de escada, ditando o mantra de que preciso me

acalmar e me concentrar. Quando chego no topo, respiro fundo, vou até um canto do corredor e abro minha bolsa onde meu fiel e bom companheiro sempre está. O pequeno ursinho de pelúcia, dado a mim pelo meu pai quando eu era um bebê. Deslizo os dedos indicador e polegar pela fita marrom em seu pescoço que contrasta com o tom creme de todo seu corpo fofinho. A fita forma um laço em volta do pescoço, as pontas dela estão desfiadas, um tanto surradas, pelo excesso de vezes que meus dedos já massagearam o tecido macio de cetim que tem o poder de me tranquilizar. O fio de lã costurado em sua boca curvado para cima nos cantos, sempre me deram a sensação de ele estar sorrindo para mim. Olho-o uma última vez antes de entrar na sala, convencendo-me de que todos os problemas ficam do lado de fora da sala em que vou entrar.

Essa prova será determinante em minha vida.



Ao erguer a cabeça e olhar para o relógio pendurado no centro da parede, acima do quadro branco, assusto-me com o avançar das horas

Nossa, são quase 11h30! Ok, não há problemas, aviso ao meu cérebro

Tenho tudo sob controle. Apesar de como estava me sentindo no início da prova, consegui livrar a mente de tudo e me concentrar o suficiente. Meu cartão resposta está todo preenchido com as devidas respostas de conhecimentos específicos, e a redação acabo de colocar o ponto final. Confiro ainda se não esqueci de assinalar alguma resposta no meu caderno de prova. Este ficará comigo e poderei verificar quantas das perguntas acertei, conferindo o gabarito que será liberado pela universidade no final do dia.

Entrego meu cartão resposta para a fiscal de sala e abandono o local inspirando fundo. A primeira fase da prova me pareceu acessível a tudo que tinha estudado sobre medicina, mas a redação me tomou mais tempo. Sinto-me aliviada. A parte I da prova, no meu conceito, seria a mais difícil. A parte II, que será aplicada no período da tarde, abrange todas as matérias da base nacional de ensino, e para esta, estou bem segura. Acredito que levarei menos tempo para realizá-la. Mas é bom manter o foco. Apesar de tudo que estudei, sei que essa universidade não pega leve. É uma das melhores e bem-conceituadas do Estado. Dentre as universidades particulares, é conhecida por possuir um sistema bem rigoroso de aprovação, e para que eu consiga fazer o intercâmbio universitário, tenho que atingir uma pontuação alta. Bem alta! Resta-me agora, vencer essa fase final e depois reunir todas as minhas energias — restantes — e coragem para conversar com Gustavo.

E ali está ele, me esperando no mesmo lugar onde nos despedimos horas antes, com a lateral do corpo apoiado numa parede e a atenção no celular em sua mão. Assim que desço o último degrau da escada, o olhar dele se ergue.

— Ei, como foi? — pergunta-me, vindo ao meu encontro.

— Bem, e você?

— Acho que bem. Foi meio que incrível como consegui matar fácil as perguntas de conhecimento específico.

Sinto-me feliz com a entonação de satisfação dele.

— Viu?! Falei que você levava jeito para o Direito. Só foi fácil porque é um assunto que gosta.

— Pois é. Estou surpreso, para falar a verdade!

— E eu orgulhosa de você!

Gustavo me abraça apertado.

— Obrigado — diz em meu ouvido. — Se não fosse por você eu nem estaria aqui hoje.

— E estará nos próximos anos, concluindo o curso, tornando-se um ótimo advogado!

— Estaremos! — Ele beija meu rosto. — E você se tornando uma ótima médica. Isso vai ser legal, Valentina.

Emudeço e troco de assunto ao notar em sua mão o celular com o aplicativo de mensagens.

— Com quem estava falando?

— Meu pai. Ele já mandou um monte de mensagens perguntando como estou e como foi a prova.

Tio Luís está mesmo preocupado, e este é outro assunto do qual quero fugir.

— Vamos almoçar? — convido. — Estou com fome! — Levo a mão ao estômago, fazendo uma expressão de fome.

Gustavo solta uma risada.

— Vamos sim. Até porque, em breve temos que voltar.

Ele passa o braço sobre meus ombros e seguimos para o lugar que ele mencionou onde poderíamos comer.

A temperatura que já não estava branda, se elevou um pouco mais ao final da manhã. O sol venceu todas as nuvens que o escondia e projeta seus raios para todos os cantos, tanto que passo o curto trajeto feito do prédio até o lado de fora dos portões da universidade sentindo-os sobre minha pele, fazendo uma fina camada de suor se formar na minha testa. Assim que paramos na faixa de pedestres para aguardar o semáforo fechar e poder atravessar a avenida, sinto uma gotícula de suor percorrer o centro das minhas costas.

— Deus do céu, que calor! — reclamo, afastando o tecido da minha regata para entrar o mínimo de brisa que sopra no ar, mas nem isso e nem a cor branca dela parece amenizar o calor.

Gustavo ergue as sobrancelhas ao perceber minha briga com a temperatura.

— Sua pele clara é bem sensível ao sol. Está vermelhinha! — Ele ri, tocando meu nariz.

— Sério que já assumi minha aparência de camarão? — Levo a mão a testa, secando-a e lamentando por ter esquecido de passar protetor solar.

— Nada disso — diz, virando meu corpo para frente do dele. — Aparência de morango, isso sim, meu moranguinho.

Surpreendo-me quando Gustavo enfia as mãos debaixo do tecido da regata, tocando minha pele úmida. O contato causa um repentino alvoroço dentro de mim, e... caramba! Isso não ajuda. Sinto ainda mais calor.

— Está molhadinha — sussurra em meu ouvido, percorrendo os dedos pelo mesmo lugar que antes aquela gotícula de suor fez. Mas ela não me fez sentir esse arrepio atravessando toda a minha coluna, tampouco teve o poder de eriçar os pelinhos do meu antebraço.

— Isso não facilita — resmungo com boca no pescoço de Gustavo. Ele traz o seu rosto para frente do meu. — Sinto mais calor — admito, afetada pela reação.

— Eu te causo calor? É isso que está querendo dizer?

Mordo os lábios com timidez, mas confirmo com a cabeça que sim. Capto de imediato a expressão de agrado que essa afirmação lhe causa.

— Saiba que você me deixa em chamas, Valentina! — Gustavo firma a mão na base da minha coluna, puxando-me para si.

Ele toma minha boca, pressionando com força, tanto seus lábios nos meus, como nossos corpos um no outro. E minha nossa... Sou capaz de sentir todas as chamas que diz que causo nele.

Quando se afasta, Gustavo me encara seriamente, me dando também a possibilidade de ver em seus olhos azuis a intensidade do que essas sensações fazem a ele, e é certo que ele também possa notar os efeitos em mim. Permanecemos imersos no olhar um do outro até que algumas pessoas que, assim como nós dois, aguardavam para atravessar a avenida e começam a se movimentar. Um garoto, inclusive, esbarra em nós, desculpando-se em seguida.

Impressiona-me o fato de Gustavo nem olhar para ele de cara feia. Apenas pega em minha mão com um sorriso, como se nada externo tivesse importância e capacidade de nos atrapalhar.

Enquanto avançamos para o outro lado, reflito a forma confortável

como sempre conseguimos manter nosso contato visual, o que demonstra quão íntima nossas almas são. Isso me dá a certeza do que eu já suspeitava. Nossos corpos também são. E assim, como nossas almas, eles se reconhecem, se atraem. Sentem-se confortáveis, dando-nos a segurança para avançarmos a outros pontos.

O plano para descansarmos depois do almoço no gramado é perfeito. Satisfeita após comer um generoso sanduíche natural, agora saboreio um delicioso *sundae* de chocolate como sobremesa. Estamos sentados debaixo de um alto ipê branco e Gustavo apoia-se no tronco da árvore; já eu, tenho o conforto de seu abdome como apoio para minhas costas. Ele me abriga no vão entre suas pernas e seu braço repousa na frente do meu peito, onde Gustavo brinca com o pingente do meu cordão em sua mão. O antebraço dele ocasionalmente roça os meus seios, percebo que o toque é despretensioso, porém, capaz de me fazer desejar que aconteça cada vez mais.

Parece que depois de ontem à noite, tudo se tornou urgente. As carícias trocadas na sacada depois de declararmos com todas as letras o nosso amor, foram acentuadas e voraz, e hoje não estão diferentes de ontem. Pelo menos da minha parte, isso é consciente e tem um determinado motivo. Sinto-me no afã que tudo se tornou impreterível. Não quero adiar. Quero sentir e passar cada momento com ele. Porque sei que nosso tempo começa se tornar curto.

— Você é tão linda.

Seu comentário fora do contexto do assunto sobre a prova que vínhamos falando, me pega de surpresa.

Remexo a colher no sorvete e dentro do meu peito meu coração se agita com o elogio.

— Obrigada.

— Adoro seu cabelo assim, longo com todos esses fios soltos. — Gustavo desliza os dedos pela extensão do meu cabelo, e o afago me faz fechar os olhos. — Me faz um favor? Nunca corte. Mantenha-os sempre assim.

O pedido é soprado contra os fios próximos ao meu ouvido.

Inclino-me para o lado.

— Tá bem. — Visualizo seu sorriso.

— E nunca deixe de usar esse shampoo com fragrância de morango — acrescenta. — Cresci sentindo esse perfume em você. Quero sentir para sempre... até quando eu puder inspirá-lo pela última vez.

— Tem certeza? Vai que você muda de ideia e enjoa dele — brinco, mascarando o impacto que suas palavras me causam.

Ele não faz ideia, mas elas soam previsíveis e dolorosas demais.

— Algumas coisas nunca mudam, Valentina.

— Que bom saber que você pensa assim, Gustavo. Porque eu também acredito que algumas coisas nunca mudam, independente de tempo e circunstâncias — falo, ficando de joelhos com o corpo de frente ao dele.

Gustavo fita-me sério tempo demais, sem acrescentar qualquer comentário. Suas sobrancelhas unem-se, dando-me a conhecida visão dessa expressão, só que ela aparenta mais incisiva. É loucura, mas fantasio que ele tem a capacidade de habitar meus pensamentos, e isso me torna aflita. Meu peito sobe e desce rapidamente.

De repente ele tira o copo de sorvete da minha mão, coloca uma porção na boca e continua a me encarar. Seus olhos tornam-se nebulosos, assemelhando-se a como eles ficam quando Gustavo está numa briga. Suas íris se movimentam rápido, igual as nuvens cinzas que avançam no céu encobrindo o sol. O clima atmosférico parece querer acompanhar o clima dos acontecimentos deste dia e uma tempestade está se formando em ambos os casos. Capto o dilatar de suas narinas com uma respiração densa e frenética.

Sem dúvida, esse é o Gustavo que ele se torna quando está brigando, dando socos em alguém.

— Tudo bem? — indago, dando um sorriso, mas é de nervosa.

— Nada... É só que as vezes fico olhando para você e imaginando...

— O quê? — apresso-me em perguntar.

Gustavo abre e fecha a boca pelo menos por duas vezes, acentuando ainda mais o vinco em sua testa e sua escuridão. Definitivamente, ele está numa consigo mesmo.

— Merda, Valentina! Eu imagino como seria espalhar sorvete aqui.

Ele desliza o indicador pela minha pele, acompanhando o decote em minha regata, como se estivesse desenhando o formato em “V” que ela possui.

— E o que faria depois de espalhar o sorvete?

Deus! Eu fiz mesmo essa pergunta? Fiz. E fiz me derretendo igual sorvete.

— Lamberia!

Sua resposta sai rápida, assim como o movimento que faz em livrar sua outra mão do sorvete e ficar de joelhos como eu. Sou de súbito apanhada pelo seu braço em minha cintura, agarrando-me com força. A mão que antes tracejava o decote, agora está espalmada no local, deixando as pontas dos dedos descer, escondendo-se no tecido entre meus seios.

Sua boca alcança a lateral do meu rosto.

— Passaria a língua em cada pedacinho de você, Valentina. — A voz dele nunca soou tão rouca e maciça.

— Ah, meu Deus! — murmuro, sem ar algum.

Cravo os dedos nos músculos rijos de seus braços e afundo a cabeça em seu peito.

— Ah, caramba! Isso foi grosseiro. Desculpe. — De maneira gentil Gustavo me afasta vagamente de si.

Identifico que ele abandona de pronto seu estado nebuloso, e me observa com preocupação.

— Não. Isso foi excitante — digo, fazendo-o soltar um suspiro de alívio, e em seguida parece assimilar melhor o que acabo de dizer e seu olhar ganha notas lascivas. Acrescento: — E para ser sincera, adoraria que fizesse isso... passasse a língua em cada *pedacinho de mim*.

Admiro minha própria coragem em repetir suas palavras, no entanto, sinto-me à vontade para deixar de lado — pelo menos um pouco — o pudor e permitir que essa onda carnal nos envolva, o que não impede minhas bochechas de corarem, fazendo-as queimar como brasa. E sem rodeios, outros lugares do meu corpo também queimam.

— Eu te quero tanto, Valentina. — Ele coloca as duas mãos em cada uma das minhas faces. — Desejo seu corpo com todas as minhas forças. Mas não quero apressar. Tudo vai acontecer no seu tempo, meu amor.

Gustavo aninha-me em seus braços, posso ouvir seu coração batendo acelerado e tudo nele, cada ação, cada palavra, me faz amá-lo ainda mais.

— Está bem. Só não precisa se preocupar em excesso comigo — aconselho.

— Imagina que não! Você é tão... delicada. Não quero de jeito nenhum dizer algo rude ou desrespeitoso a você. — As mãos dele deslizam pelo meu cabelo de maneira suave, acompanhando seu tom de voz.

— Acho lindo que pense assim, e confio que você nunca será rude comigo. Porém, já tenho 18 anos e posso lidar com você me dizendo *algumas coisas* e fazendo também. — Aperto os olhos ao dizer e abafa um riso.

— Uau! — Gustavo volta a colocar meu rosto diante do seu.

Fita-me surpreso.

— Tudo isso é novo *pra* mim. Acho que é para você também — digo.

— Sim, é sim! Bom, você deve saber que foi a primeira garota que beijei.

Assinto com um sorriso. Desconfiava que sim, mas, por alguma razão, é bom ter a certeza.

— O desejo que cresce e me consome faz o mesmo em você, sei disso. Então a gente não precisa ter vergonha do que estamos sentido ou querer aprisionar — concluo.

Gustavo se cala e sento-me ao seu lado, acompanhando seu silêncio,

deixando que ele absorva. É a primeira vez que falamos abertamente sobre sexualidade.

— Obrigado — ele diz depois de um tempo. — Com certeza saber disso me deixa mais tranquilo. É impressionante como consegue ser tão verdadeira e expressar o que pensa e como pensa.

A aflição retoma seu lugar em meu peito.

— Exagero. — Minha voz sai ríspida, brava comigo mesmo. — E Gustavo, nem sempre eu consigo ser tão verdadeira.

Sem coragem de olhar para ele, desvio a atenção para o chão, onde arranco com demasiada força o pedaço de uma rama de grama.

— Você é maravilhosa! — Seu tom é de carinho e admiração.

Continuo a dar atenção para a grama, porque não posso olhar em seus olhos quando ele diz que sou maravilhosa, mas no fundo, sou uma mentirosa.

— Valentina? — Gustavo capta meu queixo em seus dedos, fazendo-me olhar para ele. — Quero viver tudo com você, todas essas descobertas. Quero que sejamos o primeiro um do outro.

— Eu também. Aliás, quero mais. Quero que você seja o primeiro e único para mim — declaro com ênfase. Essa é uma verdade que tenho a dizer por isso. Consigo me manter olhando-o firme.

— Não faz ideia do rebuliço que causa dentro de mim quando diz algo assim. — Seu polegar massageia meus lábios, onde sua respiração sopra. — Não tenha dúvida. Você sempre será a única em minha vida, Moranguinho. Seremos únicos um para o outro. E nada vai atrapalhar a força do nosso amor.

— Nada! — ratifico, querendo que essa seja uma eterna verdade.

Gustavo se levanta e em seguida estica a mão para mim, com um sorriso pergunta:

— Únicos e inseparáveis?

— Únicos e inseparáveis!

Pego em sua mão e o abraço com força. A mesma força com que dei a ele a afirmação, e ela é verdadeira.

Pois não importa onde eu esteja, Gustavo sempre estará comigo em minha mente, assim como seu amor em meu coração e suas digitais em cada parte do meu corpo que ele tocar.

Eu o amarei para sempre.



Valentina

Minha perna cruzada se balança sem parar enquanto aguardo por Gustavo. O tempo em que o espero sentada em um extenso banco de cimento polido, no corredor de acesso às escadas do prédio em que ele está fazendo sua prova, é o suficiente para deixar meu bumbum gelado. Não reclamo, pois com o calor que está fazendo é até um frescor.

Como previsto, consegui terminar a segunda parte da prova com mais agilidade. Foi um ano inteiro dedicando grande parte do meu tempo livre aos estudos. Mais do que decorando as matérias, compreendendo-as efetivamente. Quem sabe, por isso, as respostas para cada uma das perguntas acendiam-se fácil em minha mente.

Aproveito o tempo para conferir meu celular. Seria estranho que não tivesse nenhuma mensagem da minha família querendo saber como foram as provas, mas a considerar que estão todos envolvidos na festa de final de ano do orfanato e bem ocupados com isso, é compreensível que nenhum deles tenha enviado qualquer mensagem. Adoraria poder estar lá também, e quando soube que a realização do vestibular coincidiria com a data da festa, fiquei triste.

Decido fazer uma chamada de vídeo e pelo menos assim, ter um pouco do gostinho da festa.

Procuro em meus contatos o número de Alice. Ela com toda certeza

está com o celular no bolso da calça, já que não desgruda do aparelho nunca.

Uma, duas chamadas, e ela atende:

— Oi, Valen!

Sua imagem surge no visor do celular, e ver seu rosto pintado com corações é uma boa ideia de que as atividades com as crianças estão animadas, como todas as festas que são feitas no orfanato são. Estranho ao perceber que Alice não está mais na festa e sim dentro do carro.

— Oi, Ali! Já estão voltando? Acabou cedo?

— Na verdade, ainda não acabou. — Alice faz uma breve pausa, franze o cenho e aproxima o rosto da tela do celular, cochichando em seguida — Mas queria estar em casa mais cedo, para caso você precise de mim. — Meus olhos brilham com a ternura e preocupação de Alice comigo. — Por isso aproveitei uma carona com o padrinho e madrinha, que tiveram que sair antes por causa de um compromisso.

Sua voz se anima ao mencionar os padrinhos, Derek e Beatriz. A amizade que existe entre o casal e meus pais fez nosso vínculo tão forte que os considero como tios.

— Oi, Valen, como foi o vestibular? — Ouço a voz de tio Derek e no mesmo instante Alice vira a câmera do celular para ele.

Com atenção em conduzir o veículo, ele apenas dá uma olhadela rápida para o celular com seus cintilantes olhos verdes, e recebo junto seu charmoso sorriso.

— Nos conte, Valentina! Estávamos todos ansiosos por notícias.

É a vez da tia Bea falar e Alice direciona o aparelho para ela, fazendo-me ver o rosto bonito da minha tia. Pergunto-me toda vez que a vejo, qual a receita para manter sempre essa pele de jambo tão linda e iluminada.

— Acho que fui muito bem — respondo, animada.

— Isso é ótimo, querida! Sua mãe não parou de falar em você e em muitos momentos a peguei concentrada emitindo pensamentos positivos para a menina dela — tia Bea conta com ar carinhoso.

Ah, minha mãe! Sempre, mesmo que de longe, cuidando e intercedendo por mim.

— Tia, é bem certo que eles chegaram até aqui, pois fiz as provas com calma e sinto que deu tudo certo.

Ela assente com um sorriso

— Deixa eu falar com a Valen. — A voz doce de Isabela ecoa alto através do celular.

— Beijos, Valentina, e parabéns! — tia Beatriz diz, com a câmera do celular indo para o rosto de Isabela, que pelo visto puxa o braço de Alice.

— Obrigada, tia. Beijos! — agradeço, tendo em minha frente, no visor do celular, uma garotinha de 10 anos de idade que é uma cópia perfeita de tia Bea.

Talvez, o que a difira um pouco da mãe, é a tonalidade da pele que é um tom mais claro. O que se torna ínfimo diante dos longos fios do seu cabelo castanho escuro que acompanha a cor dos olhos amendoados.

— Valen, você não vai acreditar! — Ela faz uma expressão de suspense.

— No quê? — Acompanho-a no suspense.

— Gaetano fez um planetário para as crianças! Elas adoraram, eu também adorei. Fiquei um tempão lá dentro. Gaetano me explicou que saturno é o... sexto planeta depois do sol e o segundo maior do sistema solar. E ele é grande o suficiente para guardar... — Isabela leva a mão ao queixo, pensando. — 760 planetas Terras dentro dele. Você sabia disso? Imagina que planeta enorme é saturno!

— Minha nossa! Eu não sabia, não! Ele é grande mesmo! E você muito inteligente por memorizar tanta informação.

Suas bochechas avolumam-se com o sorriso largo.

— Gaetano me explicou com calma e repetiu mais de uma vez quando pedi ou tive dúvida. Eu adorei aprender sobre esses assuntos.

Sorriso com sua expressão alegre. E por saber a capacidade de meu irmão explicar e falar daquilo que tanto gosta.

— Você ficou foi é pentelhando o Gaetano, isso sim! — Lucca resmunga ao lado de Bebelá.

— Fiquei nada! Ele gosta de me ensinar! — Isabela revida.

Isabela e Lucca são gêmeos. Normal que vez ou outra disputam espaço e atenção.

— Bebelá! Tenho certeza que Gaetano vai adorar te ensinar mais. Lucca, deixa de implicar com sua irmã. — Apaziguo e puxo conversa com ele, dando-lhe atenção. — Me diga você agora, Lucca. Cantou com seu pai? Adoraria ter visto.

— Sim, cantei. E foi bem legal — ele fala, sem olhar direto para a câmera do celular, ainda assim, capto o sorriso que é igual ao de tio Derek.

Lucca e Isabela são gêmeos bivitelinos, e se a menina é a cópia da mãe, o menino é a cópia do pai. São os dois igualmente lindos e amados por nós. Meus pais batizaram os dois.

— Teve uma menina que ficou olhando *pro* Lucca o tempo todo — Isabela conta, dando risada.

Lucca se incomoda e dá um empurrão na irmã, mas ela continua a

provocação.

“Lucca tem uma namoradiiinha”

— Foi mesmo? Ela ficou olhando para você, Lucca? — investigo.

Ele ergue os ombros e ostenta um sorriso tímido.

— É... acho que sim.

— Vai deixar sua mãe com ciúmes — brinco.

— E o pai orgulhoso. Esse é meu garoto! Puxou ao pai — gaba-se tio

Derek.

— Puxou ao pai, é, doutor Derek D’avila?! — a esposa o repreende.

Ouço a risada do meu tio.

— Desculpe, amor. Puxou ao pai quando era solteiro, antes de conhecer a mulher mais linda do mundo — ele se justifica. — E a mais brava também.

O rosto de Alice volta a surgir na tela do celular.

— Como você pode ver, estou em boa companhia aqui. O caminho é longo, e para ajudar, começou a chover — ela reclama. — Valen, você viu Matheus por aí?

O volume de sua voz baixa ao perguntar.

— Sabe que não — respondo. — O campus é grande e o prédio do curso de Administração fica logo no início. Por isso não o vi — explico.

— Tudo bem. Depois mando uma mensagem para ele. — Assinto. — Quais são seus planos? Aonde pretende conversar com o Gustavo? Sabe que tem uma missão, não é? E não será nada fácil.

Minha irmã repuxa o canto da boca numa expressão pesarosa.

— Sim, eu sei. Vou para casa ou talvez para a casa de Gustavo. Ainda não sei.

Uso um ar tranquilo ao falar, escondendo a ansiedade que se torna gigante ao se aproximar do momento em que contarei a verdade para Gustavo.

— Os dois lugares estão tranquilos — Alice diz. — Tia Mel e tio Luís ficaram na festa e acho que só vão embora quando acabar, assim como nossos pais. Então não perde mais tempo e conta logo.

— Farei isso, Ali.

— Estou torcendo para que dê tudo certo.

Alice me dá um sorriso esperançoso.

— Obrigada.

Seguro o celular bem em frente à minha face e através do celular vejo a de Alice. Ante uma da outra, mesmo que através do aparelho, sinto-a transmitindo carinho e apoio, como sempre oferecemos de forma mútua.

— Não deixe de dar notícias. Te amo, Valen!

— Também te amo, Ali.

Despedimo-nos e assim que encerro a chamada de vídeo, avisto Gustavo. A expressão dele não está muito boa.

Ergo-me do banco de sobressalto.

— E então? — pergunto, ansiosa.

Gustavo dá de ombros.

— Sei lá... Me enrolei um monte nas questões de matemática, quando vi que estava perdendo tempo demais nelas e fui para as outras. Depois retornei para elas no final, já estava tão cansado e estressado que fiz o que deu e em algumas apenas chutei as respostas.

Pego em sua mão solta ao lado do corpo.

— Calma! O importante é que tenha respondido tudo, mesmo que no chute. E acertar todas as respostas é meio que impossível de acontecer.

— Tomara que o que fiz de manhã e as que respondi certo compensem matemática — ele acrescenta com ar desanimado.

— Irão, com certeza! No final das contas dará tudo certo!

Gustavo circunda o braço ao redor do meu pescoço, puxando meu rosto e meu corpo para si. Ele dá um beijo demorado na minha bochecha enquanto inspira bem fundo.

— Agora estou ansioso para conferir o gabarito. Eles disseram que assim que encerrasse o horário de provas, estaria no site da universidade. Ou seja, tenho uma hora para remoer essa espera.

Afasto-me de maneira breve dele, fitando sua fisionomia tensa.

— O que dará quase o tempo de chegarmos em casa, ainda mais com o trânsito que está. Dei uma conferida antes na avenida e ela está toda parada — conto.

— E pra ajudar vai chover. Olha o céu como está todo escuro. Isso porque nem é cinco da tarde ainda. — Gustavo comenta.

Começamos a caminhar pelo campus da universidade em direção ao estacionamento que fica a alguns metros de onde estamos, com nossas mãos unidas, tal como fizemos ao chegar pela manhã. Espero que, mesmo depois que Gustavo souber de tudo, ele não queira soltá-las.

Enxergo vindo em nossa direção Marília, uma das professoras do cursinho. Na verdade, o que sei é que além de ministrar aulas, ela é a dona da instituição especializada em preparar alunos para o vestibular. Ao optar por este cursinho, fiz por ser muito bem comentado e com um índice alto de aprovação na universidade para a qual me candidatei à vaga de medicina e que possui esse programa de intercâmbio universitário. Na realização da minha matrícula no cursinho, contei para Marília dos meus planos de estudar fora. Ela adorou saber

e desde então tem falado muito comigo sobre o assunto, contando, inclusive, experiências de estudantes que estão fazendo intercâmbio e que foram alunos dela.

Marília se aproxima de nós com um sorriso.

— Ei, vocês dois! Como foram nas provas? — pergunta-nos, parando à nossa frente.

— Acho que fomos bem!

Adianto-me em responder.

— Que maravilha! Mais dois bem-sucedidos vestibulandos que passam pelas nossas mãos — ela comemora, batendo seguidas palmas.

— Tomara! — Gustavo sopra sem ênfase.

— Estamos reunindo os alunos do cursinho numa lanchonete que fica nesta avenida mesmo, logo no início dela — explica. — Fazemos isso sempre depois das provas, numa espécie de confraternização com os alunos. E assim que sai o gabarito, conferimos juntos e ficamos sabendo como vocês foram. O que acham? Vamos?

Olho de soslaio para Gustavo, que aperta a mão atrás da cabeça.

— Hum... não sei! Acho que não... — começo, mas sou interrompida.

—Vamos?! — Ele me lança um olhar apressado e meneio a cabeça, querendo dizer que é melhor ir para casa. — Com esse trânsito intenso, só ficaríamos parado horas nele. Assim damos tempo necessário para aliviar.

Gustavo arremata, fazendo-me ceder.

— Tá... tudo bem! Vamos.

Ele beija minha testa e enfia o seu caderno de respostas junto ao meu, em minha bolsa, e eu enfio minha inquietude no estômago por ter mais tempo sendo postergado até que a tempestade comece.



Gustavo curva o corpo na cadeira com a mão na barriga, dando sonoras gargalhadas de uma piada sobre a vida do vestibulando. Ou melhor dizendo, a inexistência dela até a realização da prova. Quem acaba de contá-la é um dos alunos do cursinho, e de fato o rapaz é um daqueles tipos de piadistas nato, que qualquer comentário soa engraçado. Ele tem umas tiradas rápidas e poderia, sem dúvida, estar fazendo *stand up comedy*. Mas na verdade ele prestou vestibular para o curso de Direito. Gustavo, inclusive, me disse que havia conversado com ele antes, enquanto me esperava na parte da manhã, e que tinha simpatizado com o rapaz de bochechas rechonchudas, de cavanhaque longo e

bem-humorado. É certo que eu poderia estar rindo de maneira autêntica, mas só os músculos do meu rosto se estendem, visto que por dentro estou a cada minuto mais inquieta.

Desassossegada, flexiono a ponta da minha sapatilha no chão e a perna direita não para de se mexer freneticamente com um movimento contínuo e rápido, de cima para baixo, o que é um gesto bem típico de nervosismo.

— Calma! — Gustavo toca meu joelho, fazendo-me cessar o movimento. — Em cinco minutos sai o gabarito. — Inclino a cabeça, assentindo e soltando o ar pela boca. Outra vez no dia ele julga que meu nervosismo é por esse bendito vestibular.

Gustavo chega seu rosto junto do meu e une nossos lábios em um beijo que não se prolonga. Apenas é o suficiente para que eu sinta seus lábios úmidos e com o frescor do suco de abacaxi com hortelã que ele acabara de beber minutos antes.

— Pega nossos cadernos de prova na bolsa? — pede num tom suave, tal como ele afaga o polegar no meu queixo.

— Claro.

Suspiro e em seguida volto meu corpo para o lado oposto de Gustavo, tirando nossos cadernos de respostas de dentro dela e os segurando sobre meu colo.

— Não esquece de fechar a bolsa — ele avisa e me captura em outro beijo, deixando-me assim, sentir de novo o frescor de seus lábios carnudos e macios.

Suspiro mais fundo do que antes. Desde que chegamos à lanchonete abarrotada de estudantes, Gustavo o tempo todo não poupou demonstrações de que somos um casal. Sentado ao meu lado, sua mão sempre esteve junto da minha ou seu braço estendido sobre meus ombros. Quando um rapaz se aproximou, puxando papo comigo de maneira demasiadamente simpática, Gustavo lançou a ele um olhar daqueles que diz “*essa garota é minha. Cai fora!*”. E eu não me incomodei nem um pouco com sua proteção.

— Saiu o gabarito, pessoal! — alguém brada alto, fazendo vários celulares serem tomados nas mãos.

— Saiu mesmo! Chegou a hora, vamos conferir! Mas, lembrando que a nota da redação só sairá na publicação da classificação oficial que estará disponível na próxima sexta-feira — professora Marília instrui.

O burburinho de vozes e o arrastar de cadeiras de plástico sendo ajustadas próximo as mais de dez mesas quadradas unidas, formando uma extensa e única mesa, preenche o ambiente. Até que todos se ajeitem nos lugares para colocar seus devidos cadernos de provas na superfície plana, o barulho é

alto. Entretanto, conforme os alunos começam a correr os olhos do celular — onde no site da universidade estão as valiosas respostas — para o caderno, um silêncio absoluto se faz.

Concentro-me em fazer minha conferência e ao meu lado Gustavo faz o mesmo. Ocasionalmente olho-o de soslaio, reparando sua expressão que segue focada. À medida que vou comparando minhas respostas com as do gabarito, respiro de maneira acelerada. No final de tudo, largo a caneta sobre a mesa e jogo minhas costas na cadeira, sem acreditar.

Neutralizada, ouço Gustavo proferir:

— Acabei! Meu Deus, não creio que acertei tantas respostas! — Me fita com entusiasmo. Quando constata o que deve ser minha expressão atônica, pois é assim que me sinto, ele pergunta, preocupado: — O que houve, Valentina? Você está pálida.

— Se eu não anotei nada errado no caderno, gabaritei.

— Caralho! — Ele cobre a boca com a mão. — Sabia que isso aconteceria. Você se dedicou tanto! — Gustavo lança-se sobre mim, abraçando-me com força. — Parabéns, Moranguinho, parabéns!

Ele dá seguidos beijos em minha bochecha enquanto eu o agarro firme em seus braços. Inspiro fundo mais de uma vez, e por fim, afasto o estado quase que letárgico, preocupando-me em ter detalhes sobre o desempenho dele.

— E você? — pergunto, trazendo minha face para frente da dele.

— Bom, se também anotei tudo correto, das 60 questões da grade do ensino médio, acertei umas 50, mas em português que tem peso maior, acertei tudo.

— E a de conhecimentos específicos? — indago, ansiosa.

— Todas! Dá pra acreditar nisso?

— Dá sim! Que orgulho de você, Gustavo! Isso é maravilhoso, parabéns! Parabéns, meu amor.

É a minha vez de lhe abraçar forte e externar toda minha alegria por saber que ele foi bem nas provas. A euforia é tamanha, que nos colamos de pé para comemorar.

— Pela animação, os dois foram bem! — Professora Marília chega até nós. Com ela está outro professor dos muitos do cursinho que estão por aqui.

Ambos nos olham em expectativa enquanto outros alunos começam a se manifestar de acordo com o término de suas conferências e o lugar começa a ganhar tom de euforia.

Passo um braço por trás das costas de Gustavo e outro pela frente de seu corpo. Ele, por sua vez, transfere o braço por cima de meus ombros. Mantemo-nos abraçados lado a lado.

— Gustavo foi muito bem! Acertou 50 questões e na de específico acertou todas! — conto, orgulhosa.

— Muito bem foi Valentina, isso sim. Ela gabaritou! — Gustavo vibra ao falar. Ele aperta a mão em meu braço, juntando-me ainda mais para si. — Já estou vendo o seu nome no primeiro da listagem.

Gustavo sussurra as palavras próximo ao meu rosto, em seus olhos uma alegria imensa.

— Imagina! Ainda tem a nota da redação. E para falar a verdade, não sei se ela ficou muito boa, não

Sei que isso até pode aparentar pessimismo, mas que nada, sou realista.

— Ainda assim, Valentina, tenho certeza que conseguirá uma ótima classificação! Arrisco afirmar que entre os cinco primeiros colocados — Marília diz com amplo sorriso. — Parabéns!

— Obrigada, professora!

Agradecida dou a ela um sorriso sincero que se apossa de mim de forma natural. Estou feliz com esse resultado. Sem dúvida que estou! E mesmo que de maneira fugaz, sinto-me alegre.

— Agora já pode deixar a mala a pronta — a professora solta, fazendo meu sorriso murchar no mesmo instante.

— Como assim? — Gustavo inquire, encarando Marília. Fito a lateral do rosto dele com uma expressão confusa.

E o pânico me envolve.

— Professora... — tento interromper, mas a língua dela é mais rápida.

— Valentina vai fazer intercâmbio universitário com uma faculdade de Joanesburgo, África do Sul. Você não sabia?

As palavras ditas por Marília ressoam em meu ouvido e em seguida tudo se dá de maneira rápida, mas meu estado mental torna-se lento, assombrado pela verdade que vem à tona da pior maneira possível.

Sinto o deslizar da mão de Gustavo pelo meu braço. Acontece num traço, sem força alguma, fraco como se estivesse desmaiando, deixando apenas os dedos escorregarem pela minha pele. Só que apesar de parecer desmaiar, ele está de pé, me encarando, e em seu semblante vejo a força que faz para se manter firme na posição, assim como vejo a fúria que toma sua expressão. O cenho mais franzido do que nunca deixa seus olhos de formato amendoados pequeninos, ao passo que também começo a me sentir diminuta.

— Não. Eu não sabia! — ele fala firme, sem aumentar o tom de voz.

Gustavo parece em choque. Tento pegar em sua mão, mas ele repele ao toque, puxando-a.

— Eu posso explicar — ofego.

Ele baixa a cabeça, movendo-a devagar de um lado para o outro, em negação.

— Ah, me desculpe, querida... Eu não sabia que... Desculpe! — Marília lamenta, sem encontrar uma forma certa para isso. E não há.

— Tudo bem, professora. Você não tinha como imaginar — digo, entorpecida.

Tão entorpecida que percebo Gustavo se afastando com passos lentos, quase cambaleando, mas não consigo me mover. Parece que estamos, os dois, envolvidos num estado ébrio.

— Gustavo... — chamo-o, baixo demais. É incapaz de ele ouvir. *Mas eu preciso que ele me ouça.* Então grito: — Gustavo, me espera!

Enfim minha voz sai alta e o próprio som dela rebate em meus ouvidos e em minha mente, tirando-me da inércia. Dou conta de recolher nossas coisas sobre a mesa, enfio de qualquer jeito dentro da bolsa e saio correndo em direção a ele na calçada. Seus passos continuam lentos.

— Gustavo, me espera! — Ele ignora o meu pedido. — Gustavo, por favor?!

Se minha voz foi capaz de me impulsionar a ir atrás dele, ela o impulsiona a se afastar de mim.

Gustavo começa a caminhar cada vez mais rápido.

— Gustavo, me espera, por favor! — grito com todo ar que há em meus pulmões.

Seus passos cessam e Gustavo vira-se em minha direção no mesmo instante em que o céu negro é riscado por um raio clareando-nos na escuridão da noite. E por Deus, talvez o clarão no céu tenha iluminado os pensamentos de Gustavo, que começa a caminhar ao meu encontro. Faço o mesmo.

Ficamos ante um ao outro, seu rosto está vermelho e tenso.

— Você mentiu pra mim! Como pôde fazer isso? — ele vocifera como um verdadeiro trovão. E junto ao som de sua voz, sai o som do trovão no céu. O estrondo é alto. Tremo com o abalo e a força que tanto um quanto outro produzem.

Encolho-me.

— Eu posso explicar, me ouça! Por favor! — suplico, travando a vontade de chorar.

Gustavo comprime os lábios, a cabeça em um movimento contínuo de negação. Os punhos serrados, o maxilar trincado e os olhos tornando-se vermelhos que a fúria lhe produz, expressam sua raiva.

— Vamos conversar. Eu posso explicar tudo isso.

Pego em sua mão e outra vez ele a tira com rispidez da minha.

— Não toque em mim, Valentina!

— Gustavo, espera — imploro. — Vamos conversar.

Ele me dá as costas e volta a caminhar. Seus passos são firmes e determinados, mas os meus também são. Agarro seu punho cerrado.

Seu corpo gira, ficando de frente para o meu.

— Não venha atrás de mim! Eu não quero falar, não quero ouvir nada que tenha a me dizer, Valentina.

— Vai me deixar aqui sozinha?

Gustavo me encara e toda a nebulosidade do céu assemelha-se com sua expressão obscura.

— Acho que você consegue chegar em casa sem minha ajuda, do contrário, não estaria indo fazer faculdade em outro continente.

Estremeço com suas palavras, meu coração e estômago se comprimem.

A chuva despenca do céu. A tempestade anunciada está feita, a água e o vento ricocheteiam em minha pele. Meu choro reprimido até então, banha o rosto já inundado pela torrente.

Com os olhos embebidos em lágrimas, vejo Gustavo atravessar a avenida entre os carros.

— Gustavo! Você tem que me ouvir! — berro, quase me afogando em minha dor e a chuva que me encharca por inteira.

Saio em disparada, costurando entre os carros parados, o mover desesperado de minhas pernas fazendo minha bolsa balançar-se contra o meu quadril. Quase chegando na calçada ela escorrega de meus ombros e firmo o antebraço no comprimento da alça na lateral do meu corpo para que não caia, mas como nada é tão ruim que não possa piorar, o movimento brusco faz algumas coisas de dentro serem arremessados para o chão, graças ao zíper que deixei aberto.

Meeerda!

Abaixo-me no acostamento junto ao meio fio e apanho tudo depressa; os cadernos de prova, molho de chaves e até o celular. O afinco e desespero é tanto que meus dedos colidem no asfalto molhado. A ardência dos arranhões é instantânea. Assim que tenho tudo recolhido, levanto-me com agilidade, mas então avisto meu ursinho caído a dois passos de mim. Retrocedo e volto para apanhá-lo, eis que quando toco minha mão nele, ouço uma buzina alta fazendo minha cabeça se erguer. Entre os fios de cabelo molhados grudados no meu rosto, vejo os feixes de luz do farol de uma moto a poucos metros de distância vindo em minha direção.

Congelo e tenho a sensação de que estou enraizada no lugar, imobilizada com o pânico.



Gustavo

— Gustavo! Você tem que me ouvir! — Valentina chama com desespero.

Viro-me rápido para trás e a vejo atravessando a avenida. Ignoro-a e mantenho meu ritmo, me afastando dela. Não posso... não consigo olhar para ela. Como Valentina pôde fazer isso comigo? Como?

Uma buzina contínua e alta chama minha atenção, torno a olhar para trás, mas não vejo Valentina e recuo alguns passos, investigando o local até encontrá-la abaixada no asfalto, próximo ao meio fio, do mesmo lado da via em que estou. Ela está de costas. *E o que diabos ela está fazendo ali?*

Me atento à buzina que ressoa alto e perto, percorro o olhar de Valentina para a... moto trafegando no acostamento em direção a ela.

Droga!

— Valentina, saia daí!

Avanço até ela, agarrando-a por debaixo dos braços, e puxo com tudo. Caio de costas no chão da calçada, trazendo Valentina presa aos meus braços. Seu corpo frágil e gelado é amortecido pelo meu.

— Ei, maluca, acostamento não é lugar pra ficar! — O som da voz do cara da moto sai abafado entre o capacete assim que ele freia com tudo no exato local onde antes Valentina estava.

— Vai se ferrar, idiota! — xingo.

Ele resmunga alguma coisa que não ouço e dá partida na moto.

Se a situação anterior ao tomar ciência da pior notícia da minha vida, já tinha me colocado nervoso, o que acaba de acontecer eleva todos os meus níveis de nervosismo.

Afasto meu rosto para o lado para conferir Valentina, ela está com os olhos fechados, os lábios apertados e as mãos juntas ao peito.

— O que você estava fazendo parada no chão? Aquela moto ou até um carro poderia ter atingido você! — pergunto, bravo. Muito chateado com o risco que ela acabou de correr.

Meu tom enrije seu corpo ainda mais.

— Você caiu, foi isso?

Abrando.

Valentina nega com a cabeça e faço seu corpo ceder do meu para que eu possa olhar melhor para ela, mas mantenho sua cabeça em meu braço. Seus olhos assustados me encaram e espero alguns segundos para que ela diga qualquer coisa, mas isso não acontece.

— Merda, Valentina! Então o que estava fazendo ali? Você quase foi atropelada, droga!

Encosto minha testa na dela e acaricio seu rosto. Nunca me perdoaria se tivesse acontecido algo a ela.

Valentina afasta as duas mãos do peito, revelando entre elas o ursinho de pelúcia. Aquele que ela carrega sempre na bolsa e que tanto estima.

Entre lágrimas ela me explica que a bolsa caiu, espalhando suas coisas no chão, e que estava recolhendo-as. O pânico ao ver a moto foi tanto que lhe fez travar. Seu choro aumenta à medida que conta.

Junto seu rosto ao meu peito e abraço-a apertado.

— Você está segura agora. Está segura — acalmo-a, voltando a passar a mão pelo rosto dela. Toda a água da chuva que cai sobre nós mistura-se ao temor e dor estampados em seu semblante. — Vem, vamos para casa.

— Me desculpe — Valentina diz assim que ficamos de pé, e eu não sei se o pedido é pelo susto que acabamos de passar, ou por ela fazer meu mundo desmoronar.

Durante o percurso Valentina ensaia tocar no assunto, querendo explicar o que, na minha cabeça, é inexplicável. Impeço-a mais de uma vez e ainda assim, ela insiste e insiste... até que explodo e grito, dizendo que para a nossa própria segurança, enquanto estou dirigindo, é melhor que nada seja dito. Não que eu queira ouvi-la depois. Só que pelo menos assim, ela por fim desistiu de falar.

O silêncio entre nós é absoluto desde então, o único som é dos pingos de chuva — que em nada diminuíram — e do vai e vem frenético da palheta no para-brisa, fazendo um esforço danado para empurrar o grande volume de água que cai sobre ele.

E em meu cérebro tento fazer o mesmo. Empurrar todos os pensamentos que me trazem uma agonia incontável. No entanto, é quase impossível. Quando percebo estou sendo tomado de assalto por eles, lembrando do momento que ouvi Marília dizer da ida de Valentina para África do Sul e... que merda! Tive esse assunto diante dos meus olhos quando Alice deu o tal guia para Valentina. Depois disso uma cascata de acontecimentos vieram. A compreensão dos meus sentimentos por ela, que explodiu sem mais poder ser contido; Valentina correspondendo; a vivência desses dias todos em que nos permitimos viver e sentir nosso afeto.

A paixão me deixou tão cego que não percebi que o tempo todo Valentina mentia para mim e agora já não sei o que, afinal, foi verdadeiro entre nós.

Ter conhecimento que ela foi capaz de me enganar, mistura o meu sentimento de dor com o de raiva. Muita raiva.

“A confiança é como um cristal. Uma vez quebrado, nunca mais será o mesmo.”

Já li essa frase em tantos textos, concordando com a afirmação, mas sentir na pele vai além de percepções superficiais. Alcança a alma.

Estou longe de ser sutil e fino como um cristal, mas estou todo quebrado e sei que depois do que aconteceu, jamais serei o mesmo.

Por que você fez isso, Valentina? Por quê?

Sinto minha cabeça latejando com tantos pensamentos e com todo esse martírio. Apoio o cotovelo no vidro do carro e deixo que minha mão a sustente pelos segundos em que o último semáforo antes de chegar nas ruas do condomínio de nossas casas esteja vermelho.

Tomo a errônea decisão de deixar meu olhar se guiar até Valentina. Assim como eu, ela está toda encharcada da chuva. Valentina se mantém com os antebraços cruzados na frente do peito, suas mãos agarrando cada um dos braços quase na altura dos ombros, como se abraçasse a si própria. Percebo as pontas de seus dedos esfolados e reprimo a vontade de perguntar se mais alguma outra parte do seu corpo está machucado por conta do terrível incidente naquele asfalto molhado.

Internamente lamento pelo susto e pânico que ela tenha passado, no mesmo segundo sou levado aos momentos que o antecederam e ao fator de que tudo poderia ter sido evitado se Valentina, *apenas*, tivesse me dito a verdade

desde sempre.

Evidente que ela me feriria de qualquer jeito com a decisão de seus planos, mas aí eu só teria que lidar com eles, e não com sua falta de sinceridade.

Merda! Aperto com força a circunferência do volante em meus dedos, empurrando para o estômago esse aperto em minha glote, impedindo, assim, que eu dê voz a dor e a raiva que estou sentindo. E o mesmo tento fazer com meu amor por Valentina, que quer estar em meu coração. *Vá embora!* Eu não posso mais sentir, eu não quero mais sentir. Chego ao ponto em que percebo o quão idiota sou em pensar que sou capaz de tirá-lo de mim assim tão fácil. Afinal, como se manda embora, de uma hora para outra, um amor de uma vida inteira?

Tenho pressa em poder ficar sozinho. *Preciso* ficar sozinho, por esse motivo agradeço aos céus assim que chegamos a casa de Valentina.

— Está entregue.

Não olho para Valentina ao dizer, tampouco desligo o motor do carro.

— Vamos entrar, por favor?

Nego com a cabeça, mantendo meu olhar na rua à minha frente. Os faróis do veículo iluminam a chuva que ainda cai de maneira torrencial, o volume denso forma um pequeno rio no canto entre a via e o meio fio. Acompanho o correr da água que segue seu caminho, certamente até o bueiro mais próximo, pois este é sempre seu destino. Na vida acontece o mesmo. Seguimos nossos caminhos, mas temos o poder de escolher para onde seguir. Valentina escolheu um pelo qual não faço parte.

— Só Alice está em casa — ela diz. — Mas se preferir podemos ir para a sua casa. Seus pais também ainda estão na festa do orfanato, então estamos sozinhos e podemos conversar sem ninguém por perto.

Viro-me de forma brusca, encarando-a sem gentileza alguma.

— Você não entendeu ainda, Valentina. Mas vou dizer pela última vez. Eu não quero falar com você!

— Mas nós precisamos conversar. Você tem que me deixar explicar. — Sua voz está vacilante.

— Explicar o fato de você decidir fazer faculdade em outro país ou de ter me escondido isso? — Faço a pergunta, mas de pronto deixo minha própria resposta: — Não me interessa saber. Você tomou suas decisões, tenho o direito de tomar a minha, de não querer ouvir o que tenha a dizer.

Valentina perde o ar vacilante e meneia a cabeça, me fitando de um jeito que conheço bem. Objeção. Ela não costuma aceitar as coisas com facilidade, não é mesmo?

— Desculpe, mas você está sendo intransigente, Gustavo.

— Estou. Agora saia do carro!

— Você tem todo direito e compreendo estar furioso comigo, mas tem que me dar o direito de explicar os motivos que me fizeram *não* contar.

Ela ignora meu pedido.

— Saia do carro, Valentina! — peço outra vez.

— Eu ia contar, só estava esperando...

— SAIA DO CARRO, VALENTINA!

Seu queixo treme com o grito e soco que dou no centro do volante, mas ela é valente o suficiente para permanecer me encarando com um olhar nítido de quem está disposta a não sair.

Começo a respirar entrecortado. Não sou capaz de aguentar muito tempo sem explodir por completo, e só há uma escapatória para colocar Valentina longe de mim.

— Saia da droga desse carro agora, ou não me responsabilizo por qualquer coisa que eu diga e faça daqui pra frente! — aviso entredentes.

— Eu não tenho medo de você — afirma, segura.

— Mas eu tenho de mim mesmo. Por favor, saia.

Valentina baixa o olhar e leva as mãos até suas têmporas, desviando minha atenção dela no instante que vejo lágrimas silenciosas escorrerem pela sua face.

Pressiono sobre meus lábios a mão em punho e fecho os olhos, abrindo-os apenas quando ouço o bater forte da porta do carro.

Ela se foi.

Piso fundo no acelerador, permitindo-me olhar uma única vez pelo retrovisor... e lá está Valentina. Ainda parada na chuva, acompanhando minha partida, tudo porque *ela* decidiu partir.

Não espero chegar ao meu quarto para colocar pra fora o furacão que há em mim. Estou destruído e tudo que vejo pela frente quero destruir. Por onde passo levo algum objeto para o chão. A decoração da sala já era. Vou até um aparador repleto de porta-retratos, pego a porcaria de um que estampa uma foto feliz minha e de Valentina no aniversário de 15 anos dela — *uma princesa*, lembro-me de ter dito a mim mesmo no instante em que a vi chegando na festa —, arremesso-o com força. O som do baque na parede e logo em seguida do vidro se estilhaçando no chão, é o reflexo do que a maldita notícia fez comigo. Me baqueou, estilhaçando-me por completo.

A dor é tamanha que a sensação é que tenho mil cacos de vidro perfurando meu corpo todo, ou talvez, em maior quantidade, atingindo os pulmões, porque eu não consigo respirar.

Dói tanto que preno o ar enquanto avanço para o meu quarto, subindo dois degraus por vez, na esperança de que lá eu possa encontrar alguma forma de

voltar a respirar.

Assim que ultrapasso a porta, fechando-a com um baque alto, arranco do corpo a camiseta molhada que aparenta auxiliar nessa compressão que sinto no peito. Feito isso, solto o ar com receio e bem devagar...

E que merda!

É ainda pior, porque no quarto há tanto dela. Há tantas lembranças... há o som da risada de Valentina ao lhe fazer uma série de cócegas, há a recordação dos dias em que estudamos juntos, e seu semblante compenetrado nos livros, mas também sua sensualidade despretensiosa mordiscando a tampa da caneta, me deixando alucinado com a visão. Há a imagem dela deitada na minha cama, na tarde daquele dia em que fomos suspensos do colégio e decidimos não fazer outra coisa que não fosse curtir um ao outro. Valentina chegou a adormecer em meus braços enquanto eu afagava seu cabelo que se derramava sobre o meu peito.

Como é doloroso perceber que tudo a partir de agora será tão somente lembranças, já que com ela vivendo longe, nenhum outro momento será possível ou real. Não terei mais Valentina comigo, e assim, não terei mais o meu mundo.

— Você não podia ter feito isso comigo, Valentina! Não podia ter feito com a gente... com o meu amor — lamento, irritado. — Que raiva eu sinto de você por ter destruído tudo!

Minha voz reverbera pelo quarto, impulsionando-me a dar seguidos socos na porta fechada atrás de mim. Cada golpe na madeira é um golpe que dou em meu próprio coração, brigando com ele por ter sido tão idiota, ingênuo a ponto de acreditar que Valentina também seria capaz de retribuir a imensidão desse amor que sinto por ela.

Perco a conta de quantas pancadas a porta sofre, visto que continuo a socá-la por infinitas vezes, até que o dilacerar dos nós dos meus dedos sejam maiores do que o dilacerar da minha alma e de meu coração. Constató que é impossível sentir dor maior. O cansaço chega primeiro, me fazendo ceder.

Não há mais socos, mas há o meu corpo dizendo que não aguenta mais e a pobre porta depois de tantos golpes que recebeu, ainda sustenta minhas costas, escorregando por ela até encontrar o chão. Nele a primeira lágrima cai e depois desta uma poça se forma ao lado da minha cabeça com cada uma que pinga, escorrendo dos cantos dos meus olhos turvos.

— Alguém me diz que essa dor um dia vai passar... — peço no vazio.
— Alguém me diz que essa dor um dia vai passar.

Repito a frase, olhando para os pés da cadeira giratória. Queria ter o poder de girar o tempo, ou melhor, retrocedê-lo e nunca ter me apaixonado por Valentina, mas para falar a verdade, isso seria improvável, já que nasci para amá-

la.

Não importa onde nossos caminhos nos leve, vou sempre amá-la.
Mas, especificamente hoje, acho que a odeio.



Sou tomado por um encanto de bem-estar ao sentir um delicado toque em meu rosto e o deslizar de dedos entre os fios do meu cabelo. A boa sensação me faz encolher os ombros e aninhar a cabeça. Percebo que não é mais no chão que ela está. O local, apesar de frio e molhado, é macio.

Abro os olhos sonolentos e a visão continua a mesma. Os pés da cadeira giratória. Continuo no chão... Mas então, quem...

— Valentina — sussurro, virando quase como em câmera lenta o rosto e corpo para frente, encontrando assim, o dela. Estreito meus olhos. — O que faz aqui?

— Vim ficar com você. Nem que seja para você jogar toda sua raiva e dor para cima de mim, Gustavo. — Valentina encolhe os ombros. — Mas eu tinha que estar com você.

Seus dedos se afundam em meu cabelo, o toque exerce um poder em minha mente.

Eu a observo por alguns segundos, sentindo-me entorpecido, como se esquecesse de tudo. E, exclusivamente, me atento no quão encharcadas as roupas de Valentina estão. Sua pele branca consegue se tornar ainda mais branca e os lábios num tom roxo, estão trêmulos.

Valentina inclina o rosto para o lado, dando dois espirros, seguidos um do outro. Isso me faz sair da espécie de transe em que me encontro. Ergo a cabeça do seu colo e conforme abandono o chão, encarando-a, vejo seu corpo todo tremer. Não sei distinguir se é de frio ou nervosismo.

De joelhos, ela inclina a cabeça para cima, dando-me um olhar com tudo que não quero: pena. E enquanto capto esse sentimento neles, capto também que seus olhos castanho-claros estão cansados com intensa vermelhidão, de quem chorou o suficiente para deixá-los assim. Vê-la abalada desse jeito confunde meus próprios sentimentos.

Droga! Ela não tinha que vir atrás de mim!

Preciso que vá embora.

— Eu não quero você aqui — declaro, incisivo. — Eu não preciso de você!

Rumo para outro ponto do quarto, indo até a janela. Percebo pela

minha visão periférica o mover rápido de Valentina, ficando de pé para me acompanhar.

— Aceite minha presença, por favor — ela diz, tocando em meu ombro.

Sinto-a perto demais, sua respiração intensa e acelerada sopra no meu pescoço e meu maldito corpo é receptivo à Valentina. Fecho os olhos, apertando-os com força, e o contato de seus dedos — ainda que gelados. *Muito gelados* — em minha pele nua me aquecem. O ímpeto de aceitá-lo se vai no segundo seguinte e então me afasto.

— Vá embora! — solicito nervoso.

Fujo, indo para minha mesa de estudos. De pé, apoio as mãos, fazendo os músculos do antebraço tensionarem pela demasiada força que exerço. A presença dela me coloca nervoso, principalmente porque não quero ter o vislumbre de seus olhos pesarosos.

— Não precisamos falar nada, apenas me deixe afagar seus cabelos como estava fazendo enquanto você dormia. Caminhei o mais depressa até aqui para tentar impedir ou amenizar o caos, mas pelo visto não cheguei a tempo. Vi o que você fez na sala e te encontrar aqui caído no chão, só demonstra que você precisa de apoio.

Ela só pode estar de brincadeira comigo!

Dou um soco sobre a mesa e me viro de maneira severa, levando junto os livros e o que mais esteja em cima dela. Num vulto está tudo no chão.

— Amenizar o caos?! Apoio?! — Dou uma risada sem humor algum e sigo na direção de Valentina. A cada passo que dou para frente ela dá um para trás, até encostar no vidro da janela. — Você não vê que tudo isso é por sua causa? — Aponto o dedo indicador para ela, mirando em seus olhos. — Você, Valentina, mentiu pra mim, merda!

— Eu ia contar! — ela brada.

— Quando? Quando você estivesse entrando na porra do avião e me deixando aqui?! — grito na frente do rosto de Valentina. Seus ombros tremem a cada segundo mais.

— Não. Claro que não! Eu estava pronta para contar naquela noite em que... — Ela baixa o olhar por um segundo e depois os ergue para mim. — Acabamos dormindo no chão e você me deu aquele beijo em cima da sua mão — declara. *Como? Então ela não estava dormindo?* — Mas você tinha acabado de decidir fazer o vestibular. Achei que se eu contasse poderia atrapalhar sua decisão. E depois tudo aconteceu entre nós.

O cabelo de Valentina goteja sem parar e seus olhos também.

— E ainda assim continuou a mentir — digo, decepcionado. — Que

máscara é essa que você usa, Valentina? Eu não a reconheço.

Meus lábios viram uma linha reta, baixo minha cabeça sentindo o peso da mágoa recair sobre mim.

— Não pense que foi fácil — ela fala, com um tom de coragem. — O fato de não te contar a verdade me atormentava todos os dias. Tentei revelar algumas vezes e não consegui. Até que ontem à noite não suportei mais, me abri com minha mãe e estava decidida a contar de uma vez por todas, independente das consequências, mas...

Valentina não termina a frase e ergo a cabeça, voltando a encará-la.

— Mas... Vamos, conte. Chega de mentiras!

Ela junta as mãos na frente do corpo, inspirando fundo.

— Mas tio Luís me ligou e pediu que me mantivesse em silêncio.

A voz dela falha ao contar.

Arregalo os olhos com a informação e levo as mãos à cintura, soltando o ar com força.

— Que lindo isso! — debocho. — Então, tudo não passou de um bom plano para que *o babaca aqui* fizesse a merda do vestibular, conforme o todo poderoso doutor Luís Dutra tanto queria! — despejo com raiva. — E com isso, posso crer que a família inteira está escondendo a verdade de mim. Bando de mentirosos! — Bufo com rancor.

— Não teve plano algum. Nós só queríamos o seu bem, Gustavo. E olha como foi positivo o seu desempenho no vestibular.

Valentina esboça um sorriso ao dizer e se aproxima, pegando em minha mão, mas de imediato nego o contato.

— Eu não preciso do apoio e nem quero mais saber dessa família que mente! — esbravejo, dando as costas para Valentina.

— Quer ficar com raiva, fique de mim. Eles não têm culpa nisso. — Seu tom é firme.

Viro-me.

— Eu estou com raiva de você, sim — afirmo, bravo. — E hoje eu... eu a odeio! Odeio por ter destruído algo tão bonito que existia dentro de mim, por ter transformado meu amor em rancor.

— Você não me odeia! — Valentina brada, chorosa. — Não faz assim, Gustavo. Sei que não é o que sente de verdade.

Ela avança outra vez para perto, sua mão agarra em meu antebraço e seus dedos descem devagar por ele até encontrar a minha mão.

— E o que você sente de verdade, *hein*? — inquiri, deixando que ela segure em minha mão. — Você me fez essa pergunta ontem e te disse que o que eu sinto é amor. E o que você me deu em troca? Mentiras — digo frustrado.

— Eu menti por amor! — Um soluço alto escapa da boca de Valentina.

— Um amor tão grande que você decidiu ir fazer faculdade em outro continente — contesto, cabisbaixo.

Ela segura minha mão com força.

— O meu amor por você é grande suficiente para aguentar essa separação. Vou poder estudar e fazer um serviço voluntário. Isso é importante para mim, pois eu quero poder ajudar outras pessoas.

— Ajuda aqui, merda! Perto de mim.

Agarro Valentina pela cintura e junto seu corpo ao meu, seu arfar é instantâneo. O mesmo acontece comigo. Seus lábios tremem próximo aos meus. Guiando-se um ao outro, eles se tocam de leve, perpassando-se apenas.

Fito seus olhos embebidos em lágrimas, enquanto ela toma fôlego e explica, segura:

— Eu preciso viver essa experiência, Gustavo. Não quero ser só a filha de pai médico que cursa medicina numa ótima faculdade, depois veste o jaleco branco e atende na melhor clínica do país. Não, não é assim. Quero sentir as dificuldades, as vulnerabilidades dessa profissão. Desenvolver minha capacidade de lidar com situações difíceis. E, principalmente, quero ser útil para aqueles que mais precisam. E o quanto eu puder ser, serei.

Sequer pisco, ouvindo-a. Em meus braços sinto o quanto seu corpo está gelado e sua respiração dá sinais de cansaço, mas ela encontra forças para falar tudo com tamanha firmeza. E, mesmo que eu queira me enganar, sei que suas palavras foram sinceras.

Mas ainda assim, contraponho:

— No nosso país também tem quem precise. Você podia ao menos ter ido para outro Estado.

— O déficit na África é muito maior. E se todos pensassem em só ser solidários no seu próprio país, como ficariam as outras pessoas do mundo? Elas também precisam. Além do mais, eu sinto que devo ir para lá.

— Foda-se as outras pessoas do mundo! — explodo, contrariado, e a solto dos meus braços.

Minha raiva reacende e Valentina me encara com resistência.

— É fácil para você falar, sempre teve tudo quis — acusa-me. — Nunca viveu o abandono, a miséria...

— Agora eu sou a merda de um imprestável *filhinho de papai* que só olha para o próprio umbigo. É isso?

Ando de um lado para o outro no quarto, o corpo sendo tomado outra vez por aquela onda de adrenalina com fúria e rancor.

Valentina me acompanha a cada passo, persistente.

— Falando do jeito que falou, é o que parece. Se você não consegue lidar ou aceitar o meu desejo de ajudar outras pessoas, então me desculpe por isso. Mas eu sou assim. A vida me deu uma grande chance e eu quero retribuir.

Paro de andar e busco seu olhar. Conecto-me a ele e declaro:

— O que eu não consigo lidar é com sua falta de consideração comigo, com todo amor que te entreguei. E, sinceramente, Valentina, depois de você ter a *capacidade* de mentir desse jeito, já não acredito em nada que tenha me dito ou o que ainda venha a dizer. E sabe o que eu acho que você é de verdade? — Faço uma pausa antes de prosseguir e Valentina engole em seco, pressionando os lábios, esperando. Seguro em seus ombros ao proferir: — Você não passa de uma hipócrita, mentirosa.

Ela prende a respiração. Solto seus ombros e sigo para a porta.

— Você me machuca falando isso. — Ouço-a dizer, esmorecida.

— Não me importo — respondo sem voltar minha atenção para trás onde ela está.

Aguardo uma última resposta de Valentina antes de deixar o quarto, mas nada é dito. Espio por cima dos ombros, vendo o momento em que seu corpo desaba de joelhos no chão. Ela se curva, encolhendo-se com as mãos sobre rosto.

Droga!

Retrocedo alguns passos e abaixo-me perto dela. Se antes Valentina estava trêmula, agora eu não sei o que está acontecendo. Isso não é um tremor normal. Ela não consegue controlar os movimentos dos braços e pernas.

— Valentina? — chamo num tom brando. Ela leva alguns segundos até tirar o rosto das mãos e quando faz, noto seus olhos inexpressivos. — Você está sentindo alguma coisa? — investigo.

Levantando-se com dificuldade ela acaba se desequilibrando, só que antes eu a seguro.

— Meu Deus! Você está gelada demais, isso não é normal. Valentina, você precisa de um banho quente. Agora!

Passo um braço por debaixo de suas pernas e a ergo em meu colo, a levando às pressas para o banheiro, empurrando em seguida a porta que está entreaberta e entrando nele.

— Me põe no chão, Gustavo! Eu quero ir embora — ela exige com o que lhe resta de forças. Sua respiração está superficial e fraca.

— Deixa de ser teimosa, Valentina. A temperatura do seu corpo está baixa demais. Você tomou toda aquela chuva. Precisa se aquecer.

Desço Valentina do meu colo e sustento seu corpo com um braço em volta de sua cintura, enquanto o outro se ocupa em abrir a porta de vidro do box.

Estico-me o suficiente até alcançar o registro para abrir o chuveiro.

— Me larga! Eu vou embora! — ela reclama. Sua voz sai enrolada e lenta. Até parece alcoolizada, mas isso é sinal da falta de oxigênio que a hipotermia causa. — Eu não quero a sua ajuda. Você é um garoto mimado que não sabe lidar com algo que sai ao contrário do que quer.

— Garoto mimado? Vá se ferrar, Valentina! Estou aqui cuidando de você e ainda me xinga? — falo, indignado, enquanto controlo a temperatura da água.

Assim que a temperatura fica apropriada para que não cause um choque térmico, levo o corpo amolecido de Valentina para dentro do box e tento deixar que ela vá sozinha, pois é impossível. Ela está sem destreza alguma e sem conseguir controlar os próprios movimentos do corpo.

— Você me xingou primeiro — ela rebate, cuspiendo a água que desce pelo rosto, alcançando-lhe os lábios. Suas mãos estão apoiadas em meus ombros e eu a seguro pela cintura e costas. Coloco sua cabeça para trás, deixando um grande volume de água cair sobre seus cabelos e rosto. — *Hum...* isso é bom! — Valentina se delicia com a água quente. — E quer saber? — diz de repente, trazendo a cabeça para frente. Seus olhos com as pupilas dilatadas me encaram. — Vá se ferrar voocê! Vim te explicar tudo e te ajudar, mas você não...

— Eu não preciso da sua ajuda — interrompo-a, silenciando em seguida, enfiando por completo seu corpo todo debaixo do chuveiro. Principalmente a cabeça para que ela pare de falar.

Depois de alguns minutos a água quente começa a dar sinais de fazer efeito, Valentina para de tremer, e quando abre os olhos sinto seu olhar concentrado e não naquele estado confuso e ébrio que estava antes.

Ela dá um passo para frente, saindo da mira direta dos jatos de água, e me fita como se quisesse ter o poder de penetrar meus pensamentos.

— E o que você precisa, Gustavo? — pergunta.

— Preciso de você, Valentina! — declaro. — Você sendo minha, ao alcance dos meus braços, morando alguns metros de distância apenas. Fazendo parte dos meus dias, me deixando tê-la como meu mundo. Porque... você é meu mundo — digo por fim e a puxo para mim através do cóis de sua calça jeans, fazendo nossos quadris se chocarem.

Envolvo meu braço em suas costas, deixando a mão se levar até sua nuca, enredando meus dedos em seu cabelo, onde gentilmente, puxo-o para trás e avanço até seu pescoço, cheirando-o e beijando-o. Valentina arqueja, deixando-me sugar, lamber sua pele molhada. Faço tudo com tom de desespero. E com esse mesmo desespero minha mão livre passeia para a lateral do seu corpo. Ao passo que as mãos de Valentina estão em meu peito, seus dedos deslizam pela

extensão dele até minha barriga. Todos os músculos do meu corpo se tensionam ao sentir o seu toque. Um desejo avassalador me domina e quero sentir sua pele em contato com a minha. Como se lesse meus pensamentos, Valentina me surpreende ao puxar a própria camiseta para cima, passando pelo pescoço e tirando-a por completo.

Dou um passo trás e paraliso diante da visão.

— Como você é linda — sussurro, admirando a beleza de seus seios adornados por uma *lingerie* de cor branca com uma delicada renda.

Sem que eu pudesse prever, Valentina vem até a mim com tudo, quase jogando-se em meus braços. O contato pele a pele acontece e uma corrente eletrizante circula entre nossos corpos enquanto nossas bocas se encontram num beijo ávido, molhado e quente. Mãos, braços, bocas, corpos... tudo se movimenta de maneira frenética, numa ânsia infundável. Por tempo suficiente para me deixar cada vez mais louco de desejo por Valentina. Como se tudo já não fosse o bastante, o som dos gemidos baixos, quase sussurrados, que escapam de sua boca, são capazes de me tirar os sentidos e a razão, até que as mãos dela se apoderam do meu cinto. Quase num gesto ensaiado minhas mãos vão para o botão da calça de Valentina.

— Não! Isso não pode acontecer — digo, atordoado. A negativa dada é um aviso a mim mesmo.

Afasto-me e passo as mãos no rosto. Minha respiração pesa, minha consciência pesa, minha dor pesa.

— Gustavo. — Valentina segura em minha mão.

Ela mentiu, ela vai embora. Valentina vai me deixar.

Minha raiva volta.

É como se eu estivesse numa montanha-russa. Tem horas que estou no alto curtindo a vista, sentindo a euforia do momento, então o carrinho de repente despenca, dando aquele frio na barriga que junta medo e adrenalina, mas no instante seguinte estou dando voltas e mais voltas. Tudo é intenso, divertido e suportável, até quando o tempo no brinquedo acaba. Então o carrinho estaciona e bate a mistura de alívio por ter acabado, mas o desejo de ir enfrentar tudo outra vez. Só que o corpo não aguenta mais. Ele passou por tantos altos e baixos, o que deixou seu estado afetado, traumatizado e até nauseado. Que, por isso, nem que tivesse ainda tantas outras chances para voltar à monta-russa, não deseja voltar.

Andei numa montanha-russa com Valentina. E agora é hora de a brincadeira acabar. Não suporto mais.

Baixo a cabeça, entregando os meus pontos.

— Não podemos mais continuar. Acabou.

Solto minha mão de Valentina e ela me puxa pelo braço.

— Não vá, fique. Fique comigo — pede.

— Não sou eu que estou indo embora, Valentina. E o que está fazendo me faz acreditar que a fruta nunca cai longe do pé. Assim como aquela mulher foi insensível o suficiente para te descartar numa lixeira, você está fazendo o mesmo comigo, me descartando.

Não leva dois segundos para Valentina soltar um grito de dor que ecoa pelo banheiro inteiro.

— Não! Não! Você não pode me dizer isso. Não me compare a ela! — Valentina grita repetidas vezes — Não me compare a ela!

Conforme Valentina se desfaz em lágrimas, suas costas se chocam no azulejo, deslizando por ele até encontrar o chão.

Já eu, nem preciso ultrapassar a porta do banheiro para me arrepender da merda que falei.

— Desculpe, Moranguinho — murmuro sozinho, deixando o quarto.

Quando entrei em casa destruído e furioso, sabia que estava como um furacão, querendo destruir tudo.

Consegui.



Valentina

Todos os dias após a terrível discussão com Gustavo, ao despertar tenho a breve sensação de que a minha vida está como sempre esteve. Instantes depois a realidade me alcança, roubando-me a falsa sensação.

Hoje, uma semana depois, não foi diferente. Acordei pensando no dia feliz e importante que nos aguardava, mas logo depois lembrei-me que tudo está cinza, triste e nem mesmo o dia lindo de sol que brilha lá fora, me fez querer sair da cama. Dizem que alguns males se curam com o tempo, a impressão que tenho é o contrário. Quanto mais passa, mais dói.

O desânimo, vazio e dor, batem com força, e tudo que mais desejo é apenas voltar a dormir, já que enquanto durmo, não penso. Se não penso, não lembro e, portanto, não dói. Mas dormir o tempo todo é impossível. Assim, sinto o vazio mais profundo da minha alma em cada segundo dos meus dias.

O vazio que Gustavo promove em mim é o tipo de vazio que nada, nem ninguém, substitui. Muito antes de tomar ciência de que eu o amava *dessa outra forma*, ele já tinha capacidade de tornar minha vida mais colorida, mais feliz, e depois do que vivemos desde o nosso primeiro beijo, essa capacidade se tornou mais intensa e necessária.

As decepções mais dolorosas são ocasionadas pelas pessoas que mais

amamos. Decepcionei Gustavo, machuquei-o. Na intenção de acertar, errei. Na intenção de lhe poupar, aumentei sua dor. Ele, por sua vez ferido, me feriu. Ferimo-nos. E tudo que mais quero é encontrar um caminho, onde ambos nos curemos. Mas há como duas pessoas machucadas também terem o poder de curar uma a outra? Principalmente quando um foi o causador da dor do outro?

Deus, por favor, me dê uma luz, um sinal. Me ajude!

De bruços afundo o rosto no travesseiro, querendo que o dia não tivesse amanhecido e que eu não tivesse despertado, porque é isso que acontece. Meu cérebro não consegue se concentrar em outra coisa que não seja Gustavo. Estou sem vê-lo desde então. Ele não foi para o colégio nenhum dia e me preocupo em como esteja se sentindo e reagindo a tudo isso. Desde que se exilou na casa da vó Luiza, seu silêncio é unânime. Ninguém conseguiu acesso ou conversar com ele.

Como é sábado, ao menos me permito ficar na cama por mais tempo e assim também não preciso enfrentar outro dia disfarçando meu real estado, sofrível, para a minha família. Detesto o olhar de preocupação que lhes causei. Sei que estão sofrendo com o que aconteceu. E já basta que eu tenha feito Gustavo sofrer, já basta que eu sofra. Ninguém mais precisa e merece.

O barulho no trinco da porta do quarto demonstra que minha vontade de ficar sozinha e quieta na cama acabou. Afasto de maneira breve o rosto afofado no travesseiro para espiar quem é. Um par de pernas com um pijama cor-de-rosa entra no meu campo de visão.

— Cuidado! Não vai derrubar isso, Gaetano! — A voz de Alice ressoa em um tom baixo.

— Ela ainda está dormindo — Gaetano cochicha em resposta.

Espio mais um pouco e as pernas longas do meu irmão são possíveis de serem vistas. Alice e ele entram no quarto pisando leve, como dois gatos sorrateiros. Volto a afundar o rosto no travesseiro, na tentativa de que acreditem que estou mesmo dormindo.

Os passos se aproximam da cama e em seguida o colchão mexe com o peso de um deles, que senta nela.

— Bom dia, flor do dia!

As palavras são sussurradas por Alice, próximo ao meu ouvido, e ao tempo que fala, sinto sua mão pegar a minha.

Aliás, Alice não soltou minha mão desde que me tirou daquele chão do banheiro, no quarto de Gustavo. Minha irmã dormiu comigo todas as noites que se seguiram e secou minhas lágrimas cada vez que chorei no silêncio do quarto escuro.

Abro meus olhos, vendo sua face diante da minha. Os lábios de Alice

se curvam num sorriso de amor e as sobrancelhas grossas erguem-se, acompanhando as feições que se animam ao me ver desperta.

— Bom dia, Ali — murmuro, sorrindo.

Ela afaga meu cabelo enquanto espreguiço-me e viro o corpo para frente, e assim me surpreendo com Gaetano parado ao lado da cama com uma bandeja nas mãos.

Estreito meus olhos.

— Trouxemos seu café da manhã — ele explica, oferecendo-me seu sorriso acolhedor.

— Trata-se de um agrado para a melhor irmã mais velha que — Alice acrescenta, falando de um jeito pomposo —, inclusive hoje se forma e diga-se de passagem, foi aprovada no vestibular figurando a segunda colocação. Então pensamos em começar esse dia de um jeito especial.

Ontem, quando saiu a lista dos aprovados, todos comemoraram. Para não murchar o clima de euforia, também vibrei. Mas por dentro sentia o quanto nada disso tinha alegria sem Gustavo junto. Principalmente, porque adoraria lhe dar um abraço e comemorar com ele sua colocação, que foi entre os dez primeiros no curso de Direito.

Sorrio, sentando-me na cama. Fico contemplativa com a atitude dos meus irmãos. Tudo que eles têm feito é demonstrar carinho e garantir que eu me sinta amada.

— Tomara que goste do que preparamos. — Gaetano coloca a bandeja diante de mim.

Alice se senta ao meu lado na cama e Gaetano segue para o outro. No meio dos dois, antes de dar atenção ao meu café da manhã, deixo um beijo na bochecha de cada um.

— Obrigada! Vocês são os melhores irmãos do mundo — digo.

Por um segundo a emoção quer enforçar minha garganta, mas a engulo com força, sem querer chorar. Para me auxiliar nessa tarefa, bebo um grande gole do suco de laranja que tenho em minha bandeja.

Atento-me a tudo que está disposto nela. Salada de frutas, panquecas, torrada com geleia de morango e uma bela fatia de uma torta de chocolate, e o mais belo toque de carinho: um ramalhete de margaridas colocado em um pequeno vaso de porcelana branca.

— Experimente a panqueca. O recheio é de creme de avelã e morango — Gaetano fala, empolgado.

Não perco tempo, corto um generoso pedaço e levo à boca. A massa fina junto do recheio é uma mistura deliciosa de sabores que me faz fechar os olhos enquanto mastigo. Assim que os abro, Gaetano me olha com um ar de

expectativa.

— Gostou? — pergunta.

— Adorei, está uma delícia! Mas parece que tem algo diferente na massa da panqueca. Papai mudou a receita, será?

Gaetano sorri.

— Não. É que essa massa foi feita por mim.

— Você? — Surpreendo-me.

— Sim, ele que preparou. Acho que está querendo tomar o posto do papai — Alice brinca.

— Então, o pai que se cuide, pois o concorrente é forte! Está divino isso aqui. — Levo outro pedaço à boca, me deliciando com a panqueca.

— Está ótima mesmo, também experimentei — Alice comenta e Gaetano faz uma cara de convencido para ela. — É, mas não se gabe por isso, sim? Papai continua sendo o nosso principal *chef* das panquecas. Além disso, você não jogou a massa tão alto quanto ele e a amparou na frigideira depois de dar um giro, como ele faz.

— Isso é só questão de prática. — Gaetano dá uma piscadinha ao falar.

A cada dia ele fica mais lindo e mais parecido com nosso pai. Aparência que não se resume à forma física, mas também em personalidade. Garotos em geral não são tão afáveis, mas a exemplo do pai, ele tem demonstrado que será um homem carinhoso. Sorte da garota que Gaetano escolher para amar.

— Falando no pai — digo, tomando outro gole do suco. — Ele experimentou a panqueca do Gaetano, qual foi a avaliação? Deve ter ficado com uma pontinha ciúmes.

Pensar nisso me faz sorrir, imaginando a cara do doutor Leonardo com um competidor à altura. Nós sempre dissemos a ele, quão maravilhosas são suas panquecas e que nenhuma outra se compara a dele. E claro que ele adora ouvir isso.

— Não, ele não comeu. O pai saiu bem cedo — meu irmão responde e capto sua troca de olhares para Alice.

— Aonde ele foi? — Busco saber.

— Não sei... — Alice mordisca a cutícula do dedo e seus olhos não encontram os meus enquanto fala. — Apenas comentou que tinha um problema para resolver. — Dá de ombros. — Come a torta. É lá da cafeteria da mãe do Pedro.

Ela sugere com um tanto de pressa, mas acabo por não me ocupar com isso e sim com a torta. Enquanto mastigo um pedaço, Gaetano questiona a Alice:

— Você esqueceu de colocar na bandeja aquele creme de abacate que

fez? Ficou muito bom.

— Você comeu? — ela inquire, arregalando os olhos.

— Sim, mas foi só uma colherada — Gaetano justifica, preocupado por ter comido o que não era para ele.

Alice arregala ainda mais os olhos.

— Aquilo não é de comer. É uma máscara de hidratação para pele! — exclama.

— Sério?! Mas não se preocupe, comi só um pouquinho. Sobrou um monte ainda.

— Tá... mas eu coloquei um hidratante que uso para o rosto, além do abacate e mel.

Meu irmão mais novo é tomado por uma expressão alarmada e Alice começa a gargalhar.

— Quê?! Não acredito! E você me deixou comer?! — reclama, indignado.

Ele ergue o tecido da camiseta até a boca e passa a língua nele, limpando-a desesperadamente, fazendo uma careta de nojo.

— Eu não vi você pegando para comer! — Alice fala em meio a risada.

— Merda, Alice! Se eu tiver uma intoxicação a culpa é sua! — Gaetano aponta o dedo para Alice, bravo.

— Não exagera, Gaetano! Se foi só um pouquinho que você comeu, não fará mal! — ela tenta amenizar.

— Toma! Bebe um pouco de suco — ofereço.

Ele bebe, consternado, olhando para a Alice que não para de rir.

— Vai ter volta, Alice! Se prepare! — Gaetano ameaça.

— Eu não tive culpa, poxa! — ela se defende, com uma linda expressão de inocente.

— Foi uma mal-entendido, se acalmem — arremato, apaziguando.

Gaetano bufa e Alice para de rir, mas sua carinha de sapeca me faz duvidar se ela não viu mesmo ele comendo o tal creme de abacate.

Termino meu café da manhã, agradecendo-os por tanto carinho e gentileza. Alice retira a bandeja e volta para a cama, onde ficamos os três deitados. Estar ladeada pelos meus dois irmãos é uma sensação maravilhosa.

Agora, mais calmo, Gaetano conta que hoje à noite acontecerá um eclipse lunar penumbral. Ele explica que este é o tipo de eclipse em que a lua cheia perde um pouco do seu intenso brilho e uma penumbra se forma em parte dela, provocada pela Terra.

— Poderá ser visto a olho nu. Vai ser lindo, não perco por nada! —

completa com entusiasmo.

— Que horas vai acontecer esse eclipse? — Alice pergunta, erguendo a cabeça para olhar Gaetano.

— O ponto máximo. Será por volta de meia-noite.

— Então terá de ir para fora do salão da festa, porque a essa hora estaremos no baile de formatura — Alice constata.

— A essa hora eu já quero estar em casa, Alice — digo e minha irmã franze o cenho de maneira contrariada. — Vou participar da colação de grau, ficar por um momento na festa, mas não estou em clima para estender por muito tempo, sabe disso — acrescento.

Alice vira seu corpo de lado, ficando de frente para o meu.

— É seu baile de formatura! Nós estaremos com você e faremos com que se divirta pelo menos um pouco. Não é justo que seja diferente. — Seus olhos redondos imprimem extrema ternura, mas também que eu não tenho opção a objeção.

Assinto, dando-lhe um sorriso. Sei que terei que me esforçar muito para não tornar nossa noite de festa em clima de velório.

— Eu até assisti uns vídeos com aula de dança. Valsa, especificamente — Gaetano conta. — Assim, para caso precise de um par, terá a mim, além do papai — complementa ele de um jeito um tanto receoso.

— Obrigada! Vou amar dançar com você, Gaetano.

Outra vez a emoção quer se sobressair com lágrimas, contudo, reprimo-as. Eles estão fazendo de tudo para me ver bem e sorrindo. Não choro, mas ouço o fungar de alguém. Levo meu olhar para a porta de onde o som vem, e minha mãe está parada na entrada do quarto nos observando. Ela seca os olhos, oferecendo-nos um sorriso.

— Mãe... — Estico meu braço, fazendo sinal para que ela se junte a nós.

Assim que ela se aproxima, sentando-se aos pés da cama, seu sorriso aumenta e seu lacrimejar também.

— Já sou chorona, e vocês ainda me oportunizam esses momentos, é impossível segurar a emoção — ela diz com a voz trêmula. — Sabe... eu costumava ficar olhando os três enquanto dormiam e imaginando como seria depois que crescessem. Vocês sempre foram tão apegados um no outro e tudo que mais desejava era que mesmo depois de mais velhos, isso nunca mudasse.

— E nunca vai mudar, mãe — digo, indo até ela. Acaricio sua face molhada.

— Você e o pai nos ensinaram que sempre deveríamos apoiar e ser bom um para o outro — Alice diz, e também se senta na cama ao nosso lado.

— Mãe, o que fazemos é reflexo do amor que sempre recebemos de você e do pai — Gaetano arremata, vindo abraçá-la.

Abraçamo-nos os quatro num entrelaçar de braços, ficando impossível segurar a emoção.

— Suas choronas — Gaetano profere, enxugando os olhos.

Ele nos acusa de choronas, como se não estivesse também chorando, o que nos faz rir e rir um pouco mais com o comentário de Gaetano sobre Alice, dizendo que ela é implicante com ele, mas que ainda assim a ama. Alice não deixa por menos, replicando o mesmo para Gaetano.

Passado um tempo de conversa e risos, mamãe beija cada um de nós e avisa que terá de ir no Instituto. Essa é mais uma atividade que ela desempenha com extrema dedicação. O Instituto tem grande importância e significado para ela.

Tudo nasceu da ideia inicial que meu avô Miguel teve. Como ele era cirurgião plástico, decidiu prestar um serviço gratuito, com cirurgias reconstrutivas em mulheres que tiveram câncer de mama. Muitas delas vindas de outros Estados do país e a grande maioria não tinha onde ficar no período de pré e pós cirúrgico. Foi então que minha mãe decidiu criar o Instituto, com o objetivo de acolher e oferecer um atendimento, onde a maior prioridade é o amor e apoio que elas precisam para enfrentar a doença. O local é lindo, uma grande casa equipada para atender essas mulheres durante o período que precisarem. O Instituto leva o nome da minha avó, Cecília Ventura, que morreu vítima de câncer, quando minha mãe tinha 15 anos.

— Prometo que não demoro. Só tenho que entregar as lembrancinhas de final de ano — mamãe diz. — Aliás, Gaetano, você vem comigo? Assim me ajuda com as sacolas.

— Claro, mãe — ele responde de pronto. — Só antes quero falar com Valentina.

A forma como ele fala e olha para Alice e minha mãe denota que quer falar sozinho comigo.

— Está bem, espero por você na sala. — Mamãe me dá um último beijo e segue para a porta.

Em seguida, em um pulo, Alice sai da cama.

— Também vou descer para pegar o creme de hidratação. — Ela para diante do espelho, amarrando o cabelo em um coque alto.

— Sua pele está ótima, Alice — comento, levanto-me da cama e jogando meu olhar para ela.

Alice me encara através dele.

— Eu sei, não é para mim. É para você. Porque Valentina, sua pele

está horrível — diz, categórica.

Levo a mão ao rosto tocando minhas bochechas e faço uma cara de “se você diz, então tá, Ali”. Ela sorri, satisfeita, e sai como um foguete do quarto.

Assim que Gaetano e eu ficamos a sós, seu olhar recai sobre mim.

— Estive com Gustavo.

O que ele acaba de dizer faz meu coração acelerar.

— Ele aceitou conversar com você? — investigo, surpresa. Já que pelo que sei, as tentativas feitas por todos da família não foram bem-sucedidas.

— Não foi fácil, mas expliquei que eu também não sabia dos seus planos. E, portanto, não fui *mais um* a mentir para ele — Gaetano diz, seu olhar mistura compaixão e notas tristes.

Isso causa uma aflição dentro de mim, mas me sinto aliviada por ter poupado ao menos a amizade de Gaetano e Gustavo.

— Me desculpe por não ter contado antes. Eu me sinto horrível com tudo isso.

— Tudo bem, Valen. No final das contas foi até bom. Acho que isso fez Gustavo baixar a guarda, pelo menos comigo.

Meu irmão imprime um meio-sorriso. Ele inclina a cabeça e me observa com empatia, como se pudesse compreender — melhor do que ninguém — o estrago que eu estou. Mais que isso, é como se Gaetano fosse capaz de me ver além dos olhos. Enxerga a minha alma.

— Vem cá... — Ele envolve minha mão na dele, levando-me a sentar na cama ao seu lado. — Gustavo está péssimo. Você também está péssima, Valentina. Os dois estão, tanto por dentro como por fora. Caramba! Parece que perderam alguns quilos nessa semana. A barba dele está longa, cobrindo todo o rosto, e a sua pele está mesmo horrível, como Alice disse. Seu coração está doendo e o dele também.

— Tudo isso é por minha culpa — admito. — Eu o machuquei, traí a confiança dele — lamento, cabisbaixa.

— Aconteceu, ninguém é perfeito. Vocês precisam se entender logo ou ficarão sofrendo.

— Mas como faremos isso? Eu não encontro um caminho ou uma forma de arrumar toda essa bagunça.

— Tanto você quanto ele, devem começar pelo perdão. E me refiro ao perdão próprio. Você precisa se perdoar por ter errado em esconder a verdade dele. Gustavo, por outro lado, precisa se perdoar por ter dito aquelas palavras terríveis. Porque se você está se sentindo mal por ter mentido, ele não está diferente por ter falado o que falou para você. Então, Valentina, perdoem a si próprio primeiro, e só assim conseguirão dar o perdão mútuo que tanto precisam.

Ouçõ atenta e emocionada tudo que Gaetano diz, buscando autocontrole para não me desmanchar em lágrimas, mas é impossível. Suspiro fundo assim que Gaetano me abraça apertado.

— Ele te ama, Valentina. Você também o ama. Parem de se machucar, culpando-se pelo que fizeram e disseram. Deixem o amor falar mais alto.

Quando tudo isso explodiu, todas as verdades vieram à tona, inclusive a de que Gustavo e eu nos apaixonamos. A reação de Gaetano não foi de tanta surpresa e até parecia que meu irmão já tinha percebido algo. Agora, meu pai... bom, eu não consegui decifrar o que ele achou quando soube, pois se reservou ao silêncio. Nem com minha mãe comentou sobre assunto, mas continuou a me tratar com normalidade.

Gaetano enxuga meu rosto com seu polegar e me fita com carinho.

— Obrigada, Gaetano. Tudo que disse era exatamente o que eu precisava ouvir — falo com sinceridade.

— Não precisa agradecer. Quero ver vocês bem. E só para que saiba, eu comecei a conversa com Gustavo exatamente do mesmo jeito que comecei com você, e Valentina, a insegurança dele era do tamanho da sua. Tudo que Gustavo mais queria era encontrar um caminho, uma forma para colocar *as coisas* no lugar. Por isso, espero de verdade que vocês se encontrem nesse caminho. No final de tudo, disse a ele para se deixar ser guiado pelo amor e digo o mesmo a você. Guie-se pelo caminho do amor. Faça isso sempre.

Gaetano beija a minha testa e se vai. Vejo-o atravessar a porta, dando um pulo unindo os pés no ar ao lado do corpo, talvez comemorando por ter notado o quão valioso foi o seu conselho.

É impressionante ouvir tudo isso de Gaetano. Em determinados momentos é um menino dividido entre a adolescência e travessuras da infância. Mas que em outros, apresenta atitudes de um homem maduro e sensível, capaz de ser a luz que eu precisava para encontrar de volta o meu caminho para Gustavo.

Aperto o pingente em meu peito com força, levando meus pensamentos para Gustavo.

Sinto sua falta, Garoto Trovão. Tomara que eu consiga te encontrar no meio do caminho.



Gustavo

Sinto sua falta, Moranguinho. Espero que ainda dê tempo de te encontrar.

Mentalizo diante do espelho, ao terminar de fazer a barba.

É assustador o tempo que me ocupei nela. Também pudera. Uma semana sem fazê-la preencheu meu rosto todo. Os fios longos como nunca usei, deram mais trabalho que o comum.

Agora, ao perceber meu reflexo no espelho com a face dá a sensação de leveza que por toda a semana foi impossível sentir. Não que os problemas e o peso dos meus dias se limitassem a falta de me barbear e, muito menos, esse peso não deixou de existir só porque, enfim, realizei o processo. O peso é persistente e só sairá de meus ombros quando eu estiver com Valentina e tiver certeza que estamos prontos para recomeçar.

Se uma semana foi o suficiente para mudar a minha aparência, foi suficiente também para que eu trabalhasse em minha mente tudo o que aconteceu. Por Deus! Eu me vi perdido e sem chão quando aquela tempestade toda se formou, mas o pior aconteceu quando magoei a pessoa que mais amo.

Odiei a atitude de Valentina por mentir. Nervoso e sem saber como lidar com aquela situação, e com a sensação imediata de abandono que senti —

por ter ciência de que eu não a teria mais em meus dias —, perdi o total controle de mim mesmo. E o que eu faço quando perco o controle? Explodo e agrido as pessoas.

Como já disse, não me orgulho nem um pouco por ser assim.

Naquela terrível ocasião, chamei Alice para acolher Valentina, pois tudo que ela precisava era de alguém que nunca havia lhe ferido. Quando Alice surgiu em minha casa, atordoada e preocupada, apenas disse que tinha feito uma grande merda e que Valentina precisava dela. Fui surpreendido quando Alice vociferou diante de mim, questionando se eu tinha machucado sua irmã. Ela agarrou minha mão e viu os nós dos meus dedos machucados. Claro que Alice não sabia que eu tinha socado a porta a ponto de esfolá-la, com isso, a fúria se formou em suas expressões. Apressei-me em contar o que tinha dito à Valentina, mas sua expressão não mudou em nada, ao contrário. Piorou e nada foi capaz de evitar a mão de Alice voando no meu rosto em um tapa, que no fundo eu merecia. Ela se desculpou em seguida, mas eu realmente não a culpo. Também senti vontade de bater na minha própria cara.

Jamais tocaria um dedo em Valentina para machucá-la, mas fui agressivo e cruel o bastante quando gritei com ela e principalmente quando a comparei com a mulher que a abandonou. Me odiei no segundo seguinte. Me odiei e fui tomado pela vergonha por ter tido uma reação tão vil com a minha Moranguinho.

O que eu poderia fazer por ela naquele momento, senão sumir de sua vista e poupá-la de olhar para o causador de uma ferida, talvez a mais dolorida que ela já tenha sentido até hoje? Meu estômago se revirou em repulsa de mim mesmo. Se eu tive essa reação a meu próprio respeito, imagina Valentina.

No instante que deixei o quarto, sabia que tinha estragado tudo. Que consertar seria impossível e que estaríamos fadados a nunca mais ser quem um dia fomos um para o outro.

A cada dia que se seguiu me perguntei como Valentina estava, mas não tinha o direito de obter tal informação. Não me achei digno de saber nada sobre um ser tão belo, enquanto eu sou uma fera sem controle. Somado a isso, a dor da perda, da ausência e da solidão se avolumaram em meu coração. E ainda tinha o gosto amargo da traição dela e de todos que sabiam e não me contaram. Eu não queria vê-los. A casa da minha avó se tornou o lugar perfeito para ficar longe de tudo e todos. Me limitei a passar os dias dentro do quarto e quando não, apenas me refugiava no silêncio do alto labirinto de cercas vivas que fica no jardim dos fundos. O lugar tem algo extraordinário que não sei explicar, mas me pareceu um ótimo esconderijo. Além disso, eu precisava do silêncio, ou era bem capaz de machucar mais alguém. Por mais que minha família tivesse me machucado e

mentido para mim, eu não suportaria a sensação de feri-los também.

Já estava pesado demais. Muito pesado.

Mas então, ontem Gaetano apareceu. Quem poderia imaginar que aquele menino seria capaz de dizer palavras tão certas e necessárias? Não o desmerecendo, jamais. Ele tem uma personalidade incrível, é um bom amigo, mas o que impressionou foi a maturidade. Na hora imaginei que Gaetano tivesse sido abduzido por um ser superior, talvez um anjo, porque foi isso que ele se tornou para mim a partir daquele momento. Com sua visita, tudo em minha mente começou a mudar.

Depois de tantos dias pensando... pensando... sem encontrar um caminho, tive um vislumbre de que talvez ainda houvesse alguma luz que me levasse de volta para Valentina, para o meu mundo.

O que eu não esperava era a outra visita que recebi, hoje, logo cedo.

Eu nem tinha aberto meus olhos quando a mão pesada de tio Leonardo tocou meu ombro. Meu corpo amolecido pelo estado sonolento se tornou rígido ao vê-lo sentado na cama e meus olhos se arregalaram ao encontrar a dureza do seu olhar.

Eu havia evitado meu pai, minha mãe, minha avó, tia Malu e até Alice, mas eu ainda não tinha evitado Tio Leonardo. Tudo porque ele não havia me procurado. E, de fato, eu não sabia se ele estar ali me encarando, passado uma semana do ocorrido, era um bom ou mau sinal. Só que assim que sua voz firme e seca, declarou “*Você é um filho da mãe*”, eu soube que isso já não importava. Pois eu estava ferrado, muito ferrado.

Era bem certo que ele não estava tendo aquela reação em vão, ele já sabia de tudo. Suas palavras e expressão me demonstraram isso. Aliás, a expressão em seu semblante era uma que eu nunca tinha presenciado. Pude captar sua amargura, impaciência e até sua dor. Chateei-me por ter sido traído, mas o que eu tinha feito, senão, também, trair a confiança do meu tio?

Mais que compreensível e justo que ele apresentasse sua consternação pelo que eu havia feito.

— Tio, eu posso explicar — apressei-me em dizer, do mesmo jeito em que me apressei em tentar levantar da cama.

Não estava me sentindo muito seguro estando tão perto dele. Covardia minha? Não. Eu só não poderia revidar. Seria inconsequência e loucura demais sair aos socos com meu tio. Sei que ele é um homem calmo, mas “mexi” em algo que lhe é precioso. Pior, eu magoei sua menina valente. Não me impressionaria se ele tivesse uma reação hostil, fazendo-me conhecer o peso de sua mão.

Peso este, que fez parar a minha intenção de sair de seu lado, fazendo-me permanecer sentado apoiado na cabeceira da cama.

Fitei a lateral do seu rosto, enquanto ele passava a mão no queixo e depois me encarou de cenho franzido.

— Fique aí e escute tudo o que tenho a dizer, Gustavo!

Engoli com força e assenti. Não ousaria contrariá-lo.

— Você é um filho da mãe! — repetiu ele. O tom de voz permanecendo com acidez. Suas mãos esfregaram o seu rosto por alguns segundos, e quando me olhou, o semblante se suavizou. De forma mínima, mas se suavizou. — O filho da mãe que ela ama e por quem está sofrendo. Então dê um jeito nessa merda toda. Porque eu não suporto ver a minha filha sofrendo. E mais. Não consigo ver você sofrendo. — Tio Leo pareceu cansado e triste. — Olha... eu sei que é uma porcaria essa sensação de ter sido enganado, sei como a gente se sente horrível quando descobre algo que todos já sabiam, menos *a gente*. E você entende a que estou me referindo, pois conhece minha história. — Meu tio fez uma pausa, as lembranças do passado lhe alcançaram e sua voz travou um pouco. Mas ele inspirou fundo e continuou a falar. — Só que nós precisamos ter discernimento e calma para ponderar os porquês de algumas coisas, e se fizermos isso, entenderemos que nem sempre o fato de a verdade nos ser ocultada é com um objetivo maldoso ou conspiratório. Às vezes o objetivo é nos poupar. Minha filha tem um coração bom e você sabe muito bem disso. Só não quis enxergar, ou por certo, não estava conseguindo. Mas já chega! Coloque essa cabeça para funcionar e perceba que o que ela fez não foi por mal. Ninguém fez. E se você realmente gosta de Valentina, conversem. E, por favor, não deixe de apoiar a decisão dela. É uma decisão que implicará em sentir saudades? É. Você vai sentir, eu vou sentir, todos que a amam irão sentir. Ela vai sentir. Mas é uma decisão que poucos têm coragem. Apoiá-la é o que devemos fazer. Ninguém conhece o íntimo de Valentina a não ser ela mesma, e o que Valentina decidiu vai além da nossa compreensão. Mas o mínimo que compreendo é que a minha filha foi um bebê abandonando numa lixeira, e que se não fosse encontrada e trazida para mim, é certo que ela não estaria viva para ser quem é. Para fazer o que ela sonha em fazer, isso é importante para Valentina. E se é importante para ela, há de ser para nós que a amamos. Quanto a este relacionamento que estão protagonizando às escondidas... Meu Deus! Como fui tão relapso e não percebi isso antes? — Suas palavras soaram de um jeito que parecia que ele dizia a si mesmo. Meus músculos travaram quando tio Leo tocou nesse assunto dessa forma. Ele apontou o dedo, mirando os meus olhos. — Depois que se entenderem, terão de se entender comigo. Vamos ter algumas regras a seguir — avisou, sério. — Ainda assim, adianto-me em dizer que o amor verdadeiro suporta o que tiver que suportar, Gustavo. Você entende onde quero chegar? Se é verdadeiro o que sentem, irão suportar tudo isso. E assim,

não terei outra saída a não ser aceitar e me alegrar por ver que, ambos encontram um no outro, o amor verdadeiro. Mas não faça minha filha sofrer. Eu te amo, você é meu sobrinho. Mas a partir do momento que você quis ser *o filho da mãe* na minha mira, vai ter que lidar com isso. Vai ter que lidar com o pai da garota que você gosta protegendo-a.

Tio Leo estava aceitando nossa relação? Parecia que sim. Uma alegria esperançosa de que tudo ficaria bem permeou meu peito intensamente, que nem seu tom ameaçador me apavorou naquele momento. Eu poderia amar Valentina sem ter que ser escondido. Essa era a melhor notícia em muito tempo, só que de repente me lembrei do óbvio, que era exatamente o que ainda martelava em meus pensamentos mesmo com tudo que Gaetano havia me dito e encorajado.

— Eu reagi de uma forma precipitada, rude e imatura. Falei algo que a magoou, tio. Me arrependo. Por isso, talvez... ela me perdoe, mas o que não significa que Valentina ainda me queira em sua vida da maneira que desejo — admiti, cheio de medo.

A resposta de tio Leo veio em seguida, fazendo com que a esperança voltasse a ocupar o seu lugar dentro de mim.

— Você a magoa mais quando deixa de falar com ela e expor o que sente. Valentina está do mesmo jeito. Arrependida, magoada. Vocês se magoaram e eu só vejo duas opções nisso tudo: deem ponto final nos desentendimentos e recomecem do zero; ou, apenas deem um ponto final e esqueçam que um dia foram mais que primos. Mas de verdade? Por experiência própria, e por conhecer os dois tão bem, a segunda opção não é o que você e nem ela quer.

Dito isto, tio Leonardo apertou meu ombro e o peso de suas mãos era o mesmo de quando ele me acordou, mas seu olhar não era mais duro. Era o olhar do homem mais compreensível que conheço e o mais generoso também.

Eu amo meu tio.

Amo meus pais e fui capaz de dizer isso a eles quando entraram no quarto logo depois que tio Leo o deixou. Por certo, ensaiaram a abordagem quase que simultânea. Eu ainda estava mexido com tudo que tinha ouvido do meu tio e ao ver os pares de olhos ansiosos e aflitos dos meus pais, percebi que bastava de reclusão e de atitudes infantis. Por vezes, sempre quis ser tratado como um adulto, e possivelmente Valentina estava certa ao dizer que sou um garoto mimado que não sabe lidar com algo que não sai como eu quero. Isso tem que mudar, ou nunca conquistarei respeito e confiança que um homem precisa possuir.

Sei pouco da vida, mas o que aprendi nessa última semana — além de que minha barba tem o poder de crescer tão rápido a ponto de me deixar com ar

rústico de um lenhador — é que: assim como a borboleta, temos que passar por pequenas transformações até chegar o momento de deixar o casulo e se aventurar a voar.

A gente precisa arriscar...

Machucando ou não, a gente precisa viver.

Eu vou sofrer quando Valentina se for, mas vou sofrer mais se não tiver aproveitado cada segundo possível ao seu lado até o dia de sua partida.

Termo de me arrumar de forma apropriada para a formatura e o terno separado com antecedência para este dia quase fica sem uso, porque eu não tinha criado coragem suficiente para participar do evento, mesmo tendo sonhado com ele e com o momento que Valentina e eu dançaríamos juntos.

Graças aos bons conselhos de minha família — E o que seria de mim sem eles, não? —, pude perceber que certos momentos nunca podem ser desperdiçados.

Minha mãe garantiu de trazer tudo que eu precisava, inclusive “*O que se deve dar a uma garota em um baile*”, palavras de Dona Melissa. Questionei se a pulseira de pérolas com uma pequena e delicada rosa feita em cetim branco não seria um tanto piegas, ou fora de moda, e eis que minha mãe respondeu que “*Romantismo e ser cortês com uma dama nunca saem de moda.*”

Tomara que minha Moranguinho goste disso e tudo que preparei pensando em nossa noite. Principalmente, tomara que ela queira minha companhia.

Deixo o ambiente interno da casa de vó Luiza e o ar noturno me alcança. Dou partida no carro, ligo o som e vou em busca do meu recomeço com Valentina.

Estou chegando, Moranguinho.

Valentina

A colação de grau e o baile de formatura foram planejados para acontecer em um mesmo local. O moderno e grande centro de eventos é dividido estrategicamente para receber os dois tipos de ocasiões. Antes de vir para o auditório, onde se dá a colação de grau, passei pelo amplo salão de baile, que está repleto de mesas redondas adornadas com toalhas que misturam as cores douradas e azul marinho, e para cada uma um tipo de arranjo de flores diferente. Está lindo! A boa quantia dispensada para a formatura, pelo visto, não foi em vão.

Os formandos foram organizados em dois grupos distintos, seguindo a ordem alfabética dos nomes e aqui estou eu, no fundo, sentada na ponta da última fileira de cadeiras emparelhadas, uma ao lado da outra. Mas por certo, num local privilegiado, já que cada uma das fileiras de cadeiras está disposta em degraus e isso faz com que eu esteja no ponto mais alto.

Deste lugar do palco, no canto esquerdo, meu olhar está na maior parte do tempo no grupo de formandos sentados na lateral oposta em que estou, especificamente, na cadeira vazia. Vez e outra levo a direção do meu olhar para a plateia onde minha família está. Os pais ocupam os primeiros lugares nas cadeiras do auditório, que foram reservadas a eles. Os demais convidados estão nas fileiras seguintes. E mesmo de longe, percebo o sorriso no rosto dos meus pais. Quem os segue são tia Melissa e tio Luís, e a expressão deles não é das melhores. Entretanto, eles estão aqui, mas infelizmente, Gustavo não.

A colação de grau já passou pela fase dos discursos e agora está no processo de entrega dos certificados. Sinto-me ansiosa e nem é pelo momento em que meu nome será chamado, mas sim porque o tempo está passando... a colação está passando e Gustavo está perdendo esse momento importante. Eu pensei que ele fosse aparecer, juro que acreditei nisso, e a cada segundo meu coração se aperta. Um nervosismo me corrói, a ponto de fazer minhas mãos suarem e tremerem, até que as deslizo freneticamente pelo tecido do meu vestido branco.

Este não é o vestido azul turquesa que comprei no shopping — e que me deu tanto trabalho para escolher —, tudo porque o tal vestido, que já não fazia o tipo muito justo ao corpo, quando fui colocá-lo hoje, não ficou bom. Os quilos que perdi nessa última semana foram suficientes para me deixar *mais*

magra do que já sou. O que deu ao vestido um aspecto de ser uns dois números maiores em meu corpo.

Minha saída foi resgatar em meu armário um vestido de quando eu tinha 15 anos, e por incrível que pareça, ficou ótimo. O usei nas bodas de 12 anos de casamento de Beth e Seu José, que, por sinal, estão aqui na formatura. Vê-los sempre me enche de alegria e gratidão por tê-los em minha vida. Seu José foi a pessoa que me encontrou naquela situação de abandono e me levou para a clínica. Se não fosse por ele, eu jamais teria sido amparada pelo doutor Leonardo, que se tornou mais que o médico-pediatra que cuidou de mim, se tornou meu pai, e é bem provável, também, que se o Seu José não tivesse me encontrado, eu nem teria sobrevivido.

Mas o destino foi tão maravilhoso que o que aconteceu não levou só a mim para fazer parte dessa família, levou também o Seu José. Antes de tudo ele era um homem sozinho que vivia nas ruas e se virava como podia, recolhendo material reciclável e vendendo-os para garantir sua existência nesse mundo cheio de desigualdades. Só que depois de conhecer meu pai, as coisas começaram a mudar. Foi oferecido a ele um emprego na clínica, onde até hoje ele desempenha a função de receber as pessoas e as encaminhar para os locais devidos, conforme a necessidade. Ele é um ótimo, atencioso e carinhoso recepcionista.

Além de conquistar um emprego, conquistou também o coração da enfermeira Beth, uma mulher que até conhecer Seu José, viveu as piores decepções nas mãos dos homens. Ela sofreu marcas profundas, mas ao longo desses anos, o amor de Seu José curou cada uma. Sem contar a filha Clarissa, que lhe trouxe alegrias e um amor que por muito tempo Beth não sentia. Clarissa viveu no orfanato até os 9 anos de idade, até que Beth surgiu em seu caminho e a adotou, dando as duas um novo recomeço. Beth dispensa comentários. É um ser humano incrível, tão forte e carinhosa, e minha avó também. O passado da enfermeira foi triste. Perdeu uma filha que ainda era muito jovem num acidente de carro. O outro filho, que é o meu pai, ela não pode ter de fato como um filho. E essa é uma parte muito triste da história que envolve, Beth, vó Luiza, vó Henrique e meu pai. Contudo, seu presente é o dos melhores. Vive a plenitude de um casamento feliz com Seu José, tem o amor da filha Clarissa, o amor do meu pai como filho, e o amor dos netos que ele deu a ela. Só falta Clarissa lhe dar um neto, e aí tenho certeza que ela ficará ainda mais feliz. Minha avó Beth continua a ser a enfermeira mais querida na ala da pediatria e ainda ocupa a chefia geral de enfermagem da clínica. Ela tem um sorriso lindo, seus olhos verdes têm um brilho que ilumina toda a sua face, assim como o cabelo liso de fios naturalmente dourados que estão sempre cortados um pouco abaixo do pescoço. Beth é uma senhora de espírito jovem e talvez isso faça com que sua pele não

aparente a idade que já ultrapassa os 60. Por outro lado, pode ser que seja em virtude de uma boa genética apenas, pois aquela pele de pêssego que Alice possui — e que não tem nada a ver com aqueles hidratantes naturais que ela usa —, puxou da vó Beth.

— Valentina, é a sua vez. — Minha colega cutuca em meu braço, fazendo uma careta do tipo “Você está surda?”

Em seguida ouço:

— Convidamos a formanda Valentina Ventura Magno Marquezzi para receber o seu certificado — o mestre de cerimônia anuncia, com o tom de voz firme e quase impaciente, somado a todos os olhares ansiosos que percebo em mim, que demonstram que essa não foi a primeira vez que ele teve de me chamar.

Caramba! Seco as mãos pela última vez no vestido, que não me surpreenderia em nada se já estivesse com uma mancha de tanto que esfreguei o tecido.

Levanto-me depressa e sigo ao centro do palco em direção à mesa de autoridades. Cumprimento cada um que a compõe, mas alguns não faço ideia de quem seja. Já outros, são rostos familiares do grupo docente do colégio. Meu sorriso se estende um pouco mais para o divertido professor de língua portuguesa que é nosso regente de turma. Das mãos do diretor Afrânio recebo o certificado que está dentro do bastão coberto por um tecido de veludo de cor preta. O diretor me cumprimenta com firmeza e com tamanha simpatia, que eu, lógico, não sinto a mesma por ele, desde que aquela suspensão aconteceu, ainda assim, correspondo seu sorriso aberto e no instante em que ele me parabeniza pelo segundo lugar no vestibular, ouço através do sistema de som o mestre de cerimônia fazer uma deferência sobre o assunto.

Fico um tanto encabulada com os aplausos e assovios que se juntam a um coro que grita meu nome. É bem provável que tenha sido Alice a iniciá-lo. Viro-me para a plateia e minha visão se ofusca com o tanto de luzes bem nesse ponto do palco. Assim que consigo visualizar as feições de orgulho e alegria da minha família, meu sorriso se torna amplo e entusiasmado. Mando um beijo no ar para eles. No entanto, como não gosto muito de ser o centro das atenções, faço um gesto de agradecimento a todos e me apresso em sair dos holofotes.

— Espere, Valentina! Ainda não acabou! — o mestre de cerimônia diz.

Paro de andar no mesmo instante, engolindo com ansiedade e forçando um sorriso ao voltar para o lugar em que estava, focando minha atenção nele.

O homem responsável por conduzir a cerimônia de formatura continua:

— O Colégio Exponencial se sente orgulhoso por ter uma de suas

alunas com uma colocação tão significativa no vestibular. Por isso, gostaríamos de entregar a você uma placa de honra ao mérito. Para este momento convidamos o Diret...

O mestre de cerimônia faz uma pausa assim que uma mulher ao seu lado toca seu ombro. Ele inclina a cabeça para o lado e ela cochicha algo em seu ouvido, passando-lhe um pequeno pedaço de papel em sua mão. O homem bem alinhado de voz grave volta a se empertigar em frente ao bonito púlpito de acrílico.

— A pedido do Diretor Afrânio, temos uma quebra de protocolo. — O mestre de cerimônia esboça um sorriso ao dizer. Talvez nervoso por ter seu roteiro alterado inesperadamente. Ele prossegue: — O Colégio Exponencial se sente orgulhoso por ter uma de suas alunas com uma colocação tão significativa no vestibular. — *É sério isso? Ele está repetindo tudo outra vez?* Não aguento mais ficar aqui diante dessas luzes que já estão até me deixando com calor e a cada vez mais nervosa. — Por isso, gostaríamos de entregar a você, Valentina, uma placa de honra ao mérito. Para este momento convidamos o... aluno também formando, Gustavo Magno Marquezzi Dutra.

Sem acreditar no que acabo de ouvir, viro de maneira breve meu corpo para trás onde está a mesa de autoridades e... *ele está ali*. Depois de uma interminável e dolorosa semana sem ver Gustavo, eu o vejo. Meu coração falha uma batida, minha transpiração aumenta e a garganta seca.

O diretor lhe entrega o que deve ser a tal placa, mas eu não me atento a ela, pois só consigo reparar em Gustavo e no quão elegante e lindo está usando terno e gravata.

Ele caminha em minha direção com passos firmes, porém, o olhar está baixo e assim permanece ao chegar diante de mim. Meus olhos recaem para onde os dele estão, abrindo a caixa que imita a de uma dessas onde joias são guardadas. Ao abri-la a placa em metal com alguns dizeres gravados, se revela. Isso é o que consigo perceber dela, já que deixo de dar atenção a ela e elevo meu olhar para o rosto de Gustavo. Nesse instante ele faz o mesmo e seus olhos encontram os meus.

Ficamos por alguns segundos submersos um no outro e abro minha boca para falar algo, mas minha voz some, e sinceramente, também não sei o que dizer. As sobranceiras de Gustavo se unem, parecendo que ele está na mesma situação que eu, sem saber o que falar. Diante disso, faz aquilo que sabe fazer bem, e que dispensa palavras. Inclina seu rosto até a lateral do meu e deposita um beijo em minha bochecha. Fecho os olhos, sentindo seus lábios em minha face, inspirando fundo a fragrância amadeirada de seu perfume. Sinto-o arfar com a nossa proximidade e eu não estou diferente dele.

— Parabéns, você merece! — Gustavo sussurra em meu ouvido.

A voz dele... Meu Deus, a voz dele! Que saudade de ouvi-la. Se meu coração estava em um estado de paralização, agora as batidas se tornam alucinantes, do mesmo jeito em que um arrepio percorre minha coluna.

Solto o ar devagar à medida que percebo o rosto de Gustavo se afastando do meu. Abro os olhos e encontro um leve curvar no canto de sua boca. Correspondo, sentindo-me inebriada.

— Obrigada — digo, querendo dizer mais uma porção de coisas. Mas além de não conseguir, este não é o lugar mais apropriado.

Outra vez uma chuva de aplausos e assovios preenchem o ambiente e junto disso o mestre de cerimônia nos agradece e essa é sua deixa para demonstrar que o cerimonial precisa continuar. Mas nem eu e nem Gustavo nos mexemos do lugar. O homem repete seu agradecimento e nos pede para voltar aos nossos lugares. Por fim, saímos do transe e vamos cada um para um lado. Volto para o meu e finalmente minha visão se torna completa por ver Gustavo ocupando seu lugar junto aos demais formandos. De repente as terríveis palavras que Gustavo me disse no chuveiro roubam meus pensamentos e a mágoa quer assumir seu lugar dentro do meu coração, entretanto, afasto-a. Não quero sentir mágoa e tampouco dor. O perdão tem de ser sincero. Estou determinada a isto.

A cerimônia segue seu curso, convidando os dois últimos alunos com a letra “V”. Um deles é Vinícius, que ao passar por mim, sequer tem a coragem de me olhar, o que é ótimo. Depois dele é a vez de Victor e assim pela ordem alfabética, chegamos ao fim da entrega dos certificados. No entanto, eles precisam voltar na letra “G” e chamar o Gustavo. Me agito, ansiosa, esperando por isso. E para meu alívio o mestre de cerimônia o chama. Ele mal acaba de pronunciar o nome completo de Gustavo e eu me coloco a puxar as palmas, batendo com força e alto. Bato palmas sorrindo e sentindo os olhos lacrimejarem. Da plateia o coro gritando o nome de Gustavo inicia e eu me junto a eles.

Enquanto pronuncio “Gustavo! Gustavo! Gustavo” sinto seu nome reverberar dentro do meu coração.

Eu te amo, sopro, segurando as mãos junto ao peito.

Ele veio, concluo, acalmando a mim mesma.

Gustavo

Do tempo em que ocupei a cadeira reservada a mim após entregar a placa para Valentina — e viver aquele momento eletrizante —, não tive tempo suficiente para recompor meus pensamentos, tampouco para esquentar o lugar. Quase em seguida fui chamado para receber o meu certificado. Eu não estava contado com isso, mas foi legal. Legal, sobretudo, por captar as feições de orgulho e alegria dos meus pais por me ver ali, conquistando um degrau na escada do meu ensino. No fundo, isso tem importância para eles. E eu já deveria prever.

Não fazia ideia que teria participação nessa homenagem feita a Valentina. Cheguei ao centro de eventos assim que a cerimônia de formatura iniciou, vi Valentina subir no palco e ocupar o seu lugar, acompanhando-a o tempo todo com o olhar, por isso tive a oportunidade de observar cada detalhe dela, inclusive seu olhar inquieto.

Eu pensei em ir até o palco, mas para mim a rebuscada cerimônia não tinha importância. Estava me sentindo satisfeito em apenas assistir tudo de longe, até que uma secretária do colégio passou e notou minha presença na porta de entrada do auditório. Ela me instruiu para me juntar aos formandos, mas comentei que estava bem onde estava. Ela insistiu, e neguei, então por fim me deixou sozinho. Minutos mais tarde, voltou dizendo que havia falado com o diretor e que ele me convidou para entregar uma placa em homenagem à Valentina pelo seu desempenho no vestibular. A secretária percebeu minha hesitação e agarrou meu braço, puxando-me com ela. No meio do caminho ela se voltou para trás e cochichou:

— Acho que é uma forma que o diretor encontrou de pedir desculpas por aquela suspensão que deu a você e sua prima.

Sua careta ao falar demonstrava que ela sabia que aquilo tinha sido arbitrário. Pelo visto, o diretor também sabia. Tudo bem que eu bati no Vinícius, por isso, merecia. Mas Valentina, não. Já Vinícius não merecia passar impune depois do que disse.

Não estava preparado para ver Valentina neste palco com todos as atenções em cima de nós dois ao mesmo tempo. Eu já tinha planejado que me aproximaria dela no início do baile, e ser pego de surpresa me fez perder um pouco o prumo. Quando vi, estava sendo conduzido por uma escada atrás do

palco e encaminhado para cima dele. Tive tempo de cumprimentar o diretor enquanto o mestre de cerimônia anunciava meu nome e em seguida recebi dele o que eu deveria entregar para Valentina. Desconfiei que ela estaria tão surpresa quanto eu.

Senti-me nervoso, muito nervoso! Mas então me deixei guiar até Valentina e isso não foi difícil. Difícil foi chegar diante dela, difícil foi receber o seu olhar, ver de perto seu rosto lindo. O rosto que nunca deixa de habitar meus pensamentos. Fiquei perdido, sem saber o que falar ou como agir. Ainda mais por vê-la tão estonteante.

Como se não fosse possível ser sempre linda, Valentina está ainda mais. Eu amo quando seu cabelo está solto e que ela faz algo que o deixa com mais volume, num penteado tão simples e belo, com uma grande mecha puxada para o lado, caída na frente de um dos ombros, deixando o outro sem nenhum dos fios. Eu reparei na alça do vestido feita de pequenos e simétricos quadrados de pedras que reluzem feixes de luz conforme ela se movimenta e do mesmo jeito acontece com o vestido que possui um brilho natural. Cada vez que o tecido se move acompanhando seu corpo, produz pontos de luz. Mas de tudo isso, o que me deixou vidrado é que o longo vestido possui um corte na lateral da coxa esquerda até o final do seu comprimento, e a cada passo dado, a coxa e perna de Valentina se revelam, clara e iluminada, assim como seu colo, que está à mostra, vez que o vestido tem um decote charmoso pela forma que o tecido se avoluma ao centro, acima de seus seios, dando um leve caimento a ele. Esse vestido ficou perfeito para ela. Branco, que combina com seu tom de pele, e luminoso. Do jeito que Valentina é... cheia de luz, graça e beleza. A perfeita combinação de algo delicado e ousado, tal como ela.

Não consegui decifrar o que ela sentiu ao me ver. Sua expressão era mais de surpresa que qualquer outra coisa. Valentina não seria rude comigo diante de todos. Seu breve sorriso foi educado, mas o que não quer dizer que ela tenha ficado feliz em me ver.

Minha tensão aumenta a cada segundo. Como Valentina reagirá quando eu me aproximar outra vez? Não vou suportar se ela me evitar. Não sei se consigo fazer isso. Em um sobressalto, levanto-me do lugar assim que a cerimônia de formatura é finalizada. Antes, porém, a pedido do cerimonialista, os alunos se juntam ao centro do palco para uma fotografia. Permaneço no fundo e nem sei se a fotografia já foi tirada ou não, mas decido sair. Respirar ar puro pode ser que me ajude a encontrar a minha coragem que sumiu.

Contrariado comigo mesmo, abandono o local o mais rápido que posso, escapando por uma porta lateral que encontro aberta, que dá justamente no estacionamento e próximo está o meu carro. Parece um plano de fuga perfeito

para o covarde que sou. Capturo a chave do veículo no bolso da calça social e destravo as portas. Dentro dele respiro entrecortado, apoio a testa no volante e um turbilhão de sentimentos e pensamentos me alcançam. Quero mais que tudo me reconciliar com Valentina e poder recomeçar. Ensaiei em minha mente o que diria a ela, planejei fazer dessa noite uma noite especial. Só que agora não sei se me sinto capaz disso.

— Que merda! — grito, batendo com força as mãos ao volante.

O coração se torna pequeno dentro do peito e os olhos turvos pela angústia. Encontro, depositada no banco ao lado, a pulseira que minha mãe me entregou para dar a Valentina, tomando-a em minhas mãos. Imagino a face de Valentina e começo a acariciar a rosa feita com delicado tecido, tão liso e macio. Um soluço alto escapa pela minha boca no mesmo instante em que a porta do carro é aberta.

— Gustavo? — meu pai chama. — O que está fazendo? Você não vai embora, vai? — ele indaga, temeroso.

Esfrego a mão no rosto controlando a vontade de chorar e isso me impede de lhe dar qualquer resposta. O que o faz fechar a porta e no instante seguinte entrar no carro pelo lado oposto.

Sentado no baco do carona, ele permanece em silêncio por um tempo e sinto os olhos concentrados em mim.

— Filho? — Sua voz é branda.

Decido dar voz aos meus medos.

— Eu não consigo, pai. Não vou suportar se ela me ignorar, se não quiser mais falar comigo... Eu... eu sou um fraco — confidencio sem conseguir sequer olhar diretamente para o meu pai.

Solto as costas no encosto do banco com ar de derrota, pois é assim que me sinto, derrotado.

— Você pode ser muitas coisas, mas fraco, não. Nunca foi. — Ouço um sorriso em sua voz. — Na verdade, desde bebê você sempre foi muito corajoso. Corajoso e forte. Você sobreviveu a uma asfixia, Gustavo. Ou será que se esqueceu desse episódio que te contamos?

— Esquecer? Lógico que não esqueci. Você e a mamãe sempre relembram. Principalmente na data em que aconteceu. Mas isso não faz de mim forte.

Dou de ombros ao dizer.

— Relembramos para agradecer pela sua vida. Você nasceu naquele dia, Gustavo. E isso é importante demais para mim e para sua mãe. Você é o nosso filho, o ser mais importante para nós.

— Tudo bem. Eu sei — digo, cabisbaixo.

— Que bom que sabe.

O tom do meu pai continua brando e julgo dizer, emocionado. Finalmente olho para ele, sua expressão é de carinho.

— E quer saber mais? — continua ele. — Você confidenciou que se acha fraco. Fraco eu me senti quando me vi a ponto de te perder. Dirigi até a clínica com sua mãe aos prantos e enquanto ela segurava seu corpo frágil, amolecido e já quase sem vida, se culpando por ter deixado você se afogar enquanto te amamentava. Aquilo era demais para Melissa. Era demais para mim. Eu estava vendo a vida do meu filho recém-nascido se acabando dentro do carro e vendo a mulher que amo em desespero. Tudo que eu poderia fazer era me concentrar em conduzir o carro de uma maneira segura, a ponto de não atropelar ninguém ou até mesmo acabar matando a nós três num acidente, e ainda chegar na clínica a tempo para você ser salvo. Dependia de mim. Foi angustiante, me senti fraco e morri de medo. E sabe por que eu me senti assim? Porque eu te amo.

— Pai... — Minha voz embarga com sua declaração. Até este dia meu pai nunca havia contado a história da asfixia que sofri dessa forma, transparecendo o que ele sentiu.

Tento lhe dizer o quanto eu o amo e o quanto amo minha mãe, mas a emoção trava as palavras. A mão dele alcança meu ombro, num sinal de que eu não preciso dizer nada, apenas ouvi-lo.

E é o que eu faço.

— Gustavo, estou te dizendo tudo isso para que entenda que quando a gente ama alguém com tamanha intensidade, tornamo-nos vulneráveis e sentimentos medo. E eu aprendi com o passar dos anos que isso não significa fraqueza. Significa que somos capazes de amar. De amar tanto que sentimos medo de um dia, de repente, ter essa pessoa que amamos arrancada de nós, porque a gente não sente medo de perder quem *não* ama. Mas pensa que vai morrer se perder quem ama.

— É um sentimento atormentador — comento, lembrando tudo o que senti ao saber que ia perder Valentina. E, na verdade, é o mesmo que sinto ante o pensamento de um dia perder qualquer pessoa da minha família que amo, principalmente meus pais.

— Sim, é atormentador. E é também perfeitamente natural e aceitável que a gente se sinta assim, pois demonstra nossa sensibilidade. Te garanto que pior do que sentir medo é não sentir nada, não sentir o amor. Mesmo que amar alguém nos torne vulneráveis, ainda assim, amar sempre será melhor do que não amar. Então, filho, o conselho que eu posso te dar é: ame. Ame e faça Valentina saber que você a ama, tanto que se viu com um medo absurdo de perdê-la. Por

isso teve aquela explosão toda.

— Morri de medo quando soube que ela ia embora e ainda estou.

— Eu sei disso — meu pai fala e há tanta compreensão em suas palavras e feições... — No fundo, toda a sua reação e a discussão terrível que tiveram não se deu só pelo fato de Valentina e todos nós escondermos a verdade de você. Claro, você ficou magoado, e com razão. Entretanto, você usou a mentira como um escudo. Não digo que foi de maneira planejada. Apenas no turbilhão das emoções você se agarrou a isso para poder externar a dimensão do medo que sentiu sem ter de demonstrar quão vulnerável se torna sem ela. Não estou julgando ou dizendo que foi errado, mas você usou o ataque como estratégia, afinal, ele sempre é a melhor defesa. — Ele solta um sorriso. — Eu uso muito disso nas audiências. Já posso imaginar você revertendo casos, ganhando-os com facilidade. Eu não estou errado quando vislumbro um futuro brilhante para você na advocacia.

— Talvez... eu precise concordar com tudo que você acabou de dizer — admito, encolhendo os ombros.

O sorriso do meu pai se amplia, o meu também. No final das contas, ele consegue saber quem eu sou, e como sou, mais do que qualquer pessoa.

— Certo, mas aqui o cerne da questão não é matéria jurídica, e sim, a matéria do amor. E na matéria do amor, nunca existe um ganhador ou um perdedor. Há sempre duas pessoas no meio de uma relação, sentindo-se felizes ou infelizes. Julgo que tanto você quanto Valentina, querem ser felizes.

— Como seremos felizes vivendo uma relação à distância? Não sei se isso é possível, pai. Não sei se consigo — digo com franqueza.

— Será difícil, mas não é impossível. Além disso, vocês são jovens, têm uma vida toda pela frente. Enquanto Valentina estiver estudando na África, você estará aqui, também estudando, se preparando para ser um ótimo advogado. E não estará sozinho. Sua mãe e eu estaremos o tempo todo ao seu lado. Poderá contar conosco sempre. Admito que nos últimos tempos tenho sido intransigente e falho em alguns aspectos. Mas, estou disposto a mudar, pois quero ter a confiança e a amizade do meu filho. Porém — Ele une as sobrancelhas ao dizer —, em minha própria defesa, saliento que nada do que fiz foi por mal. Os pais sempre querem o bem dos filhos. Você vai entender o que digo quando tiver os seus. Mas até esse momento chegar, saia desse carro, entre no baile de formatura e tome a garota que você ama nos braços e dance com ela. Viva esse momento! O resto vocês irão resolver depois. E tem mais. Vá seguro de que tudo que Valentina espera é que você faça exatamente isso: dance com ela.

Depois de falar, num pulo ele está fora do carro, abrindo minha porta para que eu também saia.

Ponho meus pés no chão e o abraço.

— Obrigado, pai. Essa conversa foi fundamental. Me ajudou muito.

— Fico feliz de ter sido útil, meu filho.

Nos afastamos depois de um típico abraço masculino, cheio de tapas firmes nas costas e, para minha surpresa, meu pai leva as mãos ao meu rosto e o segura entre elas.

— Sinto muito orgulho de você, Gustavo. Agora vamos, antes que não dê tempo!

Pego a pulseira no carro e o fecho. Caminhamos de volta para dentro do local de formatura e nos movimentamos entre o aglomerado de pessoas até alcançar a mesa onde nossos familiares estão. Quando nos veem, todos sorriem. Minha mãe me dá um abraço apertado e ao passo que ela beija meu rosto, meus olhos percorrem o ambiente de forma desesperada para encontrar Valentina.

Gaetano se aproxima, parando ao meu lado.

— Ela está lá — ele diz, guiando meu olhar para a pista de dança, onde tio Leo e Valentina estão. — Já que está aqui, eu não precisarei dançar a segunda música com ela, certo?

— Deixa comigo — confirmo.

Valentina

— Eu já disse que você é, dentre todas essas garotas que se formaram, a mais linda?

— Pai, você só diz isso porque sou sua filha.

— Digo isso porque é uma verdade. — Ele dá uma de suas piscadinhas. — Só não entendo essa sua nova mania de usar vestido rasgado.

Franzo meu cenho, papai solta uma gargalhada e me acolhe em seu peito.

Não seria o doutor Leo se não tecesse nenhum comentário sobre o meu vestido. É certo que o vestido comprado há dois anos continuou ótimo nos ajustes do corpo, mas eu ganhei alguns centímetros de altura e a abertura no tecido que ficava no meio na coxa subiu um pouquinho, revelando mais a parte de cima.

— Será que estamos dançando a valsa direito? — pergunto, trazendo meu rosto para longe do seu peito e arrumando minha postura.

— Certo ou não, quero você assim, pertinho. — Ele me puxa outra vez para o seu peito. — Gosto disso. Me lembro de quando você era um bebê que cabia no meu colo.

— Eu também gosto, pai — digo, abraçando-o com força.

Decido só aproveitar dessa ocasião, sem pensar em nada, inclusive no sumiço de Gustavo. *Ele foi embora*. E que grande mentira. É claro que vou continuar pensando nisso. Contudo, aqui acolhida nos braços do meu pai, consigo de alguma forma me sentir bem e relaxada.

Relaxo tanto que não me afasto dele quando ouço a música parar e ser anunciada a troca de pares para a segunda dança, que ao contrário da primeira, deixa de ser valsa e passa para um ritmo lento e romântico conduzido por notas de violino. Não quero me afastar e sentir o vazio. Desço as mãos dos seus ombros e aninho-me em seu peito. Meu pai parece entender que eu quero que ele não me solte, por isso, firma os braços ao redor do meu corpo. Ele inspira fundo e eu também.

De repente para de dançar e ergo meu rosto para o dele. Seu olhar está fixo num ponto além de nós dois. Meu pai afrouxa nosso abraço e começa me afastar de maneira breve de si, mas continua a segurar minha mão.

Viro-me para trás com o intuito de ver o que está chamando sua

atenção.

— Gustavo... — sussurro.

Ele está a uma distância de uns três passos, mas que logo se encerram, pois Gustavo se aproxima sem hesitar.

Diante de mim e do meu pai, ele assume uma postura empertigada com uma das mãos atrás do corpo e a outra com a palma da mão virada para cima, estendida em nossa direção.

Contemplo sua postura cortês, semelhante a de um cavalheiro dos filmes e romances de época.

— Posso? — Gustavo pergunta ao meu pai, num gesto educado que pede permissão para ocupar o seu lugar como meu par de dança.

Papai o encara por alguns segundos e depois transfere o olhar de Gustavo para mim, como se quisesse meu consentimento, que dou com leve menear de cabeça, então ele dá um beijo em minha testa e ergue minha mão em direção a mão estendida de Gustavo.

Gustavo inspira fundo com aparente nervosismo.

— Valentina, será que você me concede o prazer desta dança? — pergunta-me no melhor tom aprazível.

— Será uma honra. — Acompanho seu tom cordial.

Ele recebe minha mão na sua e no instante seguinte faz revelar de sua mão escondida atrás do corpo uma pulseira de pérolas com uma delicada flor. Gustavo a coloca em meu pulso e o tremor de suas mãos não passa despercebido, com as minhas acontece o mesmo.

Meu pai sorri para nós dois e antes de se afastar, coloca a mão no ombro de Gustavo e diz, sério:

— Não esqueça. Ela é minha filha e você é o filho da mãe na minha mira.

— Tenha certeza que não vou esquecer disso, tio — Gustavo responde, seguro. Meu pai assente e se vai.

Meus olhos se guiam para o de Gustavo e os dele para mim.

— Temos muito a dizer, mas tudo que quero agora é apenas dançar com você, Valentina.

— E é tudo o que eu também quero, Gustavo.

Somos só Gustavo, eu e a música que começa a ganhar notas mais altas. O som do violino, a melodia e Gustavo puxando meu corpo para si, com as mãos repousadas em minha cintura, têm o poder de transformar o ambiente absorvo e todo o resto deixa de existir. Levo minhas mãos ao redor do pescoço dele e nossos rostos ante um ao outro, faz nossa respiração se fundir, assim como o nosso olhar.

Nossos corpos se movimentam com sutileza e dançamos de um jeito compassado, como se estivéssemos ensaiados uma vida inteira para este momento. E talvez seja isso, já que desde que nascemos fomos levados um para o outro, marcados pelo renascimento de nossas vidas. Fomos marcados para recomeçar. E é isso que estamos fazendo. Recomeçando.

— Eu senti sua falta, Moranguinho.

— Eu senti sua falta, Garoto Trovão. — Ele ergue as sobrancelhas. — É, agora você também tem um apelido.

— Gostei.

Gustavo sorri, pega em minha mão e faz meu corpo dar um giro no mesmo ponto, em um perfeito passo de dança, depois gruda seu corpo ao meu outra vez, seu braço me sustentando firmemente.

— Eu tô louco pra te beijar, Valentina.

— Então beija.

Ao meu comando ele não perde tempo e sua boca se une a minha com o mais profundo beijo de saudade, de necessidade e paixão. O toque íntimo e urgente de nossas línguas dispara fagulhas por todo meu corpo. A mão de Gustavo traça seu caminho pelas minhas costas, onde não há tecido algum do vestido, e o toque direto na minha pele aumenta essas fagulhas. Ainda mais que sinto seus dedos quentes como brasa. Depois de me deixar senti-los pelas costas nuas, a mão dele se apodera da minha nuca e a outra permanece pressionada na base da minha coluna. Lugar onde aquela costureira corrente elétrica perpassa por toda a extensão dela.

Aperto minhas mãos em suas costas, agarrando o tecido do seu terno com toda a força, desejando sentir para sempre as deliciosas sensações que seu beijo me desperta.

Nosso primeiro beijo foi único e inesquecível, mas este beijo também se torna único e inesquecível.

É o beijo que marca nosso recomeço.

A música encerra, o burburinho das pessoas e de alguém falando no sistema de som nos faz despertar do nosso encanto.

— Você quer... sair daqui?

— Quero! — respondo de pronto.

Recebo seu mais belo sorriso, e assim Gustavo entrelaça nossos dedos e começamos a fazer um caminho até a saída. Minha ansiedade de poder ficar a sós com ele é imensa. Poder retomar o nosso beijo e conversarmos.

— Ei, aonde vocês estão indo? — Freamos nossos passos e à nossa frente está papai, parado com os braços cruzados sobre o peito. — Queremos os dois lá na mesa. — Ele aponta para o lugar onde nossa família está reunida. —

Queremos tirar fotografias, abraçar vocês, brindar a este momento. Nada de fugir agora!

— Então... era exatamente isso que estávamos fazendo. Indo nos unir a vocês. — Gustavo fala, olhando para o meu pai e depois para mim.

— Sim, era exatamente isso que estávamos fazendo — confirmo.

Meu pai passa mão pelo queixo, nos fitando com ar duvidoso.

— *Huum...* sei... Ótimo! — ele diz, colocando-se entre Gustavo e eu, em seguida passa o braço por cima dos nossos ombros e nos aperta em seu peito.

— Então, vamos, crianças.

Troco com Gustavo *aquele olhar*. O mesmo de sempre, de quando éramos crianças e aprontávamos algumas travessuras. Bom, as travessuras não são mais as mesmas daquele tempo, mas o olhar de cumplicidade, este é o mesmo de sempre.

Assim que nos juntamos aos nossos familiares, alegria maior não há. Papai estava certo em nos “resgatar”. Recebemos tantos abraços, beijos, um seguido do outro.

Alice e mamãe me abraçam forte. Juntas começamos a dar pulinhos acompanhando o ritmo de uma música agitada que começa a tocar.

Tio Derek estoura um champanhe e tia Bea distribui as taças. Formamos um grande círculo, e com cada um organizado dessa forma, corro meus olhos no rosto de cada membro da minha família, contemplando o amor e felicidade em suas feições.

Começo pelo meu lado direito e encontro o belo rosto de minha mãe, linda, destemida e charmosa como sempre; depois está Alice, vibrando em alegria; Gaetano, surpreendentemente mais lindo, com um terno que lhe deu até um ar mais velho; meu pai vem em seguida. Ele é o homem mais carinhoso que conheço, que até tenta ser durão, mas não consegue; a amorável Vó Luiza, que está abraçada a ele, esbanjando sua vivacidade; ao seu lado, sua melhor amiga, minha vó Beth, com o seu sempre lindo sorriso, mas que depois de ter seu recomeço na vida, transformou-se para pleno; com ela está o seu amado Senhor José, e que é meu avô de consideração. E quanta consideração eu tenho por esse homem guerreiro; quem os segue são Clarissa e Pedro, um casal tão apaixonado que inspira o quão bom é estar ao lado de quem se ama; os pais de Pedro, Priscila e Rodrigo, estão ao lado deles. São pessoas tão boas, que se tornaram amigos especiais da minha família.

Meu sorriso se estende ao ver o rosto lindo e divertido do meu Tio Derek, sempre com bom humor. Um homem completamente apaixonado pela esposa e filhos, e que por todos esses anos foi maravilhoso comigo; entre ele e tia Beatriz, que é uma mulher fenomenal em todos os aspectos e se tornou a

melhor amiga da minha mãe, estão os gêmeos, Lucca e Isabela. Crianças lindas e encantadoras.

Surpreendo-me ao ver que Matheus e seus pais, Vincent e Cleo, também estão conosco. Eu tinha visto Matheus antes na cerimônia de colação de grau, mas vê-lo comemorando esse momento junto de nós, demonstra o quanto a amizade que desenvolvemos, principalmente nossos pais, é sólida.

Já quase formando a volta completa no círculo, estão meus tios e padrinhos. Meu coração se enche de amor ao ver os rostos felizes de tia Melissa, que tem sempre esse ar de menina sapeca, e tio Luís. Eles são outro casal que inspira amor e cumplicidade.

Ao meu lado está aquele que nasci para amar. Gustavo. E agora, sim, meu peito explode em alegria e amor. Seu braço está ao redor do meu corpo e o peso de sua mão em minha cintura me faz sentir a garota mais sortuda do mundo inteiro.

— Viva! Um brinde à Valentina e Gustavo. Que o futuro deles seja repleto de boas realizações! — meu pai profere alto e alegremente.

— E amor! Muito amor! — minha mãe completa.

— VIVA!

Todos dizem em uníssono, brindando em seguida.

Ergo minha taça o mais alto possível, elevo meu olhar e também, elevo meus pensamentos. Àqueles que já se foram, mas continuam presentes em nossos corações. Meus bisavôs, Magno e Laura; bisavó Rita. O homem que teve capacidade de recomeçar: vô Henrique.

E por fim, penso no casal que me ensinou que um verdadeiro amor só se vive uma única vez: vô Cecília e vô Miguel.

Gustavo me abraça apertado e sussurra em meu ouvido:

— Eu te amo, Valentina.

— Eu também te amo, Gustavo.

Deposito um beijo demorando em sua face, reafirmando em meu coração que ele é meu verdadeiro e único amor. E amores verdadeiros, suportam a tudo.



Valentina

Meu dedo polegar segue sendo castigado pelos meus dentes e já até descasquei o esmalte escuro que passei nas unhas.

Gustavo conduz o carro por cerca de 15 minutos e, desde então, fizemos um comentário sobre o baile e de como ele estava bom. Mas isso foi tudo. Ele parece nervoso e ansioso, e por tabela eu também começo a me sentir assim. Ele propôs que saíssemos do baile e eu aceitei. Só que não faço ideia de para aonde estamos indo. Talvez para a casa de um de nós dois.

— Pensei que nós não conseguiríamos escapar dos olhos vigilantes do tio Leonardo — ele diz finalmente, depois das últimas palavras que trocamos.

— Também pensei, e acho que só conseguimos porque minha mãe percebeu que queríamos escapar e tratou de distraí-lo. — Dou um sorriso ao lembrar da minha mãe abraçando meu pai e, mantendo-o firme em seus braços enquanto ela me olhava sobre os ombros dele, enviando-me um beijo no ar acompanhado de uma piscadela.

— Sorte a minha, pois já não aguentava mais — Gustavo revela com demasiado tom ansioso. Lanço um olhar para ele bem no momento em que o veículo para no semáforo, o que dá a chance de ele me encarar. — Queria muito ficar a sós com você, Valentina. Sabe... eu estou cheio de coisas para te dizer — completa, unindo as sobrancelhas, formando aquelas linhas adoráveis em sua

testa.

Que saudade que eu estava de ter essa visão.

— Entendo. Eu também tenho muito a dizer. — Dou um sorriso e Gustavo o espelha. O expandir de seus lábios me acalma. Pelo menos de forma momentânea.

Ele coloca o carro em movimento depois que semáforo fica verde e avança em uma avenida que eu sei que não é o caminho para o condomínio em que moramos.

— Esse não é o caminho de casa — especulo em curiosidade.

— Não. Mas é uma via expressa que nos levará mais rápido até a casa da vó Luiza — explica.

— *Hum...* então é para lá que estamos indo — comento, observando seu olhar atento a direção.

Ele pisa fundo no acelerador, fazendo o carro ganhar mais velocidade.

— Estaremos sozinhos — informa-me. Capto notas de ocultas de entusiasmo em sua voz e em sua expressão.

— Só até vó Luiza chegar e como já ultrapassa... — Confiro o horário no painel do carro — das dez da noite, ela em breve deve estar em casa. Vó Luiza não costuma dormir tarde — concluo, lembrando-o, o que não faz o semblante de entusiasmo abandonar as feições de Gustavo.

Em seguida ele nega com a cabeça e esclarece:

— O almoço de domingo será lá em casa amanhã, e por isso, ela decidiu passar a noite na casa dos meus pais. Me disse que é muito provável que minha mãe precise de ajuda. Sabe como nossa vó é. Adora que o almoço saia no horário e com tudo em ordem — arremata por fim.

— Isso é verdade — respondo. E o meu pobre polegar volta a receber a pressão dos meus dentes.

Caramba! Acho que estou mais nervosa ainda por saber que estaremos *completamente* sozinhos.

Voltamos a silenciar durante o resto do trajeto, mas por alguma razão a tensão some do ambiente e é substituída por uma atmosfera de ansiedade. Não consigo parar de olhar para Gustavo. Os traços tão bem desenhados de sua face estão mais acentuados, tudo porque, é notável que ele emagreceu e o rosto está mais fino. O que faz com que as covinhas de sua bochecha fiquem à mostra. Elas são quase imperceptíveis quando seu rosto está mais gordinho, mas agora são possíveis de serem notadas e são lindas.

Quando chegamos em frente ao portão da casa de vó Luiza, meu coração começa a ganhar um compasso mais rápido, principalmente porque, no momento em que Gustavo aciona o controle do portão para abri-lo, ele toma

minha mão na dele e a leva até seus lábios carnudos e macios, e os mantém ali durante todo os segundos que leva para que possamos passar com o carro.

Do portão até a entrada principal da casa, todas as luzes das lamparinas do jardim estão acesas, deixando nítido o colorido das inúmeras flores que compõem o ambiente.

Gustavo para o carro e desfaz o cinto de segurança quase ao mesmo tempo. Apresso-me em seguir seu ritmo, destravando o meu cinto e em seguida levando a mão até a porta para abri-la, mas sou impedida por ele.

— Espere! — diz, tocando em meu braço. O som de sua voz sai alto demais para o pequeno espaço que dividimos dentro do carro. Gustavo baixa a cabeça e sorri um tanto envergonhado. — Desculpe. Espere, por favor. — Ele abrandando a voz. — Antes de sairmos, preciso dizer algo que tem que ser dito aqui.

— Ok. — Assinto, aguardando por suas palavras.

Ele passa as mãos pelo cabelo e inspira fundo antes de dizer:

— Primeiro quero que saiba que eu adoro quando você está sentada aí ao meu lado dentro do carro. E por isso, quero te pedir desculpas por ter gritado com você mandando que saísse dele naquele dia. Eu fui estúpido e isso nunca mais vai acontecer.

— Tudo bem — confirmo, mordendo os lábios, lembrando a cena da discussão que começamos aqui no carro.

— Tá... — Gustavo leva as mãos até a lateral da minha cabeça e afaga meu cabelo. — Eu prometo que nunca mais vou gritar com você, seja aqui ou em qualquer lugar.

— Obrigada. Está tudo bem — digo, dando um sorriso no intento de acalmar seu estado aflito.

Sei que Gustavo estava transtornado por tudo que havia acontecido, o que o levou a agir daquela forma. Entretanto, pequenas ações austeras podem se transformar em grandes. Por isso, fico aliviada por saber que ele teve consciência do ato e, principalmente, que não deverá se repetir.

— Obrigado, Valentina. Agora podemos sair, mas não abra a porta, eu quero fazer isso.

Gustavo se apressa em retirar a chave da ignição e em seguida pula para fora. Enquanto ele dá a volta até o outro lado, resgato minha *clutch* prateada no console. Logo depois ele abre a porta, com um sorriso encantador e a mão estendida para mim. Ofereço-lhe a minha, aquela cujo pulso ostenta a pulseira que ele me deu. Gustavo beija minha mão e me auxilia a descer do carro.

No momento que meus pés alcançam o chão, tenho as mãos dele segurando em minha cintura e seu rosto vindo em direção ao meu pescoço. Sinto um arrepio com a textura marcia e quente de seus lábios tocando minha pele.

Fecho os olhos e inclino minha cabeça para o lado, dando assim mais espaço para ele e para a sensação gostosa que me alcança — aquelas familiares ondas de calor que acontecem quando estou com Gustavo, assim... tão perto.

— Eu senti falta disso — ele fala, cobrindo meus lábios com os dele. O beijo é suave e o encontro de nossas línguas acontece devagar e envolvente.

Oportunamente uma brisa suave sopra, refrescando meus poros aquecidos.

— Eu também. — Suspiro quando separamos nossas bocas.

— É bom saber que algumas coisas nunca mudam — Gustavo diz, fitando-me e dando uma piscadinha.

Em seguida, oferece-me o seu braço tal como um cavalheiro. Ou, melhor dizendo, um príncipe, pois é assim que ele se parece, ainda mais usando esse traje formal.

Começamos a caminhar pelo jardim em direção à área dos fundos, vislumbro a entrada da casa. Esse lugar é tão lindo. A casa é de um tamanho imponente, uma verdadeira mansão que continua fiel em suas características desde que fora construída há décadas pelo meu bisavô, doutor Magno. Lembro-me de bisavó Laura falar do esposo com tanto amor e admiração por cada conquista que ele teve na vida, e essa casa foi uma delas. Por isso, nunca se cogitou vendê-la, mesmo depois que vó Luiza passou a viver, bem dizer, sozinha nela. Aliás, tanto papai quanto tia Melissa a convidaram para que ela fosse morar na casa de um dos dois, mas foi em vão.

Vó Luiza sempre comenta que está muito bem aqui, além disso, há os funcionários que durante o dia ajudam nos cuidados deste imenso local e de certa forma lhe fazem companhia, mesmo ela passando horas fora de casa, já que nunca para e está sempre ocupada com suas atividades. E é perceptível que ela gosta de tê-los por perto. São pessoas que há anos estão ao seu lado. Principalmente a família de Ida, a cozinheira que mora numa edícula que a mansão possui. E pensar que minha avó Cecília também morou aqui e com isso conheceu meu avô e viveu com ele seu primeiro e único amor... A condição de ela ser a filha da cozinheira fez com que eles vivessem um amor escondido e proibido. Lamentável que o destino tenha sido tão cruel com eles, separando-os e impedindo-os de viver a plenitude de um amor que nem mesmo o tempo e a distância foram capazes de apagar.

Impressionante o entrelaçar das vidas. Anos mais tarde, minha mãe foi trazida a conhecer esse lugar enquanto namorava meu pai, sem sequer imaginar o passado que permeava a vida de sua própria mãe. E sem sequer imaginar que ela era neta do casal Magno e Laura. O destino tem disso. Às vezes nos tira pessoas, mas também às vezes nos devolve. Ele uniu vô Miguel e vó Cecília,

separou-os. Ela criou a filha até quando a morte a levou para sempre. E, anos mais tarde, meu avô pode — finalmente — saber que do amor entre ele e Cecília, Maria Luiza nasceu. Ou seja, o destino lhe devolveu pelo menos a filha.

E no momento em que chegamos ao jardim dos fundos e entramos no labirinto formado por árvores simetricamente bem podadas que ultrapassam um metro de altura, só consigo imaginar meus avós aqui. No diário de vó Cecília, que Alice e eu lemos, há muitos relatos dos dois nesse lugar.

— Eu gosto daqui — comento, depois de caminharmos alguns metros adentro do labirinto e dar as voltas necessárias em direção ao seu centro.

Gustavo para de andar e fica ante a mim.

— Sabe como se chama o nome dessa árvore que forma a cerca viva? — pergunta-me, erguendo as sobrancelhas com um ar sabichão.

A pouca luz que vem das lâmpadas, baixas quase no chão, e que servem como pontos de sinalização do caminho correto de entrada do labirinto até seu meio e uma opção de saída no lado oposto, são mais do que providenciais para nos guiar na escuridão entre as árvores, mas também para que eu possa ver o brilho dos olhos azuis de Gustavo.

— Não... você sabe? — indago, curiosa.

Ele inclina o rosto até meu ouvido e sussurra, envolvendo meu corpo com seu braço de maneira bem apertada:

— Amor-agarradinho.

— Sério? — Solto uma risada.

— É sério, sim. — Ele sorri, trazendo seu rosto diante do meu. — Vó Luiza que me contou. Há outros tipos de árvores que são boas para fazer cerca viva e essa é uma delas. Ela contou ainda que foi nosso bisavô que escolheu essa, por causa do nome.

Meneio a cabeça.

— Está explicado o porquê de esse lugar ter essa atmosfera de amor.

— É... esse lugar é incrível mesmo. Eu passei a gostar depois de ficar essa semana aqui e o visitar com frequência. Mas por que acha que tem uma atmosfera de amor? Por causa do nome?

— Agora, sabendo do nome, acho que é muito propício isso, sim — digo, recordando-me do que Alice e eu lemos no diário de vó Cecília sobre os encontros dela e vô Miguel nesse labirinto.

Aliás, cada cena linda de se ler. Quanto amor, paixão e entrega foi relatado nas linhas do diário. Vó Cecília tinha o dom maravilhoso para escrever e soube transpor em palavras os sentimentos que os dois desfrutaram em muitos momentos neste lugar e nos outros em que estavam juntos.

— Por que acha propício? Pois estou assim agarradinho em você? —

Gustavo brinca, me apertando ainda mais contra si.

— Certo que sim. Mas também, porque foi aqui que vó Cecília e Vô Miguel encontravam-se às escondidas. Foi onde deram o primeiro beijo e também foi onde eles... tiveram a pela primeira vez deles.

— É mesmo? Eu não sabia disso.

— Sim, está no diário da Vó Cecília. A primeira de muitas. — Abafo um sorrisinho tímido por contar coisas da intimidade dos meus avós.

— Por isso que o tio Miguel gostava tanto de ficar aqui, então — Gustavo conclui, com um tom de uma grande descoberta.

— Exato.

— Bom, nesse caso tomara que eles não se importem de usufruirmos um pouquinho do lugar especial deles.

— Acho que vó Cecília e vô Miguel não se importarão — asseguro.

Unimos nossos dedos e voltamos a caminhar. Ao chegar no último quadrado do labirinto, onde é seu centro, paro de súbito de andar, sem acreditar no que vejo. Minhas pernas chegam a cambalear para trás, então as firmo com força no chão, fazendo com que o salto da sandália se afunde na grama e junto afundo os dedos no braço de Gustavo.

Ele me fita em expectativa.

— Ah, meu Deus... — sussurro, encarando a ele e em seguida uma manta ladeada de pequenas velas decorativas e no meio dela algumas almofadas. — Foi você quem... — Minha voz some e eu apenas dou mais alguns passos para me aproximar e ver tudo de perto, o que me faz constatar que num dos cantos, com uma almofada quase que escondendo, está uma cesta de piquenique.

Abaixo-me, apanho uma vela e no mesmo instante sinto a fragrância de morango que vem dela.

— Sim... eu preparei isso — Gustavo confirma. Inspiro uma vez mais o aroma da vela e a devolvo no lugar. — Gostou? — pergunta, estendendo sua mão para mim, eu a seguro.

Ergo-me, encarando seu olhar ansioso.

— Amei. Ficou lindo! E as velas, elas...

— Têm a fragrância de morango — ele completa com um meio sorriso tomando conta de seus lábios.

— Adorei!

Lanço-me para ele, e enquanto seus braços me envolvem, Gustavo fala:

— Gaetano me disse que hoje acontece um eclipse lunar, então achei que seria legal se a gente visse daqui e de uma maneira confortável — explica, afastando-me de maneira breve de seu corpo, fazendo com que nossos olhares se

encontrem. — Além disso, julguei que seria um bom lugar para conversar. Por muitas noites eu deitei aqui e encarei o céu pensando em você e em tudo que eu queria te dizer, Valentina.

— Foi uma ótima ideia, Gustavo.

— Fico feliz que tenha gostado. Mas, também, não foi nada demais. Exceto pelas velas, o resto confisquei na casa da vó Luiza, então não foi muito difícil de colocar a ideia em prática depois que pensei nela.

— De verdade, está lindo! — volto a afirmar, sentindo-me deslumbrada com o que ele preparou.

Gustavo assente, passando a mão na testa, como se buscasse na mente sua próxima ação no roteiro que planejou.

— Eu te ajudo com as sandálias — ele avisa, abaixando-se diante de mim.

Coloco a perna direita à frente onde o vestido possui uma fenda e isso faz a minha perna se revelar por completo, sem tecido algum.

Gustavo permanece alguns segundos sem fazer nada até que seus dedos deslizam pela minha panturrilha, indo até o tornozelo. E, minha nossa! Que delícia é o seu toque!

— Você tem pernas lindas, Valentina — ele diz, erguendo o olhar para o meu. Suspiro e agradeço-o, mas a minha voz sai quase inaudível.

Gustavo se ocupa em tirar a sandália e eu apoio-me em seus ombros, visto que meu equilíbrio se torna zero. Em justiça à perna esquerda, ele também desliza os dedos por ela, e para fazer isso, tem de erguer um pouco o tecido do vestido. O gesto associado ao calor dos seus dedos em minha pele é um tanto desconcertante.

O ar se torna abafado a ponto de, por alguns instantes não o sentir, e no momento em que a planta dos meus dois pés repousam na grama fresca, externo em um tom de satisfação o que a sensação me causa.

— Que delícia! — murmuro.

E é claro que o deleite ultrapassa bem mais o fato de dar liberdade aos meus pés exaustos do salto. Mas sim, pela carícia de Gustavo e sua afirmação sobre minhas pernas.

Depois de terminar o que se dispôs a fazer, Gustavo livra-se do seu próprio calçado.

— Bem melhor — ele fala, massageando os pés descalços na grama. — Vamos? — Pego em sua mão estendida e Gustavo nos conduz até a manta.

No centro dela paramos ante um ao outro e erguemos ao mesmo tempo nossas cabeças para o céu. A lua está majestosamente redonda, e observando-a com atenção, nota-se que uma das extremidades de sua circunferência começa

lentamente a sumir.

O eclipse começou.

Gustavo

Deixo de fitar a lua e passo a apreciar o rosto bonito de Valentina que está tão perto do meu. Sua cabeça inclinada para cima faz o pescoço se esticar, dando-me vontade de perpassar o nariz por ele e sentir o familiar perfume que essa parte do corpo dela possui. Seu delicado queixo se sobressai nesta posição e imagino-me mordiscando-o, assim como imagino fazer o mesmo com sua boca. Seus lábios estão unidos de maneira tão relaxada que me permitem reparar no desenho que se assemelha a um coração. Como é lindo! A ponta fina de seu nariz é uma graça e as bochechas macias estão levemente coradas. Eu notei que elas tomaram esse rubor quando acariciei suas pernas e eu gosto de deixar Valentina assim, envolvida pelas reações que desencadeiam em seu corpo quando estamos perto e quando eu a toco.

É bom saber que mesmo depois de tudo, Valentina sente isso por mim, já que sinto-me tão envolvido por ela. Voltar a beijá-la depois de uma semana inteira sem fazer isso foi como preencher o meu pulmão com o mais puro oxigênio existente na atmosfera.

Todos os meus sentimentos pela garota que amo tomam proporções maiores a cada milésimo de segundo. É como um vírus poderoso que se espalha pelo meu organismo, entranhando-se em cada uma de minhas células, fazendo-me, assim, dependente de um remédio chamado Valentina. Deus... eu sou tão dependente disso. Dependente de sua presença e tudo que sinto quando estamos juntos.

Não consigo sequer imaginar meus dias sem ela, pois quando faço isso começo a me sentir como um ser minúsculo e sufocado. A impressão que tenho é de estar trancado em um quarto sem ventilação alguma, onde não há portas e nem janelas, apenas escuridão e sofrimento. Debato-me, desesperado para que alguém abra alguma porta ou me dê alguma luz. Mas não há qualquer pessoa que possa fazer isto, a não ser Valentina.

Eu não sei como, mas eu terei de dar um jeito de aprender a viver na escuridão quando ela se for. Mas enquanto esse momento não chega, tudo que mais quero é tê-la comigo e aproveitar da luz que Valentina promove em minha vida.

Adoraria simplesmente beijá-la e curtir o encanto que se dá pela noite iluminada pela lua. Contudo, preciso limpar a minha alma e por consequência a

dela também, de toda a sujeira feita na semana anterior. Afinal, só assim poderemos recomeçar.

— Valentina? — chamo-a, traçando com o indicador a linha delicada do seu maxilar.

Ela sorri e volta sua atenção para mim.

— Sim?

Mudo o peso de uma perna para a outra e vou direto ao assunto.

— Tudo que eu disse a você durante aquela discussão, a minha reação intempestiva... eu me arrependo. Me arrependo de cada palavra, principalmente as que eu disse no chuveiro. Você não se assemelha em nada com aquela mulher, me desculpe. O que eu fiz foi cruel.

Apesar de me sentir envergonhado pelo o que fiz, não desvio meus olhos dos de Valentina, pois preciso que ela capte neles o quanto é sincero meu arrependimento e meu pedido de desculpa.

— Você estava se sentindo ferido e traído por mim — ela diz, condoída. — Também me arrependo, Gustavo. E tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse contado desde sempre.

— Eu não sei, Valentina. Talvez só amenizasse o fato de você me contar a verdade, mas analisando friamente, é bem provável que minha reação também não tivesse sido das melhores. Imaginar te perder me colocaria em um estado alterado em qualquer situação — confesso.

— Você nunca irá me perder. — Valentina pressiona minha mão com força, certamente para dar ênfase em sua afirmação. — Claro... haverá a distância física e isso machuca, eu sei. Mas eu sempre serei sua. E por todos os anos que fomos a companhia um do outro, por todo esse amor que nasceu conosco e que se transformou nesse outro *tipo* de amor, penso que... sejamos capazes de enfrentar e superar a distância momentânea que passaremos. — A voz de Valentina, apesar de firme, ganha algumas notas vacilantes, talvez em receio pela minha reação.

— É nisso que eu vou ter que me sustentar, Valentina — asseguro-lhe, e é a minha vez de pressionar sua mão, no intuito de lhe passar a segurança da minha afirmação, mas principalmente, visto que até eu mesmo preciso. — Sabe... refleti tanto. Eu não sei como, mas vou ter que lidar com isso. Porque eu compreendi o quanto é importante para você fazer o que quer fazer. Se é lá na África que você quer levar o seu amor pelo próximo, então que seja. — Dou a Valentina um sorriso enquanto falo e escovo com a mão livre uma mecha do seu cabelo. — Admiro sua coragem, sei que não será fácil para você. A separação que enfrentará não será só a nossa, mas de toda a família. E eles são especiais em sua vida.

— Você também é. Muito! — ela afirma com veemência, levando nossas mãos unidas até a altura de seu coração, onde sinto-o batendo em um ritmo acelerado.

— Eu sei. Cheguei a duvidar, mas foi só na confusão dos meus pensamentos — conto. — Depois daquele turbilhão de sentimentos, compreendi que você sempre foi sincera comigo e que corresponde todo amor que te entrego.

Valentina sorri e leva uma de suas mãos até meu rosto, seu toque é reconfortante. Sinto a garganta secar com a emoção que se forma em meu peito e principalmente por ver os olhos de Valentina marejados.

— Graças a Deus que compreende isso, Gustavo. Eu te amo de verdade, te fazer sofrer nunca foi meu objetivo, ou enganá-lo sobre tudo o que sinto por você — desabafa com tamanha necessidade, que dá a percepção do quanto isso pesava em seus ombros. — Agradeço que me apoie e entenda a minha decisão. E mais uma vez, me desculpe por tudo. Desde fazer essa escolha, escondê-la de você e te deixar tão abalado com tudo. Me perdoe.

O mínimo espaço que havia entre meu corpo e o dela se encerra quando dou um meio passo à frente e circundo meu braço em volta de sua cintura.

— Eu perdoo, Valentina. E ficarei grato se você também conseguir me perdoar por tudo que eu disse.

— Já perdoei, Gustavo. O que mais desejo é que nossos corações se livrem de mágoas que possamos ter causado um ao outro.

Encaramo-nos com tamanha intensidade que consigo enxergar meu rosto dentro da íris castanhas dos olhos de Valentina, e acredito que ela esteja conseguindo enxergar-se na minha também. E nem um simples mover das íris passam despercebidos. Como agora, que a dela se dilata um pouco mais.

— Ficaremos livres de mágoas e pesares, então? — pergunta-me, ansiosa.

— Como éramos antes — garanto.

— Que o único sentimento que ocupe nossos corações seja o amor — ela completa.

— Sim — eu confirmo.

Todas essas palavras são necessárias. Tocados por elas e pelo alívio que a conversa nos promove, nos agarramos um no outro, sentindo nossos batimentos cardíacos reverberarem em nossos peitos e se fundirem em um só. Juntos, inspiramos fundo e lentamente.

Deste modo ficamos por tempo suficiente para que nossas almas se purifiquem e a limpeza total se dá quando deixamos que as lágrimas que estavam contidas encontrem seu caminho para fora de nossos olhos, alcançando

nossas bochechas coladas uma na outra.

O peso em meus ombros finalmente se vai... e eu encontro a leveza que precisava.

Sei que a partir daqui, estamos prontos para recomeçar.

No final das contas, Gaetano tinha razão. Tudo que precisávamos para encontrar um caminho, a fim de colocar as coisas no lugar, era permitir que fôssemos guiados pelo amor. Desejo que independente das curvas do caminho, Valentina e eu sejamos sempre capazes de nos guiar pelo amor e assim nos encontrarmos nele.



Gustavo

Desvio a atenção para Valentina sentada à minha frente, o que na verdade não é uma boa ideia, já que suas pernas estão dobradas para trás e ela está, bem dizer, sentada em cima delas. E este não é o problema. Mas sim o fato de que essa posição faz com que a abertura que o vestido possui na lateral direita deixe à mostra as coxas e pernas de Valentina, portanto, uma vez que a visão me desorienta, torna a minha tarefa em abrir a garrafa de champanhe com o devido cuidado para não esparramar o líquido, difícil.

Balanço a cabeça de um lado para o outro e tiro a atenção das pernas de Valentina, mas antes capto seu olhar semicerrado para as minhas mãos que tentam a todo custo cumprir com êxito a missão de abrir a bendita garrafa. E... até que finalmente consigo, o som do pequeno estouro que acontece quando a rolha é liberada faz Valentina dar um gritinho em comemoração e soltar uma risada gostosa. Que delícia a ver dessa forma descontraída, com feições leves. Como sempre eu sou um espelho de suas reações. Se ela está bem, eu também estou.

Na ocasião em que despejo um pouco do líquido nas duas taças que ela segura, percebo-a fisgando o lábio inferior.

— Não se preocupe. Não iremos ficar *muito* alcoolizados — aviso em um tom brincalhão.

— Muito?! — ela exclama o questionamento. — Então é sinal que *um pouco* ficaremos.

— Só uma taça não fará mal. — Pisco, garantindo-a. Ela assente com o sorriso aberto.

Devolvo a garrafa de champanhe ao balde com gelo, que na verdade deixou de ser gelo e já virou água.

Para facilitar eu deixei tudo aqui para que quando chegássemos não precisasse entrar na casa para pegar, e por sorte, pelo que percebo, ainda foi possível manter a bebida um pouco gelada.

Aproximo-me de Valentina e ela me entrega uma das taças. Não perco tempo em propor um brinde.

— À nossa reconciliação — digo, erguendo a taça.

— Ao nosso recomeço — ela arremata, tocando sua taça na minha.

Bebemos o primeiro gole fitando um ao outro. Invejo o cristal que recebe a maciez dos lábios de Valentina, e não deixo por menos. Assim que tomamos um segundo gole da bebida, inclino meu corpo para frente, alcançando-lhe. Toco com suavidade seus lábios úmidos e ela corresponde, oferecendo-me bem mais que eles, mas também sua língua brevemente gelada. A sensação é maravilhosa. O sabor seco frutado do champanhe se funde com a doçura do nosso beijo.

— Isso é bom — Valentina murmura com os lábios roçando os meus.

Com pressa por poder beijá-la mais e com as mãos livres, termino de beber por completo o líquido em um gole só, Valentina me acompanha nesse ritmo. Por fim, a manta acolhe as taças vazias e eu acolho Valentina em meus braços, então voltamos a nos beijar.

Nossas respirações tornam-se ofegantes pelo compasso mais apressado e ansioso que o beijo vai ganhando. Meus dedos se enredam em seu longo cabelo, à medida que dou espaço para respirarmos, cessando o beijo. Mantenho-me em sentir a pele de Valentina sob eles através de um perpassar ousado que transfiro em seu maxilar e pescoço, sentindo-a encolher-se quando minha língua avança pelo local. Suas mãos pressionam meu ombro, dando-me a percepção da reação aflita que começa a tomar conta de Valentina.

Por si só isso é capaz de aquecer todo o meu corpo, e o terno e a gravata ajudam a aumentar a temperatura. Dando-me assim, a necessidade de a tirar.

Afasto-me e começo a me desfazer da peça de roupa pesada.

— Esquentou, aqui — Valentina comenta, abanando a mão em frente ao rosto.

— Muito — confirmo, sorrindo ao ver o sorrisinho travesso que ela

ostenta.

Em seguida, Valentina fica de joelhos e encerra a pequena distância entre nós.

— Eu te ajudo — diz, afrouxando o nó da minha gravata.

Sua respiração densa toca a minha face e a simples ação de tê-la tão perto a mim, tirando a minha gravata, desabotoando os botões da manga da camisa e dobrando-a até meu antebraço, em seguida abrindo os primeiros botões abaixo do colarinho. Isso me põe em um estado quase estático. Fecho os olhos e engulo com força no momento em que ela abaixa a cabeça e deposita um beijo na parte do meu peito liberto do tecido e ainda se aventura em roçar seus lábios pelo meu pescoço.

Nossa... e como é bom!

— Acho que deveríamos olhar para a lua e ver o eclipse — ela sussurra quando sua boca me alcança próximo ao ouvido.

— Também acho — concordo, soltando o ar profundamente. E para ser sincero, não é bem o que acho que deviríamos fazer.

Acomodamo-nos lado a lado com nossas cabeças apoiadas nas almofadas e seguro em sua mão, estendida na lateral entre nossos corpos, enquanto encaramos o céu acima de nós e admiramos a lua que vai tendo uma parte dela sendo ocultada. Sem dúvida é uma visão muito bonita, só que mais bonita que essa visão é a que tenho da lateral do rosto de Valentina, e, outra vez, abandono a lua e passo minha atenção para os detalhes tão finos e delicados de suas feições. Meus olhos desviam-se para além e alcançam seu colo exposto pelo decote. O cordão que dei a ela brilha em sua pele clara e compondo a imagem reparo no volume de seus seios ocultados pelo tecido do vestido. A lembrança daquele dia no chuveiro em que os vi adornados pelo sutiã branco de renda preenche meus pensamentos. Eu estava nervoso com toda aquela situação, mas a beleza deles não passou despercebida. Eles possuem um tamanho pequeno, mas que não é demérito algum. Eu acho perfeito.

— Você não está olhando para a lua. — A voz de Valentina me pega de surpresa e eu levo de imediato meu olhar para seu rosto. Ela se mantém com a atenção fixa no tapete negro acima de nós.

— Para ser sincero, prefiro olhar para você — revelo.

E com isso Valentina vira sua cabeça para o lado. Encarando-me com um sorriso, diz:

— A lua ficará com ciúmes.

Posiciono-me de lado, apoiando o cotovelo na manta e assim, a cabeça na palma da minha mão.

— Ela já deveria saber que você é minha preferida — digo. — E que

de tudo que existe nesse mundo, sempre será para você que eu vou preferir olhar.

— Uau! Isso foi bem... romântico! — Valentina fala, virando-se também de lado. Eu percebo suas bochechas coradas. — Aliás, hoje em específico, você está muito cortês. Estou desconfiada que andou lendo algum livro de romance de época. Será que Alice te emprestou um dos dela?

Solto uma risada.

— Não, eu não li nenhum livro de romance. Mas se isso me ajudar a ser um namorando romântico como esses dos livros, posso ler.

— Tenho certeza que você não precisa, pois já é... romântico — ela suspira.

— Tudo que quero, Valentina, é que você seja capaz de sentir todo amor que nutro por você.

— Me faça sentir, então — sussurra, transferindo a mão até meu rosto.

Sua declaração é concisa, suficiente porém para que eu entenda. E, principalmente, o olhar apaixonado e confiante que me lança diz que Valentina quer que eu a beije; que anseia que nossos corpos estejam mais juntos do que já estão. E se essa é uma forma para que ela *sinta* todo meu amor. Estou mais que disposto a dar isso a Valentina.

Envolvo a lateral de seu corpo com meu braço e puxo-a para junto do meu, tornando assim nossos corpos colados e nossas bocas também. Valentina me entrega beijos ávidos do mesmo jeito que o toque de sua mão pelo meu abdome. Sinto seus dedos ansiosos e isso não ajuda muito a controlar os meus que avançam da curva do seu pescoço para a alça do seu vestido. A pele macia me faz ter vontade de senti-la em meus lábios, assim o escorrego até o local e despejo beijos suaves acompanhados de sutis lambidas, fazendo Valentina arfar. E... caramba! Quando sua respiração morna sopra próximo ao meu ouvido, junto do som suspirado, faz com que os meus músculos fiquem tensos.

Controlar ou reprimir a excitação que isso me causa é impossível e eu também nem quero. Tudo é uma mistura perfeita que torna uma explosão de sensações e sentidos. Tato quando eu a toco; paladar quando passo a língua em sua pele; audição quando escuto sua respiração pesada; olfato quando sinto seu perfume; e visão quando vejo Valentina e seu corpo correspondendo aos estímulos que lhe provoco.

Tornando-me desejoso por mais, o ritmo de cada um desses sentidos passa a se transformar em urgente e afoito. Um ritmo que ela e eu determinamos, e assim, nos mantemos a proporcionar um ao outro as sensações de experimentar o prazer que cada carícia nos promove.

A vontade de ter Valentina mais perto — se ainda é possível — me leva a puxá-la para cima do meu corpo. Seu peito se une ao meu, e antes de

beijá-la uma vez mais, seguro seu rosto entre minhas as mãos e encaro-a, demonstrando além do que meu corpo denuncia, mas também com o meu olhar, o desejo que sinto por ela. Sei que ela o sente, sei também que ela se torna receosa, seja pela forma que Valentina engole a saliva com força ou pelas pequenas notas de inquietação que capto em sua expressão.

— Podemos parar se você quiser — aviso de maneira branda, tracejando o polegar em sua bochecha.

Valentina cede seu corpo para o lado, deixando de ficar sobre o meu. Merda! Será que fui longe demais com as carícias e a assustei? Susto maior eu tomo em sua ação seguinte. Ela se levanta e fica de pé ante a mim, com o semblante fechado.

— Eu não quero parar — ela afirma, com um tom assustadoramente sério. — Não aguento mais este vestido justo me amarrando. Me ajude, por favor, a tirá-lo — pede, virando-se de costas.

Ela o quê? Como assim? Ela pediu para ajudá-la a tirar o vestido?

A ficha cai. Sim, ela pediu.

— Caralho!

O palavrão escapa da minha boca no mesmo instante em que me coloco de pé, pronto para atender seu pedido.

Aproximo-me dela e antes de levar a mão até o zíper do vestido, respiro bem fundo e tento controlar a mão que de um segundo para o outro começou a tremer feito vara verde e para piorar começou a transpirar.

Calma, Gustavo! Advirto-me em pensamento. Esfrego as mãos no tecido da calça e inspiro fundo mais uma vez, levando-as até o cabelo de Valentina e colocando-o para o lado. A pele macia diante de mim é um convite. Beijo o alto de suas costas e assim busco abrandar o meu nervosismo, só que é impossível à medida que meu dedo desliza o zíper para baixo, o coração dispara no peito e a adrenalina me consome.

— Pronto — comunico, sem nem mesmo saber o que dizer nesse momento.

Valentina se vira, percebo em seus olhos semicerrados naquela mistura característica de algo doce e sexy, tal como ela é por completo. Absorto e sem acreditar que estou prestes a vê-la sem roupa, me torno um espectador de suas ações.

Ela volta sua atenção para minha roupa e se dedica em puxar para fora parte da camisa que está dentro da calça e começa a desabotoar cada um dos botões restantes, fazendo de cima para baixo. Ao terminar eleva as mãos até meus ombros, deslizando a camisa por eles e por meus braços, tirando-a por fim.

— O dia que vi você sem camisa no provador daquela loja e pude

perceber como seus músculos estavam assim — Ela firma os dedos ao redor do meu braço —, definidos, eu quase tive um treco — revela-me com um sorrisinho torto e travesso.

— Acho que eu percebi. Só não tinha certeza de que era mesmo por isso — conto.

— É... eu não consegui disfarçar muito bem.

— E nem deveria. Eu precisava dos seus sinais para poder dar os meus a você.

— Acho que somos bons nisso... — Suas sobrancelhas se arqueiam — de dar sinais — completa, afastando-se alguns passos de mim.

Novamente volto a ser um espectador do que Valentina faz. Seus dentes fisgam seu lábio inferior, dando-me a impressão de que ela está um tanto tímida, ao passo que seus dedos puxam a alça do vestido para baixo e o mesmo ela faz com o pedaço do tecido que cobre o seu busto. Assim que essa parte do seu corpo se revela por inteiro diante de mim, sem qualquer roupa que o cubra, meus olhos se tornam vidrados e posso crer que minhas pupilas se dilataram ao ter diante delas os seios de Valentina. Mal consigo assimilar o que estou vendo e em sequência ela desliza o vestido pela cintura. Eu o acompanho escorregar pelas pernas e encontrar a manta, que acaba de se tornar um verdadeiro palco do espetáculo que é corpo de Valentina.

Meus olhos percorrem desde seus pés delicados às suas pernas torneadas, e centímetros acima ganho alguns segundos a mais admirando a única peça que permanece entre suas coxas que, a propósito, possuem uma musculatura bonita que acompanha a característica esguia do seu corpo. E a propósito, também, que calcinha linda é essa? Em um tom de cor perolado, tão minúscula e enfeitada com delicada renda que me deixa com uma urgência desenfreada em tocá-la para sentir o tecido em meus dedos, mas principalmente o que ele esconde. Forço-me a erguer o olhar, o que continua a ser uma visão maravilhosa, pois encontro sua barriga lisa com as curvas das entradas de sua cintura, e logo acima estão os seios... perfeitos. Ela é toda perfeita. Moldada de tal forma que me faz encantado, e o encanto maior se dá quando encontro sua face, os traços mais lindos e únicos que já vi. O rosto de uma menina mulher, que mesmo que não queira, acaba deixando transparecer — por ter seu corpo seminu exposto diante de mim —, uma expressão insegurança e uma expectativa demasiadamente tensa.

— Você é linda, Valentina — profiro de onde estou.

A musculatura da face da menina mulher relaxa com minha afirmação e ela sorri de um jeito amplo e alegre que me faz lembrar dos seus sorrisos de quando era apenas uma menina. A menina que um dia fora colocada ao meu lado

no mesmo berço quando éramos dois bebês, e que desde então se transformou em meu mundo. A menina que eu vi crescer e que acompanhou também meu crescimento.

Vivemos cada fase de nossas vidas juntos, e estamos na iminência de alcançar a vida adulta, *de fato*, seja a começar pelo novo período que viveremos no próximo ano, mas sobretudo, o agora, pelo acontecimento que nos marcará para sempre. A primeira vez que nos entregaremos um ao outro, findando a virgindade de nossos corpos.

Tinha de ser assim, ela e eu. Afinal, nós nascemos para nos amar. E isso só me leva a crer que nossas almas já foram entregues uma ao outro, muito antes deste momento e talvez desta vida.

Valentina

No instante em que fico com a pele exposta e cada centímetro do meu corpo pode ser observado por Gustavo, seus olhos se estreitam e ele permanece concentrado em mim por um tempo que eu não sei assimilar se são poucos minutos ou não, mas que parecem — eternas e agoniantes — horas.

Optei em tirar eu mesma o vestido e deixar que Gustavo visse como meu corpo é. Já superei a fase de chateação pela minha forma física, aliás, não a tenho mais. Ser magra não me incomoda. Mas, acredito que é comum que uma garota se sinta tímida e insegura quando fica nua diante de um garoto. Pelo menos quando isso acontece pela primeira vez. Mesmo sabendo do tanto que nos amamos, isso não impede que eu me sinta assim.

— Você é linda, Valentina — ele diz com um tom de voz seguro e sincero. Devo ter denunciado de alguma forma minha inquietação.

Mas ela some.

É instantâneo o efeito que suas palavras me causam. Solto o ar que estava prendendo e só o que consigo fazer é sorrir. Faço de tal forma que todos os músculos da minha face se expandem. Gustavo me observa alguns segundos a mais, em seguida desafivela o cinto de sua calça e não consigo evitar a expectativa que me envolve. Eu já adorei ver seu peito nu, melhor será tocá-lo e admirá-lo agora que estou prestes a vê-lo sem calça.

Não quero perder nada, por isso mantenho o olhar para cada uma das ações que suas mãos fazem, na missão de auxiliá-lo em se desfazer da calça. O botão é aberto e só o mínimo som do zíper deslizando faz meu corpo estremecer, só que não mais do que quando ele desliza para baixo todo o tecido da calça. Minha respiração fica suspensa pelo instante em que ele a passa pelas pernas e a joga de lado.

Depois Gustavo fica lá, parado, como se me permitisse ter dele o que ele teve de mim — tempo para apreciar. E eu aprecio, assim como capto o subir e descer do seu peito, e isso me faz lembrar que também preciso respirar. Solto o ar pela boca e umedeço os lábios, vislumbrando-o por inteiro. Músculos bem distribuídos, abdome definido que meus dedos chegam a se agitar querendo tocá-los. Descendo por este caminho está a visão que torna meus olhos cobiçosos mais do que já estão. Sua cueca boxer de cor preta não possui o tipo de tecido suficiente para disfarçar a que ponto está o seu desejo. Outra vez esqueço de

respirar, até que decido desviar a atenção para o rosto de Gustavo e lhe asseguro o que ele já sabe que é, mas ainda assim faço:

— Você é lindo... mas um *lindo* que eu não sei nem explicar.

Gustavo solta uma risadinha satisfeita.

— Conferências feitas. Agora vem cá, Moranguinho — ele diz vindo em minha direção e eu vou na dele.

Sem demora estamos abraçados um no outro, meus seios se pressionando em seu tórax, o que associado ao beijo sem reservas que protagonizamos, dispara todas as fagulhas possíveis pelo meu corpo, que se aquece cada vez que nossas línguas se encontram e a cada vez que a mão de Gustavo passeia por mim e a minha por ele. Nós até demos nosso primeiro beijo há pouco tempo, mas de alguma maneira nos tornamos bons nisso. Como é gostoso, macio, ritmado e excitante o toque e a união de nossos lábios e línguas.

— Eu adoro seu beijo — digo no instante em que consigo uma oportunidade, que é quando Gustavo desliza os lábios pelo meu pescoço.

— Eu também adoro seu beijo — ele murmura. — Adoro também seu pescoço. — A língua de Gustavo sobe por toda extensão dele, enquanto sua mão prende uma grande mecha do meu cabelo, puxando-a gentilmente para trás, fazendo-o esticar. — Adoro seu corpo e adoro ainda mais o fato de ele estar assim, junto ao meu. Amor agarradinho — sussurra com a boca colada ao meu ouvido.

Sinto-o sorrir contra minha pele, e depois, ainda sorrindo, ele mordisca meu queixo, mas então seus lábios tornam-se apenas entreabertos a partir do momento que a mão dele encontra o meu seio direito. O toque faz o mesmo comigo. Apesar de querer continuar a olhar para Gustavo, não consigo, pois meus olhos se fecham, deixando apenas que meu cérebro assimile a sensação.

A palma da mão dele envolve por completo meu seio, sem — inicialmente — dispensar pressão alguma, apenas tocando de leve, em sequência ele faz o mesmo com o outro. Até que as mãos deslizam ao mesmo tempo pelos dois e ele solta o ar densamente acompanhando de um gemido que me desperta, fazendo-me abrir os olhos. Os dele nem parecem mais de coloração azul, pois passaram a ficar ainda mais escuros. E a partir do momento em que Gustavo começa a apertar, roçar os dedos pelas partes mais sensíveis dos meus seios, sinto uma agonia de prazer me preencher. Uma agonia do tipo que anseia pelo toque cada vez mais.

É incontrolável abafar o gemido de prazer. Deixo-o escapar junto da respiração que vai ficando curta e descompassada.

— Gustavo — ofego.

— Valentina.

Ele começa a abaixar o corpo até o chão e eu o acompanho. De joelhos ele continua a acariciar-me e minhas mãos querem tocar cada parte dele. Agarro em seus cabelos quando ele inclina a cabeça para baixo e coloca a boca para dividir espaço com suas mãos nos meus seios.

É tão gostoso, tão inebriante, que meu corpo chega a amolecer. Gustavo parece perceber e se senta, levando-me a sentar no seu colo, tornando outra vez meus lábios entreabertos com o contato que se dá, já que sinto a sua ereção contra mim. É alucinante e também automático o mexer do meu quadril sobre o dele. Isso faz Gustavo inspirar profundamente, agarrar minhas costas conferindo em seus braços uma pressão que empurra meu corpo para baixo enquanto nos beijamos de maneira ávida... até que já não seja mais suportável protelar aquilo que desejamos.

Desfaço o nosso beijo e colo minha testa na dele. Tentando recuperar o fôlego, pergunto:

— Você tem...

— Tenho — ele confirma de maneira apressada antes mesmo que eu conclua a pergunta. — Na carteira, no bolso da calça — completa, dando detalhes.

— Pega. — O tom da minha voz é mais que um pedido, e sim, uma ordem.

A pressa se torna nossa melhor amiga.

Assim que deixo o seu colo, Gustavo não perde tempo e vai em busca de sua calça caída no chão, apanha a carteira e dela tira um preservativo. Engatinho pela manta até me aproximar das almofadas, onde sento-me e aguardo por Gustavo que em seguida se junta a mim, só que de repente ele parece paralisar suas ações, o que me dá a impressão de que ele precisa de autorização ou até uma confirmação para seguir adiante.

— Eu quero. Você quer? — pergunto, mirando a lateral de seu rosto.

O dele se volta para o meu.

— Quero... quero muito — Gustavo responde inspirando fundo, depois une sua boca à minha e esse beijo sela nossas confirmações.

Era exatamente o que Gustavo precisava para ficar sem nenhuma peça de roupa em seu corpo. Ele se livra dela ali, ainda sentado ao meu lado. E mesmo não querendo, acabo ficando um tanto tímida, por isso desvio meu olhar de maneira breve enquanto ele se ocupa em colocar o preservativo. Porém, a curiosidade é maior e eu volto a atenção para sua ação, seus lábios estão comprimidos e sua cabeça está baixa naquilo que está fazendo. Quando termina se volta para mim umedecendo os lábios. Eu posso senti-lo nervoso e é certo que eu também estou.

Minhas costas alcançam a manta e minha cabeça se acomoda confortavelmente em uma almofada no momento em que Gustavo, com o corpo virado em direção ao meu, começa a deslizar seus dedos pela minha barriga, umbigo, até encontrar o tecido da minha calcinha. Local este em que ele traceja o caminho do tecido em minha pele até que seus dedos ultrapassam minimamente para dentro, roçando-me com toques sutis que me fazem fechar os olhos. E outra vez volto apenas a usufruir das sensações do seu toque.

Ele torna a deslizar os dedos pela minha barriga, subindo até os meus seios, acariciando-os com a aquela deliciosa mistura de toques sutis e mais fortes. De repente não sinto mais as suas mãos em mim. Abro os olhos e vejo Gustavo se posicionando aos meus pés. Desta forma, afasto as minhas pernas e dou espaço para que ele se aproxime e fique entre elas. Assim que ele o faz, estabelece o contato de sua mão em meu tornozelo, subindo até a coxa.

A partir deste momento começo a ouvir uma música tocada em um piano, sendo que o pianista é Gustavo e eu o seu piano.

Cada parte da minha pele compõe o teclado deste piano, onde os dedos longos de Gustavo movem-se um a um, de maneira cadenciada, tocando uma melodia que inicia com notas suaves. Os sons de prazer que escapam por nossas bocas unem-se à essa melodia silenciosa, bem como ao silêncio da noite, onde dois apaixonados se amam pela primeira vez.

Conforme seus dedos avançam para a área interna das minhas coxas, as notas da canção ganham um ritmo mais profundo e seus dedos passam a se cravar em minha pele com mais força, tal como um verdadeiro pianista, que além de tocar sente a canção e a absorve. Vez e outra Gustavo fecha os olhos e suas feições acompanham a intensidade de seus toques.

No instante em que seus dedos enlaçam as tiras da minha calcinha e a desliza para baixo, tenho a impressão de que a música é pausada, mas só pelo breve instante em que a peça é retirada por completo do meu corpo, pois logo depois Gustavo volta a me envolver com seu contato, até que seu corpo cobre o meu.

E ali, face a face, ele faz a última confirmação que julga necessária. E é como se novamente a música pausasse, apenas para que pudéssemos falar.

— Nós vamos mesmo fazer isso? — A pergunta é acompanhada de um sorriso carinhoso.

— Vamos! — Dou minha sanção final.

— Certo. É muito provável que doa. E eu quero que você me diga para parar em qualquer que seja o momento, se assim desejar. — Assinto em confirmação. — Não hesite em me pedir para parar, Valentina. Tudo bem? — Gustavo certifica-se uma vez mais.

— Tudo bem — asseguro-lhe.

Ele perpassa a língua entre seus lábios, inspira fundo e volta a tocar meu corpo e assim a música retorna exatamente de onde parou, com as notas mais fortes. Quando o dedo de Gustavo me alcança em meu ponto mais sensível, fazendo-me estremecer com a forma como massageia o local, é também quando a melodia encontra o seu ponto mais alto e profundo pelo tempo necessário em me fazer atingir as nuvens e encontrar o prazer.

A música não termina, e ela é tão real que sou capaz de ouvi-la mesmo quando seus dedos deixam de tocar minhas áreas mais íntimas e sensitivas, começando a deslizar por meus braços até chegar ao meu cabelo, onde Gustavo os afaga carinhosamente enquanto me beija.

— Prometo ser gentil, meu amor — ele sussurra em meus lábios e deixa seu corpo se fundir ao meu.

A dor que sinto é lancinante.

Corta...

Arde...

Queima.

Mas ainda assim Gustavo consegue aplacar tudo isso pela forma cautelosa como se move sobre mim; pela forma desejosa que suga meus lábios; pela forma que sua mão encontra meus seios e os acaricia; e pela forma apaixonada em que ele diz:

— Eu te amo, Valentina.

Eu o amo também.

E tudo isso faz com que a dor que sinto torne-se suportável e se abrande à medida que Gustavo continua com maestria a tocar a canção da nossa primeira vez e dar o seu ritmo a ela, preocupando-se sempre em buscar em meu rosto as minhas expressões para se certificar de que está tudo bem. E está. O seu carinho, o seu cuidado, o seu amor, têm o poder de eliminar qualquer dor.

Não a sinto mais.

Não corta...

Não arde...

Não queima.

Torna-se gostoso, prazeroso, a tal ponto que esqueço que estou fazendo amor pela primeira vez. Derreto-me com o calor que se forma entre nossos corpos e pelo ritmo que vai encontrando seu ápice.

Eu me entrego a Gustavo e ele a mim. Somos um só corpo, uma só alma, um só coração. Nossas respirações se tornam entrecortadas, percebo que o autocontrole dele está findado e incentivo-o, pressionando minhas mãos seu quadril e puxando-o para mim, deixando que ele tome em meu corpo o seu

prazer. E assim, por si só também, sinto prazer por saber que proporciono isso a ele.

Sempre encontramos satisfação quando estamos juntos e agora encontramos a satisfação do prazer carnal, intenso e ávido.

A música chega ao fim e o pianista cansado descansa o rosto na curva do meu pescoço. Afago sua nuca molhada de suor, encaro o céu e vejo o eclipse da lua em seu ponto alto. Uma penumbra a encobre em grande parte.

Ouso pensar que até a lua saiu de cena nessa noite e deixou que apenas Gustavo e eu brilhássemos na escuridão da noite com a luz do nosso amor.

Assim que ele traz o seu rosto ante ao meu, digo o que sinto com meu mais profundo amor:

— Eu te amo, Gustavo. Foi perfeito e sublime.

A declaração o faz sorrir tal como um garoto. O meu Garoto Trovão, que hoje deixou de ser tempestade para ser bonança... a minha bonança.

Gustavo

Valentina está com o rosto colado ao meu peito, onde meu coração bate em ritmo acelerado. Ele ainda não foi capaz de se recuperar da emoção misturada com prazer. Não me incomoda que esteja acelerado e tampouco que Valentina possa estar ouvindo o sonoro e descompassado som que meu coração apaixonado emite, afinal, é por ela que ele bate.

Deslizo meus dedos ao longo do comprimento do cabelo de Valentina, enquanto o cérebro repassa o que acabou de acontecer. E como ela mesmo disse: foi perfeito e sublime.

Eu tive medo em não conseguir fazer com que fosse dessa forma, mas tudo que eu queria era que fosse. Tudo que eu mais queria era que Valentina e eu tivéssemos uma primeira vez que pudesse ser tão perfeita, que fosse lembrada para sempre como um dos mais belos momentos vividos por nós dois.

Em algumas noites antes de dormir, imaginei o corpo de Valentina nu. Imaginei-me beijando-o e tocando cada parte dele, principalmente suas áreas mais sensíveis, dando-lhe assim a oportunidade de experimentar e descobrir o prazer que eu pudesse proporcionar a ela. Mas o fato de imaginar não foi capaz de tornar esse momento fácil, e nem deveria ser. Pois às vezes o que é fácil se aproxima do banal, e fazer amor pela primeira vez com Valentina está longe de ser algo banal, aliás, não só a primeira, mas tenho certeza que as próximas serão importantes e em cada uma eu me esforçarei para que seja especial.

A verdade é que nem em meus pensamentos mais ousados com Valentina eu poderia prever o quão prazeroso seria passear meus dedos por sua pele macia, ou beijar seus lábios de maneira ardente, e ainda unir seu corpo ao meu.

O nervosismo que percorreu em minhas veias foi quase incontrolável, porém, fiz de tudo para controlá-lo. Além disso, o olhar confiante que Valentina me lançava era a mais pura prova do quanto me ama e quanto estava disposta em se entregar a mim. Do mesmo jeito que eu estava disposto a me entregar a ela.

Enquanto minhas digitais iam sendo deixadas na pele de Valentina, eu brigava com a vontade de manter os olhos abertos para não perder nada das suas reações, mas também sentia vontade de fechá-los, aproveitando unicamente da sensação maravilhosa que o toque me proporcionava. Só de ter minhas mãos passeando pelo corpo dela, sentia-me excitado, desejando mais que tudo poder

provar do prazer que a união de nossos corpos seria capaz de fornecer.

Mas antes que isso acontecesse eu precisava garantir que Valentina também sentisse prazer. Eu a queria com o corpo em brasas pela excitação, eu a queria relaxada o suficiente para me receber dentro dela, e foi tocando-a e estimulando-a em seu ponto mais sensível que eu consegui meu objetivo. Sentir seus músculos tensionar, ouvir sua respiração ofegante e vê-la contraindo o corpo com o orgasmo que consegui lhe proporcionar. Foi como cumprir uma missão com sucesso. Uma missão tão incrível que me senti importante.

Eu me senti, não como um garoto experimentando o sexo pela primeira vez e preocupando-se apenas com o próprio prazer, e sim como um HOMEM de verdade, por ser capaz de fazer a mulher que ama sentir prazer.

Tudo isso é novo, tanto para mim, quanto para Valentina. Tenho certeza que juntos aprenderemos a dar e sentir prazer cada vez mais.

Antes de prosseguir e consumir o ato, assegurei em deixar Valentina à vontade para me pedir para parar se quisesse, mas ela não pediu... Meu corpo se uniu ao dela. Foi aí que o universo parou e meu sonho virou realidade.

E quando isso aconteceu eu a vi morder os lábios e fechar os olhos com força, sentindo sua respiração suspensa. Ao passo que eu estava preocupado com ela, estava também maravilhado, submergindo naquele mar de prazer e excitação. Tinha receio em machucar minha delicada bonequinha de porcelana, ao mesmo tempo que desejava me afundar cada vez mais nela, e eu me deixei afundar, na mesma medida que me esforcei para deixar Valentina cada vez mais envolvida, relaxada e propensa a sentir mais do que a dor, sentir o quanto aquilo poderia ser gostoso.

Beijei seus lábios, afaguei seus cabelos, acariciei os seios, disse que a amava e dava o ritmo suave e envolvente das penetrações até que eu vi os olhos de Valentina dispersos de dor ou agonia. Eu os vi entregues as sensações do que os encontros dos nossos corpos promoviam. E eu simplesmente não consegui escolher entre a visão de sua face relaxada enquanto eu a penetrava, ou à sua face tomada pela surpresa e deleite do orgasmo que sentiu enquanto eu a estimulava com toques destinados a levá-la ao prazer. É, sem dúvida, uma difícil escolha.

O que não restou dúvida, assim que atingi o ápice do prazer, é que fomos feitos um para o outro. E não restou outra dúvida também. Eu nunca farei isso com outra mulher. É só com Valentina que a excitação se mistura com os mais belos sentimentos. É só com ela que o orgasmo tem o gosto doce do amor e da realização.

Foi perfeito e sublime fazer amor pela primeira vez com Valentina.

— Eu nunca vou esquecer essa noite — digo, dando voz aos meus

pensamentos e ao que meu coração repetia em cada batida rápida, mas que agora começa a encontrar um ritmo normal e compassado.

Valentina ergue seu rosto do meu peito e seus olhos brilham lindamente sob a luz do luar, assim como sua pele clara.

— Eu também não — declara ela, encontrando meus lábios.

Abraço-a enquanto prolongo o beijo repleto de ternura e toques suaves de nossas línguas. Como é bom! Cada vez que a beijo eu quero beijá-la mais.

— Valentina... — sussurro em seus lábios. — Tenho um pedido a fazer.

Ela se afasta de maneira breve, fitando-me com atenção.

— Qual?

— Eu quero aproveitar cada dia dessas férias ao seu lado — revelo.

— Eu vou adorar passar meus dias com você. Sem compromissos, sem ter que estudar, sem ter que me preocupar com nada, apenas ficar assim, agarradinha em você. — Ao falar Valentina passa o braço sobre meu peito e me aperta firme. Eu faço o mesmo com meus braços ao redor de seu corpo.

— Será uma delícia, Valentina — arremato, vislumbrando meus próximos dias com ela.

— Será! — Valentina deposita um beijo em minha bochecha. Ela tão é tão carinhosa, e eu adoro isso. — Bom... mas antes ainda tenho um compromisso. Como não pude ir à festa do orfanato por causa do vestibular, quero ir antes do natal fazer uma visita para ver as crianças — explica.

— Vamos juntos. Podemos comprar alguns brinquedos para levar, o que acha? — sugiro.

— Acho perfeito!

Um amplo sorriso se forma no rosto de Valentina.

— Combinado. E depois disso...

— Sou toda sua — ela completa, deslizando a mão pela minha barriga, em seguida me transfere um olhar cheio de desejo, tal como o beijo que inicia.

Sua língua se lança para dentro da minha boca, encontrando a minha com urgência. E eu a tomo, sugo, deliciando-me no sabor de seus lábios. Em seguida Valentina abandona minha boca e começa a depositar uma série de beijos, lambidas e mordidas pelo meu pescoço, descendo para o peito e barriga.

— *Huum...* eu gosto disso — murmuro.

— E disso? — pergunta-me, ficando de joelhos ao lado do meu corpo.

De maneira cadenciada Valentina desabotoa cada um dos botões da minha camisa que ela veste. E enquanto faz isso, me encara com um olhar semicerrado tomado por avidez.

— Você está querendo uma segunda vez ou é impressão minha? —

indago com um sorriso, guiando minha mão até sua barriga e acariciando-a abaixo do umbigo.

A visão de ter Valentina nua diante de mim tornou-se uma das minhas preferidas. Ela é linda e eu sou louco por ela.

— Eu quero tantas outras vezes, Gustavo — confirma, levando sua mão até minha cueca boxer, deslizando-a por cima do tecido.

Engulo em seco com o toque que me deixa alucinado. Valentina sopra um gemido baixo e eu já não suporto que o contato não seja direto.

— Caramba, Valentina! — pronuncio, livrando-me da peça ao meu corpo, fazendo assim com que a delicada mão de Valentina se apodere e sinta a força do meu desejo por ela.

Quanto mais ela me toca, mais excitado eu fico, mais tesão sinto. A vontade de tê-la outra vez é iminente.

Alcanço a minha carteira e por toda a sorte desse mundo há outro preservativo nela, porque, afinal, eu sonhei com o dia em que isso aconteceria comigo e Valentina, e eu tinha que estar preparado para ele.

E eu estou.

— Faça amor comigo agora, Gustavo. Faça por todos os próximos dias, faça para sempre — Valentina pede, aninhando-se ao meu lado.

Com o corpo de lado ante ao dela, seguro seu rosto entre minhas mãos, beijo-a em seguida e digo:

— Valentina, eu quero passar cada minuto dos meus dias ao seu lado, aproveitar cada momento. E principalmente, quero fazer amor com você todos os dias até que... você vá. E quando nossa última noite juntos chegar, eu vou te amar me despedindo, pois eu não serei capaz de me despedir no aeroporto, tampouco ver você entrar no avião. Mas serei capaz de tornar nossa última vez inesquecível. Eu prometo.

Percebo que minhas palavras despertam uma certa aflição em Valentina, seus olhos ficam marejados e o que ela fala em seguida, confirma.

— Será nossa última vez por um tempo, mas depois eu volto e aí teremos um ao outro novamente, não é? — ela pergunta, ansiosa, e uma lágrima escorrega pelo canto de seu olho esquerdo, encontrando meu polegar.

— Claro que sim, meu amor — tranquilizo-a, beijando uma vez mais seus lábios cálidos. — Voe, minha garota valente, espalhe amor ao próximo, cumpra o seu propósito. Mas, lembre-se de voar de volta para casa. E aqui, sempre me encontrará.

Eu só não sei em que situação.

— Eu voltarei — ela confirma. — A cada ano, dos cinco. E depois ficarei ao seu lado para sempre. Nunca mais eu vou me afastar. Te prometo isso,

Gustavo.

Valentina afaga meu rosto e eu o dela.

— Está bem.

Assinto, engolindo a emoção que se avoluma em meu peito e tenta escapar pela boca, querendo dizer a ela que não vá, que fique, que não me abandone. Que continue sendo a luz dos meus dias.

— Obrigada. — Ela solta o ar profundamente. — Obrigada por me entender e aceitar.

— Eu te amo — dizemos ao mesmo tempo.

E assim fazemos amor pela segunda vez e agora os receios da primeira são deixados de lado. Valentina está mais solta e ainda mais entregue a sentir o prazer de ter nossos corpos ondulando nos movimentos instigantes, excitantes e deliciosos.

Tomo o corpo de Valentina com amor, tesão e também cuidado, garantindo que em cada uma das vezes que estamos experimentando das sensações que o toque dos nossos corpos, mãos e bocas proporcionam, sejam inesquecíveis. Tornando isso um padrão desde a primeira até todas as vezes que se seguirão.

Eu quero que sempre seja inesquecível para ela. Inesquecível para mim.

Faço amor com Valentina sendo justo em cumprir a promessa de amá-la até o dia de sua partida. A única coisa que escondo é o fato de que começo a me despedir dela agora. E não como eu disse, que seria em nossa última noite juntos.

Começo a me despedir e a sentir saudades; começo a me despedir e a sofrer.

Começo a me despedir e a pedir perdão, se, por ventura eu falhar na missão de viver sem ela.

Pois, realmente não sei como viverei sem a presença de Valentina, como suportarei a dor e ao período de escuridão que me aguarda. Haverá de ter alguma forma.

Começo a me despedir de Valentina... mas não do nosso amor. Afinal, ele sempre estará comigo, com ela.

Para sempre.

Faço amor com Valentina, tendo nesse instante seu belo rosto como visão e acima dele — de nós — o céu negro de uma noite de eclipse lunar, onde a única coisa que irradia luz é a face de Valentina tomada de expressões de prazer, desejo e amor. Enquanto seu quadril move-se em cima do meu, ela se faz perfeita para mim. E se eu tinha dúvida de qual visão escolher enquanto fazemos

amor, acabo de descobrir que essa é a minha preferida.

Parte Dois



Valentina

Três anos e meio depois - 21 anos de idade

Depois de receber a liberação no portão por um dos funcionários que trabalha na casa de vó Luiza, o táxi estaciona defronte à entrada principal da grande e bela mansão. Tudo claro. Continua exatamente igual como estava há seis meses quando visitei minha família pelo terceiro ano desde que estou estudando na África do Sul. Bom, tudo está igual, exceto pelo visual do jardim, vez que no mês de janeiro possui as cores mais vivas e coloridas das flores que começam a florescer na primavera e se estendem pelo período do verão, mas como estamos em pleno mês de julho, a paisagem acompanha o clima de inverno — fria e com poucas cores.

Eu só retornaria ao Brasil quando as flores estivessem exibindo sua beleza no final do ano, passaria mais um período de férias em casa, como tem sido desde então, depois voltaria ao continente africano para mais dois anos de estudos lá, e por enfim, chegaria o momento de retornar em definitivo ao meu lar. Mas o acaso me obrigou a fazer um retorno antes do previsto que eu imaginava.

E o acaso tem justamente disso, nos pegar de surpresa. Eu ainda era criança quando minha mãe me alertou sobre ele pela primeira vez.

“Valentina — dizia-me ela. — Nem sempre estamos preparados para o que o acaso pode nos fazer, mesmo sabendo que ele tem disso, nos surpreender, seja de forma negativa ou positiva. Mas para as circunstâncias negativas, tudo que precisamos é ter fé e sabedoria para enfrentá-lo”.

Lembro-me de assentir com lágrimas nos olhos, pois havíamos acabado de receber a notícia de que minha bisavó Laura havia falecido e minha mãe tentava me acalantar. Desde esse dia, guardei essas palavras em minha memória. Nas ocasiões em que o acaso me surpreende de forma negativa, eu as recordo. Só que dessa vez, o acaso foi rápido e rasteiro. E mesmo tendo vivo em minha mente o sábio conselho de minha mãe, eu não consigo discernimento suficiente para lidar com a situação.

Sinto-me desnorreada e nem sei porque vim até aqui, visto que deveria ter ido direto para a igreja — lugar em que toda a minha família já deve estar —, contudo, por alguma razão, no momento em que o taxista me perguntou qual seria o destino, dei a ele o endereço da casa de vó Luiza.

O homem já de meia idade me olha pelo espelho retrovisor, aguardando que eu tenha alguma ação e não fique aqui parada. Apesar disso, seu semblante não inspira pressa. Ele apenas me observa atento, talvez notando o quanto eu pareço perdida.

— O senhor pode fazer a gentileza de me aguardar? — peço, encarando seu olhar no retrovisor. — Eu vou só... entrar um instante e volto para irmos a outro lugar.

— Tenha o tempo que precisar.

— Obrigada. — Dou a ele um sorriso grato.

Ao descer do veículo solto uma grande lufada de ar, produzindo uma espécie de fumaça que a respiração quente emite ao se chocar com o ambiente de baixa temperatura. Pareceria que eu não estava sentindo frio até então, certamente pelo nervosismo e ansiedade para chegar, mas agora o vestido de manga longa e a meia-fina não parecem ser suficiente para conter esse gelo que vai fazendo meu corpo tremer.

Para me afugentar do frio sigo com pressa até a porta da casa, encontrando-a entreaberta. Assim, empurro a madeira maciça e ao ultrapassá-la e chegar na sala, uma familiar e aconchegante sensação me alcança. É como estar em casa, e afinal, é isso, pois aqui é o meu segundo lar e talvez com gosto mais açucarado. Os melhores momentos da infância foram correndo por esse lugar na companhia de Alice, Gaetano e Gustavo. E sempre depois de todo cansaço das brincadeiras, o banho quente e a mesa repleta das comidas mais gostosas que minha vó preparava, tornavam esses momentos ainda mais

especiais e inesquecíveis.

Vou até a janela e através do vitrô encaro o jardim dos fundos, onde nosso melhor lugar para brincar de *esconde-esconde* está. O labirinto, que por muito tempo em nossa imaginação eram as muralhas de um velho forte que guardava segredos e tesouros. E anos depois ele *realmente* guardou um tesouro — o mais belo momento entre Gustavo e eu. Guardou o nosso amor.

Olhar para esse labirinto me faz sorrir mesmo que hoje eu queira chorar.

Inspiro fundo por alguns segundos dando ordem aos meus pensamentos e agora compreendo porque instintivamente quis vir aqui antes de ir para igreja, pois recordar das boas e felizes lembranças me faz lembrar que também que já passamos por momentos difíceis nessa casa, e que apesar de tudo, foram superados, ou apenas amenizados... mas de alguma maneira seguimos em frente, mesmo sem aqueles que amamos.

Despeço-me da visão que tenho. *Era disso que eu precisava.* Sinto-me mais calma, logo faço meu caminho de volta a fim de deixar a casa e enfrentar o acaso. Mas antes que eu chegue até a porta, ainda no meio da sala, sou surpreendida por uma voz que me faz parar de súbito.

— Valentina?

Minha respiração fica suspensa e a sensação é que o mesmo acontece com as batidas do meu coração.

Como numa câmera lenta, viro-me devagar e à medida que faço isso solto o ar em pequenas proporções, porém assim que eu o vejo, o contrário acontece. O coração acelera e a respiração também.

— O-oi... Gustavo. — Minha voz sai fraca e trêmula.

Pisco algumas vezes assimilando sua imagem no alto da escada, com as mãos enfiadas no bolso da frente da calça social.

— Ouvi um carro, vim ver quem era. Mas... não imaginei que seria você — ele diz e parece estar tão surpreso por me ver quanto eu estou por vê-lo.

Afinal, o que ele faz aqui? Já deveria estar na igreja.

O estado surpreso me faz perder a voz e por isso apenas o observo, enquanto Gustavo começa a descer a escada sem pressa, degrau por degrau. Aproveito do instante para reparar o quão lindo ele está usando um terno tão bem alinhado que parece ter sido feito sob medida para seu corpo. Por saber que ele detesta se vestir tão formal, é meio estranho vê-lo assim. Só que, ironicamente, Gustavo consegue ficar ainda mais lindo e até com uma aparência mais madura do que seus 21 anos. Sei também que ele só usa um traje desses quando a ocasião é extremamente necessária. Do contrário estaria vestindo o habitual jeans rasgado, camiseta com alguma estampa icônica e seus calçados

estilo coturnos.

Ordeno meu cérebro a falar algo e não ficar só admirando Gustavo.

— Vim do aeroporto direto para cá. Mas pelo visto todos já foram para a igreja, quer dizer, todos exceto você — digo enfim, dando brecha para que, talvez, Gustavo comente o porquê de ele ainda estar aqui.

— Sim. Exceto eu. — Sua resposta é sucinta, o que demonstra que não está disposto a dar detalhes.

Analiso-o com cautela e com receio de o que dizer a ele. Nem parece que somos quem somos. Ou melhor, quem um dia fomos um para o outro.

É doloroso constatar isso, mas uma espécie de muro começou a ser erguido por Gustavo na noite em que nos despedimos, eu pude sentir. Assim que eu retornei da África pela primeira vez, esse muro ainda não estava tão alto, o que nos permitiu passar aquelas férias juntos, sendo um casal apaixonado, sedento de saudades, dispostos a aproveitar cada minuto que tínhamos na presença um do outro. Porém e infelizmente, no decorrer do ano que se seguiu, Gustavo continuou a erguer o muro e passou a não responder minhas mensagens, distanciando-nos bem mais do que a própria distância física. Voltei pela segunda vez, ele não quis me ver. O muro havia conquistado uma altura considerável, é fato, mas não o suficiente para me impedir de escalar e forçar para que Gustavo ao menos me explicasse o que estava acontecendo. Foi quando ele me deu a certeza — do que no fundo eu imaginava que era — de que o muro erguido foi para o seu próprio bem.

Gustavo foi sincero ao explicar que não aguentava ter de se despedir de mim, que não aguentaria passar por isso a cada ano. Por isso, não queria me ver até o dia em que eu voltasse para ficar. Eu me senti arrasada por mim, por ele, e só me restou respeitar sua decisão, sua autodefesa, seu muro. Quando estive em casa pela terceira vez — nas férias recentes, seis meses atrás —, o muro já estava alto. Muito alto e indestrutível a ponto de Gustavo viajar no dia em que cheguei, evitando assim qualquer possibilidade de um encontro. Nosso afastamento foi definitivo, e o pior disso tudo é que o muro não apenas nos afastou, mas fez com que Gustavo se afastasse do convívio com Alice, Gaetano e dos meus pais. Afastou Gustavo dele próprio. E por consequência o aproximou de outras pessoas e outros convívios.

— Como se sente? — questiono e no instante seguinte me dou conta de que essa não é a melhor pergunta a se fazer.

Tanto que ele a ignora e ao parar no último degrau da escada, vai para outro assunto.

— Você está bonita, seu cabelo está... bem longo — diz, estreitando seus olhos, conferindo-me.

Eu posso ter ido embora, mas mantive minhas promessas.

— Obrigada. — Engulo com força, empurrando um misto de emoções que permeiam meu coração, minha mente. Tudo.

Nervosa, fico em silêncio até que Gustavo se aproxime e fique ante a mim. Quando isso acontece, face a face, tenho o vislumbre dos seus lindos e familiares olhos azuis. É tão envolvente e convidativo olhar para eles, que apesar de todo nervosismo que sinto, não desvio a atenção, muito menos Gustavo. Segundos, minutos se passam sem que qualquer um de nós diga qualquer palavra. Torna-se palpável o que essa conexão produz. É como se através dessa troca de olhares, pouco a pouco, afastassémos alguns tijolos do tal muro de proteção. Quero enxergá-lo, e ele a mim, mas queremos fazer isso além de nossas aparências. Queremos poder voltar a enxergar a alma um do outro.

Lentamente Gustavo inclina seu rosto em minha direção e sua mão vai até o meu cabelo, trazendo uma mecha de cabelo para frente.

— Posso? — pergunta-me, unindo as sobrancelhas.

Com um leve menear de cabeça digo que sim.

Sua ação faz meu pobre coração, já descompassado, acentuar o ritmo. Gustavo fecha os olhos, leva a mecha até o nariz e inspira fundo, bem fundo. Trata-se de um gesto tão natural que ele já fez incansáveis vezes e que sempre teve efeito sobre mim, mas agora, depois de tanto tempo sem que acontecesse, tem poder ainda maior de tornar meu corpo amolecido e envolvido por essa gostosa sensação.

Gustavo vai além ao depositar a outra mão em minha cintura, puxando meu corpo para mais perto do seu, fazendo a sensação de entusiasmo por estar recebendo isso dele aumentar. É minha vez de inspirar fundo, buscando desesperadamente pelo ar que some por completo, principalmente porque agora ele abandona a mecha do cabelo e começa a deslizar a ponta do nariz pela curva do meu pescoço, deixando que seus lábios toquem brevemente o local, o que dispara um formigamento seguido de um forte arrepio que percorre minha coluna. Eu não deveria sentir isso. Não hoje... não mais... mas é impossível não sentir. Fecho os meus olhos e então me permito — nem que seja momentâneo — sentir.

A forte atração de nossos corpos nos chama um para o outro, fazendo com que ao mesmo tempo, envolvemo-nos em um abraço. Um tipo de abraço que foge de qualquer abraço comum. Na verdade, agarramo-nos tão apertado quanto somos capazes de manter nossas próprias forças diante da emoção que sentimos. Um abraço que não foi dado por anos. E, sinceramente, eu percebo que isso já não importa, porque independente de dias, meses e anos, sempre que Gustavo e eu nos abraçarmos será com a mesma intensidade de como se

estivéssemos vivido uma eternidade longe um do outro.

Outra vez puxo o ar profundamente, mas dessa vez para matar a saudade da fragrância do perfume de Gustavo. Dele, em si. A memória olfativa tem capacidade de nos trazer lembranças de momentos, lugares e pessoas, e é o que acontece. Sou de maneira instantânea transportada para os melhores momentos e para as lembranças mais ricas e boas de minha vida, aquelas que partilhei com Gustavo.

Absorta nessas lembranças, sou pega de surpresa quando Gustavo se afasta de súbito de mim. Abro os olhos, tonta e entristecida pela forma brusca com que ele encerra o nosso contato. Dou um passo atrás, desviando a atenção para qualquer lugar na sala que não seja Gustavo, procurando assim, por um ponto de equilíbrio mental. Mas é quase impossível...

— O táxi ainda está aí na frente? — ele solta a pergunta, mas não espera pela minha resposta, acrescentando em seguida em um tom firme: — Vou avisar ao motorista que pode ir embora.

— Espera! — exclamo, encarando suas costas, pois ele já segue em direção à porta. Acelero meu passo, alcançando-lhe. Toco em seu braço e ele se vira.

Então, pressionando a mão na nuca, perscruta o meu rosto e fala em volume de voz baixo, quase sussurrado:

— Gostaria que você fosse comigo para a igreja. Pode ser?

— Pode... Claro, eu vou com você — respondo sem hesitar.

Dando-me passagem na porta, vamos até o carro, agradeço ao taxista por esperar e por isso dou a ele mais algumas notas além do valor da corrida. Gustavo tira minha mala do porta-malas e a leva para dentro de casa. Acompanho-o, ainda assimilando sua reação comigo e seu desejo em me ter por perto.

Depois disso, não tomamos mais tempo além de eu pegar um casaco na mala, e partimos para a igreja.

Durante o trajeto permanecemos em silêncio, Gustavo me olha ocasionalmente e até acho que vai dizer algo, mas não toca em nenhum assunto, tampouco sua expressão me demonstra como ele realmente se sente.

O percurso não é longo e eu não sei se isso é bom ou ruim.

Ao chegarmos, vislumbramos a quantidade de carros estacionados e pessoas bem alinhadas chegando para a ocasião. Solto o cinto de segurança e me ajesto, sentando-me brevemente de lado, encarando a lateral do rosto de Gustavo. Estudo se devo dizer algumas palavras antes de sairmos do carro, pois eu sei que a partir do momento que entrarmos na igreja, tudo se transformará em uma nuvem negra.

— Gustavo? — chamo-o, ele não responde. O silêncio permanece, mas agora ele tamborila seus dedos no volante, dando-me sinal de que está nervoso. — Gustavo... — Toco sua mão e ele me olha franzindo a testa, como se algo dentro dele doesse. — Precisamos ir — murmuro sem vontade alguma de deixar o carro, vez que, se há dor dentro dele, há dentro de mim também.

— Valentina... — Gustavo envolve minhas duas mãos nas dele, segurando-as com força. — Não solte minha mão. Por favor... não solte.

Engasgo com o seu pedido, que beira o desespero.

— Mas... e a... Nina? Ela...

Não consigo terminar de falar, pois sou calada pelos lábios de Gustavo. Ele os pressiona sobre os meus por breves e suficientes segundos para me deixar sem saber o que fazer até que libera a pressão, fita-me e pede uma vez mais:

— Apenas não solte... Não solte, Valentina.

Encaro-o, contendo meu choro, sabendo que o acaso — friamente — nos trouxe e nos uniu outra vez nesse ponto de nossas vidas.

Eu não sei se sou capaz de lidar com tudo isso, eu realmente não sei. Mas então, como uma luz divina em meus pensamentos, lembro-me do que minha mãe me dizia sempre ao se despedir de mim no aeroporto — ela sabia que meu coração grato por poder ser útil e ajudar crianças tão sofridas, doía todas as vezes que eu ia embora, e deixava aqui as pessoas que mais amo —: *“Filha... saiba que, tornamo-nos mais unidos pelo amor e mais fortes pela dor.”*

Sinto a força que preciso e afirmo:

— Eu não vou soltar sua mão, Gustavo.

E nesse instante duas grandes e densas lágrimas caem dos meus olhos, escorregando pela minha face e alcançando o tecido da lapela do meu sobretudo preto, que combina com meu vestido dessa mesma cor.

Preto. Afinal, estou de luto. Meu coração hoje está de luto.

Gustavo

Afirmar que ter Valentina diante de mim, experimentar do toque do seu abraço, do seu cheiro, me faz reviver tudo que vivemos, é estupidez. Porque reviver significa voltar a lembrar e como eu nunca esqueci, o correto é afirmar que a ver novamente torna tudo mais intenso. Cada sensação, recordação, cada sentimento se faz nítido e vivo, inclusive a dor.

Apesar de ser o cérebro, com todas as suas terminações nervosas, responsáveis por nos fazer sentir todas as nossas emoções, é o coração que recebe o título de órgão dos sentimentos. E isso é tão incrível. Pois mesmo que um coração esteja, pelo ponto de vista fisiológico, saudável, ele é capaz de doer.

Eu achei que já tivesse experimentado das piores dores em meu coração quando soube da decisão de Valentina em ir estudar fora do país, mas então a realidade de viver longe dela me fez sentir uma dor ainda maior quando ela se foi e levou toda a minha alegria, minha luz e todos os meus sorrisos.

Três anos e meio vivendo na escuridão.

O primeiro deles eu vivi o inferno dos meus dias — ainda vivo. Eu senti falta de Valentina cada vez que respirava. A dor da saudade era tanta que em algumas noites me via batendo na porta da casa dela. Em geral era Alice quem me recebia. Minha prima, sem questionar ou dizer nada, apenas me acompanhava ao quarto de Valentina e me deixava sozinho na minha dor, porque era assim que eu queria estar. Agarrava-me ao travesseiro que ainda tinha seu perfume e diante dos meus olhos os momentos que passamos juntos se faziam reais.

Eu podia ver a minha Moranguinho brincalhona, dançando pelo quarto, tão bela e formosa; eu podia ouvir o som da sua risada enquanto eu lhe fazia cócegas; eu podia ver nós dois em sua cama fazendo amor. Eu podia sentir ela comigo e isso fazia com que eu não me sentisse só. Nos momentos em que estava em seu quarto, eu tinha um pouco de luz, de alegria e sorrisos através das lembranças. Essa foi a forma que eu encontrei para sobreviver.

Ao final desse primeiro ano quando ela retornou nas férias, eu saí de vez da escuridão e a luz se fez em meus dias. Aproveitei cada minuto ao seu lado. Mas então, no final das férias ela se foi... eu a perdi outra vez. Meu coração sangrou um pouco mais e eu voltei para a escuridão. E dessa vez foi ainda pior.

O primeiro ano sem ela foi horrível, mas conviver com a dor acaba fazendo com que nos acostumemos com ela. Você sabe que a ferida está ali, latejando e sangrando, mas está coberta, contida por um curativo. E quando Valentina voltou pela primeira vez eu arranquei aquele esparadrapo achando que eu já não precisava mais dele, já que a minha cura era ela. O que foi uma estupidez, afinal, Valentina, ironicamente é a minha cura, mas também a causa do meu ferimento. Eu soube que eu não poderia, em hipótese alguma, passar por isso todas as vezes em que eu a teria por um mês e depois passaria o resto do ano tentando estancar o sangramento, conter a dor.

Dor que caminha lado a lado ao vício.

Valentina é meu vício e isso não seria um problema se ela estivesse como sempre esteve — ao meu lado. Ela nunca foi nociva a mim, pelo contrário, me fez bem. Só que Valentina longe me deixa sem a substância que me faz feliz. E se você não pode ter da substância que te faz feliz todos os dias, então é melhor que não a tenha só de vez em quando, pois a cada vez que uma recaída acontece, voltar a superar a falta daquilo que promove as melhores sensações em seu corpo, sua alma, e ter que recomeçar o processo de abstinência, é sempre mais dolorosamente difícil.

Eu sou um viciado nela, e tal como um viciado, a abstinência é algo que um dia de cada vez deve ser superado. Eu fui superando — ou fingindo superar — da maneira que dava, mas a dor nunca passou, a luz nunca voltou.

E a merda de tudo é que quando você passa muito tempo vivendo na escuridão, acaba se acostumando e encontrando pessoas que também estão vivendo nela. Foi assim que encontrei Nina, só que a escuridão dela era ainda pior do que a minha. Muito pior. E por incrível que pareça, eu no meu estado sombrio, pude ser um ponto de luz na escuridão de Nina.

Talvez por me sentir útil. Ou porque Nina era a demonstração de que eu precisava para tomar consciência de que há pessoas nesse mundo com fraquezas maiores que a minha — e que caso não tenhamos, pelo menos, o apoio e o carinho da família ou de qualquer pessoa, essa escuridão pode ser tornar tão cega, suja e triste, que o gosto pela vida deixa de existir, a ponto de não querer mais viver. Por isso eu permiti que uma aproximação entre nós acontecesse. Com isso pude conhecê-la além de sua aparência durona, mas sim sua alma tão frágil e carente de qualquer tipo de carinho que aceitou o que eu poderia oferecer a ela.

A questão é que aprendi a gostar do seu humor negro, da sua risada sarcástica. Aprendi nesse último ano em que convivemos, a gostar da sua companhia. E por ela ser a única pessoa a não tocar no nome de Valentina, me

ajuda a amenizar os efeitos da falta que Valentina faz em minha vida. Amenizar, para ser sincero, nem é a palavra correta, e sim forjar. Tudo desde então tem sido uma grande e ilusória mentira.

A dor continua, porém, eis que a dor que eu imaginei ser a pior que meu coração já experimentou, foi substituída por outra. Hoje, mais do que nunca, faz sentido aquilo que meu pai disse: *“a gente não sente medo de perder quem não ama. Mas pensa que vai morrer se perder quem ama”*.

Não tem como mudar o percurso dos acontecimentos. Apesar de que eu daria tudo para mudar, mas não tenho como. E não poder mudar o fato de que meu pai está morto, mudar o fato de que esse tipo de perda é para sempre, me faz pensar que eu também vou morrer. E definitivamente, dor maior que essa não há.

Uma dor que ganha proporções incalculáveis. Sofrer por perder meu pai dói e ver minha mãe sofrer por perder o marido, o companheiro, o amor de sua vida, faz meu coração se comprimir no peito ao mesmo tempo que se dilacera. Gostaria eu, de arrancar toda a dor dela e transferi-la para mim, pois talvez eu já esteja habituado a perder quem amo e isso me torne menos fraco, mas, sobretudo, porque a mulher que sempre esbanja um sorriso no rosto não deve, não merece chorar e ter a tristeza em seu coração. Minha mãe não merece isso.

Testemunhar seu desespero com a notícia que tio Leonardo e tia Malu tentaram a todo custo nos contar de uma forma menos traumática, foi testemunhar a cena mais triste da minha vida. Eu tinha acabado de chegar da faculdade, e o almoço que engoli às pressas porque tinha um compromisso no período da tarde com meu pai, sequer tinha sido digerido, e a notícia foi como receber o pior e mais forte soco no estômago. Tive vontade de colocar toda comida para fora, mas engoli a ânsia de vômito, engoli minha dor. E apesar de ser um dos personagens desta terrível cena, por segundos eu me vi fora dela, apenas como um espectador que ouvia uma história sendo contada e conforme ouvia, fazia mentalmente minhas próprias perguntas e observações de como aquilo tudo que estava acontecendo não fazia sentindo algum.

Como assim, meu pai havia morrido? Como assim ele teve um enfarte fulminante e não resistiu? Ele faz exames regulares, goza de boa saúde, nunca reclamou de dores que lhe pudessem custar a vida. Mais que isso... Ele ainda é um homem jovem para morrer.

Como é possível se tudo estava bem, ele estava bem, não se queixou de dor alguma. Havíamos tomado café da manhã juntos, nós três; meu pai, minha mãe e eu. Conversamos durante todo o café, falamos sobre alguns

processos do escritório que ele me passou para analisar e aprender. Ele comentou que tinha uma importante audiência durante a tarde e me pediu para acompanhá-lo. Eu iria, claro que iria. Porque se tem uma coisa boa nesse período de minha vida e que eu estou gostando de fazer, é estudar Direito. Mesmo sem gostar de ter que colocar terno e gravata, acompanhar meu pai nas audiências, vê-lo atuando em defesa de seus clientes se tornou um dos meus programas preferidos.

Estávamos tão afinados nisso tudo que houve dias em que mamãe até reclamava que agora éramos os dois a falar de trabalho em casa. Mas a questão é que isso nos uniu. Eu nunca havia conversado tanto com meu pai como nos últimos anos, sendo que o assunto não se limitava só aos processos e audiências, isso, abriu brecha para mais. Ele fez o papel de meu melhor amigo, ele é meu melhor amigo. Me compreendeu e apoiou, lidou com minhas fraquezas, lidou com minha escuridão, me chamou à realidade quando necessário. Ele e minha mãe estavam aqui para mim, fazendo de tudo todos os dias, e agora, como assim ele morreu? Uma dessa engrenagem de três que vinha funcionando tão bem, se quebrou. E agora?

Que porra de vida é essa, que vive me tirando as pessoas que eu amo?

Assim que a ficha caiu, meu estado atônito foi substituído pela revolta das circunstâncias que haviam me levado dessa vez para uma escuridão tão cega e egoísta, que mesmo sofrendo e preocupado pela minha mãe estar passando por essa situação, eu não consegui ficar ao seu lado.

Desde a notícia eu fugi, dei socos em paredes, quebrei o que pude quebrar, e dessa vez a casa de minha avó foi o lugar que sofreu as consequências de quando esse meu *eu* incontrollável se aflora. Não consegui derramar nenhuma lágrima. Eu não daria esse gosto para esse Deus injusto. Aliás, eu briguei com Ele. O julguei tão sacana comigo, com a minha mãe e com meu pai... Por qual motivo tanta maldade com a gente?

Eu até poderia dizer que passei a noite inteira acordado expurgando meus demônios, mas não, porque eu até estava vivendo no inferno desde que Valentina se foi, mas de alguma maneira, os demônios nunca haviam me encontrado, só que a morte do meu pai me deixou de tal jeito que pela primeira vez eu os encontrei.

Então eu passei a noite encontrando demônios, pensando em coisas horríveis, me deixando ser envolvido por esse espírito de morte, querendo encontrá-la. Até que eu vi um anjo. O meu anjo.

Nem sua roupa preta foi capaz de apagar a luz que brilha em volta dela. Eu tinha acabado de enfiar a merda desse terno quando ouvi o barulho de um carro chegando. Não sabia se Valentina tinha sido informada, ou se viria. Eu não sabia de nada além de que se eu quisesse dar um último adeus ao meu pai,

deveria ir para a igreja até pelo menos às 11h da manhã de hoje. Porém, mesmo que eu tivesse me arrumado para essa maldita ocasião fúnebre, também não tinha certeza se iria, eu não sabia se conseguiria. Mas quando eu a vi, soube que com Valentina ao meu lado eu conseguiria. Só ela teria este efeito sobre mim, só seu rosto cálido de anjo tem o poder de me acalmar e colocar meus pensamentos, mesmo que os mais tristes, em ordem.

Tê-la agora caminhando ao meu lado, de mãos dadas comigo, me conduzindo por esse corredor central da igreja, onde no final dele está o caixão onde o corpo sem vida do meu pai repousa, é minha sustentação para enfrentar o dia mais triste da minha vida.

Hesitante ao chegar próximo da primeira fila dos bancos da igreja, local em que vejo minha mãe acolhida nos braços do tio Leonardo, paro de andar antes que eu ultrapasse a distância e ela perceba que eu estou aqui. Já é difícil ver meu pai morto, mas ter de ver o sofrimento de minha mãe me deixa arrasado. A gente nunca quer que as pessoas que amamos sofra.

Valentina certamente percebe minha expressão covarde e triste ao avistar minha mãe e diz:

— Sua mãe precisa de você, tanto quanto você precisa dela nesse momento. — Ela pressiona minha mão, transmitindo-me a coragem que necessito.

Em seguida, com um menear de cabeça, indica para prosseguirmos e assinto. Valentina me guia até a minha mãe, encontro seu olhar distante e exausto, que ao me ver se torna instantaneamente encoberto por uma densa camada de lágrimas.

Restando-lhe talvez suas poucas forças, desvencilha-se dos braços do tio Leonardo e se apressa em ficar de pé.

— Filho... meu filho... — Suas mãos afagam meu rosto e eu as seguro ali, precisando do seu carinho.

Sinto-me arrependido de não estar ao seu lado desde então.

— Me desculpe por não vir antes. Eu só... não...

Ela me silencia, envolvendo-me em seus braços, levando-me até seu peito, como se eu fosse um menino. Mesmo sofrendo, minha mãe consegue transmitir o conforto e a força contida em seu abraço.

— Oh, meu filho... não precisa se desculpar. Eu entendo que é difícil.

— Eu queria poder mudar tudo isso, mãe — falo, levando meu olhar até o dela.

— Eu também, meu amor. Mas nós não podemos, ninguém pode. Ele se foi... Luís se foi, sem me dizer que estava indo. E eu nem sei se disse a ele suficientemente o quanto amava, admirava por ser um bom homem, um bom pai

e um marido maravilhoso. Eu não pude... — Suas palavras se afogam no choro.

Eu a abraço apertado.

— Ele sabia, mãe... Tenho certeza que sabia. Só não sei se ele sabia o quanto eu o amava e como ele era importante na minha vida.

— Querido, ele sabia, sim. Você era tudo para ele, Gustavo. E é tudo para mim, tudo que eu tenho agora, meu filho. Eu preciso de você.

— Eu vou estar ao seu lado, mãe.

Minha mãe assente e seus lábios trêmulos beijam minha face. Seu acalento, como sempre, me conforta. E nesse instante eu sei que a partir de hoje, tudo que mais importa nessa vida é a minha mãe e a minha vontade de poder confortá-la pelo período difícil que passaremos, mas passaremos juntos.

Conduzido por ela, aproximo-me do caixão, adiando por segundos que sejam a visão diante de mim. Sustento a atenção para o lado oposto, e assim noto que Valentina continua ali comigo. Ela envolve sua mão na minha, enquanto a outra minha mãe segura e é com a força do amor que sinto pelas duas, que reúno coragem para olhá-lo.

Quando o faço penso que estou num pesadelo. Ali está ele, tão sério, sem dar os sorrisos que vinha dando nos últimos tempos, sem franzir a testa com sua expressão pensativa, tão pálido, mas ainda tão bem alinhado, usando terno e gravata e um semblante sereno, de quem está apenas em um sono profundo. Nem parece mesmo que está... morto.

Preciso tocá-lo, mas se o fizer sentirei seu corpo gelado, e o que parece ser um pesadelo passará a ser real. Elevo minha mão devagar, trêmulo e com medo, aproximo da dele sem tocar, até que um impulso me faz querer mais que tudo segurar sua mão e dizer que eu estou aqui. Junto minha mão à dele, o gelado e firmeza de seus dedos me dão a confirmação de tudo. Então acontece o choque da realidade, da dor, desespero e lágrimas.

— Eu tô aqui, pai... eu tô aqui — digo em meio ao choro dolorido que envolve cada parte do meu corpo.

Sem forças, debruço meu rosto sobre seu peito, onde seu coração não bate mais, só que todo amor que ele me deu, até em forma de castigo, tem a capacidade de fazer meu coração bater por nós dois com a sinceridade de um amor entre pai e filho, que todo ser humano deve ter a oportunidade de saber como é. No final das contas, os caminhos pelos quais a vida me fez caminhar nesses últimos anos puderam me fazer enxergar isso. Me amadurecer um pouco, também. Sou mesmo um filho da mãe. Ontem estava bravo com Deus, mas agora me sinto agradecido por Ele ter me dado a oportunidade de me reconciliar com meu pai tempo suficiente antes de Ele o levar. É grato, porque mesmo na dor eu tenho o amor da minha família. Eu não sei em que momento aconteceu,

mas agora me dou conta de que minha mãe e eu estamos envolvidos por vários braços que se unem ao redor de nós... e isso me dá a certeza de que não estamos sozinhos e não estaremos nunca.



Com as emoções abrandadas e cercado pelo apoio de nossa família, acompanho sentado ao lado de minha mãe, seguido por Valentina, o que o sacerdote nos diz:

— A morte é uma passagem da vida em que Deus demonstra sua infinita misericórdia, seja pelo ente querido que Deus acolhe em seu lar, seja pela plenitude do amor com que Deus conforta os familiares e amigos que ficam. Nunca percam a fé em Deus e assim sempre encontrarão conforto em suas palavras e nos ensinamentos que o bom Pai nos deixou em suas escrituras sagradas. Regozijem-se na fé e na certeza de que, na eternidade, um dia todos nos encontraremos. E com essa mesma fé elevemos nossos pensamentos em oração.

Fecho meus olhos e digo ao meu pai, silenciosamente, em meus pensamentos, as palavras sinceras que brotam em meu coração e sei que aonde quer ele esteja, será capaz de ouvir.

— *Um dia, pai, a gente se encontra. Enquanto isso não acontecer, saiba que eu te levarei em meu coração para sempre. E estarei disposto a ser quem um dia você desejou que eu fosse, e entendo que você só me desejou o melhor. Eu serei o melhor. Eu farei o melhor, por você, pela mamãe, por mim. Prometo ser um bom filho, prometo cuidar da tua Mel. Sabe... você fará uma falta tremenda para ela, e, bom... para mim também. Então, se puder, cuide de nós aí de cima. Eu te amo, pai. Obrigado por tudo.*



Valentina

Tio Luís era um homem muito conhecido e reconhecido em sua profissão. Querido por muitas pessoas ao longo da vida, acumulou bons feitos e hoje essas pessoas lotam a igreja para lhe dar adeus e acompanhar as últimas homenagens feitas a ele.

Meu coração, grato por ter recebido seu carinho, como sua sobrinha e afilhada, se enche de emoção ao desejar que aonde quer que tio Luís esteja agora, ele possa ser acolhido pelo amor e pela paz de Deus, e ainda, se for possível, que saiba que a saudade que sentiremos será eterna. Esta não é a primeira vez que perdemos alguém de nossa família, muito menos será a última, contudo, em qualquer circunstância a dor da perda é inevitável. A morte é uma verdade, para a qual nunca estamos preparados.

Enxugo as lágrimas que silenciosamente descem pela minha face e fungo, tentando controlar a coriza que desagradavelmente insiste em escorrer pelo nariz.

Sentada ao meu lado, Alice me transfere um olhar triste. Seus olhos azuis estão com aparente irritação, tomado por uma vermelhidão e as pálpebras inchadas de tanto chorar. Minha irmã é sempre muito emotiva, e conhecendo-a bem, sei que desde que ela soube da notícia não parou de chorar.

— Tome — ela sussurra, entregando-me um lenço de papel, que de imediato faço uso.

— Obrigada — cochicho quase sem sair som algum de minha voz.

Alice curva os lábios em um sorriso também triste que acompanha seu olhar, deposito o lenço em meu colo e com a mão direita, já que a esquerda está sob o domínio da mão de Gustavo, eu pego na mão de da minha irmã. Ouço o inspirar fundo de Gaetano que está sentado logo em seguida a ela . Nosso irmão mais novo se mexe no banco, curvando o corpo para frente, apoiando os antebraços em seus joelhos. Alice de maneira carinhosa passa a mão em suas costas, confortando-o.

Levo meu olhar para o lado oposto, onde na ponta do banco está minha mãe e seu braço está sobre os ombros de vó Luiza, que por sua vez, apoia a cabeça no braço do meu pai, que em seu outro lado, tem acolhida junto ao peito a irmã. E tia Melissa segura a mão de Gustavo, que segura a minha. Formamos um elo entre cada um, no intento de que juntos consigamos unir nossas forças, apoiando-nos uma ao outro. É assim que somos. Unidos, seja nas horas alegres ou tristes.

No banco de trás estão aqueles que também fazem parte da família, os mesmos de sempre. A novidade é a presença de Nina. É estranho vê-la junto de nós.

Instantes antes, ao me dirigir até o banco e me sentar, meu olhar se cruzou com o dela, foi meio indecifrável sua expressão e para minha própria sanidade eu não permaneci com a atenção por mais do que alguns segundos nela, só que assim que Gustavo se juntou ao meu lado no banco, Nina colocou a mão em seu ombro. Sadicamente fiquei observando o gesto que fez meu estômago embrulhar, mas Gustavo, certamente por estar amortecido pelos efeitos da dor que está sentido, não se atentou em olhar para trás ou retribuir de alguma maneira o toque. Não nego que ao constatar isso eu gostei de ele não o fazer. Só que em seguida me senti mesquinha por estar pensando essas coisas quando estamos aqui tentando lidar com a morte de tio Luís. O fato de Nina estar aqui é o menor dos meus problemas.

Depois do momento da oração, agora um dos colegas de profissão de tio Luís é chamado ao altar para dizer algumas palavras. Eu adoraria ouvir, mas estou segurando uma vontade tremenda de fazer xixi já faz umas horas. Preciso de um banheiro com urgência.

— Ali? — chamo-a baixinho e ela traz seu rosto para perto do meu. — Você sabe aonde fica o banheiro?

— Sai por essa porta lateral da igreja — Ela sinaliza discretamente com a mão —, segue até os fundos. No salão paroquial você vai encontrar. —

Assinto. — Quer que eu vá com você? — oferece.

— Não precisa. — Pressiono sua mão antes de soltá-la e agradecer. Alice meneia a cabeça e volta a prestar atenção no que o advogado fala sobre o tio Luís.

Movimento meus dedos no tecido do meu vestido, tentando puxar devagar minha mão que está embaixo da de Gustavo, mas ele a pressiona ao sinal de que vou tirar minha mão e me encara, unindo as sobrancelhas. Posso ler em seu olhar o seu pedido de “não solte a minha mão”.

Inclino meu rosto em direção ao dele com o objetivo de falar o mais próximo e baixo possível para não incomodar os que estão prestando atenção na cerimônia, e ao mesmo tempo do meu movimento, Gustavo faz o dele, aproximando-se. Nossas faces se encontram e eu paraliso no instante que o contato se dá. A respiração dele sopra no meu ouvido enquanto a minha sopra no dele, e tão suave como uma pluma de algodão, Gustavo perpassa a bochecha na minha, num gesto de carinho, de necessidade. Chego a perder o foco do que ia dizer, até que ouço um pigarrear atrás de nós.

Nina.

— Eu só vou até ao banheiro — explico, afastando-me devagar.

— Ah... *tá*. Desculpe. — Ele afrouxa a pressão sobre meus dedos e tira a mão que aquecia a minha.

— Eu já volto — afirmo, pois apesar de ele soltar a minha mão, seu olhar continua amedrontado, como se eu fosse deixá-lo, sem voltar mais.

— *Ok...* — murmura, suavizando a expressão.

Levanto-me e caminho, cuidando para que o salto do *scarpin* não faça barulho. Do lado de fora da igreja acelero meu passo em busca do banheiro, seguindo pelo trajeto que Alice explicou. Tão logo encontro, abro a porta e dou de cara com um banheiro amplo e ao que tudo indica bem higienizado, o que é ótimo. Não perco tempo, entro numa das cabines e às pressas inicio a maratona de erguer o vestido, baixar a meia-fina e calcinha. Caramba! A última vez que fiz xixi foi no avião, na primeira hora das intermináveis nove de voo, e que alívio poder fazer agora. Assim que termino, sinto-me agradecida por ter papel higiênico, pois sequer conferi antes. Por fim, conduzo o processo inverso, subo a calcinha, meia-fina e baixo o vestido, também com agilidade para não demorar.

Saio dali e vou até uma das pias para lavar as mãos, concentro-me em passar o sabonete líquido, esfregar e enxaguar, e... minha nossa! *Que água gelada*, meu cérebro reclama em defesa dos dedos que recebem todo o frio, mas não mais que meu rosto, visto que ainda que a água esteja gelada, aproveito dela para lavá-lo e espantar a exaustão.

— Ele ainda te ama.

Escuto com o rosto mergulhado nas mãos com água. Ergo a cabeça e através do espelho vejo Nina parada alguns passos atrás de mim.

Jesus! De onde foi que ela saiu? Fecho a torneira e alcanço algumas folhas de papel toalha no suporte ao lado.

Viro-me para Nina enquanto seco minhas mãos e rosto, então digo, sincera:

— Eu realmente não pretendo ter esse tipo de conversa com você.

Termino de me secar, amasso o papel e arremesso-o na... lixeira.

“Lixeira é lugar de lixo, então a Valentina é um lixo”.

Meu cérebro retrocede na velocidade da luz ao passado. Nina e eu crianças. Lembro-me de acabar de fazer minha apresentação onde orgulhosamente falei da minha família e em seguida Nina começou a gritar e a gargalhar.

— *Lixo! Valentina veio do lixo!*

Tal como aconteceu aquela vez, começo a inspirar fundo, buscando pelo ar que some. Tenho a sensação de que estou sufocando... sufocando. *Preciso sair daqui!*

— Ele até está comigo. — A afirmação do que eu já sei e as lembranças do passado parecem me deixar mais tonta. A ouço como se Nina estivesse dizendo algo a quilômetros de distância. — Mas a gente não...

— Valentina? — Alice escancara a porta de entrada do banheiro. A voz firme e alta dela me traz de volta ao presente. — O que está acontecendo aqui? — Minha irmã encara Nina, furiosa, e eu me obrigo a organizar os pensamentos e a respiração.

— Nada, ué — Nina diz, dando de ombros. — Eu só vim ver se Valentina precisava de algo — completa, com um tom de voz que tenta soar amigável.

O que, lógico, não é recebido por Alice da mesma forma e por isso minha irmã, fazendo sua típica expressão sisuda, profere:

— Até parece! — desdenha, curvando o canto da boca. — Vamos voltar, Valentina. O próximo a falar é o papai. — Ao dizer ela estende a mão para mim.

— Vamos — respondo de imediato e agarro sua mão.

Passo por Nina sem baixar a cabeça e tento captar em suas expressões a sua real intenção em vir até o banheiro atrás de mim, mas continua indecifrável, como antes. Nos tempos do colégio era fácil identificar seu olhar de raiva e inveja. Estranhamente, agora não.

Basta que alcancemos o lado de fora para Alice esbravejar:

— Mas é uma descarada mesmo. Na primeira oportunidade, vai te

infernizar. O que foi que ela te disse? — pergunta-me.

— Nada demais... — Alice para de andar de súbito, fazendo-me parar também. Seu olhar é aquele semelhante ao de minha mãe querendo a verdade. — Nada demais — repito. — Deixa isso pra lá. — A reação que tive foi uma porcaria e não era para ter sido assim. Sorte que Alice chegou, me tirando daquela espécie de transe. — Mas de qualquer forma, obrigada por ter aparecido — acrescento com carinho.

— Eu fui assim que a vi saindo da igreja. Tive certeza que ela ia atrás de você, e eu precisava ir proteger minha irmã.

— Eu pareço tão boba e frágil assim, é? — questiono segundos depois de voltarmos a caminhar. Meu tom é de lamentação por mim mesma. Que saco! Precisarei saber lidar com a presença de Nina e não deixar que os fantasmas do passado tomem lugar ao presente.

— Não. Você é boazinha demais, só isso. E sei bem que seria capaz de ser demasiadamente educada com aquela peste.

— Nossa... Ali. — Confiro atrás de nós para ver se Nina está por perto, mas não há nenhum sinal dela.

— Valentina. — Alice cessa os passos outra vez, me encara firme e aconselha: — Você não tem que dar ouvidos e muito menos conversar com Nina por educação, só porque agora ela é...

— Namorada do Gustavo? — completo, sem soar tão doloroso quanto no fundo é.

— Isso mesmo. E... que merda! É tudo muito estranho, Valen. — Alice bufa com raiva.

— O que é estranho? — investigo, puxando-a pelo braço a fim de voltarmos a fazer nosso caminho de uma vez por todas até a igreja.

— Esse relacionamento deles... é muito estranho. Mas eu também nem faço questão de conversar com Gustavo para saber ao certo. Na real, estou sem falar com ele desde que começou a se envolver com *essa garota*. — Alice revira os olhos tanto quanto consegue.

— Você não precisa comprar minhas dores — constato.

— Fica quieta, Valentina! É claro que compro, você é a minha irmã.

— Tá bom. Obrigada. — Dou um sorriso e passo o braço por cima do seu ombro, abraçando-a. — Mas só para que saiba, eu não estava pensando em conversar com ela.

— Ótimo! Apenas faça como eu. Ignore-a. — Alice pisca e nós entramos na parte interna da igreja.

Volto a me sentar ao lado de Gustavo, ele me perscruta, e se eu não estou enganada, noto-o preocupado em assimilar minhas feições para saber se

“está tudo bem”. Está tudo horrível, isso sim. Porém, dou um leve sorriso e lhe ofereço minha mão, que ele segura em seguida.

Enquanto seus dedos se firmam ao redor dos meus, meu cérebro trabalha recordando o que Nina me disse e também o que ela iria dizer quando Alice apareceu, e ainda, depois a questão de minha irmã afirmar que é estranho o relacionamento deles.

Droga... droga! Eu não devo pensar nisso.

Outra vez afasto o assunto “Nina” da minha mente — suficientemente cansada e triste — para que eu me preocupe com assuntos que não importam, pelo menos por agora. Ou talvez... por nunca mais.

Dou minha atenção ao altar, onde meu pai se posiciona atrás do bonito púlpito de mármore branco para iniciar seu discurso. Notável que emocionalmente abalado, ele reúne forças para que consiga falar.

Ao se aproximar do microfone, ainda com a cabeça baixa sem encarar o público, ele passa repetidas vezes a mão pelo maxilar, seus lábios se abrem só que o som de sua voz não sai e então seus olhos se fecham por segundos suficientes em que papai inspira tão fundo, que é possível ouvir o ruído da sua respiração através dos autofalantes dispostos pela igreja, que o microfone capta. E é só depois desse instante que meu pai ergue a cabeça, oferecendo um cumprimento contido, com apenas um leve curvar de seus lábios, a todas pessoas que o aguardam.

Quando a voz mais rouca de papai — e especificamente hoje está ainda mais rouca — ressoa pelos autofalantes, meu coração parece se tornar um grão de mostarda no peito. Eu posso imaginar o quão difícil é para ele estar ali. Mas se há alguém com determinada honra e conhecimento para falar de tio Luís, e para representar a nossa família nesse momento, é ele.

— Gostaria de iniciar agradecendo a todos que se solidarizam com a nossa perda nesse momento. Saibam que vocês trazem, em cada abraço, um pouco de conforto a nossos corações entristecidos. Muito obrigado.

“A perda de alguém por quem nutrimos grande feição e que nos é próximo, faz com que a nossa mente se coloque em um estado de choque e até um certo amortecimento de nossos atos. É como se durante o período desde que recebemos a notícia até este em que precisamos nos despedir, nosso cérebro entrasse em um estado de completa confusão. A gente chega a pensar que nada disso é real. Infelizmente, é. E apesar de a morte ser uma verdade e uma das únicas certezas da vida, nós nunca estamos preparados para enfrentá-la, porque ter que dizer adeus e viver com a ausência de quem amamos é profundamente difícil. Afinal, somos seres dotados de sentimentos, criamos laços afetivos que nutrem o nosso coração diariamente e que nos fazem bem, só que ao ter de ver

um desses laços desfeitos, é triste e dolorido demais.

Pelo tempo que passei ali sentado acompanhando a cerimônia, eu pensava o quanto a vida é fugaz. Eu sou médico, já deveria estar acostumado com isso, mas não. Ao contrário. Quanto mais tempo eu tenho de profissão, menos é minha aceitação da fragilidade que é a vida. O conhecimento da medicina e todo avanço dela, hoje contribui para que milhares de vidas sejam salvas. Mas, como costumamos dizer, cada caso é um caso. E o caso de Luís não deu chance alguma para que a medicina fizesse o seu papel. E para ser sincero com vocês, o impacto da morte de Luís ainda me mantém aturdido e chateado, principalmente porque, ironicamente, a nossa família possui uma clínica médica com excelentes médicos e equipamentos que são capazes de salvar vidas. Muitas já foram salvas por nossos médicos. Mas não tivemos a chance de salvar a de Luís. Luís, meu cunhado, o marido da minha irmã, pai do meu sobrinho. E isso é um tanto frustrante para mim.

Eu estava em meu consultório em mais um dia normal de trabalho durante uma consulta, quando Daisy, minha secretária bateu à porta, abriu-a e com pressa disse: “doutor, desculpa interromper, mas é urgente”, e em seguida ela me deu a informação de que Luís estava sendo trazido para a clínica, e que, segundo as informações, ele havia sofrido um enfarte. Foi um choque, mas que disparou em mim um estado euforicamente tenso. Dei ordens e mobilizei mais do que uma equipe médica para aguardar a chegada da ambulância que o trazia. Quando ela chegou e os paramédicos não estavam agindo de maneira ágil, como é o esperado e sempre feito, fiquei irritado, pois eu tinha pressa para que Luís fosse submetido ao atendimento completo na clínica. Foi então que um desses paramédicos me disse que foi fulminante. Que ao chegarem no escritório de Luís para socorrê-lo, infelizmente ele já estava sem vida. *Como assim?* Lembro-me de gritar a pergunta naquela hora e também de não aceitar a notícia. Porque ali, naquele momento, eu já estava desprovido de qualquer senso racional que a medicina me impõe a ter. Eu era o cunhado do Luís, e eu não poderia aceitar que ele estava morto e que sequer teria a chance de receber o atendimento médico, justo quando a nossa família tem uma clínica hospitalar. Algumas pessoas infelizmente morrem pela precariedade do sistema de saúde, mas não era o caso do Luís. Ele poderia contar com excelente atendimento. Eu não conseguia admitir aquela constatação. Eu vi o olhar de pena da equipe médica enquanto continuava a dar ordem para que tentassem, que fizessem qualquer coisa, qualquer coisa para salvar Luís. Mas só se salva a vida de quem está vivo e não morto.

Foi com uma dor tão profunda que eu tive que aceitar que Luís estava morto. Então, isso me fez perceber que não importa quanto a medicina evolua e

quanto você tenha dela a sua disposição quando chega a hora de morrer. A hora de Luís chegou. E é difícil aceitar que tenha sido tão cedo. Por outro lado, e quem sabe seja uma maneira mais fácil, se é capaz de algo ser fácil nessa situação, podemos pensar que Luís se foi porque cumpriu sua missão.

E que bela missão.

Eu poderia ficar aqui falando por horas, elencando as inúmeras qualidades dele, porque, afinal, ele as possuía em grande quantidade, mas acredito que todos vocês certamente já as conheciam e as admiravam, assim como eu. Por isso, resumo em dizer que Luís era um homem honrado que amava a sua esposa e filho mais que tudo nessa vida.

E qual o sentido de me resumir a isso? Porque esse é o ponto onde certamente o meu cunhado gostaria que eu tocasse, na esposa e no filho. Visto que era na presença deles que meu cunhado se tornava o homem completo e feliz. Ele tinha tamanha dedicação a profissão, isso é verdade, tanto que por um tempo acabou se entregando a ela mais que do que talvez deveria, mas o amor que sentia por Melissa e Gustavo, e por sua vez, eles por Luís, é que foi capaz de tomar ações que o fizeram lembrar de que não há nada mais importante ou valioso que não seja a família. Nos últimos tempos, podia-se ver como as coisas estavam indo bem. Luís vivia um momento de realização tendo a mulher que amava, e o filho seguindo seus passos na carreira de advogado. Isso significava tanto para ele, que o orgulho ao falar desse assunto chegava a ser palpável.

Luís se foi, mas suas boas realizações ficam. Seja pela família que ele construiu ou pelos inúmeros casos pelos quais ele se dedicou. Seja pelo homem de bom coração e ações nobres.

Gentil, simpático e bom amigo.

Luís se foi levando um pedaço de nossos corações, mas a parte que fica poderá se alegrar com o amor que ele nos deixou e com os momentos que tivemos com ele.

Luís combateu o bom combate, acabou sua carreira, guardou sua fé. Cumpriu sua missão.

Privilegiados fomos nós, por tê-lo em nossas vidas.

Obrigado, Luís. Obrigado por ter feito a minha irmã sorrir e ser amada como deveria. Obrigado por ter sido um pai zeloso e preocupado com meu sobrinho. E não se preocupa, porque agora, da tua família cuido eu. Melissa e Gustavo jamais ficarão desamparados ou sozinhos.”

Papai foi capaz de conter a emoção durante todo o discurso, mas a fase final foi dita com a voz embargada pelo choro, enquanto que pela sua face a lágrima escorre e não diferente estamos todos nós.

Ao meu lado vejo Gustavo secando suas próprias lágrimas e seguro tão

firme nossas mãos unidas, querendo dizer exatamente o que meu pai falou. Eles jamais ficarão sozinhos.

Os últimos momentos da cerimônia acontecem, o sacerdote convida a família para se aproximar do caixão e vejo pela primeira vez nesta triste ocasião, os pais de tio Luís. O casal já de idade avançada é amparado por seus familiares, e eles, por sua vez, também se abraçam à tia Melissa e Gustavo.

É como meu pai disse: cada abraço nos conforta.



Já no cemitério que fica ao lado da igreja, o adeus definitivo se dá. Ao som do choro dolorido, principalmente de tia Melissa, o caixão de tio Luís é baixado na sepultura, meu pai e Gustavo a sustentam pela cintura, pois é nítida a fraqueza de seu corpo tomado pela tristeza e dor de perder o marido. Minha mãe e vó Luiza também estão por perto e nós nos mantemos nessa necessidade de querer um consolar ao outro. Alice, Gaetano e eu estamos abraçados, posicionados logo atrás deles. As lágrimas lavam nossos rostos. Deus do céu, como isso dói! Por um instante reparo em Nina, que está ao meu lado com um aspecto solitário, seus braços circundando o próprio corpo.

Observando-a, sou surpreendida quando Gustavo passa por nós abrindo caminho, saindo desse amontoando de pessoas.

— Alguém tem que ir atrás do Gustavo — Gaetano diz, preocupado.

No mesmo instante me viro para segui-lo, também no mesmo instante cinco dedos se fecham ao redor do meu braço, fazendo-me parar.

Nina me encara e eu a ela.

— Ele pode estar com você, mas continua sendo meu primo — digo tão séria e fria que percebo o olhar de Nina se tornar vacilante.

— Escute, garota — Alice vocifera entredentes. — Solte o braço da Valentina agora. É dela que ele precisa e não de você.

— Desculpe. — Nina solta o meu braço. — Eu só queria avisar para que não deixe ele dar o primeiro gole. A bebida só vai piorar as coisas e Gustavo não fica nada bem.

Apesar do tom de voz de Nina não ser de embate ou qualquer coisa do tipo, não lhe respondo nada e sigo em busca de Gustavo, mas a frase dita por ela se repete em minha mente e o fato de parecer que Nina é capaz de conhecê-lo melhor que eu, me irrita e me causa ciúmes. Que porcaria é essa? Gustavo não é de beber, pelo menos não era.

Apresso-me e avisto Gustavo já quase no portão de saída do cemitério.

— Gustavo? — chamo-o, alto o suficiente para que me ouça.

Ele para de imediato e eu o alcanço.

— Aonde você está indo?

Seu olhar está tão triste e perdido...

— Não sei, apenas não consigo... não quero mais ficar nesse lugar — murmura.

— Vem. — Pego em sua mão, aproximando-o de mim. — Vamos sair daqui.

Não demora e estamos diante de seu carro.

— Me dê a chave — peço.

Ele a tira do bolso e me entrega, então começo a dirigir sem saber ao certo para aonde vamos, até que julgo que a casa da vó Luiza seja um bom lugar.

— Mais a frente tem um posto de gasolina — Gustavo diz após alguns quilômetros que percorremos em completo silêncio.

Confiro o marcador de combustível.

— O carro não precisa ser abastecido — observo.

— Preciso comprar algo.

— Algo?

— É... Apenas pare no posto, por favor?

Sinto que sua tristeza se mistura a algo amargo e isso não é bom.

— Ok. — Inspiro fundo.

Alguns minutos depois estaciono o carro próximo à entrada da loja de conveniência do posto de gasolina.

— Quer alguma coisa? — Gustavo pergunta, logo entendo que ele não quer eu o acompanhe.

— Não, obrigada.

Ele deixa o carro e mentalmente xingo, por imaginar que o aviso que Nina me deu possa fazer algum sentido. Afinal, quanto Gustavo pode ter mudado nos últimos tempos? E se aconteceu, por que permitiu dessa maneira? Tínhamos planos, promessas... e tudo bem — mesmo me machucando — se ele decidiu não os seguir. Só que minha ausência não deveria lhe causar essas mudanças de aspecto negativo. Ele tinha que ser mais forte que isso.

Atento-me em aproveitar do tempo que o aguardo para enviar uma mensagem à Alice, e assim deixá-la informada de que estamos indo para a casa de vó Luiza.

Enfio o celular no bolso do casaco quando vejo Gustavo voltando, pressiono as mãos ao redor do volante e respiro aliviada por perceber que em suas mãos estão apenas duas garrafas de água.

De volta ao carro, ele abre uma delas e bebe a água com demasiada

pressa que chega a escorrer pelos cantos da boca.

— Merda! — murmura, passando o dorso da mão para secar.

Por alguns segundos eu fico hipnotizada na boca dele com lábios entreabertos e úmidos, até que percebo que Gustavo está com a garrafa de água estendida para mim. Dou um sorriso sem graça e a agarro, tomando um grande gole.

— Para aonde vamos? — pergunta assim que lhe devolvo a garrafa.

— Pensei na casa de vó Luiza.

Gustavo assente e se ajeita no banco, passando o cinto de segurança sobre o seu corpo. Dou partida no carro, ciente de que estar perto dele, qualquer que seja a circunstância, continua tendo o mesmo efeito de sempre. Gustavo faz meu coração disparar.

De volta a casa de vó Luiza, eu sugiro para irmos até o labirinto. Depois que sugeri pensei se era uma boa ideia, o lugar me trará lembranças que perto de Gustavo podem se tornar difíceis de serem lembradas. No entanto, como sempre dissemos, o lugar é tão especial e acolhedor que se torna um bom refúgio para momentos como este.

— Você vem? — pergunto depois de sair do carro e perceber que Gustavo ainda está dentro dele.

— Eu só preciso de uns minutos. Tudo bem?

— Tá... tudo bem.

Afasto-me em direção aos fundos da casa, espero por alguns minutos antes de entrar no labirinto, mas Gustavo não aparece, o que me faz fazer o caminho inverso e verificar se está tudo bem.

Aproximo-me do carro e o vejo encostado nele com a cabeça baixa encarando o chão e... levando um cigarro até a boca. Não acredito!

Absorto certamente em seus próprios pensamentos, não percebe minha presença, mas dá um sobressalto assim que solto minhas palavras sem esconder o tom de desagrado.

— Vejo que adquiriu um novo hábito. — Cruzo os braços ante a ele, encarando-o.

— Pois é... — Gustavo dá de ombros e sequer me olha.

— Nada saudável, sabia?

Ele leva o tempo de dar pelo menos duas tragadas lentas e fundas e responde:

— Sabia. E sabia também que não ia gostar. Por isso disse para você ir na frente.

Bufo e Gustavo arremessa o cigarro no chão ao lado dele, apagando a brasa com a ponta de seu sapato.

— Não é por mim, é por você. Me dê — peço.

— Valentina...

— Me dê essa porcaria — ordeno e é a vez de ele bufar.

A situação me deixa tão irritada que enfio as mãos no bolso de sua calça em busca da carteira de cigarros.

— Merda! — ele exclama, chateado, quando a retiro do seu bolso.

Abro conferindo a quantidade de cigarros e percebo que está cheia.

— Foi para comprar essa porcaria que me pediu para parar no posto, então — constato.

— Além de água e isso aqui também. — Gustavo tira do bolso do paletó, um bombom. — Pegue.

Oferece, lançando-me aquele seu olhar semicerrado, adornado lindamente com as sobrancelhas unidas que formam vincos em sua testa.

— Obrigada. — Pego o bombom de suas mãos com pressa, como se estivesse roubando-o, e guardo no bolso do meu casaco, enfiando junto à carteira de cigarros.

Gustavo solta um sorriso.

— Tem mais aqui, se quiser — ele avisa.

— Não pense que eu vou devolver o cigarro só porque me deu um chocolate — falo com o cenho franzido.

Gustavo não diz nada enquanto se ocupa em desembulhar uma bala do papel. Reparo na embalagem vermelha. Alguns hábitos continuam os mesmos. Se há um sabor que me faz lembrar de nossos beijos, é *halls* de morango.

— Isso nem passou pela minha cabeça — ele arremata, enfiando a bala dentro da boca.

E agora sim, roubo de sua mão a embalagem contendo mais da bala e pego uma para mim.

Encaramo-nos com um ar de diversão, o que parece fazer eliminar o ar de tensão quando o repreendi por fumar.

Ao sentir o sabor da bala é como se pudesse experimentar o sabor de nossos beijos e quando a bala dança em minha boca, é como se eu também pudesse sentir a língua de Gustavo dançando junto com a minha.

— Vamos? — ele propõe.

— Vamos. — Respiro fundo e digo a mim mesma para que não fique tendo essas lembranças, principalmente porque estaremos juntos e sozinhos no labirinto.



Valentina

— Valentina? — A voz de Gustavo ressoa baixo enquanto ele fita o céu.

Desde que chegamos ao centro do labirinto e nos deitamos na grama, estamos com a atenção em nuvens isoladas que se movem devagar. A cor branca delas misturada ao azul claro do céu promove um visual que inspira uma certa paz.

— Sim? — Suspiro, fechando os olhos e sentido os raios de sol tocar minha face.

— Me fale um pouco de você... de como está a sua vida lá.

Abro os olhos e viro o corpo em sua direção.

— Você quer mesmo saber? — rebato para ter a certeza de que ele quer mesmo falar desse assunto, visto que tudo que envolve essa nova fase da minha vida acabou por — infelizmente — interferir em nossa relação.

— Adoraria.

Sua afirmação vem acompanhada de um sorriso que ele me lança ao se posicionar de lado, demonstrando atenção e disposição em me ouvir, então começo a contar minha rotina, tentando não soar cansativo demais, meio impossível, afinal, minha rotina é.

— De segunda a sexta-feira, fico em tempo integral na faculdade, só que nem sempre com aulas, mas aproveito para estudar, fazer meus trabalhos e pesquisas, essas coisas... E como estou inscrita no programa de intercâmbio universitário e de voluntariado, aos sábados passo o dia no hospital infantil. Com isso, também participo do trabalho de campo, alguns finais de semana vou com uma equipe composta de profissionais de saúde e assistência social e estudantes voluntários para países em situação precária, a maioria que já sofreu ou ainda sofre com a guerra civil, como Moçambique, por exemplo — explico e Gustavo assente com atenção. — Já estive também no Zimbabwe — acrescento. — Porém, Moçambique é o país que vi mais pobreza e é o que atualmente, dentre esses que estão ao sul e sudeste da África, o que mais necessita de ajuda, por isso nossa ida a esse país tem sido com mais frequência.

— Não dever ser fácil ver tudo isso de perto — ele comenta, franzindo a testa.

— Nem um pouco. Mas sabe que apesar de Moçambique ser o lugar com as cenas mais tristes que já vi, foi o que mais gostei de visitar?! Acho que por causa da interação que foi mais fácil, já que o domínio português, que durou por quatro séculos, a língua oficial é o português. Há também as línguas nativas, e é bem interessante, acabo aprendendo também.

Dou as informações e em seguida noto que parece que estou dando uma aula de história. Eu e minha mania de explicar tudo em detalhes.

— E como é feito esse deslocamento para esses países? Fica longe, não fica? — Gustavo emenda a pergunta logo em seguida, fazendo-me perceber que ele se torna a cada segundo mais interessado pelo assunto.

— Como é um trabalho realizado em conjunto com a Organização das Nações Unidas, há uma ajuda nesse sentido. Em alguns lugares vamos em carros e para as áreas mais distantes vamos de avião — esclareço.

Gustavo arqueia as sobrancelhas com uma expressão de surpresa.

— É uma experiência e tanto que está vivendo — acrescenta.

— É sim. Tenho aprendido muito. Além da experiência em si e ser voluntária como eu queria, isso me dá também a experiência de estar em contato com crianças e vendo o atendimento dado a elas. Acaba colaborando para que quando chegue o período da residência eu já esteja familiarizada em alguns aspectos com a pediatria.

Gustavo curva os lábios com uma expressão contemplativa.

— Eu consigo imaginar você distribuindo esse sorriso e sua atenção para essas crianças — diz com carinho, elevando a mão até meu rosto, perpassando o polegar em minha bochecha. O toque e suas palavras são um afago para minha alma. Ele não cansa do assunto e faz outra pergunta: — E me

conta, além de acompanhar e com isso aprender, você já tem feito algo na prática relacionado à medicina?

Seu interesse é nítido por saber dos detalhes, o que me motiva a falar mais.

— A partir do segundo ano nessa rotina de hospital e visitas de campo, comecei a fazer procedimentos simples. Lá qualquer mão de obra é bem-vinda. Eu geralmente auxilio no processo de triagem — elucidado. — Cadastro crianças, confiro medidas, peso, verifico sintomas e conforme eles são, identifico a causa de doenças. Tudo, claro, sob supervisão de um médico. — Dou um sorriso, recordando meu trabalho e de como me sinto bem em fazê-lo.

— Seus olhos brilham contando. Você nasceu pra isso, Valentina.

Ouvir Gustavo falar algo desse tipo me deixa feliz. Acho que no fundo sempre esperei que ele pudesse compreender como é importante para mim, fazer o que estou fazendo.

— Sabe... eu tenho tentado ser o mais útil possível e fazer valer a pena que eu esteja lá. Ainda me impressiono com tudo que vejo. É difícil não sentir ou se comover com uma realidade tão dura e sofrida. A primeira vez que fui a campo, tive que me segurar para não chorar no local. Só fiz isso depois. Lembro que naquela noite as imagens daquelas crianças não saíam da minha mente e eu chorei por horas.

Fecho os olhos, recordando a carência, vulnerabilidade daquelas crianças. E também da força de vontade de todos que estão trabalhando na África. No rosto de cada voluntário há esperança e amor. E quando chegamos para fazer os atendimentos, podemos despertar isso naquelas pessoas. O que já é um grande passo, porque eles precisam de muitas coisas, mas principalmente de amor e esperança.

A sensibilidade desse dia, de perder tio Luís e falar sobre esse assunto, me emociona e mesmo sem querer, algumas lágrimas descem sem freio pelo meu rosto. Abro os olhos e começo a secá-las. No mesmo instante Gustavo passa o braço sobre meu corpo, puxando-me para si, e me abraça.

Meu rosto se aninha entre seu pescoço, fazendo com que meus lábios o toquem. Eu posso sentir Gustavo engolindo com força, como se o contato tão próximo fosse capaz de o deixar tenso.

Porém, ele se demora um tempo ali, até que me afasta brevemente e diz:

— É muito corajoso o que está fazendo, Valentina. Continue sendo essa garota valente sempre. Saiba que tenho orgulho de você. — Gustavo volta a tracejar o polegar pela minha face e seus olhos diante dos meus expressam tamanha sinceridade de suas palavras. — Vendo você falar dessa forma, com

tanta paixão pelo que está fazendo, compreendo melhor algumas coisas, como antes não compreendia ou não queria compreender.

— Compreende? — pergunto, no intento de que ele me diga mais sobre o que *de fato* não compreendia.

— É. Compreendo. — Ele aperta os lábios e baixa olhar. — Mas deixa pra lá. — diz por fim, inspirando fundo e lentamente.

Assim, Gustavo me solta de seus braços e retorna a ficar alguns centímetros distante de mim, como se ele precisasse daquele espaço entre nós. O afastamento me causa um vazio instantâneo e assim como aconteceu horas antes quando nos encontramos e ele me abraçou, mas de repente abandonou nosso abraço, me sinto tonta e confusa.

Descanso as costas na grama e agarro uma mão na outra sobre o meu peito, onde meu coração inquieto bate. Inquieto também está meu cérebro, querendo saber o que tem acontecido com Gustavo.

— E você? Como estão as coisas por aqui, a faculdade... a vida? — Arrisco perguntar.

A resposta não vem de imediato. Cravo o dente no lado interno da minha bochecha, com receio de sabê-las.

Isso é bizarro e triste.

Da mesma forma que essa conversa soa natural, soa também estranha e amarga. Gustavo e eu fazendo perguntas de novas vidas, quando sempre fizemos parte um da vida do outro. E agora parecemos dois estranhos.

— Ele tinha razão em tudo — Gustavo libera a primeira frase. Compreendo que ele se refere ao pai. Volto a ocupar a posição de lado e encaro a lateral do rosto dele enquanto ele continua: — Eu tinha que estudar Direito. No primeiro dia de aula eu soube disso e a cada semestre a certeza vai aumentando.

Sua declaração é firme, como se Gustavo não estivesse fazendo apenas a mim, mas a ele mesmo. É uma confirmação interna de algo que por um tempo ele quis negar.

— Você continua com as aulas no período da tarde? — Jogo o questionamento simples, desejando que ele continue a falar do assunto pelo qual iniciou e que aos poucos me deixe saber mais dele.

— Não. No primeiro ano já estava gostando do curso, mas ainda não estava levando tão a sério como deveria. Por isso meu pai fez com que eu me transferisse para de manhã. E como eu disse, ele tinha razão em tudo. Com as aulas neste período, parei de chegar de madrugada em casa e por consequência ficar dormindo até tarde. — A informação me desperta curiosidade em saber por onde, o que e com quem ele ficava até altas horas da noite, mas a informação também tem o mesmo efeito de uma faca afiada brincando na minha garganta.

Por medo de que a resposta possa fazer essa faca se afundar em minha pele, não faço qualquer questionamento e o escuto concluir. — Então passei a estudar de manhã e pelo menos três dias da semana ir à tarde para o escritório com ele.

E é nisso que me prendo.

— Ele devia estar feliz com isso. — Engato o assunto.

— Estávamos nos dando bem. — Gustavo se vira de lado e só agora fala olhando para mim. — Por um tempo eu até podia fazer tudo por obrigação, mas chegou ao ponto que era por gostar mesmo. Comecei a me esforçar bastante em muitos aspectos, e quanto mais isso acontecia, mais eu podia notar que fazia bem a ele e a mim. E por sorte isso aconteceu, do contrário, tenho certeza que hoje não estaria só triste, mas também cheio de remorsos.

Suas palavras me fazem retornar a instantes atrás no carro, quando me questionei o quanto ele poderia ter mudado de forma negativa. Aquela frase da Nina acabou tendo um grande peso em minha avaliação, mas ao tomar ciência através de Gustavo que ele vinha se esforçando em muitos aspectos, demonstra que de alguma maneira estava tentando se manter firme e progredir de um jeito que deixava o pai feliz e a ele também. Isso conforta meu coração ao passo que me arrependo de qualquer julgamento prévio que eu possa ter feito.

Capto a emoção que o assunto traz a ele. Gustavo passa a mão pelo rosto e por último sustenta a mão sobre a boca, e eu percebo seus olhos marejarem. Um nó se forma em minha garganta com a dor que vejo em suas feições. Tomo a liberdade de me aproximar e toco o centro de seu peito por de baixo da gravata preta decaída para o lado, acompanhando a posição de seu corpo.

— Tenho certeza que ele estava orgulhoso e feliz com...

— Não vou negar, Valentina — ele me interrompe com nítida pressa de falar. — Eu tive e ainda tenho dias sombrios desde que você foi embora. E meu pai foi fundamental. Se não fosse ele... — Suas palavras cessam no ar, e mesmo que não ditas, ecoam dolosamente no silêncio.

— Eu sinto muito... — Engasgo e me sinto trêmula. — Sinto por ter ido embora.

— Não sinta. — Gustavo leva a ponta dos dedos sobre meus lábios, silenciando-me. — Tinha que ser assim, você tinha que ir. Meu pai me achava dependente demais de você. E é uma verdade — Ele dá um sorriso tímido —, tanto que eu não soube, não consegui suportar nossa separação, e acabei fazendo umas merdas.

— Por minha culpa.

— Não. — Gustavo balança a cabeça de um lado para o outro em negação e seus dedos se tornam urgentes ao transitarem pela minha face. — Não

tome essa culpa para você, Moranguinho. — Amoleço com o apelido que sai tão doce de seus lábios. — Isso é comigo. Meus atos, minhas consequências, minhas responsabilidades.

A franqueza da conversa dói, mas é necessária e me pergunto porque esse tempo todo não a tivemos, como vivemos nesse limbo de nossos próprios sentimentos, negando-os. Gustavo principalmente, porque não me disse tudo isso antes.

Meu coração acelera, minha boca se abre e deixo que tudo que quero dizer venha à tona.

— Eu sabia que ia ser difícil, afinal nossa ligação sempre foi forte, mas eu julguei que seríamos capazes de fazer dar certo... que mesmo estando longe conseguiríamos. Errei por não identificar o quanto minha decisão teria efeito sobre você. Me perdoe. As coisas poderiam ter sido diferentes se eu não tivesse ido. Lamento tanto.

A emoção me envolve com força e... por Deus! Outra vez estou chorando.

— Valentina, me ouça. — Ele toma meu rosto entre suas mãos — Eu nunca me perdoaria por ter impedido você de fazer algo que tanto queria só por minha causa. Ia ser uma merda ainda maior, porque no futuro eu ia me arrepender e você também. — Nego num sussurro triste e choroso. — Iríamos, sim. E veja, talvez se eu não precisasse tanto de apoio eu não saberia o quanto meu pai poderia ser o *meu* apoio. Talvez também, não teria me reaproximado dele. Tudo tinha que ser exatamente como foi. Entende? Por isso, não se culpe por nada que me aconteceu nesses últimos anos. Se torna claro que foram experiências pelas quais eu tinha que passar para aprender, e acho que a vida estava me moldando para este dia, me preparando para que minha tristeza não se tornasse em revolta... remorso. Não dá mais para agir assim — ele enfatiza. — Mais do que nunca a vida vai me cobrar que eu amadureça de uma vez por todas. Minha mãe vai precisar de mim, eu preciso seguir firme. Tem o escritório e eu não quero que feche porque ele morreu. Vou continuar por meu pai, por mim. Preciso fazer algo além... de... te amar.

— Eu vou ficar — declaro.

— Como assim? — Gustavo meneia a cabeça, olhando-me surpreso.

— Eu sei que as circunstâncias são outras e que você está com a... espera! — Atento-me apenas agora para o que ele disse segundos antes. — Você disse além de me amar? — Gustavo assente. — Você ainda me ama?

— Você tem alguma dúvida disso? — rebate, arqueando as sobrancelhas, quase numa expressão incrédula.

— Mas de que jeito? — Devolvo rápido. Isso está confuso.

Ele suspira.

— Do jeito que mesmo com toda a tristeza que estou sentido por perder meu pai, eu não consigo parar de sentir meu coração acelerado, ou ficar tenso por ter você perto de mim, ainda mais no labirinto, onde tivemos um ao outro pela primeira vez e isso me dá uma vontade louca de poder repetir tudo outra vez. E porque... caralho! Como você tá linda!

Na mesma velocidade com que Gustavo fala tudo de uma só vez, no final da frase a mão dele vai até minha nuca e se embrenha em meu cabelo, me puxando para perto dele à medida que ele também se lança para mim. Meu cérebro e meu corpo se esforçam para se manterem intactos do desejo que me toma de assalto. *Ele tem namorada*. Guerreio com a razão. Entretanto, começo a perder essa guerra quando a boca de Gustavo se aproxima da minha deixando que seus lábios perpassem nos meus. E em seguida ele desliza o rosto em minha face com toques suaves, sua respiração pesada soprando em minha pele e me fazendo perceber o quão desesperado seu estado se torna.

O calor da sua respiração e do encontro de nossas peles me deixa quente e inquieta. Fazendo-me entrar em combustão quando sua boca se une à minha e sem permissão sua língua busca por espaço em minha boca. Um fio de autocontrole me impede de deixar que a minha se junte a dele, e até minhas mãos vão ao seu peito tentando parar Gustavo, mas isso só acontece por um milésimo de segundo, pois no outro eu o puxo pela gravata, querendo-o mais perto do que seja possível. E assim deixo que nossas línguas dançam juntas a nossa música de saudade, dor... amor.

Beijamo-nos de maneira afoita, quase truculenta, as cabeças se movendo na urgência dessa dança. Pressionamos, sugamos um o lábio do outro na imensidão de nossos sentimentos devastados, machucados. Mas ainda ali, presentes em nós.

De olhos fechados recebendo seu beijo, uma cascata de nossos momentos invade meus pensamentos.

Inseparáveis...

Para sempre...

Únicos um para o outro...

Únicos e inseparáveis.

— Não está certo! — pronuncio ofegante em seus lábios e afasto minha boca da dele. — Não entendo!

Levo as mãos à têmpora e essa confusão é sufocante. Levanto-me do chão e encaro o céu, querendo colocar ordem na minha respiração e em meus pensamentos.

— Desculpe — Gustavo murmura ficando de pé ante a mim, mas eu

não o olho.

Eu quero gritar e dizer que se ele ainda me ama, então por que diabos está com a Nina? Justo ela? Eu parecia estar amortecida ou ignorando esse fato desde que Alice me contou que eles estavam juntos, simplesmente porque julguei que eu não merecia ficar chateada quando fui eu a ir embora e o deixar.

Mas fui certa de que manteríamos nossas promessas.

Erámos para ser inseparáveis, únicos um do outro, mesmo que longe fisicamente, pois nossos corações deveriam ficar unidos seja por pensamentos ou pela força do nosso amor.

Únicos e inseparáveis... Onde, afinal, ficaram nossas promessas? Nosso amor?

Encaro-o remoendo as perguntas, mas encontro seu olhar tão cabisbaixo e me lembro de toda dor pela qual Gustavo está passando.

— Tudo bem. — Pisco, segurando os olhos fechados.

— Eu te devo uma explicação. — Ergo minha mão, indicando para que ele pare de falar. — É complicado... — ele continua.

— É — concluo, interrompendo-o. Abro e olhos e acrescento: — Mas você não me deve explicação nenhuma. — Minto por afirmar isso. Eu queria de Gustavo não como uma cobrança, apenas para que eu pudesse entender. — Você está lidando com a morte do seu pai, eu estou lidando com a morte do meu tio. Já estamos machucados demais por hoje, não acha?

— Acho — sussurra. — Mas se tiver algo que queira me dizer...

Gustavo me encara pressionando a mão na nuca e suas feições transmitem inquietação.

Decido voltar ao assunto do início, mesmo sabendo que não é sobre isso que ele espere que eu tenha para dizer. Mas é o que me vem à mente, como uma fuga para esse tom de conflito que paira no ar.

— Esqueci de comentar, mas um procedimento que tenho feito muito é colher o sangue de crianças. — Seu semblante se suaviza e eu me ponho a falar sem freio. — Estávamos em Moçambique, uma criança chorava e esperneava, de tal maneira que ninguém a acalmava. A *pobrezinha* teve o braço furado por agulhas em vários lugares e não conseguiam colher o sangue dela, em um ímpeto eu pedi a equipe médica que me deixasse tentar. Eu usava um boné para me ajudar a proteger do sol, era final do verão e estava extremamente quente. Tirei o boné *cor-de-rosa* que Alice me deu... — acrescento o detalhe da cor, juntando informação de que foi Alice que me deu, e só poderia ser ela para me dar um boné desta cor, ainda bem que em tom claro de rosa, e isso nos faz sorrir — na intenção de o oferecer à menina e assim a distrair, além de tudo que já havia sido tentado. Bom... me aproximei, fiz isso, dei o boné, mas ela o deixou de lado e se

distraiu com meu cabelo que acabou caindo para frente dos ombros. Ela começou a mexer nele, aproveitei para conversar e esticar o fino bracinho dela na maca e enquanto seus dedos se prendiam às pontas do meu cabelo, consegui encontrar uma veia e colher o sangue. Eu tremia, mas quando tirei a agulha do braço dela com a seringa com sangue, em pensamento agradei a vó Beth por ter me ensinado a colher sangue.

Dou um sorriso, recordando do olhar surpreso da menina quando eu disse a ela que poderia ficar com o boné, porém, meu sorriso se estende ainda mais ao lembrar do seu rostinho alegre quando eu abracei e ela permaneceu a brincar com o meu cabelo por um tempo. Aquele povo é desprovido de tudo, a única coisa que eles têm é a vida, e ainda que dura, eles são capazes de se alegrarem com tão pouco.

— Eu lembro disso — Gustavo solta.

— Como lembra? Nunca falamos sobre isso.

Ele pisca algumas vezes.

— Lembro do dia em que acabamos passando uma tarde na clínica — explica. — Foi no final das férias, estávamos de boa na piscina e seu pai ligou dizendo que a clínica precisava com urgência de sangue tipo “O” negativo, e se nós poderíamos ir doar.

Assinto.

— Doamos sangue e depois Beth decidiu que ia me ensinar “a achar a veia perfeita”. — Uso as próprias palavras de Beth.

— Não é incrível isso? — Ele pega em minhas mãos.

— O quê? O fato de doar sangue ou achar a veia perfeita? — Sorrio.

— O fato de que até nosso tipo sanguíneo é o mesmo.

Gustavo também sorri e não só com os lábios, mas também com o olhar.

— Ainda mais que “O” negativo é o tipo sanguíneo de apenas 9% da população brasileira e em contraponto o único que pode ser usado em qualquer pessoa, tornando-se assim o tipo de sangue mais desejado nos hospitais. E isso faz de nós dois doadores universais. É incrível, sim — concluo e confirmo por fim.

— Eu continuo doando — ele comenta.

— É uma linda ação e também uma forma de ajudar o próximo.

— É... estou fazendo algo, pelo menos. — Dá de ombro, soando sem importância.

— Algo *muito* importante, por sinal.

Estamos diante um do outro, falando de um assunto que aparenta ser aleatório ou fora do contexto de tudo o que estamos sentindo e passando nesse

dia, mas por alguma razão isso soa natural e nos leva para longe da realidade.

— Falando em algo importante, preciso ver como minha mãe está, ficar com ela. Vamos?

A gente até pode fugir da realidade por algumas horas, mas não para sempre.

— Vamos. Tia Melissa precisa de você.



Sou eu quem conduzo o carro até a casa de Gustavo, fazendo o trajeto que ele sugere, pela via expressa. Particularmente não gosto dela, mas Gustavo sempre a usa para fazer o percurso entre a casa de vó Luiza e o condomínio em que moramos, e vice-versa. A velocidade dos carros nessa via e quantidade me deixa concentrada em apenas dirigir com total atenção, tanto que meu celular começa a vibrar no bolso do meu casaco e apenas ignoro. Quem quer esteja ligando insiste e no silêncio dentro do carro o som do aparelho vibrando se repete sem parar.

— Quer que eu pegue? — ele oferece.

— Sim, por favor.

A mão de Gustavo vai até o bolso do lado direito e tira o celular.

— É o Gaetano. Acho bom atender.

Faço que sim com a cabeça.

— Devem querer notícias sobre nós — falo, no mesmo instante que Gustavo atende a ligação. A conversa é rápida o suficiente apenas para dizer que estamos voltando.

Depois disso nada mais é dito até que o percurso seja findado. Paro o carro em frente à garagem da casa de Gustavo e ele aciona o controle do portão para abri-lo. Nos segundos de espera, reparo no carro do meu pai estacionado ali por perto.

Aquele distinto vazio preenche meu peito, um sentimento triste em imaginar o quanto tia Melissa, Gustavo e todos nós iremos sofrer com a saudade que tio Luís vai deixar.

Estaciono na garagem logo atrás de outro o carro, o de tio Luís, percebendo o olhar fixo de Gustavo para o veículo. Tenho certeza que ele está diante das mesmas sensações que a minha. A casa cheia de recordações não será fácil, principalmente para quem vive nela.

— Malaika. O nome da menina é Malaika.

Me vejo dizendo aleatoriamente, sem fazer sentido para o momento.

— Você consegue gravar o nome de todas as crianças?

— Não. Mas o dela eu gravei.

— E ela está bem? O que aconteceu com ela?

Gustavo me acompanha na conversa, talvez querendo alguma distração antes de enfrentar a realidade do vazio que está o seu lar.

— Não sei... Quando voltamos na mesma aldeia que a vi pela primeira vez, ela já não estava mais lá.

Gustavo assente em silêncio, solta o cinto de segurança e eu também, no entanto ele não faz menção em sair do carro e eu também não.

— Obrigado por ter ficado o tempo todo ao meu lado. Sem você eu não teria conseguido — ele fala engolindo forte, empurrando sua emoção.

— Você sempre poderá contar comigo. — Agarro a mão dele que repousa sobre sua coxa e aperto firme. — Sempre, independentemente de qualquer coisa, poderá contar comigo — certifico com ênfase.

Gustavo ergue a mão livre até meu rosto e dois de seus dedos deslizam pela minha pele enquanto o olhar me entrega ternura. Uma grande ternura.

— Você é a minha Malaika. — Franzo a testa. — Anjo. Não é isso que significa o nome Malaika?

— É... — A única vogal que digo sai sem força diante da surpresa. — Como sabe?

Gustavo sorri.

— Acha mesmo que eu ficaria esse tempo todo sem saber como você estava, ainda mais vivendo tão longe de casa? E que eu não me atentaria a todos os detalhes que me eram contados? Principalmente deste fato, que foi tão falado nos almoços de domingo, visto que pelo jeito, Beth conseguiu fazer uma ótima discípula nessa arte de picar pessoas com agulhas sem que elas sintam qualquer dor.

Balanço a cabeça sorrindo, sem acreditar.

— Você sabia de tudo? Da minha rotina... tudo?

— Tudo quanto eu conseguia saber.

— E por que me fez tantas perguntas se já sabia as respostas?

— Porque eu queria ter a certeza de que poderíamos ser quem sempre fomos, capazes de conversar e dividir nossa vida um com o outro. Além do mais, porque eu adoro te ver e te ouvir falando do que ama, pois sempre que faz isso seus olhos ganham um brilho tão forte que é capaz de produzir uma luz incandescente que alcança minha alma obscura e entristecida. É nessa luz que eu vou me agarrar, Valentina. Eu não fui capaz de fazer isso antes, mas agora serei.

— Gustavo...

— *Shhh...* — Ele inclina o corpo na direção do meu e me abraça.

Fecho os olhos enquanto meu queixo se apoia em seu ombro. E então, surpreendentemente, suas mãos deslizam pelas minhas costas. Quando ele começa a cantarolar baixinho em meu ouvido: — *Malaika, nakupenda, Malaika*. Anjo, eu te amo, Anjo. *Malaika, nakupenda, Malaika*. Anjo, eu te amo, Anjo.

Sinto-o sorrindo enquanto canta unindo a língua africana e o nosso idioma, me enche de surpresa e graça ver que ele sabe essa música que é conhecida e consagrada como um hino de amor à África. Eu a aprendi assim que cheguei em Johannesburgo. Lá, todos cantam... *Malaika, nakupenda, Malaika*.

Uno minha voz a dele e eu posso até ouvir a batida leve do tambor africano ecoando em tons suaves, que faz com que eu me movimente levando Gustavo comigo nesse ritmo calmo.

O sorriso da menina Malaika surge e meus pensamentos... aquele cheio de esperança, mesmo quando a vida parece lhe tirar tudo, em seus poucos 4 anos de idade.

Malaika, nakupenda Malaika

(Anjo, eu te amo, anjo.)

Malaika, nakupenda Malaika

(Anjo, eu te amo, anjo.)

Nami nifanyeje, kijana mwenzio

(E eu, seu jovem amigo, o que eu deveria fazer?)

Nashindwa na mali sina, we,

(Estou derrotado pelo dinheiro do casamento que eu não tenho)

Ningekuoa Malaika

(Eu casaria com você, meu anjo)

Nashindwa na mali sina, we,

Estou derrotado pelo dinheiro do casamento que eu não tenho

Ningekuoa Malaika

Eu casaria com você, meu anjo

(...)



Gustavo

Minha mãe está tão encolhida na cama que seu corpo pequeno parece se tornar ainda menor e o pijama azul-marinho do meu pai que ela está usando sobra além de seus pés, chegando a escondê-los. A posição curvada em posição fetal demonstra quão frágil está seu corpo, sua alma.

O travesseiro que não é o dela, mas sim o dele, acolhe seu rosto de um jeito, como se ela fizesse do travesseiro o peito do meu pai, onde tenho certeza que era o lugar em que minha mãe se aconchegava todas as noites para dormir. Como agora ela não o tem mais, resta-lhe usar e se agarrar a esses pequenos detalhes e puros artifícios para enganar a ausência do homem que ama.

A visão sob a penumbra do quarto me causa uma dolorosa pontada no peito, meu coração se aperta e sinto uma necessidade extrema em abraçar essa mulher tão ferida, e pedir a Deus que aos poucos ela encontre conforto e que de alguma maneira sua dor amenize. Eu não sei como e quando isso irá acontecer, mas de uma coisa eu tenho certeza: eu estarei sempre aqui para abraçar e confortá-la.

Meu pai começou a fazer falta na minha vida no instante que eu soube de sua morte, e fará para sempre. A dor que estou sentindo fere cada parte de mim, deixando-me frágil. Tudo que minha mãe e eu estamos passando nos

machuca, mas nos une. Sei que precisarei ser forte, e mesmo que a minha força seja pequena, unindo-se a da minha mãe, conseguiremos enfrentar essa triste fase de nossas vidas.

Sigo até seu lado na cama, deito-me de forma mansa e do mesmo jeito acaricio a extensão de seu braço por cima do tecido de algodão do pijama.

— Luís... — Ela suspira com o toque.

Aperto os olhos lamentando sua ilusória sensação de que ele pudesse estar aqui.

— Sou eu, mãe. — Dou-lhe a realidade.

Ela suspira outra vez e se vira em minha direção. Seus olhos amendoados estão pequeninos por causa de suas pálpebras inchadas ocasionadas do choro extenuante. O brilho sempre presente em seu olhar foi substituído por algo opaco e triste, assim como o curvar singelo de seus lábios que ela me oferece.

— Eu estava preocupada com você — diz, levando a mão até meu rosto. Suas palavras soam fraca, assim como ela está por completo.

— Não se preocupe, mãe — tranquilizo-a.

Em silêncio ela se aninha dentro dos meus braços e seu rosto se afunda em meu peito. Aconchegada em meu abraço, ela também envolve os braços em meu corpo e aquilo que imaginei acontece. Minhas poucas forças se unem a dela. É assim que terá de ser. Ela e eu, reunindo o que de forças nos resta. Mas quando todas as forças se esvaírem e o choro vir, também ficaremos juntos. Como agora em que ela começa a chorar e eu também. Nosso choro baixo e abafado se torna uma melodia triste, só que apesar disso, eu não o reprimo, tampouco ela. E por isso ouvimos desta melodia triste pelo tempo que seja necessário ou suficiente.

— Você está cheiroso.

O comentário aleatório surge quando o choro começa a se abrandar.

— Acabei de tomar banho — explico e passo o cabelo úmido em seu rosto, como sempre faço.

Ela se esquia, sorrindo e fungando ao mesmo tempo, assim usa da própria manga do pijama para secar seu nariz.

— Se Luís estivesse aqui, brigaria por eu fazer isso.

— Certeza que sim.

— Ele diria com aquele tom sisudo: “*Melissa, você não é mais criança para fazer esse tipo de coisa*”. Luís fazia questão de me lembrar disso, como se eu já não soubesse, mas a verdade é que eu adorava fazer qualquer coisa do tipo só para provocá-lo. Eu gostava quando ele sorria para mim, mas o seu semblante sério e franzindo a testa o deixava charmoso. Foi dessa forma que ele me olhou

pela primeira vez e conseguiu fazer com que eu me apaixonasse por ele. Luís me ganhou só com um olhar — ela divaga.

Eu percebo que a lembrança lhe faz bem, produzindo em seus lábios um sorriso genuíno e também travesso, que é tão típico dela.

Seu belo rosto de traços delicados fica diante do meu assim que minha mãe se acomoda no travesseiro ao lado. De repente, fecha os olhos e o sorriso some, como se não pudesse estar ali.

— Já é noite? — pergunta-me, averiguando além de mim em direção à janela.

— Sim.

— Dormi por um bom tempo, então — constata consternada e acende a luz da cabeceira da cama. — Eu não queria ter tomado o calmante que Leo me deu — acrescenta, sentando-se e passando as mãos pelo cabelo, que desde sempre usa cortado na altura do pescoço.

Ela ajeita os fios lisos atrás da orelha repetidas vezes, a chateação é aparente, como se o fato de ela ter dormido tivesse feito com que perdesse algo importante durante as horas que esteve inconsciente.

— É bom que tenha dormido, mãe — digo calmo, no intento de que ela fique tranquila quanto a isso e que a agitação que teve antes de apagar no sono não volte. Sento ao seu lado e uno nossas mãos, também como forma de auxiliar para que ela fique calma.

Tio Leonardo me contou que ao chegarem aqui em casa minha mãe seguiu direto para o quarto, tomou banho e quis vestir o pijama do meu pai e foi aí que um acesso de choro e desespero lhe bateu.

Em seu discurso meu tio falou sobre algo que é muito certo. A notícia da morte nos impacta, mas também nos deixa em um estado letárgico e parece até que estamos distantes da situação até que em determinado momento isso passe.

Para mim aconteceu quando o caixão com o corpo do meu pai baixou na sepultura. Ali eu “percebi” que nunca mais o veria, nunca mais teria a companhia de alguém que tanto amo. O desespero bateu e simplesmente não consegui ficar nem mais um minuto naquele lugar. Como cada pessoa reage de um jeito, é bem provável que ao chegar no quarto e se deparar com a realidade que meu pai nunca mais estará aqui ao seu lado, que minha mãe tenha saído do estágio letárgico para o do desespero, a ponto de que tio Leo achou, por bem, que ela tomasse um calmante. Ele me explicou ainda que foi algo leve, só para que seu cérebro abrandasse as emoções e que o cansaço de seu corpo ganhasse espaço para relaxar e a mente descansar com o sono.

— Leonardo e o pessoal ainda estão lá em baixo? Eles podem ir para

casa, sabe? Não tem necessidade de ficar.

— Percebi que estavam cansados e aconselhei a irem. Saíram daqui faz pouco tempo. Tio Leonardo relutou um tanto, mas o convenci e garanti que qualquer coisa o chamava. Vó Luiza ficou. Está descansando no quarto e depois vem te ver.

Ela assente e diz de maneira branda:

— Todo o carinho e esse acolhimento que eles nos oferecem é reconfortante, mas apesar disso, não há muito o que ser feito nesse momento. Além de que todos possuem compromissos, não quero que ninguém pare a própria vida por minha causa. Leonardo e sua avó queriam que eu fosse para a casa de um deles.

— Ele comentou isso comigo.

— Pois é, só que aqui é meu lugar e onde... consigo me sentir mais perto de Luís. — Seu tom de voz baixa ao dizer o nome de meu pai e uma lágrima escorre pelo canto dos olhos. A sensibilidade de suas emoções ainda persistirão por muito tempo. — E você? Se preferir pode passar um tempo fora.

Minha mãe lança um olhar concentrado, aparentemente atentando-se em saber como estou realmente.

— De jeito nenhum. Ao seu lado é o meu lugar — confirmo, beijando-lhe a mão. — E apesar de tudo, posso dizer que... estou bem.

Encolho os ombros e me atrevo a sorrir. É estranho dizer que estou bem quando meu pai está morto, mas também sei que diante das circunstâncias eu poderia estar numa situação pior o que me faz julgar que não seja errado afirmar que estou “bem”.

— Você está sereno. E posso sentir que não está disfarçando só para não me preocupar.

Minha mãe avalia minhas expressões enquanto fala.

— Não. Não é disfarce, dona Melissa.

Dou um sorriso, tocando a ponta de seu nariz.

— Essa serenidade tem um nome... Valentina. Quando eu a vi com você na igreja, meu coração aflito, apesar de tudo, sossegou. Só ela para te deixar calmo, ainda mais numa situação dessas.

— Ela é meu anjo, mãe.

— Eu sei — reconhece e ainda continua com o olhar fixo nos meus. Percebo que suas avaliações também continuam. — Gustavo, e Nina?

Esfrego as mãos no rosto.

— É complicado, mãe.

Capto o leve repuxar do canto de seus lábios, demonstrando desagrado com minha resposta.

— Eu não sei muito além do que você me disse sobre essa moça. Mas o que eu sei, e isso sim, é complicado, é que você está magoando Valentina — minha mãe diz com franqueza.

— E eu estou péssimo por fazer isso — murmuro, e também uso de franqueza ao admitir.

— Acredito que esteja. — A mão de minha mãe se sobrepõe à minha, que repousa no colchão ao seu lado. — Você não é responsável por aquela moça, filho — diz, arqueando as sobrancelhas, imprimindo uma expressão de súplica.

E não deixa mesmo de ser, afinal, mamãe repete essa frase desde que eu contei — o que podia contar — sobre Nina pela primeira vez.

Teve dias que eu ignorei e não dava corda para o assunto, outros apenas respondia: “*só me deixe concluir ao que me propus fazer por Nina*”.

Inspiro fundo, cansado. Mas disposto pelo menos em tentar explicar um pouco.

— Mãe... não é questão de me sentir responsável. Eu me coloco no lugar dela. Se não fosse você e o papai em minha vida, eu poderia muito bem ter chegado ao ponto em que Nina chegou. E parando para pensar, Nina de alguma forma também me ajudou. Além disso, há outra questão bem complexa, que eu preciso... ajudá-la. Sei que é difícil de entender e por isso sempre digo que é complicado. Porque é mesmo.

Mamãe meneia a cabeça e não segura seu contraponto na boca.

— Complicado é perder quem se ama — ela diz, enfática, e eu sinto o tom amargo em sua voz. — Você não perdeu Valentina quando ela foi para a África, mas corre o risco de perdê-la sustentando esse relacionamento, no mínimo estranho, com a Nina.

— Mãe, não diz uma coisa dessas. Eu não posso perder a Valentina!

Sinto-me tedioso por afirmar isso, quando tudo que tenho feito é me afastar de Valentina. Eu e minhas merdas, minhas merdas e eu. Preciso parar!

Minha cabeça pesa, na altura da testa sinto uma forte dor, de repente parece que tem alguém com um martelo, martelando de dentro para fora.

— Digo sim. — Os dedos de minha mãe alcançam meu queixo, erguendo meu olhar para si. — Digo porque sou sua mãe e quero seu bem. E principalmente porque sou testemunha da ligação pura e verdadeira que existe entre você e Valentina.

“O elo entre você e ela é forte e se deu de imediato, foi incrível. Lembro-me de Luís chegar com você no colo, enquanto eu segurava Valentina, e assim fizemos as devidas apresentações. Depois vocês ficaram juntos no mesmo berço. Foi uma cena linda. A forma como vocês estavam aconchegados e tranquilos com o rostinho perto, demonstrava o quão bem se sentiam perto um

do outro, você muito mais, tanto que ao te pegar no colo e te afastar de Valentina, você começou a chorar. Seu pai chegou a dizer que você já estava apaixonado por ela e não queria ficar longe. Eu sei o quanto foi e está sendo difícil para você ficar sem Valentina por esse tempo, e poderá ser pior se ficar sem ela para sempre.

— Pelo amor de Deus, mãe... Podemos mudar de assunto? — imploro, pressionando os dedos sobre a testa que lateja a cada segundo mais.

— Não. Você vai ouvir o que já venho querendo te dizer há tempo. Não vou adiar essa conversa, mesmo que estejamos passando por essa porcaria de dia, mas é esta realidade imutável sobre a morte que me faz querer falar e te alertar. Me sentirei em paz por fazer isso, e quanto a você, filho, se sinta livre para tomar suas decisões.

“A história sua com Valentina começou nesse dia em que se viram pela primeira vez. Foi de uma situação de dor e tragédia que nasceu o amor. Estávamos tão sensíveis, tínhamos passado por aqueles momentos terríveis da sua asfixia e ainda aguardávamos pelo resultado de um exame que seria crucial e determinante para o resto da vida de Valentina. Leo e Malu já a amavam com todas as forças e tudo que eu mais desejava era que aquele resultado fosse negativo e que você e ela crescessem saudáveis. Pois bem, o resultado de HIV foi negativo, respiramos aliviados, e a cada mês que você ia se desenvolvendo sem sinais de qualquer sequela pela falta de oxigênio no cérebro, eu agradecia a Deus e também respirava aliviada. Sabe porque estou te dizendo isso? Porque a vida de vocês já começou testando suas próprias forças. Valentina foi largada numa lixeira depois de nascer e não morreu. Você sofreu uma asfixia com pouco mais de 30 dias de vida, ficou sei lá quantos minutos sem oxigênio, e não morreu. Os dois estarem vivos é um milagre. Não desperdicem a chance que a vida deu a ambos, nada disso é coincidência. É destino. Você e Valentina nasceram para se amar. E eu ainda acredito que há um propósito muito grande e valioso para isso tudo. E vocês são extremamente fortes, provaram isso enquanto bebês. Sejam agora. Filho, não a afaste de você. A distância física pode até existir, mas o coração de vocês têm de permanecer batendo um pelo outro. Sei que ainda a ama e ela tem o mesmo sentimento por você. Mas não faça com que Valentina se sinta tão magoada, a ponto de querer te tirar do coração dela. Pense nisso, porque não é impossível de acontecer, e se acontecer você vai sofrer.”

A cabeça parece que vai explodir, só que mais que a cabeça doendo está o coração. Foram verdades nuas e cruas tudo que minha mãe disse. E ela tem razão.

— Obrigado, mãe. Eu vou dar um jeito de amenizar as consequências de tudo isso. Eu terei que dar.

Sou envolvido por uma angustia e nem o abraço que minha mãe me oferta agora é capaz de tirar essa sensação sufocante.

— Atrapalho?

— Nunca, vó! — Viramo-nos em direção à porta, onde vó Luiza está. Ela se aproxima com uma expressão terna. — Mãe, tudo bem se eu der uma saída? — pergunto na lateral de seu rosto enquanto lhe abraço por mais um tempo.

— Para ir amenizar as consequências?

— É...

Ela me afasta de seus braços, sorri, me dá um leve beliscão no braço e diz, séria:

— Já deveria ter ido.

Em seguida um sorriso brota. E eu correspondo dizendo que a amo, o que ela também diz em resposta. Beijo vó Luiza e saio.

Já estou na escada quando me lembro que preciso de um casaco para sair, do contrário passarei frio, além de também pegar as chaves do carro. A ansiedade para falar com Valentina é tanta que até perco o raciocínio. Faço o caminho de volta para o quarto e...

— Nina?!

— Ei... — Ela gira a cadeira giratória em que está sentada. Ficando de frente para mim, salta, vem em minha direção e me abraça. — Eu sinto muito... Muito mesmo.

— Obrigado. — Afasto-me. — Eu não esperava te encontrar aqui.

Passo a mão na nuca, sentindo um desconforto tremendo por ela estar no meu quarto.

— Desculpe! Eu sei que... Bom, eu esperei uma chance para poder vir falar com você, sem atrapalhar ou causar qualquer problema.

Eu percebo o quanto ela fica sem graça. Aquele seu olhar ferido e rejeitado que há muito eu não via se apresenta diante de mim. Sinto pena e me lembro da situação em que a encontrei, por isso abrando:

— Está tudo bem, podemos conversar por um instante.

Nina passa a mão no cabelo curto, espetado para cima, ainda de cor vermelha como no tempo do colégio, e exclama batendo as mãos na lateral do corpo:

— Quando eu digo que a vida é uma merda... é porque é uma merda! Olha o que aconteceu com seu pai... com você, sua mãe. Alguém lá em cima brinca com a gente aqui embaixo, só pode!

O tom de revolta se mistura com o de seu humor ácido.

Essa é a Nina, que até pode usar o mesmo tipo de cabelo desde aquele

tempo, mas muito nela já mudou. E na verdade o caso de Nina não é complicado, só precisa ser compreendido.

— A vida nos impõe alguns desafios... é isso que acontece.

Dou de ombros, a afirmativa é sincera e reflete o que penso sobre tudo que me aconteceu. Revoltar-me com a vida, não me ajudará em nada agora.

— Eu desejo que consiga superar este desafio — Nina diz. — Sei que não é fácil. Eu que nem era tão ligada ao meu pai, quando ele morreu senti um bocado, imagino você que estava de boa com o seu.

É um desejo genuíno que vem de Nina, eu posso notar isso. Assim como é genuíno também que ela sofreu com a morte do pai.

— Obrigado. E você, como tem lidado com a ausência do seu pai? — investigo.

No fundo por querer saber de fato, mas também para ter uma ideia de como é isso, viver sem pai.

— Ah... sei lá... ele já era um tanto ausente, então parece normal. Mas eu preferiria que tivesse sido a minha mãe e não ele, porque assim eu não estaria presa a ela dessa forma que estou.

Sua resposta rápida do que sente me lembra que a situação de Nina não serve muito como parâmetro para a minha. Meu contato com Nina se deu meses depois da morte do pai dela — o homem de quase 70 anos de idade, e isso dava a ele uns 15 anos a mais do que a idade de sua esposa. Um dia foi dormir e não acordou — e esse fato foi o que levou a vida de Nina, que já não era a melhor, por ladeira abaixo. Há quase um ano convivendo com ela, conhecendo sobretudo o quanto sua mãe é — doida, paranoica e intransigente. Sei bem que Nina não está sendo cruel em dizer que preferia a morte da mãe do que do pai.

— Logo tudo isso acaba. — Dou a Nina o conselho como forma de a encorajar e se manter firme diante de seu próprio desafio.

— Não vejo a hora disso acontecer — dispara rápido, transparecendo sua ânsia em ver tudo acabado. — E, bem... obrigada. Se não fosse você, nem sei como as coisas estariam. E a merda é que o que está fazendo por mim interfere diretamente em sua vida. Eu lamento.

Ela sempre se desculpa, e apesar de saber que isso está interferindo, sim, em minha vida, principalmente em relação a Valentina, eu não me arrependo. Só me arrependo de não ter antes tentado de alguma forma, abrir o jogo com Valentina, no entanto eu também estava mergulhado demais no sentimento de abandono, saudade e mágoa para fazer isso.

Nina troca o peso das pernas e me encara envergonhada, desconfortável. Vou em busca de sua mão estendida na lateral de seu corpo e a coloco entre as minhas.

— Eu propus te ajudar, Nina. Está tudo bem — confirmo, tranquilizando-a.

— Mas isso está prejudicando você. — Nina pressiona os lábios e baixa o olhar. — Sabe, eu tentei falar com ela...

Largo sua mão e a interrompo.

— Você foi atrás dela no banheiro, não foi? — pergunto, chateado. — Não deveria ter feito isso. O que aconteceu lá? — exijo saber.

Nina engole com força.

— Eu disse que você ainda a ama e queria dizer algo que a deixasse mais tranquila sobre nossa relação, mas fui interrompida por Alice — conta, justificando-se.

Deus do céu! Isso só piora tudo.

— Porra, Nina! — Passo as mãos pelo cabelo, transtornado em saber que ela esteve com Valentina. — Qualquer coisa que você diga para Valentina vai chateá-la, não tente fazer isso outra vez. Quem tem que dizer e explicar algo a ela sou eu. Eu não previa que seria agora, antes de tudo acabar. Mas eu terei de fazer.

A expressão de Nina se torna nervosa.

— Você vai contar tudo sobre mim a ela? — pergunta, receosa.

Sua respiração acelera, talvez pelo meu tom chateado em falar com ela e também pelo medo de que sua vida seja exposta.

— Sobre você, não — abrando. — Mas sobre mim e o que eu sinto por ela. Se eu não disser nada, posso acabar perdendo Valentina de vez. Além do que, estou machucando-a.

Machucar minha Moranguinho é tudo que eu não podia ter feito. Mas fiz. Estou fazendo. É uma das minhas merdas.

Olho para a porta do meu quarto querendo findar essa conversa e ir em busca de Valentina. Saber que ela está tão próxima e ter Nina aqui no meu quarto — o que nunca aconteceu antes —, onde é o lugar em que Valentina e eu sempre estivemos juntos, torna a presença de Nina no mesmo ambiente, desconfortável demais.

Dou um passo, indicando para que saíamos daqui.

Nina não se move.

— Ela te ama tanto... — Retrocedo ao lugar e dou atenção ao que está falando. — É nítido no olhar dela, assim como também se preocupa com você. — Eu não precisava que Nina me desse essa afirmação. Eu pude sentir em cada olhar, em cada gesto, toque, e no beijo que demos. Valentina ainda me ama e se preocupa comigo. Porém, saber que Nina conseguiu captar isso quando as duas tiveram frente a frente, demonstra que Valentina não quis esconder o que ainda

sente por mim. — Aliás, você até que está bem, pelo que percebo não bebeu nada e também não está com aquele cheiro *insuportável* de cigarro.

— Valentina acabou me pegando fumando e arrancou minha carteira de cigarros — conto. — E quanto a bebida, faz tempo que não uso álcool para aliviar minhas dores, sabe disso.

Minha resposta sai mais seca do que talvez fosse necessário e eu não acompanho o leve descontrair da voz de Nina.

— Mas hoje era um dia que poderia acontecer uma recaída — ela emenda, agora séria.

E ok. Nina já me viu de porre e dos grandes. Sei que me torno um cara deprimente e chato quando acontece. No primeiro porre, quando cheguei em casa, mesmo no estado ébrio eu vi a pena e preocupação no olhar dos meus pais. Tomei a decisão que eles nunca mais me veriam assim. Não porque eu iria parar com a bebida, mas sim porque não voltaria mais para casa até que o porre passasse. Enquanto eu ainda não tinha Nina, ficava dentro do carro até passar, só que nem sempre eu dava conta de chegar até ele ou me lembrava de onde o havia estacionado, então qualquer canto da rua era um bom lugar para ficar. Eu estava na pior, na sarjeta. E aí Nina apareceu. Ela teve sorte que a encontrei numa noite em que estava sóbrio e pude evitar que ela pulasse daquele maldito viaduto. Contudo, depois sorte tive eu, de ela me ajudar nas minhas noites de tristeza profunda e muita bebida. Com o passar do tempo os porres diminuíram, durante a semana já não acontecia mais, os compromissos com a faculdade e com meu pai colocaram um freio. Nina colocou um freio com seus conselhos. E o que era só aos finais de semana, passou a não acontecer mais. Eu parei. Ainda assim, eu ainda tenho minhas noites de tristeza profunda, Nina também. E é jogando conversa fora vendo algum filme e refletindo sobre a vida que a gente se ajuda.

— Estou feliz que não precisou de bebida, Gustavo — fala, sincera. — Sobre o cigarro, bem que Valentina fez em te repreender por fumar. Aquilo é uma porcaria! Sabe que não compactuo com esses tipos de vício, só faz mal à saúde.

Sim, eu sei. Nina sempre me advertiu, alertando para os malefícios não só psicológicos que esses vícios causam, mas também à saúde. Ela tinha motivos suficientes para se afundar em algum vício, pois parece que na escuridão somos levados a fraquejar a essas porcarias. Mas a garota de cabelo vermelho e amante de esportes, não. Imagino que por ser atleta e estudante de Educação Física, dão a ela pensamentos e ações convictas contra bebida, cigarro e outros tipos de drogas. Imagino também que tenha sido por isso que ela sofreu e *literalmente* enlouqueceu quando foi submetida a um tratamento com remédios fortes, sem sequer precisar deles. Era a mãe de Nina que tinha que estar internada naquele

hospital psiquiátrico e não Nina.

De repente me dou conta que não posso ser ingrato por ela vir até aqui oferecer seu apoio e conselhos como tem feito desde então.

— Obrigado, Nina. Fique tranquila, pois muitas coisas sobre mim terão de mudar de agora em diante. Estourei minha cota de fazer merdas. — Bufo, cansado de mim mesmo.

Arremato, imprimindo um sorriso nos lábios, suavizando minha tratativa com ela. A preocupação que Nina tem por mim, assim como o seu carinho, são sinceros.

— É isso aí! E vai conseguir. — Nina acompanha o meu sorriso. Fitamo-nos por alguns segundos, os dois superando muitas coisas. Sabemos disso. — Bom... eu já vou nessa. Passei só mesmo para te dar um abraço, dizer que vou sumir por tempo, assim evitamos que ela nos veja juntos, não é minha intenção provocá-la e muito menos Alice, porque aquela está de um tipo que se eu bobear, vou acabar apanhando.

A expressão de preocupação que Nina adquire é até engraçada, mas o assunto é sério e eu também não duvido que Alice faça alguma coisa assim. Até eu estou com receio de que qualquer dia minha prima me dê outro tapa na cara.

— As duas sempre foram assim, uma pela outra. Sempre soube que Alice não reagiria nada bem por nos ver juntos.

— Alice é a irmã que eu gostaria de ter. — Nina sorri, enfiando as mãos nos bolsos de sua grande e volumosa jaqueta de inverno.

— Será bom se puder dar um tempo. Obrigado. — Aproximo-me e a abraço, fazendo-a liberar as mãos recém guardadas para corresponder meu abraço. Seu queixo repousa em meu ombro e eu sinto seu inspirar fundo. — Você se vira com a sua mãe? — pergunto. Ela balança a cabeça positivamente.

Fecho meus olhos e também inspiro fundo. Nós temos lidado com nossos desafios juntos.

— Se cuide — falamos quase ao mesmo tempo e sorrio com essa nossa preocupação mútua.

Antes de liberar nosso abraço, aperto-a por alguns segundos a mais.

— Não faça nenhuma merda, sim?! — cochicho em seu ouvido. — Se precisar, me ligue.

— Idem.

Afastamo-nos e nesse instante ouvimos passos pelo corredor seguindo para a escada.

— Deve ser vó Luiza ou a Cida — comento.

Olho para os meus pés e percebo que estou só de meias e vou até o canto do quarto onde minhas botas estão.

— Aliás, foi a Cida que abriu a porta pra mim, de cara feia, lógico. Santo Deus! Nem a simpatia da mulher que trabalha aqui na sua casa eu consegui conquistar.

— Acho que o problema não é com você, é com qualquer outra garota que viesse até aqui, nessa posição de ocupar o lugar que já tinha dona. Cida tem paixão por Valentina desde que ela era criança. Competir se torna impossível.

— Eu sei. Já faz tempo que desisti de competir com Valentina, aliás, essa competição, na verdade, nunca foi minha intenção ou do meu interesse.

— Um dia você poderá esclarecer tudo isso com ela, Nina.

— Tirarei um peso dos meus ombros quando esse dia chegar.

Nina se vai e eu faço o que me propus ao voltar no quarto. Visto um moletom grosso, utilizando-me do bolso dele para enfiar o celular e a carteira. As chaves do carro eu agito entre meus dedos, acompanhando o agitar que meu coração ganha por ir ao encontro de Valentina.

Antes ainda, volto para conferir minha mãe, ela está, bem dizer, naquela posição que eu a encontrei momentos antes, curvada, encolhida, pequena. Mas agora vó Luiza a abraça, embalando-a, tal como se faz com uma criança. Minha mãe já fez muito isso comigo, sei que esse abraço de mãe tem poder de acalantar. E a minha está sendo acalentada agora pela mãe dela.

A cena por si só me conforta. Observo-as por um tempo, até que tenho um rompante de ver onde meu pai está e chamá-lo para que também veja essa cena, mas aí me lembro que isso só está acontecendo porque ele morreu.



Valentina

Abro a porta do carro com tudo e me enfio nele.

— Achou seu celular? — Alice pergunta.

— Não. Vamos embora daqui — disparo.

O nó na garganta me sufoca.

— Meu Deus, que cara é essa? — Gaetano enfia a cabeça entre os dois bancos da frente. — Parece até que viu fantasma lá dentro da casa — ele acrescenta, espantado.

— Gaetano... — Alice o repreende de imediato. — Que piada mais sem graça.

Ele volta para o seu lugar no assento de trás, desculpando-se. Independente disto, não estou dando importância para a piada dele.

— Liga esse carro, Alice, e vamos para casa, por favor! — O pedido sai como uma ordem.

— Tá... tudo bem, estou indo. — Alice arranca com o carro. Na esquina ela leva alguns segundos com ele parado, mesmo estando livre para seguir. Noto seu olhar na lateral do meu rosto, que por todas as inúmeras razões está em chamas. — Merda! Não foi fantasma que ela viu... e sim aquela *demônia* de cabelo de fogo! — Alice profere com raiva.

Arranca o carro e dessa vez acelerando mais, fazendo com que os

pneus do seu mini cooper cheguem a cantar com tamanho atrito no asfalto.

Em outra ocasião diria que Alice estaria pegando pesado chamando Nina de *demônia*, mas hoje, não. Não quando eu a vejo no quarto de Gustavo, abraçada a ele. E o pior é que Gustavo parecia tão confortável no abraço dela, seus olhos estavam fechados e em seus lábios tinha um sorriso.

Devo ter um nariz de palhaço na cara, só pode! Já que Gustavo me diz todas aquelas coisas, canta para mim, diz que me ama, que sou seu anjo. Mas é só eu estar longe que ele cai nos braços de Nina.

Meu estômago embrulha. Cruzo as mãos em cima dele.

— Essa demônia de cabelo de fogo, me paga... — Alice resmunga enquanto estaciona o carro na garagem.

Entro em casa e no topo da escada percebo que não tem mais como segurar, corro até o banheiro e vomito enquanto começo a chorar.



— Valen? — Alice surge na porta do meu quarto pouco tempo depois de eu sair do chuveiro e ela entrar. — Quer conversar agora? Ou se preferir, só me deito aí com você e ficamos quietinhas. — Ela leva os dedos até seus lábios, reforçando a ideia de silêncio.

Afasto o edredom e dou espaço para ela na cama. Eu a quero comigo.

Alice atravessa o espaço da porta do quarto até a cama dando uma corridinha e logo se enfia debaixo da coberta comigo.

Ante a mim posso perceber que seus olhos me examinam com cautela, dou-lhe um beijo no rosto e inspiro fundo, sentindo a fragrância suave de erva-doce, a preferida de Alice, assim como a de mamãe. É uma fragrância agradável que me dá paz e segurança, justamente porque me faz lembrar das minhas duas melhores amigas.

— Obrigada, Ali — digo baixinho.

Ela une nossas mãos no pequeno espaço vazio entre meu peito e o dela, o sorriso mais doce que conheço se forma em seus lábios e ela fala com ternura:

— Nossos pais nos ensinaram que deveríamos cuidar uma da outra. Em todo e em qualquer momento...

— Sempre unidas — completo, oferecendo um sorriso grato. Alice é a melhor irmã do mundo.

Sua boca se abre, mas ela logo fecha.

— Tudo bem, Ali, pode falar. — Dou carta branca para entrarmos no

assunto.

— Ela estava lá com ele, não estava? — Assinto. — Eles estavam se beijando?

— Abraçados no quarto dele.

Minha resposta é um resmungo baixo e triste. Há um ditado que diz: “o que olhos não veem, o coração não sente”. Eu vi e estou sentido a rachadura feita em meu coração doer profundamente.

— *Argh...* que ódio! — Alice esbraveja entredentes. — Sinceramente? Eu perdi a crença nos homens. Definitivamente, não existe algum que preste e que seja capaz de amar de verdade. As exceções eram vô Miguel, papai, tio Luís. Fora eles, desconheço outros.

— Pedro e Clarissa também são um casal que se amam. E Pedro é bem apaixonado por ela. Vó Beth e Seu José... — elucidado.

— Que seja. Mas olha como a lista é pequena. Os garotos da nossa idade são uns idiotas. E essa coisa de amor verdadeiro se tornou balela. O romantismo não existe mais, Valentina.

O tom de decepção é grande em Alice.

— Não diga isso! Não, você que sempre foi uma menina romântica, que a cor preferida é o cor-de-rosa, que adora corações e que ama ler romances.

Minha irmã franze a testa e faz uma de suas caretas, essa é de repulsa.

— Isso foi até eu conhecer o lado real de um relacionamento.

— Pelo visto, você e Matheus não reataram ainda.

— E nem vamos! — ela diz, firme. — Cansei. Para mim já deu. Matheus é um galinha. Eu soube que o pai dele era exatamente assim como ele, vivia arrastando asa para qualquer mulher.

Decepção e rancor. Onde está o amor?

— Mas o que sei é que o Vincent, pai de Matheus, vive bem com a Cleo, sua esposa.

Eu digo na intenção de amenizar o que quer esteja acontecendo entre ela e Matheus, mas Alice dá de ombros. Seu peito se enche de ar e ela solta devagar enquanto fica de barriga para cima. Eu também busco por essa posição. Sei lá, talvez seja melhor respirar assim. Talvez esse aperto que sinto em meu coração melhore.

Talvez.

— Pode até ser que viva, mas antes do Matheus nascer, o cara era um mulherengo — Alice contrapõe. E isso sobre o pai de Matheus é verídico, eu também já soube que ele era um homem bem saidinho. — Não adianta, Valen, Matheus ainda está nessa fase e eu não serei a mulher que aguentará até que ele decida ser um homem de uma só mulher.

Ao visto não é uma prioridade minha ter o coração rachado. Encaramos o teto enquanto conversamos e os nossos dedos permanecem entrelaçados. Eu sinto falta desses momentos com Alice.

— Ali, mas você tem certeza que ele te traiu? — Busco saber, ainda que com medo da resposta.

Minha irmã não se abate com o assunto e solta sua resposta.

— Quer saber se eu peguei ele transando com outra? Não. Até porque, acho que Matheus não estaria vivo se eu visse uma cena dessas. Mas ele não respeita nossa relação. Vive de conversinha com outras garotas, cheio de amiguinhas... Ele adora ser assim. E quando reclamo diz que sou ciumenta demais. Pois bem, dei passe livre para ele.

— Eu já vi esse filme, Ali. Acabarão voltando. Vocês se amam, só gostam de implicar um com o outro como sempre fizeram.

— Dessa vez não tem volta, Valentina. Eu gosto dele, mas gosto mais de mim. Enquanto Matheus não provar que mudou, que é capaz de levar a sério nosso namoro, eu não quero nem ver a cara dele. Maldito seja aquele Japa! — Alice esbraveja por fim.

Vê-la falando de Matheus assim não é novidade. Cão e gato eles sempre foram. Mas agora é diferente.

— Eu sinto muito que esteja acontecendo isso entre vocês — lamento.

Viro-me de lado em busca de suas expressões.

— Está tudo bem. Estou focada na faculdade e em fazer tudo que me faz bem.

É genuína sua afirmação.

— Mamãe ficou tão feliz por você cursar Letras. Era o sonho de vó Cecília — comento.

— Pelo visto sofri boas influências da nossa vó. — Alice dá uma risadinha. — Estou até com uma ideia — acrescenta, misteriosa.

— Qual? — Alice morde os lábios e não responde de imediato, cutuco seu pé debaixo do edredom — Me conta, vai — insisto.

— Estou pensando em escrever um livro baseado na história de vó Cecília e vô Miguel.

— Oh, meu Deus! — Levo as mãos ao peito. — Isso seria lindo! Eu quero esse livro para ontem, Ali! Por favor, escreva!

Alice se empolga com o assunto e me explica que pretende escrever baseado no diário de vó Cecília e com o que conhecemos da história. Tudo que vô Miguel costumava nos contar sobre sua amada e sobre o amor deles, eram lindos depoimentos contidos de grande emoção. Alice tem um bom material para trabalhar em cima da história que pretende escrever.

— Mas quero dar outro final. Eu gosto de imaginar que mesmo com tudo que passaram, conseguiram se reencontrar vivos.

— Vá em frente. Ficará ótimo — incentivo-a.

— É... — Alice arqueia as sobrancelhas. — Pelo menos nos livros os finais podem ser felizes.

Minha irmã é mistura de algo realista e contemplativa. Quem nasceu com alma romântica nunca a perde, mesmo sendo ferida. Eu tenho certeza que Alice ainda gosta de cor-de-rosa, corações e todos aqueles muitos livros que ela exhibe orgulhosamente na ampla estante do seu quarto.

— Tem espaço aí nessa cama? — A voz de Gaetano nos chama a atenção.

— Você está bem grande — Alice responde rápido. É claro que ela não perde a chance de implicar com nosso irmão caçula. — Não sei, não! Acho que não cabe você aqui.

Gaetano faz beicinho.

— Claro que tem. A gente aperta. Vem — eu apaziguo.

E então um corpo de quase 1,80m de altura, de porte atlético moldado perfeitamente por músculos adquiridos à base de muito suor e dedicação em academia, se enfia em nosso meio. Como coube, não sei, mas coube. Por sorte a cama não é um o tamanho padrão de cama de solteiro e sim alguns centímetros mais largos.

— Valentina, você sabia que agora nosso irmão tem um apelido? Não é Leãozinho? — Alice aperta a bochecha de Gaetano, que semicerra os olhos.

Evidente que ele não gosta nem um pouco.

— Não enche, Alice! — a repreende, bravo.

— Como assim? — O assunto me interessa, então sento-me apoiando as costas no estofado da cabeceira. — Explica — peço, curiosa.

Alice se empertiga e também assume a mesma posição que a minha, com nítida vontade de falar.

— Bebelá chama Gaetano de Leãozinho. Eu vi outro dia no celular dele uma mensagem — conta ela, travessa, levando a mão à boca, abafando a risada.

— Você me paga por bisbilhotar minhas mensagens, Alice — Gaetano cospe, chateado, trazendo também suas costas para se apoiar na cabeceira da cama.

O ombro largo ocupa um bom espaço, colocando-nos em uma posição de perigo, pois qualquer movimento brusco dele, levará Alice ou eu para o chão. Que seja Alice. O bumbum dela é mais gordinho que o meu.

— Espera! — Atento-me em checar melhor a informação, pois me

sinto perda e sem saber das novidades. — Bebel e Gaetano são...

— Amigos — ele dispara, completando a frase.

Seu olhar baixa até suas mãos que estão repousadas em seu colo por cima do edredom, a pele dele naturalmente bronzeada contrasta com a cor branca da coberta.

Encaro a lateral de seu rosto, observando-o, os olhos de uma tonalidade tão linda que a divina mistura entre o verde acinzentado de papai com o de avelã de mamãe lhe deu, associado com as características próprias, bem como o contorno da íris que parece ter sido feita com um delineador de cor preta e sua pupila pequena, dando-lhe mesmo a aparência do olhar de um felino.

Bebel escolheu bem o apelido para ele.

— Amigos apaixonados. — Alice volta a falar, entusiasmada.

Gaetano suspira e diz:

— Não viaja, Alice! Isabela tem só 13 anos de idade.

Eu posso notar um certo lamento em sua voz.

Alice estala a língua em negação.

— E daí? Você tem 17. Mais alguns aninhos e ela pode ser sua namorada.

Alice que há pouco tinha dito que deixava de ser uma garota romântica, tem seus olhos e toda sua face brilhando por falar da possibilidade de um romance entre Gaetano e Bebel.

Percebo que meu irmão também ganha um brilho diferente nos olhos, será vislumbrando o que Alice disse? Acho que sim.

Pelo visto, eu e meus irmãos fomos destinados a nos apaixonar por aqueles que fizeram parte da nossa infância, por aqueles que cresceram conosco.

O amor nos encontrou cedo. Isso é bonito. Só que o problema é que as adversidades também nascem com o amor. Sabemos enfrentá-las?

— Isabela é filha do Derek e ele é como nosso tio, ou seja, ela é como uma prima pra mim e até uma irmã mais nova — Gaetano elenca as adversidades que o impedem de namorar Isabela e é notável que sua afirmação soa como um lembrete para ele próprio.

Mas Alice não desiste fácil e enquanto eu os assisto nesse *ping-pong* de pontos e contrapontos, me distraio.

— Como se fosse, não é — minha irmã diz categoricamente. — Isso não é problema. Olha Valentina e Gustavo. Tudo bem que deu merda, mas...

— Alice, segura essa língua, vai. — Gaetano leva a mão até a boca de Alice, silenciando-a.

Meus segundos de distração com o assunto de Gaetano se acabam. Eu lembro de Gustavo e dessa confusão que nossa relação acabou virando.

Alguém de nós três tem que dar certo no amor.

— Gaetano? — chamo-o, ele vira o rosto para mim. — O caso de Bebela e você é um tanto diferente do meu e Gustavo. Se acha que sente algo por ela, não crie empecilhos. Pois apesar da diferença de idade, não há nada que impeça um relacionamento entre vocês. E essa diferença importa só agora, que Isabela tem 13 anos. Futuramente isso não será problema — aconselho.

— Os dois juntos são lindos! — Alice diz, encolhendo os ombros, juntando as mãos no peito e piscando repetidas vezes, uma atrás da outra. Eu posso ver vários coraçõezinhos em seus pensamentos. — Nos últimos tempos não se desgrudam — ela conta, animada —, e quando não estão juntos ficam direto no celular.

— Isabela está com dificuldade em matemática e física, estou ajudando — Gaetano tenta justificar. — É só isso — murmura.

A música *Atlas: Heart* (Atlas: Coração) da banda *Sleeping At Last* começa a tocar. É o toque do celular de Gaetano. Ele adora essa banda.

— Aí, não falei? Deve ser a... — Alice começa.

— É o Gustavo — Gaetano corta, informando-nos assim que tira o celular do bolso de seu moletom. — Será que aconteceu alguma coisa com a tia Melissa?

— Pode ser, atende logo — apresso-o.

Ele atende e sem mesmo estar no modo viva-voz, conseguimos ouvir com perfeição Gustavo perguntando sobre mim.

Encaro Gaetano e de imediato faço sinal de que estou dormindo.

— A Valentina? Ela tá... dormindo. — Meu irmão me lança um olhar de reprovação por fazê-lo mentir.

Eu continuo a gesticular que não quero falar com Gustavo, que do outro lado da linha insiste em questionar se estou mesmo dormindo.

Gaetano, por sua vez, arremata a informação, dessa vez com segurança.

— É, ela estava cansada e já foi dormir. Mas está precisando de algo? Se quiser companhia, alguma coisa assim, sabe que pode contar comigo a qualquer hora.

Gustavo agradece, mas informa que queria mesmo era falar comigo.

Assim que Gaetano se despede e desliga o celular, eu solto o ar que estava prendendo e minha irmã solta aquilo que pensa:

— Gente, o que há com Gustavo? Tudo bem que o pai dele morreu, mas ele acha que vai ficar sendo alisado pela outra e depois vem chorar no ombro da Valentina?

Gaetano faz uma careta de repreensão para ela.

— Alice, não fala assim. Você parece que gosta de apagar fogo com gasolina.

— Falo sim. Falo porque é a verdade. E se falar a verdade é apagar fogo com gasolina, então sou uma incendiária e não estou nem aí. — Alice dá de ombros.

— O que aconteceu, Valentina? — Gaetano pergunta, sereno. — Ele estava aqui na frente de casa querendo falar com você.

Engulo o maldito caroço que sobe na minha garganta. Eu não vou chorar.

— Friamente, o que aconteceu foi isso que Alice disse. Gustavo estava com a namorada dele em seu quarto e agora veio falar comigo, e não faço ideia de com qual intenção.

Gaetano me lança um olhar como se eu tivesse falado algo absurdo.

— Com que intenção? Poxa, ele te ama e precisa de você — ele arremata.

— Mas está com a Nina! — disparo. — Caramba! Tenho sentimentos também, sabia? Continuarei sendo a prima dele e farei meu papel em apoiá-lo agora nessa situação difícil, mas não posso lidar com essa confusão do que Gustavo sente por mim e por ela.

Meu irmão continua a me olhar, só que agora parece que assimilando minha declaração dotada da mais pura sinceridade, que expressa claramente os meus sentimentos.

Gaetano passa os dedos no queixo que tem uma fina camada de barba por fazer — ele está a cada dia mais parecido com o papai —, e diz:

— Nem sempre as coisas são como aparentam ser.

— O que você quer dizer? — questiono em seguida.

— O que você sabe? — Alice vem logo atrás.

— Ei, calma vocês duas! — Gaetano ergue as mãos. — Eu não sei de nada. Só acho que Gustavo ficou muito perdido quando você foi embora. E ele sem você não é o cara mais centrado. Todos nós sabemos disso.

Seus ombros se erguem, quase encontrando as orelhas, deixando-me claro seu tom óbvio da afirmação. Como se então por isso, haja justificativas plausíveis para que Gustavo esteja com Nina.

— O que vocês tanto tagarelam aí? — Papai aparece na porta do quarto e com ele está mamãe.

Os dois estão com o rosto abatido.

— Estávamos aqui falando da vida e relacionamentos — Alice toma a frente na resposta.

Eles sorriem e vêm em nossa direção na cama.

— Gosto de ver meus filhotes juntinhos. Vem cá, quero abraço —
minha mãe fala, se sentando aos pés da cama.

Meus irmãos e eu não perdemos tempo e vamos até ela.

— Também quero. — Papai se junta a nós.

Amontoamo-nos ali, um perto do outro como filhotes de gatos e a sensação de estar envolvida por esses braços e corações cheios de amor é maravilhosa. De imediato sou transportada a pensar em Gustavo e tia Melissa, que estão sofrendo por ver a família deles sem tio Luís. Se fosse comigo, se eu perdesse meu pai... não consigo nem pensar que já sinto um aperto no peito.

— Eu amo vocês. Meu bem mais precioso se resume nesse abraço — papai diz. — E por saber o quanto preciso de vocês é que farei de tudo para ajudar Melissa e Gustavo — acrescenta, afastando-se. Damos nossa atenção a ele. — Nada e nem ninguém substituirá Luís na vida deles. Mas o amor possui uma força transformadora. Se eles se sentirem amados e acolhidos, poderão transformar toda a dor da saudade da vida que tinham os três juntos, em algo forte e belo pelas lembranças da vida que tiveram. E ainda, certos de que nunca estarão sozinhos, encontrarão forças para seguir. Somos todos uma grande família e estamos aqui para nos apoiar. Melissa e Gustavo ainda precisarão *muito* de cada um de nós — finaliza, lançando-nos um olhar que deixa claro que esse é um pedido importante.

— Faremos nossa parte, pai.

Sou eu quem digo. E eu farei.

Quando me dei conta de que o que sentia por Gustavo ia além do amor que sempre tivemos um pelo outro, tive medo de deixar florescer essa “outra forma de amar” porque sempre me preocupei que isso pudesse interferir em nossa relação de amizade e até familiar.

Eu não vou permitir que isso aconteça. Continuamos sendo primos e sendo assim, continuarei dando meu apoio e carinho a ele dessa forma. Só dessa forma.

Gustavo

Valentina não estava dormindo, eu tenho certeza disso. Ela não quis falar comigo, isso sim. Mas, por qual motivo? Quando nos despedimos aqui em casa ela foi tão carinhosa, me disse que se eu precisasse de algo era só ligar. E que diabos aconteceu que ela sequer atendeu minhas ligações, fazendo-me ter que ligar para Gaetano e assim tentar contato com ela.

Droga!

Entro em casa e jogo-me no sofá, me sentindo frustrado por não conseguir falar com Valentina. Mas eu não vou desistir fácil. Eu liguei várias vezes desde que fui ao seu encontro e desde que recebi aquela resposta mentirosa. Continuarei agora.

Alcanço o meu celular e volto a chamar o número de Valentina. Ansioso, abandono o sofá e começo a andar de um lado para o outro... no ouvido o som de chamada se repete uma, duas, três, até que percebo outro som, o de um celular vibrando, vindo do paletó que eu estava usando, que está abandonado no canto de uma poltrona. Pego-o e constato no bolso dele o celular de Valentina. Quando estávamos no carro atendi aquela ligação de Gaetano e acabei guardando o aparelho comigo.

Então... talvez não seja mentira. Valentina pode mesmo estar dormindo e não me atendeu, porque afinal não tinha como atender.

Inspiro fundo, mas antes que eu solte o ar, julgando que está tudo bem entre nós, eu reparo no que está em cima do aparador redondo de vidro, que fica ali bem ao lado dessa poltrona onde peguei meu paletó.

— Merda... Valentina esteve aqui — murmuro fraco, pegando a porcaria da minha carteira de cigarro e junto dela o bombom. — Ela me viu com a Nina — concluo, esmagando tanto o cigarro quanto o chocolate.

Deu merda!

Ela viu o que não é, mas pensa que é.

Eu preciso esclarecer tudo logo. Vou voltar lá e será agora!

— Gustavo, graças a Deus que chegou! — Cida aparece no topo da escada — Sua mãe não está nada bem — ela diz assustada.

E no mesmo instante um grito acompanhado de choro e lamentos, vem do andar de cima.

Não penso em mais nada a não ser subir cada degrau o mais depressa

possível.

Minha mãe precisa de mim.



Gustavo

Cinco porcarias de dias se passaram e eu sou um hamster girando em minha própria roda, aprisionado dentro da uma gaiola. Corro... corro... e não saio do lugar.

Minha mãe não deixa o quarto desde que entrou nele no dia que meu pai foi sepultado, Valentina escapa de mim a todo custo, Alice a ajuda. E minha vida está um inferno. Atormentado por não conseguir falar com ela, também não consigo fazer nada do que deveria estar fazendo — focado exclusivamente na minha mãe, faculdade e no escritório.

Valentina sempre foi minha paz, meu ponto de equilíbrio, no entanto, agora ela se tornou alguém que me tira do eixo e me faz perder a concentração.

Esgotado de ficar girando na roda e permanecer sendo o Gustavo de sempre, hoje eu retornei às aulas, passei no escritório no final da manhã para uma reunião e comecei a tomar as decisões necessárias quanto ao funcionamento dele.

Dei carta branca para que Clarissa assuma o escritório como a principal advogada no lugar do meu pai. Ela é a pessoa de minha maior confiança para fazer isso. Os demais que lá estão, a maioria, me olha como se eu fosse o garoto rebelde sem causa que está prestes a colocar o nome, clientes e o

escritório todo por água abaixo. Houve até quem deixou o grupo com medo de afundar. Só que o que eles não sabem é que, apesar de tudo e como estou me sentindo, não vou falhar.

Não com o meu pai e com a minha mãe.

Portanto, a partir de hoje minha rotina está criada. Pela manhã faculdade, depois algumas horas no escritório para acompanhar ao máximo os processos e todo o trabalho desenvolvido, e por fim passar o resto do dia e toda a noite em casa, observando e cuidando de minha mãe. A espécie de surto que ela teve naquela noite em que eu estava prestes a sair para falar com Valentina me deu a certeza de que em hipótese alguma mamãe deve ficar sem companhia.

A vontade de reencontrar meu pai, que minha mãe tanto expressa com palavras inundadas de choro e desespero, parece que deu a ela involuntários desejos de poder fazer algo que torne esse encontro possível. Sendo que ele está morto e só a morte poderá levá-la até ele, hipoteticamente. Ela não ameaçou fazer nada, mas suas palavras, seu olhar distante, seu silêncio, sua recusa em comer, me deixam em alerta. E não estou disposto a pagar para ver minha mãe fazer algo extremo.

Eu não suportaria.

Vó Luiza tem ficado conosco todos esses dias, tio Leo e tia Malu se revezam em passar aqui em casa e ficar o máximo de horas que podem. E são nessas únicas horas que eles estão aqui, que Valentina aparece. Nunca sozinha. Sei que ela está me evitando. Sua hospitalidade em dar apoio a mim e a minha mãe é enorme, mas é exclusivamente isso.

Arranco o paletó assim que chego em casa. Não sei como meu pai adorava usar isso. Que roupa terrível, parece que estou todo amarrado. Para amenizar essa sensação até que me troque para algo confortável, alívio afrouxando o nó da gravata que sufoca minha garganta e dobro as mangas da camisa até o antebraço. Faço isso subindo as escadas, indo ao encontro de minha mãe e assim conferir como ela e só Luiza estão.

Diante do silêncio que percebo ao me aproximar do quarto, suspeito que estejam dormindo, assim abro a porta devagar para não acordá-las. Aos poucos entra no meu campo de visão a cama onde é o único lugar em que minha mãe tem estado. E para minha surpresa não é só Luiza que está com ela, e sim Valentina.

Com passos leves chego perto delas, então eu paraliso e as observo dormindo. Minha mãe virada para o lado oposto ao de Valentina, que está bem próxima a ela com o braço sobrepondo-a, sendo que a mão das duas estão unidas, quase na altura do coração sofrido de minha mãe.

Não quero despertar nem uma e nem a outra do sono compassado que

estão.

Entretanto, não resisto ver minha Moranguinho nesse estado de sono e tão desarmada, então aproveito para reparar em seu cabelo longo que se derrama pelo travesseiro como um lindo véu. Atrevo-me sorrateiramente a pegar uma mecha dele e cheirar. Com cuidado deslizo os fios sedosos entre meus dedos, meus olhos se guiam para a face relaxada de Valentina, o suéter de lã que usa tem a gola volumosa ao redor de seu pescoço, e o calor que o tecido promove bem perto de seu rosto torna suas bochechas rosadas. Uma vontade enorme por tocá-las me consome.airo o dorso da minha mão sobre a lateral direita de seu rosto, subo e desço os dedos, da maneira mais suave possível, sentindo o calor de sua pele.

Eu a amo tanto... Só queria que as coisas fossem mais fáceis para nós e para o nosso amor que é tão grande. Mas como diz a letra de uma das canções compostas por Vinícius de Moraes e Tom Jobim “... todo grande amor só é bem grande se for triste. Por isso, meu amor, não tenha medo de sofrer, que todos os caminhos me encaminham pra você...”

Valentina e eu ainda nos encontraremos nesse caminho do amor. Eu preciso acreditar nisso para superar as adversidades impostas.

O toque de meus dedos, por mais que sejam leves, faz Valentina se mexer e eu me afasto rápido para deixar o quarto. Mas então ouço meu nome em um sussurro baixo que sai da voz que é como música para meus ouvidos. Viro-me de imediato.

— Desculpe — murmuro. — Eu não queria te acordar.

Valentina se afasta devagar de minha mãe e deixa de ocupar o lugar ao seu lado. Antes, porém, puxa a manta cobrindo os braços dela e ajeita um travesseiro de modo que fique nas costas de minha mãe, como se quisesse dar a ela a sensação de que não está sozinha na cama. Noto o carinho em cada gesto de Valentina, e isso é tão reconfortante e bonito que chego a ficar emocionado por ver minha mãe sendo cuidada por ela.

Emoção maior acompanhado de gratidão se forma em meu peito quando noto uma bandeja e ao contrário de outros dias ela não está intacta. O prato com uma mísera sobra de comida e o copo sem nada de suco, são sinais de que minha mãe se alimentou.

Graças a Deus.

Vou até o móvel onde a bandeja está e olho como se isso fosse uma valiosa conquista. E é.

— Ela comeu. — Valentina informa, aproximando-se de mim, segurando seu par de botas. Assinto com um sorriso. — Chegou a repetir — ela diz num tom exatamente de como vejo o fato de minha mãe comer: conquista.

— Obrigado. — Tomo a bandeja nas mãos e faço sinal para sairmos do quarto. Valentina me acompanha e assim que ela fecha a porta atrás de si, eu acrescento: — Obrigado por ter feito ela comer. Até agora, só estava à base de suco e água, qualquer comida a mais recusava.

— Imagina! Não tem que me agradecer por isso.

Valentina responde e logo em seguida desvia seu olhar do meu e se afasta com nítida pressa em direção à escada.

— Mas como fez? Como a convenceu? — pergunto, seguindo-a.

Ela para no primeiro degrau, seus dedos tamborilam no corrimão e eu desço, encontrando-a. Fito a lateral de seu rosto aguardando pela resposta que vem em seguida, mas por alguma razão Valentina evita falar olhando para mim.

— Vó Luiza antes de sair me disse que no congelador tinha vários pratos prontos, que ela mesma tinha preparado. Então, enquanto sua mãe e eu conversávamos, entrei no assunto comida, falei dos pratos deliciosos que vó Luiza faz, perguntei qual era o preferido dela, ficamos falando dos detalhes das massas, molhos, queijos, e isso acabou aguçando nela a vontade de comer. Quando Cida apareceu no quarto com o um vistoso pedaço de lasanha, ela não resistiu.

Somente quando termina de falar é que Valentina me dá a visão completa de seu rosto e não só a lateral dele.

— Caramba, eu não tinha pensando em fazer uma abordagem dessa forma com ela. Tudo que venho dizendo é: “coma, porque se não comer vai acabar ficando fraco, doente... etc... etc...” — conto, desanimado.

— Todo corpo é comandado por um único órgão, o cérebro. Eu só o estimulei a pensar em comida como uma forma prazerosa e não como uma obrigação.

Valentina dá de ombros e avança nos degraus da escada. Fico ainda alguns segundos em um estado letárgico, maravilhado com a capacidade que ela tem de ser tão perspicaz.

Equilibro a bandeja com cuidado para que não caia e também termino meu trajeto até o final da escada, passo pela sala onde Valentina está sentada no sofá colocando seu calçado, vou rápido até a cozinha, lavo minhas mãos e quando retorno à sala, ela está vestindo o casaco.

Merda, ela já vai embora!

— Precisa de mais alguma coisa? — pergunta-me, ocupando-se em abotoar os botões e assim não ter que me encarar.

Eu não posso deixar que vá.

Pressiono a nuca pensando em algo rápido para lhe responder e assim fazer com que Valentina fique. Se eu disser que quero conversar, ela vai dar um

jeito de escapar.

— Hum... na verdade, preciso — inicio e ganho sua atenção. *Eu sabia.*
— É que essa coisa de ficar falando de comida e estímulo do cérebro me fez lembrar do seu brigadeiro. — Curvo o canto dos lábios num sorriso tímido. — Seria demais pedir pra você preparar?

Valentina semicerra os olhos me observando, isso leva um tempo, o que me torna inquieto.

— Tá... tudo bem. Eu faço. É capaz também de tia Melissa querer um pouco. Um docinho fará bem a ela.

Comemoro internamente.

— Isso. Tenho certeza que ela não vai recusar o seu brigadeiro, porque afinal, ele é o melhor.

Os lindos olhos castanho-claros de Valentina continuam semicerrados, mas os seus lábios não conseguem segurar por completo o sorrisinho que brota neles com o elogio que lhe dou.

Ela volta a ficar só com o suéter e segue para a cozinha, fazendo-me vibrar no movimento do seu quadril com um jeans justo, bota de salto e cano longo. Eu sinceramente lamento que o suéter tenha um comprimento que ultrapasse o seu bumbum.

No meio do caminho ela se vira e fala num tom de comando:

— Vai ficar aí parado ou vai me ajudar? Preciso que pegue os ingredientes, pois não sei onde ficam.

— Ao seu dispor, madame — brinco, fazendo reverência a ela.

O gesto de reverência faz Valentina sorrir sem tentar esconder. Meu peito explode de alegria por a desarmar nem que seja um pouquinho, e também por conseguir disfarçar que eu não estava, descaradamente, manjando o seu caminhar — despretensiosamente — sensual.

Assim como foi o caso de minha mãe com a comida e todas as tentativas *sem sucesso* que fiz para que ela comesse, foram as minhas tentativas para convencer Valentina a conversar comigo.

Tudo é questão de abordagem e como ela é feita. Eu vou me apegar a isso para usar a meu favor. Sem que saiba, Moranguinho me deu uma boa dica para usar com ela própria.

Se quem comanda é o cérebro, a farei lembrar de como é bom ficarmos perto um do outro. E de como nossos corpos se conectam nesse campo magnético em que os opostos se atraem.

Opostos, afinal. Valentina é razão e eu sou emoção. Mas estou disposto e inverter isso, pelo menos nessa ocasião que finalmente a tenho sozinha comigo.

Usarei da minha razão para lembrar Valentina das nossas emoções.

Disponho todos os ingredientes sobre a bancada da cozinha próxima ao fogão e digo:

— Vou observar com atenção passo a passo você fazendo o brigadeiro, para saber qual é o segredo para que ele fique tão gostoso.

— Não tem segredo algum. Aliás, eu nem sei o que vocês tanto acham de diferente no brigadeiro que faço. É tudo muito simples. Manteiga, leite condensado e achocolatado.

— Alguma coisa tem. Talvez a temperatura, tempo que fica na panela ou ainda a forma como mexe o brigadeiro — elucidado. — De qualquer forma, ficarei atento.

Valentina balança a cabeça de um lado para outro, rindo da minha curiosidade extrema, em seguida ela enrola o cabelo e faz um coque em que alguns fios ainda ficam caídos soltos no seu rosto.

Eu não consigo parar de olhar para ela e pensar como nesses anos que se passaram ela conseguiu ficar ainda mais linda.

Depois de lavarmos as mãos e com a panela pré-aquecida, Valentina inicia o preparo do brigadeiro. Coloca uma colher de manteiga, espera derreter e adiciona o leite condensado que eu acabo de abrir a lata e passar a ela.

Com a ajuda da colher, Valentina retira o máximo do que fica na lata, mas o que sobra ainda é o suficiente para que meu dedo apanhe um pouco e leve até a boca.

Não passa despercebido por mim o olhar de canto que me lança disfarçadamente. Distraído, querendo *justamente* distraí-la, deixo escorrer do dedo na minha camisa um pouco de leite condensado.

Sou uma piada.

— Merda — resmungo, passando a mão para limpar. A camisa azul ganha uma mancha bem na altura do meu peito do lado esquerdo.

— Não seria você se isso não acontecesse.

— Às vezes me pergunto se eu não deveria usar um babador sempre que vou comer.

A declaração sai em tom de brincadeira e Valentina tem de volta um sorriso em seus lábios, mas sua atenção permanece na panela. Faço o mesmo. Aproximando-me, me apoio na bancada com o corpo virado para frente de maneira casual. Fico a poucos centímetros de distância, podendo até sentir o calor das chamas do fogão. E para ser sincero, não é essa que aquece meu corpo, e sim o fato de estar tão perto de Valentina.

Sinto-me como antes, quando já sabia que ela causava esse alvoroço em mim, mas não sabia se Valentina sentia o mesmo e por isso tinha receio em

revelar o quanto eu a amava e era atraído por ela. Ainda sou.

— Ah, não! Eu perdi quando você colocou o achocolatado — lamento.
— Quantas colheres foram? — questiono com meu melhor tom interessado.

Valentina me encara de um jeito sério e no fundo dos olhos, igual tia Malu faz quando quer descobrir alguma mentira. Eu sei que é exatamente assim porque já fui alvo de seu poderoso “olhar detector de mentiras”.

— Está mesmo interessado em aprender a fazer o brigadeiro? — indaga.

— Claro — afirmo com veemência. Ela relaxa a observação profunda e retoma a atenção ao brigadeiro.

Acho que a convenci. Talvez seu detector de mentiras ainda não seja tão bom quanto ao de tia Malu, ou talvez ainda porque isso não é uma mentira qualificada, só que existe uma outra verdade por trás dela.

Agir dessa forma e chegar a essa conclusão me faz lembrar das dicas que meu pai me deu, principalmente no tocante ao comportamento seguro que um advogado sempre deve manter num tribunal, independente das circunstâncias.

— Foram 4 colheres. E assim que eu coloco o achocolatado, mexo de maneira contínua para que ele seja envolvido pelo leite condensado, se misture e dissolva por completo — explica em detalhes e eu assinto, concentrado. — Formando assim, uma massa homogênea — conclui.

Vez que um aluno aplicado sempre tem uma pergunta a fazer depois de uma explicação, eu faço a minha:

— Tem que mexer rápido?

— Não muito. Apenas tem que mexer sem parar. Você tem de ajudar o achocolato a se integrar com os outros ingredientes, mas de forma gradativa e calma. Pelo menos é assim que faço.

Deus do céu! A serenidade dela existe até na hora de fazer um brigadeiro, como se respeitasse cada um dos ingredientes. Se fosse eu, teria colocado tudo de uma só vez na panela, mexeria — de qualquer maneira — por alguns minutos e pronto.

— Entendi — afirmo.

Meu cérebro trabalha em dar prosseguimento ao assunto.

— E eu gosto sempre de misturar no sentido horário — ela fala. — Vai formando esse espiral, está vendo?

Daqui onde estou não vejo o interior da panela e é a minha deixa para mudar de posição.

Transfiro-me de onde estou para ficar atrás de Valentina e ter a mesma visão que a dela para a panela.

— Agora estou — sopro próximo ao seu ouvido, fazendo-a encolher os ombros.

Fico ali com o rosto quase encostando ao de Valentina e com meu peito minimamente afastado de suas costas. Sequer olho para a bendita panela, reparo nos fios soltos de seu cabelo, no pescoço cheiroso e deixo minha respiração bater contra sua pele.

— Quer tentar? — Valentina esquiva o corpo para o lado, oferecendo-me a colher. A manga larga e comprida do suéter que estava encolhida até o antebraço escorrega, indo além de seus punhos. — Isso aqui está me atrapalhando — reclama.

De pronto tomo a colher, mexendo-a sem me preocupar para que lado estou indo, tudo porque eu só consigo prestar atenção em Valentina puxando o suéter para cima e o passando pelo pescoço. Quando isso acontece seu cabelo se solta e fica um bagunçado lindo. Ela sopra os fios do rosto e me pega olhando-a. Penso em disfarçar, mas desisto de tentar. Continuo a olhar, permitindo-me ver a parte do seu corpo que a roupa pesada e grossa de inverno estava cobrindo. Uma vez que a blusa branca é de um tecido fino e colado por toda extensão de braços, seios e barriga, consigo reparar em seus sutis e delicados contornos que ficam à mostra.

— Você parou de mexer! — Valentina alerta.

Parei? Olho para a panela. Sim, parei. Volto a me ocupar com o brigadeiro.

— Confere aqui, por favor, se estou fazendo certo — peço.

Ela se aproxima.

— Está. Quando a massa do brigadeiro começar a ferver e soltar as bolhinhas de ar, você passa a colher no meio da panela ou a inclina um pouco para ver se o brigadeiro está soltando do fundo. Isso ajuda a verificar o ponto. Como geralmente a gente faz para comer na colher, ele não precisa pegar o ponto firme para enrolar, com isso não precisa ficar por muito tempo fervendo ou se desgrudar totalmente. Entendeu?

— Na teoria, sim, mas como é isso de passar a colher no meio e virar a panela? — O interesse agora é realmente genuíno. Eu sequer imaginei que tinha toda uma técnica.

— Vou te mostrar.

Valentina une a mão dela à minha, seguramos junto a colher e ela direciona o movimento, fazendo uma separação. Metade da massa do brigadeiro vai para um lado e a outra metade para o outro, até que eles se encontram outra vez. Até parece ela e eu, indo cada um para um lado. Quero acreditar que também sejamos capazes de nos encontrar.

Divago, mas logo volto a prestar atenção.

Dando sequência a explicação de forma prática, ela segura a panela e a inclina, o brigadeiro desliza para o lado inclinado, mas não desgruda da panela.

— Ainda não está no ponto — constato, firme e seguro como um aluno aplicado e também como se tivesse acabado de descobrir algo inédito.

Valentina solta uma risadinha e diz:

— Não. Ainda nem começou a ferver.

— Mas vai ferver — confirmo com um sorriso malicioso. Não perco a oportunidade de dar duplo sentido à minha resposta. — E quando isso acontecer...

— Você vai deixar cozinhar por uns 5 minutos e ficar acompanhando o ponto que quer — Valentina completa, rápido. — Viu?! É bem fácil. Pode até terminar de fazer sozinho.

Ela faz menção de se afastar, instintivamente agarro sua mão.

— Não — sobressalto. — Melhor você terminar... — Suavizo meu tom de desesperado e o toque dos meus dedos ao redor de seu pulso. — Vai que alguma coisa dá errado?! Quero garantir que terei do seu brigadeiro — arremato, arqueando as sobrancelhas, num pedido silencioso que ela fique.

Suspirando longa e pausadamente, Valentina assume a missão. Dou um sorriso grato.

Com o brigadeiro pronto eu pego uma tigela de vidro para separar uma porção que pretendo realmente oferecer para minha mãe. O restante fica na panela, que enquanto esperamos esfriar, aproveito do tempo para puxar papo. Conto dos assuntos referente ao escritório, Valentina se interessa e assim mantemos um ritmo com diálogos casuais e naturais.

Sua expressão corporal descontraída, recostada na bancada da cozinha, demonstra que Valentina não se incomoda em ficar perto de mim quando o assunto não envolve nossos sentimentos.

Porém, eu quero chegar logo num ponto em que consiga explicar que Nina e eu não temos nada.

Mas há esse ponto? E como faço para chegar nele? Talvez se eu simplesmente jogar a declaração no meio do nada, fora do contexto do que estamos falando, Valentina não terá tempo para escapar e vai ouvir o que é o mais importante e o que ela precisa saber de mim.

Farei isso. E farei agora.

Deixo de ficar na posição ao seu lado e vou para sua frente, pois quero falar diante de seus olhos para que Valentina receba a verdade não só com palavras, mas também com minha expressão sincera.

— Acho que o brigadeiro já esfriou. — Ela me entrega uma colher

com uma generosa porção e depois apanha mais na panela para si com sua própria colher, que logo em seguida está em sua boca.

Já eu, sustento a colher diante da minha boca, as palavras querem a todo custo sair e por isso não como do brigadeiro. Valentina me observa, séria, e sem que eu espere ela empurra a minha colher contra meus lábios, lambuzando minha boca e queixo, que fica boquiaberto diante de sua travessura.

A danada se afasta brevemente de mim e certamente aguardando por minha reação, ela pressiona os lábios contendo a risada, mas o som que vem do fundo de sua garganta e seu peito se movendo, mostra o quanto ela se diverte em aprontar comigo.

Sisudo, sem seguir o clima de brincadeira, passo o polegar na parte em que ela sujou e a encaro com ar de vingança.

— É guerra? — questiono, dando um passo à frente e ela dá outro atrás.

Aponto minha colher em sua direção.

— Desculpe, não resisti. Lembrei daquela vez lá em casa que fiz isso.

— É mesmo?

Dou outro passo mantendo o tom sério, ela por sua vez segue se afastando e eu me aproximando.

Sem querer me dar as costas ela acaba esbarrando numa cadeira atrás de si, só que não desiste e nem eu, até que sem prever Valentina acaba parando no canto entre um armário e a porta da cozinha que está fechada.

Encurralada e parecendo acreditar na minha reação contrária à brincadeira, responde-me ressabiada:

— É... lembrei! Mas hoje, nem sujou mui...

Ela não termina de falar porque é minha vez de levar a colher até seu rosto, passo a colher com brigadeiro sem dó por sua pele clara. Seus olhos se arregalam, no entanto, de maneira ágil Valentina revida, e consegue lambuzar meu rosto um pouco mais. Ao contrário do que ela certamente imagina que vou fazer, não dou o troco. Fico parado e até abandono minha colher, arremessando-a na pia.

Dotada de tamanha valentia, que é uma de suas características marcantes, ela não desiste e continua sua travessura, pegando inclusive do brigadeiro que eu passei no rosto dela, para passar no meu. Assim, seus dedos um tanto que grudentos, deslizam com dificuldade por toda extensão da minha face. Deixo que faça porque gosto do seu toque, deixo porque depois vou dar o troco.

Certo de que estou com brigadeiro em cada centímetro da minha face, pergunto:

— Acabou?

— Sim — responde, formando um biquinho no canto da boca. Adoro sua expressão sapeca.

Coloco um grande e simpático sorriso na minha cara cheia de chocolate, o que faz Valentina baixar a guarda, acreditando que está tudo bem, que não vou reagir.

Ah... mas ela está muito enganada.

— Está bem. Agora é minha vez! — disparo, agarrando-a sem lhe dar tempo para qualquer reação de revide ou escapatória.

Circundo o corpo dela, prendendo seus braços debaixo dos meus e começo a passar meu rosto lambuzado no dela. Valentina tenta escapar, aplico uma força que não a machuque, mas que também não torne fácil sua fuga e continuo a lhe lambuzar.

Seus gritinhos, misturados a risadas, murmúrios e até os xingamentos, me fazem rir.

— Gustavooo... para! Ai, seu filho da mãe!

— Oopa! Não fala isso, não, porque minha mãe é uma santa.

— Ai, Meu Deus! Desculpa, tia Melissa.

A minha risada se une a de Valentina e nesse vai e vem frenético de nossos rostos eu encontro sua boca com a minha. Ela tenta desviar o contato, mas eu não desisto e vou em busca de seus lábios. Sua risada cessa e sua respiração se tornar rápida. Não vou perder a chance de beijá-la. Quando consigo alcançar sua boca, deslizo minha língua em seus lábios doces com sabor de chocolate. As mãos que até então tentavam me afastar param o movimento e por alguns segundos Valentina deixa minha língua sorver do sabor, porém, persistentemente ela mantém a boca fechada sem me dar acesso para ir além.

Abrando o movimento, seus olhos se fecham, mordisco seu lábio inferior, sugo-o de leve. Quase conseguindo o beijo, ela baixa o rosto tirando a boca da minha.

— Não faz isso — pede num sussurro fraco.

Mas eu sei que esse não é seu desejo. Posso ver em seus olhos que agora se abrem diante dos meus. Posso sentir também em seu corpo que se torna relaxado debaixo de meus braços que Valentina não quer parar.

— Por favor, Valentina.

Ela engole com força.

— Me solte, por favor.

O pedido tem o efeito reverso. Eu não solto e a seguro mais firme, com o medo de perdê-la.

— Gustavo. Por favor, me solte. — Seu olhar é suplicante e triste.

Afrouxo a pressão, contudo, ainda sem lhe dar condições para sair.

— Desculpe, mas eu não vou soltar até que pelo menos me ouça. Eu quero e preciso explicar tudo.

Agora sou eu quem está suplicando.

— Eu já disse que você não tem que me dizer ou explicar nada. Entendi que você seguiu o seu caminho, Gustavo. Ou melhor, outro caminho que não o nosso e de tudo que prometemos um ao outro.

Balanço minha cabeça em negação.

— Não... não! Está enganada! Você continua sendo meu caminho, nosso amor é o meu caminho — profiro com certo desespero.

— Já chega! Não diga essas coisas! — Ela explode, consigo captar o nervosismo e a raiva que floresce em Valentina, que volta a brigar e a tentar sair de perto de mim. — Você tem namorada...

— Não é o que você pensa — interrompo-a, mantendo-a em meus braços.

— ... porque está fazendo isso comigo? Com ela...

— Me ouve, Valentina — peço. Controlo a vontade que tenho de gritar e dizer que me ouça, pois eu prometi que eu nunca mais gritaria com ela.

— Acha certo brincar tanto com os meus sentimentos quanto com os dela? Não é justo com nenhuma de nós duas. Não faça isso comigo e com sua... NAMORADA!

Valentina cospe a palavra com mágoa e também adquire uma força surpreendente que consegue se soltar de mim.

— ELA NÃO É MINHA NAMORADA! — grito enfim. Sou obrigado a alterar o som da minha voz para que Valentina preste atenção, mas ainda assim ela parece ignorar o que acabo de dizer e dá um passo ao lado, eu a seguro pelos ombros. — Pare e me ouça, por favor?! Nina. Não. É. Minha. Namorada! — Valentina não diz nada, então repito: — Nina não é minha namorada.

Seu peito sobe e desce rápido e seus olhos ficam marejados.

— Eu não pensei que você pudesse ser desse jeito — ela declara com decepção e até repulsa.

— Não estou entendendo...

Sua agitação é nítida.

— Então Nina é o quê? O seu passatempo? Seu casinho, seu rolo? Não importa o nome, o que importa é que você está com ela, a única garota que um dia conseguiu me atingir falando coisa horríveis pra mim e que nunca perde uma oportunidade de me provocar. Deixando, INCLUSIVE, bem claro que ela sempre quis você. Bom, por fim, vejo que conseguiu. E eu sou muito boba mesmo, porque ainda me preocupo em você estar sendo um canalha comigo e

com ela. Mas quer saber, Gustavo? Vá se ferrar! Leve Nina com você e me deixe em paz!

Eu nunca a vi tão nervosa, nem quando tivemos aquela discussão, pois o nervosismo dela hoje é diferente, nutrido por uma raiva enorme e desse jeito eu nunca a vi.

Solto seus ombros, pois acho por bem fazer e explico o que posso, enquanto a tenho diante de mim, lançando-me nem que seja esse olhar de desprezo.

— Nina é só uma amiga. Eu sei que eu prometi que eu nunca seria amigo dela, porque uma vez ela te fez chorar. Eu não queria falhar minhas promessas com você, mas acabei falhado essa. Tudo porque encontrei Nina numa situação terrível. E como a minha também não era das melhores, acabamos que... nos tornamos amigos. Mas por Deus, Valentina! Acredite em mim, eu não tenho nada com Nina além disso.

Ela me encara, suas pupilas e narinas estão dilatadas.

— Está mentindo! — acusa-me, firme e direta, desviando em seguida a atenção para qualquer ponto que não seja eu.

— Eu não estou mentindo.

— Está! Ou então, como explica o fato de ela...

— Valentina? Olhe nos meus olhos e veja se eu estou mentindo. Você é capaz de saber se é verdade ou não o que estou dizendo. — Toco seu queixo, trazendo seus olhos diante dos meus. — Eu não tenho nada com ela. Nina é só minha amiga.

As íris de seus olhos alarmados se movimentam, captando cada expressão da minha face. A calma que sinto chega a ser surpreendente.

— Vocês são apenas... amigos?

— Sim — confirmo. Valentina passa a mão pelo rosto, parecendo desorientada. Mas eu quero falar tudo o que posso de uma vez. — Nina está enfrentando uns problemas com... — Paro de falar, pois Valentina simplesmente contorna pela minha lateral e se afasta, girando a maçaneta da porta ao nosso lado. — Espera! Aonde você está indo?

— Eu preciso de um banheiro e de tempo — ela me responde sem olhar para trás, saindo porta afora.

Eu a sigo.

— Ok. Vamos lá em cima, vou pegar uma camiseta limpa pra você. Essa está toda suja.

Valentina segue sem responder ou esboçar qualquer reação, o que é um tanto preocupante. Encaminho-a até um dos quartos de visitas, o qual geralmente ela ocupava quando éramos crianças e ela passava a noite aqui em casa, e meio

que por isso esse acabou se tornando o quarto dela.

— Eu deixei meu suéter lá embaixo e olha o estado que está essa minha blusa.

— Tudo bem, não tem problema. Eu vou pegar uma limpa pra você.
— *Eu já havia dito isso antes, mas pelo jeito ela não ouviu.* Abro a porta do quarto. — Fique à vontade, e só lembrando, tem banheiro aí dentro — digo por precaução. Ela parece área.

— Obrigada — sussurra e some para dentro do cômodo enquanto eu encosto a porta.

No meu quarto eu sigo direto ao banheiro para lavar o rosto e as mãos. Enquanto a água vai limpando o brigadeiro do meu rosto, me atento que Valentina estava tão estranha e que ela pode ser capaz de aproveitar para ir embora sem que eu a veja. Isso me faz fechar a torneira, pegar a toalha de rosto ao lado e seguir com pressa até o armário em busca de uma camiseta e voltar de imediato até onde ela está.

A ansiedade de ainda a ver aqui é tamanha, assim como o medo de que ela tenha escapado, que esqueço de bater à porta para antes verificar se posso entrar, o que me faz dar de cara com ela vindo do banheiro secando o rosto e sem blusa. Assim que ela percebe minha presença, leva a tolha até o peito para esconder seu sutiã, mas ainda assim tenho o pequeno vislumbre da peça de cor preta e como sempre com uma renda delicada.

— Tome.

— Essa camiseta é minha — conclui, pegando-a de minhas mãos e a vestindo em seguida.

— Sim. É.

— A minha de borboletas, que eu tenho certeza que levei comigo quando fui embora, mas que trouxe nas últimas férias e depois não a encontrei mais. Como ela está aqui com você?

— Só senti falta dessa? — Deixo escapar a pergunta e depois me arrependo.

— Ela é minha preferida — explica rápido. — Espera! — Valentina franze a testa, pensativa. — Você anda roubando minhas camisetas?

Passo as mãos pelo cabelo, reunindo a resposta do que eu não queria ter que contar, mas que por causa do meu impulso me vejo em um certo apuro e prestes a colocar outra pessoa também.

— Roubar é um termo um tanto pesado. Eu só queria ter uma peça de roupa sua. Em algum momento iria devolver.

— Para que queria?

— Matar a saudade que eu tinha do seu perfume. Assim que você foi

embora, eu até comprei um frasco dele, mas o cheiro não era o mesmo, porque a fragrância se torna única quando entra em contato com sua pele. Por isso, a cada ano que veio, dei um jeito de ficar com alguma camiseta sua.

— Como conseguiu se você passou a não querer me ver mais?

— No primeiro ano eu mesmo peguei uma, mas nos seguintes quem fez isso por mim, foi... Gaetano — confesso.

— Por quê? — ela indaga outra vez.

— Eu já disse. Eu queria sentir seu cheiro, matar a saudade de alguma forma.

— Pois é, por que dessa forma? Com uma peça de roupa minha, sendo que poderíamos ter ficado juntos durante todo o período que eu passava aqui nas férias? O que levou você a se afastar de mim, da gente, do nosso amor?

Valentina perdeu aquele ar confuso e agora está em plena lucidez. Ela é aquela de sempre, pronta para questionar, se aprofundar no assunto e expressar suas opiniões.

— Eu nunca me afastei do nosso amor, só não conseguia ter você por um tempo e depois ter de passar o resto do ano sofrendo com a sua ausência. Eu te expliquei isso — relembro-a.

— Só que eu nunca entendi direito. E além disso, quando tivemos essa conversa você estava nitidamente bravo comigo e eu me sentindo culpada. Mas hoje, me pergunto como foi que permitimos nos afastar tanto?

Apesar de uma conversa um tanto difícil e com um assunto já repetido, eu gosto que tenhamos a oportunidade de falar sobre ele, pois hoje eu penso bem diferente de antes.

— Porque eu só conseguia enxergar tudo nebuloso, não conseguia racionalizar meus sentimentos. E talvez ainda não consiga muito. Já que tudo que eu penso desde aquela noite que você esteve aqui e me viu com Nina, é te dizer que não é nada disso que aparenta ser, no entanto, agora pelo menos, eu realmente me sinto um pouco mais seguro e determinado a fazer as coisas certas.

— Não minta pra mim!

Seu tom é ameaçador.

— Não estou — asseguro-lhe.

— Você e ela não têm nada, nunca tiveram, nunca sequer se beijaram? Por que essa coisa de amigos... pode ter acontecido. Quero que me diga a verdade.

— Nada. Nunca aconteceu nada entre ela e eu.

— Vocês estavam abraçados no seu quarto que eu vi — Valentina rebate com mágoa.

— Ela só veio para falar algo rápido, deixar seu apoio, e avisar que ia

dar um tempo. Você a encontrou aqui em casa depois desse dia?

— Não. Mas ela pode ter vindo quando eu não estava.

Valentina é rápida e segura em cada palavra e eu acompanho esse ritmo.

— Mas não veio, Valentina. Estou falando a verdade — volto a afirmar com ardor. Ela precisa acreditar em mim.

Valentina se afasta indo até a janela, respeito sua distância e seu silêncio. Só que, o fato de respeitar e aguardar que ela decida retomar a conversa não quer dizer que eu não estou nervoso ou ansioso.

E por sorte, depois de um tempo ela se vira e me encara de onde está. Abre a boca, mas o som de sua voz não sai, então ela tenta outra vez e tenho dela o que deseja saber.

— E houve alguma outra garota que você tenha...

— Sem chance disso acontecer, Valentina. Eu te amo. E a promessa que fizemos referente a isso eu não quebrei e NUNCA vou quebrar.

Valentina passa a mão pelo rosto e em meu peito o meu coração começa a ganhar um ritmo forte e rápido. Tenho a esperança de que ela está conseguindo assimilar e acreditar no que digo.

— É tudo um grande mal-entendido, então? Você e Nina não são namorados?

Torna-se repetitiva sua pergunta, e mesmo que ela a fizesse mil vezes eu não me recusaria ou cansaria de responder. E com isso quero deixar tudo às claras com Valentina, sem pontos que sejam omitidos.

— Não somos namorados. A única coisa é que Nina...

Valentina ergue a mão, fazendo-me parar de falar.

— Não fala mais nada! — ela ordena, tão séria que me sinto pequeno e com medo do que vem a seguir. — Só me beija.

Surpreendo-me. E sem dúvida estou mais que disposto a cumprir sua ordem.

— Ah, caramba! Valentina... — ofego.

Meu coração parece querer pular para fora do peito na fração de segundos em que ela vem ao meu encontro e vou ao dela, a nossa curta distância se finda. E de maneira sincronizada, apoio as mãos em seu bumbum, impulsionando-a para cima, o que faz Valentina entrelaçar as pernas ao redor do meu corpo enquanto nossas bocas não perdem tempo e se unem nesse desejo louco de matar a saudade dos nossos beijos.

Sua língua invade a minha boca eu a tomo como uma necessidade extrema. Ora eu a sugo, ou deixo-a livre com a minha, unindo-nos nesse ritmo onde nossas cabeças se movem querendo a todo custo experimentar do beijo em

cada centímetro de nossas bocas. As mãos de Valentina se afundam em meu cabelo e eu adoro a forma desesperada que ela puxa os fios. Desesperada também está sua respiração, assim como a minha e todas as outras reações dos nossos corpos. Posso sentir o desejo ultrapassando nossos poros, queimando a aflição desses anos que eles não tiveram um ao outro.

— Eu morri de saudade — ela declara sobre minha boca, apoiando a testa na minha.

— acredite, eu também.

Valentina suspira com meu rosto entre suas mãos, voltamos a nos beijar e a cada segundo que passa eu sei que a saudade não se limita apenas aos beijos, por isso começo a caminhar. Ao alcançar a porta ela para de me beijar e faz menção de descer, seguro-a firme e faço que não com a cabeça. Ela sorri e apoia a cabeça em meu ombro enquanto eu sigo pelo corredor até ao meu quarto, com a minha Moranguinho em meu colo.

A porta aberta facilita a minha entrada, mas assim que a ultrapasso, fecho-a com a ajuda do meu pé e de imediato apoio as costas de Valentina nela. Mordisco seu queixo, maxilar e cubro sua boca com a minha. Cada segundo é precioso, dotado de urgência, saudade e desejo. Nesse estado afoito o dente dela se choca com o meu, rimos da situação e nesse momento em que cessamos os beijos, consigo ter o vislumbre do seu rosto avermelhado em chamas pelo roçar da minha barba por fazer em sua pele.

De repente, Valentina para de rir, solta suas mãos dos meus ombros e avança até a sua camiseta que ela puxa para cima, com determinação e agilidade em se livrar da peça. Com um braço eu sustento seu corpo com a ajuda da porta, mas o outro eu consigo deixar livre e guiar minha mão até seu pescoço, com o indicador faço o trajeto do cordão de ouro em volta dele e acompanho o caimento que possui até o pingente que se acomoda vitoriosamente entre os seios de Valentina, ali deposito um beijo suave.

— Minha Moranguinho... — sussurro o apelido dela, indo em busca de seus lábios. Mas Valentina para o meu rosto, pousando as mãos em cada lado da minha face.

Seu olhar é uma mistura densa de amor, paixão e posse.

— Meu Trovão.

Valentina ofega, aperto seu bumbum e em reação ela pressiona sua coxa em meu quadril. Beijo-a e a levo para a cama. No instante em que suas costas encontram o colchão, arranco meus sapatos e meias com pressa, feito isto plino o meu corpo sobre o dela e inicio uma série de beijos em seu pescoço, até que mordisco o lóbulo de sua orelha. Afetada, Valentina se encolhe e firma os dedos em meus braços. Sei que a cada carícia o seu desejo aumenta, da mesma

forma que o meu.

Determinado em deixá-la cada vez mais envolvida nessa constante de excitação, levo minha língua para brincar perto do sutiã, deslizo-a contornando o formato da peça, decido tomar vantagem e com a ajuda da mão direita, afasto-a. Mas não totalmente, apenas o suficiente para ter um pouco mais de sua pele. Faço isso num dos seios e só depois de partir para o outro e fazer o mesmo, é que permito que meus dedos consigam afastar o tecido totalmente e assim ter livre acesso a eles. Quando acontece, sugo-os com demasiada vontade e saudade. Procuro ser justo, dando a cada um o mesmo tempo em minha boca, recebendo o contato de meus lábios e língua, o que é o tempo necessário para Valentina se contorcer debaixo do meu corpo, ofegar e gemer baixinho a cada vez que estímulo sua pele exposta e febril.

Desço pelo seu corpo fazendo uma trilha de beijos desde os seios até seu umbigo, ali desenho com a ponta da língua o pequeno círculo dele. Escuto os suspiros e gemidos de Valentina, e isso desencadeia cada vez mais a vontade em promover toques que a façam liberar os sons que a excitação lhe causa. Para isso preciso de cada parte dela sem roupa.

Preciso dela nua.

Inicio a prazerosa tarefa de despir Valentina, tirando-lhe o calçado e as meias. Vou até o cós da sua calça jeans que ela já desabotoou e a puxo para baixo. Ela me ajuda elevando seu quadril, fazendo a calça deslizar por seu bumbum. Quando termino de passá-la por suas pernas e pés, pronto para voltar até a cama e fazer o mesmo com a calcinha, Valentina fica de joelhos.

— Estou em desvantagem — alega.

E assim, me puxa pela gravata, fazendo-me engatinhar até ela.

Num movimento rápido ela me faz deitar de costas e em seguida está montada em meu colo. A visão dela por cima é minha preferida, principalmente quando sedutoramente ela morde o lábio inferior e me provoca, pressionando-se contra mim, o movimento em ondas de seu quadril me deixa alucinado de tesão. Ela percebe e repete o movimento com um olhar de provocação.

A forma desinibida com que cada ação acontece é a mesma com que se deu desde a primeira vez que fizemos amor, talvez nessa ocasião o nervosismo e receio — por ser *justamente* a primeira vez — tenha tido uma pequena participação, contudo em cada uma das vezes seguintes que nos amamos, íamos nos tornando mais íntimos e seguros do que estávamos fazendo. Isso foi tão sólido e sincero que nem parece que passamos tanto tempo sem ter um ao outro. Continuamos a ter a intimidade que construímos, continuamos a ter as percepções de cada “ponto fraco” e continuamos com aquela curiosidade imensa de descobrir ainda mais o prazer que podemos sentir e proporcionar quando

estamos juntos.

E é por isso que, sem qualquer cerimônia, Valentina se apressa em desfazer o nó da minha gravata e assume a função de desabotoar cada um dos botões da minha camisa. Ao finalizar ela escancara o tecido tornando um contato ritmado e gostoso de suas mãos em meu peito e barriga, acompanhado do toque de sua boca que se encarrega em deixar beijos e lambidas por onde passa.

— Adquirindo vantagens? — pergunto com ar de diversão.

— Bem pouco diante das suas — ela rebate, sorrindo.

Ergo as costas da cama e me sento, as mãos de Valentina empurram o tecido da camisa pelos ombros, tirando-a por completo.

— Que tal deixarmos isso justo? — sugiro.

Ela arqueia as sobrancelhas e desce do meu colo. Eu já não suporto mais ficar de calça, levanto-me da cama e me liberto de uma vez por todas dela e também aproveito para tirar a última peça que me falta.

— Nossa... — Valentina diz com desejo, focada em mim.

É minha vez de fazer uma alegação.

— Acho que agora sou eu quem está em desvantagem.

Volto para cama e a coloco de bruços, massajeio suas costas ao passo que deslizo meu corpo no dela, beijo sua nuca e abro o sutiã. Sigo até a calcinha, mas antes de tirá-la dou a mim mesmo essa visão excitante do bumbum de Valentina adornado por uma pequena calcinha da mesma cor do sutiã, enredo o dedo nas tiras laterais de renda, e por fim a tiro.

Valentina fica de barriga para cima, e com nossos corpos nus e livres para sentir o contato pele a pele, retomamos as carícias. Em cada uma os gemidos aumentam assim como o desejo de findar a separação vivida durante tanto tempo. Apresso-me em pegar um preservativo na gaveta do móvel ao lado da cama e o que tanto queremos não é mais adiado.

Nossos corpos se encontram. Unem-se e... pegam fogo. Movimento-me, voltando a sentir a deliciosa sensação de sermos um só. Deleito-me com a sensualidade impressa nas feições de Valentina, na sensualidade com que ela também acompanha o movimento, como puxa meu corpo para o dela, aprofundando cada vez mais esse vai e vem tomado de completo desejo.

Reconhecemo-nos um no outro, é íntimo, gostoso, e é como se tivéssemos feito amor ainda ontem, porém, com uma dose generosa de uma saudade que foi capaz de fazer guardar e aumentar ainda mais o tesão e o prazer de estarmos juntos outra vez.

Dentro dela esqueço de todo o resto, esqueço das minhas dores, esqueço de tudo que nos aconteceu e me encho da esperança de que ainda podemos ser o que sempre fomos. Nascidos para amar.

Amando-nos em diversas posições, frenéticas e enlouquecidamente, ou de maneira suave, eu não sei quem aqui é razão ou emoção, mas uma coisa eu tenho certeza: ela é a minha Moranguinho e eu sou o seu Trovão.



Gustavo

Meu coração bate colado nas costas de Valentina, seu corpo de lado está encaixado ao meu de um jeito em que eu circundo meus braços ao redor dela e assim a tenho guardada dentro do meu abraço.

— Eu passaria o resto dos meus dias aqui nessa cama com você — sussurro em seu ouvido. Valentina aperta minha mão unida a dela e eu posso ouvir o seu inspirar profundo. — Mas a realidade ainda não nos permite isso — completo antes mesmo de que meus próprios pensamentos me levem a desejar ter Valentina para sempre comigo e isso impeça de que eu toque num assunto que me entristece, mas que é necessário.

Ela se vira, me dando a visão de sua face que ainda se mantém ruborizada. E o fato de eu não ter feito a barba colabora para o vermelho de suas bochechas.

— Eu não me importaria de ficar aqui com você — ela diz e seu sorriso carinhoso acompanha o deslizar de sua mão pelo meu rosto, concentrando-se por mais tempo em minha boca, onde ela perpassa o polegar vagarosamente.

— Aquele dia no labirinto — começo. — Você disse que ia ficar. — Ela assente e faz menção de falar, então a silêncio com um beijo. — Apenas me

escute por um instante, por favor — peço gentilmente quando afastar nossas bocas.

— Tudo bem. — Percebo em seu olhar a expectativa que o assunto lhe causa.

Vou direto ao ponto.

— É linda a sua atitude em pensar em sacrificar seus próprios planos para ficar ao meu lado nessa fase que, sem dúvida, é a mais difícil que já tive que lidar. Mas não é justo, Valentina. Sou grato por você ter vindo, por ter permanecido todos esses dias, só que isso a prejudica. Prejudica seus estudos e tudo que está desenvolvendo com tanto amor. E eu não quero que largue tudo por minha causa — digo com toda minha sinceridade e enquanto falo percebo que Valentina é capaz de compreender o que quero dizer, e principalmente eu sei que no fundo do seu coração, abandonar o que está fazendo não é o que ela realmente quer. Continuo e explico ainda os outros motivos que tornam a partida de Valentina necessária. — Além disso, eu ainda preciso me curar dessa dependência de você. — Minhas palavras fazem Valentina arquear as sobrancelhas e ela ganha um tom inquieto em suas feições. Acrescento: — Não que eu queira aprender a deixar de te amar e de te querer na minha vida, não é nada disso. É só que eu preciso aprender a viver sabendo que a gente pode continuar se amando mesmo longe um do outro e que a sua ausência não pode interferir no meu dia a dia. Você não tem culpa de nada, é algo comigo mesmo.

Dou um sorriso e afago sua nuca por cima da sedosa mecha de cabelo que ali está. Querendo assim, que de alguma maneira toda a sinceridade contida nas palavras que acabo de dizer e nas próximas não a machuquem.

— Quando eu te disse para voar, não disse com sinceridade, eu queria te manter ao meu lado. Só que o verdadeiro amor não aprisiona. E por isso não é certo eu querer te aprisionar... você está livre. Sua missão na África não acabou. Vá, conclua esse ciclo. Eu estarei aqui concluindo o meu e eu espero que quando você voltar, possamos recomeçar de onde paramos. Mas eu quero estar diferente, mais maduro e pronto para ser capaz de te amar da maneira certa. Sem fazer do nosso amor a escorela da minha vida, mas sim fazer dele a parte mais suave e linda. Eu percebi que ao longo desses anos depus em você uma responsabilidade muito grande de que você tinha que estar sempre ao meu lado, me tornei dependente e te fiz minha prisioneira.

Valentina balança a cabeça em negação.

— Eu nunca me senti uma prisioneira.

Ela jamais admitiria isso para mim.

— Acredite, em algum momento você se daria conta disso e ia pesar na nossa relação. Eu te amo, Valentina. E é por te amar que eu preciso que você

vá.

Deus, como isso dói. Ter que dizer para ela ir quando tudo que eu mais queria era que ela ficasse. Entretanto eu preciso ter alguma razão, fazer as coisas diferentes, ou nenhuma mudança acontecerá.

Valentina volta a ficar dentro do meu abraço, sua pele nua se une à minha e o coração dela bate tão forte que posso sentir a vibração de seu peito reverberando no meu.

— Obrigada — ela sussurra e seus lábios tocam o meu pescoço em um beijo cáldo. — Eu te amo. Eu vou, mas eu volto.

— Estarei aqui e farei o meu melhor por você e pelo nosso amor. — Seu rosto fica ante ao meu. Carinhosamente seus lábios encontram minha bochecha, sua respiração morna sopra em minha pele e antes de lhe beijar uma vez mais, seguro seu rosto entre minhas mãos, olho no fundo de seus olhos e asseguro: — Ainda teremos uma vida inteira pela frente juntos.

Beijo-lhe, tomando para mim a força e a luz necessária para os meus dias seguintes até a sua volta.

Valentina

Gustavo toma minha boca em um beijo ávido, denso e profundo. Seu corpo todo reage com extrema urgência e necessidade. Não fico diferente. A saudade, os anos sem ser tocada por ele, sem sentir suas mãos em meu corpo e a certeza de que passarei mais algum tempo sem tudo isso, me faz querer loucamente que ele me ame outra vez.

Faz-me querer que a boca — que foi capaz de dizer coisas tão sensatas que demonstraram seu interesse em amadurecer e seguir superando os próprios limites de sua personalidade — e que agora desliza pela minha barriga, me alcance onde todo o meu desejo se reúne e pulsa, querendo senti-lo.

É com a língua que ele me toca, é com seus lábios carnudos enquanto o dedo ágil investe contra mim, com carinho, malícia e com o conhecimento que Gustavo detém do meu corpo e como me sinto quando ele me toca.

— Gostosa — ele sussurra erguendo seu olhar para mim. A visão me excita ainda mais, cravo o dente no lábio inferior e em meus dedos agarro seu cabelo, no compasso que meu quadril quer acompanhar os movimentos em ondas que Gustavo promove.

A mão livre dele vem ao encontro dos meus seios, ele passa de um para o outro querendo dar igual atenção aos dois, até que decide se manter concentrado em um só, segura-o firme, acaricia, me excita. Uno minha mão a dele. Meu corpo fica tenso, o coração dispara, o ar some, pressiono forte minha mão sobre a dele ao passo que a cadência de seus movimentos me faz encontrar o caminho do prazer. E diferente de momentos antes, em que Gustavo também foi capaz de me fazer ter a sensação de flutuar com um orgasmo intenso cheio de paixão e saudade, agora fecho meus olhos, deixando meu corpo ser envolvido por essa sensação gostosa que mistura a excitação carnal, mas também uma excitação que vem do coração, que se sente tranquilo por saber que ele continua sendo só meu, assim como eu continuo sendo só dele.

Permaneço de olhos fechados esperando a respiração entrecortada se abrandar e dentro dos meus próprios pensamentos as imagens dele me segurando debaixo de seus braços enquanto passava o rosto cheio de brigadeiro no meu, fazendo assim meu corpo reagir à nossa proximidade e querendo que pudéssemos ir além, mas principalmente querendo que ele nunca tivesse quebrado a nossa promessa.

Foi onde a emoção digladiou com a razão e ela até quis falar mais alto quando a boca de Gustavo encontrou a minha, então me permiti sentir por segundos até que a razão gritou e tomou as rédeas das minhas ações. No entanto, quando eu tive dele a verdade e acreditei nela, visto que existe algo entre nós que sempre funcionou bem. Não precisamos falar. Um olhar é suficiente para entendermos um ao outro. É uma conexão que vem desde sempre.

E eu vi em seu olhar que ele nunca a tocou, nunca esteve com a Nina como está agora comigo. Isso foi de súbito a liberação que minha razão deu ao meu corpo e desde então eu fui tomada pelas emoções e as melhores sensações de voltar a ser dele de corpo, alma e coração. É como se essa lacuna em nossas vidas nunca tivesse existido.

Continuamos sendo únicos um para o outro e inseparáveis, eu tenho certeza, ainda mais depois de ele compreender que o fato de não estarmos fisicamente juntos, ainda assim poderemos nos manter unidos pela força que há em nosso amor.

— Eu realmente não me importaria de ficar aqui nessa cama para o resta da minha vida com você fazendo o que acabou de fazer — falo com um imenso e satisfeito sorriso no instante que abro meus olhos.

Gustavo solta uma gargalhada tão genuína. Percebo o quanto esse momento em que estamos juntos, ele foi capaz de livrar a mente da dor de sua perda.

Deitado de lado, com a cabeça sendo sustentada pela mão esquerda, ele me fita com nítido carinho.

— Linda. — A palma da mão de Gustavo se aloja na minha bochecha, meneio a cabeça e a afago com a minha.

— Não devemos demorar muito. Sua mãe pode acordar. E não tem ninguém em casa. Não é bom ela se sentir sozinha.

— Verdade. — Gustavo salta da cama. E em um movimento rápido está me puxando pelo tornozelo, fazendo meu corpo escorregar pelo colchão até encontrá-lo. Com facilidade envolve minha cintura com seu braço, com mais facilidade ainda me ergue e me leva para o seu colo. — Mas ainda dá tempo de um banho juntos, e se eu bem me lembro, nós costumamos fazer umas coisas bem interessantes no chuveiro.

O sorrisinho malicioso acompanhado de uma piscadinha e ainda o seu olhar imprimindo o desejo insaciável que sente por mim, me deixa animada e pronta para fazer *coisas* bem interessantes com ele debaixo d'água.

Gustavo

Envolvido por essa atmosfera de amor e me sentindo em paz por ter Valentina de volta como éramos, consigo deixar de pensar nas dificuldades. Ela tem esse poder sobre mim, vai ter para o resto da vida. Mas ainda tenho um ponto a tratar. Contar que eu estou ajudando Nina, que tenho um namoro de fachada só para que a mãe dela não a coloque novamente naquela clínica psiquiátrica, é um assunto que eu não gostaria de ter que trazer para este momento. Mas preciso.

— Considerando que você afanou algumas das minhas camisetas, acho que não tem problema eu pegar uma sua. E esse moletom me parece bem quentinho — Valentina diz, apossando-se de uma blusa que ela encontra em cima da cadeira.

O ar de diversão em sua voz e esse clima afetuoso que voltamos a ter me quebra ao meio. Não que eu não quisesse que estivéssemos desse jeito, evidente que queria. E justamente por isso que me quebra, visto que eu preciso lhe deixar ciente de tudo e esse *tudo* pode não ser recebido muito bem por ela e o clima bom se dissipar.

Observo-a deslizar a peça de roupa pelo seu corpo que fica um tanto grande para ela, mas que não tira nem um pouco seu charme.

Termino de amarrar os cadarços do meu bom e velho coturno e vou até Valentina, que está na frente do espelho e começando a pentear o cabelo úmido que ela tentou a todo custo não molhar, mas que foi um tanto impossível de não acontecer.

Posiciono-me atrás dela e a envolvo pela cintura. Através do espelho que reflete nossos corpos por inteiro, tenho a visão que quero ter para sempre. Ela e eu juntos. Arrumo um lugar para o meu rosto na curva de seu pescoço e a fragrância de morango, como sempre, está presente. Inspiro fundo sentindo o frescor da pele recém lavada, os fios de seu cabelo molhados estão gelados, arrumo o grande capuz do moletom em volta do seu pescoço, querendo aquecê-la.

Valentina gira entre meus braços e fica de frente para mim, as mãos dela repousam em meu peito, seu olhar de diversão ganha notas de preocupação.

— Como você está? — pergunta-me baixinho.

Sei exatamente ao que ela está se referindo. Ouço essa pergunta mais

de uma vez no dia por pessoas diferentes. Pondero em dar a Valentina a resposta ensaiada que tenho dado a todos. “*Estou bem apesar de tudo. E a vida tem que seguir*”. Em partes até é verdade essa afirmação. Mas no fundo, lá no fundo, quanto mais os dias passam, a saudade do meu pai aumenta e a dor pesa.

E como Valentina está longe de ser *todos*, digo a outra parte da verdade.

— Vou parecer muito louco se disser que tem momentos que eu ainda espero que ele entre em casa no final do dia ou que apareça de manhã aqui no meu quarto para ver se já estou acordado, com receio de que eu me atrase, ou ainda que eu espere ouvir a gargalhada dele e por consequência da minha mãe?

— Não. Você não parece louco dizendo isso. Parece com alguém que ama o pai e que tudo que mais queria era que isso acontecesse, que ele pudesse voltar.

— Apesar de imaginar o impossível, tenho consciência que isso nunca irá acontecer. Ele está morto.

Valentina enrugando a testa, sua mão sobre meu peito se move devagar, querendo com o toque acalantar a minha dor.

— Seu pai sempre estará vivo em suas lembranças, nunca esqueça disso — ela diz num tom sereno, feito um anjo. Assinto, tomando seu conselho e seu carinho. — Tenho percebido você preocupado com sua mãe e com todas as outras coisas. Não precisa tomar tudo para si, sabe que tem a nós. Você e tia Melissa não estão sozinhos, Gustavo.

O tom preocupado se acentua.

— Eu sei. E todos vocês têm feito o que podem. Sou grato e não me sinto sozinho — afirmo, sincero. — Mas eu preciso ter algo a que me agarrar. Um propósito, entende? E esse propósito é cuidar da minha mãe, terminar a faculdade e manter o escritório de pé.

— Tenho certeza que irá conseguir. — Um sorriso encorajador surge em seus lábios, ela me olha com ternura. — Mas para os dias que por ventura se apresentarem difíceis demais, não hesite em ir em busca do apoio da nossa família — aconselha e compreendo o objetivo. — Nós sempre estivemos unidos e não será diferente agora. A sua dor e da sua mãe é a nossa também.

— Não se preocupe. Eu não farei mais nenhuma porcaria. E sempre que eu precisar, sei que é à nossa família que devo recorrer — tranquilizo-a, pois compreendo seu temor de que eu possa voltar a fazer o que fiz quando ela foi embora.

— Além disso, caso manter contato comigo não te atrapalhe em seus propósitos, pode me ligar, mandar mensagem sempre que quiser.

Seu olhar baixa até a sua mão, talvez com o resquício da mágoa que

lhe causei quando cortei definitivamente qualquer contato. Sinto-me um estúpido por ter feito isso. E por reação puxo Valentina para perto, abraço-a envolvendo seu pescoço e trago seu rosto até meu peito.

— Obrigado. — Beijo o topo de sua cabeça, seguro meus lábios ali enquanto completo: — Me desculpe por ter tomado a errada decisão de querer te afastar de mim. Não foi por mal, ou por não te amar, foi só que eu achei que seria mais fácil.

— Está tudo bem, já superamos isso.

Seu olhar pacífico aplaca a chateação que sinto comigo mesmo.

— Tudo será diferente a partir de agora, Moranguinho — garanto com sinceridade e beijo seus lábios, selando a promessa que acabo de fazer.

A maciez dos lábios de Valentina é tão envolvente que prolongo o beijo simples para algo mais intenso, sinto-a arfar cada vez que minha língua se une a dela. Então, como se tivesse duelando com a vontade de parar e a vontade de continuar, Valentina se afasta, curva o corpo para trás, mas volta em seguida, dando-me um último beijo.

— Se não sairmos desse quarto agora, não conseguiremos sair pelo menos pelos próximos 30 minutos. E estamos tempo demais aqui.

Perco-a de meus braços sem nem ter a chance de contestar. Mas é melhor assim.

Valentina já está saindo pela porta enquanto eu alcanço no armário uma blusa mais grossa para colocar por cima da camiseta. A temperatura baixa e toda essa roupa necessária para espantar o frio me faz sentir saudade da primavera e do verão, estações estas em que Valentina costumava deixar mais partes do seu corpo à mostra e mexer com a minha imaginação.

Julguei que Valentina sempre foi minha paz, meu ponto de equilíbrio, mas que agora ela havia se tornado alguém que me tira do eixo e me faz perder a concentração. Quanta ingenuidade a minha. Valentina faz isso comigo desde sempre. E desde sempre eu gosto do que ela promove em mim.

Gosto... gosto tanto que a concentração vai para o espaço.

Mas que droga!

Ela saiu e eu não falei o que tinha para falar sobre a Nina. Isso me deixa nervoso e inquieto.

OK, se acalme, meu cérebro adverte. Ela só foi até o quarto ao lado. Apenas conte.



Valentina

Sou silenciosa ao entrar no quarto, e para minha surpresa encontro tia Melissa de pé em frente à porta que dá acesso à sacada. É uma porta larga e alta de correr, as cortinas que acompanham sua extensão estão escancaradas — o que é algo inédito nesses últimos dias — e desta forma é possível que os raios de sol ultrapassem o vidro e iluminem toda a amplitude do quarto, que não é pequeno. Um pouco de luz nesse cômodo é hoje mais uma conquista, além da que tia Melissa se alimentou.

— Desde criança eu gostava dos dias de inverno com sol e sempre detestei os dias nublados e chuvosos. — Sua voz me pega de surpresa. Ela estava tão concentrada que achei que não tivesse notado minha presença.

Aproximo-me, reparando como a maneira que tia Melissa falou foi contemplativa, do mesmo jeito que se mantém a fazer exatamente isso. Contemplar o dia lá fora.

Ao seu lado eu faço o mesmo e digo:

— Você sempre teve um espírito alegre que combina mais com dias de sol.

Ela me olha.

— Mas agora não importa se tem sol ou não. Meu mundo está cinza e sem cor — responde, dando de ombros com uma expressão apática.

— Aos pouquinhos ele vai voltar a ter cor, tia.

Tento amenizar.

— É... talvez ela ainda volte a ter algum colorido. Mas nunca mais será como antes.

Meu coração se aperta no peito em lamento por tia Melissa, que sempre foi tão vívida, estar passando por tudo isso.

— Eu sinto tanto...

— Você e Gustavo se entenderam — ela me interrompe e pega uma mecha do meu cabelo com um sorriso no canto dos lábios. Me dou conta que não foi uma pergunta e sim uma afirmação.

— Como sabe? — questiono, curiosa e receosa por pensar se Gustavo e eu não nos excedemos com algum barulho enquanto estávamos no quarto dele.

Que vergonha!

— Primeiro porque você chegou aqui com uma expressão tão leve e feliz que nem a minha tristeza foi capaz de mudar sua feição. E ainda bem que não mudou. Segundo porque as suas bochechas estão vermelhas, mas não só coradas. Estão até com uns arranhadinhos. Aposto que isso foi ocasionado pela barba por fazer dele. A minha costumava ficar assim também quando Luís... — Ela para de falar, desliza o dedo na minha face e o seu sorriso aumenta ainda mais. — E Valentina, cabelo molhado denuncia tudo. Você já deveria saber disso, pois quem tem a mania de dizer que “cabelo molhado denuncia tudo” é a sua mãe.

Sinto meu rosto em chamas.

— Oh, meu Deus... Eu acho que nunca senti tanta vergonha — resmungo, cabisbaixa. Era um pensamento, mas acabou saindo em voz alta.

Tia Melissa solta uma risada e me abraça. Afundo meu rosto tomado de vergonha em seu ombro e a posição me coloca de frente para o vidro onde a luz do sol parece se intensificar, me deixando com calor, ou na verdade é a timidez e constrangimento que me deixam assim.

— Nunca sinta vergonha por amar, por estar feliz, por ter essa expressão deliciosa de pós-sexo. — Aperto com força os olhos. Somos duas mulheres, mas ela é a mãe de Gustavo e falar sobre esse assunto com ela soa um tanto constrangedor. Tia Melissa puxa meu corpo para frente do dela. — Aproveite cada dia da sua vida. A gente nunca sabe quando pode ser o último. — Os dedos que circundam o meu braço me dão um leve aperto, querendo me transmitir a força de suas palavras finais.

Eu as tomo como um precioso conselho.

— Obrigada, tia — digo com carinho e arrisco usar do que ela acaba de me falar. — É bom saber que pensa assim.

Ela entende o que quero dizer e acrescenta rápido:

— Sei que eu não posso viver nesse quarto para sempre e que vou ter que retomar a minha vida. Mas eu ainda preciso desse tempo, só não quero vocês tão preocupados comigo. O fato de eu desejar ter Luís de volta, de ter a oportunidade de estar com ele, não quer dizer que vou fazer alguma besteira. Você já deveria saber disso, Gustavo. — Tia Melissa se volta em direção à porta do quarto. *Caramba! Que sensor é esse de presença que ela tem?* Eu não reparei que ele estava ali. Ela estica o braço, chamando-o. Gustavo se junta a nós. — Eu jamais lhe causaria tamanha dor e trauma. Mesmo sofrendo como estou, tenho consciência que você é meu filho e que precisa de mim. Vou me reerguer.

Gustavo se emociona e é nítido o alívio que a declaração de tia Melissa faz a ele. Em um gesto de extremo amor que sente pela mãe, ele a puxa para os seus braços, acolhendo-a em seu peito. O espaço é grande o suficiente para caber a nós duas, então Gustavo me envolve e me leva para compartilhar o abraço com eles.

Seu peito largo por si só já é um lugar confortável para ficar, e ainda com esse moletom grosso e de tecido supermacio, torna seu peito um travesseiro perfeito, que divido com tia Melissa.

Meu rosto fica ante ao dela e me atento para uma questão, então cochicho:

— Só uma perguntinha. Há quanto tempo *ele* estava ali nos ouvindo?

A pergunta é direcionada a tia Melissa, contudo Gustavo se apressa em responder:

— Tempo suficiente para admirar o carinho que uma tem pela outra, assim como a cumplicidade.

Tia Melissa sorri.

— Em outras palavras? Tempo suficiente para ouvir eu pontuar cada detalhe que me levaram à conclusão de que vocês se entenderam e principalmente quando eu disse algo sobre ... — Ela finge pensar no que vai dizer e então conclui com ar brincalhão: — Uma expressão deliciosa de pós-sexo que você ainda está ostentando e que... — Agora tia Melissa ergue o olhar para Gustavo — ele também está.

— Mãe!

— Tia!

Gustavo e eu dissemos em uníssono.

O sorriso travesso que ela exhibe ao falar tudo com tamanha naturalidade se transforma numa gargalhada. E mesmo que eu esteja sentindo uma vergonha absurda, não me importo mais, já que só de ouvir tia Melissa gargalhando e Gustavo lhe acompanhando, me deixa feliz. Uno minha risada a

deles e assim permanecemos por um tempo até que menciono que fiz brigadeiro e tia Melissa se apressa em dizer que quer.

— Vou descer para pegar — aviso.

— Te acompanho. — Gustavo beija o rosto da mãe. — Já voltamos, mãe.

Ele entrelaça nossos dedos e beija o dorso da minha mão.

Ao passar pela sala encontramos Cida colocando um bonito arranjo de tulipas brancas em um vaso.

— Como é bom ouvir dona Melissa rindo — ela comenta com carinho.

— É maravilhoso, Cida — Gustavo diz em resposta, com um sorriso leve.

A atmosfera dentro dessa casa começa a ficar mais leve, graças a Deus.

Na cozinha, enquanto vou em busca das colheres na gaveta, Gustavo se ocupa em pegar a tigela com o brigadeiro que está na geladeira.

— Vamos? — proponho assim que temos o que precisamos.

Gustavo assente, mas leva alguns segundos para sair do lugar, o que faz com que eu fique alguns passos à sua frente. Sigo em direção à sala, no meio dela ele me chama.

Viro-me.

— Sim?

Ele não diz nada, deixando-me sem entender quando deposita a tigela que segura sobre a mesa de centro e tira as colheres da minha mão.

— Senta aqui. — Gustavo me conduz até o sofá e se senta ante a mim.

Seu semblante se torna sério, e isso me preocupa.

— O que foi?

Apresso-me em perguntar.

— Eu preciso que me ouça e me deixe falar tudo o que tenho pra dizer. Depois fique à vontade para fazer o questionamento que quiser.

— Está me assustando...

Gustavo segura minhas duas mãos na dele, dando-me em seus brilhantes olhos azuis, o vislumbre de que o que tem a falar é sério e necessário, mas sobretudo que parece sufocar se não disser.

— É sobre a Nina — ele começa e por alguma razão a tensão em meus músculos é instantânea. — Nina enfrenta um problema muito sério com a mãe dela. Quando eu a encontrei há mais ou menos um ano, ela estava prestes a cometer suicídio — Gustavo despeja e a informação me deixa boquiaberta. — E esse é bem o termo literal da frase. Eu não via Nina desde a nossa formatura, só que por alguma razão fui eu que a encontrei naquela madrugada, com o corpo para o lado fora da mureta de proteção do viaduto que tem na via expressa. Nina

estava determinada a acabar com a própria vida, e eu não sei como, mas consegui convencer que não fizesse.

— Meus Deus... — sussurro, levando a mão à boca, em choque com o que acabo de saber.

Gustavo continua.

— Quando a puxei, trazendo-a para o lado de dentro da mureta, seu corpo todo tremia e eu constatei o quão deplorável estava seu estado emocional e físico. Com a proximidade do local com a casa da vó Luiza, eu decidi levá-la para lá. Por algumas horas Nina não falou nada, só me olhava com os olhos assustados e pupilas dilatadas. Cheguei a pensar que ela estava sob efeito de drogas, mas aí reparei numa pulseira de identificação em seu pulso e constatei que se tratava de uma clínica psiquiátrica. Nina até estava drogada, mas por remédios fortíssimos. Eu deixei que ela dormisse e quando acordou, busquei saber de tudo. Foi então que Nina me contou que a mãe dela havia internando-a nessa clínica contra sua própria vontade. Ela ficou por meses nesse lugar, até que conseguiu fugir e quando isso aconteceu, estava tão atordoada que perambulou pelas ruas até que, sem saber o que fazer e perder todas as suas esperanças, decidiu acabar com a própria vida. — Gustavo demonstra um grande pesar ao falar. E eu também o sinto por imaginar Nina numa situação dessa. — Sabe, Valentina, Nina não era alguém por quem eu nutria simpatia, mas a situação dela despertou em mim uma empatia muito grande. Ela estava vivendo na escuridão, eu também, mas ainda tinha meus pais. Nina não tinha ninguém, por isso decidi ajudá-la com a minha amizade... — Ele faz uma pausa, inspira fundo, sua testa se franze e agora seu olhar para mim demonstra receio — mas sobretudo fingindo ser o namorado dela — *O quê?* Meu cérebro confuso questiona —, pois assim sua mãe não voltaria a interná-la na clínica. Estou te contando tudo isso, pois não quero esconder nada de você e quero que ouça de mim a verdade. Nina e eu não temos nada, esse relacionamento é uma farsa — Gustavo despeja por fim.

Apesar de toda essa informação me causar um choque, o que mais me intriga é sobre a mãe de Nina.

— Nossa... Eu sempre imaginei que ela tinha algum tipo de problema com a mãe, mas chegar a esse ponto... Que mãe é essa?

— Uma mulher terrivelmente louca, Valentina. Nem queira imaginar ou encontrar com ela — Gustavo diz, passando a mão pelo cabelo, e suas expressões demonstram que ele conhece bem como a mãe de Nina é.

Busco aos poucos assimilar tudo e não me deixar ser envolvida por um sentimento desgostoso que começa a se formar em mim. É um tanto perturbadora toda essa história, preciso manter a calma.

— Então não é um mal-entendido, vocês namoram — murmuro, sentindo na boca um gosto amargo.

— De mentira! É só para a mãe dela pensar que que sim.

— Mas você nunca disse isso a ninguém, não contou a verdade para nossa família e todos pensam que vocês são namorados — rebato, rápido. — E o pior de tudo... eu tenho convivido com essa informação — profiro, lamentando o meu próprio sofrimento e me sentindo até uma idiota por isso.

Inspiro fundo, controlando a respiração que se agita.

— Valentina, eu até cogitei em contar, mas se a verdade sobre o namoro falso chegasse ao conhecimento da mãe de Nina, ia complicar tudo. Há muita coisa envolvida. Além da segurança de Nina, há também um processo judicial que corre em sigilo, pois a mãe dela não pode saber.

Gustavo se demonstra preocupado, percebo que há realmente algo muito sério por trás do que ele conta — entrelinhas —, dando-me justamente a impressão de que apesar de me dizer tudo isso, não pode me revelar os meandros da história de Nina, no entanto não me importo com isso agora, e sim com o fato de que... eu sofri pra caramba por pensar que ele estava com ela.

— Você deveria ter me contado sobre isso quando tudo começou. — Levanto-me de maneira abrupta. — A notícia de que você e ela estavam namorando acabou comigo, Gustavo — confesso, triste e magoada.

Gustavo também se levanta e pega em minha mão.

— Nós estávamos sem nos falar. — Sua voz é um sussurro. — E desconfiei que qualquer coisa que dissesse não seria capaz de ser assimilado por você como uma verdade. Julguei que quando você retornasse em definitivo para casa eu poderia esclarecer tudo e também porque até lá a situação de Nina teria se resolvido. — Ele fica em silêncio, talvez esperando que eu diga algo, mas não consigo. — Valentina? — A mão dele encontra minha face. — Mas aqui, depois de tudo que dissemos e vivemos nessas últimas horas, você acredita que o que estou dizendo é a mais pura verdade, não acredita?

Seu rosto diante do meu ganha uma moldura de medo, as sobrancelhas se arqueiam a cada segundo que espera por uma resposta minha.

— Acredito.

— Graças a Deus. — Ele respira aliviado e me abraça.

Afasto-o.

— Acredito. Mas isso não muda o fato de que esse tempo todo eu venho sofrendo por pensar que você tinha algo com ela!

Gustavo agarra minhas mãos e leva até seu peito.

— Me desculpe, Valentina. Me desculpe, por favor — ele suplica. — Eu fiquei tão confuso desde que você foi embora, fiz merdas e achei que em

ajudar a Nina, pelo menos estava fazendo algo de bom a alguém.

— Eu acredito mesmo que Nina precise de alguém, eu sempre pude notar que a relação dela com a mãe não era das melhores. Só que Gustavo, sua atitude em não em ajudá-la — friso —, mas a de não me dizer a verdade desde sempre, me machucou... me magoou.

— Eu sei, meu amor. Desculpe. Fui um babaca quando não quis mais ter contato com você. E isso nos afastou tanto que eu não tive coragem de contar o que estava acontecendo.

Solto devagar minhas mãos da dele e tomo uma distância que percebo ser necessária. Sei que tudo que Gustavo diz é sincero, e eu poderia encerrar esse assunto. Compreendi que a causa dele em ajudar a Nina é nobre. No entanto, preciso expor como me senti durante todo esse tempo. Ele sofreu com a nossa separação, mas eu também sofri.

— Eu fui embora acreditando que estávamos bem e até que durante o primeiro ano as coisas pareciam que iam dar certo. Trocávamos mensagens, nos falávamos sempre. Voltei nas primeiras férias, passamos dias maravilhosos e depois tudo começou a ficar nebuloso. Você não respondia minhas mensagens com a mesma frequência de sempre, até que passou a não responder. E só então no final do ano, quando eu voltei nas férias, é que você me disse que não poderíamos manter contato, pois você estava sofrendo demais. Eu fiquei triste, mas compreendi que era uma forma de você evitar o próprio sofrimento que a nossa distância lhe causava. Aí depois de você decidir cortar nosso contato eu recebo a notícia de que você e Nina estavam juntos. — Dou um sorriso triste. Gustavo leva as mãos atrás da cabeça e começa a andar de um lado para o outro, nervoso com cada palavra que eu digo. Eu não queria que ele estivesse assim, mas preciso falar ou quem parece que vai sufocar sou eu. — Você tem ideia de como isso me machucou? Você tem ideia de que você era o meu primeiro pensamento do dia e o último antes de eu adormecer chorando por sua causa? E dessa última vez que eu estive em casa, você viajou demonstrando que em hipótese alguma queria me encontrar. Consegue imaginar como eu tenho me sentindo desde então?

— Não foi isso. — Ele arfa e bate as mãos nas laterais do corpo. — Eu só saí para que você não precisasse me ver. Eu sabia que você deveria estar sentindo raiva de mim e se sentindo magoada.

Sua voz sai baixa e fraca, e nesse instante o som da campainha que toca ressoa no ambiente, tão alto que me sobressalto. Pela visão periférica vejo Cida passando para ir atender.

— Ainda assim, não procurou me dizer a verdade, para que pelo menos eu pudesse saber que você ainda me amava — concluo cabisbaixa,

desejando findar a conversa. Minha cabeça parece que vai explodir.

Gustavo avança até mim e segura meu rosto entre suas mãos.

— Me perdoa, meu amor — ele pede, condoído. — Eu fui um idiota! Eu deveria ter contado. Só não sabia como, eu ainda estava na escuridão. Sem pensar direito e sem saber o que fazer. Sem você eu fico perdido. Mas eu quero e vou mudar, Valentina. Eu te amo. Nunca deixei de te amar um dia sequer. Você sabe. Vamos continuar bem, por favor? — O medo está impresso em seu olhar, em suas expressões. Eu não consigo responder, mas o abraço forte. Ele me segura firme em seus braços. — Nós vamos ficar bem, não vamos? — pergunta uma vez mais, trazendo meu rosto diante do seu.

— Meu genro lindinho, sinto muito por tudo.

— *Meeerda...* — Gustavo balbucia. Ele parece desfalecer ao som dessa voz absurdamente alta que consegue ser enjoativa numa única e curta frase.

Solto-me de seus braços, porém me mantenho ao seu lado e à medida que viramos quase em sincronia, em direção a dona da voz, eu me deparo com uma mulher de estatura mediana, acrescida de um salto bem alto e fino, usando um vestido reto e preto, mas meu Deus... que vestido é esse? Desconfio que estou inclinando a cabeça ao reparar na extravagância do decote dele, que deixa um par de seios assustadoramente grande à mostra. O que está sobrando de tecido além de seus joelhos está faltando em cima.

— Eu não acredito no que estou vendo — Gustavo balbucia outra vez.

— Nem eu — digo e continuo a observá-la, pois é quase impossível não o fazer.

Essa mulher se assemelha demais com uma dançarina burlesca. Esse estilo que tem características marcantes e únicas onde a dança e o teatro estão juntos, dotados de elementos como a sátira, caricatura e paródia. Mas sobretudo o que mais me remota a este estilo, são mulheres extravagantes e sensuais que realizam uma comédia erótica nos palcos que se apresentam. Só que a sala da casa de Gustavo não é nenhum palco, tampouco estamos diante de uma comédia erótica e mesmo que ela se assemelhe a isso tudo, a sensação é que estamos em um filme de suspense, onde um daqueles personagens psicopatas nos encaram com um olhar assustador, principalmente agora em que ela faz exatamente isto.

Seu rosto longo com um pequeno volume nas bochechas pelo sorrisinho que imprime em seus lábios finos e cobertos por uma camada de batom vermelho. Vermelho este que contrasta com uma pele clara — muito clara mesmo —, que assim que ela fica ante a mim percebo ser tudo resultado de pesada maquiagem. Os olhos de um tom verde escuro e cílios longos e volumosos me fitam em curiosidade. Reparo no traço do delineador no estilo gatinho em sua pálpebra. E por fim, o cabelo de fios negros em que ela agora

toca com cuidado, querendo garantir que o penteado em que ficam enrolados para o lado de dentro, tocando o seu pescoço, não saiam do lugar. Mas acho que seria impossível, considerando que aparenta estar sob o efeito de muito spray fixador.

A extravagante mulher deixa de me olhar pelos segundos seguintes em que agarra Gustavo em um abraço e diz a ele algumas palavras educadas de pesar sobre a morte do pai dele, mas logo depois volta a sua atenção para mim com demasiado interesse.

— Você deve ser a Valentina. É um prazer conhecê-la. — Ela me puxa pelo ombro e sem encostar o rosto no meu, me dá “dois beijinhos”. — Eu sou Soraia Della Rosa, mãe da Nina, namorada de Gustavo. Bom... mas isso aposto que você já sabe.

Soraia transita seu olhar entre Gustavo e eu.

Já eu olho dela para Gustavo e no instante que meu olhar encontra o dele, sei que me pede silenciosamente para que eu não diga qualquer coisa ao contrário do que essa mulher acredita ser verdade. Eu não vou desmentir o falso namoro, mas não sou obrigada a ficar diante dessa mulher e participando de toda essa mentira.

— O prazer é meu, Soraia — digo, na verdade querendo dizer desprazer. — Eu já estava de saída — concluo com um sorriso forçado. De imediato Gustavo agarra minha mão estendida na lateral do meu corpo. Encaro-o de um jeito que sugiro que ele me solte. — Fique à vontade para dar atenção a mãe de sua namorada.

Ele faz uma cara triste.

Eu vou em busca da minha bolsa que está por ali em cima de uma poltrona e com passos firmes sigo até a porta. Gustavo me alcança no hall de entrada.

— Valentina... por favor, fique. Eu vou dar um jeito de despachar essa maluca — ele fala em um tom baixo.

— É melhor você dar atenção a ela. Me deixe ir.

Abro a porta e saio.

— Valentina? — Gustavo chama e cesso meus passos na última pedra retangular que forma um caminho na grama do jardim. — Nos vemos depois?

Olho para trás para vê-lo pela última vez e não respondo nada. Pois não há nada que eu queira responder agora.

Quando Gustavo comentou que a situação dele com Nina era complicada, ele tinha razão. É complicado mesmo. Até para mim, que normalmente tento ao máximo ser racional e equalizar tudo. Mas eu também sou um ser dotado de emoções e fragilidades. E por ora isso tudo soa complicado

demaís, pesado demais, e perturbador demais.

E eu o amo demais para vê-lo fazendo o papel de namorado de outra.



Gustavo

O olhar de Valentina sem uma resposta para a minha pergunta não sai de minha mente, e a cada minuto que passo ouvindo Soraia falar, vou sendo tomado por um incontrolável medo. Não de Soraia, mas do que aquele olhar silencioso de Valentina quis me dizer. Apesar de sempre conseguir decifrá-lo, dessa vez não consegui e isso me assusta.

Garanti que Cida levasse o brigadeiro para minha mãe e que ficasse com ela. Soraia se ofereceu para ir até o quarto, assim conversaria com minha mãe e poderia dar a ela conselhos sobre o luto, já que também vive essa fase. Sem julgamentos, mas eu não creio que Soraia tenha sentido muito a perda do marido. E ela não é o tipo de visita que minha mãe gostaria de receber, por isso a impedi de fazer qualquer contato. Assim, aqui estou, diante de Soraia que não para de falar. Os assuntos se intercalam e eu permaneço superficial, dando respostas repetidas e sem conseguir me concentrar em nada que não seja... *eu preciso me livrar dessa mulher.*

Levanto-me do sofá e desembucho:

— Soraia, não me leve a mal, mas eu preciso sair para resolver um problema. Agradeço por ter vindo.

Uso um tom cordial. Com o tipo que ela é, o melhor é tentar parecer

que tudo faz sentido. Parecer que ela é uma boa mãe, parecer que eu sou o namorado educado da filha. Só parecer, pois nada disso é real.

— Ah, querido... claro! — Ela se põe de pé. — Me desculpe. Eu acabei vindo sem avisar com antecedência, mas como não pude vir antes, por causa da viagem, quis aparecer logo para prestar minha solidariedade. Queria que Nina tivesse me acompanhado, mas não a vi em casa e pensei até que ela estivesse aqui com você.

— Ela esteve — digo simplesmente sem dar detalhes.

Não falei com Nina esses últimos 5 dias, não sei o que tem feito e o que disse a esse projeto de mãe louca e autoritária.

— Perfeito, lindinho. — Soraia sorri. — Eu sei que tem muito a fazer, inclusive assumir os negócios do seu pai. Acredito que você é o único herdeiro de todo aquele imponente escritório.

— Bom... muito obrigado mesmo pela visita — desconverso.

Esse assunto de herança e Soraia não me agradam. Eu sei bem o que ela foi capaz de fazer com a Nina.

Ergo o olhar até a escada quando ouço o pigarrear de alguém e vejo Cida.

— Gustavo, o seu celular não para de tocar lá no seu quarto — ela me avisa.

Graças a Deus Cida veio me salvar.

— Obrigado, Cida. Pode, por favor, acompanhar a Soraia até a porta? Ela já está indo embora.

Cida, que por todos esses anos trabalha conosco, assente com determinação e se apressa em direcionar Soraia até a saída. Eu mal dou tempo para que ela ouse se aproximar para mais algum de seus abraços.

Subo às pressas até o andar de cima para pegar o que preciso para sair.

— Gustavo? — Ouço minha mãe chamar de seu quarto.

Apanho chave, carteira e celular em cima da minha mesa de estudos e avanço para fora.

— Oi, mãe. Precisa de algo? — Encontro-a no corredor vindo em minha direção.

Que milagre foi esse ela sair do quarto?

— Preciso — responde-me séria. — Preciso que não perca tempo com coisas que não são de sua responsabilidade. Agora o coração machucado de Valentina é sua responsabilidade. Cida me disse que ela saiu daqui arrasada. Arrume essa confusão toda, meu filho.

— É o que eu estou indo fazer, mãe.

— Assim que se fala. — Ela me dá um beijo. — Agora vai! — diz, me

dando um leve empurrão.

Santo Deus! Sua preocupação com Valentina e com toda essa situação é tão grande quanto a minha.

Arranco com o carro da garagem e dirijo com pressa, sem me atentar a nada direito e talvez sem respirar. Só quando paro o carro em frente a casa de Valentina que pareço voltar a pensar.

Toco a campainha repetidas vezes e não suficiente também bato à porta. Gaetano a abre com uma expressão alarmada.

— Aonde Valentina está? — questiono e nem aguardo por uma resposta, avanço para dentro da casa.

— Gustavo? — Gaetano segue atrás de mim.

— Valentina? — chamo alto. — Valentina?! — Meu tom de voz sobe e o desespero parece tomar conta de mim.

Sem resposta, continuo chamando enquanto começo a subir as escadas.

— Valentina não está em casa! — Gaetano fala firme e alto. Saio desse transe louco em busca dela e dou atenção a ele. — Caramba! Por que você não atendeu minhas ligações?

Tiro o celular do bolso, conferindo-o, e há várias ligações de Gaetano. Então o assunto do celular tocando não era mentira da Cida só para me livrar de Soraia.

— Eu estava sem o celular quando você ligou e não conferi se tinha chamadas... — Reparo na expressão dele, que não é nada boa. — Pelo amor de Deus, Gaetano, aonde Valentina está?

Inclino a cabeça, observando-o.

— A essa hora deve estar chegando no aeroporto — responde, encolhendo os ombros. — Eu tentei te avisar que ela estava indo.

MERDA!

— Eu não acredito! — Disparo até a porta, puxando Gaetano comigo. Preciso dele.

— Ligue pra ela. — Jogo o celular para Gaetano. — Valentina não pode embarcar sem falar comigo.

Coloco o carro em movimento e piso fundo.

— Ela não vai atender uma ligação sua.

— Então ligue do seu, porra! Desculpe... Ligue do seu, por favor!

Perco o número de vezes que ouço a ligação cair na caixa postal.

— Valentina deve desconfiar que estou com você. Além disso, Alice está virada num cão de guarda bravo. Isso não vai dar coisa boa, Gustavo.

— Eu preciso falar com Valentina, Gaetano. E nada vai impedir.

Nada vai me impedir, mentalizo enquanto conduzo o carro, tentando ser o mais rápido possível. É bem certo que devo estar infringido alguma lei de trânsito, mas não me preocupo com isso agora. Tudo que quero é chegar nesse bendito aeroporto.

— Você tem alguma informação de qual é o voo dela?

— Não. Vamos ter que procurar nos monitores do aeroporto ou nos guichês. Ela geralmente pega voo direto para Joanesburgo.

Merda.... merda... merda!

Assim que chegamos ao aeroporto, enfio o carro na primeira vaga disponível que encontro e a partir desse momento as minhas ações são tomadas pela pressa e determinação em encontrar Valentina.

— Valentina!

Começo a gritar sem me importar que várias pessoas me olham, julgando certamente que eu sou um louco.

— Valentina!

Repito, correndo em direção aos guichês das companhias aéreas.

— Esse aeroporto é enorme, será difícil demais encontrá-la. E se ela já estiver na área de embarque, será impossível, Gustavo — Gaetano comunica enquanto corre ao meu lado.

Minha respiração se torna entrecortada, mas não por estar movendo minhas pernas de maneira insana, mas porque o que Gaetano acaba de dizer é uma assustadora verdade. Só que eu invado a aérea de emparque se for preciso.

— Continue ligando no celular dela ou de Alice — peço.

Assim que avisto os guichês, passo entre as pessoas nas filas pedindo licença, mas recebo olhares de reprovação e não estou nem aí para eles.

— Moço, você não pode furar fila! — Ouço um homem dizer.

— Desculpe, mas eu preciso encontrar o amor da minha vida antes que ela vá embora — grito, pulando uma das fitas que dividem e organizam os espaços entre as filas.

No primeiro balcão, pergunto sobre voo para Joanesburgo e sou informado de que não há nenhum. Vou para o próximo sem obter resultado. A essa altura perco Gaetano de vista e espero que ele esteja tentando em outros guichês ou nos monitores.

Esbaforido, chego ao terceiro.

— Por favor, voo para Joanesburgo... eu preciso... — Puxo ar para conseguir falar.

A atendente me olha assustada.

— Não há vagas disponíveis, senhor. O voo está completo e além disso o embarque...

— Eu não quero passagem — corto-a de maneira ríspida. — Quero saber se...

— O embarque já foi concluído, senhor. — É a vez de a atendente me cortar, e ao contrário de mim ela é educada ao falar. — A aeronave, inclusive, já está decolando.

— Não! Por favor, impeça. Mande que pare, passe um rádio, sei lá. Eu preciso falar com a Valentina.

— Senhor, infelizmente não há como.

— Não... não! Eu preciso falar com a Valentina — repito descontroladamente.

— Impossível, senhor. Me desculpe. Agora, se me der licença, eu preciso atender o próximo cliente.

— Não pode ser...

Emudeço, paraliso, e a sensação é de que o sangue some das minhas veias e um frio percorre toda a minha espinha.

Sinto dedos envolvendo meu braço.

— Gustavo, vem. — Gaetano começa a me arrastar do lugar.

— Ela se foi... ela se foi sem falar comigo — balbucio. — Nós não estamos bem. Está tudo acabado.

— Sem desespero, ok? — Gaetano segura em meus ombros. — Ela foi porque precisava ir, mas nada está acabado entre vocês. Nunca acabou e nem vai acabar. Vocês só precisam se entender.

— Era justamente isso que estava tentando fazer. Mas ela foi embora assim... desse jeito. Sem falar nada. Valentina está brava comigo.

— Dê tempo ao tempo, Gustavo — meu primo aconselha.

— Tempo ao tempo — murmuro e dou um passo atrás, soltando-me de suas mãos em cima dos meus ombros.

Gaetano me encara preocupado.

Eu tinha tudo. Família perfeita e completa, tinha a garota dos meus sonhos, tinha vida... Até que comecei a perder tudo. Não exatamente nesta ordem, mas comecei a perder. E quando perdi pela primeira vez, eu conheci a dor. Conheci a dor e encontrei a escuridão.

E eu continuo perdendo...

Eu quero ser forte, eu tenho de ser forte, mas meu coração vai sentindo o peso das minhas perdas.

— VALENTINAAA!

O grito que sai do fundo do meu âmago assusta Gaetano. As pessoas que caminham ao meu redor também olham assustadas.

Estico meus braços, expandindo o peito e assim meus pulmões.

— VALENTINAAA!

Grito uma vez mais e é tão alto e forte que qualquer pássaro no céu se assustaria. Mas eu só queria que esse grito pudesse ser ouvido no avião em que ela está.

— Gustavo?

Meu desespero é tamanho que sou capaz de ouvir a doce voz de Valentina. Fecho meus olhos e a mão em punho massageia o meu peito ferido, puxo o ar com força...

— Gustavo?

É a mão dela. É a mão de Valentina tocando minhas costas. Viro-me ainda com os olhos fechados, pois eu não sei se tudo isso é fruto da minha imaginação.

— Eu ainda estou aqui. — Ouço-a dizer em meio ao burburinho de vozes e do sistema de som informando voos e mais voos.

Abro meus olhos.

Eu vejo a luz.

Eu vejo meu anjo.

Eu vejo Valentina. Minha Moranguinho.

Abraço-a apertado para ter certeza que ela é real e não fruto da minha imaginação.

— Graças a Deus você está aqui! — profiro, sentindo-a junto a mim.

Volto a respirar.

Beijo seu rosto, cheiro seu cabelo e a abraço ainda mais apertado. Seguro-a em meus braços com medo de que ela se vá.

— O que você veio fazer aqui? — pergunta-me.

Valentina desfaz nosso contato e de imediato já sinto sua falta.

— Você está indo embora.

— Era esse o combinado, não era?

Indiferença permeia suas feições.

— Mas eu não achei que você fosse hoje. E nem sem se despedir — confesso.

— Eu também não imaginei. Não imaginei muitas coisas, Gustavo. Só que é melhor assim. É melhor que eu vá embora de uma vez.

Não é indiferença. É mágoa. Eu sinto e percebo na maneira que ela evita deixar seu olhar encontrar o meu, e por isso leva-o para qualquer outro lugar que não seja em minha direção.

Toco seu queixo.

— Me dê alguns minutos, por favor — solicito. — Nós precisamos conversar.

— Valentina, se você não passar para área de embarque em 10 minutos, vai perder seu voo.

Alice se mete ao nosso lado.

— Vem comigo. — Gaetano a puxa pelo braço. Ela trinca o maxilar e antes de se afastar, me lança sua fúria silenciosamente através de cada traço de seu rosto.

Qualquer ser humano sentiria medo, mas não eu. Não quando meus medos são maiores do que uma cara feia de Alice.

— Eu não tenho muito tempo, Gustavo.

Valentina cruza os braços sobre o peito, eu reparo que ela ainda usa o meu moletom e isso por alguma razão me dá um conforto e até esperança. Não sei bem do que, mas me dá.

Antes de abrir minha boca para falar, pondero se devo levá-la para um lugar mais tranquilo. Esse vai e vem de pessoas transitando tão perto, por vezes quase esbarrando em nós, me irrita. No entanto, é verdade. Não temos muito tempo.

Então pego na mão de Valentina e vou direto ao ponto.

— Você está indo embora, mas tudo o que dissemos está de pé? Vamos continuar juntos, não vamos? Manter contato... essas coisas.

— Gustavo...

— Estamos bem? Quero dizer, sei que essa história de namoro falso é complicada e entendo que é difícil de aceitar, mas cada palavra que eu disse é verdadeira. Eu te amo, eu só sei te amar. Nunca ninguém vai ocupar um lugar que é seu, Valentina.

Levo a mão dela até meu coração.

— Vamos nos manter focados em nossos propósitos. Será melhor assim.

— O que você quer dizer? — pergunto, ressabiado.

— Que as coisas devem voltar a ser como eram. Quando você decidiu que o melhor para você era não ter contato algum comigo.

— Eu não quero mais isso. Eu quero manter contato. Quero que as coisas voltem a ser como eram quando você foi embora a primeira vez, onde todos os nossos planos estavam traçados juntos.

— Não deram certos. E aí é que está o problema. Voltar para o mesmo ponto em que fracassamos implicará em não dar certo outra vez. E acredite, eu quero que dê certo.

A mão dela toca meu rosto. Há carinho em seu toque.

— Faremos diferente. Ou melhor, eu vou fazer diferente — asseguro.
— Por você, pelo nosso amor.

— Compreendo o que quer dizer. Porém, você tem que fazer diferente por você.

Ela começa a tirar a mão do meu rosto, mas impeço. Uno meus dedos aos dela e mantenho sobre minha face. Eu preciso desse toque, só assim tenho a impressão de que ainda há esperanças de que Valentina vá embora, mas que tudo ficará bem entre nós.

— Valentina... por favor.

— Será melhor assim, Gustavo — ela diz com a voz branda. — Eu não quero atrapalhar os seus planos e no que está focado em realizar. E para ser sincera, também não quero que me atrapalhe. Foi o suficiente, já.

Sua voz se enfraquece, assim como as expressões que parecem cansadas de permanecer em nossa montanha-russa. Eu já senti isso. Por isso a entendo.

— Tudo bem. É justo que faça essa escolha. Eu compreendo — afirmo, sincero.

— Que bom. Agora eu preciso ir.

A concentração de seu olhar no meu, a íris castanha-clara ganhando um leve marejar, e os dedos dela descendo devagar pela minha bochecha, são os sinais de que...

— Isso não é um adeus. Não pode ser — profiro minha negação ao que pareço constatar. — Nós não acabamos aqui. — Tomo o rosto de Valentina entre minhas mãos. — Será só mais um tempo longe um do outro. Depois vamos recomeçar.

É uma afirmação, uma promessa que dou a ela. Mas Valentina ignora.

— Eu desejo êxito em cada um dos seus planos. E nunca esqueça: você é capaz de tudo, Gustavo.

Suas mãos encontram a minha, com a única intenção de soltar o seu rosto do meu toque.

— Minhas promessas continuam. Você é e sempre será a única em minha vida. Vou te esperar.

— Eu tenho que ir.

Ela dá um passo atrás. Eu dou um a frente.

— Eu te amo, Moranguinho. — Envolver-a em meus braços e Valentina não se esquivava. — Eu te amo.

Sopro em seu ouvido, mantenho nossos corpos unidos e repito que eu a amo várias vezes.

Sua falta de resposta e de ação me causam temor. Trago meu rosto para frente do dela.

— Por que você não está dizendo que me ama? Acabou, é isso? Você

não me ama mais e não quer afirmar.

Valentina curva o canto dos lábios num sorriso triste e balança a cabeça.

— Eu não deixo de amar com a facilidade que você imagina. Eu não deixei de te amar um dia sequer, mesmo sabendo que você estava com outra.

— Mas agora sabe que nada disso é real!

Ela me encara, séria demais.

— Portanto, tem a resposta que precisa.

— Valentina, está na hora — Alice se materializa ao nosso lado e Gaetano está com ela.

Ignoro os dois e continuo a olhar para Valentina, que também continua com seus olhos fixos nos meus.

— Não entendendo porque não consegue dizer — sussurro.

— Porque a gente sempre se entendeu no silêncio de um olhar.

Dito isto ela vai até Gaetano e o abraça, depois faz o mesmo com Alice. Espero pela minha vez, mas não acontece. Valentina começa a caminhar e em cada passo que ela dá eu miro suas costas, o seu cabelo caído por cima do capuz do meu moletom.

Raciocino rápido e entendo que o seu olhar dizia que Valentina ainda me ama, mas por que diabos não conseguiu proferir em voz alta? Eu não suporto que o “eu te amo” dela seja em silêncio.

Eu preciso mais que um olhar.

Corro e consigo alcançá-la, Valentina se sobressalta quando seguro o seu punho e a faço girar.

Firmando as minhas mãos em suas costas e cintura, grudo o meu corpo ao dela, Valentina arfa e permite que seus dedos passem pela minha nuca, afundando-se nos fios do meu cabelo.

Nossas respirações entrecortadas se chocam com força.

Cubro sua boca com a minha e ao abrir de seus lábios, sei que ela desejava tanto quanto eu esse beijo. Ela corresponde com demasiada vontade. Isso acalma meu coração.

E assim, enquanto nossas línguas se unem uma a outra... eu tomo o “eu te amo” que ela silenciou.

Tomo o “eu te amo” em seus lábios, em um beijo que eu quero sentir o sabor até o dia em que eu a beijarei outra vez. Até o dia em que ela possa dizer que me ama não só com um olhar ou um beijo.

No entanto, eu sei que ama.

Eu vou ficar bem, nós vamos ficar bem.

Eu farei o meu melhor.

Dou um aceno tímido para Valentina assim que ela se vira pela última vez, antes de passar para a área de embarque.

— Ela se foi — murmuro.

Sinto o peso de uma mão em meu ombro.

— Ela volta — Gaetano diz, dotado de seu bom ânimo solidariedade.

— Agora vamos?

Assinto, cabisbaixo, e dou meia volta em direção à saída. Alice cola ao meu lado.

— Namoro falso, é? — debocha. — Valentina pode acreditar nessa mentira, mas eu não.

— Não preciso que acredite, Alice — respondo simplesmente.

Acelero o passo para me desvencilhar dela, contudo ela faz o mesmo para se manter me acompanhando.

— Sabe por que não acredito? Porque eu tive a oportunidade de ver vocês dois juntos e perceber a forma como aquela *demônia* do cabelo de fogo te olha. — Paro de andar diante da declaração de Alice e a encaro. — Ela é apaixonada por você. Sempre foi — completa por fim.

A raiva está contida em cada palavra.

— Você e sua mania de tirar conclusões diante de fatos que sequer sabe por completo. Faz isso com o coitado do Matheus e agora está fazendo com um assunto que não lhe diz respeito — despejo o que penso e me ponho em movimento, deixando Alice para trás. Parece que a deixei embasbacada ou até sem reação.

No estacionamento, sem sinal dela por perto, decido acender um cigarro antes de ir embora, mas me arrependo no instante seguinte por não ter arrancado com o carro e ter dado o fora daqui.

— Me diz respeito, sim. É sobre a minha irmã que estamos falando. Então eu tenho todo direito de dizer o que penso. — Alice bufa.

Gaetano arqueia as sobrancelhas, tanto ele quanto eu sabemos que ela não é de desistir fácil de uma discussão.

Apoio-me no carro. Se ela quer tanto ter essa discussão, teremos.

— Certo. — Dou uma tragada funda no cigarro e exponho: — Então deixa eu te explicar uma coisa. Nina é só uma amiga. Não sei o quanto Valentina te contou dessa história, mas o caso dela é sério e precisa ser ajudada.

— Estou pouco me lixando para Nina! — Ela vocifera como um gigante. Alice é baixinha, brava e invocada, e quando fica irritada parece dobrar de tamanho.

— Uau! — Rio, soltando a fumaça. — Eu sempre suspeitei que você

tinha traços da personalidade do vô Henrique, mas depois dessa afirmação, tenho certeza. Só me faz um favor, não se meta na minha vida e de Valentina, não interfira na nossa história, como vô Henrique fez com tio Miguel e Cecília.

Seus olhos arredondados me fuzilam.

— É muito bonitinho da sua parte bancar o preocupado querendo prestar ajuda a uma alma necessitada — zomba, com demasiado desdém. Eu deixo que fale e pense o que quiser enquanto fumo meu cigarro. — Só que será que não vê que isso afeta diretamente Valentina? — Invocada, Alice coloca as mãos na cintura. — Francamente, Gustavo. Justo a Nina? Aquela praga que desde criança perturba Valentina? Que aos 10 anos de idade a fez ter a pior experiência com o triste fato de ter sido abandonada numa lixeira? Nossos pais sempre nos disseram a verdade, mas essa parte, a mais dolorida para Valentina, eles haviam lhe poupado, julgando que apenas quando ela tivesse um pouco mais de idade deveria saber. Mas aí Nina vai lá e joga isso na cara dela na frente de todos os colegas. Consegue mensurar a vergonha e a dor por qual Valentina passou?

— Eu conheço bem sobre esse episódio, Alice. Eu estava com ela momentos depois. E eu sempre estive ao lado de Valentina, apoiando-a — afirmo.

— Não! — ela grita. As carótidas em seu pescoço ficam proeminentes. — Você nem sempre estive ao lado dela. Não nas noites que se seguiram a este dia e que Valentina chorava baixinho na cama, ou então quando acordava quase sufocando no choro depois de ter pesadelos com aquela cena. Mas eu estava lá. — Alice bate no próprio peito. — Eu vi minha irmã passar pelas tristes consequências que o *bullying* lhe causou. — Jogo o cigarro ao chão, apago a brasa e observo minha prima, sentindo-me atônito com sua revelação. — Está surpreso de saber disso, não é? Ninguém sabe porque Valentina sempre quis se demonstrar forte e alheia a essa porcaria toda. Assim me fez prometer que não contasse a ninguém, nem aos nossos pais, que ela chorava por conta disso. No entanto, chorava. E era eu que a abraçava e também percebia o quanto a minha irmã mais velha, que eu por apenas 10 meses de diferença, mas que sempre fez o papel de cuidar de mim, se tornava frágil e vulnerável. Tudo porque aquela maldita miniatura de víbora tinha atingido Valentina em seu ponto mais sensível.

Me dói saber disso tudo.

São tristes fatos do passado. Eu também fiquei com muita raiva de Nina e todos que riram de Valentina, tanto que com o passar dos anos me tornei indiferente a Nina, sempre a evitei. Jamais imaginei que no presente me aproximaria dela e tampouco que saberia da sua realidade do passado e também de agora.

— Nina se arrepende de ter feito isso — conto. — Ela sempre foi vítima de uma mãe louca que a idealizava de um jeito, mas Nina era de outro. A mãe da Nina sempre quis que ela fosse uma menina como Valentina. O porquê de a mulher escolher justo Valentina como alvo de exemplo e parâmetro para a filha, eu não sei. Mas era isso que acontecia.

Não sei como uma pessoa consegue revirar tanto os olhos, mas Alice consegue.

— Você está vendo isso, Gaetano? — Ela solta uma risada sem humor. — Agora Gustavo defende e encontra desculpas para justificar a crueldade de Nina. — Meu primo olha de Alice para mim. Conheço o suficiente para saber que ele não é o tipo de pessoa que faz julgamentos, entretanto, sei do seu amor por Valentina. Gaetano está condoído. — Crueldades — Alice continua —, que continuaram mesmo depois de que elas deixaram de ser crianças. Eu odeio Nina por ter feito isso a Valentina e agora te detesto por estar com ela. Por querer ajudar alguém quem um dia feriu a minha irmã.

O queixo de Alice se torna trêmulo e a lágrima que escorre pela sua face ela enxuga com raiva.

— Eu realmente não sabia que Valentina ficou tão afetada com essa história. Lá no colégio me lembro dela chorar bastante. Mas no outro dia agiu como se estivesse bem e nos dias seguintes também — relembro.

Baixo a cabeça e enquanto encaro meus pés, um remorso por não perceber que Valentina sofria com esse assunto ocupa seu lugar em mim.

Merda!

— Puro disfarce — Alice diz. Sua voz está controlada e firme, assim como as afirmações que faz sobre a irmã. É inegável, ela a conhece muito bem. A afinidade das duas faz delas íntimas e cúmplices. — Até hoje ela é assim. Valentina não costuma demonstrar suas fraquezas, e você é uma delas. — Só agora abandono a visão do chão para encarar Alice. — Sua falta de habilidade em perceber o quão sensível Valentina é me impressiona... negativamente. Você sofreu e sofre por ela ter ido embora. Às vezes chego a pensar que está fazendo tudo isso para se vingar, querendo que Valentina sofra por você e pelo amor de vocês.

O desprezo de Alice por mim implode. E que droga!

— Eu a amo! E nunca quis fazer Valentina sofrer.

É o que consigo dizer, mas na verdade gostaria de dizer muito mais, só que me sinto cansado e triste demais para prolongar essa conversa.

— Ótimo. Temos um ponto em comum aqui. Amá-la não é um privilégio só seu. Eu também a amo. — Alice aproxima o corpo dela do meu, ergue seu queixo e me encara. — E sempre, em qualquer circunstância... Eu.

Vou. Proteger. Valentina.

— Ok, eu acho que já é o suficiente. Devemos ir embora.

Gaetano segura o braço da irmã e a afasta de mim.

Respiro fundo. A vida parece não querer mesmo facilitar para o meu lado.

— Gaetano, você vem comigo ou com ele? Ainda tenho que passar na clínica e dizer pessoalmente aos nossos pais que nossa irmã voltou para África do Sul sem se despedir deles, pois não aguentava ficar nem mais um dia aqui.

Minha prima não está disposta a facilitar as coisas para o meu lado. As verdades lançadas cortam meu peito.

Antes que ela vá, por fim a deixo saber o que concluo disso tudo.

— Alice... — Pego em sua mão. — Eu entendo sua reação. É instintivo. Vocês sempre protegeram uma a outra. Mas eu não sou alguém de quem você tem que proteger Valentina. Eu a amo de verdade. Ela e eu só temos de conseguir colocar as coisas nos eixos. Nos encontrar novamente no caminho que nos une. Errei em alguns aspectos, entretanto, quero fazer as coisas diferentes a partir de agora.

Abrando a voz e meus gestos, não querendo travar uma guerra fria com Alice. É tudo que eu não preciso. Pelo visto ela compreende isso, pois sem que eu espere, me abraça.

— Eu sinto muito e sei que você está passando por uma fase difícil — ela diz e seu rosto se pressiona contra meu peito. Correspondo apertando meus braços ao redor de seu corpo pequeno. — Mas eu estou muito, *muito* brava com você. Ainda assim, sabe onde me encontrar se precisar de mim. Em qualquer dia ou em qualquer hora, está bem?

Alice ergue a cabeça, em seu olhar tomo o vislumbre de seus sentimentos confusos a meu respeito, mas apesar de tudo, eu capto seu carinho.

— Obrigado.

Beijo no topo de sua cabeça, ela se afasta com um sorriso.

— Pretendo evitar te ver ao lado da sua namorada ou falsa namorada... sei lá. Independentemente dessa relação estranha, eu não gosto dela. E ao contrário de Valentina, eu não me importaria de externar minha raiva com um belo tapa na cara da demônia de cabelo de fogo. Não por ela estar com você e se enfiando feito bicho de pé em nossa família. Mas por ela ter chamado minha irmã de lixo. Eu tenho isso engasgado até hoje.

— Acho que já tivemos emoções demais por hoje. Vamos embora, Alice.

Gaetano faz o papel de apaziguar. Por sorte Alice sempre tem um dos irmãos acalmando seus ânimos. *Ô menina esquentadinha*. Eu tenho pena de

Matheus. O Japa está ferrado nas mãos da Alicinha dele.

Despedimo-nos e seguimos nossos rumos.

Em casa, a primeira coisa que faço é apanhar o suéter de Valentina esquecido na sala. Com ele em mãos encontro minha cama, onde eu a amei horas antes. Tudo aqui tem o perfume dela, principalmente sua peça de roupa. Cubro meu rosto com ela e deixo que o choro contido durante todos esses dias pela morte do meu pai e a saudade que sinto dele, se misture ao choro da saudade que já sinto de Valentina.

Dói tanto... pesa... sufoca.

Mãos cálidas encontram minha face.

— Nós vamos ficar bem, meu filho.

Minha mãe se une a mim na cama

— Está doendo tanto, mãe — confesso.

— Eu sei, meu amor. Mas vai passar... A dor vai abrandar e nós vamos ficar bem, eu prometo.

Seus braços me envolvem. Ela começa a me embalar e eu não sei se ela se torna grande ou eu me torno pequeno. O que eu sei é que me sinto seguro e acolhido em seus braços.

— Nós vamos ficar bem.

Repetimos um para o outro como um mantra até que adormecemos, abraçados, chorando e unindo nossas forças.



Valentina

— VALENTINAAA! VALENTINAAA!

— GUSTAVO!

Eu o ouço me chamando, mas não consigo enxergá-lo em meio a toda essa água que se derrama do céu. Meu Deus, que trovoada é essa? Está tão forte...

— VALENTINAAA!

O grito dele é ensurdecedor, assim como o estrondo de um trovão.

— GUSTAVO! Eu estou aqui, cadê você?

— VALENTINAAA!

— GUSTAVOO! GUSTAVOO!

— Valentina?! Valentina?! Acorda! Acorda!

Desperto em um sobressalto.

Dou de cara com Fátima segurando em meus ombros.

— Você estava tendo mais um dos seus pesadelos. Respire fundo. —
Minha colega de quarto instrui.

Massageio o peito que parece ter acabado de ser golpeado por um
soco.

Inspiro e expiro, inspiro e expiro.

Passo a mão na testa, sentindo o suor escorrer por ela.

— Tome. Beba água fará bem.

Fátima me alcança o copo de água que sempre mantenho no criado-mudo.

— Meu Deus! Que agonia — murmuro. A voz sai abafada e fraca pela respiração entrecortada e o coração acelerado.

Bebo a água e assim que o líquido escorre pela minha garganta, sinto de imediato o alívio que ele promove em minha boca seca.

Sinto também vergonha por outra vez ter importunado o sono de Fátima.

— Desculpe — peço.

Ela se ajeita aos pés da cama e seu pijama com estampa de pequenos corações me faz lembrar de Alice, o que ajuda a aumentar a saudade que sinto dela.

— Não se preocupe. Eu já havia acordado. — Fátima sorri, erguendo os longos fios negros de seu cabelo liso em um coque. — Além disto, acho que já estou me acostumando com seus gritos, menina. O que, evidente, não tira de mim a pena e preocupação que sinto. É desesperador a forma como chama por ele.

— É desesperador também a forma como ouço-o me chamar. Não aguento mais ter esses pesadelos — admito.

Tem sido assim desde que voltei do Brasil, desde que ouvi aqueles gritos de Gustavo me chamando no aeroporto. Mas ao contrário do que foi real, no sonho estamos diante de uma tempestade e eu não consigo de maneira alguma vê-lo, tampouco me aproximar. Ficamos os dois um chamando pelo outro sem obter sucesso.

— Posso imaginar quão ruim é. Durante este último mês é difícil a noite que não sonhas. — O rosto redondo e gracioso de Fátima ganha nítida expressão de pena e preocupação.

Ela é portuguesa e também estuda medicina, e é uma ótima companheira de quarto desde que chegamos aqui. Na verdade, Fátima se tornou uma boa amiga. E o fato de nossa língua ser tão parecida facilitou nossa aproximação. Gosto de seu jeito de falar que mistura o português do Brasil com o de Portugal. E quando seu sotaque se acentua bastante e ela fala rápido demais, costumo sorrir, achando fofo e também desafiador de entender.

— Sabe o que acho, Valentina? Estais a pensar muito nesse *gajo*. Digo, nesse rapaz. É assim que fala, não é? — Assinto. — Tens que sair um pouco e não ficar só enfiada nos estudos e no hospital.

Agora é um desses momentos em que ela une as palavras uma atrás da outra com demasiada rapidez, no entanto, compreendo com perfeição.

Compreendo sua fala e intenção em me tirar desse apartamento para desfrutar de algum tipo de lazer.

— Talvez você tenha razão.

— Então aproveite e venha conosco. Está um dia lindo. Domingo é dia de folga e o pessoal combinou um passeio no museu e depois almoço.

— Não quero sair. Preciso estudar e também marquei de falar com minha mãe — justifico.

E é sincero. Ainda estou recuperando os trabalhos das aulas que perdi durante os dias que me ausentei e também ganhei uma convocação de dona Malu para que hoje tenhamos um bom tempo livre para conversar.

Por todas as semanas que se sucederam a minha partida, falamos com pressa ao celular. Não por vontade dela, mesmo com a sua rotina repleta de compromissos com a clínica e instituto. Minha mãe sempre encontra um tempo para nos dar atenção. Não é diferente agora em que estou longe de casa. É certo que antes se tornava mais fácil, visto que nos víamos sempre à noite ou durante o café da manhã. Entretanto, separadas pelo oceano atlântico e por um fuso horário de 05 horas de diferença, precisamos conciliar nossos horários livres. E eu meio que tenho tentado escapar. Sei que não conseguirei esconder dela minha frustração por tudo que aconteceu comigo e com Gustavo, e não quero dar a ela mais preocupações.

Fátima bufa, levantando-se da cama.

— Pela minha mãezinha. Achei que nunca encontraria alguém que pudesse ter menos vida social que eu.

Encolho os ombros.

— Não se preocupe comigo.

— Tens certeza? Depois vamos almoçar em um restaurante com muitos pratos típicos.

— Aproveite o passeio no museu e dê um abraço no pessoal por mim.
— Resumo minha resposta a isso para que ela não insista.

Eu já visitei o museu *Apartheid* algumas vezes, mas nunca me canso de estar lá e seria muito bacana fazer esse passeio com o pessoal da faculdade. Acabamos conseguindo formar um grupo de pessoas de nacionalidades diferentes, mas com a mesma paixão por medicina e voluntariado. Por isso nos entendemos e nos damos tão bem.

— Está certo. Aproveitarei e também não esquecerei do seu abraço, principalmente naquele nosso colega que mais parece um Orfeu, deus do Ébano.

Fátima ruboriza só de falar de Zaki e ela não exagera nem um pouco em suas comparações, ele é mesmo muito bonito. Zaki é um dos colegas do grupo que diferente de nós, é natural da cidade de Joanesburgo. E por isso

fizemos dele nosso guia. E ele não se importa, gosta de sempre falar sobre seu país (África do Sul), costumes, história e nos levar para conhecer lugares.

Ele é sempre muito atencioso e de bom humor. Por coincidência o encontrei no aeroporto, quando dessa última vez. Minha cara de cansaço — pelas mais de 12 horas de voo, tudo porque tive que fazer algumas escalas para chegar a Joanesburgo — e choro denunciava que eu não estava bem. Desde então, tudo que Zaki tem feito ultimamente, além de me atualizar das matérias que perdi, é tentar me fazer sorrir.



Os lábios grossos e bem desenhados de minha mãe se curvam num sorriso de carinho assim que ficamos ante uma a outra através da tela do celular. Os olhos que se parecem com uma avelã estão atentos.

— Ei, querida.

E a voz doce como um delicioso chocolate me faz sorrir.

— Oi, mãe.

Ela me observa por breves segundos, sem acrescentar mais nada. Aproveito para exclusivamente me apegar ao seu olhar e ao seu sorriso, suprimindo da saudade que sinto.

Acho que ela faz o mesmo.

— Finalmente posso falar com você sem que esteja com pressa, andando pelos corredores da universidade ou em suas breves pausas no hospital.

A reclamação é justa.

— Desculpe, mãe. Têm sido corrido os meus dias — alego e ela meneia a cabeça, assentindo. Eu acrescento, sincera: — Sinto sua falta.

Capto seu inspirar fundo e sua preocupação.

— E eu a sua, meu amor. Quero saber como está, me conte tudo.

Minha mãe se ajeita no sofá em que está sentada e eu ocupo uma posição confortável na cama para seguir a conversa que percebo bem aonde quer chegar. No fundo? Preciso dessa conversa. Preciso da minha mãe.

Começo.

— Estou bem... apesar de tudo.

— Que respostinha sem vergonha, hein, Valentina?! *Vamos lá...* esse apesar de tudo inclui...

— Ah... mãe. Saudade de vocês. A morte do tio Luís e... Gustavo. — Elenco o que me aflige.

Mas eu suspeito que ela já saiba.

Os cabelos volumosos caído em camadas estão para frente, então antes de falar ela desliza os dedos pelas mechas e as coloca para trás dos ombros.

— Também sentimos saudades de você, meu amor. Mas compreendemos que é por uma boa causa. Você está realizando seu objetivo. — Os movimentos dos lábios acompanham seu ritmo brando ao falar. E quanta magia existe nisso. Minha mãe consegue me acalmar e afastar a ansiedade por falar de assuntos difíceis. — A morte do tio Luís é uma dor e uma saudade que só o tempo vai amenizar, mas nunca vai passar. Teremos de enfrentar encontrando maneiras para seguir. E por fim, quanto ao Gustavo, a parte que certamente deve estar doendo bastante, em contraponto é a parte que há solução. Sabe disso, não sabe?

Sua sobrancelha esquerda se ergue ao findar a frase, enfatizando o questionamento, mas sobretudo o fato de que ela faz a pergunta, mas eu já deveria saber que a resposta é sim.

— Saber eu sei — digo, acompanhado de uma longa e profunda respiração —, mas não é algo que possa ser solucionado agora, não é? — Jogo o meu questionamento. Ela se mantém atenta, sem desviar os olhos do meus. — Como ele está, mãe?

A minha voz sai baixa, talvez escondendo — sem pretensão — a expectativa que sinto por saber de Gustavo. Mas ela existe. E é grande.

— Sempre que perguntamos a ele como está, a resposta é a mesma que a sua: “bem, apesar de tudo”. Mas no fundo, tanto ele quanto você estão sofrendo. Gustavo com tudo que está tendo de passar, e especialmente também por algo em comum aos dois: o afastamento que estão enfrentando e por consequência a saudade que a ausência causa na vida um do outro. E mesmo distantes poderiam muito bem estar lidando com tudo isso. E não sofrendo como estão.

— Talvez seja melhor assim, mãe. Gustavo me disse que eu acabo atrapalhando, que ele perde o foco e...

— Isso acontece porque ele é *loucamente* apaixonado por você, Valentina — sem me deixar concluir, minha mãe acrescenta, rápido. — Quem não perde foco e concentração quando se está vivendo um amor assim, forte e arrebatador?

Deslizo a mão pelo rosto.

— Não sei o que fazer.

Entrego os pontos.

Compreensão. Eu vejo isso nela. Novamente me apego as feições de carinho e cuidado que minha mãe transmite.

— Bom, por isso achei que precisávamos dessa conversa. Alice me

deu algumas informações assim que estive na clínica me dizendo que você tinha partido, no entanto, Gustavo esteve aqui no dia seguinte que você foi embora e nos contou tudo. Seu pai e eu ficamos surpresos ao tomar conhecimento dessa relação falsa dele com a tal Nina... E você sabe que tenho meu sexto sentido afiado. Gustavo está falando a verdade sobre isso — ela afirma.

— E eu sei, mãe. Também acreditei. Só não consigo entender porque ele me deixou acreditando que era de verdade. — Cabisbaixa eu conto o que penso sobre o assunto.

Pela janela aberta, bem próximo à minha cama, uma brisa fria sopra. Minha calça de flanela e o moletom de Gustavo ajudam a me aquecer, mas os pés sem meia reclamam o frio que lhes alcança. Puxo a coberta para cima deles.

Minha mãe continua ali na mesma posição e continua firme também em seu propósito de me trazer seus sábios conselhos.

— Talvez por não encontrar um jeito de te contar? — ela me apresenta o primeiro questionamento e segue neles. — Talvez por achar que a história era absurda demais para você acreditar? Talvez por insegurança? Quem sabe, por acreditar que o fato de você ter ido embora, te fazia forte ou que não se importaria que ele estivesse com outra? Ou ainda, porque Gustavo carecia de um certo amadurecimento para ter coragem de contar? Há muitos “talvez” nessa história. Porém, eu tenho uma certeza nisso tudo, filha. Não foi por não te amar ou por querer simplesmente que você acreditasse que essa mentira era real só com o puro objetivo de te magoar. Assim como quando você não contou para ele dos seus planos de estudar fora. Você fez o que fez por amor, certo?

Minha mãe me traz uma reflexão e eu a faço rápida.

— Ok... certo. É uma observação coerente. Mas como eu consigo manter a razão quando Gustavo e eu estamos longe e enquanto isso ele faz o papel de namorado de outra? Mãe! Estamos falando aqui de Nina. Não é qualquer outra garota, é Nina — ênfase.

O assunto tem uma reação automática. Sempre que penso ou falo, fico agitada. O que me força a me mexer na cama e buscar por outra posição.

Sento-me apoiando as costas na cabeceira e espero pelo que minha mãe vai falar ou como ela vai conseguir amenizar os efeitos que essa porcaria de namoro falso entre Gustavo e Nina causa em mim.

— Sei que é difícil, filha. Sei também quem é Nina, a garotinha com quem eu tive uma boa conversa para que ela nunca mais falasse coisas horríveis a você ou qualquer outra criança — mamãe recorda.

E foi isso mesmo que ela fez. Naquela ocasião foi ao colégio, exigiu providências da diretoria, mas ainda assim, tomou o cuidado de fazer com que Nina não voltasse a me dizer que eu era um lixo. Para ser sincera, minha mãe foi

bem incisiva com Nina. Ela se manteve enchendo o meu saco em muitos aspectos, mas nunca mais tocou no assunto que me causou tamanha vergonha e dor. Hoje nada mais disso me afeta, mas aos 10 anos de idade teve um poder devastador.

— E o que percebo agora, depois de algumas coisas que Gustavo nos contou, é que a real culpa nunca foi dela, e sim da mãe. Crianças são altamente influenciáveis. — Franzo o cenho com a declaração e de imediato minha mãe devolve um comentário sobre minha reação. — Não me olhe com essa cara — ela diz, abrindo um sorriso curto, depois o fecha por completo. — Eu sei que você sente ciúme, mesmo sendo isso de mentira. E a questão de Gustavo não abrir totalmente o jogo torna tudo mais misterioso. Só que eu acredito que há uma realidade dura por trás da história dessa moça. Acredito ainda na boa educação que Gustavo recebeu, e numa característica presente em nossa família, boa índole. E Gustavo tem tudo isso. Se ele está ajudando Nina, é porque ela precisa. Parou para pensar por esse lado?

— Eles são amigos. Gustavo se tornou, pelo visto, o melhor amigo de Nina, cúmplice e único que conhece de verdade sobre sua vida — solto com um tanto de acidez. E sim, é uma queixa.

— *Huum...* e você sente ciúme disso ou de ela ser a namorada falsa dele?

— Das duas coisas — confidencio.

Ela concorda com a cabeça.

O assunto me tira a razão e me deixa chateada. Apoio o cotovelo na altura do estômago e estico o braço, levando a mão que segura o celular mais para longe. Tudo em mim parece pesar, até o mesmo o fino aparelho que mantenho em meus dedos.

— E sabe o que Gustavo sentiu quando você escolheu ir embora? Ciúme.

— Eu não estou com ninguém vivendo um relacionamento de mentira — contraponho,afiada.

— Não — minha mãe diz, levando uma almofada atrás de sua cabeça. Ajeitando-se, ela continua a falar. — Mas o fato de você querer fazer faculdade aí e participar desse programa de voluntários, colocou *aparentemente* tudo isso em primeiro plano e ele depois. Gustavo sentiu ciúme. No entanto, me diga se no seu íntimo o fato de você ir realizar o que queria subtraiu a importância de Gustavo em sua vida e o amor que sente por ele?

Ainda não entendo bem aonde ela quer chegar, mas sigo desenrolando esse carretel.

— Em nenhum momento. Eu julguei que poderia fazer isso e continuar

a nossa relação. Achei que seríamos fortes o suficiente para manter um namoro à distância.

Curvo os lábios para baixo com a porcaria da sensação de ter fracassado.

— Muito bem. Apesar de ir realizar o seu objetivo, você levou o amor que sente por Gustavo e ele no coração, certa de que seria capaz de fazer as duas coisas. Amar e viver a experiência que queria; amar Gustavo e amar ao próximo com seu serviço voluntário.

— Sim.

— Sabe o que Gustavo está fazendo? Ajudando o próximo. E sabe o que ele continua fazendo e nunca vai deixar de fazer? Te amar. Você sempre será fundamental na vida dele. Sempre foi, Valentina. Você aí sacrifica os dias que poderia estar aqui, no seu lar, no nosso convívio, e sacrifica a relação que tinha com Gustavo — elucida, determinada em atingir certamente seu principal objetivo, me ajudar a ter um outro ponto de vista da situação. — Ele ao decidir estender a mão para Nina, tomar para si seus problemas e tentar ajuda-la, sacrificou de alguma forma você e o amor de vocês. Mas, principalmente, sacrificou a ele mesmo, visto que Gustavo te ama e a última coisa nesse mundo que desejaria era te magoar. Ele sofre com tudo isso, mas ainda assim acredita que está fazendo algo certo. E querendo ou não, está. Parou para pensar que Gustavo encontrou essa moça prestes a cometer um suicídio e tudo que ele tem feito é poupar a vida de alguém? É uma responsabilidade grande a que Gustavo agarrou. Mas fez. Precisamos admitir que foi algo corajoso da parte dele.

Minha mãe consegue. Ela atinge seu objetivo.

Solto uma grande lufada de ar, mas não em negação ou chateação com a franqueza das verdades que ela me diz, e sim por começar a compreendê-las.

— Como você consegue ter tanto discernimento? Começo a me sentir péssima por não ter enxergado as coisas dessa forma.

— Eu sofri por você, filha, sofri por Gustavo. E por ver que tudo que estava acontecendo te deixava triste. — Por instantes ela fecha os olhos, puxa o ar e solta devagar. Capto no enrugamento da sua testa a dor que sentiu e que tem a oportunidade de expressar em suas palavras. — Eu tomei suas dores à medida que podia tomar. Afinal, Gustavo não é só o garoto por quem você se apaixonou, mas é também o meu sobrinho. E mesmo chateada com esse namoro, que *agora* sabemos que é falso, eu tentei durante esse período não canalizar minha chateação nele. Sabia também que as ações dele não condiziam com o sentimento que ele possui por você. Entretanto, não pense que tudo isso que estou te dizendo se formou em minha mente no mesmo instante em que soube do tal namoro falso e pelo que essa garota está passando. Ao contrário. Como

normalmente faço com assuntos difíceis, eu precisei digerir. E foi só depois de alguns dias pensando, analisando e me recordando desde vocês crianças, vocês adolescente, jovens apaixonados e sobretudo, o olhar sincero de Gustavo enquanto nos contava tudo e tentava se desculpar comigo e com seu pai por te fazer sofrer, que eu pude ter outro ponto de vista dessa história toda. A atitude dele em vir expor os fatos, demonstrar preocupação por você, foi linda e demonstra como está amadurecendo.

— Gustavo disse que queria fazer as coisas diferente e queria amadurecer — comento e me ponho a pensar que eu nunca me senti totalmente madura, quem sabe, apenas consegui, ou tentei, lidar de forma mais racional com algumas questões. Só que quando me deparei com a situação de Gustavo e Nina, isso colocou por água abaixo o meu *eu* racional.

— E é o que ele está fazendo, Valentina. Sei que à luz da sua idade é difícil tomar essa compreensão que tive depois de pensar bastante. Por isso estou te dizendo tudo isso.

Minha mãe inclina o corpo para frente, percebo que ela apoia o antebraço na coxa e o celular fica a um nível abaixo do seu rosto. Vejo-o com perfeição, vejo também o vislumbre de emoção do que ela aborda a seguir.

— Eu não tive minha mãe para me aconselhar nos momentos que mais precisei. Mesmo que eu pensasse nela, mesmo que sempre tivesse a certeza de que ela nunca havia me abandonado e que de alguma maneira sempre continuou a cuidar de mim. Eu não tinha suas palavras, seus conselhos. Ok — Ela repuxa o canto dos lábios —, eu consegui tocar minha vida apesar de não ter. Só que em matéria de amar, nos tornamos tão frágeis e com medo, que percebemos o quanto o colo de mãe é fundamental. Foi em uma ocasião assim que eu precisei mais do que nunca de um conselho de minha mãe e foi através do diário dela que consegui. Foi fundamental. Aquilo me ajudou tanto. Por isso, se eu não desse a você todos esses conselhos, seria como negligenciar um poder maravilhoso e supremo que as mães possuem. Um poder de transformar o caos em ordem, o poder de acender uma luz em meio a escuridão... o poder de desembaraçar os nós. E você, filha, não precisa recorrer a um diário escrito por mim, pois me tem viva e aqui sempre disposta a fazer esse papel que eu tanto amo, ser sua mãe, conselheira e amiga.

— Mãe... você nem é mãe, sabia? É anjo.

Ela solta uma risadinha.

— Ao contrário, meu amor. Você é um anjo na minha vida. E eu só sinto que preciso cuidar do meu anjo lindo, que me fez conhecer o amor materno e desejar senti-lo para sempre.

— Você é maravilhosa...

— Que nada. — Minha mãe seca uma lágrima discreta no canto dos olhos, respira fundo e diz: — Quero que preste muita atenção no que vou dizer agora.

— Estou prestando, mãe.

— Lembra que eu disse que o amor verdadeiro é capaz de superar toda e qualquer dificuldade ou distância? — Assinto. — Então, mas ainda que forte e verdadeiro, esse amor precisa ser alimentado, regado tal como uma plantinha. E sobretudo, precisa de diálogo franco, cumplicidade e confiança.

“É claro que em determinados momentos necessitamos de um tempo para pensar e como eu sempre falo, digerir. Mas depois disso o silêncio não deve ser mantido. O silêncio dá brecha para pensamentos, ações e conclusões erradas. E por sua vez, dá brecha para os desencontros. Não vivam esse silêncio, pois isso só vai afastar cada vez mais um do outro. Não faça o que ele fez antes, não permita essa distância. Sabe por quê? Vocês já tiveram a prova que o silêncio e esse brutal afastamento não deu certo. Gustavo e você funcionam bem juntos. É só dessa forma que conseguirão superar as adversidades que a vida impõe. E como dizia meu pai, depois de passar pela escuridão e voltar a viver dias felizes, a vida nunca é injusta. Algumas coisas só não acontecem exatamente do jeito que se deseja, mas em algum momento da vida os caminhos se cruzam e é aí que tudo pode acontecer. O seu caminho já cruzou com o do Gustavo, tudo que vocês têm a fazer agora é permanecer nesse mesmo caminho.

Nesse momento sou eu quem está enxugando as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

— Que lindo, mãe. Obrigada. Você conseguiu me mostrar toda essa situação por uma visão totalmente diferente. Eu vejo com clareza agora, eu vislumbro a ordem para o caos dos meus sentimentos. Como sempre, você me ajudando a desembaraçar os meus nós.

Sorrio e mantenho a passar a manga do moletom pela face molhada.

— Eu sempre estarei aqui para você. É só chamar, mas fique ciente — Ela aponta o dedo, colocando ênfase em suas palavras — de que quando demora muito em me chamar, eu mesma decido aparecer. Tenho percebido que quanto mais o tempo passa, mais você fica determinada em resolver tudo sozinha. E não precisa. Além disso eu gosto de fazer o meu papel de mãe. Eu posso ter muitas outras atividades em meu dia a dia, mas ser sua mãe, da Alice e Gaetano, é o que me torna feliz e completa. Claro que o amor de seu pai também. E a essa soma, é a nossa família que faz de mim a mulher que sou, realizada e capaz de poder encontrar palavras certas e meios certos de ajudar quem eu tanto amo... E eu te amo muito, minha menina valente.

— Também te amo, mãe. Muito!

Na vontade de um beijo e de um abraço, ao mesmo tempo aproximamos os nossos rostos da tela do celular, deslizo o dedo pela tela, acariciando seu rosto e seu cabelo.

— Pense em tudo que conversamos, sim? — ela diz, depois desse carinho silencioso e virtual. — E Valentina, não perca tempo, dê o primeiro passo. Eu tenho certeza que Gustavo só está esperando isso de você.

— Eu farei isso, mãe!

Ela concorda com um sorriso. Peço a ela que mande um beijo para todos e assim finalizamos a ligação.

Aperto o celular contra meu peito. Que conversa esclarecedora. Acho que não preciso digerir mais nada.

Eu o amo e só preciso dar o primeiro passo.

Busco pelo contato de Gustavo e começo a digitar uma mensagem para ele...

Eu: *Continuo no mesmo caminho, o do amor (nosso amor)*

Mas sou interrompida por uma algazarra que ouço vindo da sala e de repente meu quarto está sendo invadido por meus colegas da faculdade.

Lanço um olhar surpreso e quase desesperado para Fátima, que puxa os ombros para cima num gesto de que não teve como impedi-los.

— *Hello, Valentina!*

Dou um sorrisinho amarelo às seis pessoas que sorriem e me cumprimentam ao mesmo tempo, e registre-se aqui, estão extremamente animadas.

— Olá, pessoal! — Pigarreio e me lembro de falar em inglês com eles. — *Hello, guys!*

Eles respondem e fazem mais algazarra. As vozes das meninas se sobressaem já que estão em maioria.

Mas então uma voz masculina em tom grave e contendo a mesma animação dos demais, consegue se sobressair ainda mais.

— *Hey, pretty girl!* — Zaki diz em inglês, chegando à porta e se apoiando despreocupadamente no batente dela. Ele cruza os braços sobre o peito e me lança um amplo sorriso. Dentes largos, bem alinhados e superbrancos ficam à mostra. — Olá, garota bonita! — ele repete em português, carregado do seu sotaque inglês britânico.

Os colonizadores ingleses deixaram muitas marcas na África do Sul. Aqui aconteceu uma das maiores segregações raciais do mundo.

O *Apartheid* durou quase 50 anos. Esse lugar, para qualquer canto que se vá, inspira uma história de luta e superação. Talvez por isso que hoje em dia a população da África do Sul, mesmo com as dificuldades que algumas regiões ainda vivem, são capazes de sorrir, ser um povo acolhedor. Eles são felizes com as conquistas e principalmente a mais importante delas, os direitos iguais reservados a todos os homens e mulheres, independentemente de sua raça.

O povo Sul Africano carrega uma alegria e uma simpatia muito distinta de qualquer outro lugar do mundo. É essa alegria e simpatia que vejo em Zaki.

As meninas começam a me puxar da cama e um coro de *Let's Go* se forma. Elas não param de repetir: vamos, vamos!

Não tem escapatória, eu terei de sair com eles.

Aproveito de uns minutos de tranquilidade que consigo ter no meu quarto, quando finalmente aceito o convite para sair. Troco a calça de flanela por uma jeans, mas a blusa eu fico com a de Gustavo e antes que eu saia, termino minha mensagem e envio.

Eu: *Continuo no mesmo caminho, o do amor (nosso amor). Ps.: Eu sinto sua falta.*

Gustavo

— Um mês e ela ainda não colocou os pés para fora de casa. É como se minha mãe fosse uma prisioneira dentro da própria casa, sem nem mesmo ter alguém a trancando lá.

Desabafo com tio Leo. Ele tem acompanhado tudo, mas poder externar é como conseguir dividir minha preocupação. E ter um momento com ele em sua casa, a sós em seu escritório, é uma boa oportunidade para isso.

— Mel ainda está presa na dor, nas lembranças, dentro de casa é um lugar seguro para ela. Encarar o mundo sem Luís deve assustá-la. Mas tenho certeza que sua mãe vai reagir.

Concordo com a cabeça, reservo-me por alguns segundos ao silêncio e enquanto passo o indicador no apoio do sofá de couro marrom-escuro onde meu braço está, penso em minha mãe e como temos enfrentado a morte do meu pai.

— Gustavo? Melissa é uma mulher forte, ela vai reagir — repete, convicto.

— Eu sei — murmuro. — Há dias bons, outros ruins, eu sei disso, pois é assim que me sinto. Mas o desinteresse dela em relação a tudo está tão forte. Nem mesmo o trabalho, que é algo que ela gosta tanto, tem sido capaz de ocupar a sua mente. Sequer entrou no escritório nesses dias todos, às vezes penso se é pelo motivo de ser onde meu pai também ficava quando trabalhava em casa.

— Pode ser isso. Vamos deixar Mel ir no tempo dela. Precisou passar quase uma semana para ela sair do quarto, até que saiu. Chegará o momento também em que ela sairá de casa, assim como irá voltar ao trabalho.

— Eu espero que sim.

— Aos poucos Melissa retomará a própria vida. — Suas palavras são cheias de confiança.

Ele está sentado em um poltrona à minha frente e percebo que nós não estamos apenas igualmente sentados em estofados de couro marrom-escuro, mas estamos os dois desejando mais do que tudo que minha mãe seja capaz de se erguer e voltar pelo menos a ser um pouco do que era antes. Ela se esforça, eu sei, mas vê-la tão triste me corta o coração.

— E o escritório?

Rumamos por iniciativa dele para outro assunto.

— Por lá tudo bem — explico. — Clarissa está sendo fundamental,

dando conta de tudo. Além disso, todos os dias eu passo para conferir como está o andamento dos processos, funcionários, essas coisas. Assim, também, eles não sentem como se o escritório estivesse abandonado.

— Isso é bom. Todos os anos que Clarissa passou trabalhando com o Luís, aprendeu muito com ele e conhece também a rotina, funcionários, clientes. E a sua presença faz a diferença, demonstra o interesse em querer que tudo continue a caminhar como era antes. Passa segurança ao grupo. Você está se saindo muito bem.

O elogio que tio Leonardo tece tem quase o mesmo efeito quando meu pai direcionava-me algum. Na verdade, ambos são dois homens a quem tenho para me espelhar.

— Obrigado, tio. Sabe, por tudo. Por se preocupar, por estar presente, por nos demonstrar que não estamos sozinhos.

Ele deixa o lugar em que está, levanto-me e recebo seu abraço.

— Você não tem que me agradecer por isso. Vocês são minha família também — enfatiza. — Somos uma família.

O celular dele começa a tocar, tio Leonardo o pega no bolso da frente da calça, confere e silencia o aparelho.

— É o Derek. — Ele devolve o celular ao bolso sem atender. — Nós estamos estudando a construção de um heliponto na clínica. Esses anos todos não temos e já passou da hora de ter. Assim poderemos implantar um atendimento de emergência com helicóptero. Isso começou a martelar em minha mente desde a morte de Luís. Não que no caso dele um atendimento aéreo teria feito a diferença, já que infelizmente não houve tempo para nada. Entretanto, em alguns casos, cada segundo faz a diferença. Quero que a Clínica Doutor Magno possa oferecer essa chance às pessoas.

Tio Leonardo demonstra seu pesar e até um ressentimento pela falta de oportunidade em salvar a vida do meu pai. Acho que no fundo ele ainda não aceitou isso. É difícil e lamentável imaginar que ele poderia ter tido a chance de ser levado até a clínica e recebido o melhor atendimento que lhe pudesse ser oferecido. Mas quis o destino que fosse diferente. Agora nos resta poder fazer pelos outros o que não foi possível ao meu pai. A ideia é louvável e desafiadora, e eu me apego a isso para seguir nossa conversa e não nos pesares dos acontecimentos.

— Nossa, é possível? O projeto estrutural da clínica comporta?

— Sim. Desde o projeto inicial seu bisavô pensou nisso. Mesmo depois da ampliação que fizemos da ala oncológica infantil no último andar, nos preocupamos em manter a possibilidade de um heliponto. Já estamos com um engenheiro civil analisando tudo.

— É algo bem arrojado. Desde a construção do heliponto até ter um helicóptero para esse fim, equipado como uma ambulância.

Ele concorda com a cabeça.

— Arrojado e caro. Ainda preciso convencer a presidente dessa ideia.

O canto esquerdo de seus lábios ganha um leve repuxar ao falar da mulher que por todos esses anos tem desempenhado a atividade de presidente da Clínica Doutor Magno, a clínica que pertence à família e que tia Malu administra com mãos firmes.

— Tenho certeza que irá conseguir convencê-la. — Assim que acabo de falar, o celular dele começa a tocar outra vez e é o Derek. — Por favor, tio, fique à vontade para atender.

Ele captura o celular no bolso e eu faço sinal de que estou indo.

Ao deixar o escritório, ouço tia Malu na sala se despedindo ao telefone e meus ouvidos não me enganam, era a voz de Valentina.

— Tia?

— Oi, querido. — Ela ergue o olhar do celular em sua mão para mim.

— Era...

— Valentina? Sim.

— E como ela está? — arrisco perguntar.

— Usando seu moletom.

Tia Malu abandona o sofá e vem me dar um abraço.

— Devo entender isso como um bom sinal, será?

Ela me afasta, me oferece um sorriso carinhoso e afirma que sim, em seguida acrescenta:

— Tenho certeza que em breve tudo ficará bem entre vocês.

Inspiro fundo e me encho de esperanças de que sim, tudo ficará bem entre Valentina e eu, ainda mais quando essa afirmação vem dela, tia Malu. Essa sabe das coisas.

— Obrigado, tia.

— E a Mel, como está hoje?

Ocupo-me por um tempo conversando com tia Malu, contando a ela o que conversei com o tio Leo. Discorro sobre a opinião dele referente ao processo de superação do luto, o que minha tia também concorda e ainda sugere mais alguns conselhos, como ter sempre muita paciência e nunca perder a fé. Eu tomo cada um dos conselhos e agradeço também a ela, por todo carinho dispensado à minha mãe e eu.

No instante em que estou me despedindo dela e de tio Leo, que agora já se junta a nós na sala, ouvimos o alarme de notificação de mensagem de celular.

Olhamo-nos, pois estamos os três com os aparelhos por perto.

— Acho que é do seu celular, deveria conferir — tia Malu se apressa em dizer.

— Aposto que é o Matheus, tia — comento sem nem me dar o trabalho de conferir o celular. Hoje meu amigo está em um modo desesperado, já me mandou uma porção de mensagens, e se não fosse por essa, estaria esquecendo do seu pedido — Alice está em casa? — averiguo.

Matheus me pediu para conversar com ela. Acredito que qualquer coisa que eu diga à minha prima, não a fará mudar de ideia em relação ao término do namoro deles, mas prometi a ele que pelo menos tentaria.

— Alice saiu. Aliás, essa é outra com quem preciso ter uma boa conversa. De hoje não passa.

Minha tia usa seu tom característico de determinação. E de imediato capto que se “essa é outra” que ela precisa conversar, então significa que também teve uma boa conversa com Valentina.

— Saiu?! Onde e com quem? — tio Leo questiona, tão alto que chego a me assustar. — Eu pensei que ela estivesse no quarto.

— Ela comentou que ia ao cinema com umas amigas — tia Malu explica.

Tio Leo passa a mão pela barba, com sua típica expressão de que não gostou da informação.

— Alice não para mais em casa. Não estou gostando disso — ele reclama.

Tia Malu rebate.

— Sem exageros, doutor Leonardo. É só um passeio num domingo à tarde com colegas. Qualquer garota na idade dela faz isso.

Ele solta uma longa lufada de ar.

— Começo a sentir falta daquele Japa folgado estirado no meu sofá. Pelo menos tinha Alice em casa aos finais de semana. Ou quando saía, sabia que estava com ele. E o fato de eu ter tido uma boa e incisiva conversa com ele me dava tranquilidade de que a minha menininha estava segura, mesmo estando com aquele filho da mãe.

É... Todos os namorados das filhas de tio Leonardo são filhos da mãe. Apesar disso, eu quero continuar sendo um, acredito que Matheus também.

— Tão protetor esse pai — a esposa dele brinca, apertando-lhe a bochecha.

Eu acho graça.

— Sou mesmo e ciumento também, nunca escondi isso. — Ele dá de ombros.

— Certo. Agora me diga: Gaetano também não está em casa. Você não vai reclamar?

A mulher vai para o embate com o marido. É certo que é amistoso esse embate, mas tia Malu não deixa por menos.

— Gaetano está na casa do Derek, ajudando Isabela. Parece que ela anda com dificuldade em alguma matéria, algo assim...

— Matemática — minha tia conclui.

— Isso. Nosso filho é prestativo, sabe disso.

Os dois estão frente a frente e eu me torno um espectador da conversa deles. Penso em deixá-los sozinhos, mas acabo me tornando curioso ao assunto.

— Sei bem. Como sei também que a Bea poderia estar ajudando a filha nisso, ela é ótima em cálculos.

Tio Leo e eu adotamos uma expressão confusa.

— Não entendi — ele diz.

Eu também não.

— Começo a suspeitar o porquê de Bebelá preferir ter aulas de reforço com Gaetano e não com a própria mãe. Se é que ela precisa mesmo dessas aulas.

Tio Leo franze o cenho, pensativo com as palavras que a mulher solta, parecendo o próprio Sherlock Holmes.

— Continuo não entendendo — ele fala pensativo. — Vish! — Meu tio arregala os olhos. — Será? Não pode ser. Isabela deixou de usar fraldas ainda ontem.

Caramba! Agora a ficha também caiu pra mim.

— Meu faro diz que sim — tia Malu afirma, categórica.

Definitivamente, ela deveria trabalhar na polícia e não como administradora.

— Preciso conversar com Gaetano — tio Leo se apresenta, preocupado. — Isabela é muito novinha. Derek vai querer matá-lo e bem capaz que a mim também. Você está sabendo de alguma coisa, Gustavo?

Ele me inquire e o olhar de tia Malu me faz imaginar que eu estou diante de um investigador da polícia.

No entanto, afirmo sem pestanejar:

— Não. Eu não sei de nada.

A negativa é sincera, mas mesmo que eu soubesse de algo, ficaria quieto. Há algo chamado “pacto do silêncio entre primos”. Quando éramos crianças, Valentina, Alice, Gaetano e eu, fizemos esse pacto. Então, quem tem que falar qualquer coisa é Gaetano, e não eu.

Pacto é pacto.

Despeço-me dos meus tios e vou embora enquanto eles permanecem a

falar sobre Gaetano e Bebelá, e à luz desse assunto, entendo porque Gaetano aos 17 anos é tão sossegado em relação à garotas. Ele já tem uma que ocupa o seu coração.

E eu o entendo perfeitamente.



No chuveiro lembro que não respondi Matheus, mas ele pode esperar, sobretudo porque não terei boas notícias. Coitado. O Japa gosta de verdade da Alice, mas se ferra por não conseguir controlar o jeito brincalhão e simpático que tem com todos, *incluindo mulheres*, e isso deixa a baixinha brava, possessa e concluindo tudo errado.

Situação difícil.

Fico pensando se ele deveria mudar, ou ela deveria compreender e aceitar... Mas de repente abstraio esse assunto da minha mente, pois Valentina assume meus pensamentos e rouba cada espaço do meu cérebro, trazendo as lembranças recentes de um mês atrás, quando nos amamos em minha cama e depois viemos para o chuveiro.

Aqui eu a amei um pouco mais, aqui seus lábios deslizaram por cada parte de mim, e aqui Valentina foi capaz de saciar, momentaneamente, minha saudade e o meu desejo por sentir prazer com ela.

Só que agora tudo que sinto é uma saudade ainda maior dela por completo e daquela boca de lábios macios e de língua ágil e que... só de lembrar acaba comigo.

Caralho! Que tesão, que saudade da minha Moranguinho.

Finalizo o banho, tiro o excesso da água e enrolo a toalha ao corpo, saio do banheiro e junto comigo sai também o vapor de água represado dentro do ambiente fechado, que eu acabei permanecendo por mais tempo que o necessário.

Jogo-me na cama, relaxando mais um pouco, mas então meu celular começa a tocar no móvel ao lado, certo de que é Matheus. Fecho os olhos e deixo chamar algumas vezes enquanto curto o refrão da música *Believer* (Acreditar), da banda Imagine Dragons.

Pain!

(Dor!)

You made me a, you made me a believer, believer

(Você me fez, você me fez acreditar, acreditar)

Pain!
(Dor!)
You break me down and build me up, believer, believer
(Você me destrói e me reconstrói, acredito, acredito)

Pain!
(Dor!)
Oh let the bullets fly, oh let them rain
(Oh, deixe as balas voarem, oh, deixe-as chover)
My life, my love, my drive, it came from
(Minha vida, meu amor, minha motivação, eles vieram da)

Pain!
(Dor!)
You made me a, you made me a believer, believer
(Você me fez, você me fez acreditar, acreditar)

E só depois estico o braço e alcanço o aparelho, a cara feia de Matheus pisca no visor, deslizo o dedo e atendo, levando o aparelho ao ouvido.

— Fala, Japa! Eu já ia responder a tua mensagem.

— Que mensagem? Mandei mensagem não. Só mais cedo e você respondeu.

— Ah tá... Pensei que era você. Japa... eu não consegui falar com Alice. Ela não estava — conto, temendo a choradeira dele.

— Eu sei. Acabei de deixá-la em casa. — Ele solta uma risadinha.

— Sério? Conseguiu amansar a fera?

— Gustavão, Alicinha pode ser uma fera, mas ela não resiste ao charme do japa aqui, e quando isso acontece ela vira uma gatinha. Uma bem selvagem, por sinal. Caralho, ela me arranhou todinho! — ele reclama, feliz.

Solto uma gargalhada.

— Vocês são dois doidos! Que bom que se entenderam.

— Cara, vou te dizer uma coisa. Sexo de reconciliação é uma delícia. Meu Deus! Alicinha é gosto...

— Cala a boca, Matheus! É da minha prima que você está falando e eu não quero detalhes.

— Foi mal... — Matheus dá outra risada. Ele está todo sorrisos, não é pra menos. Porém, no segundo seguinte o tom de diversão some e ele fala, sério:

— Ei, e você? Como está? Quer sair, bater um papo ou pedalar? Pedalar é bom, ajuda a colocar os pensamentos em ordem.

— Tô legal, vou ficar em casa.

— Beleza, Gustavão! Se precisar é só dar um toque.

Matheus é um bom e fiel amigo. Se nos distanciamos por um tempo, foi por minha causa. Eu me fechei e não quis saber de mais ninguém. Entretanto, desde que meu pai morreu, o Japa não passa um dia sem dar um jeito de conferir como estou.

— Beleza, Japa. Obrigado.

Antes de finalizar a chamada, ouço-o comemorando sozinho dentro do carro por ter voltado com Alice, e concluo que na relação desses dois é melhor não querer dar palpite ou conselho, afinal, brigam e se amam desde que eram crianças.

Ainda com a atenção no celular, procuro ver, afinal, quem foi que me mandou mensagem e... quando me deparo com a notificação, o contato “Moranguinho” — foi assim que salvei o número de Valentina — faz meu coração dar um pulo no peito. Chego a me sentar na cama, sem acreditar no que vejo.

O dedo trêmulo toca na mensagem e à medida que leio “***Continuo no mesmo caminho, o do amor (nosso amor). Ps.: Eu sinto sua falta.***” paro de respirar. À medida que leio outra vez, assimilando cada letra, cada palavra, meus lábios vão se estendendo no mais puro sorriso de felicidade.

Meus dedos voam rápido ao teclado para responder. Quero dizer tanta coisa... Escrevo, apago, escrevo de novo. Releio a mensagem dela e finalmente consigo ter uma resposta.

Eu: ***É certo que nos encontraremos nele, pois eu permaneço no caminho do amor (nosso amor). Sinto sua falta também.***

P.S.: Meu dia acabou de se transformar em um ótimo dia, graças a sua mensagem. Obrigado.

Envio com o coração acelerado, boca seca e fagulhas de fogos de artifício explodindo dentro do meu peito.

E enquanto fico olhando para as fotos dela, que estão como imagem do plano de fundo do meu aplicativo de mensagens, fico pensando que eu não vejo a hora para que os próximos 6 meses passem e ela retorne em suas férias. Eu ficarei com Valentina por cada minuto dos dias que teremos.

Depois, quando ela for embora, não vou me desesperar como das outras vezes. Vou começar a *esperar* pelo dia em que ela voltará em definitivo para casa. E quando isso acontecer, vou pedir que se case comigo. Não quero mais perder tempo em começar a viver minha vida ao lado de Valentina.

Serei forte na dor, para viver a plenitude desse amor.

“Minha vida, meu amor, minha motivação, eles vieram da dor”.



Gustavo

— Você bate como uma donzela, Gustavo! — Matheus debocha após me acertar um cruzado de direita.

Estalo o pescoço e pressiono o maxilar.

— É o que vamos ver! — Ataco-o, devolvendo-lhe o soco. Acerto em cheio e ainda parto para cima, golpeando-o várias vezes.

Ele tonteia, se afasta e ergue as mãos em sinal de rendição.

— Tá bom, você não bate com uma donzela. — Matheus ofega.

— É bom que reconheça.

Cansado, inspiro e expiro, ordenando a respiração.

Afrouxo o aperto das luvas de *muay thai* e desço do ringue. Não bato como uma donzela, mas que estou fora de forma, estou. Desde que minha rotina mudou com a morte do meu pai, eu parei de treinar. Retornar após mais de 30 dias parado e ter Matheus em completa boa forma e pique, me deu trabalho para mostrar a ele quem é que bate como uma donzela.

Sento-me no chão e alcanço minha *squeeze*, bebo um generoso gole de água e jogo o restante pelo rosto suado. Ao meu lado Matheus faz o mesmo.

— Você continua bom de briga. — Ele dá um soco no meu braço ao dizer.

— Mas agora só no ringue.

— Verdade. Sua versão Gustavão “paz e amor” perdura desde aquela vez que você ferrou com o idiota do Vinícius.

— Merecidamente — completo.

Matheus concorda com a cabeça e acrescenta:

— Nunca mais vi aquele babaca. Até tinha algum tipo de amizade com ele, só que depois do que ele fez, passei a ignorar.

— É, eu também nunca mais o vi — comento, buscando por uma toalha dentro da mochila.

— Sorte a dele.

— Sorte a dele — replico, secando o meu rosto.

Eu tive algumas explosões depois da briga com Vinícius, mas aconteceram comigo sozinho, quebrando coisas, fazendo isso para extravasar minha raiva. Mas, apesar de tudo, sinto que as mudanças nesse sentido estão sólidas. Acho mesmo que estou numa fase paz e amor. Minhas reações estão mais brandas em muitos aspectos. Ainda bem.

E mesmo com a dor que estou enfrentando pela ausência do meu pai, tenho encontrado ânimo e forças para seguir meus dias, firme em meu propósito de realizar o melhor. E o fato de voltar a ter contato com Valentina transforma essa caminhada, de alguma maneira, em mais leve. Desde o domingo passado, em que voltamos a trocar mensagens, eu tenho uma motivação ainda maior. Adoro receber suas mensagens com informações do dia-a-dia dela, e eu faço o mesmo. Passamos a dividir cada momento e isso nos aproxima cada vez mais. A luz que Valentina dá na minha vida é tão forte que mesmo longe eu consigo enxergar.

— Vocês já pararam? — Gaetano surge diante de nós e se senta ao nosso lado.

— Já — Matheus responde. — Mas se quiser eu volto *pro* ringue e te ensino a dar uns socos!

Esse Japa é prepotente demais.

— Me ensinar? — Gaetano aqueia as sobrancelhas.

— É. Afinal, você só quer saber de ficar puxando ferro. Não adianta ficar *bombadinho* e não saber usar toda essa força.

Gaetano dá um sorrisinho e balança a cabeça em descrença.

— Quer conferir se eu não sei usar a força, Japa? — Gaetano desafia e ainda bate no músculo do braço.

Matheus arregala os olhos com ar de diversão.

— Cunhadinho quer um desafio, pelo jeito. Bora, então! Só que não pense que eu vou aliviar por você ser o irmão da minha Alicinha.

Gaetano dá outro sorriso incrédulo pela audácia de Matheus, e fala:

— Eu estou mesmo querendo te dar uns socos por deixar Alice brava e eu ter que aguentar o mau humor dela em casa.

— Mas não nessa semana, porque eu aposto que Alicinha está de ótimo humor ultimamente — Matheus contrapõe, seguro.

Gaetano tira o celular com calma do bolso e ainda os fones de ouvido que estão ao redor pescoço, depositando-os ali, próximo à minha mochila.

— Deixa de papo, Matheus — ele diz, erguendo-se do chão. — Não tenho a noite toda. Ainda quero testar meu novo telescópio.

— Comprou, então? — pergunto.

Gaetano havia me dito que estava em busca de um novo e mais avançado telescópio.

— Sim. É lindo. Possui uma resolução muito melhor do que aquele que eu já tenho. Esse tem um refletor de alta relação focal. Dá uma olhada aí nas minhas fotos. — Ele aponta para o celular.

Gaetano gosta mesmo disso.

— Vou ver aqui — digo, apanhando o celular dele. — E Japa, abre teu olho, hein?! Ou vai levar uma surra do cunhadinho — aconselho com sarcasmo.

Matheus bufa, pega as minhas luvas e entrega para Gaetano. Enquanto eles seguem para o ringue eu confiro as fotos do novo telescópio de Gaetano. É mesmo um equipamento robusto. Passo foto por foto, pois há várias em muitos ângulos. Meu primo tem paixão por isso desde que era criança. Tudo que envolva e componha o espaço sideral. Lua, planetas, estrelas e... que merda é essa?!

De súbito um frio percorre minha espinha quando as fotos do telescópio de Gaetano acabam e eu encontro...

— Que porra de foto é essa? — vocifero.

Dou zoom, aumentando a foto, enquanto meu coração começa a se tornar pequeno dentro do peito. Ele acelera e respiro rápido somente pelo nariz, continuando o olhar, e de repente parece que o frio é substituído por um calor que sobe dos pés até meu rosto. Sem conseguir mais ficar diante da foto, abandono o celular como se ele estive em brasas.

Pressiono os olhos com as mãos e ao fazer isso, ao fechar meus olhos, o registro da fotografia em que um maldito filho da mãe está com o braço passado por cima do ombro de Valentina, olhando-a com um sorriso de admiração, fica cravado em minha mente e apunhala o meu coração.

Abro os olhos querendo que a imagem suma da minha memória, mas é impossível. Transfiro minha atenção para o movimento de pessoas dentro academia, vejo Matheus e Gaetano na luta deles e dentro de mim travo minha

luta interna. Os sons se tornam abafados, o mundo parece se fechar em minha volta.

Parece que vou explodir.

Mas eu não posso. Eu não vou explodir. É só uma fotografia com uma turma de amigos. São só amigos de Valentina, repito em silêncio. Eu não vou explodir.

Eu vou explodir...

A visão se torna turva e antes que tudo escureça de uma vez, eu me levanto.

Eu vou explodir...

Avanço até um saco de pancadas onde momentos antes desferi socos me aquecendo para o treino.

Eu EXPLODO.

Enxergo diante de mim ele, quem quer que seja aquele desgraçado.

O sorriso dele... a forma como olha para Valentina e não para frente como todos os outros que estão juntos na fotografia... E o pior... o sorriso alegre de Valentina. Alegre por estar com essas pessoas, alegre por estar ao lado... dele?

— Desgraçado! Não toque na minha Valentina! Ela é minha! — brado entre a respiração raivosa e entrecortada.

Desfiro golpes e mais golpes no saco de pancada, imaginando-me enfiando belos soco na cara desse idiota maldito.

Enfurecido, continuo a bater e a bater... com cada vez mais força e mais raiva.

— Não olhe para ela. Não toque nela! Valentina É MINHA!

— Gustavo?!

Uma mão encosta em meu ombro, eu me viro e minha mão fechada em punho encontra o queixo dele. Não dou tempo para que se recupere, dou outro soco, depois braços estão me segurando.

— Me solte! Eu vou acabar com ele!

— Gustavo?! Pare! — O comando alto e firme de Gaetano me faz parar. — O que foi que Matheus fez? Por que quer acabar com ele? Enlouqueceu? — ele pergunta e encaro suas feições assustadas.

Matheus? Olho para o meu amigo com o lábio sangrando.

Merda!

Retomo minha consciência. O que foi que eu fiz?

— Matheus... — Estendo minha mão para ele, só que Matheus dá um passo atrás.

— Que porra foi essa, Gustavo? Você tá louco?

— Desculpe... me desculpe. Eu não queria bater em você. Eu pensei

que você fosse...

Paro de falar, levo a mão ao rosto arrependido e transtornado com minha reação.

— Pensou que eu fosse quem, afinal?

— Um filho da mãe que eu vi numa foto com Valentina — explico.

— Caralho, meu! — Matheus bufa.

— Me desculpe. — Estendo outra vez a mão para ele, dessa vez Matheus corresponde. Aproximo-me dele. — Você está bem? Machucou muito? — pergunto, avaliando o ferimento que lhe causei.

— Eu estou bem — diz, passando a mão na boca e limpando o sangue.

— Me desculpe, Matheus. Por favor. Eu não tinha intenção...

— Tá tudo bem, Gustavo. Tudo bem.

Matheus inspira fundo, averiguo ao meu redor e percebo vários pares de olhos acompanhando a situação.

Vergonha toma conta de mim. Eu sou um merda que não consegue se controlar.

— Gustavo? — Gaetano chama. — Eu nem me lembrei dessa foto que Valentina me enviou. Se eu soubesse... Merda! Eu não deixaria o celular com você. Mas... cara, é só uma foto com uma turma de amigos. Não há nada demais ali.

— Eu sei. Só que eu não consegui me controlar — confesso.

— Você precisa de uma ducha fria. Todos nós, aliás. Depois vamos embora.

Assinto, Matheus também sinaliza que sim.

No caminho até o vestiário ofereço mais um pedido de desculpas ao meu amigo. Ele aceita e acrescenta, me dando um empurrão:

— Definitivamente, você não bate como uma donzela. Muito menos Gaetano. Eu já havia me ferrado com ele e depois veio você. Sou um fodido por ter um cunhado e um amigo que batem bem pra caramba. Mas na próxima eu cobro de vocês.

Ele sorri, massageando o queixo.

Gaetano sorri vitorioso.

Já eu, sorrio triste por não ter conseguido refrear o impulso da ira que me consumiu e com vergonha por ter feito de Matheus — de maneira inconsciente — meu alvo.

Constato que minhas mudanças nesse meu aspecto explosivo não estão tão sólidas como eu imaginava.



— Aquela foto é de domingo passado — Gaetano começa a contar enquanto vamos para casa em meu carro. — Desde que Valentina retornou para a África do Sul, eu sabia que ela estava numa rotina ainda mais intensa de estudos e trabalho. Sabia que ela estava tendo pesadelos com você e sabia também que se ela ficasse apenas enfiada nos estudos e pensando no problema da relação entre vocês, acabaria pirando. Eu mesmo incentivei para que ela tivesse algum lazer, que se distraísse com alguma coisa. Então, na segunda-feira ela me enviou uma mensagem de bom-dia com aquela foto e disse que acabou fazendo um passeio com os amigos da faculdade no domingo. Eu fiquei feliz de verdade. Feliz principalmente por ver o sorriso que ela ostentava. Cheguei a comentar sobre ele. E sabe qual foi a resposta de Valentina?

— Qual?

— Que era por sua causa — ele declara. Olho de maneira rápida para Gaetano e depois volto minha atenção ao trânsito. — Valentina me disse que a foto foi tirada segundos depois de ela ter visto no celular uma mensagem sua, em resposta a uma que ela enviou. Eu não sei o que tinha escrito nas mensagens que vocês trocaram, mas foi algo que a deixou muito feliz, pois aquele sorriso aberto e sincero, um sorriso que é do tipo que a alegria vem da alma, há muito tempo eu não via em minha irmã, nem em fotografia e muito menos pessoalmente em suas vindas nas férias. Valentina não ficou com qualquer outro cara mesmo quando ela soube do seu namoro com a Nina, não é agora que ela ficará — Gaetano diz por fim e fica em silêncio.

Opto em fazer o mesmo.

A luz dos faróis dos carros na via contrária passam correndo pelo meu para-brisa, enquanto, quieto em meus pensamentos, as informações do que Gaetano contou, associado ao que Valentina e eu temos conversado, também passam correndo pela minha mente. Eu sei. Ela não ficaria com outro, principalmente agora que voltamos. No entanto, é difícil de ver como aquele cara olhava, sorrindo para ela, e é pior ainda imaginar se talvez ele tenha algum interesse nela.

Agora eu entendo Valentina, entendo como se sentiu ao saber que eu estava com Nina, como se sentiu por imaginar que eu fui capaz de estar feliz ao lado de outra pessoa que não ela. E que ainda é difícil de conceber que eu convivo com Nina, fazendo o papel de namorado dela. Mesmo que falso.

Agora eu entendo.

Mas há algo nisso que ainda me deixou curioso.

— Que pesadelos são esses, que Valentina está tendo comigo? — pergunto no instante em que passo com o carro pela entrada do condomínio.

— É algo atormentador. Ela sonha que vocês estão diante de uma tempestade. Ficam os dois chamando um pelo outro, mas não conseguem se encontrar.

— Nossa! É atormentador mesmo. Tadinha da Valentina — falo, imaginando e sentindo a angústia que ela deva sentir.

— Sim. Ainda bem que parou. Ela me disse que nessa última semana não teve mais.

— Ou seja, desde que voltamos a ter contato — observo.

— Exato. Portanto, perceba o quanto você também tem influência no dia-a-dia dela. Não é só o contrário.

— Eu não duvido do amor dela por mim, tampouco de sua confiança — explico.

Gaetano assente.

— Ótimo! E como você já externou sua raiva ao ver aquela foto, não faça dela de um motivo para pesar ou escurecer o brilho que voltaram a ter agora que se entenderam, *ok*?

Ele me lança um olhar de “não faça mais merdas, Gustavo”.

Estaciono o carro em frente a casa de Gaetano.

— Fique despreocupado. Não farei mais nenhuma merda, se é isso que quis dizer. — Dou um sorriso, Gaetano dá outro. — É só que é um desafio muito grande levar essa relação à distância. Eu me consumo com a saudade e agora com o ciúme que eu sempre tive, mas que foi despertado. Preciso me controlar — relato e pressiono a nuca, sentindo a tensão dos músculos. — E o pior de tudo, Gaetano, é estar tão longe dela e desejando mais que tudo tocá-la e não poder.

Gaetano retira o cinto de segurança, inspira com força e diz:

— Realmente é difícil. Só que mais difícil que estar longe e não poder tocar, é estar *perto* e não poder tocar.

Capto o olhar pesaroso que expressa o sentimento de Gaetano.

— Ih... caramba! Então é verdade — solto minha constatação.

Ele se mexe no banco.

— O quê? — inquire em seguida e noto o nervosismo que o assunto lhe causa.

— Você gosta da Isabela.

— É claro que não — Gaetano nega, exacerbado. — Quer dizer... gosto dela. Mas gosto de um jeito normal — acrescenta a mentira, tão fraco

quanto sua capacidade em negar que não gosta.

— Que nada! Você está é apaixonado por ela!

Gaetano passa as mãos pelo rosto e me encara.

— Isso não tem cabimento. Você sabe quantos anos ela tem?

— Eu sei. Sei também que a gente não escolhe por quem e quando vamos nos apaixonar. Acontece. Sem que a gente perceba, aos poucos a paixão vai tomando conta, a gente pensa na garota o tempo todo e a gente faz de tudo para estar perto, faz de tudo para ver o sorriso no rosto dela...

— Isso é uma loucura. Ela só tem 13 anos e ainda por cima é filha do Derek! — ele me interrompe, mais alterado ainda.

Eu continuo.

— ... A gente enfrenta as ditas convenções sociais, do que pode ou não pode, e a gente enfrenta até os pais mais ciumentos pela garota responsável por fazer nosso coração bater acelerado.

Ele entrega os pontos.

— É uma merda.

Dou uma risada.

— É uma merda boa. Não se sinta mal por amar, Gaetano.

Outra vez as mãos dele passeiam pelo rosto. Pelo visto Gaetano tem duelado — *e muito* — com esse sentimento.

— Eu não posso me sentir bem com isso, Gustavo. Não tem cabimento. Eu não me permito amá-la e... Droga! Me sentir atraído por uma garota que é 4 anos mais nova que eu...

— Não fala isso. Hoje esses 4 anos têm peso, mas daqui mais quatro, não terá. Se te faz aceitar isso melhor e tiver forças para resistir e guardar essa paixão, espere mais alguns anos. O amor quando chega assim, não deve ser desperdiçado.

— Eu gosto dela. Muito. E pra falar a verdade, esperaria até 400 anos. Só não sei se aguento e como farei até lá.

— Bem-vindo ao time dos amores impossíveis. — Estendo a mão para Gaetano e ele a pega, curvando o canto dos lábios. — Quando precisar conversar, pode contar comigo — acrescento.

Sei exatamente como ele está se sentindo.

— Obrigado.

Gaetano abre a porta e desce do carro, fechando-a em seguida. Mas antes que ele vá, preciso alertá-lo.

— Gaetano? — chamo-o.

— Sim? — Ele me olha através da janela do carro.

— Talvez deva saber que sua mãe já está desconfiada desse esse

assunto — conto.

Seus ombros se elevam.

— E do que, afinal, dona Malu não desconfia?

— Nada.

É minha vez de encolher os ombros.

Gaetano acena uma última vez e some da minha visão, e eu rumo para minha casa.

Espio pela fresta da porta do quarto de minha mãe e vejo que tanto ela quanto vó Luiza já estão dormindo. A luz fraca que vem de um abajur me deixa notar que as duas estão de frente uma da outra e que as mãos delas estão unidas.

Minha avó está aqui por todo esse tempo, realiza as atividades que precisa, vai até sua casa, mas não há uma noite sequer que ela não esteja conosco. Eu me revezo com ela e sempre fazemos com que minha mãe tenha companhia para dormir. Meu medo de que ela seria capaz de fazer qualquer loucura contra a própria vida deixou de existir quando ouvi sua afirmação que jamais faria isso, no entanto, meu objetivo e de minha avó é fazer com que ela nunca se sinta sozinha, principalmente na hora de dormir.

Sabemos que um dia chegará o momento que isso não será mais necessário, mas enquanto for, minha mãe sempre terá a mim ou a minha avó ao seu lado na cama.

Sopro um beijo de onde estou em direção as duas e vou para o meu quarto. Enquanto tomo banho, pondero se deveria mandar alguma mensagem para Valentina. Aqui já passa das 9h da noite, na África do Sul já é início da madrugada.

Valentina me deixou uma mensagem dizendo que havia chegado do hospital cansada e precisava descansar, porém, depois pretendia iniciar um trabalho que tem que entregar na segunda-feira. Fico em dúvida se ao me dar esses detalhes ela quis dizer: “pode me mandar mensagens, pois estarei acordada” ou “eu estarei acordada, estudando, não me atrapalhe”

Deitado na cama, sustento o olhar na tela do celular, abro nossa conversa, vejo a foto de Valentina e todas as mensagens que temos trocado. Em alguns casos não conseguimos manter uma sequência instantânea nas mensagens, mas sempre estamos respondendo um ao outro à medida que conseguimos.

Decido arriscar, e para ser sincero, eu preciso mais do que nunca falar com Valentina, tirar esse aperto em meu coração referente aquela foto. Tudo que Gaetano disse ajudou. Ainda assim, é indispensável que eu trate disso com Valentina ou ficarei sendo consumido por esse sentimento amargo do ciúme.

Sem rodeios, vou direto ao ponto e envio a mensagem.

Eu: *Devo me preocupar com o cara de dois metros de altura ao seu lado?*

Pelo jeito ela estava com telefone por perto, pois a mensagem é visualizada segundos depois que envio e logo em seguida vem sua resposta.

Valentina: ???

Ok. Ela não entendeu. Explicarei.

E sem me conter, envio a mensagem exatamente como penso.

Eu: *O cara ao seu lado na foto, com o braço em cima do seu ombro e te olhando com um sorriso ridículo. Poderia até afirmar que babando.*

Valentina: **Como viu essa foto?**

Eu: Por acaso, no celular do Gaetano.

Começo a me sentir ansioso à medida que aguardo pela resposta e vejo o *status* “digitando...” até que a resposta chega.

Valentina: Às vezes me pergunto se Gaetano sabe que celular tem senha de acesso. Alice viu mensagens dele com a Bebelá e descobriu o apelido que ela deu a ele. Agora você “por acaso” viu uma foto minha?

Que merda! Essa não é a resposta que eu esperava. Aturdido, sento-me na cama e digito rápido.

Eu: *Senha? Gaetano deveria se preocupar em colocar senha para que ninguém veja fotos que você manda para ele?*

Envio a mensagem e espero pela de Valentina, que não demora a chegar.

Começo a ler e percebo o nervosismo fazendo o seu caminho pelo meu corpo. Passo a mão pelo cabelo, bagunçando-o completamente.

Valentina: As que eu mando, não, pois não é segredo. Mas acho que as mensagens que ele troca com Bebelá, sim. Do contrário, todos saberão sobre assuntos pessoais dele, mais do que deveriam.

P.S.01: Você não precisa se preocupar com o cara de dois metros

de altura. Ele é só um amigo. Somente amigo. E se ele estava babando, acredite, não era por mim, e sim pela minha amiga ao meu lado.

P.S. 02: Você não deve se preocupar com nenhum cara. EU SOU SUA.

Termino de ler e o alívio é instantâneo. Escorrego a cabeça no travesseiro relendo as palavras finais da mensagem.

E a deixo saber o efeito que me causou.

Eu: *Seus “P.S’s. me fizeram respirar aliviado.*

Envio. E logo em seguida mando outra, curioso.

Eu: *Que apelido é esse que Bebela deu a Gaetano?*

Valentina: Não posso contar.

Eu: *Combinamos que não teríamos mais segredos.*

Apelo.

Isso foi uma questão que tratamos durante algumas das mensagens que trocamos. Nada de segredos, qualquer que seja a circunstância.

Valentina: **Tem razão. Mas não diga que fui eu que te contei. Bom, Gaetano ainda me deve uma explicação por roubar minhas camisetas para você. (rsrs)**

P.S.: **Leãozinho.**

Franzo o cenho com a resposta que leio e me certifico em seguida.

Eu: *Leãozinho é o apelido?*

Valentina: **Sim. Não zoe ele.**

Solto uma gargalhada.

Eu: *Eu vou zoar muito, ele.*

Valentina: **Quero te ver.**

Ainda estou gargalhando quando leio a mensagem objetiva de Valentina e logo me atento ao seu pedido.

Ela manda outra mensagem em seguida.

Valentina: **Saudades.**

Eu também estou morrendo de saudades. Até então não fizemos nenhuma chamada de vídeo, só mensagens. Eu vou adorar poder vê-la.

Levo o dedo até o ícone da câmera no aplicativo de mensagens e inicio a chamada. Valentina atende de pronto.

Sua imagem surge na tela do meu celular. Meu anjo está ali diante de mim. Estamos separados pelo oceano, mas a ternura de seus olhos e o seu sorriso lindo me faz ter a sensação de que Valentina está aqui ao meu lado na cama.

— Oi. — A voz doce dela é música para os meus ouvidos.

Toco na tela do celular onde está a sua face rosada em que o volumoso cabelo todo para frente quase encobre.

— Você é linda...

Dou voz ao que meu coração diz.

Valentina sorri, fisingando o lábio inferior.

— Adoro quando seu cabelo está assim, bagunçado.

Diante do que ela diz, levo a mão aos fios revoltos e emendo minha resposta:

— Adoro mais quando é você que bagunça ele.

Outra vez ela sorri e do mesmo jeito eu sorrio. Abertamente, como um bobo apaixonado. Percebo pelo ambiente que ela está no quarto e averiguo:

— Não vamos atrapalhar o sono da sua amiga?

Valentina balança a cabeça, direciona o celular para a cama vazia ao seu lado e depois volta para si.

— Fátima não está em casa. Foi dormir com o cara de dois metros de altura — ela conta, erguendo as sobrancelhas.

Eu assinto devagar, assimilando. *Então é na amiga dela que o cara tem interesse.*

— E por que aquele sorriso dele enquanto te olhava?

— Primeiro porque Zaki vive sorrindo, mas em especial eu havia acabado de dizer a ele que Fátima estava interessada nele. Acho que ele ficou mais feliz ainda. Eu também estava feliz por ter recebido sua mensagem. E esses são os motivos de nossos sorrisos na fotografia.

Já tinha ficado aliviado referente ao assunto, só que agora eu fico livre de todo e qualquer resquício de ciúme.

— Eu te amo, sabia? — digo, sentindo uma profunda paz.

— Eu também te amo.

Sua resposta é tão carinhosa, assim como suas feições.

Aconchego minha cabeça de maneira confortável ao travesseiro, do outro lado, Valentina também se aconchega em sua cama.

— Dorme comigo hoje, Moranguinho?

— Durmo, Trovão.

Até que o sono chegue, permanecemos falando por todo o tempo em que somos capazes de aguentar. Valentina com mais sono que do que eu, apaga primeiro.

Ele fica de lado na cama e com o celular apoiado no travesseiro de um jeito que eu consigo continuar a ver o seu rosto, na minha cama eu faço o mesmo. E é como se estivéssemos lado a lado.

Assim, ao som da respiração compassada de Valentina e com a imagem de seu rosto diante do meu, eu adormeço. Antes, porém, peço aos anjos que se possível me leve até ela em sonho. E que seja um sonho bom.



Valentina

— Estou com um pouco de receio do que vamos encontrar em Cabo Delgado — Fátima diz, quebrando o silêncio do quarto em que nós já deveríamos estar dormindo, contudo, nem eu nem ela até agora conseguimos.

— Não vou negar, eu também estou. — Respiro de maneira profunda, sustentando as mãos unidas em cima do estômago, e é nele que sinto um frio, em pensar no lugar para o qual iremos. Esta será nossa primeira vez lá.

Cabo Delgado é uma província de Moçambique, e diferente de outras regiões que enfrentam conflitos civis oriundos, seja por disputa política, por territórios, e até poder, Cabo Delgado ainda lida com o conflito da insurreição islâmica. De um lado militantes islâmicos querendo estabelecer um Estado islâmico, e de outro as forças de segurança de Moçambique, que trabalham para garantir que isso não aconteça. No meio desse conflito está a população. E o pior, mulheres e crianças são alvos fáceis dos militantes islâmicos.

O conflito se acentuou nos últimos meses e em muitas aldeias essas mulheres e crianças estão sendo sequestradas, com a finalidade de serem treinadas a pegar em armas e lutar a favor daqueles que querem a todo custo implantar a sua religião. Em algumas dessas aldeias em que a força de segurança conseguiu reestabelecer a ordem, há pessoas que carecem de tudo, que passaram

incansáveis dias sem acesso a comida e água, além disso estão feridas e necessitam urgentemente de ajuda médica. A ONU e todas as outras organizações que trabalham no apoio aos países africanos, formaram uma grande força tarefa. Grupos de médicos voluntários estão sendo enviados para a região. Eles precisam de tudo e toda ajuda. O que Fátima, Zaki, eu e outros estudantes podemos fazer, talvez seja o mínimo, ainda assim, cada par de mãos estendida a este povo é fundamental. Por isso que quando fomos informadas da situação e que o hospital em que fazemos o serviço voluntário estava recrutando pessoas, nós nos disponibilizamos. Então amanhã, sexta-feira, logo no início da tarde, estaremos voando até Cabo Delgado para nos juntar a todos os outros voluntários que lá estão.

— Você já avisou a sua família? Eu avisei meus pais. Eles ficaram preocupados e me pediram para não ir.

Viro-me de lado e no quarto escuro enxergo apenas a silhueta de Fátima deitada na cama ao lado.

— Está pensando em desistir? — pergunto.

Sua resposta vem rápida e segura.

— De jeito nenhum. Se estou aqui é para fazer isso.

— Penso assim também. No entanto, desconfio que meus pais não irão gostar muito, sobretudo Gustavo.

O vulto de Fátima se mexe na cama. Ela estica o braço até uma pequena luminária que fica numa mesinha de madeira entre nossas camas e a acende.

Pisco, acostumando-me com a claridade que chega de repente.

— Falando em Gustavo... — ela diz com um sorriso maroto — como está esse namoro à distância? Espero que tu estejas pelo menos aproveitando os sábados que não durmo aqui.

Enrugo a testa sem saber bem o que ela está querendo dizer com “aproveitando”. Fátima compreende minha dúvida, senta-se encostando as costas na cabeceira da cama e acrescenta, séria:

— Oras, Valentina. Espero que estejas a ter um momento... conversas mais... picantes com ele.

Solto uma risadinha diante do sotaque acentuado — tem horas que Fátima o abrande e eu até esqueço que ela é portuguesa, mas agora, no entanto ela falou tomada de seu bonito sotaque português — e também do assunto para onde ela ruma, completamente diferente ao que estamos falando.

— Você está muita assanhada, sabia disso? — brinco.

— Efeitos do deus do Ébano. — Ela suspira e discorre contemplativa.
— Zaki é tão doce, quente, carinhoso, amigo, e eu sinto que é o homem da

minha vida. Acabamos de completar 2 meses, mas é como se se já estivéssemos juntos há mais tempo. Parece loucura, eu sei.

— Loucura nada. Você está apaixonada. Aliás, estão. Percebo os olhares apaixonados que trocam. É lindo. Estou feliz por vocês — observo com carinho.

É tão bom ver um casal de apaixonados.

— Obrigada. E, bem, você tem sua contribuição nisso tudo. Pois eu jamais imaginaria que Zaki estivesse interessado por mim, mesmo eu arrastando um caminhão por ele. Mas é que sei lá... achei que não fazia o tipo dele.

— Besteira. Você é linda, Fátima!

Apoio-me no cotovelo e miro seus olhos um tanto receosos ao falar:

— Ah... mas não sigo as regras do padrão de corpo perfeito. Enquanto Zaki é feito de músculos e barriga tanquinho, eu visto calças de número 46, não se esqueça disso.

Seu comentário me faz lembrar da conversa que minha mãe teve comigo e julgo que Fátima precise ouvir o que naquela ocasião eu ouvi e que mudou meu modo de pensar.

— Sabe, houve uma época em que eu passei a me preocupar com meu corpo. Me achava magra demais, ainda sou — Fátima faz uma careta e discorda —, mas não ligo. Num momento de maior frustração por não me achar bonita e reclamar com minha mãe sobre meu corpo, ela me disse que eu não deveria fazer comparações com o corpo de outras mulheres, pois cada uma é única e linda do jeito que é. Que eu deveria me sentir exatamente assim, única e linda. Digo o mesmo a você — enfatizo. — Sinta-se linda e única. Minha mãe disse ainda, que quem gosta da gente de verdade, vai gostar acima de tudo, pelo que somos por dentro. Pode ter certeza que Zaki gostou de você além das aparências. Pelo seu caráter, pela pessoa bondosa e linda que é, *por dentro e por fora*.

Quando termino de falar minha amiga estende os lábios carnudos e muito sexies, por sinal, em um sorriso enorme.

— Nossa! — Ela desliza a mão pela testa. — Nunca ninguém me disse algo tão belo referente a isso. Obrigada. E sua mãe é uma mulher muito sábia e carinhosa, tens muita sorte. A minha passou minha adolescência inteira me dizendo que eu precisava emagrecer. Aliás, continuou a dizer isso por todo tempo em que eu estava ao lado dela. Longe de casa, sinto-me livre para ser quem eu sou e do jeito que eu sou — Fátima completa com entusiasmo, abrindo os braços.

Sigo seu entusiasmo.

— *Huum...* pelo visto alguém não vai embora da África do Sul depois que acabar o intercâmbio.

— Há grandes chances que não, principalmente se o meu Orfeu me quiser em seus braços para sempre.

Ela se joga na cama como se estivesse se lançando nos braços de seu amado, e eu emendo:

— Prevejo lindos filhos no futuro.

Fátima solta uma gargalhada e eu vislumbro a alegria em suas feições. Há tanto expressado em sua declaração sobre a mãe... Pelo tempo que a conheço, sei que ela foi alguém que sofria uma grande pressão. Eu a vi tímida e insegura ao chegar aqui. Até comigo, de início, ela sempre foi muito gentil, mas parecia pisar em ovos. Depois de um tempo se soltou e eu conheci seu lado divertido, falante e livre. Ela me inspirou confiança e uma amizade sincera. O que me fez contar minha história para ela e ainda nas noites tristes pensando em Gustavo e sem querer incomodar Alice com minhas lamúrias, foi Fátima quem me ouviu. E foi com ela também que eu dividi todo chocolate que comi em meus dias mais tristes.

— E você? Sei que gosta daqui, do serviço voluntário, pretende continuar?

A pergunta é feita de repente, em meio a sua risada. E mesmo sem esperar por ela eu respondo sem ter que pensar em minha resposta.

— Viver a experiência de estar aqui é tudo que eu mais queria e precisava viver. Porém, meu coração bate no Brasil, por minha família e por Gustavo. — Faço uma pausa, sentindo o aperto da saudade em meu peito. — Bate também pela pediatria e pelo serviço voluntário, o que vou continuar a fazer por lá. Toda a bagagem adquirida nesses anos aqui, me será útil — completo, segura.

— Prevejo uma linda e talentosa pediatra espalhando amor aonde quer que for. Pois você é isso, Valentina. Amor.

Fátima abandona sua cama e me envolve em um abraço apertado. Ela sempre diz que foi por minha causa que aprendeu a dar esses abraços apertados — que são pouco comuns entre as pessoas de seu país. A coitada deve ter se assustado no início. Eu adoro abraçar, afinal, cresci numa família que nunca poupa abraços. E, portanto, não poupei com Fátima, minha melhor amiga aqui na África do Sul e que eu levarei para a vida. Alice tem até um pouquinho de ciúmes dessa amizade.

— Obrigada, Fafa — digo, apertando-a um pouco mais. — Você também, onde quer que for, desempenhará um trabalho com amor.

Ela traz o rosto para frente do meu e volta a me lançar um sorriso maroto.

— Ah... mas prevejo também lindos moranguinhos e trovõezinhos.

Seus filhos e de Gustavo serão crianças tão lindas...

Eu contei a ela sobre nossos apelidos e Fátima não perde a oportunidade de brincar com eles. Dessa vez eu adorei bem mais que as outras. Imaginar filhos com Gustavo é imaginar a família que vamos formar e que, por consequência, aumentará a nossa grande família que eu tanto amo.

— Quando chegar no Brasil, tire o atraso e vai treinando, até que os filhos venham. Mas enquanto não podem, usem das armas que possuem para enfrentar esse namoro à distância. Quando falei das conversas mais picantes, não estava brincando, viu?!

Ela pisca. Eu solto uma risada.

— Você é engraçada demais, Fátima. — Encaro a diversão em seu olhar. — E... bom, eu tenho aproveitado dos sábados em que você não dorme em casa.

Conto de forma concisa, sem dar detalhes das minhas conversas mais picantes cheias de saudade e desejo com Gustavo.

— Adoro!

Fátima salta da cama e me puxa com ela.

— O que quer fazer?

— Dançar!

— Dançar? — Enrugo a testa! Fátima é doida!

— É!

Ela alcança o celular e dá o play, *Like Me Better* (Eu Gosto mais de Mim), do cantor Lauv, começa a tocar e é impossível ficar sem mexer o corpo e estalar os dedos acompanhando o ritmo da canção.

E para ser sincera, depois da primeira estrofe eu já não sei mais se estamos no ritmo ou não, mas de uma coisa eu tenho certeza: dançar sem um motivo aparente, ou sem estar numa festa, é ótimo. Sinto a endorfina percorrer minha corrente sanguínea e a sensação de felicidade que ela causa é maravilhosa.

Quando a música acaba, jogamo-nos cada uma em sua respectiva cama, sorrindo. Meus músculos da face chegam a doer de tão esticados que estão.

— Agora vamos dormir. — Fátima arfa com a respiração pesada. — Eu já não me aguento nas canetas.

— Essa expressão você nunca usou. O que significa? — questiono.

— É o mesmo que dizer “estou muito cansada, já não me aguento mais” — ela explica.

— No Brasil normalmente dizemos “estou só o pó” ou “morta com farofa” e ainda muitas outras expressões para expressar cansaço.

— Pois então, estamos só o pó! — Fátima diz, aninhando-se na cama.

— E ainda temos muito trabalho pela frente — acrescento por fim, também me ajeitando na cama.

— Durma bem, Valentina.

— Durma bem, Fátima.

Ela apaga a luminária, o escuro volta e o silêncio preenche o quarto.

Fecho os olhos abrandando a adrenalina, penso em Gustavo e no quão bem estamos lidando com a distância. Até bem mais que no primeiro ano em que mantivemos contato.

Agora está diferente. Me sinto segura e ele também.

Sinto Gustavo compreensivo e encarando a nossa separação física de uma forma madura. A saudade é grande, e apesar disso, já estivemos mais longe de nos vermos.

Ultrapassei as terríveis semanas de julho que voltei para a África, sentindo a dor da perda de tio Luís e todo desapontamento pelo que aconteceu comigo e com Gustavo.

Agosto veio e com ele a luz voltou. Aquela conversa esclarecedora com minha mãe me encorajou a me reaproximar de Gustavo. As mensagens de texto se tornaram frequentes e depois da primeira chamada de vídeo daquele sábado em que “dormimos” juntos, passamos a fazer isso em todos os outros sábados, exceto por aqueles em que eu estava trabalhando fora de Joanesburgo.

Vimos setembro chegar e no decorrer de suas semanas, como um prelúdio de um bom mês que sempre representou para mim, dessa vez ele não desapontou. O mês que abre a primavera, a minha estação do ano preferida, trouxe-me no início dele a notícia de que tia Melissa começara a sair de casa. Saídas rápidas, mas essenciais para sua evolução no processo de superação do luto. E antes que ele acabasse no dia 23, comemoramos o aniversário de Gustavo. Daqui, graças à ajuda da tecnologia, eu pude cantar parabéns junto com ele e todos os nossos familiares que estavam reunidos, e me sentir perto de todos.

Nem mal entramos em outubro e o desafio de ir para Cabo Delgado chegou. Vou encará-lo como todos os outros. O que importa é que poderei ser útil. Esse é meu grande propósito aqui.

Agora falta pouco. Precisamos findar outubro, comemorando mais um mês que se passa e ainda o meu aniversário, que cai exatamente 30 dias após o de Gustavo. E então nos restará novembro e dezembro. Deste último mês, apenas as duas primeiras semanas, que eu quero suprir para uma e conseguir voltar antes do programado para o Brasil, ou melhor, para Gustavo. Estarei de volta em casa, e dessa vez o terei para passar as férias comigo. Só espero que o

tal namoro falso não nos impeça de aproveitar cada um dos dias que eu estiver lá. Normalmente eu não penso nesse assunto e faço questão, principalmente, de não o mencionar quando converso com Gustavo, preferindo não imaginar ele ao lado de Nina. Tudo que mais quero é que *a missão* dele em ajudá-la acabe, que seja de uma forma positiva, pois eu não desejo o mal dela, mas quero que acabe.

Bocejo e sinto a dormência do sono me envolver, abraço meu fiel e companheiro ursinho de pelúcia, e antes de adormecer de vez, registro em minha mente que não posso esquecer de amanhã bem cedo enviar uma mensagem para Gustavo e para minha mãe, avisando que é bem provável que a partir do momento em que eu deixar Joanesburgo e estiver em Cabo Delgado, ficarei incomunicável.

Gustavo

Acordar e ter uma mensagem de Valentina é começar um dia bem, mas quando li o que ela me relatou e para onde estava indo, e ainda que ficaria incomunicável, acentuou uma preocupação que eu sempre tenho. Sei que os lugares em que Valentina realiza o serviço voluntário, na grande maioria, não são locais tranquilos, e este em questão eu tenho acompanhado as notícias desde que ela mencionou o que estava acontecendo.

Apesar de ter ciência que o trabalho humanitário precisa justamente estar nesses locais, não fico nada feliz em saber que minha Moranguinho estará lá.

Em resposta à sua mensagem, pedi que tomasse muito cuidado e que desse notícias assim que possível, por fim dizendo que a amo. Tive dela uma última mensagem prestes a entrar no avião, com seu carinho sendo externado em suas palavras finais, dizendo que também me ama.

Valentina me enviou uma foto tirada junto com toda a equipe. E por incrível que pareça não me incomodei em ver o cara de dois metros de altura compondo o grupo. Isto não se deu exclusivamente por saber que ele está envolvido com a amiga dela, mas também por pensar que ele pode protegê-la caso algum perigo surja. O que eu espero e rezo que não aconteça.

Deslizo o dedo por minha testa, desfazendo o vinco de preocupação, e encaro à minha frente o porta-retratos em cima da mesa do meu pai. Ele mantinha vários aqui em sua sala e todos continuam no mesmo lugar que ele deixou.

Neste para qual dou atenção estão: ele, minha mãe e eu no dia da minha formatura. Estamos os três olhando sorridente para as lentes da câmera que capturou esse momento feliz de nossas vidas.

Tomo o porta-retratos em minhas mãos e peço:

— Cuida dela pra mim, pai.

Me mantenho a fazer o pedido até que uma leve batida na porta chama minha atenção. Quem se mostra através dela, assim que aberta, é Clarissa.

— Posso? — ela pergunta cordialmente.

— Claro.

Ao som da minha voz, acompanhado de um aceno de cabeça enfatizando a liberação — que Clarissa nem precisava pedir — ela percorre o

caminho da porta de entrada da longa e espaçosa sala, até a imponente mesa de madeira maciça coberta por um tampão de vidro fumê. Enquanto ela faz isso eu reparo no volume de sua barriga que durante os meses de frio estava menos aparente, guardada nos casacos grossos e blusas mais largas, mas agora a percepção é fácil de que uma vida cresce dentro dela.

Estou prestes a perguntar de quantos meses Clarissa está grávida e de como ela e Pedro estão se sentindo com esta novidade, mas então ela solta uma volumosa pasta de processos em cima da mesa e diz:

— É sobre o caso de Nina Della Rosa. Tenho novidades!

Um triunfante sorriso rola em seus lábios.

Desde que tudo isso iniciou, é a primeira vez que vejo a jovem advogada falar tão confiante sobre o caso.

— Me conte tudo — peço, ansioso.

Clarissa se senta na cadeira à minha frente.

— Você me pediu para agilizar o máximo que podia, e finalmente encontrei pistas do paradeiro do médico que atestou a incapacidade mental de Nina em assumir a herança deixada pelo pai.

Uau! É uma ótima notícia.

— Sério?! — pergunto, surpreso. — Nós estamos há tanto tempo procurando. Esse homem parece simplesmente ter evaporado no mundo, como conseguiu encontrá-lo? Contratou outro detetive? — Busco saber.

— Quase isso — Clarissa fala, erguendo uma sobrancelha. — Só que melhor que um detetive é uma mulher curiosa em descobrir algo. Mas uma daquelas que não é só curiosa é também perspicaz, tem um faro e, principalmente, conhecidos no conselho de medicina.

Estreito meus olhos.

— Tia Malu — concluo.

— Bingo! — Clarissa bate as mãos, animada, e depois murcha um pouco. — Eu só peço desculpas por ter recorrido a ela. Fiquei temerosa de você não querer envolvê-la. Até tomei cuidado em não dar muitos detalhes, já que me pediu sigilo nisso. Só que quando passei as informações de que precisava achar um médico-psiquiatra, na hora Malu me jogou o questionamento se era sobre Nina. — Seu cenho se franze. — Malu sabe que a moça ficou internada numa clínica — conta, resabiada.

— Sim, ela sabe — confirmo. — Acabei explicando por cima a situação da Nina para os meus tios. Isso foi necessário.

— Bom... menos mal.

Clarissa relaxa na cadeira.

— E o que foi que a minha *tia detetive* encontrou? — questiono,

brincando com o fato de tia Malu ter esse poder de descobrir as coisas.

Mais do que nunca estou feliz por ela ser assim.

— Esse homem não emitiu só o laudo falso — Clarissa conta. — Ele é uma farsa. Não é médico coisa nenhuma!

Eu fico pasmo.

— Como não? Nós pesquisamos os registros, seu número de CRM, inclusive.

— O farsante usava os dados de um médico morto — explica.

Passo a mão pelos cabelos.

— E como nós não encontramos essa informação antes?

Clarissa inclina o corpo para frente e abre a pasta.

— O médico de fato trabalhou por muitos anos em várias clínicas e atuou como psiquiatra. Todas, inclusive as quais pesquisamos e encontramos os registros. O que não sabíamos é que ele no final de seus dias estando muito doente, se enfiou numa cidadezinha do interior. Lá morreu, pelo visto sem família e ninguém nunca sequer informou ao conselho regional de medicina. Como as mensalidades atrasadas das anuidades de seu CRM foram pagas, para o conselho esse médico ainda está em ativa. E foi rastreando a origem desses pagamentos que a Maria Luiza descobriu o nome de quem pagava.

Clarissa me passa um relatório que constato ser do conselho regional de medicina com os pagamentos efetuados. Só mesmo uma pessoa com amizade dentro do órgão conseguiria esse documento.

Desde que tia Malu se tornou a presidente da clínica, ela acabou conseguindo uma rede de contatos muito boa. E que, por sorte, podemos usufruir disto.

— A conta deu em nome de um homem — Clarissa continua a explicar. — Então, fuçando a vida dele, encontrei um registro de que, pasme! Ele já trabalhou como motorista de Soraia Della Rosa. — Arregalo os olhos. — Esse homem agiu em conluio com ela. Como esses safados descobriram esse médico morto, tiveram acesso e usaram das informações dele, eu não sei. Só sei que foi um plano muito bem arquitetado.

— Meu Deus... — sussurro, boquiaberto. — Essa mulher além de louca é diabólica. Tudo porque o marido não deixou nada da herança para ela. Também pudera. Os dois não viviam bem, chegaram a ficar um tempo separados alguns anos atrás e depois voltaram — conto à Clarissa o que eu sei da vida de Nina, através das informações que ela me passou. — E, certamente, por Soraia não aceitar Nina — perfaço, incrédulo.

Minha amiga advogada assume uma expressão preocupada.

— Por ela ser assim louca é que agora toda as próximas ações devem

ser com cautela — Clarissa expõe. — Soraia não pode desconfiar em hipótese alguma que está sob suspeita. Ou será capaz de enfiar Nina em outra clínica, ou até mesmo dar fim na vida da própria filha. Só quando tivermos o paradeiro desse homem e a certeza de que ele está estabelecido nele, o que eu acho que sim, afinal, depois desse tempo todo devem confiar que o plano saiu perfeito, é que poderemos levar o caso à justiça com uma petição bem sustentada por teses e provas, para requerer de imediato a revogação da interdição de Nina que a impede de assumir a herança milionária que o pai deixou. E por fim, denunciar Soraia e seu comparsa em cada código processual possível, referente aos crimes, para garantir que morrem na cadeia — ela enfatiza.

Seu olhar de característica, quase sempre afável, se torna sisudo. *Quase sempre*. Mas não quando Clarissa está em uma audiência. Nessas ocasiões sua doçura e até sua aparente ingenuidade são substituídos por uma postura de uma advogada firme e *absurdamente* segura em cada palavra que sai de sua boca. Eu já vi um outro advogado se encolher na cadeira por causa de Clarissa. Já vi também meu pai fazer isso a outros advogados. A verdade é que meu pai fez uma boa discípula e eu, por minha vez, seguirei os passos de ambos. Quero me tornar um advogado tão bem respeitado e seguro quanto eles.

— E sobre a clínica que permaneceu com a Nina internada... — eu observo. — Depois de saber disso tudo, não resta dúvida que Soraia também deu um generoso “cala boca” para que mantivessem uma pessoa em estado mental saudável lá. No entanto, fizeram de tudo para a deixar realmente louca — concluo por fim.

Em cada informação que se encaixa só consigo achar Soraia uma mulher repugnante.

— Acho que no fundo Soraia queria mesmo que a filha se matasse. — Clarissa leva a mão ao peito e fecha os olhos. — Deus tenha misericórdia — ela sussurra, beijando o pingente em forma de cruz da correntinha que eu me lembro de Clarissa usar no pescoço desde criança. Agora com os olhos abertos, fita-me com a afabilidade de sempre. — Você estragou os planos dela. Tome cuidado com essa mulher.

O conselho é dado de forma temerosa, e com toda razão. Mas eu não acredito que Soraia possa fazer algo contra mim, sendo eu o namorado de família rica e conhecida como ela tanto queria para a filha.

— Eu não duvido que ela queria mesmo a morte de Nina — digo. — No entanto as circunstâncias agora são outras. Nina finalmente está dançando de acordo com a música tocada pela mãe. Está sendo a filha que Soraia tanto queria que fosse. Além do mais, seus olhos se encheram de ganância quando fui apresentado a ela como namorado de Nina. E foi esse vínculo falso que tem

protegido a Nina da própria mãe, mas foi meu vínculo de amizade sincera com a Nina que a tem protegido dela mesmo.

Minhas costas encontram o encosto da cadeira, inspiro fundo. Eu vi Nina em seus piores dias, ou melhor, noites. Ela me viu também. Como eu já disse, eu estava na escuridão, mas Nina estava numa bem pior.

— O que você está fazendo por essa moça é muito corajoso. Eu tenho certeza que quando essa história se esclarecer, toda a sua família ficará orgulhosa, e principalmente Valentina.

Eu percebo o sorriso de admiração que surge em seus lábios. Mas não é isso que busco despertar nas pessoas com a minha atitude.

Acho por bem esclarecer.

— Nada do que eu decidi fazer por Nina era com o objetivo de reconhecimento, nem quero isso. Quero só que Nina tenha paz para viver e ser livre para ser quem é. Que Nina ame a vida e queira viver. Tia Malu costuma dizer que as pessoas merecem uma segunda chance. Nina mais que merece, precisa dela. Teve uma infância o tempo todo sendo hostilizada pela mãe, desconheceu o amor fraterno, aprendeu a soltar espinhos por onde passava, nunca recebeu amor e compreensão. Era difícil ela oferecer um sentimento que desconhecia.

— Você tem toda razão. Ainda assim continuo a afirmar que é muito corajoso e bondoso da sua parte.

A insistência me deixa tímido. Baixo a cabeça e esboço um breve sorriso.

— E sobre segundas chances — ela diz e ergo meu olhar. — Eu sei a importância que isso pode ter na vida de uma pessoa. — Seus olhos ficam marejados e a voz de Clarissa ganha notas emotivas. — Fui tirada da mulher que me trouxe ao mundo aos 3 anos de idade porque ela vivia bêbada e drogada. Ninguém da família quis assumir uma criança problemática e traumatizada. Fui parar no orfanato, recebi amor das freiras e aprendi a ter fé. Vivi lá até os 9 anos, até que Beth apareceu. Eu tive a minha segunda chance quando Beth me adotou e ela teve a dela. Beth encontrou a paz me fazendo sua filha e eu encontrei a *mãezinha* que tanto pedi a Deus. E esse Deus tão bondoso agora me agraciou com a maternidade. Me tornar mãe e poder dar ao meu filho esse amor que eu tanto careci durante os primeiros anos da minha infância é mais uma chance que a vida me dá. Enfim... — Clarissa enxuga a lágrima que escorre por sua bochecha — as pessoas precisam, sim, de novas chances. Sou testemunha disso.

Ela curva o canto dos lábios, encolhendo os ombros no instante em que outra lágrima cai.

Estico meu braço sobre a mesa e alcanço sua mão.

— Você será uma ótima mãe. A família que você e Pedro estão formando será linda e abençoada. Eu desejo que sejam *muito* felizes.

Pressiono de leve seus dedos que estão circundados pelos meus, dando assim, ênfase ao meu desejo.

— Obrigada, Gustavo. E tenho certeza que você também formará a sua com Valentina. Eu vi essa paixão desabrochar, fui testemunha dos receios de Valentina, mas fui testemunha também da força do amor em meio a esses receios, tanto que foram superados. Logo Valentina retornará, logo esse caso de Nina estará resolvido, e vocês poderão viver em paz o amor e a vida de vocês.

É a vez de ela apertar a minha mão.

— Obrigado. — Sorrio.

Clarissa também e começa a recolher os papéis para dentro da pasta.

— É para quando o bebê? — lembro-me de perguntar. — Aliás, você já sabe o sexo?

Ela se levanta e pousa a mão sobre a barriga.

— É um menino. Meu prazo é para dezembro.

— Nossa... já? Quando você entrou é que eu reparei como...

— Cresceu — completa, acariciando a barriga. — Esses últimos meses é que apareceu mais. Antes estava bem pequenininha mesmo.

Contemplo a circunferência no corpo de Clarissa.

Ela é primeira mulher grávida com quem tenho contato mais próximo. Nem só por isso. Antes eu nunca reparei em barrigas de mulheres grávidas, antes eu nunca sequer me interessava em olhar uma. Por alguma razão isso agora me faz interessado. Essa razão tem nome. Valentina.

Minha mente projeta o futuro, projeta Valentina grávida de uma forma tão nítida que é como se eu estivesse vendo-a na minha frente. Fico absorto não sei por quanto tempo nisso até que ouço Clarissa dizendo que vai voltar ao trabalho.

Balanço a cabeça e volto ao presente, acompanhando-a até a porta.

Antes que saia, faço um último comentário.

— Em dezembro Valentina estará aqui e tenho certeza que ficará feliz por poder conhecer esse menino assim que ele nascer.

— Estou feliz com isso também. Senti tanto a falta de Valentina em meu casamento. Eu já estava com tudo agendado quando soube que ela ia para África do Sul, do contrário teria marcado para os meses de férias. Sinto saudades de Valentina. Quando falar com ela, diga que mandei um beijo.

— Pode deixar que eu digo.

Clarissa se vai eu volto a me sentar.

Pego o celular na esperança de, por acaso, ter alguma mensagem de

Valentina. Não há.

Decido mandar uma.

Eu: *É muito louco da minha parte sonhar com você grávida? Na verdade, foi um sonho acordado. Eu imaginei com tanta perfeição que parecia real.*

P.S.01: Não me ache louco, mas eu queria que fosse mesmo real.

P.S.02: Se cuide, por favor. Eu te amo.



Valentina

Depois de um total de cinco horas, entre o voo que saiu de Joanesburgo até Pemba, capital da província Cabo Delgado, e o percurso que fizemos de carro até Macomia, que é um de seus distritos, finalmente estamos nos aproximando de nosso destino final, aldeia Naude.

O hospital em Joanesburgo, conveniado com a universidade que realiza o intercâmbio estudantil e ainda oportuniza a experiência do trabalho humanitário aos estudantes, possui também acordo de colaboração com organizações deste seguimento. A organização Médico Sem Fronteiras é uma delas, e é por meio de veículos dessa organização que fazemos o deslocamento até a aldeia.

Ocupo um lugar atrás, acompanhada de Fátima e Zaki, na frente está doutora Dayane, a médica chefe da nossa equipe. Ela conversa com o motorista tomando informações da situação.

Uma equipe do Médicos Sem Fronteiras já está trabalhando no local, tendas foram montadas e equipadas para os atendimentos primários. Os mais sérios são encaminhados e atendidos no hospital do distrito. Outras tendas destinadas ao alojamento de pessoas também foram montadas. Desde que os ataques começaram, o de Naude foi um dos piores.

O carro avança por um caminho estreito entrando na aldeia e eis que o cenário é devastador, de guerra e tristeza. Não dá para conter os comentários de pesar e choque.

Com isso doutora Dayane se vira para trás e nos avisa:

— O local está seguro, mas o clima de medo ainda permanece entre eles. Tenham cautela nas ações, as pessoas estão assustadas, famintas e doentes. Quero que vocês permaneçam sempre junto da equipe. Ok? Não se afastem.

O recado é dado em inglês, apesar de ela ser francesa. Mas o inglês é a língua falada e compreendida por todos nós. Ter fluência nessa língua, inclusive, é um dos requisitos principais para realizar o intercâmbio e para integrar uma equipe de voluntários. Os anos que me dediquei em adquirir conhecimento e fluência na língua mais falada em todo o mundo me deu segurança para morar em outro país.

Damos a nossa médica chefe de equipe um “Ok” em resposta e ela se vira para frente, amarrando os fios soltos de seu cabelo loiro que o vento bagunça.

Fátima e eu nos entreolhamos, sinto a ansiedade em seu olhar, mesma coisa que eu carrego no meu. Não é a primeira vez que venho a campo, mas nenhuma das vezes eu lidei com pessoas que sofreram ataques inesperados em sua aldeia, que foram mantidas reféns, que viram suas casas sendo incendiadas, que testemunharam a morte aleatória de seus parentes e amigos. Choca, não é mesmo? Infelizmente é isso que está acontecendo em muitas aldeias de Cabo Delgado.

Zaki nos contava durante o voo que tudo isso vai além de “apenas” impor um crédulo religioso. A província moçambicana de Cabo Delgado tem recebido investimentos de indústrias petrolíferas, e os ataques, por sua vez, espantam essas indústrias e seus investimentos. Algumas, inclusive, também já foram alvos de ataques. Há ainda a extração de madeira e rubis.

Ou seja, é uma terra rica e que desperta o interesse de posse por outros povos. Tudo no final das contas são interesses econômicos. Mas a que custo? A custo de vidas e terrorismo.

Apoio o braço na janela, vendo o triste cenário. Casas feitas de barro e folhas de coqueiros destruídas pelo fogo, pessoas de rostos sofridos e assustados. Quando o carro para de se mover e nós descemos dele, algumas dessas pessoas se aproximam. Ao perceberem que somos mais uma equipe que está aqui para ajudá-los, consigo captar um olhar de esperança neles.

É isso que somos. É isso que a ajuda humanitária representa para esse povo. Esperança.

Além do material humano, o hospital disponibilizou muitos

suprimentos que foram recebidos com alegria pela equipe que já estava atuando. Tudo aqui é bem-vindo e necessário.



Estamos noite adentro, os pacientes foram todos atendidos e estão recebendo medicação e, principalmente, soro. A grande maioria apresenta desidratação.

Nesse momento, exceto por alguns gemidos de dor e choro principalmente dos bebês, que ocasionalmente acontecem, o silêncio preenche a tenda ambulatorial improvisada na aldeia.

Sentada no chão em cima de uma manta que eu mesma trouxe, não sinto vontade de dormir, mas aproveito para esticar as pernas. Permaneço atenta para caso precisem de mim.

A hora avança e me disponho a ajudar uma das enfermeiras a substituir as embalagens dos soros que passam a se tornar vazios pelos cheios. Depois volto à minha manta e ao meu lado está Fátima, que acabou cochilando. Ajeito-me por ali perto dela, os olhos pesam e a pouca luz colabora para que eles queiram se fechar e eles até se fecham, entretanto, não consigo desligar o cérebro, que fica relembando as imagens do dia.

Desde o momento em que chegamos, não paramos um só segundo de trabalhar. Assim como os demais estudantes que integram a equipe, eu me mantive a fazer o que geralmente faço quando estou em campo. Processo de triagem e cadastro das pessoas. Doutora Dayane sabe que minha especialidade será pediatria, por isso, sempre sou direcionada a fazer este processo com as crianças. Os pesos e medidas são baixíssimos até diante de índices extremos com que normalmente nos deparamos.

É assustador o quão desnutridas elas estão. E pior de tudo que sempre estão acometidas por alguma doença gastrointestinal. A falta de acesso a água potável, higiene básica, é o grande causador desse tipo de doença, que quando acontece numa criança saudável, por exemplo, facilmente com o devido tratamento, pode ser curada. Entretanto, como estas estão em grau alto de desnutrição, isso agrava muito mais o quadro infeccioso e dificulta o ganho de peso.

As lembranças recentes vão se enrolando ao sono que acaba querendo vencer. Antes de ser vencida, começo a ouvir baixinho a voz de uma criança cantarolando “*Malaika, nakupenda Malaika...*”

Mantenho os olhos fechados ouvindo a canção que ganha uma doçura

tão linda na voz de timbre infantil e feminino. A menina Malaika e o seu sorriso surge em minha mente. Surge também Gustavo cantando essa música. Puxo de dentro da camiseta o pingente da correntinha que ele me deu, pressiono as mãos em volta do morango, pensando em Gustavo.

A saudade preenche meu coração.

Quando o avião pousou em Pemba eu consegui mandar uma mensagem avisando que havia chegado e que dali em diante iria para a aldeia e por ser um lugar mais afastado, ficaria sem sinal de celular. Por aqui as equipes se comunicam através de rádios.

Os sentimentos de saudade de casa e tristeza por essa gente se avolumam em meu peito, seco as lágrimas que escapam de meus olhos fechados. *“Tornamo-nos mais unidos pelo amor e mais fortes pela dor.”* Estar aqui sendo útil me torna mais forte para enfrentar a dor da saudade que sinto da minha família e demonstra que, apesar de tudo, vale a pena. Existe um propósito importante. E também estar aqui, de alguma maneira, me une eternamente a estas pessoas.

Quando eu for embora da África do Sul, levarei comigo todo aprendizado sobre medicina humanitária, trabalho voluntário, desprendimento financeiro. Não há luxo. O conforto é mínimo. Mas as recompensas são enormes. Elas vêm através de sorrisos, olhares gratos, abraços, de amor. Tudo isso eu levarei comigo. E em especial das crianças.

A música que eu ouvia cessa por um curto tem e depois retorna. *Malaika, nakupenda Malaika...*

Fico curiosa para saber qual das crianças está cantando. Afasto o choro, o sono, e me levanto, buscando por cada uma das macas. Mas não encontro quem possa ser.

Deduzo ser coisa da minha cabeça. Essa não seria a primeira vez que ouço com tamanha perfeição uma canção em minha imaginação.

Ao nascer do sol os movimentos começam com a distribuição do café da manhã. Um ponto muito bonito nessa situação é que não existe distinção entre médicos, estudantes, voluntários, enfim... Todos se disponibilizam em fazer o que for necessário. Então dividimo-nos nessa atividade. Pães, chá e água são distribuídos desde aos acamados até os desalojados.

Deixo a tenda dos pacientes e vou para o lado de fora, onde me junto a outros voluntários e distribuo os alimentos aos aldeões que circulam por ali com olhares curiosos e com fome. Mais de uma refeição no dia para eles é grande coisa e essa é só a primeira.

Percebo que os galões de água estão no final, vou até os fundos da tenda pelo lado de fora em busca de mais, onde estão os suprimentos

armazenados.

Volto a ouvir a música, a voz é da mesma criança.

Não pode ser fruto da minha imaginação.

Me afasto e vou me guiando na direção de onde o som está vindo. Embrenho-me num conjunto de casas incendiadas, afundo o pé em cinzas e destroços e ao me livrar do emaranhado, continuo a caminhar.

O som da voz vai se tornando próximo à medida que sigo em direção dela e também à medida que me afasto de onde a maioria das pessoas estão reunidas.

Entro numa outra casa onde as paredes de barro, sustentadas por galhos finos de árvores, ainda ficaram de pé, só que o teto descoberto dos galhos de palmeiras incendiadas permitem que os raios de sol entrem. Encaro o céu fechando um dos olhos pela intensidade da claridade.

Deus, eu não estou doida! Não é imaginação. É real. Estou ouvindo uma criança cantar. Está baixinho e fraco, mas estou ouvindo... *Malaika, nakupenda Malaika* (Anjo, eu te amo anjo). *Malaika, nakupenda Malaika* (Anjo, eu te amo anjo).

Ultrapasso os poucos metros quadrados e chego até o outro lado da casa, onde na parte externa dela o som fica mais próximo ainda. Nervosa, percorro os olhos pelo local até que alguns galhos de palmeiras, sem estarem queimados, me chamam a atenção. Parece ser ali.

O som vem do chão?

Abaixo-me e afasto os galhos da palmeira verde e encontro um buraco. Estico com cuidado o pescoço para olhar dentro e...

— Ah, meu Deus do céu. Achei! — sussurro, engasgando no choro, vendo uma criança no fundo dele. Ela está encolhida, abraçada aos joelhos e... usando um boné cor-de-rosa. — Malaika! — pronuncio alto.

Ao som da minha voz ela para de cantar e ergue o rostinho na minha direção.

— Malaika! — digo outra vez, deitando-me de bruços no chão.

Ela sorri e começa a chorar. Está tão magrinha, bem mais do que quando a vi pela primeira vez, mas é ela, tenho certeza que é. E não é só pelo boné que está usando, mas também pelo sorriso inconfundível que não deixou minha mente um dia sequer desde que eu a conheci.

— Malaika, me escute — peço e o olhar dela, turvo pelas lágrimas, me encara enquanto falo. — Eu vou te tirar daí, está bem? Mas eu vou precisar de ajuda, sozinha eu não consigo.

Este buraco é fundo, suspeito que tenha pelo menos uns 2 metros de profundidade. Se eu entrar nele para pegá-la, não terei como sair também.

— Eu já volto. Prometo que já volto.

Afasto meu rosto e me levanto.

— Ajuda, Malaika! — ela grita, chorando.

Eu volto a me deitar no chão.

— Eu vou te ajudar — garanto. — Eu vou te ajudar, Malaika. Só que sozinha não consigo. — Estico meu braço para dentro do buraco e ela fica de pé, esticando os bracinhos, mas estamos distantes de alcançar uma a outra. — Vou pedir ajuda e já volto. Está bem? Eu prometo que volto — enfatizo, olhando-a com segurança.

Ela parece compreender e balança a cabeça em concordância. Então, no momento em que estou erguendo meu corpo do chão, sinto dedos circundando o meu braço com força.

O susto me causa um frio instantâneo na espinha e medo também. Prendo o ar, comprimo os lábios e me encorajo a olhar para cima e...

— Zaki — ofego, soltando o ar. — Graças a Deus... graças a Deus — repito enquanto ele me ajuda a levantar. — Há uma criança ali no fundo, precisamos tirá-la.

Passo a mão pela testa onde o suor escorre. Eu não imaginei que sentiria tanto medo até sentir.

— O que você entende por “permaneça sempre junto da equipe”? — Zaki questiona, sério o suficiente para demonstrar sua preocupação.

E é bem-vindo o fato de ele falar em português. À essa altura do campeonato estou nervosa e ainda me recuperando do susto para assimilar o que tiver que seja em inglês.

— Desculpe. A ouvi cantando desde ontem à noite e achei que era minha imaginação. Mas hoje ouvi novamente e decidi seguir o som até encontrar. Enfim... precisamos resgatá-la. Sabe-se lá por quantos dias ela está aí dentro. Por favor, apenas... — Cubro a boca com uma das mãos, segurando o meu choro, enquanto a outra aponto para o buraco. — Tire-a dali.

— Shhh... tudo bem. Calma. Ok? — seu tom é brando. — Vamos tirá-la daí de dentro.

Inspiro fundo.

— Malaika. O nome dela é Malaika.

— Ok. — Ele balança a cabeça. — Ok.

Zaki vai até o chão e apoia o corpo perto do vão do buraco.

— Ei, Malaika! Me chamo Zaki e vou até aí com você, então vou te pegar no colo e te entregar para a Valentina. — Zaki aponta em minha direção.

Faço meu rosto entrar no campo de visão de Malaika.

— Está tudo bem. Zaki vai nos ajudar — asseguro. Apesar de parecer

assustada, ela acena concordando.

Num pulo Zaki está junto de Malaika dentro do buraco e a pegando no colo.

Ele possui exatamente o tamanho da profundidade do buraco, isso sem esticar os braços. Mas quando Zaki os estende, eu tenho facilmente Malaika em meu alcance. E no instante que eu a envolvo em meus braços, suas mãozinhas vão direito para o meu cabelo. Os dedos tão finos deslizam entre os fios e eu tenho a certeza de que ela me reconhece.

— Você lembra de mim? — pergunto, emocionada, mantendo-a bem junto ao meu peito.

Malaika faz que sim e fica concentrada no meu rosto.

— A moça do cabelo bonito que me deu isso. — Ela toca no boné.

Sorrio e choro ao mesmo tempo.

— Sim. Sou eu.

Malaika também sorri e eu percebo os lábios dela ressecados. Extremamente fraca e desidratada, precisa de atendimento urgente.

Acompanhada de Zaki, faço o caminho de volta até a tenda. Ao chegar, de imediato Malaika começa a ser examinada e a receber os cuidados que precisa.

Eu permaneço o tempo todo ao seu lado, deixando que ela segure em meu cabelo enquanto eu deslizo com um toque suave meu dedo indicador pela sua face, pelo seu braço onde o medicamento e o soro circulam pela veia que eu pulsei.

Meus dedos contornam cada parte de Malaika. Todas, de tão desnutrida que ela está, eu apenas sinto por debaixo sua pele negra iluminada e linda, seus ossinhos.

Engulo o choro e a dor que sinto por essa criança, para que ela não me veja chorando e fique assustada.

Coloco meu rosto bem diante do dela e com um sorriso eu digo baixinho:

— Aguenta firme, meu anjo.

Em seguida eu começo a cantar...

— *Malaika, nakupenda Malaika* (Anjo, eu te amo anjo)... *Malaika, nakupenda Malaika* (Anjo, eu te amo anjo).

... despertando em seu rostinho um sorriso feliz.

Por fim, quando ela relaxa e adormece, eu não consigo sair do seu lado. Apesar de Malaika continuar segurando em meu cabelo, não é isso que me prende ao lado dela. É o meu coração.



Gustavo

Não me recordo quando foi a última vez em que me sentei no sofá em frente a televisão para assistir algo. E para ser sincero, o que está passando nela não me atrai, o que não é um grande problema, pois aproveito para relaxar a cabeça numa confortável almofada e fico com o som da narração de uma partida de futebol enquanto me ocupo no celular.

Rolo as minhas conversas com Valentina. Acho que já li e reli todas as mensagens que trocamos por esses meses. Paro na que ela comunica sua ida para um lugar afastado e sem comunicação. Essa foi a última notícia que tive da minha Moranguinho.

— Uau! Você viu que jogada perfeita? — Nina bate no meu braço com o dela.

Eu não vi, no entanto respondo que sim.

Gosto que estejamos aqui em casa e não na dela. Apesar disso, mais cedo ficamos por pelo menos uns 30 minutos fazendo nossa interpretação para Soraia.

— Viu nada — ela rebate.

Ergo os olhos da tela do celular. Nina se mantém com a atenção na televisão, tal como uma criança hipnotizada pelo desenho que mais gosta.

— Estamos falando aqui *simplesmente* da final da copa do mundo de futebol feminino — ela diz, virando-se para mim com a sobancelha erguida. — E você não está nem aí para o jogo. — Sua observação soa como se fosse uma ofensa à minha falta de interesse. — Afinal, em que planeta você está?

Nina alcança na mesinha o pote de pipoca, enfia um punhado generoso na boca e depois traz o pote até mim.

— Planeta é a Terra. Mas o continente é africano — respondo, curvando o canto dos lábios.

Nina para de mastigar e me olha com cara de quem acabou de falar o que não devia.

Reparo na televisão por um instante vendo o replay de uma jogada e certamente dever ser essa a que ela se referia.

— Foi mesmo uma jogada perfeita. — Dou minha opinião, apanho algumas pipocas e jogo na boca.

— Desculpe... Ela ainda não mandou nenhuma mensagem?

Faço que não com a cabeça.

Nina leva alguns segundos em silêncio como se procurasse pelas palavras certas que talvez poderiam promover algum alívio à minha preocupação.

— Está tudo bem — adianto-me em dizer. — Vamos assistir ao jogo.

De qualquer forma não há nada que tire minha preocupação, *a não ser uma mensagem de Valentina*.

Nina volta a prestar atenção no jogo e agora eu também faço o mesmo.

— Sei que é difícil não se preocupar — ela diz depois de um tempo —, mas procura pensar em coisa boa. Deve estar tudo bem com ela. Sei lá... sofrer por antecipação é uma merda.

Repuxo o canto dos lábios em um meio sorriso.

— Obrigado, Nina.

Seus dedos esfregam a testa numa expressão pensativa.

— Sabe... eu gostaria de ter a capacidade de fazer por você tudo que faz por mim. De ter as palavras certas e dar algum tipo de conselho que te ajude. Desculpe. Mas não sou boa nessas coisas.

Ela encolhe os ombros.

— É bem mais do que imagina, Nina — digo, fazendo seus lábios finos se curvarem com timidez.

Eu não tinha muito o que fazer nesse final de domingo e Nina sugeriu de assistirmos o jogo juntos. Aceitei no intento de que um pouco de distração pudesse fazer com que as horas passassem mais rápido. Mas os números no canto direito da tela que marcam o tempo da partida de futebol parecem não se

alterar. Não tem jeito. O tempo decidiu se arrastar a passos de tartaruga nesse final de semana.

— Eu acho que... meio que estou gostando de alguém. — A frase dita por Nina surge aleatoriamente, chamando minha atenção.

Eu sei que ela não é de falar muito sobre esse tipo de assunto, então investigo.

— Acha ou está? — pergunto.

Sem me olhar, Nina responde:

— Só tomamos um suco na lanchonete da faculdade. Então ainda é cedo pra afirmar qualquer coisa.

— Isso é bom. Deixa rolar. Apenas tome cuidado, sim?! Estamos perto de concluir nosso plano. Nada pode sair errado.

— Eu sei — ela diz, virando o corpo de lado no sofá. — Tudo que eu mais quero é poder me ver livre de Soraia. — Assinto, percebendo em suas feições tensas um tanto de insegurança. — De qualquer forma, não esquenta com isso. Eu nem deveria ficar pensando em me envolver com alguém. Essas coisas não são para pessoas como eu.

Enquanto ela mastiga mais um punhado de pipoca e olha para a televisão, eu digo:

— Amar é para todos, Nina. Inclusive para você.

Silêncio.

Sentimentos não são o forte dela — ainda mais quando são os próprios. Algo típico de quem passou anos reprimindo-os, ignorando e até achando que era errado sentir o que sentia.

— Certamente está tudo bem com Valentina. — Nina volta ao meu assunto, fugindo do dela. — Quando menos esperar, seu celular vai tocar com boas notícias. Estou torcendo para que isso aconteça.

— Obrigado.

Sei que suas palavras são sinceras. Porque Nina até pode evitar sentir seus próprios sentimentos, mas ela tem demonstrado sentir empatia pelas pessoas e acho que isso é reflexo do que ela tem recebido.

É aquele negócio... “Gentiliza gera gentileza”.

Decido, por fim, ser um bom amigo e também um bom acompanhante para assistir uma partida de futebol. Mesmo que ocasionalmente eu diga algo errado sobre as regras, fazendo Nina revirar os olhos, acho que ela não se importa. No fundo só queria alguém para dividir e falar de uma paixão que ela não faz questão de esconder. O futebol.



No escuro do meu quarto, rolo de um lado para o outro na cama sem conseguir dormir. No peito aquela compressão que de vez em quando acontece. Tem dia que é difícil não ser envolvido por medo, tristeza, receios, angústias e... saudade.

Muita saudade *dele*.

Pela manhã, quando eu acordei no quarto da minha mãe em sua cama vazia e ouvi o choro dela vindo do banheiro, onde eu a encontrei deitada no chão, segurando próximo ao rosto o frasco do perfume que meu pai usava, e a peguei em meus braços, desejei que a minha vida fosse como era antes. Sem perdas e sem dores.

Tem dia que é difícil, e hoje foi um.
Que o amanhã seja melhor.



A forma como eu acabei dormindo angustiado me faz pensar que foi uma grande sorte eu não ter nenhum pesadelo.

Que seja um bom presságio, pronuncio na frente do espelho ao terminar de fechar os botões da camisa azul-claro. Essa é uma das cores que mais gosto e o fato de Valentina dizer que eu fico bem com essa tonalidade de roupa e que combina com a cor dos meus olhos, faz com que eu tenha a grande maioria das minhas camisas nesse tom.

Organizo na mochila o material das aulas desta segunda-feira, inclusive um artigo feito para a aula de direito civil, sobre adoção. A principal área do Direito que meu pai atuava era de Família. É a que escolhi atuar também. Me identifiquei desde os primeiros semestres com essas matérias e o interesse por saber mais aumenta a cada passo em que observo o quanto é abrangente o trabalho.

O alerta de mensagem ressoa no quarto, o que faz meu coração dar um pulo. A expectativa por uma mensagem de Valentina é grande.

Apanho na cama o celular. *É ela!*

Inspiro fundo e solto o ar devagar com a sensação de que finalmente estou voltando a respirar.

Graças a Deus!

Sento-me na cama e começo a ler.

Valentina: *Estou em Joanesburgo, especificamente no hospital. Desculpe a demora, mas só agora que eu consegui enviar uma mensagem. Algumas coisas aconteceram. Enfim... estamos bem. Se estiver com tempo, me chame.*

P.S.: Tem alguém que eu quero que você conheça.

Se eu estou com tempo? Mesmo que não estivesse, jamais deixaria de falar com ela.

Passo a mão pelo cabelo enquanto aguardo que Valentina atenda, o que não demora para acontecer.

Assim que a sua imagem surge na tela e eu percebo que mesmo com uma aparência cansada ela está sorridente, sou tomado por uma tranquilidade que ficou ausente desde aquela mensagem dela dizendo que estava indo para Cabo Delgado.

— Oi. — Ela suspira, eu também. — Não quero te atrasar, sei que pelo horário está indo para a faculdade — diz receosa.

— Não se preocupe com isso. Quero saber como está e como foi lá.

Valentina está próximo a uma janela e a luz do sol brilha por trás de seu corpo. Observo o quanto a imagem é perfeita, já que ela representa isso em minha vida. Luz.

— Estou bem. — Valentina meneia a cabeça. — Cheguei tem poucas horas e vim direto para o hospital. Sobre Cabo Delgado, posso afirmar que... — Ela para de falar de súbito, o queixo treme, seus olhos brilham com lágrimas que descem com facilidade pelo rosto.

— Ah... Moranguinho, não chora.

Tenho vontade de abraçar e a aconchegar em meus braços. Afetuosa como eu sei que ela é, certamente houve algo que a deixou sensibilizada.

— Foi minha maior e mais emocionante experiência desde que estou aqui — completa, ainda com a voz vacilante e com as lágrimas que não param de cair.

— Posso imaginar, meu amor. Eu estou aqui. Você pode falar e contar o que quiser. Vou adorar saber de tudo.

— Há muito o que contar, mas o principal é que...

Valentina se move, reparo que está em um quarto de hospital e em poucos passos está ao lado de uma maca, juntando o rosto ao de uma criança. Uma menininha que a princípio está com o olhar sonolento, mas ao ter a tela do celular diante de seu rosto se transforma em um olhar curioso e entusiasmado.

— Gustavo, essa é a Malaika — Valentina apresenta.

As duas se olham e Valentina a beija na bochecha. A garotinha sorri e eu fico hipnotizado.

A pequena mão de dedinhos finos vai ao encontro do cabelo de Valentina, que se derrama próximo à face da menina.

Não consigo falar, mas sinto os músculos da face se esticando com o sorriso instantâneo que a cena de carinho entre as duas me causa. Um carinho tão forte que eu sou capaz de sentir aqui, dentro do meu peito.

— Malaika — sussurro, embebido numa sensação estranha, porém, boa.

Malaika, *Anjo*.

Valentina, *Anjo*.

Tenho dois anjos diante de mim.

— Você se lembra dela, não lembra? — A pergunta é feita por Valentina, que me fita com euforia. E aqueles olhos chorosos dela continuam úmidos, mas sua expressão é de total alegria.

— Claro! — respondo, seguindo sua euforia.

A menina está ali me reparando e eu a ela, então pigarreio e decido falar.

— Oi, Malaika. Eu sou o Gustavo. Estou feliz em conhecer você — digo e... caramba! Estou nervoso.

— Oi, Gus-Gustavo — ela responde. Eu me derreto.

Sua voz infantil, dócil e com um sotaque diferente do que estou habituado a ouvir meu nome ser dito, me faz ter a certeza de que até este momento *ele* nunca foi pronunciado de forma tão linda.

— A encontrei na aldeia Naude, onde eu estava — Valentina explica.

Assinto, perpassando os dedos por cima da boca, num estado admirado.

Na verdade, eu continuo hipnotizado e imóvel sentado na cama, olhando o rosto desses dois anjos, um ao lado do outro.

— Valentina ajudou Malaika — a menina conta, transbordando gratidão.

Então, as duas deixam de encarar a tela do celular para se conectarem num olhar que transmite extremo carinho. Carinho este, representado pelo deslizar suave que Valentina realiza com a ponta do dedo contornando os traços da face de Malaika. Enquanto que a menina faz o mesmo no rosto de Valentina.

Um gesto de afeto e de... seria *reconhecimento*?

É nítido que Valentina está encantada pela garotinha. Malaika, por sua vez, também está por Valentina. Arrisco pensar que vai além disso.

É como se Valentina fosse tudo de mais importante que Malaika tem. Desconheço a história dessa criança, só que está claro que Malaika não tem ninguém nesse mundo por ela, e a partir do momento que Valentina surgiu, se tornou seu próprio mundo.

O pouco tempo com que se conhecem se transforma em um — simples e mísero — detalhe diante de um sentimento que indica existir ali por toda uma vida.

Está *ali* e está *aqui*. Eu o sinto também.

— Lindas... — Me vejo pronunciando. — Lindas — repito.

E o coração grita: *minhas*.

Elas são minhas. São meus anjos.

Massageio o peito sem compreender o que estou sentindo.

— Valentina? — chamo-a.

Ela nota no tom de minha voz que eu preciso falar algo importante.

Com isso, se volta para Malaika, ajeita a coberta em seu corpo, puxando-a um pouco mais para cima. O braço esquerdo, por onde a menina está recebendo medicação, Valentina faz com que fique tampado até onde é possível. Reparo sua agilidade em fazer os movimentos com uma só mão, enquanto a outra segura o celular. Ainda confere se o aparelho está numa posição em que eu consiga vê-las.

E eu consigo. Não perco nada, nenhum movimento e ação, inclusive quando Valentina tira da parte de baixo da coberta o ursinho de pelúcia — que eu de imediato reconheço ser o ursinho que é dela — e o coloca junto ao rosto de Malaika. A menininha se aconchega, dando a impressão de que aquele é o lugar mais confortável e seguro que já se deitou. Dando a impressão que nunca tinha recebido tanto amor e cuidado.

No instante que Valentina deixa um beijo na testa de Malaika, ouço-a explicando que vai conversar comigo, mas que ficará ainda no quarto.

— Estarei de olho em você ali da janela — explica, apertando a pontinha do nariz de Malaika.

Antes de se afastar, Valentina deixa Malaika por alguns segundos, ainda no meu campo de visão.

Aproveito e digo:

— Malaika, eu adorei te conhecer. E quer saber mais? Percebi que somos parecidos. Eu também gosto do cabelo da Valentina. Você já o cheirou? — pergunto.

Malaika franze a testa de maneira pensativa. *Deus... ela franze a testa... como eu.*

— Cheirar? — pergunta.

— É. Sente o perfume do cabelo. — Demonstro, inspirando fundo.

A mãozinha se guia até uma mecha de cabelo de Valentina que está bem ali ao alcance dela, e Malaika inspira fundo, como eu ensinei.

— Tem perfume de morango? — Malaika balança a cabeça, fazendo que sim. Dou um sorriso. — É por isso que eu chamo Valentina de Moranguinho.

Percebo o enrugamento da sua testa outra vez. *Eu adorei isso*. Dou um sorriso.

— Acho que Valentina não irá se importar se você também a chamar de Moranguinho — sibilo “mo-ran-gui-nho” para que Malaika compreenda.

Enquanto a garotinha mais linda e esperta que já conheci entrega a Valentina um olhar terno e com diversão, repete o que lhe ensinei.

— Mo-ran-gui-nho — pronuncia devagar. E depois rápido. — Moranguinho.

Definitivamente Malaika tem o poder da doçura em sua voz. Nunca o apelido de Valentina foi pronunciado tão lindamente, nem mesmo por mim.

— Muito bem, Malaika! — comemoro. — Você é muito inteligente! — reconheço.

— Muito valente, também — Valentina acrescenta e a forma condoída como fala me deixa saber que a situação em que encontrou Malaika foi difícil. *Além do que eu posso imaginar*.

— Eu tenho certeza que Malaika é muito valente — confirmo, fazendo seus olhinhos brilharem de entusiasmo. — Um anjo valente.

Murmuro, ao passo que Valentina se afasta da cama e vai para onde estava ao iniciarmos a nossa chama de vídeo.

— Você me perguntou se era muito louco da sua parte me imaginar grávida — diz.

Cheguei a abrir a boca para falar, mas ela foi mais rápida.

— Uau! — Solto uma lufada de ar. Encaro o chão por breves segundos, ordenando a mente pelo *choque*. Eu não estava esperando uma resposta ao vivo sobre essa mensagem e assunto. Tampouco depois de 3 dias que a enviei.

Volto a fitar Valentina.

— É... eu perguntei — falo, pressionando a nuca. Receoso, uno as sobrancelhas ao investigar: — Te assustei?

— Não. — A resposta é firme. Valentina esboça um sorrisinho, morde o lábio inferior e sinto que ela também está receosa. — É muito louco da minha parte dizer que eu sinto como se Malaika fosse nossa?

Talvez eu devesse me surpreender com essa pergunta, no entanto, não

é isso que acontece, já que eu pude sentir o mesmo. Só que a minutos atrás não estava conseguindo decifrar que era essa a sensação *estranha*.

— Não. Nem um pouco — respondo, dando a Valentina a certeza de que o mesmo sentimento está em meu coração.

— Eu busquei por informações. Ela... não tem mais ninguém.

— Tem a nós. — Valentina pressiona os lábios na tentativa de conter a emoção — Agora, Malaika tem a nós, Valentina — repito com ênfase.

Ela assente, deixando as lágrimas ocuparem um caminho pela sua face. É quando eu sinto que dos meus olhos algumas também caem. E aquilo acontece no silêncio de um olhar no qual sabemos o que um diz ao outro. Eu imaginei Valentina grávida de forma tão nítida que parecia real. Era porque enquanto eu imaginava isso, Valentina encontrava a nossa filha num outro continente, onde o coração dela a levou.

O coração bondoso de Valentina ouviu mais que o pedido de pessoas que carecem de ajuda. Ouviu o pedido da nossa filha.

— Como faremos? Quero dizer, legalmente. Como faremos isso? — pergunta-me, ansiosa.

— Faremos — asseguro. — Deixa comigo. Apenas preciso que me passe numa mensagem as informações que consegui sobre ela. E hoje mesmo começo a ver os procedimentos necessários.

— Ok... Obrigada. — Valentina suspira.

Malaika geme. É um som baixo e dolorido. Valentina se apressa em voltar até o seu lado e garante que eu também a veja. Malaika está de olhos fechados e parece dormir, no entanto, o cenho está franzido como se sentisse dor.

No instante em que Valentina passa o indicador no meio da testa dela, desfazendo o vinco, acalmando-a, demonstrando pelo toque que está ao lado dela, eu sussurro:

— Agente firme, anjo.

Digo pela doença a ser curada, pelas feridas que eu reparei em seus lábios e por outras que certamente Malaika tenha em partes do corpo que não estão aparentes. Mas, sobretudo, por aquelas feridas feitas pela fome, sede, frio, medo, vulnerabilidade...

Feridas feitas na alma e nas lembranças. Todas elas Valentina e eu iremos curar.

— Impressionante — sussurra, arqueando as sobrancelhas. — Eu disse isso a ela quando estava sendo atendida lá na Aldeia. E agora você também disse “*agente firme, anjo*”

— É o que pais, querendo dar segurança aos filhos, dizem num momento difícil. Malaika é nossa filha e nosso anjo também. — Ergo os ombros,

curvando o canto dos lábios.

Valentina meneia a cabeça, seus olhos brilham.

— Eu te amo, Gustavo. — Ela umedece os lábios e inspira fundo. — É... tanta alegria que eu não sei explicar. Sinto como se o que estamos fazendo fosse a coisa mais certa do mundo.

— E, é. Malaika é nossa, Valentina. Eu te amo tanto e já a amo também. — Passo a mão pelo cabelo e me mantenho a sorrir ao dizer: — Parece loucura, mas é real. Foi amor à primeira vista. Instantâneo e intenso.

A emoção chega até mim feito uma avalanche.

Pressiono a mão fechada em punho sobre os lábios.

Compreendo agora, quando em alguns conselhos, daqueles que já experimentaram do que a força de um amor verdadeiro é capaz de fazer, quiseram me dizer. Por certo, muito mais do que ter o poder de nos fazer sentir junto de quem amamos — mesmo estando longe fisicamente —, mas é isso que sinto. Sinto-me junto de Valentina e Malaika nesse hospital. O que me faz ter a certeza de que a força de um grande amor é capaz de tudo, principalmente unir pessoas, estejam elas aonde estiverem.

— Valentina... o nosso amor é grande e capaz de tudo. — Dou voz ao que penso. Valentina me fita, atenta. — Você vai ver. Nós iremos conseguir — garanto, com tom firme de uma promessa.

Isso é o suficiente para Valentina ser tomada pela sua própria avalanche de emoções.

Acompanhado de lágrimas, estão sorrisos. Tanto um quanto outro são brilhantes na face linda e delicada da minha Moranguinho. Afinal, ela é luz.

A minha luz. Meu anjo. Que encontrou nosso anjo.

As emoções são interrompidas ao som de uma leve batida na porta do quarto. Valentina desvia o olhar para além do celular e depois se volta para mim.

— A doutora chegou com os exames da Malaika — ela avisa, enxugando o rosto.

— Está bem. Depois me manda mensagem contando tudo.

— Certo. Eu passarei todas as informações.

— Dos resultados dos exames também — concluo o meu interesse.

Carinhosamente ela sopra um beijo antes de finalizar a ligação. Levo a mão em meus lábios, sentindo-o.

Sentindo todo o nosso imenso e forte amor.

Com determinação encaro mais um dia da minha vida, agora com um novo e importante propósito acrescentado em minha lista.

Valentina foi para a África do Sul para espalhar amor, lá encontrou o amor. Amor de mãe. Fazendo-me, assim, experimentar desse amor terno e

corajoso de pai. Aquele amor que desperta o instinto em promover proteção, segurança e zelar pela família.

Mesmo estando longe fisicamente, estamos unidos através do nosso amor. É exatamente isso que irei fazer, e como sentimentos sobrepõem-se a papéis, afirmo dizer que vou cuidar da minha mulher e da minha filha.

Os dias difíceis existem e sempre existirão. O que a gente não pode é deixar de acreditar em um amanhã melhor.

Este é o meu *amanhã melhor*. E o amanhã mais feliz e completo será quando eu tiver as duas comigo, ao alcance dos meus braços, onde no peito um coração chama por dois lindos anjos.



Gustavo

— O doutor Fontinelle acabou de me ligar. — Clarissa surge diante da porta da sala no escritório. — Soraia foi presa! — comunica, vibrando. — E o seu comparsa também!

— Finalmente! — Dou um soco na mesa. É a minha forma de comemorar.

Nina, que está sentada à minha frente, leva a mão ao rosto e de imediato seu choro se torna audível. Contorno a mesa e vou até ela.

— Acabou, Nina! Acabou!

Pego em sua mão, erguendo-a da cadeira, e ao abraçá-la sinto o tremor de seu corpo.

Nós passamos a tarde inteira no escritório em expectativa por essa notícia. Ainda estava na faculdade quando Clarissa me informou de que o paradeiro do falso médico havia sido encontrado. E a vantagem de ter, à sua disposição um escritório de advocacia composto por vários profissionais do Direito, é que quando você precisa de um deles, tem de maneira rápida e acessível o que precisa.

Doutor Fontinelle trabalha no escritório há muitos anos, é um ótimo e experiente advogado criminalista que já estava acompanhando o caso de Nina

junto com Clarissa. Assim, no momento certo, como prevíamos — para que não desse margem para tanto Soraia quanto o homem que lhe ajudou conseguirem escapar —, a denúncia foi realizada. Desde então doutor Fontinelle trabalhou para conseguir a expedição de um mandado de prisão para ambos, e agora, com a notícia que Clarissa acaba de nos dar, demonstra que tudo saiu como queríamos.

— Não acredito que estou livre daquela mulher. Só tenho medo por ser uma prisão preventiva — Nina observa.

Afasto-me dela e Clarissa se aproxima, pegando a mão da Nina de forma afetuosa.

— A prisão é preventiva, mas com as provas que reunimos, principalmente os laudos verídicos sobre sua saúde mental e a nítida demonstração de má fé e interesse em sua interdição por parte de Soraia, evidenciam o crime. Vamos garantir em fazer com que permaneçam presos no decorrer do processo até o julgamento. E ainda a revogação da interdição deve sair em breve. Você poderá retomar sua vida e seus direitos referente à herança de seu pai, Nina.

— Depois de anos convivendo com os ataques e provocações dela — Nina diz, suspirando. — Anos em que Soraia quis me transformar nela própria, e o pior, anos que eu deixei de ser quem sou, para fazer e ser quem ela queria. Finalmente estou LIVRE! — Ela abre os braços, comemorando. — Obrigada. Sem vocês nada disso teria acontecido.

Nina me dá outro abraço e depois faz o mesmo com Clarissa.

— E agora você possui muitos anos pela frente para ser quem você é — digo. — Seja você, Nina. E eu sei que você é uma pessoa maravilhosa, então deixe as pessoas conhecerem a verdadeira Nina.

Ela enxuga as lágrimas do rosto e assente com um sorriso de quem acaba de ganhar uma nova chance.

— Nós continuaremos aqui para te ajudar, sempre — Clarissa acrescenta.

Em seguida ela dá a Nina algumas explicações sobre as questões da herança, até que findados os assuntos e Nina deixa o escritório.

Olho pela janela percebendo que o final de tarde se torna quase noite diante de uma tempestade se formando. Observo ainda o olhar cansado de Clarissa. Tudo isso tem uma carga emocional bem grande para qualquer pessoa e para uma grávida certamente ainda mais. Apesar de ter dito que precisava continuar a conversa que iniciamos sobre adoção, num dado momento da tarde, menciono para que deixemos para amanhã.

— Obrigado por tudo, Clarissa. Bom descanso.

Despeço-me dela entrando no carro no subsolo do prédio, onde fica a garagem. A vaga em que o carro dela está estacionado é ao lado da minha.

— Você também descanse. — Ela sorri, passando o cinto de segurança pelo corpo. Noto o instante em que ela para o movimento e franze a testa.

— Clarissa? Tudo bem? — investigo.

O que devam ser os cinco segundos em que ela não me responde, são suficientes para me deixar nervoso.

— Contrações de treinamento — explica, soltando o ar profundamente. — Está tudo bem — acrescenta, sorrindo.

Ufa... Sou eu quem solta o ar.

Clarissa acena e avança com o carro para a saída, o que eu também faço.

No percurso para casa decido mudar a rota e passar na casa de vó Luiza. Costumava ir para visitá-la e aproveitava para ficar um tempo no labirinto, mas desde que ela está morando conosco, eu não visito o lugar. Hoje sinto mais que vontade de ir até lá, diria até que necessidade de ficar pelo menos por alguns minutos no silêncio dos meus pensamentos.

Quando estaciono o carro em frente a casa de vó Luiza, Ida, a cozinheira que mora na casa dos fundos, aparece. Solícita, pergunta se eu preciso de algo. Agradeço e informo que só ficarei por um tempo no labirinto. Ela ainda faz algum comentário sobre a chuva que se aproxima e depois some para dentro de casa.

Eu vou para o labirinto.

O caminho iluminado me leva até o centro dele. Quando eu venho aqui tenho diante dos meus olhos as lembranças da primeira vez que Valentina e eu fizemos amor. Ah... que saudade dela. Saudade de poder ter mais do que som de sua voz e sua imagem através do celular. Saudade de poder tocá-la e sentir o seu perfume.

Em breve estaremos juntos, penso acalmando o meu coração cheio de saudade.

Deito-me na grama, inspiro fundo. Esse lugar tem algo especial mesmo. De súbito sinto o corpo relaxar, fito o céu negro que se ilumina com os raios que anunciam uma tempestade, mas que pela distância dos trovões demonstra que ainda levará algum tempo até que comece a chover. Por isso, fecho os olhos e faço aquilo que me trouxe até aqui — a necessidade de ordenar meus pensamentos.

Foi uma avalanche de acontecimentos este dia.

Acordei apreensivo por notícias de Valentina e logo depois estava diante da novidade mais linda que a vida poderia reservar. Mesmo com toda

agitação referente ao caso de Nina, eu não me desliguei de Valentina e Malaika. Vez e outra lá estava eu, sendo levado pelos meus pensamentos e o meu coração até elas.

Ainda estou sob efeitos dos sentimentos despertados durante a conversa que tivemos. Permaneço com a imagem delas em minha mente. Eu nunca senti o que estou sentido. É algo tão eufórico, desafiador e ao mesmo tempo tão feliz, que chega a ser capaz de aplacar o peso das minhas dores e das minhas perdas.

O melhor de tudo, não só as minhas.

Antes de sair de casa eu passei pela cozinha ao ouvir o som da voz de minha mãe no cômodo. Acompanhada de vó Luiza ela tomava café e demonstrava estar em um dia bom. Assim que me viu, certamente notou o meu semblante feliz, julgando que era apenas por Valentina ter dado notícias.

No entanto, era bem mais que isso. E como alegria é algo a se compartilhar, eu dividi com ela e com minha vó as novidades.

A surpresa foi grande, maior ainda foi o sorriso em seus lábios. E quando no instante em que conversávamos, Valentina me mandou as informações de Malaika e junto uma foto da minha menina, eu não guardei só para mim aquela imagem, mostrando-a para minha avó e para minha mãe. Aconteceu. Foi instantâneo o encantamento por Malaika. Eu vi a ternura nos olhos de minha mãe. Instantânea também a euforia em imaginar Malaika em nossa casa. O que fez minha mãe começar a traçar planos e a se preocupar em preparar tudo para a chegada dela.

Na hora, ponderei em dizer se ela deveria ir devagar com as ideias que começou a ter, do quarto que ela se adiantou em dizer que ia reformar, ou até das telas de segurança que deveriam ser colocadas nas janelas. Eu não queria cortar a voz animada e nem as gargalhadas que minha mãe deu ao imaginar uma nova vida em nosso lar. Então em eu não disse nada ao contrário, a deixei sonhar com tudo isso e reservei a mim a preocupação de que esta adoção tem que dar certo. Eu não diria que o pessimismo, mas o realismo quis me alcançar. A realidade de fatos e leis. Vó Luiza chegou a me lançar um olhar preocupado, então lembrei-me de encher o coração daquilo tudo que senti enquanto falava com Valentina, principalmente de que a força de um grande amor é capaz de tudo.

— *Nós iremos conseguir* — eu disse a minha mãe e minha avó ao me despedir delas, repetindo o que afirmei para Valentina. Foi uma afirmação e uma promessa.

Nós iremos conseguir, eu tenho ecoado em meus pensamentos.

Ecoei durante as aulas e nos intervalos delas, enquanto pesquisava sobre adoção internacional.

O assunto não é inédito e tampouco vago ao meu conhecimento. Só não imaginava que ao fazer um artigo sobre ele, em seguida me tornaria interessado ao assunto com demasiado interesse pessoal,

O tempo livre em uma aula e outra usei do celular para fazer o que estava ao meu alcance, pesquisando leis, tomando informações e principalmente conhecendo como funciona o sistema de adoção em Moçambique, país de origem de Malaika. O primeiro contato com a lei que regula a matéria me deixou apreensivo com as regras impostas, ao passo que percebi também o interesse permanente daquele país — onde o número de crianças órfãs e em situação sofrível é grande — em de certa forma agilizar o processo de adoção. O que não exige de que os interessados tenham de atender aos requisitos.

Ainda consegui nessas pesquisas certificar de que a criança é sempre o centro da atenção e que para o seu bem-estar e segurança, exceções ocorrem e análises individuais de que para cada caso, deve-se considerar as regras, mas também suas exceções.

Valentina me passou a informação de que Malaika não possui nenhuma família, sequer documentos. O que disseram a ela na aldeia em que a menina estava é que após ser encontrada vagando sozinha foi acolhida por famílias da aldeia, mas nenhuma delas possui qualquer grau de parentesco com Malaika. O mais impressionante é que Valentina me contou que quando encontrou Malaika pela primeira vez ela estava em outra aldeia, bem distante, inclusive. O que me levou a pensar em que situações nas quais Malaika foi de um lugar para outro.

Fiquei sabendo também que a equipe, em especial a médica chefe, foi solícita em atender o pedido de Valentina em levar a menina para o hospital em Joanesburgo. Para isso tomaram o cuidado de comunicar às autoridades de Moçambique, conseguindo junto a assistência social a devida autorização através da explicação plausível de que a menina estava sendo levada para receber o atendimento necessário e distinto para o seu caso.

Malaika está em um quadro agravado de desnutrição, comprometendo o funcionamento de seu organismo. Até seria possível um tratamento em algum hospital da própria província moçambicana de Cabo Delgado, mas não da forma que está recebendo onde está agora. E ainda, deixar Malaika para trás não era uma opção para Valentina. Não tenho dúvida que ela usou de todo seu instinto protetor para conseguir fazer o que fez. E claro, sua valentia. Digo mais, a última mensagem que ela me enviou me fez saber que deu um jeito de garantir que Malaika fique um tempo considerável no hospital, que por objetivo principal é sua total recuperação e estabilidade do estado de saúde, entretanto, enquanto isso aproveitamos para nos ocupar em iniciar o processo de adoção, com a

tranquilidade de que nossa Malaika poderá continuar com Valentina junto dela.

Eu ainda não disse a Valentina o que das exigências despertou tanto minha preocupação. Não disse, pois não quero preocupá-la sem antes ir a fundo no assunto.

Por isso que me mantenho a dizer: “*Nós vamos conseguir*”. Valentina fazendo o que está ao seu alcance por lá e eu fazendo o que está em meu alcance aqui.

Uma gota de chuva pinga bem na minha testa e abro os olhos, no instante em que um trovão, agora bem alto, emite seu som estrondoso. Em seguida começo a sentir outros pingos de chuva caindo. Me enganei ao achar que a tempestade ia demorar a chegar.

Tudo bem, o pouco tempo que fiquei no labirinto foi o suficiente. Sinto-me energizado e confiante.

“*Nós vamos conseguir*”

Apresso o passo em direção ao carro, quando me aproximo noto um outro carro estacionado e na varanda da casa estão Alice e Matheus num tremendo amasso. Eles estão tão ocupados se beijando contra a parede que sequer notam a minha presença.

— Tem uma porção de quartos na casa — aviso.

Os dois se separam e me olham assustados.

— Pensei que estivesse aí dentro. — Alice ofega, apontando para trás por cima dos ombros.

Avanço os degraus para cumprimentá-los e também para me abrigar da chuva que se torna forte. Ao me aproximar percebo o cabelo bagunçado de Alice e Matheus.

É feio eu sentir uma pontinha de inveja deles? Inveja até sinto, mas não sou do tipo que se eu não posso ter, os outros também não.

Por isso, adianto-me em sair de cena e deixar o casal.

— De qualquer forma, continuem o que estavam fazendo. Eu já estava indo embora.

— Eu só vim pegar um livro que esqueci aqui. — Alice coça a ponta do nariz, disfarçando a desculpa mentirosa.

— É. O livro — Matheus confirma com um sorrisinho.

— Dois mentirosos — constato, balançando a cabeça.

Os dois se olham e caem na gargalhada. Começo a me afastar e Alice agarra no meu braço.

— Falei com a Valentina — ela diz assim que consegue parar de rir. — Conheci a Malaika. Que menina mais fofa. Estou muito feliz com a novidade. Aliás, *estamos*. O pai e a mãe chegaram a chorar quando Valentina contou sobre

a adoção. — Ela expande os lábios num sorriso imenso.

A menção do nome dos meus tios me faz lembrar que preciso ir conversar com eles.

— Só não gostei de uma coisa. — Alice revira os olhos.

— Do quê? — questiono.

— Aquela amiga de Valentina estava lá com elas. E se intitulando como tia da Malaika. Tia sou eu. E não ela.

Seus braços se cruzam sobre o peito e Alice faz uma perfeita cara de criança emburrada.

Eu dou uma risada e Matheus faz uma careta por trás da namorada.

— Deixa de ser ciumenta, Alicinha — ele circunda os braços na cintura dela.

— Fátima deu até um vestido *cor-de-rosa* pra Malaika — queixa-se, fazendo bico. — Cor-de-rosa é a minha cor favorita. Eu deveria dar o primeiro vestido dessa cor para a *minha* sobrinha.

— Ué, não entendi. — Matheus, que permanece atrás de Alice, pisca pra mim. — Quando a gente brigou e eu te mandei rosas cor-de-rosa você me ligou esculachando, dizendo que não gostava mais da cor e nem de mim — ele conclui com o tom de voz sério, mas um sorrisinho que só eu estou vendo.

— Pois é. — Alice encolhe os ombros. — Só que eu menti sobre os dois casos.

Essa não era a reação esperada. O que surpreende a mim e a Matheus. Em outra situação é bem certo que Alice daria alguma resposta malcriada para o Matheus.

O que me faz perceber que apesar de ser uma cena de ciúme — o que é bem comum, tratando-se de Alice —, o que ela está sentindo não é só por picuinha com a Fátima. É aquele sentimento “eu só queria poder estar fazendo o mesmo”.

Compreendo-a e por isso tento amenizar:

— Malaika precisa de todo carinho que puder receber. E eu sei que no fundo você entende isso.

— Sim. Eu entendo. — Alice repuxa o canto da boca. — E estou feliz de saber que tanto ela quanto Valentina estão tendo isso. Eu só queria poder estar lá também.

Sua afirmação demonstra que minha percepção sobre o assunto não estava errada.

— Não fique triste. — Passo o dorso da mão na bochecha dela. — Você terá o seu momento com elas. Ou melhor, uma vida inteira.

Alice desfaz o bico e sorri.

— Você já está vendo os papéis para a adoção? — Faço que sim com a cabeça. — Vai dar tudo certo — ela acrescenta, pegando em minha mão. — Estou muito feliz por vocês. Também estou orgulhosa de tudo que tem feito.

Alice pressiona os dedos sobre os meus e me oferece um olhar carinhoso.

— Obrigado — digo, escovando uma mecha do cabelo dela para trás da orelha.

Capto o momento em que seus olhos azuis e redondos ficam marejados.

— Talvez eu não tenha dito nos últimos tempos — Alice fala com a voz trêmula. — Mas eu amo você.

Uma lágrima escorrega rápido por seu rosto e tão rápido ela cai eu puxo Alice para um abraço.

— Eu também, Ali. Te amo muito — sopro na lateral de sua cabeça.

— Tudo que mais quero é que Valentina volte pra casa. E que a gente possa assistir filmes aos sábados como fazíamos. Eu sinto saudade disso. De vocês dois. De nós, como costumávamos ser.

— Nós vamos voltar a fazer isso. E já vai preparando a lista de filmes infantis para assistirmos com a Malaika.

Continuamos abraçados e eu sinto o sorriso em sua voz ao dizer:

— Tia Ali vai separar os melhores filmes. E também comprar os vestidos mais lindos, garantir que Malaika comece desde cedo a ter sua própria biblioteca, dando-lhe muitos livros de presente, contar que a mãe dela faz o melhor brigadeiro do mundo. E claro, encher Malaika de amor e mimos.

Estico o braço e a afasto para ver o seu rosto tomado de alegria.

— E serei, lógico, a tia preferida dela — completa, arqueando as sobrancelhas.

— Você é impagável, Alice. — Ela dá de ombros. — Ah... tenho uma notícia que acho que vai gostar de saber. — Alice me observa de testa franzida. — Meu namoro falso com a Nina acabou — conto.

Ela abre a boca em um “o” e seus músculos da face se esticam.

— A situação dela foi resolvida, então?

É Matheus quem pergunta.

— Sim — confirmo.

— Glória! — Alice ergue as mãos para cima. — Valentina já sabe disso? — questiona-me.

— Ainda não. Tudo aconteceu agora no final da tarde. Assim que chegar em casa vou ligar pra ela e conto.

— Ela vai adorar saber.

A forma como Alice diz representa que mesmo que Valentina e eu estejamos juntos — e ela, inclusive, nunca toca no assunto da Nina —, ainda assim se mantinha chateada com a situação. Bem compreensivo. Agora, enfim, parece que as coisas estão voltando ao normal.

— Nós já vamos em seguida — Alice grita quando estou correndo até o carro. — Vou só pegar meu livro.

Escuto a risada do casal e ao pôr o cinto de segurança os avisto se beijando.

— Aproveitem.

Essa é a minha última palavra.

Volto para o silêncio dos meus pensamentos onde estão Valentina e Malaika. Eu não paro de pensar nelas, e o que não para também é a chuva, que cai de maneira absurda que chega a tornar a visão à minha frente turva. Com isso aumento o ritmo das palhetas no para-brisa.

Assim que entro na via expressa, sinto o leve plainar do veículo em algum acúmulo de água na pista, diminuo a velocidade e me mantenho atento.

A torrente que cai pode ser observada na luz dos faróis dos carros que transitam na direção oposta. A intensidade é tamanha que parece até uma queda de cachoeira.

O som da chuva batendo contra o carro fica cada vez mais alto e abafa a música. Aumento o volume, pois é justo uma das quais eu adoro.

É que eu preciso dizer que te amo tanto. Te ganhar ou perder sem engano... canto recordando do tempo em que eu estava com todo aquele amor guardando por Valentina, sem ter coragem de declará-lo. As lembranças de onde já estivemos e o vislumbre de onde poderemos estar — formando uma família — enche meu peito de alegria.

Guio minha mão até o banco ao lado, ali está a blusa de Valentina. Aquela de lã que ela deixou na minha casa e foi embora com a minha em seu corpo. Aproximo a peça de roupa ao rosto, podendo sentir o seu perfume. A maciez do tecido me lembra a pele de Valentina.

Após uma das curvas que a via possui, constando os veículos diminuindo a velocidade, percebo a fila que vem formando mais à frente.

Deve ter acontecido algum acidente.

Ligo o pisca de alerta e vou reduzindo a velocidade até que preciso parar por completo o veículo. No retrovisor confiro o carro que vem atrás, e que vem se aproximando rápido. Mais rápido que deveria.

Confiro se estou mesmo com o alerta ligado. Estou.

A luz dele chega cada vez mais perto. Se eu for para frente vou bater em outro carro, para o lado já é a pista de direção oposta...

Não tenho para onde ir.

— Merda! Freia esse carro, filho da mãe! — esbravejo, apertando firme o volante — Vai bater! Freia... FREIA!

Ele freia.

O carro encosta na traseira do meu.

Solto a respiração... Apesar de tudo, o choque é de leve. E nessa chuva nem convém descer para ver se estragou alguma coisa.

— Mas que merda! Esse idiota por pouco não causou um engavetamento — pronuncio, sentindo o coração batendo descompassado e a garganta seca.

Respiro fundo e busco me acalmar.

Os carros continuam parados, pelo jeito irão permanecer assim por um tempo. Se eu soubesse teria feito o outro caminho e não pela via expressa.

Droga!

A música *Believer* começa a tocar, apesar de ser esse o toque do meu celular é do sistema de som que ela vem.

Como o jeito é esperar até que o trânsito volte a fluir, me distraio com a música.

“Minha vida, meu amor, minha motivação, eles vieram da dor! Você me fez, você me fez acreditar.”

Apanho a blusa em meu colo, afundo o rosto nela e falo como se Valentina estivesse ali comigo:

— Nós iremos conseguir, meu amor. O fato de um dos requisitos para adotar uma criança moçambicana ser que as duas pessoas que se interessam conjuntamente precisar estarem casadas, não é um problema para nós. No entanto, há outra questão... e isso é o que me preocupa, pois eu sei que assim como eu, você não vai querer esperar. Nós não podemos esperar e correr o risco de perder Malaika. Vamos dar um jeito. Eu prometo. Malaika é nossa e a teremos conosco. Nós ire...

Paro de falar sozinho quando uma forte luz clareia o escuro de dentro do carro.

Ergo o olhar, a luz intensa ofusca tudo. E sem tempo para mais nada só sinto o impacto. Meus pensamentos somem, minhas palavras me deixam... tudo se apaga.

Mas na escuridão eu vejo meu anjo e a chamo:

— VALENTINA!



Valentina

— VALENTINA?!

— GUSTAVO!

Levanto-me num sobressalto do sofá no quarto de hospital em que estou com Malaika. A mão que levo ao peito sente o coração batendo feito uma britadeira tentando insistentemente perfurar o cimento. A respiração entrecortada que solto pela boca, faz parecer que corri meia maratona. O suor na testa seria a prova verdadeira de que eu estava mesmo fazendo uma atividade física. Mas não, foi um pesadelo com Gustavo. Um igual aos que tive quando voltei do Brasil.

Por meses eles não assombraram minhas noites. Mas hoje um deles resolveu me visitar, entrou em minha mente sem autorização. Entrou na minha mente repleta de bons pensamentos e positividade. Não gosto nem um pouco que esse pesadelo venha querer roubar minha paz de espírito.

Inspiro e expiro, cato o celular que está por perto. Confiro o horário, é meia noite em ponto aqui, o que no Brasil são 19 horas. Nesse horário certamente Gustavo ainda não chegou em casa. Sei que provavelmente vai me ligar para contar tudo que conseguiu saber sobre adoção.

Está tudo bem, digo a mim mesma, conduzindo meus pensamentos a crer que está *mesmo* tudo bem. É só culpa desse pesadelo sem sentido. Todas as vezes em que o tive, nada de ruim aconteceu.

Não aconteceu hoje também. *Está tudo bem*. Eu quero acreditar que esteja.

Vou até Malaika. Ela permanece dormindo. Ainda bem que o grito que dei chamando por Gustavo não a acordou.

Aproveito para verificar se está tudo certo com mangueira do *equipo pediátrico*. Mais cedo Malaika estava com o sono agitado e acabou enrolando-a em seu próprio braço.

Braço por onde agora deslizo de leve meus dedos, no local em que está posicionado o *scalp* por onde recebe o soro e medicação intravenosa em sua corrente sanguínea. Consegui encontrar uma veia suficientemente resistente para posicionar o cateter mais fino possível, já que a veia de Malaika é bem fina e frágil. Aliás, não só suas veias. Malaika por inteira é fina e frágil. Dotada por certo de grande valentia — resistir a tudo que a vida lhe deu até aqui, foi a demonstração de que ela é valente.

Em breve, além de valente, se tornará em uma menininha com o peso ideal para sua idade e deixará essa aparência enfraquecida.

Ainda a olho sem acreditar que a encontrei. E desde o instante que isso aconteceu, eu soube que meu coração foi destinado a amá-la. Na verdade, eu soube lá atrás, na primeira vez em que nos vimos. Só não compreendi de imediato. Julguei que ela não saiu de meus pensamentos por me impressionar com o seu choro que eu fui capaz de acalantar ou pela forma como ela gostou do meu cabelo.

Compreendo agora quando meus pais me contaram que o que sentiram por mim foi amor à primeira vista. Que sentiram que eu era a filha deles. Para algumas pessoas essa afirmação pode soar estranha e impossível de acontecer. Entretanto, se pararmos para pensar, tal como acontece com os pais biológicos, acontece com pais adotivos.

Os pais biológicos são capazes de amar o pequeno embrião, sem nunca terem visto o rostinho do bebê. Mas já o amam pelo simples fato de *saber* que é filho deles. Os pais adotivos também são capazes de amar uma criança, mesmo que não tenha sido concebida por um ato deles, e que ainda não a conhecem, justamente por *sentirem* que é filho deles. E ainda, não importa se é filho da barriga ou do coração. Quando o contato visual se dá, o amor transborda e o coração se completa com algo que estava faltando.

Amor não se explica. Se sente.

De tudo que eu fiz para ter Malaika comigo no hospital, uma delas foi

colocá-la em quarto privativo, pois assim consigo passar as noites com ela. Não me importo de ter que dormir nesse sofá pelas noites futuras. Malaika já se sentiu sozinha demais. Não quero que se sinta mais.

Durante a tarde eu prometi que nunca a deixaria sozinha, expliquei que quero ser sua mãe. Seu espanto e ao investigar e perceber a inexistência de lembranças de que um dia ela teve alguma mulher em que chamou de mãe, me fez saber que Malaika nunca experimentou do cuidado de uma.

Porém, tudo que eu disse a ela sobre “mãe e filha” fez o seu rostinho miúdo ganhar notas explícitas de alegria. Percebi a mesma alegria quando contei a ela sobre pai. E que era o Gustavo quem queria exercer esse papel. “*Eu gostei do homem de olhos de cor igual do mar*”, Malaika me disse com um sorriso tão lindo que eu tenho certeza que se Gustavo o visse, se derreteria. Sei que ele vai se derreter com muitos outros que Malaika dará a ele.

É pensando nisso tudo que eu volto ao meu lugar no sofá e aqui sem conseguir dormir permaneço a pensar no futuro feliz que iremos ter e na família linda que iremos formar. Minha vinda até o continente africano não foi em vão, um grandioso propósito existia. Essa é uma das situações que o acaso me surpreendeu. Ainda bem que de uma maneira positiva.

Fecho os olhos, relaxo a mente e o coração aguardando o momento em que meu celular vai tocar com boas notícias de tudo que Gustavo conseguiu sobre a adoção de Malaika.

E ele toca um bom tempo depois. Sinto a vibração do aparelho debaixo do travesseiro, apanho num estado sonolento e para minha surpresa é o nome de Alice que aparece na tela do celular.

— Oi, Ali — digo baixinho, cuidando para não acordar a Malaika.

— Valen... — Percebo de imediato sua voz trêmula.

Levanto-me e me afasto até a janela, ouvindo pelo aparelho o fungar de Alice e o nítido choro contido.

— Você e Matheus brigaram? Ele fez algo a você?

Tento algumas alternativas que seriam capazes de fazer Alice me ligar chorando. Mas infelizmente todas são em relação a Matheus.

— Não. Não é nada com o Matheus.

— O que aconteceu então, Ali? — pergunto, nervosa.

Ouço o seu inspirar fundo.

— É o Gustavo. — Paraliso. — Houve um acidente. Você precisa voltar pra casa, Valentina. O estado dele é grave.

— Não pode ser! — grito, levando em seguida a mão à boca. Mas não consigo conter, o soluço sai alto e com ele as lágrimas.

Fecho os olhos, sentindo de imediato um frio chicotear meu corpo inteiro e percorrer minha espinha. É como se minha alma me abandonasse e levasse com ela todo o meu sangue.

Procuro pelo sofá, pois as pernas não possuem sustentação alguma.

O choque e a dor me colocam em um estado trêmulo e ao passo que ouço Alice chorando, o tremor aumenta.

— Me deixa falar com ela. — Zonza, escuto a voz de Gaetano. — Valentina? — Não consigo dizer nada. — Valentina? — ele repete.

— Oi — murmuro.

— Procure ficar calma e me ouça, ok? — Apesar do pedido gentil, eu não consigo ficar calma, muito menos parar de chorar. — Valen... você pode fazer isso. Sabe, eu sei que pode. Quero que preste atenção em tudo que vou dizer.

A voz de Gaetano ressoa como se um próprio anjo estivesse soprando em meu ouvido. Puxo o ar profundamente e solto devagar.

— Ok. Estou prestando atenção.

— Certo. Eu não vou mentir pra você. O acidente aconteceu na via expressa e foi grave.

— Na via expressa?

Aperto os olhos. Eu nunca gostei de Gustavo usá-la com tanta frequência.

— Escute — Gaetano pede. — Nós já estamos no hospital para onde Gustavo foi trazido. Ele está numa cirurgia. Mas assim que possível o pai quer transferi-lo para a clínica. Enquanto isso, você precisa vir para casa. Eu já procurei por voos. E incrivelmente, encontrei vaga em um que é direto de Joanesburgo para o Brasil. Mas você tem que estar no aeroporto em no máximo uma hora e meia. Acha que consegue?

— Consigo — afirmo de pronto.

Escovo a mão pelo cabelo, querendo a todo custo afastar o nervosismo. Eu preciso da minha razão mais do que nunca nesse momento.

— Perfeito. Eu vou confirmar a compra da passagem e te mando os dados do voo por mensagem. Além disso vou permanecer em contato com você. Valentina, até que entre no avião quero que me mande mensagem ou me ligue. E quando o seu avião pousar eu estarei no aeroporto te esperando.

Eu posso sentir toda a sua preocupação comigo. Meu irmão é mesmo um anjo.

— Está bem.

— Agora eu vou passar o telefone para a mãe. Ela quer falar com você. Você não está sozinha nisso — ele assegura.

— Obrigada, Gaetano.

— Filha?

O som da voz de minha mãe desperta mais vontade chorar. Tudo porque ela me dá essa sensação de que com ela eu não preciso ser forte.

— Oi, mãe — digo, vacilante.

— Meu amor, você lembra o que eu te expliquei sobre o acaso, não é mesmo?

— Sim. Eu lembro bem. Ele tem me surpreendido tanto, mãe — reclamo.

Gemo e choro baixinho, ouvindo-a dizer:

— Eu sei, meu amor. Por isso quero que se lembre da parte que eu expliquei que, diante do acaso, tudo que nos resta é ter sabedoria e fé para passar pelas fases difíceis. Filha, eu preciso que você use toda sua sabedoria e sua fé. Eu preciso que você tente se manter firme, pelo menos até chegar aqui, porque aqui eu estarei ao seu lado para te amparar, meu amor.

Eu tomo seu conselho e sua sabedoria.

— Eu vou ficar firme, mãe — afirmo a ela e a mim mesma.

— Eu queria poder estar aí segurando sua mão, filha. — Do outro lado da linha eu posso perceber o quanto ela se esforça em não chorar. — Então, como não posso estar fisicamente, estarei com você em pensamento e rezando para que os anjos te acompanhem e eles possam te tranquilizar.

— Obrigada, mãe.

— Deixa eu falar com ela de novo. — Escuto Alice pedir.

— Valen, me desculpe se eu não soube dar a notícia da melhor forma. Às vezes eu não sou boa em controlar as emoções. Enfim... — Ela suspira. — Eu estarei aqui, pra você.

— Eu te amo, Ali. Você é a melhor irmã do mundo.

— Ei... e quanto à Malaika. Acho que a sua amiga seria uma pessoa para ficar com ela. Sabe... Fátima parece ser uma boa pessoa e assim você fica mais tranquila em relação a sua menina.

Alice sorri e chora ao mesmo tempo e eu também faço o mesmo. Percebi o olhar ciumento dela para Fátima na chamada de vídeo que fizemos. Sei que no fundo todo sentimento que Alice possui é de amor.

— Você está certa, Ali. É isso que vou fazer.

Assim que encerro a ligação, escuto a voz baixa, porém de tom preocupado, de Malaika.

— Moranguinho? — ela chama. Bastou Gustavo lhe ensinar uma única vez o meu apelido e ela não parou de me chamar assim.

Seguro os lábios trêmulos e vou até a cama, onde ela está.

Malaika se senta. Apreensiva, pergunta-me:

— Por que tá chorando? Você tá triste? — Ela estica a mão em minha direção. Tomo-a e levo até meu peito, sento ao seu lado e a abraço.

Faço um esforço absurdo para me manter firme.

Antes de trazer seu rosto para frente do meu, lembro-me que tudo que ela precisa é segurança e nada que possa assustá-la, mais do que já a assustou nessa vida.

— Eu estou preocupada, é isso. — Traço um caminho com meu indicador em sua face. — Aconteceu algo e vou precisar ir para casa. — Suas feições murcham, os olhinhos me fitam atentos. — Mas eu volto. Na verdade, se eu pudesse levaria você comigo.

— Eu já tô melhor — ela argumenta com um sorriso.

Meu coração já machucado, sangra um pouco mais.

— Não é apenas isso. É que eu ainda não posso levar você comigo. Lembra que te expliquei sobre o papel que autoriza para que eu possa ser sua mãe e Gustavo seu pai? — Malaika balança a cabeça devagar. — Não temos ele ainda. Enquanto isso, você fica aqui se recuperando, ficando forte, e quem vai cuidar de você é a Fátima.

— Eu gosto da Fátima! — ela solta rápido e sua feição ganha entusiasmo.

— A Fátima também gosta de você. Inclusive, vou ligar agora mesmo para ela. — Sorrio.

Concentro-me em esconder cada gesto que demonstre o quanto estou angustiada.

Depois que tiro o celular do bolso da calça jeans e chamo o contato de Fátima, não demora para que ela atenda. Para falar me afasto de Malaika.

Explico de maneira sucinta tudo que está acontecendo e atento-me em pedir a Fátima que traga o meu passaporte. Não tenho planos de ir até o apartamento. A pequena bolsa que trouxe com uma muda de roupa para passar a noite no hospital é mais que suficiente. O resto dos documentos carrego sempre comigo. É tudo que preciso.

Eu permaneço deitada na cama, abraçada a Malaika e cantando com ela por todo o tempo em que aguardo por Fátima. Quando ela chega, acompanhada de Zaki, apesar de triste por ter de ir e deixar Malaika, sinto-me em paz por saber que Fátima e Zaki cuidarão dela para mim.

Eles me abraçam apertado e eu me seguro para não voltar a chorar.

— Vá tranquila. Zaki vinha conversando comigo que se precisar até a família dele pode ajudar. Nós não deixaremos Malaika sozinha um dia sequer.

— Obrigada. — Pressiono os lábios trêmulos.

— Eu vou levar você até o aeroporto — Zaki avisa. O sorriso sempre presente em suas feições, sumiram.

Assinto.

Com o coração dividido por querer ficar com Malaika e querer estar com Gustavo, eu abraço a minha menina, minha filha. Prometendo em pensamento que ela ainda estará em um futuro breve comigo e com Gustavo.

E nesse instante eu vejo tanto dele nela. Pois os olhinhos de Malaika me olham exatamente do jeito em que Gustavo me olhava naquela noite em que no dia seguinte eu fui embora pela primeira vez. Com medo.

— Promete que vai voltar? Promete que vai ser a mãe da Malaika?

Ela franze a testa igual ao Gustavo.

— Eu já sou a sua mãe, meu anjo! E o Gustavo é o seu pai. — Abraço-a tão apertado que tenho medo de machucá-la. — Prometo que vou voltar. — Trago seu rosto diante do meu. — E olha... — decido contar. — Eu só estou indo porque seu pai precisa de mim. Assim que tudo ficar bem, nós dois estaremos juntinhos de você. Está bem?

Malaika sorri, suas mãos vão até o meu cabelo e ela leva uma mecha até o nariz e cheira. Eu me quebro em mil pedaços.

— Valentina? — Zaki chama. — Está na hora, precisamos ir.

Encaro o olhar pesaroso de Fátima e Zaki.

— Eu já vou. Mas antes eu preciso de uma tesoura.

O casal me olha sem entender o que quero fazer. No entanto, eu sei *exatamente* o que vou fazer.



Quando entro no avião e sigo até as poltronas de número 8, encontro uma senhora sentada na poltrona da janela e um senhor na do corredor. A forma carinhosa que percebi eles conversando assim que cheguei, me deram a impressão de que são um casal. Como estou com a numeração na poltrona entre os dois, pergunto se querem trocar.

— Por nós não há problema. A não ser que você queira a janela — a senhora diz, com um sorriso tão lindo e expansivo de lábios grossos, que de imediato me faz achá-la linda.

— Ou talvez, possa querer o corredor — é o senhor quem propõe, o cabelo grisalho bem penteado deixa-o com um ar elegante.

Dou um sorriso diante da simpatia deles.

— A poltrona do meio está bom para mim.

Acomodo-me em meu lugar e ao sentar entre eles, sou tomada pela sensação de como se eu recebesse um abraço.

Inclino-me, fitando a lateral do rosto da senhora que puxa o longo cabelo negro para o lado, percebendo a bela trança nele.

— Eu gosto de tranças — comento. — Minha mãe costumava fazer no meu cabelo quando eu era criança.

— E eu adorava fazer trança no cabelo da minha filha. — Ao dizer, a íris com tom de mel dos olhos dela brilham.

Seu rosto tão bonito de feição simpática e carinhosa me fazem querer permanecer olhando para ela e eu só desvio a atenção quando ao meu lado o senhor diz:

— Você sabia que se deitar o número 8. — O senhor me mostra o bilhete da passagem com a marcação do número da poltrona virando o papel na horizontal. — Ele se torna o símbolo do infinito?

— É... — respondo, um tanto confusa com o assunto.

— São traços em contínua ligação. Não há neles um ponto de partida ou término... — a mulher explica.

— ...Limites ou fim. Tampouco nascimento e morte — o homem completa.

— É infinito — eu concluo, por fim.

Os dois se entreolham e eu não sei explicar, mas a angústia que pensei sentir durante todo o tempo que teria de voar, parece ser arrancada de mim.

— Você aparenta estar cansada. Pode apoiar a cabeça aqui, se quiser. — Gentilmente a senhora oferece o seu ombro.

Meneio a cabeça, impressionada com tamanha cordialidade e nem tenho tempo para agradecê-la ou negar, pois a mão dela puxa minha cabeça para o seu ombro.

— Quando o avião pousar no Brasil, nós te acordamos. Descanse.

Sinto a mão do senhor pegar na minha. E enquanto recebo um afago no cabelo e na minha mão, sou envolvida pelo sono.

Antes ainda, penso que algumas pessoas levam uma vida inteira para encontrar seu grande amor, outras passam por ela sem sequer conhecê-lo. E ainda tem aquelas que o encontram e sabem reconhecer quando ele chega e permitem-se viver o amor verdadeiro.

Bom, eu sou a pessoa que encontrou o grande amor e o encontrou bem cedo. Nascidos para amar, Gustavo e eu nos conhecemos quando éramos apenas dois bebês. Eu sempre soube que era ele, mas talvez não soube reconhecer o suficiente, e agora que estou prestes a perdê-lo, tudo que mais quero é poder

desfrutar desse amor que nos uniu. Tudo que mais quero é dizer que o amo.
Espero ter tempo para isso.



Alice

De que afinal é vida é feita? Eu diria que é feita de momentos. Estes, por sua vez, são divididos em dois. Os felizes e os tristes.

Para os felizes: sorrisos e às vezes lágrimas — de felicidade.

Para os tristes: Lágrimas. Apenas lágrimas.

Eu já chorei uma porção delas em algumas horas. Continuo a chorar. Mesmo querendo parar não consigo. Afinal, este momento é triste.

Um episódio pelo qual a minha família não esperava passar. Assim como foi com a morte do tio Luís, o acidente de Gustavo não estava em nossos planos. Que coisa mais idiota de se dizer, já que, quem faz este tipo de plano, não é mesmo? Quem projeta sua vida desejando os momentos tristes? Ninguém. Nem mesmo as pessoas mais pessimistas.

Só que nada disso importa.

Espere aí, faça uma pausa e me imagine dando de ombros. Apesar de eu estar encolhida nos braços de Matheus, essa seria a expressão corporal certa para o que vou dizer a seguir.

Quando a vida decide trazê-los — os malditos momentos tristes e, foda-se você e seus planos —, você fica ali de cara com ele.

De cara com a dor que ele promove. De cara com... lágrimas. Está

errado isso. Deixe-me refazer essa última frase. O correto é: lágrimas na cara.

Elas estão em todos os rostos que eu enxergo daqui, sentada numa cadeira longarina de 3 lugares. Preto é a cor de tecido delas. Preto estava o céu de onde a chuva caía. Preto é a cor do carro de Gustavo que eu vi capotado no asfalto *preto*. Me pergunto se Gustavo estivesse com o Jeep branco dele e não o carro que era do tio Luís, se algo teria sido diferente. Se o modelo do carro influenciaria nas consequências do acidente. Não sei. Mas pelo menos algo seria de outra cor e fugiria desse padrão de cor preta.

Preto estão os nossos corações. Ainda não nos recuperamos do luto que tio Luís deixou. E que coisa... Por que tínhamos que enfrentar esse medo desgraçado de que outra vez o preto é a cor predominante de nossas vidas?

A alegria é colorida.

A tristeza é preta.

Quem aí em cima está com os pincéis na mão pintando a tela da vida da minha família, pode, por favor, deixar a cor preta de lado e voltar a colorir isso?

Quantas analogias eu vou ser capaz de fazer? Talvez muitas. Essa é a minha fuga para que meu cérebro não fique remontando todas as cenas anteriores, mas a memória recente faz questão de se fazer presente e eu não consigo parar de pensar que o acidente poderia ter sido evitado. Estive com Gustavo instantes antes, por que eu não disse a ele que ficasse? Poderíamos jogar conversa fora por um tempo, a chuva teria diminuído, ele não teria partido e nada disse teria acontecido.

Não fiquei mais do que 15 minutos na casa de vó Luiza depois que ele saiu. Não fui até lá para pegar livro nenhum, eu só queria mesmo um lugar tranquilo para namorar. Um lugar que não fosse a minha casa, a casa de Matheus ou um motel. Todo meu entusiasmo de ter algumas horas com meu namorado em plena noite de segunda-feira se desfez quando vi o carro de Gustavo se afastando.

Matheus se chateou quando eu disse para irmos embora porque eu não estava mais no clima, só que, que culpa tinha eu, se de repente a mistura de cores da alegria receberam uma generosa camada de cor preta?

Houve um aviso.

Eu senti.

Eu vi.

Os carros parados foram o sinal. Não de que aconteceria algo, mas sim, que já havia acontecido.

Eu tive a certeza.

Algo errado estava acontecendo.

Matheus me fez primeiro ligar para o Gustavo antes de eu sair de dentro do carro. Quando a ligação caiu direto na caixa de mensagem, ele não pensou duas vezes em abandonar o veículo comigo.

Com nossas mãos unidas corremos entre os carros recebendo do céu toda a chuva que caía. Poucos metros à frente estávamos diante da cena do acidente.

O carro de Gustavo destruído e capotado, um caminhão atravessado na pista que também acabou atingindo outros veículos.

Era o caos.

Dor.

Tristeza.

Medo.

— Alice? — Matheus me chama baixinho. Eu ressurjo de meus próprios pensamentos. A mão dele está em um vai e vem pelo meu braço. — Tem certeza que não quer ir em casa? — pergunta-me. — Ficando com essa roupa molhada vai acabar pegando um resfriado.

Afasto-me de seu peito onde encontro apoio para o peso da minha dor, fito-o e reconheço em seus olhos miúdos, levemente puxado nos cantos, a preocupação que está sentindo.

Ele também sente a dor. Ele também foi pintado de preto. Mesmo sendo sempre tão alegre, tão colorido. Matheus não resistiu a emoção enquanto nós assistíamos Gustavo sendo retirado de dentro do carro pelos bombeiros. Eu chorei e meu namorado também. Desconfio que não foi apenas por se solidarizar comigo e meu estado abalado que Matheus derramou suas lágrimas, mas sim, por seu próprio medo e pesar de ver o melhor amigo da forma em que vimos.

— Tenho — respondo. — Eu só saio desse hospital quando ao menos Gustavo deixar a cirurgia e alguém vir dizer como ele está.

— Tudo bem. — Matheus pega minhas mãos, segurando-as com a palma delas para cima. — Deveríamos ao menos ir aqui no pronto-atendimento fazer curativo nisso — ele diz, tracejando o indicador de leve nos cortes que as palmas das minhas mãos sofreram.

— Você viu como o lugar está lotado. Eu já lavei. É o suficiente, por ora — concluo sem dar importância aos ferimentos.

Em um ato de desespero na tentativa de ver Gustavo, eu me debrucei no asfalto perto do carro. Gritei seu nome, não tive resposta, então me arrastei um pouco mais até que consegui vê-lo. Eu me contraí inteira ao ver seu rosto com sangue. Chamei-o uma vez mais e a falta de resposta me fez acreditar que ele estava morto. Me desesperei completamente e se eu ainda havia cortado as mãos, antes ao me abaixar, ao pressupor que Gustavo estava morto, na dor, eu

agarrei o que minhas mãos conseguiram pegar e o que tinha no chão eram cacos de vidro. E foi exatamente assim que fiquei. Em cacos. Estilhaçada e chorando fui retirada do chão por Matheus.

O socorro chegou e quando um dos paramédicos se enfiou quase no mesmo lugar que eu estava para alcançar Gustavo, ele comunicou que tinha pulso. Fraco, mas tinha.

Soltei um grito e implorei que salvassem o Gustavo.

— Vou dar um jeito e transferir Gustavo para a clínica, Derek. Eu tenho que fazer isso. — Ouço meu pai dizer. Ele está a alguns passos de onde estou sentada, junto dele está tio Derek, que ao ser avisado do acidente apareceu no hospital.

— Seu pai parece estar nervoso — Matheus observa.

E está mesmo. Ele não parou um só minuto sentado, não parou um só minuto de passar a mão pelo rosto e tampouco parou de dizer que vai levar Gustavo para a clínica.

Droga. Eu deveria ter insistido nesse assunto com os paramédicos.

Levanto-me e vou até ele.

— Pai? — interrompo a conversa dele com Derek.

— Oi, querida. — Ele sustenta a mão em meu rosto. Meneio a cabeça ao toque.

— Eu pedi que o levassem para a clínica, mas os paramédicos não aceitaram. Disseram que não poderiam levar o Gustavo para outro hospital que não fosse este. — Repito o que eu disse a ele no momento em que liguei, avisando do acidente.

— Está tudo bem, meu amor — ele diz, calmo. — Os paramédicos possuem um protocolo a seguir. Este hospital além de mais próximo do acidente do que a clínica é o hospital de referência deles. Não tinha o que você fazer.

Papai tenta me tranquilizar e eu assinto, triste.

Deus sabe como eu implorei para que Gustavo fosse levado para a clínica. E Deus sabe da angústia que estou sentindo por ele estar nesse hospital. Não parece ser um lugar tão mal assim, mas sei que não é tão bom como o atendimento que Gustavo poderia receber na clínica da nossa família. Além disso, o local está nitidamente abarrotado. O plantão desses médicos está bem movimentado por conta dos acidentes que ocorreram na via expressa.

Volto a ocupar meu lugar ao lado de Matheus, guio minha atenção para frente onde está tia Melissa. Ela está sentada ladeada pela de minha mãe e vó Luiza. Era totalmente plausível se eu dissesse que tia Melissa está encolhida chorando nos braços de uma das duas. Só que ao contrário disso, ela está com o corpo ereto e olhos que já choraram um bocado estão concentrados numa porta

de vidro que fica à direita de onde ela está sentada, aquela porta é de onde provavelmente um médico irá sair e nos dará notícias.

Não faz muito tempo que Gaetano avisou que Valentina já havia embarcado. Levei meus pensamentos a ela e desejei que fizesse um bom voo. Posso imaginar a angústia e tensão que está sentido. É difícil para nós que estamos aqui, para ela que ainda tem que passar 9 horas dentro de um avião deve ser ainda pior. Por toda sorte Gaetano foi ágil e conseguiu um voo direto.

Por sorte, temos Gaetano como irmão.

Um irmão atencioso, que ao perceber meu corpo trêmulo e gelado, foi em busca de café. Pelo visto encontrou, pois ele acaba de voltar para a recepção do hospital trazendo com ele o que se propôs a ir buscar. Com um sorriso carinhoso ele me entrega o copo de isopor com o líquido fumegante.

— Alguma novidade? — investiga, sentando-se ao meu lado.

— Nada, ainda — respondo baixo. Ele inspira fundo e relaxa suas costas no encosto da cadeira.

A espera é longa e agonizante.

Sopro, esfriando o meu café, e aos poucos, gole por gole, deixo a bebida cumprir o objetivo de me aquecer. Divido-a com Matheus. Estamos ambos precisando.

Pelo tempo que passou minhas roupas já não estão mais tão molhadas e o gosto de café em minha boca já se tornou um resquício fraco só que agora ao ver a tal porta de vidro ser aberta e ao que tudo indica ser um médico surgir através dela, o gosto do medo encontra seu lugar em minha boca. O estômago se aperta em ansiedade de que seja alguém que possa nos dizer como está Gustavo. Outras tantas vezes como esta aconteceram. A porta se abriu, mas nenhuma delas era para falar de Gustavo.

Deus, que esse médico tenha alguma informação.

O homem de pelo menos uns 50 anos está visivelmente cansado. Ele passa a mão na testa enquanto lê algo na folha de papel que tem em suas mãos e depois ergue o olhar para as pessoas que, assim como minha família, estão aqui também à espera de notícias. A maioria delas, são parentes dos outros envolvidos no acidente. O que teve antes ao de Gustavo e aos que também foram atingidos pelo bendito caminhão que perdeu a direção na via contrária.

— Algum familiar de Gustavo Magno Marquetti Dutra? — pergunta.

Todos nós nos levantamos ao mesmo tempo e tia Melissa adianta-se em se apresentar.

— Eu sou a mãe dele. — A voz dela está firme, assim como sua postura ao dar alguns passos e ficar diante do médico. — Me chamo Melissa — ela o cumprimenta.

Quem diria que a fragilizada mulher, vivendo a dor da perda do seu marido, hoje estaria tendo este comportamento diante do acidente do filho. Comparo tia Melissa com uma fênix. Nessa situação ela ressurgiu de suas próprias cinzas e ousou dizer que mais forte do que nunca.

Nos encaminhamos para perto do médico, meu coração parece bater na boca. Aperto a mão de Matheus, vendo meu pai ocupar um lugar ao lado de tia Melissa.

Um lugar que ele prometeu ao tio Luís que ocuparia. *“E não se preocupa, porque agora, da tua família cuido eu. Melissa e Gustavo jamais ficarão desamparados ou sozinhos.”* Sinceramente, eu não esperaria menos que isso vindo do meu pai.

Ele cumprimenta o médico e ao se apresentar fala seu nome e sobrenome. O homem à sua frente questiona em seguida:

— Da clínica “Doutor Magno”?

— Sim — papai confirma.

— Por favor, doutor, como está meu filho? — Minha tia não esconde sua ansiedade em saber.

O médico corre os olhos entre nós e nem preciso dizer que estamos todos com apreensão e medo estampado nos rostos.

Começo a tremer, porque a cara dele está longe de trazer boas notícias.

— Fique calma, Ali — Matheus sopra em meu ouvido e passa o braço ao redor do meu corpo. Uno minha mão a dele e assinto, engolindo o gosto amargo do medo.

O doutor fixa sua atenção em tia Melissa e começa a falar:

— Gustavo chegou ao hospital gravemente ferido, hipotenso e com dificuldade para respirar.

— Hipotenso? — tia Melissa sussurra a dúvida que o termo médico lhe traz. É a mesma que a minha.

O médico explica.

— Hipotenso significa estar com a pressão arterial muito baixa, isso foi o sinal que ele estava entrando em choque por causa do baixo volume de sangue circulante. O que nos levou a suspeitar de uma hemorragia interna abdominal, já que, além dos sintomas, o relatório dos paramédicos indicou para trauma de abdome, justificando-se pelo fato de que, mesmo que o airbag tenha sido acionado no impacto, depois ele desinflou e pelo motivo do veículo ter capotado e de que Gustavo se manteve preso ao cinto de segurança, exercendo para baixo todo o peso de seu corpo contra o cinto de segurança e volante, pressionando assim, a região abdominal. Veja bem, não que eu esteja dizendo que a culpa foi do cinto de segurança, pelo contrário — o médico explica. — Se

não fosse o cinto, o corpo dele facilmente teria sido arremessado e era bem provável que não resistiria. E exceto por uma fratura de costela, não houve qualquer outra fratura óssea e tampouco de crânio.

— Foi essa lesão de costela que ocasionou a hemorragia?

— Não. Apesar da fratura que ele teve na costela, não teve contusão torácica atingindo outro órgão, como por exemplo, o pulmão.

— Não entendo. Então de onde a hemorragia? — tia Melissa questiona.

O médico respira fundo e eu já nem sei mais o que é respirar.

— Com os exames, verificamos que se tratava de uma grave lesão no rim direito. O sangramento intenso na região colocava em risco os demais órgãos e o quadro em si por completo se agravava a cada minuto. Entramos numa cirurgia de emergência com ele, onde tivemos a certeza de uma laceração de rim nível cinco.

— Desculpe, doutor — tia Melissa interrompe. — O que significa laceração de nível cinco?

Ela leu meus pensamentos. Eu também gostaria de saber.

— Fragmentação completa do rim — o médico responde.

O quê?!

— Então, ele perdeu o rim direito — vó Luiza observa.

— Infelizmente, sim.

A confirmação é dada pelo médico com certo lamento.

— Meu Deus — tia Melissa sussurra, levando a mão ao peito.

Exatamente é o que eu também faço.

— Durante a cirurgia o Gustavo ficou muito instável — o doutor conta. — Ele perdeu sangue e tivemos que repor em grandes quantidades os níveis, tanto de sangue, como de soro em seu organismo. Nas próximas horas vamos mantê-lo em total monitoramento, repondo sangue para evitar a anemia e junto trabalhamos com o soro para dar volume, evitando, assim, um choque hipovolêmico. Choque é quando realmente a pressão arterial quase zera, e temos que evitar isso de todas as formas, pois se acontecer levará a piora de outros órgãos e até mesmo do rim que ficou.

— Então ele está na UTI? — meu pai pergunta, eu posso sentir na sua voz o nervosismo.

— Gustavo continua no pós-cirúrgico aguardando um leito na UTI. Além dos pacientes já internados, tivemos uma demanda a mais do esperado. Foram dois acidentes com vítimas graves. E, considerando que apesar dessa instabilidade de pressão arterial, Gustavo, como eu já mesmo mencionei, não apresentou nenhuma lesão crânio encefálica e que tão logo a sedação da cirurgia

passse, poderemos extubalo, fazendo com que respire sem ajuda mecânica. Não vejo a urgência de ter o paciente numa UTI. Contudo, assim que surgir uma vaga, nós o levaremos, por precaução.

Reparo meu pai ganhar um tom ainda mais nervoso com a informação que o médico nos dá. Suas mãos esfregam o próprio rosto. Derek e ele trocam um olhar que me faz pensar que a gravidade da situação pode ser pior do que aparenta ser, pelo menos pela perspectiva desse médico.

— Doutor, e quando eu vou poder ver meu filho?

— Nos dê algum tempo e eu libero a entrada da senhora.

— Doutor, e a situação do outro rim? — Meu pai busca saber.

Parece até que estamos metralhando o médico com uma pergunta seguida da outra. E ele é rápido em responder.

— Os exames iniciais apresentam normalidades. Quero acompanhar a evolução e o desempenho do rim esquerdo. O trauma na região do abdome foi intenso e vamos continuar monitorando.

— Monitorando fora da UTI? — papai questiona.

Ele não esconde sua insatisfação e o médico percebe.

— Doutor Leonardo, nós estamos fazendo tudo que está dentro do nosso alcance. O monitoramento está acontecendo, batimentos cardíacos, oxigenação no cérebro, pressão, medicamento. Apesar de ele não estar em uma unidade de tratamento intensivo, tudo isso está sendo feito.

— Certo, doutor. Agradecemos *tudo* o que foi feito pelo Gustavo. No entanto, eu gostaria de transferi-lo para a clínica Doutor Magno.

O médico franze o cenho e curva o canto da boca, como se o que acabou de ouvir do meu pai fosse uma grande bobagem.

— Fora de cogitação realizar uma transferência agora. O seu sobrinho está recebendo o devido atendimento aqui, doutor Leonardo — ele enfatiza.

— Não duvido que estão fazendo o melhor. Mas como o doutor mesmo disse, estão fazendo tudo que está no alcance de vocês — meu pai contrapõe.

O tom usado é educado. Só que à essa altura eu sei que ele está se controlando para manter-se desta forma.

Meu pai é o homem mais calmo e educado do mundo, mas não o tire do sério.

— Eu não vou autorizar uma transferência antes de ter a estabilidade por completa do paciente. Além do mais, preciso acompanhar o progresso da cirurgia. Poderemos cogitar isso daqui 24 horas e dependendo ainda do quadro, somente após 48 horas.

— Não. É muito tempo. Doutor, por favor — meu pai insiste. — Sei

que este hospital possui um heliponto. Podemos fazer deslocamento aéreo. É mais rápido. Mantemos ele como está agora, entubado e sedado, em poucos minutos ele estará na clínica.

— O heliponto até existe. Em alguns casos recebemos pacientes ou são levados daqui, pelos bombeiros, mas não dispomos de helicóptero de salvamento.

— Mas a minha clínica dispõe. Gustavo estará seguro nele.

— Falaremos disso depois, doutor Leonardo. Agora, se não tiverem mais nenhuma dúvida, eu peço licença pois tenho muito trabalho a fazer. Depois alguém virá buscar a senhora para ver seu filho.

O médico dá uma atenção particular a minha tia. Como se quisesse demonstrar que a única pessoa que poderá ver Gustavo será ela.

Não dá tempo para qualquer objeção e através da porta, por onde antes ele surgiu, agora some.

Nós nos olhamos atônitos. Para falar a verdade eu ainda estou processando um bocado de informação.

— Eu vou levar o Gustavo desse lugar. Ou eu não me chamo Leonardo Magno Marquezzi — meu pai comunica em alto e bom som. Sua respiração entrecortada demonstra o quão nervoso está.

— Leo, é mesmo seguro fazer esse deslocamento? — tia Melissa questiona. Com olhar de uma mãe dividida e preocupada.

— Bem mais do que Gustavo ficar aqui a mercê de uma vaga na UTI. Bem mais do que ser elencado como um caso de que não é prioritário, como os outros. Na clínica ele não será só prioridade, será submetido a todos os exames possíveis. Cada parte, cada célula dele, será passada por uma avaliação, até que tenhamos a certeza de que nada mais houve além dessa terrível perda do rim.

— Pelo menos ainda sobrou um, né? Isso é bom — Matheus diz e coça a cabeça, pensativo.

Tio Derek faz as devidas explicações.

— Se o trauma na região do abdome foi assim grave como relatado e a ponto de lacerar um rim todo, não se pode descartar outras lesões futuras até mesmo no outro rim. E há algumas questões que só com exames minuciosos é que se pode constatar algo, antevendo um agravamento da situação. Não gostei dessa pressão instável mesmo depois da cirurgia. — Ele arqueia as sobrancelhas, o canto dos lábios ganha um leve repuxar, e a passada de mão no cabelo, não é charmosa como sempre costuma ser. Dessa vez foi um gesto de preocupação.

Preocupação que antes de o médico aparecer, já existia, tomou proporções maiores.

Clima tenso.

Eu até estava processando todas informações, mas agora eu não preciso pensar em mais nada além de que meu pai tem que conseguir transferir Gustavo para a clínica. Se ele e tio Derek estão dizendo isso, é isso que tem que ser feito.

E alguém me segura, porque, se esse médico impedir a transferência eu arranco o pescoço dele. Mas por enquanto — até que alguém apareça novamente e libere a entrada de tia Melissa e tenho certeza que meu pai a acompanhará —, eu sigo arrancando a pelezinha que fica no canto das unhas, que eu me ponho roer.

Já percorri os dez dedos pela boca pelo menos umas 10 vezes. Não tenho mais unha para roer e nem pele para arrancar e se bobear vou roer as do Matheus.

— Você vai acabar com seus dedos. Me dê essa mão aqui. — Ele puxa, tirando-a de minha boca e beijando o dorso dela. — Beijinhos para acalmar a minha Alicinha.

Matheus faz graça, e apesar de tudo ela é bem-vinda.

Sinto-me como se um caldeirão cheio de algum líquido fervente estivesse sendo misturado em meu estômago, e ter Matheus junto a mim nessa situação consegue de alguma forma manter a minha sanidade no lugar.

O pigarrear de uma enfermeira que surge na porta de vidro me faz parar de prestar atenção em Matheus.

— A mãe do paciente Gustavo Magno Marquezzi Dutra, por favor? — ela chama.

Tia Melissa se põe de pé.

— A senhora pode me acompanhar.

A enfermeira usa um tom atencioso, no entanto, minha tia não sai do lugar, não antes de estender a mão para o meu pai. E nem precisaria, afinal, ele já estava se unindo a ela.

Papai jamais deixaria de acompanhar tia Melissa. Só que não é só isso que ele irá fazer. Ele vai também dar o jeito que tiver para conseguir transferir Gustavo.

Eu não tenho dúvida disso.

Antes de passar para o outro lado da porta ele fala direcionando a atenção ao médico, amigo e sempre companheiro em todas as circunstâncias.

— Derek, por favor, faça contato com a clínica. Peça que a equipe aeromédica da aeronave Arcanjo Luís fique de prontidão. Nós iremos levar Gustavo.

Sinto essas palavras no coração.

Eu volto ao início de tudo que eu estava dizendo.

A vida é feita de momentos tristes e felizes. Estes dois causam lágrimas, de alegria e de tristeza. Foi isso que afirmei.

Só que agora eu continuo triste e estou chorando, mas é de uma tímida alegria.

Tem algo mais belo — apesar de triste — do que Gustavo ser transportado no helicóptero que foi batizado com o nome do pai dele? É triste e alegre ao mesmo tempo. Não sei se estou fazendo sentido algum, porque eu estou tomada de fortes emoções.

Mas que bom que, apesar dos pesares, temos o Arcanjo Luís.

Que isso seja o sinal de que mais cores estão por vir, substituindo o preto.

Observando bem, busco o lado de fora da recepção. Constato que novas cores estão surgindo com um novo amanhecer.

Isso tem dedo de Valentina. Ela, em si, possui sua própria aquarela de cores. E só o fato de ela estar algumas horas mais perto de chegar, suas cores conseguem ser vistas daqui.



Leonardo

Tomo a mão de Melissa e sigo com ela por um longo corredor, por onde a enfermeira nos guia. É fácil constatar o quanto o hospital está lotado. Há macas com pacientes pelo corredor. Infelizmente este é um cenário comum que encontramos nos hospitais públicos. Sei que muitos profissionais que trabalham no serviço público de saúde são verdadeiros guerreiros, fazem o que podem. Mas ficam à mercê de condições muitas vezes precárias de equipamentos sucateados, de pagamentos atrasados, de uma carga horária exaustiva. Fazer saúde hoje no nosso país não é uma tarefa fácil, mas eu penso que tudo gira em torno da questão financeira, da aplicação devida de recursos. Se isso fosse feito de maneira comprometida e séria, teríamos grande parte dos problemas solucionados. Só que enquanto falta recurso para o sistema de saúde, sobra no bolso daqueles que utilizam dos seus cargos políticos para enriquecer.

A aplicação e a gerência do dinheiro faz toda a diferença. Não é diferente no caso de uma instituição privada como a nossa. A clínica Doutor Magno segue estabelecida no mercado porque temos uma boa gerência financeira. Nada se mantém se não for assim. Nossa prioridade é zelar pela saúde de nossos pacientes e temos outra grande missão que é zelar pela saúde financeira da clínica. Malu tem feito isso muito bem ao longo dos anos em que está à frente como presidente. O que nos oportuniza investir em equipamentos,

ampliações e bons profissionais.

E se temos tudo isso à nossa disposição é inconcebível que Gustavo fique neste hospital. Não tiro o mérito da equipe médica que o atendeu, sou grato pelo que fizeram. No entanto, sei que na clínica poderei fazer mais. E vou fazer. Além de tudo, ao levá-lo daqui, dou oportunidade para que outro paciente que não tenha as mesmas condições que ele, seja atendido no lugar. Se não há leito na UTI, então, com a transferência de Gustavo, outro paciente pode ocupar o lugar dele.

Gostaria que o médico que o atendeu interpretasse dessa maneira e não que eu esteja diminuindo o trabalho realizado.

— É aqui — a enfermeira nos comunica, parando em frente a uma porta.

Assim que ela a abre, damos de cara com uma sala espaçosa, várias pessoas deitadas em macas. De imediato constato se tratar de uma espécie de sala que antecede ao centro cirúrgico, pois ao fundo dela eu vejo uma outra porta com essa identificação.

— Meu Deus — Melissa murmura, assustada.

O ser humano quando enfermo está em sua versão mais frágil. Ver várias pessoas ao mesmo tempo nesse estado, para quem não está habituado, é um choque. Que ganha proporções maiores por percebemos que a fragilidade aumenta por essas pessoas não possuírem a atenção distinta que necessitam.

— Aqui ficam os pacientes que vão para o centro cirúrgico e também quando deixam a cirurgia e aguardam por um leito. Como podem ver, estamos lotados hoje — a enfermeira explica.

Percebo que a profissional tenta de alguma forma justificar uma situação que não é culpa dela.

— Tudo bem — eu digo. — Agradecemos por nos trazer até aqui.

Ela meneia a cabeça com um leve sorriso.

Melissa aperta minha mão enquanto a enfermeira começa a nos guiar entre as macas e ao fundo encontramos a que Gustavo está.

Fito a lateral do rosto da minha irmã, vendo seu queixo tremer e dos olhos as lágrimas começam a cair. Ela pressiona os lábios, segurando o choro.

A mão se guia até o filho, a enfermeira faz a gentileza de baixar a grade de proteção da maca, facilitando o acesso.

Melissa toca o rosto de Gustavo, cada parte dele que é possível ser tocada recebe os dedos trêmulos dela. Apoio a mão em seu ombro, transmitindo a força que ela precisa, querendo que Melissa saiba que não está sozinha. E ali, com uma mão no ombro da minha irmã eu levo a minha outra mão até a de meu sobrinho. Envolver meus dedos nos seus e seguro minha própria emoção.

Gustavo continua entubado e ainda com a sedação. Acima da maca está um monitor controlando os sinais vitais. Penso em muitas coisas nesse momento, mas o mais importante é que eu vou tirá-lo daqui.

Quero meu sobrinho num lugar seguro, quero ele num lugar com todas as atenções para ele. Quero Gustavo ao alcance de nossos olhos e de nossos cuidados.

A emoção de Melissa transborda, seu choro se torna audível.

— Eu tô aqui, filho. A mamãe está aqui — ela fala baixinho em meio às lágrimas. — A mamãe está aqui com você, meu amor.

Melissa repete várias vezes, debruçando-se com cuidado perto do peito de Gustavo, atravessando os braços pelo seu corpo imóvel na tentativa de abraçá-lo por completo. Para Melissa, é como se Gustavo voltasse a ser aquela criança que ela conseguia abrigar em seu colo. Aquele menino que ela detinha o poder de acalantar qualquer que fosse a sua dor. E mesmo que hoje ele seja um homem feito, que não caiba mais no colo da própria mãe, ainda assim ela continua com a capacidade de acalantar as dores dele.

Mães são poderosas.

Continuo a controlar minhas próprias emoções e com sinceridade não está fácil me manter firme. Já passamos por tantas situações difíceis em nossas vidas, mas esta me machuca um pouco mais. Meu peito se enche de dor por Melissa, por Gustavo, pelas circunstâncias.

Então, tudo que eu posso fazer é transformar toda essa dor que sinto em ação.

— Gustavo é forte. Nós vamos levá-lo daqui e cuidar dele. Ele ficará bem, Mel. — Acaricio as costas dela enquanto falo.

Melissa ergue-se e me olha.

— Promete, Leo? Você já salvou a vida dele uma vez. Promete que vai salvar outra vez?

— Eu prometo. — Abraço-a. — Eu prometo, Mel. E como primeiro passo é conseguir essa transferência.

Melissa inspira fundo e concorda.

— Precisamos encontrar o médico e falar com ele. Pedir que autorize a transferência — ela fala com ansiedade.

— Você consegue ficar sozinha aqui? — pergunto. Ela balança a cabeça num movimento rápido. O desejo da transferência se acentuou em Melissa. Se antes ela estava temerosa, agora é tudo que ela mais quer. — Certo. Eu vou em busca do médico. Ele vai ter que nos deixar levar Gustavo — concluo, segurando o rosto dela entre minhas mãos.

— Tá bom, Leo. — Beijo sua testa.

O sorriso que ela me oferece é molhado por lágrimas. Eu me afasto e só então deixo cair algumas das minhas.

Na saída da sala quase esbarro com o médico.

Ótimo que ele esteja aqui.

— Doutor — falo, cortês. Esse será o tom que pretendo usar com ele desde que não impeça as minhas intenções. — Gostaria de voltar ao assunto da transferência. Eu posso notar — Aponto ao redor — o quanto o hospital está lotado. Deixe-me levá-lo. Tenho condições de fazer esse deslocamento. Uma equipe médica acompanhará. Eu, mais do que ninguém, não colocaria em risco a vida do meu sobrinho.

O homem solta uma grande lufada de ar, não sei se cansado do plantão ou da minha insistência no assunto da transferência.

— Doutor Leonardo, até compreendo seu anseio. Mas eu simplesmente não posso liberar um paciente pouco tempo depois de uma cirurgia que *eu realizei*. E, portanto, preciso acompanhar o seu quadro evolutivo.

Ok, ninguém disse que seria fácil.

Tento outra vez.

— O senhor há de convir comigo que a situação aqui está difícil. Agradeço imensamente sua preocupação, mas passe ela a outro médico. Autorize a transferência para minha clínica. Além disso, veja bem, será um paciente a menos — exponho. — A vaga que surgir para UTI pode ser dada a outro paciente. Levar Gustavo será resguardar não só a ele, mas também outro paciente.

O médico me encara por cima dos óculos, estica a sobrancelha o suficiente para franzir a testa para cima.

Ele não diz nada e eu volto a dar tudo de mim para convencê-lo. Que seja o emocional.

— O senhor está vendo aquela mulher? — Aponto para Melissa ao fundo da sala. — Ela tem a mim e a nossa família, mas não faz nem 6 meses que o marido morreu. O filho naquela maca é tudo de mais importante que ela possui. Não faz parte dos meus planos ver a minha irmã sofrer mais do que já sofreu. Preciso que o senhor nos autorize essa transferência.

Sorrio no final da frase, soando assim, o mais calmo possível. Só que pelo visto, algo que eu tenha dito fez o médico deixar de franzir a testa e me olhar de um jeito duro e descontente.

— Sabe, não é porque o doutor é dono de uma clínica que acha que pode apitar nas decisões de um médico. Aliás, o doutor pode até fazer isso lá com seus funcionários. Não aqui comigo.

Ele não usa o tom mais educado ao falar, tampouco baixo. Isso me

preocupa, olho para trás e percebo Melissa nos observando.

Aproximo-me um passo a mais do médico.

— Eu não estou querendo apitar ou mandar — enfatizo, encarando-o.
— Estou fazendo um pedido, mas se o senhor não está interpretando dessa forma, eu sinto muito. Pois eu vou dar um jeito de levar meu sobrinho daqui. Por bem ou por mal. Eu vou fazer — confirmo, cruzando os braços sobre o peito.

— Se fizer isso — Ele aponta o dedo para mim —, será o responsável pelas agravações do quadro desse jovem, que podem muito bem ocorrer. Uma transferência agora não é viável, não se sabe o que pode acontecer durante esse voo.

— O helicóptero é totalmente equipado com o que há de melhor em tecnologias de salvamento portátil, além disso, ótimos profissionais compõem a equipe aeromédica da clínica. Gustavo estará seguro, eu garanto.

— Ok. Você quer a transferência, mas e ela? — O médico ergue o olhar além de meus ombros. — A mãe do paciente é quem decide. Não o senhor, doutor Leonardo.

— Aonde eu tenho que assinar para assumir a responsabilidade pela transferência? — A voz de Melissa ressoa firme atrás de mim. — Pois é isso que eu quero — ela afirma.

Quando percebi o médico olhando além, imaginei que Melissa ainda estava no fundo da sala com Gustavo e por isso ele direcionou sua atenção para lá.

Me enganei.

Ela está aqui. Precisamente com o passo que deu ficou ao meu lado. O seu braço está cruzado no peito como o meu. E mesmo que essa seja uma situação tão assustadora por tudo que estamos passando, eu consigo imprimir um leve sorriso por ver Melissa nessa posição segura.

Ela está firme como uma rocha e de queixo erguido, deixando a pontinha do seu nariz arrebitado em destaque, ainda mais que está vermelho por causa do choro. Estava com saudade de ver a minha irmã desse jeito e não cabisbaixa como tem passado os dias desde que Luís morreu.

— A senhora está de acordo, então? — o médico questiona, atônito. — Vai confiar a vida do seu filho num capricho de uma pessoa que acredita que não somos capazes de fazer o melhor aqui?

Faço menção de falar, mas Melissa toca em meu braço, parando-me.

— Eu confio a minha vida e a do meu filho nas mãos do doutor Leonardo e não só por ele ser meu irmão. Mas porque eu sei o médico, o homem e profissional maravilhoso que é.

— Tudo bem. — O homem dá de ombros. — Se é isso que vocês

querem, vou providenciar os papéis da transferência e a senhora assina.

— Eu fico grata, doutor. Assim como fico grata por tudo que foi feito pelo meu filho neste hospital — Melissa finaliza educadamente e dá as costas, voltando a ficar junto de Gustavo.

O homem a observa por um tempo e depois olha para mim.

— É a sua irmã quem vai assinar esse documento — ele diz. — Agora você, doutor Leonardo, esteja ciente de que se algo acontecer, será responsável pela morte do seu sobrinho.

Encaro-o e digo sem receio algum:

— O senhor se engana. Eu não serei responsável pela morte dele, mas sim por fazer com que Gustavo viva.

Toda a sua frieza e falta de sensibilidade por interpretar nossa situação me faz pensar como falta, infelizmente, para alguns médicos, o “sentir” que meu avô mencionou no dia da minha formatura

“...E, ao contrário do que muitos dizem por aí, que médicos não devem ter sentimentos para não atrapalhar o desempenho do trabalho, eu te aconselho que sinta. Sinta tudo o que essa profissão te traz, pois somente assim você terá sensibilidade suficiente para cuidar dos seus pacientes e ser um bom médico”.

Eu nunca esqueci de suas palavras.

Lamento que tenhamos que lidar com uma reação tão dura do médico. De qualquer forma, não fico muito tempo preso a leve indisposição com ele, volto ficar com Melissa e Gustavo.

A enfermeira continua ali por perto e observa tudo.

— Desculpe, eu não pude evitar de ouvir — ela comenta. — Que bom que conseguiram a transferência. A situação aqui está bem difícil.

Percebo-a exausta e mais que isso, ela demonstra ser o tipo de profissional que “sente”. Ideal para trabalhar na clínica doutor Magno. Beth anda reclamando que precisamos contratar novas enfermeiras. Talvez ela possa ocupar uma vaga conosco.

— Qual o seu nome? — Busco saber.

— Eva.

Alcanço minha carteira no bolso e tiro um cartão e a entrego.

— Eu sou o doutor Leonardo, me procure na clínica Doutor Magno. Seu perfil me parece ser o que buscamos nos profissionais da clínica.

O sorriso na face da mulher de meia idade surge de tal forma que espanta toda a sua expressão cansada.

— Obrigada, doutor. Eu já ouvi falar muito bem da clínica Doutor Magno.

— Que bom. Não deixe de ir — acrescento.

Ela segura meu cartão junto ao peito, confirmando que vai e em seguida nos informa que irá buscar os pertences de Gustavo que foram resgatados no local do acidente.

Melissa me olha sorrindo enquanto segura a mão de Gustavo, e tenho a impressão que ela se sente aliviada, do mesmo jeito que estou me sentido. Ainda temos muito o que fazer pela saúde dele, mas só em poder fazer na nossa clínica, isso me acalma.

Eva volta logo em seguida, entregando-nos um saco plástico transparente.

— Prontinho. A carteira dele está aí dentro — avisa.

Ao que constato não são roupas masculinas. E até porque as que Gustavo usava devem ter ficado destruídas, rasgadas. Estranho por perceber uma blusa de lã feminina.

Enfiando a mão dentro do saco plástico eu pego a carteira e confirmo que são os documentos de Gustavo, mas estranho a peça de roupa.

— A carteira é dele. Mas acho que essa blusa está aqui por engano.

— Não. — A resposta é dada tanto por Melissa quanto pela enfermeira.

— Essa blusa foi encontrada com o Gustavo — Eva explica. — Para ser mais exata estava envolvida no pescoço dele. O paramédico que atendeu o acidente é meu marido, ele acabou contando, por isso eu sei.

Melissa tira a blusa da embalagem.

— É de Valentina — ela certifica, sorrindo. — Gustavo andava com essa blusa pra cima e pra baixo. Levava sempre com ele.

— Esses dois...

— Nasceram para se amar — Melissa completa.

De súbito uma forte emoção me encontra. Levo a mão fechada em punho até a boca, não conseguindo dizer mais nada. Só consigo olhar para Gustavo e deixar que Valentina ocupe seu lugar em meus pensamentos.

Imagino a angústia que a minha menina valente está sentindo e seu medo por imaginar perder aquele a quem ela foi destinada a amar.

Você não vai perdê-lo, filha. Não vai.

Melissa se aproxima e pousa a mão em meu peito.

— Mantenha esse coração firme, vovô. Vamos precisar ter muita energia ainda para brincar com a Malaika e com todos os outros netos que Gustavo e Valentina nos darão.

Eu balanço a cabeça confirmando. O sorriso surge junto das lágrimas.

Logo depois um médico vem conversar conosco. Ele entrega os documentos da transferência para Melissa assinar, em seguida confere os sinais

vitais de Gustavo e anota algumas informações no prontuário

— Vou acompanhá-los até o heliponto. No local passarei à equipe médica uma cópia do prontuário.

— Certo, doutor. Obrigado — digo.

— Acrescento ainda que para melhor estabilização do paciente no pós-operatório imediato ele deve permanecer entubado ainda por algumas horas. Portanto, ele vai para o deslocamento aéreo entubado e com sedação.

— Perfeito. Estamos autorizados? — pergunto, ansioso.

A confirmação é dada, pego o celular do bolso da calça e efetuo a chamada.

— Comandante, estamos autorizados. Seguindo para o heliponto do hospital regional à espera da equipe aeromédica do Arcanjo Luís.

— OK, doutor Leonardo. Equipe aeromédica Arcanjo Luís iniciando plano de voo.

Do Helicóptero

Helicóptero Arcanjo Luís, Clínica doutor MAGNO

Prefixo aeronave: PP-MAG

Pronúncia na aviação: Papa Papa Mike Alfa Golf

--

DECOLAGEM

— Piloto: Torre, Arcanjo Luís, Papa Papa Mike Alfa Golf solicita decolagem de emergência para atendimento no Hospital Regional.

— Torre: Papa Papa Mike Alfa Golf autorizado decolagem na proa 109, vento de 4 nós direção NE

— Piloto: Decolando sem parada rumo 109

POUSO

— Piloto: Torre, Arcanjo Luís, Papa Papa Mike Alfa Golf ingressando na final aproando para pouso

— Torre: Papa Papa Mike Alfa Golf, ciente. Negativo para objeções

— Piloto: Pouso confirmado.

Leonardo

Dez minutos depois o arcanjo Luís pousa no heliponto do hospital regional. A equipe médica assume a transferência. Gustavo está, oficialmente, sob os cuidados da clínica Doutor Magno.

Melissa está seguindo de carro com os outros até a clínica.

Eu, dentro do helicóptero, me sinto feliz por ter meu objetivo inicial cumprido e determinado em cumprir a todos os outros.

Observo a equipe médica atenta em Gustavo. Eu também estou.

O fato de estar tudo dentro da normalidade me faz ficar à vontade para ter uma conversa franca com ele. Não importa que Gustavo não esteja ouvindo, eu preciso falar e aproveitar desse momento que temos juntos.

Seguro em sua mão, aproximo meu rosto do dele e vou direto ao ponto.

— Gustavo? Preste atenção. Você não planta em meu coração que vai me dar uma netinha e de repente sofre um acidente deixando sua mulher e sua filha preocupadas. Deixando a todos nós preocupados. Portanto, vamos fazer um trato: eu vou fazer minha parte, faça a sua também.

“Seja forte como foi daquela vez em que era um bebê. Aliás, sabia que você me fez sentir um medo desgraçado? E quer saber? Eu não estou diferente agora. Naquela ocasião, depois do medo, você me fez respirar aliviado. Repita isso, por favor. E se lembre que eu não sou mais um cara de 30 anos e sim de 50 e poucos. Pegue leve comigo.

Outra coisa, suspeito que naquela ocasião o incentivo de que você precisava conhecer Valentina tenha ajudado. Então, me ouça, Valentina está chegando, não se atreva a ir em lugar algum. Fique conosco. Fique com Valentina. E quando tudo isso passar, trate de ir buscar minha netinha. Porque eu já me acostumei e gostei da ideia. Preciso de uma nova espectadora para o meu show de panquecas no café da manhã aos sábados. Afinal, vocês cresceram e não ligam mais para isso. Aposto que Malaika vai adorar minhas panquecas. Mas não fique com ciúme, eu posso te ensinar todos os segredos de uma boa panqueca.”

Me vejo sorrindo por imaginar a cena em si e por imaginar a minha casa enfeitada com brinquedos, por imaginar ouvir o som gostoso da risada de uma criança e até mais de uma. Eu sempre desejei isso, casa cheia. Ela foi por

um tempo, mas os filhos crescem e seguem seus caminhos. Por isso que os netos são tão essenciais. Eles suprem a saudade do passado, tornando o presente mais alegre.

— Tripulação, preparando para pouso — o comandante informa.

Saio dos meus sonhos, desejando que se tornem reais.

Ajeito-me no banco e aperto o cinto de segurança. O helicóptero plaina até descer por completo. O pouso é perfeito.

Como esperado, o voo foi rápido e correu tudo bem.

— Tripulação, pouso realizado. Equipe Arcanjo Luís cumpriu com êxito a missão. Passarinho ferido, resgatado ao ninho, com sucesso.

Olho para cada um desses profissionais com gratidão. Eles são o tipo que “sentem”, por isso estão aqui.

Desafivelo o cinto e antes de deixar a aeronave, me aproximo outra vez de Gustavo e digo:

— Ah... Gustavo! Só para não perder o costume, não se esqueça que você é um filho da mãe. O filho da mãe que Valentina ama e que eu também. O filho da mãe que sua mãe ama. Que sua avó, seus primos, amigos, filha e os anjos amam. Enfim... você é o filho da mãe mais amado que eu conheço. Só aguenta firme, está bem? Aguenta firme.



Valentina

Tamborilo os dedos no couro do banco de trás do carro de Matheus, observando a fila de carros.

— Por que tinha que ter tanto trânsito justo agora? — questiono não só ele e a Gaetano que está sentado no banco do carona à minha frente. Mas sim, ao universo.

— Porque justo agora é horário de *rush*, pessoal indo e vindo do almoço — Matheus explica o óbvio.

Não óbvio para a minha ansiedade.

— Calma, Valen. — Gaetano se vira para trás e me olha. — Você já esteve mais longe. Aliás a considerar sua ansiedade, imagino que não foi nada fácil as horas de voo — ele observa.

— Por incrível que pareça eu dormi o voo inteiro. Nas poltronas ao meu lado estavam uma senhora e um senhor tão gentis que de alguma forma conseguiram me transmitir calma. Lamento por não ter pego o contato deles a tempo. No desembarque, quando me lembrei disso, não os encontrei mais. Parece até que sumiram do nada — conto.

— Vai ver eram anjos — Gaetano diz.

— Não duvido mesmo de que eram anjos — concordo, relembrando

do casal e a boa sensação que eles me fizeram sentir.

Meu irmão dá um sorriso que enfeita o seu lindo rosto e depois se vira para frente.

Durante o trajeto me ocupo em atualizar com Gaetano as informações sobre Gustavo. Tudo que ele me conta faz se misturar dentro de mim o sentimento de alívio e de preocupação. Saber que a transferência para a clínica foi realizada é ótimo, mas saber que ele perdeu um dos rins, não é a melhor notícia.

— Depois desse semáforo já estaremos na clínica — Matheus avisa após percorrermos um longo trajeto.

— Graças a Deus. — Suspiro. — Nem precisa ir até o estacionamento. Me deixe na frente primeiro, por favor — peço.

— Ok.

O semáforo acende a luz verde, Matheus arranca com o carro e em poucos metros à frente entra no recuo de embarque e desembarque da clínica. Agradeço-o por ter ido me buscar no aeroporto junto com Gaetano e no instante em que o movimento do veículo cessa, abro a porta e escorrego para fora. Gaetano também sai do carro e vem para o meu lado.

Colocando a alça da minha pequena bolsa de viagem sobre meus ombros, encaro o céu agradecendo a Deus e aos anjos que me fizeram chegar até aqui. Encaro também o prédio de muitos andares coberto por vidros desde cima até embaixo. A clínica Doutor Magno foi onde a minha vida começou e foi onde eu conheci o amor da minha vida.

Este é o meu lugar. Volto para o meu lar, volto para o meu amor.

Com passos apressados encerro a distância da calçada até a entrada. Quando paro diante das portas de vidros automáticas e elas se abrem, Gaetano puxa a alça da bolsa dos meus ombros, faz um gesto com a cabeça e diz:

— Vai.

Ele sabe que eu já não posso mais só caminhar, eu preciso correr. Quanto mais perto maior a necessidade que sinto em ver Gustavo.

Meus pés acompanham o meu desejo de chegar logo até o meu amor e me conduzem como se eu fosse uma verdadeira maratonista. Chego até o elevador onde encontro Seu José segurando a porta.

— Eu vi você chegando e vim garantir de segurá-lo para você.

— Obrigada. O senhor foi rápido — digo, entrando no elevador.

— Tem coisas que não podem esperar. — Seu José se afasta, a porta se fecha.

Aperto o botão de número 7, Gustavo está em um dos quartos desse andar. Pelo tempo em que o elevador sobe, aproveito para ganhar fôlego. A cada

respiração a batida do meu coração fica mais rápida, pesada e forte.

O sinal de chegada no andar apita, as portas se abrem e eu retomo minha corrida. Sigo à esquerda, o corredor largo iluminado me fará chegar até Gustavo.

Estou chegando, meu amor. Eu estou chegando.

Meu pai e minha mãe saem de uma porta no final do corredor exatamente no momento em que me aproximo o suficiente para esbarrar neles, ou melhor, no abraço deles, pois de imediato sou acolhida pelos meus pais.

— Pronto, meu amor, você chegou. Respire fundo. — Mamãe me acalma. Ela beija minha testa.

— Eu quero vê-lo. Como ele está? Está consciente?

Não consigo controlar a ansiedade. Quero poder assimilar a situação clínica dele e quero poder vê-lo, tocá-lo. Quero que ele saiba que estou aqui.

— Você vai, querida. Calma. — Meu pai segura em meus braços e explica: — Os sedativos já foram parados e a extubação foi feita, em breve Gustavo deve acordar.

Papai abre a porta atrás de si.

Dois passos e estou dentro do quarto, mas ainda não vejo Gustavo. Existe um espaço que antecede aonde ele está, distintamente separado para a devida higienização das mãos que eu faço com cuidado, seguindo todo o procedimento correto.

Quando acabo, sigo pelo curto corredor até que tudo está diante de mim: a maca em que Gustavo está; monitores de várias funções que garantem a vigilância contínua e detalhada dos sinais vitais; o respirador artificial que Gustavo não está mais utilizando; a bomba de perfusão eletrônica, calculando e controlando minuciosamente cada gotejamento das medicações endovenosas, inclusive, soro.

Compondo o cenário de máquinas está tia Melissa sentada numa poltrona ao lado da maca, seu rosto junto a mão de Gustavo estendida na lateral esquerda de seu corpo. Associado ao som dos bips dos monitores está o som baixinho da voz de minha tia, que parece estar conversando com Gustavo.

Controlando todo meu estado afoito eu me aproximo devagar. Suponho que, nesse instante tia Melissa percebe minha presença, pois para de falar e afasta devagar o rosto de onde está e o ergue em minha direção. Em sua face os lábios se esticam, me oferecendo um sorriso doce, colocando-se de pé ela me recebe em seus braços.

— Dizia a ele exatamente neste momento que você estava chegando.

Sua voz branda sopra contra o meu cabelo.

— Eu não via a hora de estar aqui — reconheço, suspirando aliviada.

Tia Melissa me afasta de seus braços, sua mão encontra o meu o rosto, o toque é terno e leve.

— Agora que chegou, vou aproveitar para participar da reunião que o Leo vai fazer com a equipe médica.

— Meu pai disse que ele deve acordar em breve — lembro-a. — Talvez você queira estar aqui quando isso acontecer.

Ela desliza o dorso de sua mão na minha bochecha e sorrindo diz:

— Você, Valentina é a pessoa nesse mundo inteiro que meu filho ia querer ver ao acordar. Me chame quando isso acontecer, é o suficiente.

Dou um sorriso.

— Pode deixar. Eu chamo, sim.

Recebo um último abraço acompanhado de um beijo, em seguida ela afasta a poltrona que, bem dizer, está colada à maca para que eu tenha acesso ao local. Feito isto tia Melissa se vai.

Somos só Gustavo e eu. Aproximo-me dele e faço o que desejei fazer desde que soube do acidente. Seguro em sua mão.

Quando o toque se dá, meu coração que já vinha batendo acelerado ganha um ritmo ainda mais pulsante.

— Estou aqui, meu amor — sussurro, acariciando o seu rosto.

E não sou capaz de impedir a vontade de beijá-lo, então uno meus lábios ao dele, num beijo sereno.

As lágrimas caem formando uma trilha molhada pelo meu rosto. Elevo a mão até o cabelo de Gustavo, meus dedos percorrem os fios espessos com demasiada saudade, o que me faz lembrar de todas as vezes que nos beijamos e o quanto eu era capaz de bagunçá-los e isso de alguma forma deixa Gustavo ainda mais lindo.

— Eu te amo — sussurro, perpassando meu rosto ao dele, a sua pele morna me aquece por completo.

Eu sempre soube o quanto o amo. Mas é nesse momento de fragilidade, com medo de perdê-lo, que tudo ganha intensidade. O amor que sinto por Gustavo percorre minhas veias, está impresso em minha pele como tatuagem, está cravado em meu coração para sempre.

— Estou aqui e eu nunca mais vou sair do seu lado, meu amor. Vai ficar tudo bem — asseguro, acreditando no melhor.

Fixo meus olhos em Gustavo nessa maca e reflito que tudo que vivemos até chegar a esse momento de nossas vidas faz de nós o que somos, duas pessoas destinadas a partilhar a vida. Crescemos de mãos dadas, enfrentamos os medos infantis e juvenis juntos e demos conta de todos eles. Agora que somos adultos, os medos que nos assombram parecem ser ainda

maiores, ou simplesmente não conseguimos superá-los pelo fato de os enfrentarmos separados. Mas isso acaba aqui, pois a partir de agora volto para o lado de Gustavo para nunca mais o deixar. E assim como quando éramos duas crianças, venceremos qualquer medo. Qualquer desafio. Sua saúde se reestabelecerá e nós vamos retomar a nossa vida juntos, com ainda mais amor, pois afinal, já não somos mais dois e sim, três.

Seguro firme a mão de Gustavo para nunca mais soltar.



— Que merda você fez com o seu cabelo, Valentina? — A voz rouca de Gustavo me faz despertar.

Não que eu estivesse dormindo, apenas descansando minha cabeça junto de sua mão, sentindo — mesmo que imóvel — o toque de seus dedos em minha face.

Ele me encara friamente, seus olhos sempre tão brilhantes estão opacos.

— Fico impressionada com a sua audácia, sabia? — respondo, ficando de pé.

— Bem... — Ele pigarreia — nas minhas condições acho que posso.

— As suas condições não te dão o direito de falar tudo que pensa — afirmo.

Gustavo revira os olhos.

— Certo, então vou refazer a minha pergunta. O que você fez com o seu cabelo, Valentina?

— Resolvi mudar um pouco o visual e cortei.

— Ficou uma merda!

— Uau! Esse não é o melhor elogio, mas ainda assim agradeço — falo em um tom educado demais para quem acabou de ouvir que o novo corte de cabelo ficou uma merda. Mas considerando que foi eu mesma que cortei, e nas circunstâncias emocionais em que o fiz, suspeito que não esteja muito bom mesmo.

— Vem cá — Gustavo diz, suavizando a expressão.

Aproximo-me ainda mais dele, sua mão se ergue e vai até as pontas do meu cabelo que sempre foram longos, mas agora estão tão curtos que não passam dos meus ombros.

— Mais perto, por favor — ele pede. Então me abaixo o suficiente para que me alcance, Gustavo acaricia minha nuca e pressiona levemente o local

me fazendo abaixar até que minha cabeça esteja em seu peito, próximo ao seu pescoço.

Sinto sua respiração soprar em meu cabelo, ele inspira e expira com força algumas vezes e diz:

— Pelo menos o cheiro continua o mesmo.

Sorrio e digo:

— Tem coisas que nunca mudam, você já deveria saber disso.

— Ainda bem que não. — Ele puxa o ar novamente com toda a força.

Não estou vendo o seu rosto, mas tenho certeza que seus olhos estão fechados, pois sempre que Gustavo cheira o meu cabelo, ele os fecha.

— Eu senti falta disso, Valentina.

— Eu também, Gustavo.

— Malaika — ele diz, deslizando os dedos pelo meu cabelo. — Foi por isso que cortou. Deixou seu cabelo com ela.

Viro meu rosto em direção ao dele e o olho com surpresa.

— Como concluiu?

— Só algo muito sério faria você quebrar uma promessa. — Ele ergue as sobrancelhas.

— Era tudo que eu tinha para dar a Malaika que fizesse com que ela ainda me sentisse por perto.

Gustavo repousa a palma da mão na minha bochecha, inclina a cabeça de maneira mínima para o lado, mas faz com que seu olhar fique pareado ao meu. Uma linha imaginária se forma ligado nossos olhares e prendendo-nos um ao outro.

— Amo tudo em você, mas o seu altruísmo é algo que me faz, além de te amar, te admirar. Obrigado por ter feito isso pela nossa menina.

Dou um sorriso e seguro a emoção para não começar a chorar, seja pela saudade de Malaika que eu já sinto ou por ouvir Gustavo dizer “nossa menina”.

— E a propósito, você ficou linda assim. De cabelo longo ou curto, não importa, você é sempre linda.

— Obrigada. Você não fica por menos. É lindo de qualquer jeito.

— Acho que não estou na minha melhor versão. — Ele franze o cenho. E eu adoro ver as linhas charmosas que se formam em sua testa.

— Qualquer que seja a versão, você é lindo. Principalmente se estiver com o cabelo bagunçado, que, inclusive, assumo que fui a culpada por deixar assim — revelo, dando uma piscadinha. Ele sorri.

Mas logo depois o sorriso some.

— Afinal, quais foram as proporções do estrago que aconteceu

comigo? Eu só me lembro de estar com o carro parado na via expressa, de repente uma luz, o choque, e tudo se apagou. Acordei e assimilei o lugar em que estava, olhei e vi você aqui, logo deduzi que a merda tinha sido grande.

Ergo o meu rosto de seu peito e me mantenho a segurar em sua mão.

— Os médicos poderão explicar melhor do que eu. Além do mais, eu prometi que chamaria sua mãe assim que você acordasse — justifico.

No fundo, eu fujo de dizer a ele as proporções do acidente, mesmo já sabendo de tudo que Gaetano tenha me contado durante o trajeto do aeroporto até a clínica.

— Ok. — Ele inspira fundo.

Aperto a mão dele.

— Vai ficar tudo bem — garanto. — Agora vou lá chamar a sua mãe — aviso.

Só que eu não consigo me mover, meus pés parecem grudados no lugar. Não consigo me afastar dele sem antes dizer o que pessoalmente eu não disse quando tive oportunidade, naquela dolorosa despedida no aeroporto. Tudo bem que eu repeti algumas vezes nas chamadas de vídeo, nas mensagens que trocamos e agora momentos antes, enquanto ele ainda estava no estado de sedação.

Encaro-o sentindo a respiração ficar entrecortada. Eu entrei naquele avião sem saber de fato como ele estava e morri de medo que eu não tivesse tempo de dizer...

— Eu te amo! Eu te amo um pouco mais a cada vez que respiro. Ao seu lado que eu quero ficar, nunca mais vou a lugar algum se você não for comigo.

A declaração que faz Gustavo sorrir e os seus olhos se encherem de lágrimas é externada através do som da minha voz, que sai profundamente emocionada.

— Eu também te amo, Valentina. Eu te amo um pouco mais a cada vez que meu coração bate. Eu quero você ao meu lado pra sempre.

Aproximo meu rosto do dele, fixando uma distância que seria como meu dedo mindinho entre nossas bocas, ou seja, uma distância mínima.

— Você está pensando em beijar um cara que ficou sei lá por quantas horas dormindo, depois de sofrer um acidente? — pergunta. Balanço a cabeça fazendo que sim. — Isso não deve ser muito agradável.

Gustavo une as sobrancelhas.

— Só fica quieto.

Ele ri, perpassa o polegar no meu lábio inferior e guio-me até sua boca, onde nossos lábios se encontram. É sutil, sublime e cheio de amor.

Em cada parte de mim está o amor que nutro por Gustavo e eu sei que em cada parte dele, está o seu amor por mim. E a cada vez que respiramos, a cada vez que nossos corações batem, nós nos amamos um pouco mais.

Ao seu lado eu me sinto em casa. Lar é onde o coração da gente bate.



Valentina

Afundo na cadeira, fecho os olhos e deixo os pensamentos vagarem por essa montanha russa de sentimentos em que o medo predomina. Eu ainda tinha os lábios de Gustavo nos meus quando o som dos monitores se tornou alto e contínuo, quase em sincronia. Médicos e enfermeiros invadiram o quarto e começaram a fazer o seu trabalho. Eu não sei quem, mas alguém me puxou para longe e quando vi estava nos braços de mamãe, que junto com papai e tia Melissa, tinham acabado de chegar ao quarto naquele exato momento. Consegui assimilar turvamente tudo que acontecia, algo sobre a pressão arterial, algo sobre Gustavo estar entrando em choque. Ouvia também papai dizendo para que nos tirassem do quarto, avistei tia Melissa e seu corpo todo tremia. Do lado de fora, quem começava a ficar em choque éramos nós duas. Olhávamos assustadas e em silêncio, então minha mãe nos sustentou em cada um de seus braços. E se não fosse a forma segura com que ela nos segurava, era provável que, tanto eu quanto tia Melissa tivéssemos deixado o corpo ceder até o chão.

O que deve ter sido poucos minutos, pois depois a porta do quarto se abriu e Gustavo estava sendo levado às pressas pela equipe médica. Papai seguia o ritmo deles. Antes, porém, veio até nós, apertou nossas mãos e garantiu, “vai ficar tudo bem, nós vamos cuidar dele”. As lágrimas iminentes vieram em

cascata e eu juro que até queria me controlar, mas como, quando a gente vê a pessoa que ama nesse estado tão vulnerável? Quando sabemos que a linha entre a vida e a morte é muito tênue? Não há livros, teorias, e nem aulas práticas sobre a medicina, que nos preparam para esse momento. Não quando o paciente é quem mais amamos.

Sinto dedos delicados tocarem meus ombros e não preciso me virar para olhar para saber que é...

— Ali. — Minha voz é um pouco mais do que um sussurro.

Ela se senta ao meu lado e eu estremeço ao ser envolvida por seus braços. A fragrância de erva-doce está marcante em sua pele, dando-me a reconfortante sensação de segurança. É o mesmo perfume de mamãe, que anteriormente estava sentada no lugar que Alice acaba de ocupar, e que, a propósito, é à minha direita, para onde, antes de fechar meus olhos, eu os matinha fixamente a encarar a porta que está um pouco mais à frente. A porta do centro cirúrgico, onde o amor da minha vida está.

— Eu saio por um instante, você chega. Depois recebo a notícia de que Gustavo havia acordado só que em seguida levado ao centro cirúrgico. O que houve, afinal, Valen? O que está acontecendo? — Alice questiona, com tom de desespero.

A apreensão paira no ar. É exatamente isso que cada olhar emite, inclusive o de Matheus, que acaba de se sentar ao lado de Alice.

Ambos me encaram esperando por notícias, decido ser sucinta e objetiva em dar as informações prévias que tivemos de papai, mas desde que ele as deu. Não saiu mais do centro cirúrgico e, de fato, *agora* eu não sei o que está acontecendo.

Começo.

— O outro rim teve uma piora súbita...

— Como assim piora súbita? — Alice interrompe, passando as mãos pelo rosto. — Nã-não estava tudo bem com o outro rim?

Nervosa, ela chega a gaguejar. Eu ainda possuo um fio de calma, capaz de me fazer conseguir detalhar.

— Papai explicou que estavam fazendo exames a cada hora e que tudo estava estável, mas de repente o quadro mudou. Pressão arterial caiu muito, conseguiram estabilizar ainda no quarto, então ali mesmo foi feita uma ultrassonografia, onde detectaram uma trombose na artéria que leva sangue para o rim.

Alice une as sobrancelhas, com ar perdido.

— Ah... Deus. E agora? — pergunta-me, a voz tão baixa que só ouço porque seu rosto está diante do meu.

— Agora os médicos estão fazendo um cateterismo nessa artéria para desobstruir.

Tudo que mais desejo é que o procedimento esteja dando certo.

— Cateterismo? Tipo aquele que o seu José fez uma vez? — ela questiona.

— Sim, tipo este. Mas no caso dele foi uma artéria do coração. Gustavo é uma artéria do rim. Essa trombose impede o sangue de circular no órgão — esclareço para que entenda.

— O que é ruim — Matheus acrescenta.

— Péssimo. Sem sangue, ele para de funcionar — confirmo, por fim, e me encolho, pois o medo é algo que faz doer.

Alice me abraça uma vez mais.

— Achei que as notícias ruins tinham se acabado — ela murmura.

— Eu também, Ali. Eu também.

O ar fica suspenso pelos segundos que pressionamos com força os braços ao redor do corpo uma da outra. Sua mão desliza carinhosamente sobre o tecido de algodão da camiseta básica de cor branca que estou usando. Dou a Alice exatamente o mesmo, também deslizo a mão pelas suas costas, até que a afasto no comprimento dos meus braços. Escorrego o dedo em sua face, secando algumas lágrimas. Minha irmã é o tipo de pessoa que chora por causa de uma formiga morta. Ou seja, eu não precisaria encarar suas pálpebras com demasiado inchaço para saber que Alice tem chorado. *E muito*. Quando Gaetano me contou que Alice e Matheus chegaram no local do acidente logo depois, não tive dúvida que todo psicológico de minha irmã havia sido atingido. Ela é sensível *demais*.

Estamos sensíveis, talvez cada um com seu motivo próprio.

Seus lábios se abrem e fecham, Alice chega a bufar, mas fica em silêncio e percebo a indignação remoendo seus pensamentos com algo do tipo, “já não basta que ele tenha perdido um rim, o outro também precisa apresentar problemas?”. Foi assim que eu fiquei. Mas não ousei falar ou reclamar em voz alta. Porque, apesar de tudo, Gustavo sobreviveu. E ele vai superar mais este problema.

“A gente só precisa ter força e fé para enfrentar tudo isso”. Foi o conselho de minha mãe e estou tentando me apegar a ele.

— E por que você está aqui sozinha? Onde estão todos?

Ali faz uma careta brava ao perguntar, certamente destinada a quem me deixou sozinha.

Curvo o canto dos lábios com a sua preocupação, só que está tudo bem. Não faz tanto tempo que isso aconteceu. Além do que, eu posso aguentar alguns minutos sozinha à espera de notícias. O que eu não aguento é que elas

não sejam as que eu espero.

— A mãe achou que se tia Melissa não fosse ao menos tomar um copo de suco, acabaria desmaiando. E vó Luiza, que também não estava com a aparência boa, mamãe deu um jeito de levar. Dona Malu meio que teve que obrigar as duas, na verdade, pois nenhuma queria sair daqui — conto. — Por sorte vó Luiza não chegou no quarto bem na hora que tudo estava acontecendo. Ela teria ficado ainda mais abalada.

— Tadinha — minha irmã lamenta e logo em seguida me olha de cenho franzido. — Deveria ter ido com elas, até porque você não está muito diferente de tia Melissa e vó Luiza. Aposto que não comeu nada desde que saiu de Joanesburgo.

— Gaetano estava aqui comigo, foi buscar café. — Contraio-me. — É tudo o que eu consigo colocar pra dentro.

Pressiono os lábios, engolindo a saliva com dificuldade. Medo, ansiedade em doses absurdas, parecem percorrer minha corrente sanguínea e se acumular no estômago. No entanto, reservo o coração para sentir esperança, fé e a coragem que necessito.

— E eu não saio daqui enquanto Gustavo ainda estiver lá dentro — sentencio, indicando a porta que dá no centro cirúrgico.

— Tudo bem, Valen. Compreendo você. — Alice assente com um sorriso que avaliza suas palavras, e acrescenta: — Sempre unidas.

Ela aperta minha mão com força e eu a sua. Seu olhar terno se desvia para além de meus ombros e se transforma rapidamente em desagrado no instante em que balbucia entredentes.

— Merda.

— O que foi?

Ensaio me virar para trás, só que sou impedida.

— Não — repreende-me, espiando por cima dos meus ombros. — Não olhe. Nina está vindo aí com Gaetano — cochicha e traz seu rosto ante ao meu, seus grandes e redondos olhos azuis me encarando. — Não sei se você já sabe, mas o namoro falso acabou.

Fico boquiaberta.

— Acabou?

Sua cabeça se move rápido, fazendo que sim.

— Gustavo me contou na noite antes do acidente — esclarece e uma piscadela vitoriosa brilha no seu rosto.

Ao menos uma notícia boa.

— Valen, aqui o seu café. — Gaetano para à minha frente, estendendo o copo de isopor para mim.

— Obrigada. — Pegó-o, esperando pelo que vem a seguir.

Gaetano passa a mão pelo maxilar e conheço-o o suficiente para saber que neste breve momento ele perscruta minha reação, então pigarreia e diz:

— Nina estava lá embaixo esperando por notícias, achei que tudo bem se ela viesse aqui com a gente.

O seu sorriso e o olhar conciliador transitam entre mim e Alice.

Nina acena com certa timidez.

— Tudo bem — digo, bebericando o café quente.

Criar um caso agora está fora de questão, além do que, se ela e Gustavo se tornaram amigos, é natural que esteja preocupada com ele. Só não é natural para mim, tê-la dividindo momentos da minha família. Foi desconcertante no velório de tio Luís e é agora. Mesmo sabendo que a história de ser namorada de Gustavo não é verdadeira, não é só isso que pesa. O que pesa é que Nina é a garota que no passado me chamou de lixo, que teve por missão me perseguir durante todos os anos da minha vida escolar, que sempre me olhou com sarcasmo, que segurou em meu braço e me desafiou para uma briga. Uma garota que sempre encontrou uma oportunidade para me afrontar e para repetir que eu tinha vindo de uma lixeira. Uma garota que por mais que eu evitasse, interferiu no meu emocional e essa garota acaba de se sentar ao meu lado, fazendo-me remoer em meus próprios pensamentos as lembranças amargas que me causou. E por fim, fazendo-me ter que ser alheia a tudo isso por... Gustavo.

Engulo um grande gole de café, torcendo que o efeito da cafeína seja positivo em todos os sentidos ao meu organismo.

— Gostei do seu novo corte de cabelo — Nina solta o elogio.

Não esboço reação. Já Alice, que estava cochichando algo com Matheus, quase adquire um torcicolo ao virar-se para mim de maneira tão rápida.

— Caramba, Valen! Estou tão atordoada que não notei. Ficou lindo. — Minha irmã toca as pontas curtas do meu cabelo. — O que deu em você pra cortar tanto assim?

— Depois te explico.

Se eu falar de Malaika agora, é bem provável que eu comece a chorar. Sua carinha surpresa enquanto me via cortando o cabelo e depois prendendo bem os fios a um elástico e entregando a ela, assim como a sua carinha de medo que eu nunca mais volte, dividem espaço com Gustavo em minha mente. Ambos são motivos fortes para que eu me desmanche em lágrimas, e eu não posso me desmanchar. Tenho que ficar firme. Firme pelos dois, por nós e pelo nosso futuro.

Direciono um breve olhar para Nina, ela me oferece um sorriso. Acho que esse é o primeiro sorriso — em anos — desprovido de ironia que recebo

dela, provavelmente por isso eu retribuo. E talvez esse sorriso seja algum tipo de acesso que precisava ter a mim, já que em seguida diz:

— Certamente, talvez essa não seja a melhor hora ou melhor lugar para uma conversa. Mas se você não se importar, eu queria que, se possível, pudesse me ouvir, Valentina.

Ocupo-me em beber mais um pouco da minha reconfortante bebida, assimilando e ponderando o pedido. Minha cabeça tem o suficiente para pensar e se preocupar...

— Alicinha, o que acha de também irmos pegar um café? — Matheus propõe e a proposta soa bem sugestiva.

Minha irmã crispa os lábios, primeiro direcionando a atenção a ele, fazendo uma rápida objeção ao convite, depois buscando em meu olhar uma resposta. Dou meu “ok” silencioso.

Alice assente e num tom de ordem fala a Gaetano:

— Fica aqui no meu lugar.

Gaetano obedece. Porém, basta que Alice e Matheus sumam de nossas vistas para que ele se levante e vá até uma janela próxima. Meu irmão fica parado com as mãos no bolso da frente, de lá me lança um sorriso, depois volta sua atenção para a janela. Os corredores dessa ala da clínica dão vista para o jardim, sei que pelo menos a paisagem é boa e sei também que ele gosta. Aliás, quem não gosta desse jardim?

Encaro-o alguns segundos a mais, concluindo que Gaetano fica afastado o suficiente para me dar a oportunidade de ficar sozinha com Nina, mas perto o bastante para caso eu precise. *Esses meus irmãos...* Balanço a cabeça e sorrio, mordendo o lábio inferior. Eu os amo tanto por serem assim preocupados. Só que a vida tem me colocado diante de desafios muito maiores do que enfrentar a garota que fazia *bullying* com a minha situação.

— Bom... acho que você pode começar a falar agora, Nina — sugiro.

Brinco com a minha unha no copo de isopor, fazendo marcas nele, preparando-me para enfim ouvir o que e o quanto das marcas do passado Nina irá abordar nessa conversa.

— Não vou mentir — ela fala, puxando para cima os fios espetados de seu cabelo curto. — Eu tô um pouco nervosa de ficar aqui ao seu lado e poder, finalmente, dizer coisas que eu gostaria de ter dito há muito tempo.

Eu não havia direcionado minha atenção a ela desde que trocamos aquele diminuto sorriso. Faço agora, dessa vez sem sorriso. Apenas demonstrando que Nina tem minha atenção.

— Tudo bem. — Ela inspira fundo, como se estivesse se preparando. — Para que tudo faça sentido eu preciso começar do... *começo* — diz, um

sorrisinho tímido e inquieto não deixando seus lábios. — Isso soou como uma história longa e chata, mas prometo que tentarei ser breve.

— Tá... — Dou de ombros, bebendo meu último gole de café.

Ela tentará ser breve e eu considero que ouvir tudo, sem interrupções, é o melhor que tenho a fazer.

— Você se lembra do primeiro dia de aula no jardim de infância? — indaga.

— Algumas vagas lembranças. Faz um bocado de tempo, não é?

— Pois é. — Seus ombros se encolhem pelos segundos em que ela fecha os olhos, e depois os abre com determinação neles. — Das minhas vagas lembranças deste dia, está o momento em que minha mãe arrumava a minha saia de pregas e reclamava que eu já tinha conseguido amarrotar toda a minha roupa. Estávamos no portão de entrada enquanto ela estava ali, abaixada, alisando minha roupa e me dando bronca, então você passou de mãos dadas com seus pais. Minha mãe congelou ao te ver e, pra ser sincera, eu também. Foi rápido aquele instante, mas o suficiente para que fossem notados o seu sorriso e o longo cabelo preso num rabo de cavalo perfeito, com uma fita de cetim branca. Depois que você passou, ainda se virou para trás e sorriu pra mim. Eu sorri também. E desejei que estivéssemos na mesma sala. Simpatizei com você de cara. Mas enquanto eu ainda sorria, imaginando como seria a minha nova amiga, senti os dedos de minha mãe segurarem o meu queixo e me fazer olhar para ela. As unhas compridas roçaram a minha pele enquanto ela dizia: *“Você viu aquela menina, que linda? Viu a roupa dela, sem nenhum amassado e viu também o cabelo preso com um laço? Ela não é como você, essa menina relaxada, que reclama para pentear o cabelo, que vive tirando os laços que eu coloco, que vive com essa cara emburrada. Vê se pelo menos fica amiga dela e aprende um pouco a como ser delicada. Porque aquela garotinha é delicada feito uma boneca, e eu quero que você seja assim.”*

A primeira declaração já me causa espanto. Continuo a apertar a unha no copo, notando que isso está longe de ser uma conversa leve.

— Dá pra acreditar que eu tinha 6 anos de idade, mas me lembro exatamente de cada palavra que minha mãe me disse? — Nina dá um sorriso sem graça. — Bom, talvez o fato de ela repetir incansavelmente por todos os anos que se seguiram tenha feito eu nunca esquecer.

Posso perceber a mágoa em cada uma das palavras ditas por Nina. Uma mágoa justificável. Que criança ia se sentir bem com a mãe agindo dessa forma?

Ela continua:

— Eu tinha tudo para gostar de você. Até minha mãe fazer a

comparação e me fazer sentir a menina mais feia do mundo...

“Não era a primeira vez que ela tinha feito aquilo. Mas, pela *primeira* vez, eu me senti triste. Acho que porque te achei bonita demais e eu jamais conseguiria ser como você. E que lógico, *nunca* ia conseguir ser como minha mãe queria que eu fosse. Nessa época eu ainda era boba o suficiente para querer fazer as vontades dela. Não sei explicar, mas eu era atrapalhada, não me importava de sujar a roupa, e se pudesse não usava aquele uniforme com saia de prega. Mas, ok. Eu tentei reparar em você o suficiente para conseguir te imitar. E não teve jeito não, Valentina. Os anos se passaram... minha mãe e sua forma hostil de lidar comigo e com a minha personalidade aumentaram e ela ainda não tinha desistido de que eu deveria me espelhar em você, até que em um dia de chuva eu tinha ficado jogando bola na quadra descoberta enquanto a esperava vir me buscar. E pra variar, estava atrasada. Bom, imagina o estrago que eu estava. Ela ficou furiosa. Ao mesmo tempo que me dava bronca, dava também uma porção de tapas, dizendo que eu era um lixo.

Foi aí que minha mãe tocou no *seu* assunto. E acredite, ela foi capaz de fuçar a vida da sua família. Soraia meio que criou uma certa obsessão. Dizia que vocês eram o tipo de família perfeita, conhecida com grande status social. Era exatamente assim que minha mãe queria que fôssemos e ficava furiosa que, mesmo com todo o dinheiro, não conseguíamos. Meu pai não estava nem aí para essas besteiras dela. Ele tinha grana, mas era um homem de família simples, que começou vendendo carros usados e depois de muitos anos e trabalho, teve uma porção de concessionárias de carros de luxo espalhadas pelo país. Acumulou um patrimônio em imóveis e investimentos. Isso bastava para ele. De início, bastou para Soraia, também. Nem preciso dizer que eles se conheceram e se casaram quando ele já era um cara montado no dinheiro, né? Lógico que ela se casou por interesse. Duvido que algum dia tenha amado meu pai de verdade. Soraia queria a grana e queria status. Mas como dizem por aí, tem coisas que o dinheiro não compra. E isso a deixava cada vez mais louca e obsessiva.

Enfim... Neste dia que eu levei uma surra por ter brincado e me sujado, Soraia fez florescer em mim o ódio por você. Ela disse que eu era lixo e que você era a menina que tinha sido abandonada numa lixeira, mas que era muito melhor do que eu. E ao contrário de você, que tinha sido achada e ganhado uma grande chance e dado valor sendo uma boa menina, eu deveria ter sido deixada numa lixeira e nunca ter sido encontrada por ninguém, pois não merecia. Porque, afinal, eu era uma criança má, rebelde, relaxada e imunda, e que a lixeira era um lugar perfeito para mim.”

Nina faz uma pausa e suas palavras somem. Ela engole com força o nó que certamente estrangula a sua garganta e eu o sinto também, já que enquanto a

ouço contar, consigo me colocar em seu lugar. Consigo visualizar uma criança frágil, desprovida de qualquer amor, e o pior, sendo brutalmente agredida fisicamente e com palavras.

O efeito de saber de tudo isso faz o meu enjoo aumentar. É com um gosto amargo na boca que sussurro:

— Eu sinto muito, Nina.

Ela passa a mão com pressa debaixo dos olhos, secando as lágrimas.

— Você não deve sentir, Valentina. Pois depois disso é que minha crueldade com você tomou as proporções que tomou...

“Na manhã seguinte fui pra escola de estômago vazio, tudo porque Soraia não me deixou comer nada, só que aí me nutri da raiva e foi isso que me deu forças. Então eu apresentei a minha mentirosa redação falando sobre a minha *maravilhosa família*. Quando chegou sua vez e à essa altura eu já te invejava e odiava com todas as minhas forças, você falou da sua família. O sorriso, a verdade de felicidade e de amor estavam em você e aí... amargamente eu disse aquilo que te disse. Eu vi o quanto te machucou. E eu finalmente tinha encontrado seu ponto fraco. A menina perfeita e forte se desfez. E eu usei isso por todos os outros anos que se seguiram. Em cada oportunidade eu te lembrei que você tinha vindo do lixo. Enquanto eu, vivia, na verdade, num lixo de família. Até os 10 anos eu poderia ser considerada inocente nos meus atos, ainda era criança. Mas depois não. Eu sei que era responsável por cada palavra cruel e por toda inveja que sentia de você. Veio a fase que eu queria ser eu, que eu não queria mais ser você. Mas também queria te atingir por que a sua imagem tinha sido meu pior pesadelo durante a infância.

Eu sempre achei Gustavo um menino bonito, aliás, como não achar? E você o tinha. Era seu primo. Era seu. Então eu o queria só para te mostrar que eu era capaz de ter o que você também tinha. Quando vocês deram aquele beijo na festa, senti tanta raiva, mas tanta raiva... No final das contas, você sempre tinha tudo, era melhor em tudo. Exceto força física. Estava enganada. Me apeguei a isso e te desafiei, e aí, Valentina, você com um só dedo me deixou sem respirar direito. Devo confessar, aquilo foi demais. Eu estava urrando de raiva quando vi você dar uma resposta merecida para o Vinicius, chamando-o de merda. Ele era um merda mesmo. E por fim, vi você enfrentar corajosamente o diretor e não baixar sua cabeça em nenhum momento. Você e Gustavo saíram abraçados do meio daquele bando de alunos curiosos e eu soube ali que você era mesmo uma garota espetacular e única. Eu decidi que você tinha ganhado o jogo. Fiquei na minha e quando as aulas acabaram, prometi a mim mesma que ia me libertar dessa concorrência insana.

Fui fazer faculdade e me preocupei ao máximo para não fazer na

mesma que a sua. Algum tempo depois é que soube que você tinha ido embora. Na faculdade, comecei a viver uma nova fase, já não ligava para as loucuras da Soraia e por um tempo me senti feliz e livre. Sem ter que concorrer com você, fui eu mesma. Ao ser eu, compreendi uma coisa: eu não gostava de homens e sim de *mulheres*. Me apaixonei de verdade pela primeira vez. Minha mãe descobriu quando meu pai morreu. Uma coisa levou a outra. O fato de ela não aceitar minha opção sexual e o fato de que a herança foi toda deixada para mim tornou Soraia no diabo pronto para me levar para o inferno. Mais do que ela já tinha feito em todos os anos de minha vida. Nós duas brigamos e foi horrível. Ela me acertou algo na cabeça e desmaiei, quando acordei estava amarrada a uma cama numa clínica psiquiátrica. Aquele lugar era o inferno, um pesadelo, foram meses nele até que consegui fugir.

Gustavo me achou quando eu estava prestes a me matar, atordoada pelo efeito dos remédios, perdida e sozinha. Ele me salvou naquele instante e em todos os outros. Meio estranho dizer, mas eu não tinha ninguém, ninguém mesmo. Gustavo foi tudo. Me ajudou até eu colocar Soraia na cadeia como me prometeu, me ajudou até eu conseguir reaver os direitos da herança. E ao me ajudar se prejudicou com você... Enfim, essa parte da história você conhece bem.

O que eu quero que saiba é que eu serei eternamente grata a Gustavo por ter salvo minha vida em todos os sentidos. E eu serei eternamente grata a você, Valentina, se puder me perdoar pelo mal que já te fiz. Eu quero muito recomeçar. Quero encontrar dentro de mim aquela menina antes de ser tocada pela maldade de Soraia. Quero acreditar que ainda posso ser feliz, que posso ser como sou, que posso amar e ser amada. Mas sinto que só posso fazer isso quando puder receber seu perdão, porque, afinal, tudo começou naquele primeiro dia no jardim de infância com você.”

À essa altura Nina não consegue mais secar as lágrimas que escorrem sem parar de seus olhos e é quando me dou conta do quanto meu rosto está molhado. Eu me senti dentro dessa história da Nina e, bem, na verdade eu faço parte dela. Bem mais do que imaginava.

Estou assustada com tudo, enojada por saber que a própria mãe de Nina foi capaz de fazer tudo isso. E nesse instante agradeço àquela mulher que me abandonou na lixeira. Se não me queria, era o melhor a fazer, ao invés de me criar com desprezo. Eu não suportaria o que Nina suportou.

A falta de afeto a uma criança causa consequências duras e podem até ser irreparáveis. As comparações e assédios psicológicos a transformaram num adulto inseguro, cheio de traumas, problemas e medos.

Alguém que está sempre no ataque é na verdade alguém que está sempre na defesa. Nina esteve sempre na defesa, uma vítima de um

comportamento hostil conferido a ela pela mulher que deveria lhe dar amor.

Tudo se explica. A falta de amor a fez assim.

— Que tal recomeçarmos, então? — proponho. — Lá do início. Imagine que estamos sentadas, uma do lado da outra, em nosso primeiro dia de aula no jardim de infância. O que me diria?

Nina repuxa o canto dos lábios, num sorriso que se assemelha ao de uma garotinha tímida.

— Oi, meu nome é Nina, e o seu?

— Valentina.

Sorrio.

— Sabe, Valentina, eu não tenho muitas amigas. Na verdade, nenhuma. Então, será que você quer ser minha amiga?

— Eu vou adorar ser sua amiga, Nina.

— Obrigada.

Nina solta uma leve risada junto com um soluço do seu choro incessante. Contenho-me para conseguir falar o que desejo.

— Dizem que os verdadeiros amigos são aqueles que estão conosco nos momentos mais difíceis... — A minha voz ganha um tremor e eu começo simplesmente a soluçar, Nina me abraça. — Então, obrigada por estar aqui — concluo, ainda soluçando.

— Shh... vai ficar tudo bem.

Sou embalada pelos braços de Nina até que consigo inspirar fundo e voltar a respirar de maneira compassada e é para ela que confesso:

— Estou com muito medo do que possa acontecer. Gustavo não deveria estar passando por isso. Tento a todo custo ficar forte, ser forte, mas pra ser sincera, estou prevendo que a qualquer instante vou acabar caindo...

— Estou te segurando, Valentina. Estou te segurando.

— ... porque eu não posso imaginar a minha vida sem ele.

— Não fala isso, não. Isso não vai acontecer. Gustavo vai sair dessa. Tenho certeza que vai. Há uma força poderosa dentro daquele cara que se chama “amor”. O amor que ele sente por você o manterá vivo.

Afundo um pouco mais nos braços de Nina e parece que estou voltando a instantes antes, pois sinto dedos delicados passando por minhas costas. Como antes, reconheço. Só que não são de Alice, são de minha mãe.

Ergo-me, mirando o seu rosto. O sorriso doce, o olhar sábio, me entregam sua compreensão e sua força. De repente aquele corredor começa a ser tomado pelas pessoas que fazem parte da nossa família, aqueles de laços sanguíneos, mas também aqueles de laços feitos estritamente pelo amor. Os amigos. Os verdadeiros amigos.

A porta do centro cirúrgico se abre e então acontece... começamos a dar as mãos.

Ninguém vai cair. E pela força transformadora do amor os recomeços acontecem, eu não temo. Sei que Gustavo terá o dele. Sei que teremos o nosso recomeço.

E enquanto tivermos isso, o nosso amor, seremos capazes de fazer nossos próprios recomeços quando eles forem necessários.

— Gustavo está estável — papai comunica. Ao seu lado estão dois outros médicos, além de tio Derek. Os quatro se entreolham, e quando a atenção de papai está em nós outra vez, ele acrescenta: — Mas...

— Pelo amor de Deus, Leo. Mas o quê?! — tia Melissa inquire, nervosa, no breve instante em que papai inspira o ar.

É notável que o autocontrole dela está por um fio. Não estou diferente.

— Mas infelizmente a situação do rim não é a melhor — ele conclui, condoído. — O doutor Raul é urologista e doutor César é nefrologista, ambos poderão explicar em detalhes.

A voz do meu pai sai mais fraca do que ele certamente gostaria. Mas como evitar? Afinal, acontece com ele também. Mesmo todos os anos como médico não lhe dão a imunidade de *não sentir* o peso desse momento, principalmente quando o paciente é alguém que ele tanto ama. Papai pressiona a mão em cima da boca, tio Derek toca em seu ombro, dando-lhe apoio, e o doutor Raul e César dão um passo à frente, tomando a responsabilidade de nos passar as informações.

Meu coração começa a bater acelerado em expectativa e reúno o que ainda tenho de calma para assimilar o que eles têm a dizer.

— Nós conseguimos estabilizar Gustavo — o urologista começa. — Contudo, a piora súbita do rim, mesmo com o procedimento realizado, não foi capaz de reverter. O breve tempo em que ele ficou sem a circulação de sangue comprometeu as funções e agora o rim de Gustavo está com apenas 10% da função inicial e isso não dá a ele a capacidade de realizar o trabalho de filtragem do sangue, absorvendo o que é importante para o organismo e excretando o que não é. Assim, todo o metabolismo fica comprometido. E por isso Gustavo terá de iniciar de imediato uma terapia substitutiva. Diálise é o indicado.

— Por quanto tempo? — tia Melissa interrompe. — Até que o rim volte a funcionar em sua totalidade?

— O caso não é reversível. — Agora quem responde é o nefrologista. — A diálise é uma terapia útil e assume o trabalho que o rim tem que desempenhar. Mas para uma melhor qualidade de vida e até sobrevida do paciente, o indicado é um transplante renal.

— Gustavo precisa de um rim novo — murmuro, alto o suficiente para que o médico ouça.

— Exato — ele confirma. — Como Gustavo perdeu o rim, não por uma doença sistêmica, mas sim por um acidente, isso o torna um receptor em potencial. Ainda assim a fila de espera é longa. Ou, temos a opção de um doador vivo.

— Qualquer pessoa pode doar? — Matheus questiona, surpreendendo-nos. — Digo qualquer pessoa que seja compatível. Um amigo, por exemplo?

O médico nefrologista, cuja especialidade é o funcionamento dos rins, continua a explicar:

— A legislação vigente no país determina que sejam parentes próximos ou cônjuge. Em casos de doadores fora da família, precisa de uma autorização judicial. Isso assegura as questões de venda e tráfico de órgãos.

— Entendi. Obrigado, doutor. Quero fazer os testes de compatibilidade — avisa. Sua voz é firme assim como a forma que ele seca uma lágrima com o dorso da mão. Matheus é um amigo e tanto.

— Ótimo. Quanto mais opções de doadores, para o Gustavo é ótimo — o médico observa. — Contudo, primeiro tentamos na família, já que quanto mais compatibilidade, menos chance de rejeição do órgão transplantado. E eu acredito que haverá mais pessoas disponíveis na família, inclusive a mãe.

— Claro que sim! — tia Melissa brada. — Pelo amor de Deus, eu doo o meu rim, meu coração. DOU a minha própria vida por ele! — Bate a mão sobre o peito. O desespero está presente em sua voz. — Eu só quero que meu filho viva. E viva bem. Que tenha a chance de realizar seus sonhos e ser feliz.

As lágrimas caem sem cerimônia e antes mesmo que ela própria caia, papai lhe segura.

— Calma... — Ele a aninha em seu peito. — Calma, Mel.

Seu choro abafado ecoa no corredor da clínica e como ninguém consegue ficar resistente às emoções da situação. Mais choros se misturam com o de tia Melissa.

Tudo isso dói de uma maneira absurda. Começo a inspirar e expirar somente pelo nariz. Levo as mãos até a cabeça e meus dedos se enfiam entre os fios, agarrando-os com força. Fecho os olhos e um filme começa a passar em minha mente. Só que é como se o botão de avançar as cenas estivesse acionado e então assisto Gustavo e eu sendo colocados lado a lado no mesmo berço — ali nosso destino estava sendo selado —, crescendo juntos. Brincando, correndo entre os arbustos do labirinto, as travessuras de criança. A nossa amizade, cumplicidade, o cuidado de Gustavo comigo. *Proteção*. Vejo-o sentado ao meu lado no dia em que chorei por Nina ter me dito que eu era um lixo e neste dia

fizemos a nossa primeira promessa de *inseparáveis*.

Nossa adolescência, as risadas, os inúmeros filmes que assistimos, os bons momentos das férias... O despertar da nossa paixão, o medo que isso causou até que o primeiro beijo foi dado e aí veio certeza de que Gustavo é o meu único e grande amor. *Inseparáveis e únicos*, esta foi a nossa segunda promessa.

Houve a nossa primeira briga. O sofrimento da saudade, o temor de não conseguir encontrar um caminho de volta para o nosso amor. O perdão. O recomeço, a entrega. Nossa primeira vez, o eclipse lunar, o labirinto, o corpo de Gustavo se movendo sobre o meu. A dor do rompimento da virgindade e em seguida o prazer de ser amada por ele da forma mais linda e sublime. Entregamo-nos de corpo, alma e coração.

A dolorosa despedida na última noite em que fizemos amor. A separação física e depois a separação de nossos corações quando o muro foi erguido por Gustavo para a sua própria proteção. A decepção diante da constatação de que a promessa que éramos inseparáveis e únicos um para o outro havia se quebrado quando eu soube do relacionamento dele com a Nina.

O sofrimento pela morte de tio Luís, nosso reencontro. A comprovação de que Gustavo ainda me amava. A verdade sobre Nina e ele, e de que Gustavo não havia quebrado nossa promessa. Ainda era só meu, apesar disso, o peso que senti por ter de lidar com o tal namoro falso. O seu grito me chamando no aeroporto e esta foi para mim a despedida mais dolorida de todas.

Os pesadelos, a angústia. A clareza de que eu não poderia viver afastada do nosso amor. Uma nova chance. O entendimento e a aproximação que se deu por mensagens e chamadas de vídeos. A distância física ainda presente, mas nossos corações outra vez estavam juntos. E eis que surge Malaika e o sentimento que explodiu dentro de mim por ela, fazendo-me saber que a menininha do sorriso marcante que encontrei na África é minha filha e junto disso Gustavo sendo de imediato tomado pelo mesmo sentimento. Malaika é nossa filha, nosso anjo.

O vislumbre do início de nossa própria família. Outro recomeço. Desta vez interrompido estupidamente por um acidente. A aflição de chegar aqui e segurar a mão de Gustavo, dizendo a ele que eu nunca mais o deixaria. Nosso beijo cessado pelo som alto dos bips. Eu sendo tirada do quarto e morrendo de medo ao ver Gustavo sendo levado às pressas para o centro cirúrgico, o medo de perdê-lo.

A agonia da espera por notícias, até que elas vieram. Gustavo precisa de um transplante de rim e como tia Melissa disse: para viver bem, ser feliz, realizar seus sonhos. E agora eu acrescento: para que possamos viver a plenitude

do nosso amor.

Uma nova chance, um recomeço.

Gustavo precisa de um novo rim, um doador. Um doador tem que ser compatível.

O filme acaba. E aqui o botão de retroceder ativado até o dia da morte de tio Luís, o momento em que estávamos conversando no labirinto.

A cena congela exatamente neste ponto:

— *Não é incrível isso?* — Ele pegou em minhas mãos.

— *O quê? O fato de doar sangue ou achar a veia perfeita?* — Sorri.

— *O fato de que até nosso tipo sanguíneo é o mesmo.*

Gustavo também sorriu e não só com os lábios, mas também com o seu olhar.

— *Ainda mais que “O” negativo é o tipo sanguíneo de apenas 9% da população brasileira e em contraponto o único que pode ser usado em qualquer pessoa, tornando-se assim o tipo de sangue mais desejado nos hospitais. E isso faz de nós dois, doadores universais. É incrível sim* — concluiu, confirmando por fim.

— Gustavo tem sangue “O” negativo! — Me vejo dizendo em voz alta. Abro os olhos, verifico que todos os pares de olhos estão em mim.

— Sim — o médico urologista confirma. — Pessoas com esse tipo de sangue são doadores universais, porém...

— Só podem receber doações de pessoas do tipo sanguíneo também “O” — completo.

— Exato. — Ele inclina a cabeça, me observando.

Com um sorriso eu digo:

— Eu sou “O” negativo.

— Mesmo?

— Mesmo.

O outro médico, doutor César, o nefrologista, se aproxima de mim.

— Possuir a compatibilidade sanguínea é primordial — informa. — Ainda precisaremos fazer outros testes de compatibilidade e também averiguar a sua condição de saúde, uma extensa verificação geral deverá ser feita. Enfim, no caso de Gustavo, começaremos a investigar todos os membros da família disponíveis e dispostos a doar. Entretanto, diante da tipagem sanguínea dele e sua, que veja bem, não é mais comum, podemos lhe considerar uma doadora em potencial.

— Isso é uma feliz coincidência — o outro médico fala.

Seguro a mão junto ao peito e tia Melissa ergue a cabeça que estava deitada no peito do meu pai.

— Talvez não seja *apenas* uma feliz coincidência — ela comenta, cheia de esperança.

Mamãe passa os braços ao redor da minha cintura e depositando um beijo em meu rosto, diz:

— Os caminhos que se cruzam nunca são em vão.

— Depois do que aconteceu comigo, com Malu e com você, filha, eu não duvido das tais forças do universo que trabalham para que determinadas pessoas cruzem o caminho uma da outra — papai conclui.

As expressões nos rostos se suavizam. É a esperança tomando o seu lugar no pensamento e no coração de cada pessoa que está aqui, cada pessoa que ama Gustavo.

O amor nos mantém unidos e a esperança... Bom, ela nos mantém a lutar. Por isso, jamais, em hipótese, alguma devemos perdê-la.



Valentina

Estar à espera de algo nos coloca em um estado de expectativa. É assim que estou. O dia anterior foi de grandes expectativas e hoje é outro dia que tenho esse sentimento lado a lado comigo.

Ontem mesmo, depois de toda a constatação da situação de Gustavo, fui submetida aos exames — uma porção deles. Uma minuciosa avaliação médica é necessária ser feita.

Doadores vivos devem possuir entre 21 e 70 anos, nestes casos com uma condição de saúde perfeita. Não obstante a estes requisitos, há o principal, que no caso de Gustavo, por possuir o tipo sanguíneo “O” negativo, só pode receber doação de pessoas desse mesmo tipo sanguíneo. Assim, considerando que o meu é o único compatível com o dele, os demais que se propuseram a fazer os testes foram “descartados”. Tia Melissa mesmo não possuindo o mesmo tipo sanguíneo, fez alguns exames, mas estes a pedido do tio Derek, que julgou importante conferir a saúde dela. Enfim, o médico não errou em querer verificar. Tia Melissa está com anemia e caso ela fosse “O” negativo, não poderia doar. Quando é mencionado que o propenso doador deve estar em perfeita condição de saúde, não é exagero.

Por fim, as expectativas ficaram sobre mim e aos demais exames de compatibilidade que fiz, cujo resultado saberei agora. Os biomédicos do

laboratório da clínica receberam a missão de entregar esses resultados em um prazo menor do que a média estabelecida. O que costuma levar dois dias para ficar pronto, levou menos de 24 horas.

Papai está determinado em fazer aquilo que prometeu ao tio Luís — cuidar de sua família. Tia Melissa e Gustavo são responsabilidades dele e considerando a questão da clínica, os profissionais estão cientes de que se o melhor é oferecido aos demais pacientes, para Gustavo deve ser oferecido o excepcional.

Aceno para tia Melissa e fecho a porta do quarto de UTI onde está Gustavo. Ela e eu nos mantemos como verdadeiras sentinelas. E só estou saindo do lado dele porque os médicos solicitaram que eu fosse conversar e acompanhar os resultados em uma sala distinta. No entanto, não me afastei deste quarto desde ontem, quando Gustavo foi trazido para cá. Os médicos acharam por bem mantê-lo em uma leve sedação. Houve alguns momentos em que ele acordou, mas logo voltou a dormir. E por isso, ainda não sabe de tudo que está acontecendo. Desejo que quando Gustavo tomar ciência de tudo, possamos dar a ele a boa notícia de que tem uma doadora. As sessões de diálise já iniciaram, mas logo nada disso será preciso.

Encontro a porta da sala de reunião entreaberta e pelo visto só estavam esperando por mim. Sento-me numa cadeira entre meus pais e a nossa frente estão os doutores Raul e César e um rosto feminino, bem simpático por sinal, que assim que apresentada a mim, fico sabendo que se trata de uma psicóloga. Cumprimento a todos de forma cordial e logo em seguida busco saber o que me interessa.

— Temos todos os resultados? Podemos vê-los agora?

— Filha — mamãe diz. — Antes dos resultados gostaríamos de ter uma conversa com você. — Suas palavras saem delicadas.

Ainda assim, franzo a testa sem compreender ao certo aonde querem chegar. Papai nota meu estado questionador e acrescenta:

— É necessário um esclarecimento na questão prática de um possível transplante e nas consequências a você. Para isso os doutores lhe explicarão tudo. E também envolve a questão emocional, por isso que a doutora Leda está aqui.

— É sério? Nós precisamos mesmo disso? — Dou um sorrisinho. Confesso que impaciente. — Mãe, pai, vocês sabem que se eu for compatível não há nada que irá me fazer voltar atrás da decisão de doar.

— Querida... — Papai me transfere uma expressão compreensiva. —

Não passou pela minha cabeça que você voltaria atrás de sua decisão, só que é necessário e de praxe. A clínica precisa relatar tudo isso no processo de doação. Toda a documentação é remetida ao órgão nacional regulador de transplantes — explica.

— Ok. Compreendo. Mas que tal fazermos isso depois da análise dos resultados? Se eu não for compatível estaremos aqui perdendo tempo, sendo que poderíamos estar em busca de um outro doador — elucidado.

Ninguém contrapõe, apenas me observam. Eu os avalio por alguns segundos. Minha mãe baixa a cabeça, evitando encontrar meu olhar.

— Vocês já sabem o resultado, não é? — Meu coração se agita no peito e a adrenalina começa a percorrer minha corrente sanguínea. — Eu sou compatível! — declaro, encarando-os.

— Perspicaz igual a mãe — papai solta sem esconder o sorriso.

— Eu sou compatível — repito.

— Eu falei que ela ia desconfiar — mamãe acrescenta, dando de ombros.

— Meus Deus! Eu. Sou. Compatível — declaro uma vez mais.

Algo dentro de mim me dizia que sim, que esse resultado daria "compatível". Mas entre *algo que diz* e *um exame que comprova*, é outra coisa.

Meus pais me abraçam e sinceramente eu não sei se estamos sorrindo ou chorando, acho que os dois ao mesmo tempo.

— Valentina? — um dos médicos chama.

— Sim.

Atendo-o, enxugando o rosto que continua com os músculos estendidos pelo sorriso que não abandona os meus lábios.

— Para que o transplante tenha sucesso é necessário que a compatibilidade entre células, tecidos e órgãos de doador e receptor tenham compatibilidade, isso é o que chamamos de histocompatibilidade — doutor César explica.

— Certo.

Inclino a cabeça, mirando o médico de uns 50 anos de idade e uma nítida experiência no que faz.

— Surpreendentemente, o grau de histocompatibilidade entre você e Gustavo foi altíssimo. Foi feita a análise genética molecular dos genes de vocês e a comparação teve um resultado ótimo.

— Graças a Deus — sussurro.

Os dois médicos estão admirados com os resultados e doutor César continua a me passar os detalhes.

— Depois fizemos a prova cruzada que é um exame realizado para detectar a presença de anticorpos pré-formados contra os antígenos do doador. Simplificando, é feito uma simulação do transplante in vitro. Onde pegamos um complexo de células do receptor e do doador, colocamos em contato, então analisamos como o sistema imunológico do receptor vai se portar com a presença de corpos estranhos advindos do doador. Não houve uma resposta contra os corpos estranhos. Não houve um ataque do sistema imune. Ou seja, tivemos uma prova cruzada negativa. E assim não temos riscos de rejeição do órgão. Entende?

— Perfeitamente — afirmo. — Agora qual o próximo passo para o transplante?

Doutor César sinaliza para que doutor Raul prossiga com a explicação, este médico é um pouco mais jovem. E é notável que são dois excelentes profissionais. Enquanto o primeiro é aquele que estuda e trata as funções e as doenças dos rins, o segundo tem a especialidade cirúrgica que lida com o trato geniturinário. Os dois profissionais precisam trabalhar em harmonia, um diagnosticando os problemas dos rins, indicando tratamentos, e outro dentro do centro cirúrgico, “colocando a mão na massa” para solucionar esses problemas.

— Diante dos resultados: grupo sanguíneo compatível, prova cruzada negativa, semelhança molecular compatível, contra-indicações de ordem física foram descartadas. Sua saúde está perfeita. Por toda aquela bateria de exames que passou ontem, os resultados foram excelentes. Você pode doar sem prejuízos para a sua saúde. Deixará de possuir um dos seus rins e poderá viver normalmente. Só que essa é uma decisão sem volta. E por isso, precisamos falar da ordem emocional.

Doutor Raul toca o braço da médica ao seu lado, passando a bola para doutora Leda, a psicóloga.

— Veja bem, Valentina...

— Doutora — interrompo. — Desculpe, mas, por favor, me deixe dizer sobre a *minha* ordem emocional.

— Fique à vontade. Será bom lhe ouvir.

— Obrigada. A ordem emocional é que Gustavo é meu primo, melhor amigo, e também o amor da minha vida. Eu tenho dois rins perfeitos, tenho toda a compatibilidade possível para doar um a ele. Eu quero e vou doar...

“Por que eu o amo? Com certeza. Por que eu quero que ele fique bem?

Por que eu quero que Gustavo viva desfrutando de uma vida normal, dentro das pequenas limitações de um transplantado? Sim. E isso é bem melhor do que ter de vê-lo passar o resto dos anos atrelado a sessões de hemodiálise.

Como o doutor Raul disse, é uma decisão sem volta. Estou consciente disso e consciente de que é tudo o que mais quero fazer. Portanto, por favor, coloquem no relatório que o meu desejo em doar, é sim, por eu amar o receptor. Mas não se trata de um amor desesperado ou superficial tomado por um invólucro de uma daquelas paixões arrebatadoras e passageiras, sabe? Somos apaixonados, sem dúvida. Só que antes de eu me apaixonar por Gustavo, eu o amei.

Minha atitude em doar o rim a ele não se limita *apenas* a incrível necessidade de que preciso dele vivo já que eu o amo e que sem Gustavo minha vida ficaria sem sentido, sem cores. Mas sim, e, *principalmente*, porque eu quero que Gustavo viva para ele simplesmente poder *viver... por ele e para ele*. E há também lá embaixo, sentado ao lado dele, uma mãe controlando o seu próprio desespero por imaginar perder o filho. Sou sincera em dizer que eu sei o que minha tia está sentindo, pois eu deixei na África a minha filha e estou aqui morrendo de medo de perdê-la.

Essa é sem dúvida a mais importante decisão da minha vida, que eu faço com plena segurança de quem já recebeu o ato mais lindo de doação e de amor por esses dois seres humanos que estão aqui ao meu lado. Eles me deram amor, me ensinaram valores, e eu quero também poder dar o meu ato de amor a Gustavo. Por ele, pela mãe dele, por mim e pela nossa família. Ficou clara a minha ordem emocional? É o bastante para o relatório? Ou, caso a doutora queira me dizer qualquer coisa, tudo bem, estou disposta a ouvir agora.”

— Valentina, isso é o suficiente. Obrigada. — A psicóloga me oferece um sorriso compreensivo.

Percebo que ao meu lado meus pais estão emocionados, aproveito para dizer o quanto eu os amo e garantir a eles de que eu realmente estou bem em fazer o que estou fazendo.

Agradeço ainda aos médicos e toda a atenção dispensada.

— Nos resta agora programar as cirurgias, preparar as duas equipes cirúrgicas, garantir que a nossa reserva de sangue “O” negativo seja o suficiente. Já que teremos dois pacientes deste tipo sanguíneo e durante a cirurgia precisaremos o bastante para ambos — doutor Raul informa.

— E quando será? — indago.

— Gustavo está em um quadro estável e isso é bom para a cirurgia.

Vamos atualizar alguns exames do pré-operatório, garantindo em trazer o estado metabólico do organismo dele ao nível mais próximo possível da normalidade. Conversar com ele também será muito importante. Com tudo isso, ok. Estimo que em breve poderemos realizar a cirurgia.

— Ótimo. — Suspiro.

Sorrio, encontrando o sorriso de mamãe. Papai esfrega a mão no queixo e encara os médicos.

— Doutores — fala. — Não preciso mencionar que são minha filha e meu sobrinho e que...

A voz cessa e seus olhos se apertam.

— Doutor Leonardo, eles estarão em boas mãos, pode ficar tranquilo — o médico responsável pela cirurgia diz. — Tudo será muito bem pensado antes, as equipes trabalharão em perfeita sincronia. No instante em que estaremos tirando o rim de Valentina, Gustavo estará sendo preparado para recebê-lo. Faremos uma incrível transplantação renal e redobramos todo o cuidado para que ambos os pacientes sintam os menores efeitos dessa cirurgia. Em pouco tempo, a vida deles, a vida da família de vocês, voltará ao normal.

— Obrigado. Eu confio no trabalho de vocês.

— Confiamos — mamãe acrescenta.

É isso... expectativa. Ela continua.

No percurso de volta para o quarto, sinto o meu celular vibrar, retiro-o do bolso de trás do meu jeans e vejo uma notificação de Fátima. São várias fotos de Malaika. O sorriso dela em todas as imagens faz o meu coração derreter e me alegro ao perceber que ela está bem. Há também uma mensagem de voz, clico para ouvir, e assim que o som da voz doce e infantil de Malaika cantando a canção que me levou até ela vai sendo assimilado pelo meu cérebro, meu coração ganha uma batida acelerada, cheio de saudade, esperança e... expectativa. Tudo isso tem que passar para que possamos trazer Malaika para junto de nós.

Aciono a gravação de mensagem por voz, controlo a emoção e digo:

— Anjo, eu te amo anjo. Em breve estaremos juntos. Eu, você e papai. Aguenta firme. Beijinhos.

Envio a mensagem, devolvo o celular ao bolso e abro a porta do quarto, de imediato ouço tia Melissa falando e tão grande é a minha surpresa ao perceber que é com Gustavo e que ele a responde.

Lavo as mãos e sigo pelo curto corredor. Tia Melissa está de costas e

não percebe minha presença, mas Gustavo sim e quando ele desvia o olhar para além dela, seu corpo se move, virando-se. Seu olhar está tomado de *expectativa*. Ela sabia que eu tinha ido saber do resultado. Não falo nada, apenas faço que sim com a cabeça, com meu olhar, com meu sorriso, com a lágrima que escorre, então tia Melissa avança até mim e me abraça. Ouço o seu chorar baixinho e também o seu sorrir.

— Obrigada — sussurra em meu ouvido. — Obrigada.

— Não tem que me agradecer, tia.

Ela direciona o seu rosto para a frente do meu.

— Você é o anjo dele.

— E ele é o amor da minha vida.

Tia Melissa assente, apertando minhas mãos, depois nos viramos para o Gustavo, que nos observa.

— Que merda está acontecendo, afinal? — questiona, franzindo o cenho.

Nós duas talvez deveríamos nos preocupar com seu tom mal-humorado, mas ao invés disso começamos a rir.

— Amo essa testa franzida dele — digo, encarando Gustavo.

— Eu também — tia Melissa arremata.

Encerro a distância entre Gustavo e eu, envolvendo sua mão com a minha.

— Trovão... trovão. — Semicerro os olhos.

Ele inclina a cabeça, esboçando um leve sorriso.

— Moranguinho... moranguinho.

Gustavo sobe os dedos até meu antebraço e me puxa para junto de seu peito, apanho o celular e dou play. Ao ouvir Malaika cantando, percebo o coração de Gustavo começar a bater mais forte, assim como sinto seu inspirar fundo.

— Vai ficar tudo bem — sussurro. — Nós iremos conseguir.



Os médicos acabaram de conversar com Gustavo e foi repassado a ele tudo o que aconteceu, ponto por ponto até chegar na parte do transplante. Durante o tempo em que os ouviu, Gustavo não falou nada, isso não chegou a

me preocupar, considere ser uma reação diante do baque das informações. Só que não estava preparada para seu silêncio quando soubesse que eu sou a doadora. E, bom... há uns dez — intermináveis — minutos ele soube que é de mim que receberá um novo rim e não disse *nada*, apenas se manteve com o olhar baixo, encarando algum ponto nos pés da cama.

Nervosa, mordisco a pele do canto do meu dedo polegar, do indicador, volto ao polegar... até que ele pigarreja e finalmente diz alguma coisa.

— Eu posso falar a sós com a Valentina? — O pedido sai mais como um resmungo do que qualquer outra coisa.

— Claro — doutor César responde.

— E qualquer dúvida que surja, estaremos prontos para saná-las — doutor Raul acrescenta. Ao seu lado está tia Melissa. Noto que a apreensão encontrou um espaço nela, assim como em mim. E o fato de ela não se mover impulsiona doutor Raul a pousar gentilmente a mão na base de sua coluna, incentivando-a a sair do lugar. Ela esfrega as mãos nos braços e ao passar por mim, ergue as sobancelhas, compartilhando comigo que não está entendendo a reação de Gustavo. Ofereço-lhe um sorriso tranquilizador. Tento, pelo menos. Pois estou certa de que tranquila é algo que eu não estou.

— Ele só está digerindo — mamãe cochicha em meu ouvido. A mão dela desliza pelo meu cabelo e eu balanço a cabeça de leve, concordando.

Talvez seja isso, no entanto, não consigo conter minha apreensão. Papai beija a minha testa e por fim Gustavo e eu ficamos sozinhos.

Puxo a poltrona para perto da cama e me sento, esperando que ele comece. Ainda sem olhar para mim, diz:

— Você não precisa fazer isso.

— Gustavo — repreendo-o.

Ele me olha.

— É sério, Valentina. Você não precisa.

— Mas eu quero — contraponho.

— Isso é inconcebível. — Bufa. — Você está perfeitamente bem de saúde e vai se submeter a uma cirurgia por minha causa. Vai tirar um órgão do seu corpo, por minha causa.

— Um órgão do qual tenho dois — argumento.

Meus olhos começam a arder.

— E ficará só com um. E se um dia... que isso não aconteça... mas e se um dia precisar dele, não terá. Tudo porque... — Ele trinca o maxilar. — Enfim...

Eu não quero que faça isso.

Seus lábios viram um linha dura.

— Está falando besteira. E perdendo tempo com isso, pois já tomei a minha decisão. Eu vou doar o rim e ponto final.

Cruzo os braços sobre o peito e Gustavo me fita, enrugando a testa, com uma expressão sisuda.

— Não vai — contra argumenta, passando os dedos pelo rosto. — Não é que eu esteja sendo ingrato, ou coisa do tipo. Ao contrário, sou grato por você se dispor a doar. Mas não quero. Não posso aceitar que faça isso... Merda, Valentina! — explode, subindo o tom de voz. — Já basta que eu esteja passando por essa porcaria toda. Não quero que corra qualquer risco por minha causa. Isso não tem cabimento!

— Merda, Gustavo! — imito-o, inclusive no subir de tom de voz. — Eu sou muito bem capaz de viver o resto da minha vida com um só rim. O que eu não sou capaz é de viver sabendo que você está numa situação dessas. Posso ficar sem um rim, mas o que eu não posso é ficar sem você. Será que entende isso?

Levanto-me da cadeira, encarando-o, sua testa continua franzida, porém, agora abandonou o ar duro e assumiu uma expressão dolorosa e triste.

— Valentina... — murmura, buscando pela minha mão. Quando ele a pega, pressiono meus lábios e engulo com força a saliva, jogando para baixo a emoção que possa me impedir de falar.

— Entende que precisamos realizar nossos planos, que precisamos adotar Malaika, que precisamos dar irmãozinhos a ela. E que eu quero te ver chegar em casa no final de tarde, desfazer o nó da sua gravata, perguntar como foi seu dia no trabalho, contar como foi o meu. Te beijar, te abraçar, me sentir amada e segura em seus braços. Entende que eu quero ter uma vida plena ao seu lado. Com desafios, lógico, porque eles nunca deixarão de existir. Mas se tivermos um ao outro conseguiremos superar cada um deles. Só precisamos estar juntos. Então, será que você pode, *por favor*, entender que eu te amo e que quero passar cada um dos meus dias desfrutando do nosso amor. Temos tanta coisa ainda pela frente, uma vida inteira. Não tire isso de nós. Por favor, não tire isso de nós. — Minha voz falha na última frase.

— Eu entendo, meu amor. Eu entendo. Tudo que você disse é *tudo* o que mais quero. Só que nunca me perdoaria em prejudicar você em algo, sua saúde.

Gustavo meneia a cabeça e seus olhos ficam marejados.

— Não pense dessa forma. Você nunca irá me prejudicar. — Acaricio o seu rosto. — Você ouviu o médico falar do resultado de compatibilidade? Caramba, isso é bem fora do comum de acontecer. Era para ser assim, Gustavo.

— Você já me deu tanto, Valentina. Me deu seu amor, sua luz...

— O que é amar, senão, se doar. Você fez isso comigo durante todos esses anos. Se doou a cuidar de mim, proteger, a me amar.

Abaixo meu rosto ante ao dele.

— Quero poder continuar a fazer isso — declara, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Temos a chance — alego.

Ele concorda com a cabeça no momento em que uma lágrima desce por seu rosto.

— Eu nasci pra te amar — diz.

— E eu a você.

Gustavo pressiona a minha nuca e me faz ceder até que minha testa esteja em seus lábios.

— Obrigado — declara, emocionado. — Muito obrigado.

Sua barba por fazer roça a minha pele à medida que ele perpassa o queixo por ela, descendo da testa para a minha bochecha e repete o agradecimento várias vezes.

— Vamos fazer isso, certo?!

Ele assente, beijo seus lábios cálidos, e o toque carinhoso que se dá e o fato de Gustavo se desarmar e aceitar, faz com que eu me acalme.

— Só me faz um favor? Chama o seu pai, eu quero falar com ele.

— Gustavo...

— Não se preocupe. É só algo importante que eu preciso conversar com ele.

— Tá bem.

Inspiro fundo e afasto a minha cabeça de seu peito.

— Eu vou chamá-lo — aviso.

— Obrigado.

Do lado de fora do quarto encontro papai ainda por ali, conversando com tia Melissa e doutor Raul.

— Gustavo ficou um tanto resistente quanto a doação — conto. — Ficou preocupado comigo, mas conversamos e já está tudo bem.

— Graças a Deus. — Tia Melissa solta o ar densamente, como se um peso saísse de suas costas.

— É natural essa reação dele — doutor Raul diz. — A gente sempre quer poupar a pessoa que ama de qualquer risco.

A maneira como o médico fala soa como uma declaração um tanto pessoal, com grande conhecimento de causa. Se for, é o tipo de conhecimento que também tenho.

— Compreendo bem isso. — Encolho os ombros. — Pai, ele quer conversar com você — comunico, por fim.

Papai sustenta sua mão na minha bochecha por alguns segundos e depois de me oferecer uma de suas piscadinhas, acompanhada de um sorriso afável, ele volta até o quarto.

— Que tal um café ou suco? Acho que vocês duas estão precisando — doutor Raul sugere de forma calorosa.

— Obrigada, doutor. Vou ficar, mas tia, fique à vontade se quiser ir.

— Sua mãe teve que ir resolver um problema, não vou deixar você sozinha.

— Imagina, estou bem — asseguro.

— Não demoro. — Ela me abraça e se vai, acompanhada do médico.

Quando os dois entram no elevador, acontece comigo o que eu não esperava, no entanto, acontece.

Fortaleza também desmorona.

Meu corpo escorrega lentamente pela parede e as lágrimas que segurei na frente de Gustavo, deixo que caiam.

Agarro os joelhos contra meu peito e choro. Não é um choro de desespero, é um choro que libera toda a tensão. Um choro necessário, que quando abranda me sinto mais leve. E leve também é o toque que sinto em meu braço. Ergo a cabeça e vejo Gaetano. Ele se senta ao meu lado, sem dizer ou questionar nada. Meu irmão apenas passa o braço por cima do meu ombro e me puxa para o seu peito, deslizando suavemente a mão pelo meu cabelo, então faz surgir diante dos meus olhos turvos de lágrimas, um bombom.

— Achei que você estava precisando.

— Acertou. — Sorrio, tomando o chocolate de suas mãos.

Na primeira mordida, sinto a satisfação que o doce geralmente causa em meu organismo, mas a calma que passo a sentir não é só dele, e sim desse confortável abraço que Gaetano continua a me dar.



Valentina

Três dias se passaram. Esse foi o prazo necessário para que Gustavo estivesse numa situação de segurança para realizar a cirurgia, e quanto a mim, ontem passei de acompanhante de paciente, à paciente. Eu poderia passar muitos outros dias dormindo no sofá, dividindo ele com tia Melissa, até porque foi providenciado um bem confortável, mas agora eu tenho uma cama e nos fizeram a gentileza de deixar Gustavo e eu juntos. Acho que desconfiaram que era isso o melhor a fazer, ou me pegariam fugindo do meu próprio quarto para ir até o dele.

Nossa família fez esses dias passarem de maneira leve. As visitas foram constantes, Alice e Matheus se encarregaram de nos trazer o humor deles e isso foi ótimo; Gaetano, com sua calma e suas palavras sempre positivas e de incentivo, foi primordial; os amigos verdadeiros tiveram o papel de demonstrar que, não importa a situação, eles estarão sempre ao nosso lado; as chamadas de vídeo que fizemos nesses dias com Malaika foi a determinação maior para superar isso tudo; o carinho de nossos pais foi segurança; e até a amizade feita com toda a equipe médica tornou a expectativa para o grande dia mais amena.

Nesse momento, porém, Gustavo e eu fomos deixados sozinhos, mas sei que a qualquer momento alguém vai entrar no quarto e dizer “está na hora”. Enquanto isso não acontece, permanecemos de mãos dadas. Nossas camas

unidas facilita o contato e na verdade eu me aproximo ao máximo do corpo dele, aninho-me em seu peito, sentindo sua respiração morna contra o meu cabelo.

— Nervosa? — pergunta-me.

Ergo o olhar até o dele.

— Ansiosa. E você?

— Nervoso e ansioso — revela.

Como só tenho o soro atrelado ao meu braço, é mais fácil o meu movimento, então ergo um pouco mais o meu corpo e acomodo a cabeça de Gustavo próximo ao meu pescoço, ele inspira fundo.

— Vai dar tudo certo — digo, afagando o seu cabelo.

— Terei algo seu dentro do meu corpo. Você me dará a chance de ter uma vida normal e eu nem sei como poderei agradecer o suficiente por tudo isso.

— Pois eu sei... — Dou uma risadinha e faço de propósito, querendo trazer um clima de diversão para afastar a tensão.

— Essa risadinha foi sugestiva, Valentina.

— Que bom que entendeu.

Sinto o sorriso em seus lábios quando ele beija o meu pescoço. Um beijo bem sugestivo, por sinal, pois sua língua desliza suavemente pela minha pele.

— Eu terei um prazer enorme em lhe agradecer de todas as maneiras e em todos os dias de nossas vidas. — Ele transfere a boca até o meu ouvido. É incontrolável o arrepio que o contato me causa. — E pode ter certeza que te amar e fazer você feliz será o meu maior e principal objetivo — acrescenta, a voz rouca e densa me fazendo estremecer.

Fecho os olhos absorvendo o toque morno de seus lábios por minha bochecha até que alcança o canto da minha boca.

— Eu te amo, Moranguinho — sussurra, tracejando os dedos em minha face até se apossar da minha nuca e junto se apossa também de meus lábios.

Beijamo-nos, entregando o nosso amor e também toda a coragem que queremos dar um ao outro. E é assim que permanecemos até que ouvimos alguém pigarrear e dizer:

— Está na hora. — Doutor Raul nos observa com um sorriso. — Vamos levar Valentina primeiro e em seguida você, Gustavo.

— Tudo bem. Só, por favor, cuidem bem dela.

— Dele também — eu digo em seguida.

— A minha maior missão é cuidar de vocês dois.

Assentimos para o médico com gratidão, e por fim encontro o olhar de Gustavo.

— Nos vemos em algumas horas. — Aperto meus dedos ao redor dos seus.

— Nos vemos em algumas horas — ele confirma.

— Eu te amo, Trovão.

Seu olhar brilha e com um gesto tomado de delicadeza, Gustavo beija minha mão com ternura e declara uma vez mais que me ama.

Outros membros da equipe médica entram no quarto e começam a movimentar minha cama, assim Gustavo e eu soltamos nossas mãos, mas permanecemos conectados pelo olhar e mesmo quando ele não está mais em meu campo de visão eu o sinto conectado a mim, pelo amor que nos liga. Pelo amor que nos ligou muito antes de tudo, antes até de nossos nascimentos.

Gustavo

Quantas vezes mais Valentina e eu seremos levados a nos despedir? Quantas vezes mais eu terei de soltar sua mão e sentir dentro de mim essa porcaria de medo, talvez sem cabimento, e com certeza inoportuno, porém relutante em encontrar seu espaço em meus pensamentos e em meu coração. E principalmente hoje, eu não deveria sentir. Eu não vou sentir medo. Vou acompanhar a força de Valentina e sua incrível capacidade de confiar no melhor. Preciso acreditar que tudo ficará bem... Mas é que eu tenho meus motivos para pensar no contrário e mesmo não querendo, eles pesam.

As minhas perdas, as minhas dores, a forma como eu fui levado aos altos e baixos da minha vida, a forma como *a vida* quis me mostrar da maneira mais dura que eu precisava amadurecer. E quando eu achei que tudo ia dar certo, veio este acidente, jogando por água abaixo o vislumbre de tranquilidade e de alegria que parecia se aproximar. Achei que já havia perdido o suficiente, que a lição já tinha sido dada, e então o destino resolveu que eu tinha que perder dois rins. Não bastou um, teve de ser os dois.

O destino está mesmo gostando dessa brincadeira — de mau gosto. Está gostando de testar meus limites. Só pode ser isso.

Ok, senhor destino, então fique sabendo que a partir de agora eu estou assumindo que tenho meus medos, mas devo lhe dizer também que a minha força vem das minhas lutas. Então eu estou mandando você se ferrar, e nem adianta ficar chateado. Estou no meu direito em fazer isso. Reconheço seus pontos positivos em minha vida, afinal, deve ter sido você que colocou Valentina e eu no mesmo caminho. Só que o *senhor* a todo custo quis nos surpreender e nem sempre eu gostei do que fez. Portanto, nada de gracinhas. Valentina e eu faremos essa cirurgia e tudo — eu disse TUDO — vai transcorrer perfeitamente bem, ok?! Porque você me conhece, eu sou um trovão. Um jovem de pavio curto, mas com um enorme amor.

E aqui me refiro a esse enorme amor que sinto não só por Valentina, mas por toda a minha família, e claro por minha mãe, essa mulher que eu vi guardar toda a sua dor e fraqueza em algum lugar muito afastado para que toda vez que ela me olhasse eu visse nada mais do que sua força e seu amor por mim.

Estamos entendidos, senhor destino? Vai dar tudo certo.

Tenho grandes sonhos, por isso não ouse se intrometer se não for para

ajudar. E falando em ajuda, pai, talvez essa seja a hora que se puder garantir que... você sabe, apenas cuide de nós...

— Filho?

Balanço a cabeça, me atentando para a imagem de minha mãe, e me desfaço dos pensamentos.

— Oi, mãe.

— Estava com o pensamento longe. Essa deve ser a terceira vez que te chamei.

— Desculpe.

— Como está se sentindo?

Ela desliza a mão pela minha testa.

— *Hum...* bem. E você? Não quero que fique nervosa, tá?

— Não se preocupe comigo, estou... bem. Mas confesso que ficarei melhor quando tudo isso acabar.

— Vai ficar tudo bem. E nós vamos superar a isso também — falo com determinação.

Minha mãe morde o lábio inferior e inspira tão fundo que é como se puxasse todo ar possível capaz de guardar nos pulmões, depois beija demoradamente o meu rosto.

— Te amo, meu amor.

— Te amo, mãe.

Fito seu olhar que, como sempre, me oferece seu amor e sua força.



Busco não me apegar em detalhes de todo aparato do centro cirúrgico. Não é algo que me atraia muito, então inspiro fundo e encaro o teto, e ali, olhando fixamente para cima, surge diante dos meus olhos o rosto de tio Leonardo.

Ele ergue as sobrancelhas e mesmo com a máscara cobrindo sua boca, percebo seu sorriso.

— Eu te disse uma porção de coisas quando você estava inconsciente. Estávamos com tempo durante o voo do seu deslocamento para a clínica. A situação agora é diferente, então eu vou direto ao ponto.

— Ok — murmuro.

— Você é um filho da mãe. O meu filho da mãe preferido. — Dou um sorriso. — Eu te amo, todos te amam, e principalmente Valentina te ama, então só aguenta firme. Tudo ficará bem. Ela está no centro cirúrgico ao lado e já está anestesiada. Agora é a sua vez, preparado?

— Tio, aquilo que conversamos...

— Já comecei a providenciar.

— Obrigado. Então, agora estou preparado.

Tio Leonardo apanha minha mão e a segura. Percebo-o sinalizar e então minha boca é coberta por uma máscara. Inspiro fundo o ar que sopra dela, e aos poucos o corpo todo vai amolecendo, a visão vai se fechando, e tudo se apaga.

Tento erguer as pálpebras, elas estão pesadas, a elevo devagar e com demasiada concentração para conseguir. E quando consigo, a intensa claridade me obriga a fechá-las. Insisto outra vez e por fim consigo abrir meus olhos. Pisco algumas vezes, acostumando-me com tamanha luminosidade.

Meu corpo está sobre algo duro, não muito confortável, e me dou conta que estou deitado em um banco de madeira branco.

— Mas que merda é essa?! — brado, confuso.

Sento-me e o que reparo primeiro são em minhas roupas. Estou vestindo um traje social todo de cor branca, sendo que a calça tem até um suspensório. Eu não teria me vestido desta forma. Quem, afinal, colocou essa roupa em mim? Quem quer que seja, poderia ao menos ter acabado o serviço e colocado um par de sapatos.

Uma borboleta branca — a cor branca aqui parece predominar — voa em frente ao meu rosto. Ela plana na ponta do meu nariz como se estivesse achando graça da minha confusão, depois bate as asas e voa para longe. Observo o local, é um jardim com vários jasmims e azaléas, o verde vivo da grama impressiona. Reparo um pouco mais e me dou conta que parece ser o jardim que fica na clínica. Mas como eu vim parar aqui? Eu tinha que estar na... cirurgia.

— Ah... destino, você não fez isso comigo. Fez? Eu não posso estar...

— Morto? — Uma voz feminina sopra atrás de mim.

Congelo, negando-me a virar para trás. Isso está muito estranho.

— Que merda é essa?! — murmuro entredentes.

— Quantas palavras "merdas" você é capaz de dizer? — A mulher ri

ao perguntar e pela minha visão periférica a vejo contornando o banco e se sentando ao meu lado.

É uma senhora de cabelo longo e trançado para o lado. Não a conheço, não faço ideia de quem seja, mas isso não impede que ela me olhe com uma distinta simpatia, como se pelo menos me conhecesse.

— Não. Você não está morto, Gustavo.

Ela disse meu nome?

— Você me conhece? — indago.

— Ah, sim. Conheço.

Com o dedo indicador a senhora toca a ponta do meu nariz, e o toque parece como o da borboleta. Ela me fita com diversão.

— Desculpe... mas desde quando me conhece? Pois eu não me lembro da senhora.

— Eu o conheço desde o seu nascimento. Bom, na verdade até antes dele. Sabia que eu sou muito grata a você por ter aceitado me ajudar.

Ajudar? O que eu fiz a ela?

— Não estou entendendo. — Massageio a têmpora com a ponta dos dedos. — Por que estou aqui? O que eu fiz para ajudar a senhora?

Miro-a, vendo seus lábios grossos se expandirem gradualmente em um amplo sorriso. Ela não me dá resposta alguma, mas então indica para que eu olhe para o lado. Viro o rosto devagar e avisto a silhueta de uma pessoa coberto por luz. À medida que se aproxima eu vou reconhecendo a forma deste corpo translucido.

— Pai?

Atônito, levo a mão à boca e me levanto, observando-o caminhar até mim. A roupa dele também é branca, são de tecidos leves, como de algodão cru, parecem largas e confortáveis ao corpo. A cada passo a imagem fica mais nítida. Não resta dúvida, é ele.

— Filho... — Sua voz se faz, assim como o seu sorriso. Seu olhar encontra o meu e eu estou diante de meu pai.

É um sonho, meu próprio cérebro comunica.

Que seja, argumento em pensamento.

Sendo isto apenas um sonho, me alegro por poder ter uma chance a mais com meu pai. E quando ele coloca a palma da mão em meu peito, o toque tem o poder de me deixar sereno. Ao envolver de seus braços, sinto como se a ternura desse abraço aquecesse os meus poros.

— Pai...

Prolongo esse encontrar de nossos peitos, onde sinto o seu coração bater. A lembrança do dia em que coloquei a mão em seu peito e não senti mais as batidas do seu coração, foi a realidade me alcançando de que ele estava morto, mas agora ao sentir o pulsar do seu coração, tenho-o vivo diante de mim.

Que loucura...

— Você está vivo? Como pode?

Desfazemos o abraço, contudo a mão dele continua em meu peito e ele orienta a minha mão até o seu.

— *Eu vou sempre estar vivo aqui. — Ele pressiona a mão onde meu coração bate. — Eu te disse uma vez que a gente pensa que vai morrer quando perdemos quem amamos. Estava enganado, porque quem amamos nós nunca perdemos. O que acontece é que somos levados a uma separação de corpos, uma separação física, mas nunca há uma separação de almas que se amam. Por isso, eu sempre estarei vivo. Você nunca me perdeu e nunca me perderá, filho.*

— *Eu entendo em partes isso, pai — digo. — Mas é difícil não poder te ver mais, não poder te abraçar...*

— *Você ainda pode me ver nas lembranças que construímos — ele fala com entusiasmo. — Nos momentos em que nos desencontramos em ideias, mas principalmente naqueles que nos reencontramos. Nos momentos em que fui mais que teu pai, mas fui teu amigo. E te digo mais. Ainda poderá me ver.*

— Como?

— *Quando olhar para as pessoas que ama, quando olhar para tua mãe e ver nela um sorriso, saiba que lá eu estarei. Quando olhares para teus filhos, contemplando o imenso amor que só os filhos trazem, tenha a certeza eu estarei lá também. Estarei contigo nas tuas lutas, nas tuas conquistas. Estarei contigo nos dias ruins e nos dias bons. Em todos os momentos eu estarei contigo. Tenho estado em cada nascer do sol, até o brilho do luar. Só tem que me manter vivo em teu coração e em tuas lembranças, e eu estarei contigo. Só que preciso que nutra as lembranças felizes. Chore de saudade se tiver vontade, mas não permita que seja um choro de dor, desespero e tristeza, pois isso me deixa triste e me impede de estar por perto.*

— *Eu tento pensar nas lembranças felizes. Tento não ficar triste. Mas mamãe está triste.*

— *Eu sei. Lamento por essa situação. Tento a todo custo encontrar seus pensamentos, mas a tristeza que Melissa sente, me impede. No entanto, o seu acidente chamou Melissa à realidade. Uma que eu já não faço mais parte,*

mas que ela precisa viver. Uma realidade sem mim é triste. Mas uma realidade onde ela tem você são e salvo, brotará a luz da alegria em seu coração e também a gratidão. E a fé deixada de lado encontrará espaço nos pensamentos de Melissa, e então ela poderá perceber que eu continuo vivo em seu próprio coração e nas lembranças que construímos. Além disso, um anjo em forma de uma menininha foi enviado para fazer Melissa sorrir e toda vez que ela sorrir eu vou me alegrar. Toda vez que Melissa sentir o amor transbordar por Malaika, a dor da minha ausência se dissipará. E eu serei uma feliz lembrança. Uma lembrança capaz de fazê-la me sentir junto dela.

— Eu desejo com todas as forças ver mamãe feliz outra vez. E Malaika, eu sabia que existia algo especial nesse encontro. Eu senti, pai. Foi tão forte — comento.

Meu pai assente. Continuamos a tocar um o peito do outro, o que me dá a sensação de que essas palavras não ficam perdidas no ar, mas são guardadas no coração.

— Tudo está acontecendo exatamente como era para ser, Gustavo. E não temas sobre a Malaika. Tudo já foi preparado muito antes. Malaika é um presente para a nossa família, mas ela é sua e de Valentina e sobretudo um presente pelo ato de bondade que tiveram ao dar o “sim” de vocês. Há uma nobre e justa missão que a nossa família tem a cumprir.

— Missão? Como assim? — questiono franzindo a testa e à minha frente a expressão de meu pai é cada vez mais suave, como se para ele tudo fizessem sentido. Já eu, fico cada vez mais confuso.

— Uma missão onde você e Valentina assumiram o principal compromisso e todos nós somos apenas coadjuvantes — explica.

Na verdade continuo sem entender.

— Você costumava ser mais objetivo — lembro-o. — Era mais fácil de entender suas explicações quando você dizia com todas as letras, não dessa maneira subjetiva.

Papai solta uma risadinha, depois toma uma expressão séria e diz em tom de um valioso conselho:

— Tem coisas que não se explicam ou se tornam objetivas por palavras somente quando são sentidas. Você sentirá. Tenho certeza que quando for a hora, sentirá. Enquanto isso, tudo que eu posso dizer é que um grande amor verdadeiro só encontra o seu caminho de volta através de outros grandes amores verdadeiros. Caminhos que se cruzam, vidas que se entrelaçaram no passado, encontros, desencontros. Pessoas que nascem para se amar e outras

que precisam de uma segunda chance. Então, apenas continue a fazer o que tem feito e estaremos juntos nessa missão.

Não compreendo bem a que missão se refere, mas eu sei de uma que me propus quando ele morreu, e então digo:

— Pai, eu tenho tentado fazer tudo que sempre desejou que eu fizesse. Tenho buscado ser uma pessoa melhor. E também tenho cuidado de mamãe...

— E está conseguindo, filho. Você tem feito um bom trabalho. Me alegro e orgulho por ver tudo que tem realizado. Tenho muito orgulho de você, Gustavo

— Luís, nós precisamos ir — a tal senhora diz, parando ao nosso lado.

— Tudo bem, só preciso dizer uma última coisa a ele.

Ela concorda e outra vez se afasta.

— Gustavo, o amor que uniu a mim e a sua mãe foi o mais lindo e verdadeiro, estaremos sempre unidos. Sei que nosso amor nunca se acabará. Porém, sua mãe ainda é jovem e eu não quero que ela viva sozinha para sempre.

— Eu nunca vou abandoná-la — garanto. — Mamãe tem a nós, a nossa família.

— Sei disso. Mas estou falando em outro sentido. Uma vez Melissa disse ao seu tio Miguel que ninguém deve envelhecer sem ter um corpo quente para dividir a cama nas noites frias. Ela estava certa, a solidão é algo triste. E não combina com ela. Por isso, quando acontecer, quando alguém surgir na vida dela, apoie. Pois nem mesmo Melissa aceitará. No entanto, ela pode e deve permitir ter ao seu lado outro companheiro. Melissa foi tudo em minha vida, fui tudo na vida dela também. Porém, a vida dela vai além da minha... a vida dela continua.

— Mas pai... isso não vai te deixar triste?

— Amar é querer ver o outro feliz, independentemente de onde você estiver. Eu quero Melissa feliz. Isso me deixará feliz. Lembre-se sempre que quando vocês estão felizes, eu também estou.

— Luís...

A mulher volta ao nosso lado, sua expressão agora demonstra que não há mais tempo.

— Eu te amo, pai. Obrigado por tudo. — Apresso-me em dizer e a lhe dar mais um abraço.

— Eu também te amo, filho. Obrigado por ter me escolhido como seu pai. Não esqueça, eu sempre estarei com você.

Sinto por breves segundos seu corpo junto ao meu e então já não o sinto mais. Simplesmente desaparece.

Ao meu lado está a senhora. A força da emoção trava as minhas palavras e outras dúvidas que talvez ela possa tirar, eu não consigo questionar. Sendo assim, deixo-me ser conduzido. A gentil senhora toma-me pela mão, me leva até o banco e me faz deitar sobre ele.

Com o corpo esticado outra vez no banco de madeira, inclino a cabeça para o lado e o rosto da senhora fica diante do meu, nossos olhares se conectam e de repente eu sinto como se nutrisse um enorme afeto por essa desconhecida. Afeto tamanho que sinto sua saudade, que sinto a necessidade de...

— Eu a verei outra vez? — pergunto com urgência.

— Sim. Mas não assim como estou agora.

— Então como saberei que é você?

O dedo dela se estica, e como antes, toca a ponta do meu nariz. O toque é suave como o de uma...

— Borboleta — sussurro.

Ela assente e desliza os dedos pelos meus olhos, os fechando. Sou envolvido pelo sono, antes porém de ser completamente tomado por ele, recordo-me da lição que tomei quando Valentina e eu ficamos separados e fiz uma associação com a borboleta e então menciono:

— Assim como a borboleta, temos que passar por pequenas transformações até chegar o momento de deixar o casulo e nos aventurarmos a voar. A gente precisa arriscar. Machucando ou não, a gente precisa viver.

— Exatamente. Obrigada por me dar a chance de viver. — Ouço-a dizer. O tom de sua voz está baixo e distante, e nada mais sinto além do toque suave dos seus lábios em minha face.

Percebo meus dedos envolvidos por uma delicada mão... Valentina. Acaricio seus dedos e de imediato ela corresponde ao toque, assim retomando a consciência da escuridão que fui envolvido no centro cirúrgico. Abro de maneira preguiçosa os olhos, o ambiente está silencioso e com uma luz amena, como se respeitasse o sono de alguém. Inclino o quanto consigo a cabeça para o lado, avistando a minha Moranguinho. Com ar sonolento ao abrir seus olhos, me oferece um sorriso.

— Oh, meu Deus! Eles acordaram! — Ouço a voz agitada e contida ao

mesmo tempo de minha mãe.

E em seguida ela, tio Leo, tia Malu e vó Luiza aparecem no meu campo de visão.

— Graças a Deus. — Tia Malu suspira.

— Obrigada, Deus. — Vó Luiza leva as mãos ao peito e fita-nos com carinho.

— Ei, crianças! — tio Leo diz.

Os quatro nos encaram com expectativa.

— Ei... — Valentina murmura.

— Oi — falo e estranho minha própria voz, tão rouca. Pigarreio. — E então, como foi? — acrescento com necessidade em saber.

— Foi tudo bem. — Quem responde é o doutor Raul e só agora percebo sua presença. — O transplante foi perfeito. No mesmo instante em que o realizamos, o rim começou a trabalhar. E como os exames apontaram, o seu corpo não apresentou nenhuma rejeição ao órgão.

— Eu sabia que ia dar certo — Valentina confirma, apertando minha mão.

Dou minha atenção a ela, que parece tão enfraquecida.

— Como se sente?

— Bem. Eu estou bem. — A voz dela é um murmúrio baixo.

O médico deve reparar minha súbita preocupação e acrescenta em seguida:

— A cirurgia de vocês dois transcorreu sem surpresas. Apenas Valentina que tivemos que regular um pouco mais o nível sanguíneo do que o esperado. Mas está tudo ok.

Estou ainda sob resquícios de anestesia, mas isso não impede de eu querer ter certeza de que está tudo bem com Valentina.

— Está tudo ok *mesmo*? — inquiri, sério.

— Tudo bem *mesmo*. Vamos manter total monitoramento. Tudo que precisam agora é descansar. Nos próximos dias acompanharemos o pós-operatório e a adaptação do organismo de vocês. Temos uma etapa ainda com você, Gustavo. Explicar sobre a medicação de uso contínuo e da sua nova vida como um transplantado. Mas adianto em dizer que tenho certeza que tirará de letra.

— Obrigado, doutor. Quero retomar a minha vida. E quero Valentina segura — completo com ênfase sobre Valentina.

— E irá. Pode ter certeza que irá. E quanto a Valentina, ela está bem. Como eu já disse, tudo que precisam agora é descansar.

O médico transmite uma extrema segurança e eu confio nele.

— Doutor Raul e sua equipe realizaram um excelente trabalho. Vamos garantir todos os cuidados nesse pós-cirúrgico. Aliás, doutor, muito obrigado.

— Imagina, doutor Leonardo. Não tem que agradecer, é meu trabalho.

— O senhor fez tudo com extremo carinho e atenção. Obrigada — minha mãe acrescenta com gratidão.

— Vou continuar a zelar pela saúde desse dois. Por isso, apesar de vários pedidos do pessoal que está lá fora, infelizmente eu devo limitar as visitas ao mínimo possível.

— Tem nosso apoio, doutor — é tia Malu quem diz. — Atualizaremos a família com a informação de que está tudo bem, mas que devemos deixá-los se recuperarem tranquilamente.

— Será mais seguro — O médico fala por fim.

Depois de algumas observações sobre o pós-operatório e conferência de como estamos nos sentindo, Valentina e eu somos deixados sozinhos.

Não desfazo nosso único contato que é o de nossas mãos e mantenho a fitar a sua face.

— Então é isso, estamos tendo outro recomeço — ela diz com ternura.

Um instante de emoção preenche meu peito.

— Estamos. — Inspiro fundo. — E que a partir de agora, tudo seja uma linha contínua para sempre.

— Será. Só falta Malaika.

Pressiono os lábios.

— Sim, meu amor. Eu prometi isso a você e vou cumprir, dentro das minhas próprias limitações e de outras que infelizmente não dependem de mim, mas tudo já está sendo cuidado e em breve a teremos conosco. Pode confiar, meu amor.

Valentina inclina a cabeça e umedece os lábios.

— Eu confio. — Ela pressiona minha mão, respirando profundamente.

O seu cansaço é aparente e forte.

— Descanse — sugiro. — Obrigado, meu anjo — sopro, admirando a expressão serena em sua face de traços lindos.

Segundos depois sua voz ressoa de maneira doce.

— Gustavo?

— Hum?

— Foi assim que tudo começou, não foi? Você e eu, lado a lado numa cama na clínica.

— Foi. Estaremos lado a lado para sempre, Valentina.

Prendemo-nos num olhar profundo e é daquele jeito de sempre. Somos capazes de nos enxergar além do que nossos próprios olhos veem, somos capazes de enxergarmos a alma um do outro. E quanto a isso, sabemos que elas são inseparáveis.

Nada mais precisa ser dito.

Firmamos silenciosamente nessa troca de olhares, a promessa. Inseparáveis.

Inseparáveis para sempre.



Gustavo

Dois meses depois

— O avião acabou de pousar — Gaetano comunica.
Meu coração bate como se tivesse uma escola de samba inteira dentro
peito.

— Como eu estou? — pergunto a Valentina. Passo a mão pelo rosto e
aliso minha camisa.

Ela me fita com diversão.

— Lindo como sempre. — Pisca e mordisca meu lábio em um beijo
rápido.

— É sério, Valentina. — Enrugo a testa, contrariado por ela fazer
pouco caso do meu estado. — Será que essa roupa está legal? Acho que deveria
ter colocado uma camiseta.

— Adoro quando usa camisa. — Seu dedo indicador passeia pelos
botões da peça de roupa. — Azul, principalmente — conclui. O canto de sua
boca ganha um leve repuxar, de um jeito travesso. — Agora relaxa, sim?

Valentina circunda meu pescoço com seus finos e delicados braços,
deslizo a mão por eles.

— Relaxar? Eu tô morrendo de ansiedade. Será que ela vai gostar de mim?

— Enlouqueceu? — Ela arqueia as sobrancelhas e me fita, séria. — Ela se derrete por você em cada chamada de vídeo.

— É... mas pessoalmente é outra coisa.

— Malaika é capaz de sentir o amor que você oferece a ela através de um aparelho celular, imagina quando ela puder te abraçar. Isso vai triplicar. Ela não gosta de você, ela te ama. Re.la.xa — aconselha, por fim.

Assinto.

Valentina consegue promover a calma que necessito não só com suas palavras, mas também com o beijo entusiasmado que me envolve. A língua dela dança com a minha e a sensação é maravilhosa. Tem sido assim. Sempre que estamos perto, não perdemos a oportunidade de nos beijarmos. Afundo a mão em seu cabelo, ao mover minha cabeça contorno sua boca, entreabro os olhos e...

— Japa, que porcaria é essa?! — interpelo, abandonando os lábios de Valentina.

— O quê? Você pensa que é só você que pode beijar? — Ele devolve, ainda com a boca grudada na de Alice.

— Trate de esticar essa faixa! — ordeno. — E Alice, cadê os balões?

Os dois se divertem com meu nervosismo e começam a gargalhar.

Bufo.

— Tratem vocês quatro de parar com esse agarramento — Gaetano manda. — Isso está chato — acrescenta, fazendo uma expressão de desagrado.

— Chato é não poder beijar, não é não, Gaetano? — Matheus transita um olhar sugestivo entre Gaetano e Isabela, que está ao seu lado.

Ela ganha um rubor instantâneo, já meu primo semicerra os olhos para Matheus.

— Fica quieto, Matheus. — Alice dá um beliscão no braço do namorado.

— Caramba, Alicinha! — Matheus reclama, esfregando o local.

— Os balões estão aqui comigo, Gustavo. — Isabela esclarece, apontando para cima.

Admiro os balões de gás que eu mesmo comprei. Eles são em formato de flor. Descobri que Malaika adora flores, por isso os comprei nesse formato.

— Obrigada por segurá-los para mim, Bebelá — Alice diz, pegando-os. — Agora deixa a câmera de prontidão, antes que Gustavo tenha um ataque.

— Ela me lança um biquinho debochado.

— Ah, pelo amor de Deus, essa é a parte mais importante! — Valentina brada. — Bebela, você filma e Gaetano fotografa. Não percam nada, por favor.

Os dois confirmam com a cabeça, em seguida Bebela pergunta algo sobre o funcionamento da câmera e Gaetano tem total foco na garota.

— Os dois ficam tão lindinhos juntos — Alice cochicha para Valentina.

As duas irmãs confabulam mais alguma coisa que não sou capaz de ouvir, porque a conversa se dá ao pé do ouvido, só que a gargalhada que elas soltam em seguida é extremamente alta, chamando a atenção de todos.

— Deus... eles crescem mas não deixam de fazer algazarra quando estão juntos — vó Luiza comenta, incrédula.

— Mãe, você ainda se impressiona com a bagunça deles? — minha mãe pergunta, brincalhona. Sinto-a se divertir com tudo isso, e se há alguém que nem dormiu de tanta ansiedade, foi ela. E se há alguém que tem sorrido nesses últimos dois meses, foi ela. As cores estão voltando para a vida de minha mãe.

Beth arremata:

— Essa algazarra só tende a aumentar, minha amiga Luiza.

Clarissa ouve o que está sendo dito e inclui:

— Em breve nosso meninão entra na bagunça, com Malaika e toda a turma. — Ela acaricia a avantajada barriga, seu marido também. Os dois trocam um olhar apaixonado, o mesmo desde que eu me lembro quando começaram a namorar.

O amor de Pedro e Clarissa é um tipo de amor grande e verdadeiro.

“Um grande amor verdadeiro só encontra o seu caminho de volta através de outros grandes amores verdadeiros.”

A frase se forma em minha mente como uma lembrança de que alguém já a tivesse me dito.

Tento puxar na memória quem tenha sido, mas ao som da voz de Valentina, interrompo meus próprios pensamentos.

— Clarissa, você não vai mesmo nos contar o nome que escolheu? — ela questiona.

— Só quando ele nascer — Clarissa responde com tom misterioso.

— Que seja logo, pois estou curiosa — Valentina brinca, passando a mão na barriga de Clarissa.

— Seus tagarelas, o desembarque começou — Beatriz avisa. Com ela estão as margaridas e nesse momento ela começa a passar uma flor a cada um de nós. E quando todas forem entregues a Malaika, um lindo ramalhete será formado.

— Opa! — Derek se empertiga, segurando o violão. O filho Lucca, que também possui talento para a música, segura outro. — Preparado, Luccão? O show da recepção é por nossa conta — ele fala, exibindo um sorriso, que soa um tanto convencido.

O que não me incomoda nem um pouco. Fiquei muito feliz de ele e o filho terem se disposto a participar da recepção de Malaika, dando esse toque especial com música.

Mas se tio Leonardo estivesse aqui, aposto que diria algo do tipo, “Derek se acha”.

— Pessoal, estamos no portão de desembarque correto? — Seu José lembra em verificar.

Encontro a expressão atenta de Valentina.

— Sim — confirma. — E eu avisei à mãe que estaríamos nesse.

Ela morde o lábio inferior. É, acho que bateu a ansiedade nela também.

— Agora falta pouco, meu amor. — Beijo a lateral de seu rosto.

É final de ano, estamos às portas do natal e o aeroporto está mais lotado que o normal. Há mais pessoas esperando alguém que ama passar por esse portão de desembarque, mas nossa família está em um número expressivo e acabamos dominando toda a frente de saída, só que agora como se numa performance ensaiada, que na verdade não foi, cada um começa a se movimentar, organizando-se de forma que se dividem um tanto para cada lado, formando um corredor humano no final ao centro dele está Valentina, eu e minha mãe. Ladeado por elas, transponho o braço por cima do ombro de cada uma. Depois percorro meus olhos, contemplando a cada um que compõe essa grande família. Gaetano e Isabela figuram o início da fila do lado direito, ambos estão com as câmeras em mãos, prontos para registrar esse momento tão esperado; Derek, Lucca e Beatriz estão do lado esquerdo, eles começam a dedilhar as primeiras notas da canção cujo nome é o de Malaika; seguido deles estão vó Luiza, Beth e seu José; do outro lado Clarissa e Pedro, cada um está com a mão estendida segurando a margarida, enfeitando assim esse corredor de... *amor*; já no final da fila, na ponta esquerda, está meu melhor amigo, Matheus, segurando a faixa que tem escrito “Bem-vinda, Malaika”; e do outro lado, em frente ao namorado, está Alice segurando balões coloridos, assim como ela gosta que a

vida seja — colorida. Minha prima, que foi capaz de demonstrar seu carinho por mim, mesmo quando se doeu por Valentina naquela situação da Nina. E por falar em Nina, ela acaba de chegar. Com um menear de cabeça cumprimenta a mim e Valentina e se posiciona ao lado de Alice. A baixinha brava, por sua vez, é capaz de transferir um olhar simpático a Nina, e ainda dividir com ela 3 balões dos 6, que é a sua missão segurar.

Missão...

“Há uma nobre e justa missão que a nossa família tem a cumprir.”

Outra frase se acende em minha mente. Tal como a outra, a sensação é a mesma. Alguém me disse isso, mas quem?

— Chegou o momento, Luís. Vamos conhecer nossa netinha. — Ouço minha mãe sussurrar de olhos fechados e expandindo os lábios com um sorriso imenso.

“Um anjo em forma de uma menininha foi enviado para fazer Melissa sorrir, e toda vez que ela sorrir eu vou me alegrar. Toda vez que Melissa sentir o amor transbordar por Malaika, a dor da minha ausência se dissipará. E eu serei uma feliz lembrança. Uma lembrança capaz de fazê-la me sentir junto dela.”

Foi ele. Foi meu pai quem me disse tudo isso!

“Não esqueça, eu sempre estarei com você. ”

— Ele está aqui — constato. E não é porque me lembro do que meu pai disse no sonho, mas porque eu o sinto.

Eu sinto no sorriso de minha mãe, sinto no sorriso de cada pessoa que amo. Sinto meu pai vivo em meu coração.

— Obrigado, pai — pronuncio, sendo envolvido pela sensação de um abraço terno.

Mamãe aperta minha mão, vislumbro o rosto que continua a sustentar o sorriso, só que agora lágrimas compõem o visual. Eu sei, são de alegria. Estamos felizes. Meu pai está feliz.

— Finalmente! — Valentina vibra. Transfiro de súbito minha atenção para o início do corredor.

Nesse instante Derek começa a cantar e eu sou tomado pela emoção mais profunda que até hoje senti. Minha garganta seca e as batidas do meu coração assumem um ritmo frenético. Eu sinto meu corpo todo tremer, e, por Deus... não seguro as lágrimas.

Malaika está no colo de tio Leonardo, ao seu lado está tia Maria Luiza,

a expressão de surpresa e de tamanho amor composto no rosto deles.

Valentina começa a chorar e ceder seu corpo. Seguro em seu braço e a acompanho até ficarmos ambos de joelhos ao passo que tio Leo também se abaixa e coloca Malaika no chão. Os avós falam algo no ouvido da netinha e apontam para mim e Valentina. Assim, estendemos nossos braços para receber a nossa filha, o nosso anjo. E ela vem caminhando um tanto tímida, mas também um tanto curiosa, dando-se a oportunidade de se admirar com todas essas pessoas que a olham e nos dando a oportunidade de ver o quão lindo seu sorriso é. Exceto Valentina, ninguém de nós tinha visto esse sorriso pessoalmente e posso afirmar que estamos todos sob o efeito dele.

O vestido de tom cor-de-rosa é um presente de tia Alice, e quão gracioso se torna o belo vestido no corpinho de Malaika. Nota-se o encanto que sente ao usá-lo. Só que nem sabe ela, que este vestido de fina alfaiataria só se torna tão esplêndido, pois é ela quem o usa.

No meio do percurso Malaika faz uma pausa, segurando a barra do vestido.

Eu a incentivo a prosseguir.

— Vem, meu amor, vem!

— Vem com a mamãe e com o papai. — Valentina arremata.

Era o que Malaika precisava para correr para os nossos braços. A curta distância se finda e finalmente nossa filha está junto de nós.

No primeiro momento é direto para os braços da mãe que ela vai e eu sou aquele que abraça as duas. Os meus dois anjos estão diante de mim e dessa vez eu as sinto mais do que apenas em meu coração. Eu as sinto ao toque de minhas mãos, que afaga as duas ao mesmo tempo; eu as sinto no beijo que dou sem nem saber aonde acaba sendo dado, já que transcorro o rosto entre as duas, beijando-as e beijando-as sem parar.

Inspiro fundo, sendo envolvido pela fragrância de morango que agora é em dobro, pois vó Malu garantiu em levar o xampu que Valentina usava quando era criança, para ser usado em Malaika também. Eu amo ainda mais esse cheiro.

Os sorrisos se misturam às lágrimas, e se intensificam quando Malaika guia a pequena mãozinha até o cabelo curto de Valentina e ali ela enfia o rostinho por alguns segundos. A cena é linda. Então, depois, por iniciativa própria, Malaika se solta dos braços de Valentina.

Sinto-me nervoso quando ela dá um passo ao lado e fica ante a mim. Seus pequeninos dedos percorrem meu rosto, a começar pelo queixo, depois ela

desliza pelos lábios. Malaika sorri e eu imito seu gesto. Sobe por meu nariz e com cada um dos indicadores ela traceja minha sobrancelha. Enrugo a testa com ar brincalhão e é a vez de ela imitar o meu gesto. Não seguro e solto uma risada. Malaika também, e vai além, soltando uma gargalhada. A mais gostosa desse mundo inteiro. Depois ela segura meu rosto entre suas mãos e fixa o olhar no meu.

Sua íris é como um lindo e precioso diamante negro que tem o poder de me hipnotizar.

— Papai — ela diz.

Eu amei ouvir quando ela me chamou de Gustavo pela primeira vez, amei quando ela me chamou de papai através do celular, mas eu me desmancho ao ouvir e vê-la me chamando de papai diante de mim.

— Filha...

Malaika afunda o rosto em meu peito e seus pequenos e generosos bracinhos tentam me guardar em seu abraço. Eu a seguro, com a sensação de que a partir desse momento tenho meu coração batendo fora do peito. A seguro como uma joia preciosa. E é isso que ela é. Valentina nos envolve e estamos outra vez dividindo um abraço. O primeiro dentro de uma infinidade que daremos para o resto da vida.

— Bem-vinda, minha filha — pronuncio, emocionado, retiro do bolso da calça um pequeno ursinho de pelúcia e entrego a ela. — Isto é para você.

Malaika expande os olhos em alegria, acaricio seu rostinho e a cada segundo me sinto mais apaixonado por ela, pela presença dela e o que isso faz dentro de mim.

Em seguida é a vez de minha mãe receber o tão esperado abraço e no ápice em que Malaika fala com a mais linda e doce voz:

— Oi, vovó Mel.

Minha mãe quase perde a voz, mas consegue, entre lágrimas, responder:

— Oi, amorzinho. Vovó Mel está tão feliz por ter você aqui.

A canção chega ao fim, um círculo ao nosso redor se forma, eu ergo o olhar, vendo a emoção no rosto da nossa família. Tudo parece um sonho lindo.

Obrigado, senhor destino. Você mandou bem. Eu poderia prever que este momento seria incrível e emocionante. O que eu não previ foi que ele seria dessa forma tão sublime, capaz até de transcender a alma.

De joelhos e segurando Malaika pela cintura, tio Leonardo fala,

orgulhoso:

— Malaika, agora diz uma coisa. Vovô Leo é o quê?

— Lindão — ela responde de pronto.

Todos começam a gargalhar.

— Leo passou o voo inteiro ensinando uma porção de coisas para ela — tia Malu nos conta.

— Pelo visto a mentir, coitadinha — Derek resmunga. — Onde já se viu? Vovô lindão sou eu.

— Pirou, Derek? Vovô aqui sou eu, nem vem.

— Ora, Leonardo, somos quase irmãos, então eu sou tio avô da Malaika.

— É... tio avô até pode ser. Mas já adianto. Se quer mesmo o título de avô, trate de ter seus próprios netos.

Outra vez estamos todos gargalhando e aquele que vive soltando suas pérolas, solta uma que faz Derek perder o prumo e congelar.

— Alguém já imagina Leo e Derek disputando qual é o avô preferido? — Matheus gargalha.

— Não entendi. — Derek faz uma expressão de totalmente perdido.

Tio Leonardo encara Matheus.

— Mas você é um bocudo filho da mãe, hein?!

— Leonardo, olha essa boca suja! — tia Malu o repreende.

Nessa confusão eu pego o olhar apreensivo de Gaetano e decido ajudá-lo.

— Vocês não deem importância ao que o Matheus fala. Esse Japa não bate bem da cabeça, não. Não sabe nem o que almoçou hoje.

— É... isso mesmo. Já disse pra você ficar quieto. — Alice ajuda, dando uma bronca no namorado.

— Eu não sei o que almocei, porque ainda nem almocei. Aliás, que fome, né, gente?

Beatriz pigarreia, olhando a filha Isabela por cima dos ombros, e então sugere:

— Acho que essa é a hora em que podemos entregar as flores para a Malaika, certo? — Mudando, assim, o rumo da conversa.

Todos concordam e aí começa a sessão de beijos em Malaika e à medida que recebe o beijo de cada um, suas mãos vão se enchendo de

margaridas a tal ponto que Valentina a ajuda, segurando algumas. A última é de vó Luiza e ela se demora um pouco mais abraçando Malaika. É a sua primeira bisneta e lógico que o que sente é um misto gigantesco de emoções. Ela garante em tomar Valentina e eu também em um caloroso abraço e em seguida permanece ao lado de minha mãe.

Chega o momento em que tia Malu e tio Leo abraçam Valentina e eu.

— O que vocês fizeram por nós... — Valentina começa.

— Foi incrível. Obrigado — concluo.

— Vocês não precisam nos agradecer. — Tia Malu desliza os dedos de maneira suave pelo rosto de Valentina e depois pelo meu.

Da bolsa ela tira um envelope e passa para o marido.

— Aqui está a sentença de adoção do Tribunal de Menores de Moçambique — ele nos expõe. — Esse *papel* era o que precisávamos para trazer Malaika para vocês. E eu não preciso dizer que mesmo que aqui conste o meu nome e o de Maria Luiza, é de vocês que ela é filha.

— Papéis não se sobrepõem a sentimentos. — A afirmação é a mesma que dei no dia em que vi Malaika pela primeira vez. Eu soube que ela era minha filha, independentemente de qualquer coisa.

— Isso mesmo — meu tio confirma, compreensivo. — Seremos sempre os avós e como bons avós, Malu e eu estaremos aqui para o que precisarem, mas nunca, em hipótese alguma, haverá alguma confusão. Vocês são os pais e nós os avós. Queremos que fiquem tranquilos quanto a isto.

— Sempre estivemos, pai — Valentina garante por nós dois. Reparo em seu tom firme e ao mesmo tempo dotado de extrema doçura. Firme para dar a ênfase, e esse viés doce para caracterizar a gratidão que sentimos pela atitude de seus pais.

Quando eu me informei sobre a legislação de adoção em Moçambique, fiquei diante de duas pertinentes condições: uma era que os pretendentes a adoção deveriam ser casados. Se fosse só isso não seria problema. Resolveríamos nos casando. No entanto, a outra condição nos impediria, ainda por alguns anos, de adotar Malaika. A lei determina que a idade mínima para adotar uma criança moçambicana é de 25 anos. Não poderíamos viver esse tempo todo longe de Malaika ou correr o risco de a perder para sempre.

Dessa forma, eu pedi a tio Leonardo que falasse com Clarissa e junto ao escritório encontrasse a devida instrução para realizar um processo de adoção em seu nome e de tia Malu. Ponderei e decidi não contar nada a Valentina até que a cirurgia fosse feita, não querendo deixá-la preocupada ou ansiosa.

Entretanto, contamos após poucos dias e em poucos dias também, meus tios viajaram para Moçambique e ficaram lá até a conclusão do processo de adoção. O ponto positivo é que atendendo aos requisitos, passando pelo processo de entrevistas com a assistente social e ainda estabelecendo pelo menos durante o processo de adoção, um endereço fixo em Moçambique. O passo a passo de cada etapa até o despacho da sentença transcorreu em pouco tempo.

Foram dois meses e, enfim, deu certo. Não me incomodo dos meios que tivemos que usar para conseguir ter Malaika conosco. O que importa é que ela está aqui e tão logo tudo ficará devidamente ajuizado.

— Agora a sentença estrangeira é encaminhada ao Superior Tribunal de Justiça, para homologação da justiça brasileira, e então, Malaika poderá ter sua certidão de nascimento emitida aqui. Não é isso, Clarissa? — questiono à minha amiga advogada. Ela tem sido fundamental nisso tudo.

— Sim. E será tranquilo. Os trâmites em Moçambique foram todos obedecidos. A sentença foi clara. Só precisa mesmo dessa homologação. E ainda, como comentei com você, Gustavo, passado algum tempo e bem embasado, podemos tentar a ação consensual de modificação de guarda — observa.

— Perfeito! Isso fica a critério de vocês e faremos o que quiserem — tio Leonardo assegura.

Chego a abrir a boca para comentar algo a mais, só que eu paro ao notar Clarissa franzindo a testa com demasiada expressão de dor e agarrando a mão do marido.

— O que houve, amor? — Pedro se alarma.

— Não sei... acho que... aaai... acho que chegou a hora!

— Sério? — O pai da criança arregala os olhos.

— Calma! Temos tudo sob controle. — Beth assume sua posição ao lado da filha. Só que, para ser sincero, a expressão da avó não está das mais calmas.

Coisa doida isso, né? Sempre que uma mulher diz que vai dar à luz, gera um certo... pânico.

— Meu Deus. O bebê da Clarissa vai nascer! — Levo as mãos ao rosto.

Malaika imita meu gesto, olho para Valentina e começo a rir.

— Papai dramático, né, filha? Um bebê vai nascer, simples assim. — Valentina encolhe os ombros.

— Simples assim. — Malaika também encolhe os dela.

Definitivamente, aquela premissa de que os filhos imitam tudo que os pais fazem é verdade. Faço uma anotação mental para redobrar o cuidado com minhas expressões verbais daqui para frente.

— Vamos para a clínica — tio Leo avisa.

— Leo — Clarissa toca em seu braço —, imagina, você não precisa ir. Acabou de chegar de viagem, curte a sua família sossegado. Tem outro pediatra que pode acompanhar.

Tio Leonardo meneia a cabeça.

— Clarissa... eu conheço você desde quando você se sentava na cadeira e seus pés não encostavam no chão. Conheço você desde o tempo em que rezava pedindo a Deus uma mãezinha. Ele te deu Beth. E eu sou um sortudo por te ganhar uma irmã mais nova. Você é parte integrante dessa família. Seu filho é meu sobrinho e eu costumo acompanhar o nascimento deles. Vou estar lá quando seu filho nascer. — Ele beija a testa dela e depois se dirige ao resto do pessoal. — É o seguinte, ninguém vai almoçar agora. Quero todo mundo indo para a clínica. Mais um membro da família chegará hoje, vamos lá dar boas vindas para o...



— Miguel — Valentina pronuncia, pensativa. Observo-a deslizar as mãos pela perna, espalhando o hidratante.

A fragrância doce de morango preenche o quarto e ativa todos os meus neurônios, a experiência sensorial é ótima, e se não bastasse, Valentina acabou de sair do banho e ainda tem seu corpo enrolado na toalha, a experiência visual é melhor ainda.

— Eu fiquei tão emocionada com a homenagem que Clarissa fez ao vô Miguel dando ao filho dela o mesmo nome. Você não achou bonito? — pergunta-me, parando o movimento.

Empertigo-me na cadeira e deixo o pensamento que me leva a imaginar meus dedos passeando por Valentina, de lado.

— Achei. Achei sim — respondo.

Tamborilo a caneta sobre a mesa.

— Você está bem? Parece aéreo. Falando nisso, tomou os remédios? De manhã eu vi tomando, mas agora à noite, não.

— Como assim? Está querendo me chamar de esquecido, é isso? — brinco, parecendo ofendido.

— Não senhor. — Ela ergue uma das sobrancelhas. — É só hoje que foi um dia bem fora da rotina.

— Sim. Eu tomei, doutora Valentina — confirmo com um sorriso.

Ela está sempre a cuidar de mim e eu dela. Preocupamo-nos em seguir à risca todas as recomendações médicas a fim de que nossa recuperação após a cirurgia fosse a melhor. Estamos indo bem, retomando a nossa vida normalmente, e apesar de todos os “contratempos” conseguimos tanto Valentina quanto eu, terminar o ano letivo. Valentina transferiu o curso para o Brasil na faculdade em que realizou o intercâmbio e onde eu estudo. Como um dia imaginei que fosse, estamos fazendo nosso curso de graduação pertinho um do outro. Os planos se seguirão assim até que no próximo ano eu termine o meu. Valentina, porém, ainda tem mais dois anos para concluir seu curso e depois poderá partir para a residência médica.

Há grandes e importantes passos ainda que temos a dar, compromissos, inclusive, ainda mais que agora temos Malaika. No entanto, nada disso me assusta ou me desespera. O que importa é que estejamos juntos. Além do que, pessoas dispostas a nos ajudar não faltam, minha mãe é uma. E para ser sincero, todas essas novidades, desde Valentina vir morar aqui em casa até a preparação para a chegada de Malaika, e agora ela aqui, transformou o dia a dia de minha mãe. Já não sustenta a tristeza ou falta ânimo, ao contrário, sustenta alegria e disposição. E foi desta maneira que ela disse a mim e Valentina, “podem ir descansar, eu fico de olho nela”. Nós estávamos saindo do quarto de Malaika depois de a fazer dormir e eu já até tinha a câmara da babá eletrônica em minhas mãos, e diante disto a entreguei para minha mãe, só que ainda pouco fui dar uma espiada e dona Melissa não se contentou em ficar só com o dispositivo para fichar de olho em Malaika, e sim foi para o quarto e se embrenhou na mesma cama com ela, dando à nossa menina não só um sono tranquilo em quarto confortável, mas também um peito onde um coração bate cheio de amor e a aninha de forma segura e amorosa.

Contei isto a Valentina enquanto ela ainda estava no banho, e como resposta disse que Malaika não é só um anjo para mim e para ela, mas também para minha mãe. Voltei até a cadeira em que estou sentando e — continuo a observar Valentina enquanto ela se ocupa em hidratar a pele naturalmente macia —, com uma grata sensação de tranquilidade de que a harmonia e a alegria reinará em nossos dias.

— Que papel é esse aí? — Valentina estica o pescoço de maneira

curiosa.

Transfiro a atenção para o papel e em seguida me volto para ela.

— Vem cá — chamo-a.

Ela semicerra olhos e se aproxima com cautela, puxo-a para se sentar em meu colo, suas mãos delicadas e cheirosas recaem sobre meu peito nu. Guio meus dedos por seus ombros, desfazendo as pequeninas gostas de água que ainda estão por ali, depois faço mesmo caminho com meus lábios até alcançar a curva do seu pescoço. Alguns fios de seu cabelo molhado roçam o meu nariz, aproveito para inspirar fundo, trazendo aos meus pulmões oxigênio, e este que inspiro no pescoço de Valentina é o tipo que realiza mais do que simples função de me manter fisiologicamente vivo. Este mantém minha alma viva.

Giro a cadeira, colocando-nos de frente para a mesa.

— Este aqui é o primeiro documento oficial da nossa relação, lembra-se? Você ficou com o original e eu tirei uma foto, então imprimir e fiquei também com uma via.

— Lembro. Tenho o meu guardado ainda. — Ela pega o papel com admiração, desliza os dedos pelas palavras que escrevemos durante uma aula de língua portuguesa, na ocasião eu a pedi em namoro. E é neste mesmo papel que farei outro pedido a ela.

Retiro-o gentilmente de suas mãos, apanho a caneta, embaixo do desenho dos dois corações entrelaçados, escrevo:

“Quer casar comigo?”

Abrigada em meu colo, sinto o corpo de Valentina estremecer. Ela toma a caneta e sou eu quem estremece quando sua resposta é escrita.

“SIM.”

Com o coração acelerado viro a página onde há linhas em branco suficientes para que eu escreva os meus votos.

“Prometo te amar, te respeitar, te apoiar. Prometo fazer o melhor por você e por nossos filhos, minha prioridade e meu amor serão sempre destinados a vocês. Prometo te amar nos piores e nos melhores momentos, prometo ser seu para sempre.”

Quando termino de escrever, fito a lateral do rosto de Valentina, ela enxuga uma lágrima que faz um caminho silencioso por sua bochecha que se avoluma perto dos olhos diante do sorriso imenso que ostente. E é assim sorrindo que ela deixa registrado nessa simples folha de papel — mas muito importante para nós — os seus votos. Enquanto eu acompanho o percurso da

caneta, me sinto emocionado a tal ponto, que pressiono os braços ao redor da mulher que nasci para amar, com o desejo de nunca mais a soltar. E não vou.

“Sendo assim, tenho a certeza que serei a mulher mais feliz desse mundo. E eu também prometo te amar, te respeitar, te apoiar e fazer da nossa família a minha maior prioridade. Prometo estar ao seu lado e ser sua para sempre.”

Beijo o seu ombro, tomo a caneta e escrevo por fim:

“Inseparáveis?”

“Eternamente.”

Valentina conclui e dessa vez é ela quem desenha os corações entrelaçados, só que agora não são dois e sim três.

Ainda olhando para o papel ela diz:

— Resta espaço para outros corações.

— E eu quero muito poder acrescentar cada um deles. Quero muito ter outros filhos com você, Valentina.

Recebo dela um beijo apaixonado, sua língua se move de maneira sutil e sensual com a minha, onde todo o corpo reage, desejando-a por completo.

Assim que Valentina deixa o meu colo eu me ponho de pé, miro suas feições que são um misto de carinho e uma nítida aflição de que o corpo dela clama pelo o meu. Livro-a da toalha e ao ter Valentina nua diante de mim, a sensação é a mesma de quando eu a vi assim pela primeira vez. Fascínio. Eu sou fascinado por ela, por cada parte de seu corpo, por cada curva delicada, e é venerando-a que beijo cada centímetro de sua pele. Faço com acentuada calma, curtindo o delicioso momento e porque eu sei que não preciso a amar com desespero, o estágio em que chegamos e a forma como agora eu enxergo e sinto este amor, me dá paz, segurança, tranquilidade e a certeza de que nós sempre estaremos juntos.

Fomos testados e moldados para viver a plenitude de um verdadeiro e grandioso amor.

Fomos marcados. Sim, marcados. A cicatriz da cirurgia deixada, tanto na minha pele quanto na de Valentina, é a marca desse amor. Eu sabia que ela me amava, e tamanho é este amor que ela foi capaz de tal ato, tão generoso, tão grandioso. E eu serei eternamente grato por ela ter me dado a chance de viver.

Ajoelho-me, firmo a mão em sua cintura, escorrego os dedos um pouco mais abaixo e tracejo uma linha de uns 10 centímetros. Beijando o local, sussurro:

— Obrigado, meu amor. Obrigado.

— Eu faria tudo outro vez se fosse preciso — Valentina diz, afundando os dedos em meu cabelo.

Em seguida me ergo e conforme faço isso vou depositando suaves beijos em sua barriga até encontrar os seios, resvalo a mão neles, sentindo-a reagir ao toque. Ela arfa e quando deixo minha bermuda ir ao chão, deito Valentina na cama e continuo a acariciar. Toco-nos, beijamo-nos de maneira amorosa e sensual, a cada segundo nossa respiração fica densa. A excitação vai encontrando o seu ápice, e nessa constante de paixão, tesão e incessante desejo, encontramos um ao outro. Entregamo-nos. Os gemidos baixos e sua expressão de prazer me motiva cada vez. Movo-me tomando seu corpo, seu coração, e dou a Valentina exatamente o mesmo. Amamo-nos profunda e intimamente. Foi assim desde a primeira vez e sei que será para sempre.

Nada mais pesa, nem mesmo minhas perdas. Compreendo que elas foram necessárias e as faço como meu maior aprendizado e as uso a meu favor. Sei que não haverá mais escuridão, só luz.

Parte três



Valentina

5 Anos depois...

Recolho os prontuários dos pacientes atendidos e quando junto tudo em uma pilha, o descascado da mesa, que antes estava escondido pelos papéis, agora fica à mostra. Pego-me olhando para os pés enferrujados da maca; a mancha na parede, ocasionado pela umidade — ainda mais num dia chuvoso como hoje —; e a cadeira com estofado surrado e todo o resto da mobília sucateada do consultório médico onde trabalho todas as sextas-feiras na unidade de saúde básica de um bairro periférico no centro, contrasta assustadoramente com a realidade do consultório em que atendo na clínica em todas as tardes dos outros dias da semana. E quando eu digo que contrasta assustadoramente, não é porque eu me assusto com a realidade precária, afinal, eu já estive em realidades ainda piores no período em que fiquei na África. O que me assusta aqui e me dói é o descaso, a negligência, a falta de investimento na saúde pública do nosso país, e mais que isso, a falta de responsabilidade dos gestores em oferecer no *mínimo* o básico a população. E até que tudo bem se o consultório não fosse dos melhores, mas em contrapartida não faltasse remédios, não faltasse suplementos básicos, não faltasse exames, se não faltasse médicos. Mas falta. Infelizmente falta.

É uma honra compor o quadro de profissionais da clínica Doutor

Magno. Ter sido orientada pelo meu pai em minha residência médica. Ter um consultório ao lado do dele. Contudo, quando eu me tornei apta para atuar como médica-pediatra, senti a necessidade de dispensar um pouco da minha carga horária na saúde pública. E se o local não é dos melhores, eu ao menos busco dar o meu melhor a cada criança que atendo, busco acalmar pais preocupados com seus filhos, busco dar a devida importância e atenção que merecem.

O atendimento humanizado é minha prioridade, essa é a forma que trabalho, e isso independe do local e do nível socioeconômico dos meus pacientes. E depois de um dia inteiro atendendo, a sensação é que eu sou uma privilegiada. Geralmente no final de uma consulta os pais me agradecem, só que maior gratidão *eu* sinto. Ser útil e fazer minha — ainda que pequena — parte, torna-me a médica e o ser humano que eu sempre quis ser. Aquele que é capaz de espalhar amor por onde for. E por falar em espalhar amor, preciso saber como estão os meus amores. Aqueles que me tornam a mulher que um dia sonhei me tornar. Aquela que vive um grande amor e que possui uma família que sempre sonhou.

Confiro o celular e encontro uma mensagem de Gustavo.

Gustavo: **Conseguí sair mais cedo do escritório e já estou em casa com as meninas.**

P.S.1.: Malaika disse que pediu ao Papai Noel um dinossauro de presente, não escondi meu espanto e ela acrescentou: “Calma, pai, é um dinossauro de mentirinha”. A questão é: desde quando nossa filha gosta de dinossauros que eu não sabia?

P.S.2.: Não quero me gabar, mas acho que a primeira palavra de Cecília será “papai”. Estava trocando a fralda e ela balbuciou “papa”

P.S.3.: Estamos com saudades e ansiosos para que você chegue, afinal, hoje é noite da pizza e Malaika já fez até a lista dos sabores.

Com um sorriso imenso digito a resposta.

Eu: *Já estou de saída.*

P.S.1.: Na semana passada quando Malaika ficou com Alice, elas assistiram a um filme de dinossauro, talvez isso explique.

P.S.2.: Não crie tamanha esperança. A primeira palavra de Cecília será “mamãe”. Ela deveria estar com fome, por isso balbuciou “papa”.

P.S.3.: Também estou com saudades e com fome. Quero pizza. Não esquece de acrescentar na lista uma de chocolate.

Envio a mensagem e guardo o celular na bolsa. Por aqui minha missão foi cumprida, agora é hora de aproveitar a família.

Fecho a porta e vou até o balcão da recepção. Passo à Dai, uma das recepcionistas, a pilha dos prontuários. E enquanto assino o meu livro ponto ela discorre sobre o último paciente que atendi.

— Doutora, obrigada por aceitar atender aquele menino mesmo depois do horário e todas as consultas. As senhas já haviam acabado quando a mãe chegou aqui, eu expliquei que tinha um número máximo de consultas, mas ela insistiu tanto e parecia tão aflita. Por isso que pedi para a doutora atender — justifica.

— E fez muito bem — confirmo. A feição antes receosa ao falar, agora se suaviza. — O resfriado persistente, conforme relatado pela mãe, na verdade se transformou num quadro de sinusite — conto. — Se ela continuasse tratando como se fosse apenas resfriado, o menino não melhoraria e continuaria sofrendo. Já é incômodo para nós adultos um quadro desses, imagina para uma criança de 8 anos.

— É verdade, doutora. Muito obrigada mesmo.

Bom, sabe a questão sobre atendimento humanizado? Ele não se limita só ao médico, mas a todo e qualquer profissional que trabalha na área de saúde. Dai faz isso com distinta maestria. Consegue se colocar no lugar do outro, é atenciosa e eu sempre a vejo andando de um lado para o outro, buscando fazer o seu melhor dentro das próprias limitações.

— Estou aqui para isso. E sempre que surgir alguma situação do tipo, daremos um jeitinho de atender — garanto.

Ela assente com um sorriso.

Observo através de uma janela lateral o entardecer chuvoso e cinza.

— Quer uma carona até o carro? — Dai oferece, volto a atenção para ela e para o seu dedo apontado para um guarda-chuva, apoiado no canto do balcão.

— Obrigada. Meu carro está logo ali. — Atento-me ao jaleco, tiro-o e guardo na bolsa. — Até semana que vem, Dai — despeço-me por fim e sigo para fora.

Tenho por costume sempre deixar o carro estacionado no sentido para onde tenho que seguir e por isso ele está do outro lado da via. Dou uma corridinha fugindo da chuva e encerro rápido o curto trajeto da saída da unidade de saúde até ele.

O ar dentro do carro está abafado, pois apesar de toda a chuva de hoje, o dia foi de temperaturas elevadas, bem típico para o mês de dezembro. Enquanto ajusto o banco e prendo o cinto de segurança, avisto a mãe e o menino

que atendi momentos antes. Eles estão no ponto de ônibus que fica no sentido oposto para onde estou indo. E mesmo a alguns metros de distância eu posso notar a feição exausta e preocupada da mulher franzina. Na verdade, eu a vi bem de perto durante a consulta e era assim também que ela estava.

Dou partida e avanço só até ultrapassar o ponto de ônibus e logo em seguida faço a volta, paro em frente dele, baixo o vidro.

— Que tal uma carona? — sugiro à mulher de maneira simpática.

Seu olhar é de surpresa e posso acreditar que está prestes a agradecer e a recusar só que um estrondo de um trovão ressoa bem agora e a chuva dá sinais de que vai se intensificar, então ela baixa o olhar até o filho encolhido em seus braços e com aceno de cabeça confirma que sim.

Como o lugar no banco traseiro atrás do carona está ocupado com a cadeirinha de Cecília, apresso-me em sair do carro e abrir a porta do meu lado. Sinalizo para a mulher vir por aqui, e o fato de não conseguir chamá-la pelo nome me incomoda. Busco na memória recente seu nome, mas não encontro. O do menino eu lembro que é Gabriel, mas o dela não e eu fico tentando recordar.

— Obrigada, doutora. — Ela sorri, prendendo o filho ao cinto de segurança.

Forço um pouco mais minha memória e... finalmente lembro.

— Não há de que, Sara — respondo. — Melhor entrarmos logo ou ficaremos ensopadas.

Ela concorda e se apressa em dar a volta no carro.

Já no banco do carona ao meu lado, soa um tanto tímida ao dizer:

— Obrigada mesmo. Acho que acabou saindo do seu percurso só para me dar uma carona.

— Que nada, está tudo bem — tranquilizo-a. — Aonde você mora?

— A algumas ruas aqui para trás. Não é tão longe, dá até para ir caminhando, mas com essa chuva só de ônibus mesmo.

— Então vamos lá! Está tudo bem aí, Gabriel? — Olho-o pelo espelho retrovisor e ele balança a cabeça fazendo que sim.

O banco de trás do carro tem alguns brinquedos das meninas. Incentivo Gabriel a brincar com eles e não demora para que um foguete de borracha esteja em suas mãos. Nem preciso dizer que este brinquedo foi Gaetano que deu para Cecília, preciso? A paixão por esse tipo de assunto o acompanha desde criança. Chegamos a pensar que talvez optasse por uma profissão que fosse na área de astronomia. No entanto, Gaetano também escolheu a medicina e para falar a verdade não me surpreendi com essa decisão e tampouco a especialidade que escolheu. Cardiologia. Afinal, em matéria de assuntos do coração ele é bom. Ok, isso caiu como uma boa analogia. Afinal, quantas vezes

meu irmão foi útil com suas sábias palavras nos momentos em que meu coração mais sofreu? Muitas. E por isso, tenho certeza que seu carinho e sua sensibilidade serão úteis para tratar os problemas fisiológicos do coração e não só aqueles de matéria emocional.

Conduzo pelo trajeto indicado por Sara e assim que enxergo a placa de uma farmácia, paro. O pouco que pude perceber durante a consulta é que ela é o tipo de mãe que faz de tudo pelo filho. Não sei se ela tem dinheiro ou não para comprar o antibiótico que receitei, só sei que sinto que devo fazer isso por Gabriel, por ela.



Sara insistiu para que eu entrasse em sua casa. Notei que ao me oferecer uma xícara de café, tratava-se de uma sincera gentileza, da qual ela queria ter oportunidade de me oferecer. Aceitei. E aqui estou, sentada numa cadeira da cozinha, observando-a passar o café. Antes de se ocupar com ele, garantiu em ministrar a primeira dose do antibiótico ao filho. Sara me agradeceu uma porção de vezes por tê-lo comprado e eu respondi uma porção de vezes que ela não precisa agradecer. O importante é que ele já está em casa, medicado, e desfrutando do sofá e de uma televisão com desenho animado, enquanto come uma fatia de pão.

A casa de madeira aparenta ser bem antiga, mas é notável o capricho em pequenos detalhes de quem zela pelo local. O portão igualmente de madeira é pintado de branco, acompanhando a cor da casa, há ainda, logo na entrada, um pequeno jardim bem cuidado. Cuidado que eu também pude perceber na organização e na limpeza da sala e da cozinha. Não que eu seja o tipo de pessoa que fica reparando nessas coisas. Mas tudo é tão singelamente bonito que me chama atenção, principalmente essa garrafa de vidro transformada em um vasinho de mesa, enfeitado com uma flor dentro dele.

— Confesso que desde que entrei no consultório fiquei impressionada com seu rosto de menina. Pela cadeirinha de criança no carro você tem filho. E bom... até médica você já é. Então, desculpa perguntar, mas qual a sua idade? — Sara deixa a atenção recair em meu rosto antes de voltar a despejar a água fervente ao pó de café.

— Obrigada pelo rosto de menina. — Solto uma risadinha. — Mas já tenho 27 anos. Terminei minha residência em pediatria no final do ano passado. E este está sendo o primeiro em que estou atuando. Sou mãe de duas meninas: Malaika com 9 anos e Cecília que fará 1 ano no domingo agora.

— Caramba! — Sara arregala os olhos, deixando a garrafa de café sobre a mesa. — Então você teve a primeira filha com 18 anos e ainda conseguiu estudar medicina?!

Ela serve uma xícara de café para mim e outra para ela enquanto eu explico.

— Na verdade eu não a tive com 18 anos. Gerei Malaika em meu coração aos 21 anos. A gestação durou apenas 2 meses. Em dezembro ela nasceu, eu tinha recém feito 22 anos em outubro. — A expressão de Sara demonstra o entendimento de que Malaika foi adotada. — Tive a minha primeira filha aos 22 anos, depois aos 26, a segunda — detalho. E faço porque tenho de costume explicar esmiuçando algumas questões e porque eu amo falar das minhas filhas.

— E pretende ter mais? — Lança-me a pergunta como se a ideia da soma de mais filhos fosse algo assustador.

Não para mim e não para Gustavo.

— Meu marido e eu estamos na torcida por um menino.

Arqueio uma das sobancelhas bebendo o primeiro gole de café.

— Uau! Faço votos que o próximo seja um menino, então.

Decido que é a minha vez de fazer perguntas.

— Obrigada. E você tem quantos anos?

Sara toma um demorado gole café e responde:

— Vinte e cinco. Acabei tendo Gabriel aos 17 anos. Não era meu plano até conhecer o pai dele. Foi daquelas paixões cegas e arrebatadoras, sabe?! — Ela revira os olhos e reparo em seus cílios naturalmente longos e espessos, achando-os bonitos. — Pensei que ele era o homem da minha vida. Só. Que. Não.

Sara solta uma gargalhada e eu a acompanho. Seu jeito de contar é engraçado. Ela está visivelmente mais à vontade do que durante o percurso até aqui.

— Tanto que eu descobri que nem é de homem que eu gosto. — Solta a informação, eu pauso a borda da xícara nos lábios, disfarçando minha surpresa. E em seguida emenda: — Mas isso não vem ao caso.

Bebo outro gole de café e não teço comentário algum, apenas assinto. Sara continua:

— Quando contei da gravidez, ele sumiu. Na época achei que minha vida tinha se acabado. Eu já tinha uma vida de merda, um filho só ia ferrar ainda mais. Enfim... para ser sincera, eu era imatura e sem referência de mãe a seguir. Por isso, não sabia que tipo de mãe eu conseguiria ser. Mas tinha a certeza de que não queria ser como a minha foi. Aí quando Gabriel nasceu eu o peguei no

colo e olhei em seus olhinhos, a conexão de mãe e filho aconteceu. Ele é um anjo na minha vida e tudo que mais importa pra mim.

— Eu entendo você. Parabéns por ser a mãe que é.

O olhar dela fica concentrado em direção à sala onde o filho está. Perscruto-a por um instante, assimilando o quanto Sara, mesmo que jovem, aparenta já ter vivido experiências não tão felizes, e pela forma desdenhosa, porém dolorida ao falar da mãe, demonstrou que seus piores momentos foram associados a essa questão. Cada pessoa possui uma história. Suas próprias lutas e apesar de Sara ter um corpo magro e até aparentemente frágil, há algo nela que inspira força e determinação.

Terminamos o resto do café fazendo alguns comentários sobre filhos e coisas desse tipo. Na sala, antes de me despedir, sou atraída para alguns retratos na estante.

— Ele foi um bebê muito fofo, olha essas bochechas gordinhas — comento, vendo uma das fotografias. Gabriel está abraçando uma bola de futebol e é impossível não sorrir diante de um sorriso banguela cheio de alegria. — Continua sendo um menino lindo e essas fotos estão maravilhosas.

— Eu mesma que as tirei.

— Nossa! As fotos parecem de fotógrafo profissional. Você leva jeito. É sério.

Reparo em outra imagem, nessa Gabriel já deve estar com uns 2 anos de idade, mas a bola que está junto na foto parece ser a mesma da outra.

— Gostava de fotografar. Uma vez ganhei uma câmera digital num sorteio e comecei a tentar fazer umas fotos legais, reservava um dinheirinho para imprimir. Só que aí ela trocou minha câmera por drogas. E eu fiquei sem a câmera. Sabe... minha mãe era dependente química.

Sara me olha de relance.

— Era? Quer dizer que ela fez tratamento?

— Não, quer dizer que ela morreu.

— Eu sinto muito.

— Não precisa sentir. Shirley nunca foi uma mãe de verdade.

Meu estômago se contorce.

— Shi-Shirley?! — gaguejo, incomodada.

Esse nome nunca esteve na minha boca. E uma única vez apenas em meus ouvidos quando ouvi minha mãe falando sobre ela com meu pai. Eu tinha 13 anos quando isso aconteceu. Não houve qualquer reação da minha parte além de indiferença. E agora não é o que acontece ao ouvir o nome da mulher que me abandonou naquela lixeira.

— Shirley nunca foi uma mãe de verdade. — Essa afirmação faz meu

estômago se contorcer um pouco mais. — Ela só me colocou no mundo e me deu algumas mamadeiras até quando eu ainda não andava. Depois eu tinha que contar com a sorte de algum vizinho cuidar de mim e com um pouco mais de idade eu só contava com minha própria sorte mesmo. Eu não aguentava mais. Ela estava cada vez pior, violenta. Gabriel era pequenininho e eu só pensava num jeito em deixar essa casa para que ele não tivesse que ver as loucuras dela. Então veio a maior overdose de todas. Pode parecer cruel o que vou dizer, mas quando isso aconteceu, foi um alívio — desabafa.

Sua testa se franze como se uma lembrança ruim assumisse seus pensamentos, eu desconfio estar franzindo a minha também, querendo afastar a possibilidade de que... não. Não pode ser. Afinal, quantas pessoas com o nome Shirley existem no mundo? Atordoada, filmo o instante em que Sara estica o braço até uma prateleira mais alta da estante e ao puxar um papel, outro acaba caindo bem próximo aos meus pés.

— Aqui é ela. Essa é a única foto decente que tenho dela.

Não consigo olhar para a foto e encaro o chão. Para ser mais exata, encaro o recorte de jornal amarelado pelo tempo... muito tempo. Vinte e sete anos.

Não pode ser.

Abaixo-me e o apanho para ver de perto.

— Ah... isso aí é uma notícia de um jornal que ela guardava — Sara explica. — Nunca me disse o porquê, e quando eu perguntava, ficava calada.

O café no estômago parece querer voltar, engulo o volume absurdo de saliva que se forma em minha boca e leio silenciosamente o que a matéria diz.

Bebê recém-nascido abandonado em lixeira tem um final feliz.

O médico Leonardo Magno Marquezzi, pediatra que atendeu a menina, conseguiu juntamente com sua esposa, Maria Luiza Marquezzi, através de um processo que foge à regra do sistema de adoção vigente no país, adotar a pequena que recebeu o nome de Valentina, dado, inclusive, por doutor Leonardo. Procurados pela nossa redação, não quiseram dar detalhes, porém, o advogado e porta-voz do casal, o doutor Luís Dutra, nos disse que Leonardo e Maria Luiza estão muito felizes em conseguir a guarda definitiva da criança. Questionado ainda sobre o inquérito de apuração de quem seja a mãe biológica, que supostamente teria abandonado a criança logo após o nascimento, o advogado explicou que foi arquivado por falta de provas e indícios de quem seja a genitora.

De qualquer forma, o que importa é que Valentina agora tem um lar, pais que a amam e um berço quentinho ao invés de uma lixeira.

Que Deus a proteja e que essa criança tenha um futuro feliz.

Assim que termino de ler, não guardo a dúvida que paira em meus pensamentos.

— Você sabia que era eu? — inquiri, inspiro e expiro pelo nariz, percebendo meu coração descompassado.

— Do que está falando?

— Sabia ou não sabia? — exijo, colocando o papel diante do rosto dela.

— Espera. Seu nome... Valentina. Mas você é a criança abandonada? Balanço de maneira lenta a cabeça, confirmando.

Percebo-a tão surpresa quanto eu.

— Meu Deus. — Leva as mãos à cabeça. — Ela guardou por tanto tempo essa notícia... como nunca desconfiei que poderia... como ela foi capaz de fazer algo desse tipo?

— Eu não me importo do que ela foi capaz ou não. Isso nunca teve peso algum na minha vida. Eu só quero saber se ao procurar uma consulta para o seu filho, você sabia que era *eu*.

— Não. Eu não sabia! Eu estava desesperada querendo um médico para o meu filho, só isso. Não fui atrás de você querendo dizer “ei, sabia que eu sou a filha da mulher que te abandonou? E sendo assim, somos irmãs”. Posso ser muitas coisas, menos patética, e isso seria patético demais.

Sara me encara, batendo as mãos na lateral do corpo.

— Mãe, parou um baita carrão aí na frente — Gabriel avisa a mãe.

Mas ela não dá ouvidos a ele.

— Valentina, eu juro eu não sabia que era você — reitera com determinação.

Estamos uma ante a outra, a nossa altura é a mesma e... caramba! Ela é tão magra quanto eu. Busco nos seus olhos o que procuro. Eu vejo a verdade. Ela está sendo sincera.

— Mãe, desceu do carro uma mulher de cabelo curto, vermelho. Caramba, parece até que ela levou um choque. Os fios estão espetados para cima.

— Não deve ser nada pra nós, filho.

Sara não tira os olhos de mim e nem eu tiro os olhos dela.

— Oi, é aqui que o Gabriel mora? Você é ele? — Ouvimos a pessoa do lado de fora da casa perguntar.

E eu reconheço essa voz... e cabelo vermelho espetado só pode ser a Nina.

— Sai da janela, Gabriel. — Sara finalmente dá atenção ao filho.

E ele a obedece se afastando da janela, já quem passa ocupar o lugar é Sara.

— Da parte de quem quer falar com Gabriel? — A pergunta não sai de maneira simpática.

— Eu me chamo Nina Della Rosa. Estive no correio e peguei uma cartinha deixada para o...

— Papai Noel — Gabriel grita, indo de volta até a janela. — Não acredito!

— Isso mesmo. E a do Gabriel me chamou uma atenção especial. Por isso vim até aqui — Nina explica.

Dou alguns passos e vou até a janela, ao me ver Nina arregala os olhos.

— Valentina?

— Ei, Nina! — cumprimento-a.

— Vocês se conhecem? — Sara questiona.

— Sim. Somos amigas.

Respondo acenando para Nina, e ela curva os lábios num amplo sorriso. Os anos que se passaram fizeram de nós duas boas amigas. E como foi bom ver que a cada ano Nina, foi retomando sua vida, aquela tirada por Soraia quando Nina ainda era uma criança. Mas Soraia, hoje, já não é mais um problema, por todos os delitos que cometeu ainda passará muitos anos a pagar por eles, atrás das grades, assim como aconteceu com Carolina, aquela mulher que atentou contra a minha vida e de meus pais. O destino delas foi o mesmo, a liberdade lhes foi tirada para que outras pessoas pudessem viver em paz. Pessoas como elas é melhor serem mantidas longe da sociedade.

Sara convida Nina para entrar e é bebendo mais uma xícara de café que conto para Nina que acabei de conhecer Sara e que para total surpresa, descobrimos que somos irmãs. Minha amiga quase cuspiu o café que tinha acabado de colocar na boca. É um tanto chocante mesmo. Quando esse assunto se encerra, Nina dá detalhes do que a fez procurar por Gabriel e ele está ansioso ouvindo-a falar.

— Você pediu um par de chuteiras. Mas não foi só por isso que eu vim. Na carta você conta que a escolinha de futebol que frequentava foi fechada.

— Sim — o menino confirma, triste.

A mãe conta um pouco mais.

— Era um pessoal que atendia as crianças do bairro em contra turno escolar. Não pagávamos nada. Mas então eles não receberam mais a ajuda

financeira da prefeitura, tiveram que fechar.

— Entendi. — Nina assente com empatia. — Gabriel mencionou que o sonho dele e de outros meninos de se tornarem um jogador de futebol acabou. Que com a escolinha eles tinham treinador e tudo mais.

— As crianças gostavam muito, alguns estavam ali para passar tempo, só que você sabe, muitos meninos nessa idade nutrem esse tipo de sonho, essa coisa de se tornar um jogador reconhecido.

Observo como a conversa flui. Sei bem que este assunto interessa muito a Nina e sei de tudo que ela tem feito. E esse olhar brilhante que exhibe agora, me diz que ela terá boas notícias para o Gabriel.

— Então... — Nina dá um sorrisinho e passa a mão pelo cabelo. — Eu sou apaixonada por futebol, formada em educação física, e mantenho um projeto social num bairro do outro lado da cidade. Procurei alguns terrenos por essa região e encontrei um que fica aqui por perto, com alguns galpões...

— Sim. Era uma antiga fábrica têxtil — Sara se adianta em explicar. — Está à venda já faz muito tempo.

— Não está mais. Eu comprei — conta e se abaixa diante do menino. — O sonho não acabou, Gabriel. Mas eu quero saber se você está disposto a me ajudar nisso.

— Claro!

Ele vibra.

— É verdade isso? — Sara leva as mãos ao peito.

Nina se levanta e dá atenção a ela.

— Sim. Vamos ter uma extensão do “Sementes do Amanhã” aqui, graças ao seu filho.

— Meu Deus, quem é você? Um anjo?

O rosto da Nina fica vermelho da cor do cabelo dela e acho que eu nunca a vi ruborizar dessa maneira. Ela mordisca o lábio inferior.

— Não. Sou só alguém que teve a chance de recomeçar graças a mão estendida que recebi. E por isso, decidi estender a minha também.

— Nina, você é incrível, sabia disso? — digo, abraçando-a.

Depois de receber o meu abraço, Nina é envolvida num abraço duplo de Sara e Gabriel. E posso jurar que todo esse carinho a deixa desconcertada, mas de uma maneira boa.

Enxugo algumas lágrimas, porque, afinal, é difícil me manter imune a toda emoção da situação.

Acontecimentos assim me fazem lembrar do acaso, e não posso negar que ele me pegou pelo pé e me deixou de ponta-cabeça. Só que dessa vez não foi de forma negativa. E sim, positiva. Eu tenho uma irmã e um sobrinho.

Shirley me abandonou. E mesmo que tenha ficado com Sara não lhe deu o devido amor e cuidado. Abandonou-a também. Não precisamos, Sara e eu, nos abandonarmos por causa de Shirley.

Sara e Gabriel são minha família também, a parte que eu não conhecia, uma parte que nunca pensei em procurar, mas o destino cumpriu seu papel, cruzando os nossos caminhos.

Despeço-me pedindo a Sara que vá com Gabriel ao aniversário de Cecília, será uma boa oportunidade para eles conhecerem toda a família. E conhecendo como os conheço, sei que os mais novos integrantes serão recebidos de braços abertos.

Nina prontamente se dispõe a vir buscá-los e acho que o destino foi um pouquinho mais além e mais generoso, cruzou o caminho de Sara e Nina.



Estaciono o carro na garagem. A casa onde Gustavo cresceu passou a ser a nossa casa e na qual nossas filhas estão crescendo. Não tínhamos motivos para nos mudar para uma outra. O espaço é mais que suficiente. Lógico que algumas mudanças foram feitas e todas planejadas pela vovó arquiteta que a todo instante quer promover um ambiente maravilhoso para o nosso convívio. E nós temos a harmonia que nunca deixou de existir, ao contrário, tornamo-nos cada vez mais unidos e o fato de meus pais morarem na outra rua facilita. Em minutos nós estamos lá ou eles aqui. E ainda em muitos finais de semana, vamos todos para a casa de vó Luiza. Os quartos da enorme casa ficam lotados e o coração transborda de alegria.

O que o tempo me mostrou nesses últimos cinco anos é que quando nossos dias são vividos intensamente eles têm capacidade de passar voando. Mas também têm a capacidade de serem eternizados em nossas lembranças, só que para isso, aquela premissa de que “devemos aproveitar cada momento de nossa vida” deve ser levado ao pé da letra. Num piscar de olhos os dias passam, os anos transcorrem e você vai acumulando aquilo que viveu, sentiu e experimentou. Então, eu te pergunto: você tem aproveitado cada momento da sua vida? Tem dito para as pessoas que ama o quanto elas são importantes?

Pois é... eu sei que nem sempre fazemos isso. E apesar de eu vislumbrar a importância de valorizar cada momento e as pessoas que amo, só me dei conta da real necessidade *de levar ao pé da letra*, quando me vi a ponto de perder Gustavo. Foi uma experiência amedrontadora. Então, se quer um conselho... Ame hoje. Sorria hoje. Diga que ama hoje. E se sentir vontade de

comer um chocolate, coma hoje.

Aprenda com as lições, tire o melhor delas. E viva seus recomeços, os marcos da sua vida, com a intensidade que cada um merece.

A cirurgia do transplante marcou nossas vidas para um incrível recomeço e quando Malaika chegou para viver conosco foi outro grande marco. Depois outros inesquecíveis vieram. Aquela recepção no aeroporto não abandona meus pensamentos um dia sequer. Foi lindo e sublime. A mudança causada pela responsabilidade de ter uma criança em nossas vidas foi incrivelmente desafiadora e se tornou ainda mais com a chegada da nossa segunda filha. Cecília nasceu assim que terminei meu último ano de residência em pediatria. Ela está prestes a completar seu primeiro aniversário e assim como quando segurei Malaika, certa de que a vida tinha me dado um valioso presente, o mesmo senti quando segurei Cecília em meus braços.

Aliás, não tenho do que reclamar, os presentes foram muitos. A saúde de Gustavo é um. Ele é um presente em minha vida.

Não preciso abrir a porta, pois os *meus presentes* já a abriram para mim. Gustavo segura Cecília junto ao seu peito e Malaika está ao lado do pai. O sorriso que os três me oferecem é o mais lindo e toda vez que eu vejo esses sorrisos, percebo o quão privilegiada sou por ter um tesouro como este.

Minha família é o meu bem mais precioso, meu maior tesouro.



Valentina

Meu cérebro teimoso me faz acordar cedo. Ele não se importa que eu tenha ido dormir tarde ou se meu corpo ainda se sinta preguiçoso. Antes das 7 horas da manhã pode ter certeza que eu vou estar de olhos abertos. Durante a semana até que tudo bem, mas em pleno domingo? Sim, também. E hoje, em específico, com uma pontinha de ansiedade, já que é o aniversário de Cecília.

Ontem nos dedicamos aos preparativos finais, tudo regado a muita animação lá na casa da vó Luiza, e quem veio de longe e se juntou a nós foram Fátima e Zaki. O casal veio para o aniversário e também passar as férias no Brasil. Estou tão feliz por rever meus amigos. Depois daquela despedida dolorosa, voltei a África após dois anos, acompanhada de Gustavo. Levamos Malaika para visitar seu país de origem — é importante que ela tenha esse contato — e ainda fomos visitar nossos afilhados. Quando retomei minha vida após a cirurgia do transplante, busquei meios de me manter de alguma forma ajudando o povo africano. O lugar já era especial em meu coração e depois de ter encontrado minha filha lá, não poderia e nem conseguiria me desligar totalmente. Passei a pesquisar e encontrei uma organização brasileira chamada “Fraternidade sem Fronteiras”. Eles realizam trabalhos em nosso país e também na África há um dos projetos que se chama “Moçambique – Apadrinhar”.

Atende principalmente crianças órfãs, assim como Malaika era. Quando contei ao Gustavo sobre o assunto, a ideia dele foi a mesma que a minha: sermos padrinhos de algumas crianças. O mais bacana de tudo isso, é que ao contarmos sobre o projeto para a nossa família, conseguimos mais padrinhos para órfãos de Moçambique. Até Nina se interessou e nessa viagem que fizemos para a África ela foi conosco.

Espreguiço-me tomando coragem para deixar a cama, ao meu lado Gustavo ainda dorme um sono profundo. O que há de bom em acordar cedo e antes dele é que assim me dou o prazer de admirá-lo de forma tão relaxada. A visão do seu rosto másculo composto de linhas retas e traços bem desenhados adornados pelas sobrancelhas largas e lábios grossos é tão linda. E quando sua barba está por fazer como hoje, Gustavo fica de uma forma ainda mais atraente e sedutora, sem contar o cabelo bagunçado. Só uma noite de sono o deixaria assim, mas eu tive minha parcela de contribuição nesse bonito emaranhado. Era madrugada quando enredei meus dedos pelos fios de seu cabelo e também enredei meu corpo ao dele. Fizemos amor e, como sempre, foi sublime e prazeroso.

Na noite de sexta-feira, enquanto jantávamos nos esbaldando em pizza, contei a Gustavo sobre Sara. A surpresa foi imensa e a única preocupação dele foi em saber se eu estava bem por descobrir que eu tinha encontrado uma irmã.

— *Se está tudo bem para você, meu amor, se isso te deixou feliz, eu fico também* — Gustavo disse-me com todo seu carinho.

Garanti a ele que sim. E foi o suficiente para que Gustavo confirmasse que Sara e Gabriel são bem-vindos à nossa família.

Aproveito-me da imagem dele, contemplando o amor que sinto, depois respiro o ar bem próximo ao seu pescoço, onde o resquício da fragrância do seu perfume está. Isso é tudo que preciso para começar mais um dia.

Saio da cama em silêncio, vou ao banheiro e pé por pé deixo o quarto, abro a porta do cômodo ao lado para conferir as meninas e encontro Malaika fora da cama, deitada nas almofadas que ficam no chão. Ela encara a parede à sua frente onde nós decoramos com um papel de parede, com o desenho de uma árvore, onde nos galhos há fotografias de cada um que compõe a nossa família, formando assim a nossa árvore genealógica.

— Filha? — chamo-a baixinho, ela vira seu rostinho em minha direção e sorri.

Nesse instante Cecília resmunga, reivindicando atenção e principalmente seu café da manhã. Pisco para Malaika, atravesso o quarto e vou até o berço.

— Animada para o dia de hoje, meu amorzinho? É seu aniversário!

Os pezinhos e mãozinhas de Cecília se agitam de maneira enérgica ao me ver, o sorrisinho é uma arma irresistível que ela sabe usar bem. Pego-a no colo e me ajeito no chão ao lado de Malaika. Cecília adora a irmã e quando Malaika a beija, ela solta um gritinho eufórico. A mão gordinha cata uma mecha do cabelo longo e cacheado da irmã, e sem cerimônias leva até sua boca babada.

— Céci, nada de comer cabelo — Malaika instrui, divertida.

Solto os dedinhos de Cecília do cabelo de Malaika e a coloco deitada com a cabeça apoiada em meu braço. Ela sabe o que vem a seguir e guia a boca até meu seio, na primeira sugada roça os dentinhos por ele e dá uma leve mordidinha.

— Ai ai ai! Sem morder, sua danadinha — aviso. Cecília me encara com seus olhos azuis, igualmente lindos como o do pai, me lança um sorrisinho sapeca e volta a mamar.

Noto que Malaika continua concentrada para o desenho da árvore genealógica e ainda noto também o livro que Alice escreveu intitulado “A história de nós dois e de nossa família” que foi publicado no ano passado. Minha irmã teve uma perfeita maestria em contar a história de vô Miguel e vó Cecília e por consequência de tudo que envolvia a história deles, ou seja, os fatos que marcaram nossa família no passado até os fatos atuais.

— Mãe, essa é a minha família, não é?

— Claro, filha. É sim.

— Eu amo fazer parte dessa família, mãe.

Ela se aconchega para mais perto e eu passo o braço por cima de seu ombro, acolhendo-a para mim. De um lado tenho Cecília mamando tranquilamente e de outro Malaika. Meus dois anjos, minhas filhas, um presente maravilhoso que Deus me deu. E hoje em dia Malaika está registrada em meu nome e de Gustavo. O ato dos meus pais foi o mais lindo e bondoso. Não teríamos motivos para fazer a ação consensual de modificação de guarda, senão fosse algumas situações inconvenientes quando Malaika começou a estudar. Tornou-se complicado explicar a todo instante que no documento os pais eram uns, mas na prática outros. E para evitar que a nossa menina passasse por qualquer embaraço, por bem, resolvemos mudar.

— Oh, meu amor — digo, beijando o topo de sua cabeça. — E nós amamos ter você. Você já era nossa mesmo quando estava lá na África, mamãe só precisava te encontrar.

Malaika solta uma longa respiração, beijo-lhe uma vez mais.

— Agora, filha, o que o livro da tia Ali faz aqui? Uma vez te disse que só deveria ler ele quando estivesse maiorzinha, lembra disso?

— Sim, mãe, eu não li nada. Só estava vendo as fotos.

Ela toma o livro na mão, abrindo nas últimas páginas, onde nossos rostos estão estampados.

Alice contou uma história real e sem objeção de todos os envolvidos, usando os nomes reais e arrematando tudo, incluindo a fotografia de cada um de nós.

Corro os olhos pelas imagens, a começar por meus bisavós. O casal Laura e Magno e ao lado deles está Rita. Em sequência vêm as imagens de meus avós Luiza e Henrique; Miguel e Cecília, e aqui faço uma pausa na imagem.

As poucas fotos de vó Cecília que minha mãe possui nunca ficaram à mostra, isso foi uma opção dela, em reservar-se ao direito de olhá-las e guardá-las. E eu nunca reparei muito nas fotografias, nem mesmo nessa que está no livro, só que agora me atento aos detalhes, e... Por Deus! A foto de vó Cecília sorrindo, usando o cabelo longo trançado para o lado, me faz lembrar da mulher que encontrei no avião. A mulher era bem mais velha, mas se vó Cecília tivesse alcançando uma idade mais avançada, seria igualzinha àquela senhora que me acalentou.

— Meu Deus! — balbucio, incrédula. — Como podem ser tão parecidas?

— Ei, o que houve? — Ouço a voz de Gustavo e ergo meu olhar para ele, que está parado na entrada do quarto.

— Essa foto de vó Cecília me fez lembrar uma pessoa — digo.

Ele enrugando a testa e se senta ao meu lado, Malaika não perde tempo e vai para o colo do pai. Gustavo a beija enquanto continua a me fitar em questionamento.

— Encontrei com uma mulher exatamente assim como ela, só que mais velha, no avião quando estava vindo para cá depois de saber do seu acidente — explico.

— Deixa eu ver. — Os olhos de Gustavo se estreitam diante da foto, ele inclina a cabeça, observando. — Nunca vi ninguém assim. Aliás, eu nunca nem tinha visto uma foto de Cecília até Alice escrever esse livro e colocar a fotografia.

— É, minha mãe prefere não deixar fotos dela expostas. Não sei explicar, mas fiquei mexida ao perceber essa semelhança.

— Está emocionada por lembrar sua avó, é isso. Sei lá... tem pessoas que se parecem. Fique bem, ok?

Gustavo afaga o meu cabelo e em seguida beija o rostinho de Cecília, o que a faz parar de mamar e se agitar, erguendo a cabeça.

— Satisfeita, Borboletinha? — ele brinca, pegando-a no colo. O que a

deixa toda faceira, tocando o dedinho na ponta do nariz dele.

Gustavo tem disso, escolher apelidos. Malaika é chamada por ele de anjo, eu de moranguinho, e a Cecília de borboletinha. Uma vez, curiosa, perguntei o porquê do apelido, ele não soube explicar, disse apenas que no instante em que a pegou no colo pela primeira vez, ainda no centro cirúrgico, a palavra borboleta lhe veio à mente. Desde então, Gustavo a chama assim e a julgar como ela fica animada, acho que gosta.

Permanecemos brincando com as meninas, tanto uma quanto a outra fazem a maior algazarra com o pai. Gustavo é ótimo em arrancar gargalhadas delas e de mim também. Agora principalmente, em que Cecília já está de volta em meu colo, pois estamos as duas fugindo dos “dinossauros” que nos perseguem. Gustavo e Malaika conseguem nos alcançar, caímos na cama, gargalhando até a barriga doer e até a tia Melissa aparecer na porta.

— Quem quer café da manhã com bolo de chocolate?

— Eeeeu! — Malaika responde de primeira e corre para os braços da avó.

As duas possuem uma ligação extremamente forte. Posso afirmar que o amor para as duas netas é igual, mas existe algo entre Melissa e Malaika que é muito intenso e preciso dizer que o mesmo acontece entre Cecília e minha mãe. É inexplicável, mas em muitas ocasiões, nas quais às vezes minha caçula está impaciente ou chorosa, a vó Malu consegue lhe confortar como ninguém consegue. Nem mesmo eu, o que não me incomoda. Gosto de ver que minhas filhas são amadas e se sentem confortáveis com as avós.

— E a Céci, também quer? — Melissa pergunta, batendo palmas e estendendo os braços para pegá-la. — Hoje é seu aniversário e aposto que o papai e a mamãe não se importarão se você começar o dia com bolo de chocolate.

— Sem exageros, mãe — Gustavo avisa.

— Pode deixar, não vou deixar que ela coma o bolo inteiro.

Tia Melissa ri e nos lança um olhar de vovó travessa e segue para fora do quarto com as netas.

— Ela está tão bem, né? — comento com Gustavo.

— Sim. É bom demais ver minha mãe sempre sorrindo.

— Eu já disse isso, mas devo repetir. Fiquei muito orgulhosa de você com a forma que agiu referente a Raul. Acho que ele mereceu esse crédito depois dos últimos anos que passou a ser nosso amigo e de sua mãe, em específico. Os dois criaram uma relação de amizade que indicava para algo a mais. Mas se não fosse você...

— Acho que se eu não dissesse a ela que tudo bem — Gustavo

completa —, minha mãe nunca se permitiria.

— Exato. E o fato de ser *você* a encorajando a tentar um relacionamento com ele foi bem inesperado. Por todos nós.

Gustavo deixa a cama de Malaika, pressiona a nuca e me olhando um tanto temeroso, fala:

— Ele me disse que eu deveria apoiá-la quando isso acontecesse.

— Ele?

Fico de pé, encarando-o.

— Meu pai — esclarece. — Tive um sonho com ele, onde me disse uma porção de coisas, algumas entendi, fez sentindo, outras ainda não, e sinto como se houvesse algo a mais daquele sonho que preciso lembrar, mas não consigo.

— Uau! Você nunca me contou sobre isso.

— Temi que você achasse que estou maluco, sei lá. — Gustavo dá de ombros.

— Claro que não — oponho. — Jamais acharia isso. Deveria ter me contado. Agora fiquei curiosa. Me explique que porção de coisas foram essas que seu pai te disse — peço.

Gustavo fiska o lábio inferior.

— Explico sim. Mas antes — Puxa-me para ele, toco-o sentindo a solidez de seu peito através da fina camiseta de algodão —, quero aproveitar que as meninas estão lá embaixo com a avó fazendo certamente a maior bagunça, para começar mais um dia da minha vida te agradecendo por me dar a chance de ser esse homem feliz e realizado.

Seus lábios resvalam nos meus.

— Hum... esse tipo de agradecimento que costuma fazer muito me agrada — admito, passando os braços ao redor de seu pescoço.

— Eu bem sei disso — sussurra, firmando as mãos em minha cintura. Sinto o contorno de sua ereção roçando minha camisola de cetim.

Fagulhas de desejo transitam meu corpo inteiro.

— Chuveiro? — proponho, mordiscando o lóbulo de sua orelha e em seguida dou a ele meu olhar cheio de paixão.

Suas mãos escorregam até o meu bumbum por cima do tecido, depois o puxa bem devagar, ostentando um sorrisinho torto, repleto de amor e de provocação.

— Só se for agora — confirma, impulsionando meu corpo para cima.

Minha língua flerta maliciosamente com a dele enquanto Gustavo me leva em seu colo até o nosso quarto, e lá no chuveiro, ele com seu *jeitinho* especial, me agradece por ter lhe doado um rim. Eu sabia que tal gesto de amor

só serviria para a nossa felicidade — em todos os sentidos.



Gustavo

Contemplo a decoração escolhida por Valentina para a festa. O tema — jardim secreto — parece cair bem, visualmente falando, já que combina com o local da festa de aniversário que é no jardim da casa de vó Luiza. E também porque combina com Cecília. Ela adora estar entre flores, plantas e principalmente no labirinto. Foi nele onde recentemente ela deu seus primeiros cambaleantes passinhos. Ah... e se uma borboleta voar por perto, é incrível o que acontece. Cecília fica olhando como se estivesse hipnotizada, além de sorrir o tempo inteiro. Eu não sei se essa atração por borboletas se deu pelo apelido que a chamo desde que nasceu e por causa disso, tudo em sua volta, acabou tendo alguma relação com borboleta. Brinquedos, roupas, bichos de pelúcia. Enfim... Cecília ama borboletas, e na decoração bem no centro atrás da mesa do bolo, há o desenho de várias, como se estivessem voando livremente.

É exatamente para este ponto que me sinto preso, olhando fixamente e com uma sensação de que há algo a mais nisso tudo que eu não sei identificar, mas deixa minha mente e meu coração inquieto.

E a pergunta: por que borboleta? Por que eu pensei numa de cor branca quando peguei Cecília nos braços e tive seus olhinhos conectados aos meus pela primeira vez? Não sei. Não sei explicar, só sei que sinto que existe alguma conexão nisso. E tem a ver com o sonho que tive com meu pai. Eu consigo me

lembrar das coisas que ele me disse, mas tenho a impressão que falta algo e de uns tempos para cá, se tornou incessante a necessidade de descobrir do que se trata.

— Está tudo lindo! — Escuto a voz de Matheus atrás de mim.

— Ei, Japa. Que bom que veio — cumprimento-o com um abraço e exagerados tapas nas costas.

É estranho admitir, mas eu sinto falta do humor e das tiradas inconvenientes, porém engraçadas, de Matheus.

Ele ergue os ombros de um jeito tímido.

— Sabe que adoro as meninas e não perderia de jeito nenhum o aniversário de uma delas. Obrigado pelo convite. Só não quero criar qualquer indisposição, por isso vim até mais cedo para deixar uma lembrança para Cecília, aproveitar para deixar o presente de natal da Malaika, dar um abraço em vocês e cair fora.

— De jeito nenhum. Fica. Você é o padrinho de Malaika, é meu amigo. Não é porque você e Alice não estão mais juntos que...

— Gustavo. — Ele coloca a mão em meu ombro, fazendo com que eu pare de falar. — Eu sou o cara que não foi capaz de dar a Alice o que ela mais queria. E não queria muito, apenas uma casa com uma biblioteca, filhos, um marido. Queria formar uma família. Assim como você e Valentina formaram. E mesmo amando Alice, sabendo que ela é a mulher da minha vida, eu não consegui acompanhar os sonhos dela, os desejos simples de uma vida a dois. A palavra casamento me causava arrepios, e eu só deixei isso bem claro pra ela depois de anos de namoro, na verdade enrolei enquanto deu, pois no fundo não queria perder Alice. Mas também não era capaz de casar. Não posso culpá-la por desistir do nosso amor e por não fazer questão de nem olhar mais na minha cara.

Matheus libera meus ombros do toque da sua mão, a cara triste do meu amigo é de dar pena.

— Bom, eu concordo com a parte de que Alice não quer mais olhar na sua cara, mas eu não acho que tenha desistido do amor de vocês. Que eu saiba ela não ficou com ninguém nesse ano que passaram separados, e você, pelo que já me disse, também não ficou com ninguém. No fundo ainda se amam.

— Eu não sei, Gustavo. Eu não sou o tipo príncipe encantando, nunca vou ser. E é o que Alice quer.

— Na boa, vai por mim, o que Alice quer é você.

— E casamento e filhos — completa, esmorecido.

— Afinal, qual o problema nisso? O que te assusta? Se é com ela que quer ficar, se não teve outra mulher depois dela, o que há na palavra casamento que te faz arrepiar? — questiono em um tom enérgico. — É a coisa mais gostosa

do mundo compartilhar a vida com a pessoa que se ama — concluo, abrandando a voz, pois quando falo sobre este assunto, meu coração se enche de paz e tranquilidade.

Tudo que Valentina e eu estamos vivendo é maravilhoso. Cada dia mais.

— Porra, Gustavo... eu não sei — resmunga, passando a mão pelo rosto.

Matheus une as sobrancelhas, estampando total resignação.

— Porra, Japa! — Dou um soco em seu braço. — Reage! Dá um jeito nisso, reconquista a tua Alicinha e volte a fazer parte da nossa família.

— É isso mesmo — Gaetano diz, parando ao nosso lado. — As coisas andam sem graça sem você falando suas besteiras nos almoços de domingo. Além do que, o humor de Alice quando vocês estão separados fica péssimo.

A cara de Gaetano não está das melhores e eu até posso imaginar o motivo. Isabela. Então decido dar um conselho a ambos.

Me coloco à frente deles e os encaro.

— Acho que vocês dois deveriam tomar coragem, superar os medos. Você, Matheus, de casamento, e você, Gaetano, do Derek. E declararem o amor pelas garotas que amam.

— Eu não tenho medo do Derek — Gaetano dispara, contrariado. — Eu só não quero iniciar a terceira guerra mundial. Uma amizade de anos entre ele e o papai está em jogo, e quando Derek souber que foi enganado por todo esse tempo, vai ficar muito puto da vida.

Arqueio as sobrancelhas.

— Não entendo. Então você não podia declarar antes o que sentia por Isabela porque ela era muito nova e tinha a diferença de idade, agora...

— Foda-se a diferença de idade! — Matheus interrompe.

— Que merda, Japa! Se você falar esse palavrão na frente das minhas filhas, vou lavar a sua boca com sabão.

— Aproveita e lava a sua, Gustavo — Gaetano fala, me encarando com ar de reprovação —, porque, vez e outra Malaika xinga, soltando um sonoro “*meerda*”. E a culpa é sua.

Coço a cabeça.

— É... eu tentei perder esse costume. Acho que não consegui muito bem. Mas... vamos voltar ao cerne da questão e analisar os fatos.

— Gustavo fica tão atraente quando usa essa linguem de advogado. — Matheus debocha, piscando pra mim.

Estreito meus olhos, Gaetano dá um tapa no braço dele e manda Matheus ficar quieto, então continuo:

— Isabela fez 18 anos alguns meses atrás e você não conversou com Derek ainda porque está com medo da reação dele por ter sido enganado? E outra, enganado como? Vocês só se apaixonaram, que mal tem nisso? Vocês sequer foram além de uns beijos, não é?

— Ah, gente, pelo amor de Deus, que papo é esse de século passado? — Matheus opina. — E se os dois já tivessem transado, que mal teria nisso? E outra, todo mundo sabe que Derek foi o maior pegador. Ele sabe como são essas coisas.

Gaetano esfrega os dedos pelo maxilar... Caramba, o gesto é sinal de que está nervoso. Ele não confirma, mas eu acabo de me dar conta de que sim, já rolou mais que alguns beijos entre ele e Isabela.

— Derek pode ter sido um baita mulherengo — digo. — Entretanto, isso não faz dele um cara compreensivo de que é *normal* um cara estar pegando a filha dele.

— Eu não estou pegando a Isabela, eu a amo.

— Que fofo. — Matheus leva as mãos ao peito. A brincadeira nunca tem limite para ele.

Ignoro-o e sigo expondo o que penso.

— Diga isso a ele, Gaetano. Derek pode ser ciumento, e olha que eu achei que não existia pai mais ciumento que tio Leo em relação as filhas. Mas Derek consegue ganhar. Acho que ele foi tão filho da pu... com mulheres, que tem medo que alguém seja com a filha dele. Só que Gaetano, sendo você como é, ele ficaria até tranquilo. Afinal, você é...

— Um menino de ouro, sonho de toda mulher.

— Cala a boca, Matheus! — Gaetano se irrita.

— Nisso eu preciso concordar com o Japa. Você é um cara bom, Gaetano. Derek vai entender e dar a benção ao relacionamento de vocês.

— Não aguento mais tudo isso, e pra ficar ainda pior, Isabela me deu um ultimato. Enquanto eu não falar com Derek, não tem mais nada entre a gente.

— Como eu disse, parem de covardias, seus merdas! Você — Aponto o dedo para Matheus —, peça perdão. E você — Mudo a direção do dedo para Gaetano —, peça permissão.

Os dois se entreolham e depois me encaram.

— Aproveitem que a família estará reunida — concluo e os deixo com uma expressão pensativa.

Fazendo meu caminho de volta até a área da frente da casa, escuto de longe o choro de Cecília e acelero o passo até encontrar Valentina, sua expressão é de preocupada.

— De repente ela começou com esse choro forte, nada e nem ninguém

a acalmou — adianta-se em contar. — Cheguei a tirar toda a roupa dela para conferir se tinha algo incomodando, mas não. Vesti outra vez, troquei a fralda, nem mesmo peito adiantou para fazê-la parar de chorar. Na verdade, não parece o choro de dor ou fome.

— Parece que está impaciente, querendo algo — arremato, pegando Cecília no colo.

— Sim.

Valentina enxuga o rosto de Cecília com a fralda e se mantém a segurar sua mão.

— Ei, Borborletinha — falo com tom suave, olhando em seus olhos chorosos. — Por que está chorando? Hum, meu amor? O que você quer? Vamos dar uma voltinha lá no labirinto, o que acha?

Miro Valentina.

— Talvez isso a acalme — diz, esperançosa.

À medida que nos aproximamos do labirinto, Cecília diminui o choro e quando finalizamos o percurso até o centro dele e nos sentamos na grama, o único som que emite é de sua risadinha e de sua voz balbuciando algumas sílabas que vem treinando.

— Acho que era isso que ela queria. — Dou um sorriso, impressionado com a sua capacidade de tentar nos demonstrar suas vontades através do choro.

— Pois é. Ainda bem que ela parou de chorar, estava ficando preocupada.

Valentina respira aliviada e reparo em seu cabelo — ela voltou a usar longo como antes —, que está trançado para o lado. Não foi assim que estava ao sairmos de casa.

Tracejo os dedos por ele.

— Gostou? Foi ideia da mãe em fazer. Hoje não sei o que há com dona Malu, parece tão nostálgica. Enquanto trançava o meu cabelo, comentou que a mãe dela adorava cabelos trançados. Geralmente usava o seu assim e fazia no da minha mãe também. Na hora que ela me contou isso, lembrei da mulher que encontrei no avião. Ela comentou que gostava de tranças também. Sabe... estou com uma sensação que não sei explicar.

— É... eu também — admito.

— Deve ser a emoção do primeiro aninho de Cecília. — Assinto.

Ao ouvir o som de seu nome, Cecília, que estava sentada agarrando um ramo de grama, levanta-se e os três passos que nos separa dela são encerrados como seu caminhar lindamente tortinho.

Seguro-a e então a íris azul se espelha na minha, seu olhar se conecta

ao meu de um jeito profundo, o rosto de bebê parece esconder por de trás dos olhos, a alma de um ser que já esteve muito mais além. Então, seu dedo indicador toca o meu nariz e eu paraliso. Ela costuma fazer isso sempre, mas como se a luz da lembrança se acendesse em minha mente, eu me lembro.

Deus! Eu me lembro da parte do sonho que faltava, da pessoa que faltava, a senhora de cabelo longo trançado para o lado e me dou conta que... minha nossa! É a mãe de Maria de Luiza. É a Cecília aquela mulher.

A cena se passa diante dos meus olhos.

— *Eu a verei outra vez? — pergunto com urgência.*

— *Sim. Mas não assim como estou agora.*

— *Então como saberei que é você?*

O dedo dela se estica e, como antes, toca a ponta do meu nariz. O toque é suave como o de uma...

— *Borboleta — sussurro.*”

— Meu Deus... Valentina!

— O que foi? — Ela se alarma.

— Eu acho que... eu acho que... — gaguejo, pois fico atordoado. — É surreal... mas sinto e até tenho certeza de que...

— Guel — Cecília pronuncia.

Boquiaberta Valentina me encara, eu também fico boquiaberto. Cecília bate as mãozinhas, suas bochechas se avolumam nos olhos do tanto que sorri, e eis que ela repete, agora com perfeição:

— Miguel.

Continuamos boquiabertos e a surpresa aumenta quando olhamos para o lado e vemos Miguel, o filho de Clarissa — que convive diariamente conosco, até porque Cecília o adora — parado a alguns passos de distância. Cecília também percebe sua presença, repete uma vez mais o nome dele, agora com o corpo voltado em sua direção, fazendo com que o garotinho corra até ela.

Porém, separados por alguns passos, o menino de cinco anos se coloca de joelho, esticando os braços para Cecília. Ela até tenta correr até ele, mas seus pequenos e ainda atrapalhados pés, tropeçam. O que faz com que Valentina e eu nos estiquemos para alcançá-la, mas não é necessário, pois quem a segura é Miguel.

Ele a abraça como se abraçasse o mundo em seus, ainda curtos, braços. Seus olhos se fecham e por sua bochecha de traços infantis escorre uma lágrima densa. A lágrima da alma de alguém que talvez já tenha vivido e sofrido muito.

— São eles. — Levo a mão à boca, constatando, ou melhor, confirmando o sonho.

Aproximamos em silêncio, vendo um sentar à frente do outro, então

Miguel tira do bolso de sua bermuda jeans, uma folha de papel.

— Fiz esse desenho pra você, Cecília — ele diz com carinho, estendendo o papel. Nossa filha o pega.

Normalmente ela amassaria ou rasgaria, é o que costuma fazer quando tem um papel em suas mãos, mas não este, onde tem um desenho do símbolo do infinito pintado da cor amarela.

— Miguel e Cecília — Valentina sussurra. O tom impressionado me faz saber que ela chegou à mesma conclusão que a minha.

Outro *flash back* do sonho surge em minha mente.

“Há uma nobre e justa missão que a nossa família tem a cumprir.”

“Você sentirá. Tenho certeza que quando for a hora, sentirá. Enquanto isso, tudo que eu posso dizer é que o um grande amor verdadeiro só encontra o seu caminho de volta através de outros grandes amores verdadeiros. Caminhos que se cruzam, vidas que se entrelaçaram no passado, encontros, desencontros. Pessoas que nascem para se amar e outras que precisam de uma segunda chance.”

— Eles precisavam de uma segunda chance.

Apesar de eu estar pensando exatamente isso, é Valentina quem diz. O som de sua voz sai sussurrado e emocionado.

— Sim — confirmo. — E foi através de outros grandes amores verdadeiros. Clarissa e Pedro, Você e eu.

— Fomos escolhidos. — Valentina me abraça forte. — Nascemos para nos amar, para que eles pudessem voltar a nascer e a se amarem.

Emocionados, permanecemos abraçados enquanto admiramos Cecília e Miguel brincando e também enquanto confirmamos a força de um grande e verdadeiro amor, que sempre dá um jeito de encontrar uma nova chance.

Valentina

Cecília sopra sua velinha de um ano, ao meu lado direito está Gustavo batendo palmas e vibrando emocionado, do mesmo jeito está Malaika, posicionada em sua frente. E ao meu lado esquerdo, perto de Cecília, eu quis que Miguel ficasse.

E ao que depender de mim eles nunca mais se separarão.

Tudo explica a afeição entre as duas crianças, tudo explica a ligação de Cecília com minha mãe e por sua vez a de Miguel com ela. Julguei que se tratava de um carinho natural que advém dos laços que une a todos nós. Não deixa de ser isso, mas só que são laços estabelecidos muito antes. Diante disto, eu pedi que minha mãe ficasse ao lado de Miguel. Estamos todos celebrando um ano de vida de Cecília e em meu íntimo me sinto celebrando o recomeço deles, dos três.

— E para a Cecília? — Meu pai puxa o coro.

— Tudoooo! — os convidados respondem em uníssono.

Guio a mão de Cecília ao corte do bolo, e por ela faço o pedido que certamente está contido em seu coração, mas que ela ainda não sabe e nem tem consciência para distinguir.

Que nada os atrapalhe dessa vez, e que possam viver esse grande amor.

As palmas se acentuam, a alegria se faz presente nos rostos daqueles que estão conosco. Os amigos, aqueles de longa data, e os mais recentes, como Nina, e mais recente ainda como Sara e seu filho Gabriel. A família que, por amor, formamos.

Através das palmas o tilintar de um talher no copo de vidro se sobressai, chamando nossa atenção. Ele vem do fundo e todos se viram para ver quem é. Estico o pescoço e avisto...

— Matheus — murmuro, buscando encontrar Alice no meu campo de visão.

E ela está aqui, quase à minha frente, com o corpo de lado de modo que enxergo a lateral de seu rosto e pela primeira vez sua face está desprovida de qualquer reação.

— É isso aí, Japa! — Gustavo comemora.

— O que ele vai fazer? — cochicho, arqueando as sobrancelhas.

Gustavo sorri.

— Dar um jeito na mer... — Meneio a cabeça de cenho franzido, impedindo que conclua. — Dar um jeito na *coisa* toda — arremata, livrando a frase da palavra “merda”.

Está certo que dessa vez a palavra cairia bem.

O que Matheus fez foi mesmo uma merda. Destruiu os sonhos de Alice quando durante uma discussão, em que ela numa justa cobrança fez a ele, querendo a decisão de dar um passo a mais na longa relação deles, dizendo que queria se casar, Matheus simplesmente disse não. Cansada de ser cozinhada em banho-maria, Alice terminou tudo. Isso foi no início deste ano e eu só espero que, seja o que Matheus esteja disposto a fazer agora, não a magoe, ou seja algo para a iludir por mais alguns anos. Ela não merece isso.

— Alice... — A voz de Matheus sai fraca e julgo que com pouca coragem.

Vejo minha irmã apertar os olhos e seu queixo tremer no instante em que começa a se afastar, ignorando o chamado de Matheus.

— Alicinha, por favor. Me ouve. — Agora a voz dele está firme. Alice para de se mover, mas permanece de costas.

Matheus se apressa em pegar um ramalhete com pelo menos meia dúzia de rosas vermelhas — que ele deve ter colhido do jardim de vó Luiza — e caminha de maneira apressada, saindo do fundo e vindo para frente, até ficar a centímetros de distância de Alice.

O silêncio é absoluto e até mesmo Cecília se mantém quietinha em meu colo, observando ansiosa pelo que vem a seguir, assim como todos nós.

— Eu posso não ser o príncipe com quem um dia sonhou — ele reconhece. — Na verdade, eu sou um cara cheio de defeitos, mas tenho uma qualidade: eu te amo, Alice. Te amei desde a primeira vez que você puxou meu cabelo e me chamou de chato quando tínhamos 5 anos de idade.

— Eu puxei o seu cabelo porque você jogou meu livro na piscina, seu idiota — Alice discorre, brava.

— Fiz isso porque você só ficava olhando pra ele. Quis chamar sua atenção. O tempo todo eu só queria sua atenção.

Alice se vira, os dois se encaram. Ela coloca as mãos na cintura, com sua típica posição de embate.

— Você a teve por todos esses anos, mas desperdiçou, Matheus.

— Eu sei. E fui um idiota.

— Que bom que sabe. — Uma de suas sobrancelhas se erguem com ar de desdém.

Só que eu sei que no fundo há um coração magoado.

— Pois é... só que eu não sei viver sem sua atenção, Alice — Matheus admite. — Sem suas broncas, sem seu carinho, sem esse seu jeito romântico e sonhador. Então... sabe, se você estiver disposta e ainda me quiser, eu quero me casar com você — ele finaliza, esperançoso.

Alice não muda as feições com a proposta de Matheus e diz:

— Está certo numa coisa. Você não é o príncipe que um dia sonhei...

— Alicinha, por favor?! Me dê uma chance — suplica.

— ...Mas é o meu príncipe. Ainda que imperfeito, é meu. É quem meu coração escolheu para amar. Só que Matheus...

— Quero ver você vestida de noiva vindo ao meu encontro — Matheus a interrompe e dispara a falar. — Quero ter uma casa e ela seja repleta dos livros que tanto gosta, dos filhos que teremos. Uma casa repleta de amor.

— E se você se arrepender de tudo isso que está me dizendo e acabar com meus sonhos outra vez?

— Não vou me arrepender, porque é tudo que mais quero — assegura e se ajoelha diante dela, estendendo-lhe as rosas. — Alice...

— Pode parar! — A voz do meu pai reverbera. — Se quer fazer isso, faça completo. Ou terá de repetir tudo outra vez. Eu tive. Não foi nada ruim. Mas a cena está perfeita, vamos deixá-la completa.

Meus pais trocam um olhar de cumplicidade e do dedo anelar, minha mãe tira o seu próprio anel de casamento e papai sua própria aliança. Ele vai até o Matheus, entredentes e baixinho, dá o aviso:

— Agora escute aqui, seu filho da mãe. É sua última chance com ela. Faça as coisas certas.

— Eu vou fazer, doutor Leonardo — Matheus garante.

— Ótimo.

Munido de tudo que precisa, Matheus estufa o peito e estende as mãos, uma com o ramalhete de rosas e a outra com o anel. Tomado por uma expressão e tom cortês, tal como os mocinhos dos romances de época, profere:

— Perdoe-me, Alicinha. Perdoe-me e se case comigo.

Alice pressiona os lábios, forjando por alguns segundos o sorriso que eu sei que está dando, até que o libera e com entusiasmo responde:

— Sim, eu aceito.

E também igualmente aos livros, em seguida um beijo apaixonado acontece.

Aplausos, assovios e um burburinho se forma, só que outra vez o barulho é interrompido pelo tintilar de um talher no copo de vidro.

— Ah, pelo amor de Deus! — tio Derek brada. — O que vem agora? Eu quero experimentar esse bolo que está com uma cara ótima.

Voltamos nossa atenção novamente para o fundo e agora posso afirmar que quem a chama é um verdadeiro príncipe. Gaetano respira fundo e ao se dirigir até a frente, passa por Isabela, tomando a mão dela na dele.

— Que merda é essa? — Tio Derek diz, franzindo o cenho.

— Só para constar, essa frase é minha — Gustavo avisa, brincalhão.

Mas isso não é capaz de fazer tio Derek achar graça. Beatriz, sua esposa, se põe nitidamente temerosa.

E vou dizer uma coisa, não me seguro de nervosa, passo Cecília para o colo de Gustavo e enfio logo dois brigadeiros, um atrás do outro, na boca.

Enquanto mastigo e com a necessidade de me ocupar com algo, decido dar atenção às crianças, corto as fatias de bolo e entrego a Malaika e Miguel. Faço sinal para Sara, ela se aproxima pegando um pedaço para o Gabriel. Continuo a preencher outros pratos com fatias de bolo, e por fim pego uma que pretendo dividir com Cecília. E por aí paro, já que vejo meu — lindo e amoroso — irmão, ficar diante de seu maior desafio e nem diria que seja Derek, o pai ciumento da garota que ama, e sim o desafio e receio de que isso estrague a amizade de uma vida inteira entre meu pai e Derek.

Gaetano é *certinho* demais e se sentirá culpado se isso acontecer.

Desvio o foco por um instante até meu pai e minha mãe. Claro, eles já sabem de tudo. Não pela boca de qualquer um de nós, ou até mesmo pela de Gaetano, pois ele nunca contou. Entretanto, meus pais sabem pela simples capacidade que possuem de captar tudo referente aos filhos.

— Derek — Gaetano fala, soando o mais seguro possível. — Eu amo a Isabela — declara.

— Minha nossa, ele foi direto ao ponto — Gustavo comenta em meu ouvido.

Concordo com a cabeça, enfiando um pedaço de bolo em sua boca e sem me espantar com a abordagem de Gaetano, pois ele é uma pessoa que não faz rodeios quando decide falar algo.

— E já não posso e nem quero mais esconder esse sentimento — Gaetano continua. — Meu interesse e minhas intenções são as melhores, por isso estou aqui, pedindo que...

— Primeiro você se envolve com minha filha pelas minhas costas e depois vem me pedir autorização. É isso? — tio Derek inquire, interrompendo o final da frase de Gaetano, fazendo-o engolir em seco.

— Não é bem assim... é só que estava esperando o tempo certo — esclarece.

— E enquanto esperavam me enganavam. Vocês pensam que eu não percebi? Quem mais sabia? — Tio Derek abre os braços. — Leonardo? — brada.

— Você estava acobertando seu filho? Belo amigo, hein?

— Escute, Derek. Eu não sabia. Quer dizer, Malu e eu desconfiávamos. Mas vamos ser realistas, eles não são mais crianças. Não há mal se gostarem.

— Não há mal porque não é uma de suas filhas. Pra mim, Isabela continua sendo uma criança.

— Mas eu não sou, pai. Aliás, faz tempo que eu deixei de ser — Isabela diz, colocando a mão na cintura.

Sempre gostei da personalidade decidida e corajosa dela. Sei que se dependesse de Isabela, esse assunto já teria vindo à tona.

— Que tom é esse e o que está querendo dizer, Isabela? — o pai questiona à filha.

Beatriz toma a palavra em defesa da filha.

— Ela só está querendo dizer o que é um fato, Derek. Nossa filha não é mais uma criança.

— Não quero que Isabela namore cedo. Homens nessa idade não costumam ser fiéis.

— Está tirando por base seus atos? — Gaetano indaga, sua chateação é aparente. — Eu não sou assim. Gosto de Isabela e a respeito.

Lucca, o irmão de Isabela, que até agora estava quieto, solta uma risada. Ninguém compreende o motivo de toda a graça.

— Não entendo por qual motivo esses caras inventam de querer só uma mulher quando se pode ter várias.

Alice estala a língua em desagrado. E não seria ela, se conseguisse se manter sem falar nada.

— Pois saiba, Lucca, que quem tem muitas, no fundo não tem nenhuma.

Lucca no auge de sua juventude e, registre-se, que muito bonito e charmoso, dá de ombros para a opinião de Alice.

— Vai ser assim até que encontre a garota certa — Beatriz volta a falar. — Só que eu já avisei que não quero você iludindo as mulheres, Lucca — ela o aconselha, soando bem brava.

Aliás, quando Beatriz decide ficar brava, a coisa fica feia.

— Vamos parar com esse falatório! — minha mãe ordena, Gustavo e eu nos olhamos.

Ok. A coisa também fica feia quando dona Malu fica brava e as duas juntas, já vi que não é bom sinal.

— Pessoal, é aniversário de Cecília e há crianças aqui — relembro.

Se querem mais uma mulher brava, pois eu fico. Nada vai estragar o

aniversário da minha filha.

— Pode deixar, Valen. Eu só preciso tentar terminar de falar o que fui interrompido e não direi mais nada.

— Ótimo. Diga, então, Gaetano — tio Derek exige.

Gaetano junta as duas mãos atrás na nuca, inspira devagar e solta o ar com calma e só então diz:

— Quer saber? Não é mais com você que eu vou falar. — Os olhos de tio Derek crispam. — Continuo te respeitando, Derek. Mas esse pedido não é para você.

— Você é corajoso, hein, garoto?! — Tio Derek resmunga.

Gaetano o ignora, volta seu corpo para o de Isabela e toma sua mão, como um verdadeiro cavalheiro.

— Isabela, minha estrelinha, permita-me a honra de ser seu namorado. Permita-me levá-la em lugares públicos, segurar em sua mão, lhe beijar sempre que sentirmos vontade, e sem ter de esconder que nos amamos. Permita-me demonstrar o quanto eu sou completamente apaixonado por você. Sempre, em todo e qualquer lugar.

— Leãozinho, eu me permito a tudo com você. Te amo tanto. — Isabela se lança nos braços de Gaetano.

Arregalo os olhos com o beijo que os dois protagonizam. É o tipo de beijo incendiário, línguas à mostra, mãos afoitas percorrendo um o corpo do outro. E esse frenesi só para por causa do meu pai.

— Vai dizer o que agora, Derek? — ele pergunta, sorridente, com tom de provocação.

Tio Derek meneia a cabeça. O semblante encrespando a cada segundo mais.

— *Viiish...* vai dar merda — Gustavo sussurra ao meu lado.

Eu nem me movo, tampouco desvio a atenção do embate. Levo o garfo ao prato para pegar mais um pedaço de bolo, ele vem vazio e só aí me dou conta que já comi tudo.

O bom amigo de meu pai que, para falar a verdade, acho que deixará de ser, sustenta a raiva em cada traço de seu rosto, as narinas chegam a se dilatar pela forma rápida que inspira e expira somente pelo nariz.

— Se prepare, Leonardo — avisa em ameaça. — Se prepare para ficar em segundo lugar, pois eu serei o avô preferido.

Derek começa a gargalhar. Ninguém entende nada, mas um sorrisinho amarelo percorre os rostos de todos nós. Quando finalmente ele para de rir, acrescenta:

— Eu esperei tanto por esse momento. Precisavam ver a cara assustada

de vocês — tio Derek zomba. — É claro que eu já sabia desse relacionamento — revela. — O que não quer dizer que ter que aceitar um namoro quando Isabela ainda é tão jovem, não me desagrade um pouco. Mas ante a algum babaca, a ferir e machucar seus sentimentos, eu prefiro que ela mantenha um relacionamento sério com Gaetano. Vou me apegar àquele ditado: “dos males, o menor”. Além do que, ver uma criança dizendo que eu sou o avô mais legal ao invés de você, Leonardo, será bem legal.

A atmosfera continua pesada.

— Derek! Pare com isso — tia Bea o repreende.

— Ah tá... — Papai esfrega a barba enquanto sua íris verde dá um meio giro dentro de sua órbita ocular. — Você que pensa que vai ser o preferido. Eu tenho muito mais experiência com crianças e ainda por cima já sou avô de duas — gaba-se.

Mamãe usa de sua sensatez e adverte:

— Leonardo, pare com isso! Os dois parecem garotos que ainda estão na série primária — critica.

— Ei, pessoal! — Matheus conclama. — A concorrência dos avôs é uma disputa e tanto. Mas vocês já pararam para pensar na disputa das vovós? Duelo de gigantes. Quem vai preparar a comida mais gostosa, o bolo preferido? Hein? Qual é a aposta de vocês?

Minha mãe e Beatriz cruzam os braços sobre o peito e dona Malu solta, com um sorriso:

— Eu sou boa em preparar comidinhas gostosas para minhas netas.

— Também mando superbem na cozinha — Beatriz confronta.

— Ok. Ok. Vamos parar por aí — Gaetano intervém. — Estamos falando aqui de um pedido de namoro, certo? Teremos tempo para os netos. E quando eles vierem, tenho certeza que irão gostar de todos igualmente.

— É isso mesmo. — Isabela o acompanha no objetivo de apaziguar a disputa. Em seguida ela dá um passo e coloca a mão no peito de tio Derek. — Pai, então tudo bem?

— Tudo bem, minha princesinha. Só não abandone seu velho pai.

Pai e filha se abraçam emocionados, Gaetano se aproxima de ambos e estende a mão.

— Obrigado, Derek — meu irmão diz, com seu jeito educado de ser.

Derek pega sua mão estendida.

— Obrigado, nada. Trate de cuidar da minha filha direito, se não, já sabe, né?!

— Sei sim. E fique tranquilo. Na constelação da minha vida, Isabela é a estrela mais brilhante. Eu vou cuidar dela sempre.

Os dois, por fim, trocam um abraço. Logo depois meus pais se juntam a eles, selando, assim, um acordo de paz. Tenho meus receios que isso dure apenas até o nascimento do primeiro filho de Gaetano e Isabela. Será bem engraçado ver essa disputa.

Respiro aliviada e o bom de ter na família pessoas que têm o dom de cantar é que tudo no final das contas, acaba em música. A escolhida remete justamente ao que somos... amigos.

Derek e Lucca começam a tocar no violão e a cantar a canção “certos amigos” do grupo Expresso Rural. Formamos uma plateia e, um ao lado do outro, acompanhamos em um coro unido a alegre a canção.

Gustavo está ao meu lado, com Cecília em seu colo, o sorriso que ele exhibe é do tamanho do meu. Em sequência vem Clarissa e Pedro, e o filho deles, Miguel. Ainda estou emocionada com o que aconteceu no labirinto. E a esperança de um futuro lindo aos dois resplandece dentro do meu peito. Meus pais estão de mãos dadas e a cada vez que os percebo contemplando-nos, sei que estão felizes por ver onde o amor deles foi capaz de chegar.

E como a vida é feita de novas chances, ali perto de meus pais estão tia Melissa e Raul. A mão dele repousa no ombro dela, enquanto tia Melissa bate palmas, seguindo o ritmo da música. Nesse exato momento ela fecha os olhos, sorrindo, sei que está pensando em tio Luís. Ele sempre continuará vivo em nossos corações. Logo depois está vó Beth, abraçada ao esposo Seu José. O amor não tem idade para acontecer e é lindo perceber como os dois foram feitos um para o outro. Vincent e Cleo também estão conosco, eles fazem parte desse grupo fiel de amigos que meus pais construíram, nos ensinando a importância da amizade verdadeira. E por falar em amizade verdadeira, o que são Fátima e Zaki, senão amigos verdadeiros que a vida me deu? Eles foram fundamentais nos ajudando com Malaika. Tê-los partilhando esse momento aquece meu coração que é tão grato ao casal. Adoro ver a espontaneidade e o sorriso deles.

Vó Luiza está ladeada por Malaika, que adora tanto a bisavó, e por Gabriel. O garotinho de mesma idade da minha mais velha é uma simpatia pura. Não precisou de muito esforço para fazer amizade com todos, principalmente com Malaika. Os dois batem palmas, animados. E ao olhar para Nina e Sara, eu percebo um entrelaçar de dedos, que demonstra ser mais que isso, um entrelaçar de vidas. As duas foram feridas por suas mães, e eu desejo que encontrem uma na outra a felicidade plena e o amor. Até hoje, Nina não havia encontrado alguém que desse certo, alguém que pudesse compreender seus receios de uma relação e a necessidade de conhecer o amor, que ela, assim como tantas outras pessoas também tem o direito de amar.

Quando encontro o olhar cheio de vida e cores de minha irmã, meu

sorriso aumenta. Alice segura as rosas e canta animadamente, ao tempo que Matheus a envolve pela cintura e descansa o queixo em seu ombro. A relação deles é digna de um bom enredo para um livro, talvez Alice se inspire para uma próxima história, dessa vez a dela e de Matheus.

Ao lado deles estão Gaetano e Isabela, e a expressão tranquila de finalmente poderem ficar abraçados e demonstrarem o que sentem um pelo outro está nítido em seus semblantes. E em meu coração sinto toda a alegria por finalmente isso acontecer. Sei o quanto a situação do namoro escondido perturbava meu irmão.

E, não diferente da relação de Alice e Matheus, acho que a de Gaetano e Isabela também daria um bom enredo. Vou propor a Alice que escreva. E ainda, sugerir os títulos: “Perdoe-me” para o livro da história dela com Matheus e “Permita-me” para a de Gaetano e Isabela. Acho que ficaria bom.

Observo tia Beatriz, que está ali pertinho de Isabela e Gaetano, sem esconder a felicidade que o momento traz e certamente também por ver a filha sendo amada de uma forma segura. Gaetano jamais quebrará o coração de Isabela.

Por fim, com os olhos fechados e o pensamento naqueles que já foram, mas que fazem parte dessa história, acompanho a letra da música, admirando seu lindo significado.

*“Quando esse trem de alegria vara a vida da gente
Sempre que a estação mais perto é o nosso coração
Difícil se saber na hora o que a gente sente
Se certos amigos nos mostram que o mundo ainda é bom
Por saber,
Que tendo você do meu lado me sinto mais forte
Quero beijar o teu rosto e pegar tua mão
Se cada estrela no céu é um amigo na terra
A força do acaso do encontro é uma constelação
Lumiar,
De que planeta você é?
Eu faço o que você quiser em troca do teu amor
Posso te dar o que eu sou, amigo é um cobertor
Bordado de estrelas - de estrelas.
Constelação, nave louca
A vida é pouca e o que vale é se querer.”*

Ao final da música, quando abro os olhos, percebo que Cecília está no

colo da minha mãe. Gustavo me puxa para um canto mais reservado, segura minhas duas mãos, a expressão de sua face se revelando do jeito que sempre se revelou para mim, cheia de amor.

— Eu sempre te quis, Valentina — fala com os olhos marejados. — Te quis como minha melhor amiga desde a infância, como a garota que sonhei em dar o primeiro beijo, fazer amor pela primeira vez... Te quis como minha esposa. E até hoje, depois de 4 anos de *oficialmente* casados, o meu primeiro pensamento quando acordo é a lembrança de você entrando na igreja ao lado de seu pai e Malaika feito uma princesinha trazendo as alianças. Aquele vestido branco singelo com o véu se derramando pelo tapete vermelho, seu cabelo longo e solto, o brilho do seu olhar que acompanhava o brilho de seus lábios. Tudo em você resplandecia, combinando com a luz que possuí. A luz que faz de mim um ser humano iluminado, simplesmente por poder estar ao seu lado e dividir cada dia de minha vida com você. Eu te amo, Moranguinho. E vou sempre te querer... daqui até a eternidade.

Levo as mãos em seu rosto umedecido por lágrimas. Acaricio e digo tudo aquilo que vibra em meu coração, mente e alma:

— Sempre soube que era você o grande amor da minha vida, Gustavo. E poder desfrutar da plenitude desse amor faz de mim a mulher mais feliz do mundo. Em cada dia da minha vida eu vou agradecer por ter nascido para te amar e para ser amada por você. Eu te amo, Trovão. Daqui até a eternidade.

Conduzo minha boca até a dele, beijamo-nos de maneira suave e no escuro dos meus olhos fechados, posso ver pontos de luz, unindo-se à alegria que sinto, ao amor que sinto e a segurança que é ser amada por Gustavo.

Quando finalizamos o beijo, inspiramos fundo e guiamos juntos a atenção até minha mãe sentada nunca cadeira, ela permanece a segurar Cecília e Miguel está ali juntinho delas, distraindo Cecília com uma borboleta da decoração da festa.

— E quanto a eles — Gustavo fala, indicando-os. — Os laços são antigos e fortes, está no inconsciente e no coração dos três, e já que a verdade foi revelada a nós, conosco ela ficará até que um dia sintamos que seja a hora de desvendá-la.

— Sim. E para Cecília e Miguel deixaremos que descubram o amor. E a nossa missão será garantir que dessa vez o final seja feliz.

Gustavo concorda, volta o olhar para o meu rosto, e da forma como sempre se deu, enxergamo-nos além de um olhar.

— Inseparáveis... — ele sussurra.

— Eternamente — eu completo.

Abraço-o e como aconteceu quando tínhamos dez anos de idade e

fizemos essa promessa um ao outro pela primeira vez, eu tenha a certeza de que não importa de onde eu vim e sim onde estou. E onde estou, sou e sempre serei, muito amada.



EPÍLOGO

Cecília

Quinze anos de idade.

No momento em que uma brisa tímida passeia por entre os galhos das árvores simetricamente bem podadas do labirinto, uma gota de suor encontra um caminho da minha têmpora até o maxilar, seu deslizar rápido causando uma — instantânea e incômoda — cócega, fazendo-me ter de abandonar o livro sobre o estômago e me ocupar em secá-la. Deslizo a ponta do indicador mais de uma vez pelo local, fitando o céu e só então me dou conta de que o sol deixou de banhar de maneira direta minha face, pois o seu declínio começa a se dar no horizonte.

Estava tão absorta na leitura que nem percebi que ele começara a se despedir. O que, na verdade, é agradável, já que a temperatura alta de um domingo ensolarado de verão aquece demasiadamente meus poros e nem mesmo o leve tecido do meu vestido de alcinha estampado com miúdas borboletas, consegue aplacar o calor que sinto. E a propósito, eu *amo* borboletas. Amo tanto que às vezes sonho que sou uma. Amo tanto que toda vez que meu pai me chama de Borboletinha, o apelido que me deu assim que nasci, eu sinto como se o sopro suave do bater das asas de uma borboleta encontrasse minha alma. A temperatura está tão elevada que até o meu coró cabeludo parece um forno, por abrigar densas camadas dos fios escuros e grossos do meu cabelo longo trançado

para o lado.

Outra brisa, agora menos tímida, sopra e dessa vez sinto-a roçar a minha pele. O frescor alcança meu rosto, a agradável sensação me faz esquecer por um instante a leitura e fechar os olhos. Mas o capítulo que eu li — dos muitos que eu ainda tenho pela frente — do livro que tia Alice escreveu sobre a história da nossa família, transita em minha mente, fazendo-me continuar conectada com os personagens Cecília e Carlos Miguel, meus bisavós. Principalmente porque o momento em que a gota de suor escorreu, tirando meu foco, eu lia uma, das muitas transcrições do diário de minha bisavó, que estão contidas no livro. E essa transcrição, por alguma razão, me pareceu familiar. Aliás, bem familiar. Talvez porque hoje é meu aniversário de 15 anos e justamente a transcrição é do aniversário de 15 anos da então jovem garota, Cecília.

Enfim, semelhanças entre passado e presente que me fazem achar familiar, que fazem minha memória imaginar como se já tivesse acontecido, mas é só impressão. Afinal, no caso de minha bisavó, ela não estava sozinha em seu aniversário e sim com meu bisavô e ele lhe entregara, aqui no labirinto, um presente que se tornaria uma espécie de marca registrada do romance deles. Um par de brincos com o símbolo de infinito e um diário. Este, inclusive, que ela passou a escrever e contar sua história de amor. E mesmo que ela tenha ganhado-o aos quinze anos, foi cautelosa em registrar os anos anteriores de sua vida e a forma como conheceu seu grande amor, quando ambos eram ainda duas crianças. E, bem... por incrível que pareça eu continuo a encontrar semelhanças, mas nesse ponto é melhor focar no que nos difere. Como eu disse, ela estava acompanhada e eu estou sozinha, e muito menos ganhei de presente um par de brincos e um diário.

Ok. Isso soa um tanto lamentoso... mas é que eu não consigo evitar.

É melhor abandonar esse monte de pensamentos, retomar a leitura e me envolver nas páginas do livro que recebi de presente de tia Alice. Esse é um exemplar da primeira edição. Na estante da nossa casa há também um exemplar dessa primeira edição e das outras que vieram, inclusive uma bem recente. Só que eu não pude ler nenhuma delas antes, determinação de minha mãe. Ela estipulou que eu só poderia ler quando fizesse 15 anos. Com minha irmã, Malaika, foi o mesmo, e isso sempre me deixou curiosa.

Segurei minha curiosidade por bom tempo, até que uma noite dessas de sexta-feira, eu estava deitada na cama de Malaika, ela na cabeceira e eu nos pés.

Minha irmã estava com o notebook aberto em seu colo. Ela é muito estudiosa e não é para menos que tenha que se dedicar e ser tão focada, já que

escolheu ser uma neurocirurgiã. Até julguei que eu a estivesse importunando com minha conversa fiada que me levaria em seguida a perguntar o que, afinal, as páginas do livro escondiam. Mas então, quando eu mudei a posição e fui para a cabeceira da cama, percebi que não estava lhe atrapalhando nos estudos, pois Malaika estava assistindo a um vídeo com um compilado de imagens de um certo, famoso e talentoso, jogador de futebol, de jogadas espetaculares que lhe renderam por mais de uma vez o título de melhor jogador do mundo. Malaika é extremamente focada, mas se tem algo, ou melhor, alguém que lhe faz perder o foco, é Gabriel. Acredito que entre eles haja um amor dos grandes, e o motivo que até hoje eles não engataram um relacionamento é porque, tanto um quanto outro, vive *focado* em alcançar grandes objetivos profissionais.

Malaika encarava as coxas musculosas de Gabriel quando soltei a pergunta de o que tinha no livro que tinha feito nossa mãe impor um limite de idade para lermos. Nesse instante minha irmã baixou a tampa do notebook, me fitou séria e disse, categórica: “Amor e dor”. Levei uns minutos a encarando e também assimilando. Assim eu soube que não precisava de mais explicações, a expressão dela foi o suficiente. Soube ainda que eu ia mesmo esperar o tempo necessário para ler o livro, pois precisaria estar com o mínimo de emocional preparado.

Em seguida, Luís Eduardo, nosso irmão mais novo, entrou no quarto avisando que a pizza havia chegado. Outra coisa no mundo que eu amo, além de borboletas e livros, é pizza. E dentre muitas, das coisas que eu e meus irmãos somos parecidos, é que amamos pizza. O que fez com que Malaika abandonasse de vez o notebook e os vídeos de Gabriel, e eu abandonasse a curiosidade, para correremos atrás de Luís Eduardo escada abaixo, tentando ultrapassar suas ágeis e incansáveis pernas de um menino de 10 anos de idade, extremamente ativo e cheio de prática em correr pela casa. Tudo porque há uma competição entre nós em que, aquele a ser o último a pegar uma fatia de pizza de dentro da caixa, no instante em que a tampa é aberta, será o responsável por recolher os pratos e lavá-los. Nessa noite eu perdi, mas nem me importei. Pois Miguel — que chegou em nossa casa no momento em que a pizza também chegou —, me ajudou com a louça e nós nos demoramos um bocado na cozinha, conversando, rindo e... eu me derretendo a cada vez que entregava um prato lavado para ele secar e seus dedos roçavam nos meus.

Tombo o livro aberto na minha cara.

Argh... Cecília, deixa de sonhar, meu cérebro adverte. Miguel gosta de você, mas não “desse jeito”. Você é a *amiguinha* dele de infância, quatro anos mais nova que ele, inclusive, e enquanto você irá iniciar o ensino médio no próximo ano, Miguel já estará indo para a faculdade, onde as garotas são mais

velhas e bem mais interessantes do que você e seus míseros 15 anos.

— Pelo visto alguém abandonou a própria festa de aniversário enquanto o pessoal ainda se diverte à beira da piscina.

Ah, Deus, é Miguel!

— Bom para eles, que adoram uma algazarra — falo através do livro. O som da minha voz sai abafada e eu forço um tom de reclamação ao concluir: — E você, atrapalhou meu cochilo.

— Atrapalhei nada, você sequer estava cochilando.

— Como pode afirmar isso? Estava sim.

Continuo a esconder o meu rosto atrás do livro.

— Você não dorme de barriga pra cima, Cecília. Nunca dormiu.

O que Miguel acaba de dizer é uma verdade. Eu só consigo dormir de lado. Ele sabe tanto a meu respeito que fico impressionada.

— Voltando ao assunto da festa, eu pensei que você também gostava de algazarra. Claro, sei que gosta de seus momentos de silêncio e leitura, mas geralmente, que eu me lembre, você não costuma perder um minuto sequer de suas festas de aniversário, demonstrando sempre o vigor e a alegria de quem adora comemorar mais um ano de vida.

— Continuo adorando.

— Então, por que não está lá?

Só agora tiro o livro do rosto, tendo assim, a visão de Miguel, seu corpo alto, especificamente seu peito largo, que chega a formar uma muralha à frente do sol.

— Talvez porque meu melhor amigo não estava na festa? — Arqueio as sobrancelhas e volto a tampar o rosto com o livro.

— Céci? — Miguel o tira e eu fecho meus olhos. Estou chateada mesmo não devendo estar. — Desculpe — ele pede. Sua voz sopra em cima do meu rosto e, apenas nessa única palavra ela consegue ser mais suave e arrastada mais do que de costume.

Miguel possui um timbre baixo, melódico. Ele é tão calmo. Nunca o vi elevar o tom de voz, ou ficar nervoso, nem mesmo quando o portão da garagem caiu sobre nós.

Aquilo foi horrível. Mesmo depois de cinco anos do ocorrido, eu tenho um certo pavor de passar por baixo do portão. Penso que ele sempre vai “enlouquecer” e causar um acidente. E esse “enlouquecer” faz todo sentido, é o que justifica o fato de um portão em perfeito funcionamento fazer o que fez. Eu havia apertado no controle para abri-lo, seu formato é daquele basculante, portanto, o motor trabalhou — sem dar sinais de que havia algo errado — e elevou o portão de aço galvanizado normalmente. Miguel e eu ficamos ali, ainda

embaixo dele, nos despedindo, de repente o portão despencou, atingindo-nos em cheio entre a cabeça e os ombros. Não sei como, mas Miguel no instante em que o portão despencou, teve uma reação rápida e tentou me refugiar embaixo de seu braço esquerdo.

Foi como se o motor não existisse e o portão *simplesmente* tivesse escorregado suas engrenagens, levando-nos ao chão com o corpo contra o piso. O pior veio em seguida. O motor voltou a funcionar e a pressionar o peso dele sobre nós. Poderíamos ter acionado o botão do controle para erguê-lo, mas como na queda o controle escapou da minha mão, não tínhamos o que fazer. E pelo tempo em que Malaika apareceu e viu o que estava acontecendo, gritando com nossos pais por ajuda, o maldito portão nos mantinha pressionado contra o chão. O pobre braço do Miguel sofreu a pior com isso, chegando a quebrá-lo. Acredito que se não fosse o osso de seu braço a sofrer tal fratura, teria sido minha cabeça. Pois foi exatamente onde o braço de Miguel estava a me proteger.

O susto foi enorme e os resultados desse acidente foram: Miguel por semanas com o braço engessado, o que foi bem chato e dolorido para ele; já eu, por incrível que pareça, deixei de ter dores de cabeça. Elas iniciaram quando eu era bem novinha e mesmo com vários exames nunca foi constatado o que as causava, só que depois desse dia que Miguel conseguiu proteger minha cabeça do portão, eu nunca mais senti nada. Foi estranho.

Bem estranho também, foi quando eu estava assinando meu nome e até desenhando algumas borboletas no gesso de Miguel, e ele me disse que se sentia aliviado por ter *finalmente* conseguido me salvar, por ter evitado um ferimento em minha cabeça. Eu só me lembro de ter lhe agradecido e não tecer nenhum comentário a mais, porque na hora, aquela afirmação não me soou estranha, afinal, éramos amigos e Miguel sempre quis me proteger de tudo, mas o que eu percebi mais tarde, deitada na minha cama, foi que Miguel disse a palavra: finalmente. Perguntei-me por qual motivo ele a usara. Se antes eu nunca havia passado por alguma situação que precisasse ser salva por ele. Nunca o questionei por isso, mas sempre lhe agradei por ter me salvado. E em todas as vezes que ainda lhe agradeço, percebo que Miguel assume uma feição tranquila, uma feição de paz.

— Céci? — ele sussurra, calmo.

Abro os olhos, mas acabo de constatar que deveria os ter mantido fechados. Miguel se deitou de lado com o corpo apoiado em seu cotovelo, e seu belo rosto está plainando ao meu. E essa proximidade de uns tempos para cá tem se tornado perigosa, ainda mais que os primeiros botões de sua camisa jeans estão abertos, fazendo-me interessada na pele levemente bronzeada da parte de seu peito que fica à vista.

— Céci, desculpe — Miguel volta a realizar o pedido, deslizando as costas do indicador, onde antes aquela gota de suor passeou. Só que se a gota de suor me fez sentir uma incômoda cócega, o dedo de Miguel me faz sentir uma gostosa cócega e um arrepio que me obriga a encolher os ombros.

Puxo discretamente o ar pela boca e, mesmo que discreta, noto que a ação não passa despercebida por Miguel, pois seus atraentes olhos de pigmentação verde-escuro se direcionam para meus lábios que tentam parecer relaxados e alheios a tudo isso, um baita reboliço dentro de mim. E mesmo gostando dessa forma contemplativa com que Miguel me observa, deixando seu rosto tão próximo ao meu, decido mudar a posição ou minha sanidade será consumida. Assim que faço menção de levantar, é quando Miguel também decide que o melhor é se afastar. Às vezes tenho a impressão de que a sanidade dele não fica das melhores quando estamos juntos, mas é só impressão.

Sento-me, deixando as mãos firmadas na grama atrás do corpo, dando-me assim, sustentação ao tronco erguido no chão. Miguel ocupa essa mesma posição, só que invertida, de modo que ele fique de frente para mim e pensando bem, não me lembro das vezes que nossas conversas foram sem um estar refletindo nas íris do outro, tampouco sem que elas sejam sinceras e amigáveis.

Certamente por isso, atento-me que a minha chateação com ele é sem cabimento.

— Desculpa por ter de ir fazer a prova do vestibular e não participar da minha festa de aniversário? Não. Você não tem que se desculpar por isso. Eu que peço...

Deixo de falar e completo em pensamento: *pela minha atitude infantil*. Porque o que menos quero é que Miguel pense *justamente* isso de mim, que sou infantil.

— Eu tentei ser o mais breve possível, mas essa *coisa* de vestibular para medicina não é tão fácil como eu gostaria que fosse — ele diz, dando um sorriso vagaroso que eu acho lindo, e por isso ganho uns segundos admirando seus densos lábios, antes de responder:

— Ainda assim, eu tenho certeza de que foi bem. Afinal, você passou um ano após terminar o ensino médio, se dedicando, exclusivamente para o vestibular. O resultado será positivo, você se dedicou bastante para este dia.

— É... isso foi.

Miguel encolhe os ombros e outro sorriso, dessa vez um pouco tímido, está estampando o seu rosto, que aliás, possui a uma barba por fazer que ele sempre mantém.

Se no último ano eu senti meu corpo mudando assumindo contornos e um desenhar mais de *mulher* — principalmente pelos seios que me fizeram pular

do tamanho de sutiã “P” para o “M” —, Miguel em seus 18 anos, assumiu uma musculatura e feições de homem feito.

— Será que ainda está com disposição para abrir um último presente?

A pergunta salta de seus lábios com entusiasmo.

— Acho que posso fazer isso. — Dou a ele uma piscadela com um sorrisinho torto.

Miguel se levanta e vai até um canto junto à cerca-viva, de lá volta com uma sacola de papel que ele certamente havia deixando por ali quando chegou.

— Mas antes preciso dizer uma coisa... — Meneio a cabeça, observando-o falar enquanto se senta ao meu lado na mesma posição que antes. — É provável que não ache meu presente muito original. Mas em minha própria defesa, eu já tive a ideia de lhe dar algo nesse sentido no seu aniversário de 1 ano, desejei e escolhi lhe dar este presente de aniversário de 15 anos, muito antes de saber que o Carlos Miguel deu o mesmo a Cecília. Muito antes de saber a fundo a história deles. E muito antes de ter noção de que... enfim, na ocasião do seu primeiro aniversário eu desenhei em um papel o símbolo do infinito e lhe dei, hoje te dou um colar com o pingente deste símbolo e também um diário para que você eternize os seus dias nessas folhas, suas fases, seus momentos, sua vida, lembrando-se sempre que o fim nunca existe, que o que é verdadeiro é infinito.

Sentindo-me emocionada com suas palavras, acompanho Miguel tirar da sacola o seu presente para mim, e mesmo prevendo o que poderia ser, a surpresa é grande, única e linda.

— Oh, meu Deus, Miguel! É lindo! Este não é qualquer diário...

— É “O diário de Cecília” — ele completa com ênfase.

— Deus! Você o personalizou! Que capa mais linda!

Deslizo o dedo pela capa grossa almofadada, coberta por um tecido de estampa de borboletas e no centro dele, estampado no próprio tecido em alto relevo, está escrito em dourado, com uma grafia linda e desenhada: “O diário de Cecília”.

— No cabeçalho e rodapé das páginas também tem — Miguel acrescenta.

Folheio as páginas amareladas, imitando um papel antigo. Em todas o título da capa do diário está impresso em um tom de cor marrom.

Miguel mandou produzir esse diário do zero... até as folhas.

— Escreva à vontade, pois quando esse acabar, tem outros te esperando. Quantos quiser, Cecília. Apenas escreva — ele informa, entusiasmado.

Não contenho a alegria que sinto por perceber o quão grande e atencioso é seu carinho por mim. E por escolher um presente que representa tanto. Eu amo escrever. Ele sabe disso. Miguel sabe tudo sobre mim.

Como forma de agradecimento, além de minhas palavras entusiasmadas tecendo comentários de o quanto gostei do presente, dou-lhe também um longo abraço. E sempre que estou em seus braços, me sinto segura. Miguel faz questão de manter seus braços firmes ao redor de meu corpo de um jeito como se quisesse me transmitir *justamente* isso... segurança.

— Apesar das semelhanças com o presente que meu bisavô deu a minha bisavó, este é sem dúvida um presente original, Miguel, e eu amei. Obrigada! — comento por fim. No momento em que Miguel termina de prender o cordão de ouro atrás de meu pescoço, o resvalar de seus dedos em minha pele me deixa em um estado febril.

Febril e desejosa por sentir cada vez mais seu toque.

— É... existem mesmo algumas semelhanças com eles, em outros aspectos também — Miguel diz enquanto passeia o dorso da mão por minha face.

— Como assim? — questiono, com o olhar baixo no pingente que brilha por cima do tecido do vestido.

— Carlos Miguel era apaixonado por Cecília.

Ergo de imediato o olhar para ele, por alguma estranha razão meu coração passa a bater acelerado.

— E...? — indago inclinando a cabeça para o lado, e é bem provável que eu esteja franzindo a testa igual meu pai costuma fazer.

— Caramba... — Miguel inspira fundo e passa a mão no alto da cabeça, onde os fios de seu cabelo castanho formam um volume maior que o restante dos fios que são bem aparados. — Acho que não sou muito bom em dar sinais. Ou talvez, eu tenha sido cauteloso demais em dá-los.

— Miguel...

— Eu não posso mais guardar esse sentimento que grita no meu peito, Cecília. Eu sou... apaixonado por você.

— Oi? Como assim? Eu sempre pensei que você gostasse de mim só como sua melhor amiga de infância.

Deveria dar a ele outra resposta, dizer que eu sinto o mesmo, mas meu estado atônito me faz questionar e querer entender melhor o que Miguel acaba de declarar.

— Eu amo você como minha melhor amiga, mas também como a pessoa que quero passar o resto da minha vida. Só não sei se é o que sente também.

Ele baixa o olhar, capto sua timidez.

— Sinto. Eu sinto, Miguel — revelo. — A cada dia mais eu percebo que estou apaixonada por você. — Os músculos de sua face se estendem com o sorriso caloroso que ele dá. Mas a realidade e meus receios, encontram um lugar em meus pensamentos e eu externo-os. — Mas julguei uma grande besteira, afinal, sei lá... a nossa, ainda que pequena, diferença de idade, e ainda mais agora, que está indo para a faculdade.

— Nada disso importa, Cecília. E o que tem a ver a faculdade? Eu vou cursá-la aqui, continuaremos perto.

Sinto-me encabulada e frágil.

— É, mas na faculdade haverá tantas outras garotas... mais velhas, mais atraentes.

Nervosa, fisgo o lado interno da bochecha com o dente.

— Você é a única que me atrai, a única por quem meu coração bate. E, Cecília, você é linda.

O polegar dele percorre meus lábios e bem devagar Miguel vai projetando seu rosto para perto do meu, o toque de seu dedo é sutil, do mesmo jeito que o toque de seus lábios no canto de minha boca e o roçar de seus cílios e sua barba em minha face.

— Você vai fazer o que penso que vai fazer? — Ofego.

— *U-hum...* você quer? — pergunta num sussurro rouco.

O meu peito sobe e desce com a respiração que acaba de se tornar profunda, então afirmo, fechando meus olhos:

— Quero.

Sinto o sorriso de Miguel ao escorregar seus lábios do canto da minha boca indo ao encontro completo de nossos lábios. A respiração dele está morna e de início o beijo é delicado, onde sua boca imprime *apenas* uma leve pressão sobre a minha. Isso é o suficiente para deixar meu corpo amolecido e entregue ao toque de sua boca e também do seu braço, que acaba de circundar minha cintura, puxando-me para si.

A compressão que se dá entre nossos peitos é um gatilho para que o desejo de ir além nesse beijo aconteça. Abro os lábios, deixando que Miguel os envolva com os seus e que também sua língua encontre a minha. E nesse instante em que minha língua dança de maneira orquestrada com a sua, eu sinto como se borboletas, muitas delas, sobrevoassem ao nosso redor, causando uma brisa que causa o frescor em meus poros febris. E mais que isso, eu sinto como se esse beijo fosse um sopro de vida, paz e tranquilidade.

Estou provando o sabor do nosso beijo pela primeira vez, mas a sensação é de que minha boca já esteve junto a de Miguel muito antes deste

momento, e eis que um sentimento de saudade parece finalmente se dissipar.

Quando afastamos nossas bocas, Miguel sustenta sua testa na minha.

— Acho que passei meus 18 anos de vida esperando por isso. Ou até mais que esse tempo. Não sei. Só sei que eu quero poder te beijar para sempre, eternamente, Cecília.

— Eu quero que me beije eternamente, Miguel.

Miguel

Cecília e eu mantemos a nos beijar pelo tempo que nossos lábios chegaram a ficar inchados e a pele dela, tão branquinha, se acentuava a cada segundo com um tom rubor que eu não sei se foi ocasionado pela minha barba roçando sua face, ou pelas sensações que os beijos lhe despertaram, principalmente que associado a união de nossas bocas eu sentia uma necessidade imensa de manter seu peito, seu corpo junto a mim. Necessidade de a manter em meus braços para sempre e sem que eu pudesse evitar, senti um medo que não sei nem identificar de onde ele veio e porque veio, mas senti medo de perdê-la. No ponto que este medo estava acentuado demais, deixando meu peito apertado, resolvi que deveria afastá-lo. Eu finalmente havia me declarado e ela havia correspondido, ou seja, não há nada que eu possa sentir, além de alegria. Portanto eu a mantive em meus braços, mas reservando ao momento somente boas e tranquilas sensações.

E como é bom tê-la agora com a cabeça apoiada em meu peito, e enquanto eu deslizo os dedos por seu cabelo trançado — adoro quando ela o usa assim —, acompanhamos no céu a bonita transição em entre dia e noite.

E antes que a luz do sol se vá por completo, lembro-me de pedir a Cecília para que leia a última página do livro escrito por Alice. Desde que li isso há algum tempo, fiquei com aquele final intrigado em minha mente e agora que Cecília tem acesso a ele, gostaria que lesse em minha companhia, principalmente depois de termos declarado o nosso amor.

— Você está querendo que eu leia o final do livro, sem sequer ter passado dos primeiros capítulos? Isso é quase uma proposta indecente, Miguel.

Rio.

— É, eu sei que você detesta *spoiler*. Só que, sem querer quebrar o encanto da sua leitura, a última página não diz nada do que você já saiba.

— Então, por que quer eu leia?

— Primeiro porque eu adoro quando estamos aqui no labirinto e você lê para mim. Segundo, porque, na verdade, há algo nesse final que eu acho que vai te surpreender. E eu quero ver qual será sua reação.

— Tudo bem.

Cecília pega o livro que repousava sobre a grama, abre na última

página, mas antes de começar a ler, ela ergue seu olhar para o meu, oferecendo-me um de seus doces sorrisos. Ela em si é doce. E agora minha, ou desde sempre... minha doce Cecília.

Doce também é sua voz e ao som dela. Fecho meus olhos, ouvindo-a ler.

— “Como foi incrível o entrelaçar das vidas a partir do momento que o caminho do casal Laura e Gaetano Magno se cruzaram com o de Rita Ventura.

Quando Rita, uma ótima cozinheira, foi convidada a trabalhar para o casal, que na época já possuíam dois filhos, Luiza e Carlos Miguel, ganhou mais que um emprego, ganhou também um lugar para viver com a sua filha Cecília. Ambas não tinham uma vida fácil, mas tudo mudou ao serem acolhidas pelo casal. Uma relação de afeto foi estabelecida, principalmente por Laura e Rita, que se tornaram amigas. Com as crianças não foi diferente, a amizade nasceu. E junto disso um amor verdadeiro também. Carlos Miguel e Cecília se apaixonaram, encontraram o amor inocente na infância e viveram um eterno amor, que nem mesmo o tempo e distância foram capaz de destruir. A relação deles foi interrompida por um ato de quem, à luz da ambição, julgou-se no direito de fazer de tudo para afastá-los. Henrique plantou a ideia de que Magno, pai de Miguel, o mandasse estudar Medicina fora do país, assim o afastando do convívio da família e da possibilidade de assumir a presidência da Clínica, pois isso era tudo que Henrique mais queria para si.

Carlos Miguel, contra sua própria vontade, foi embora e pouco tempo depois Cecília e a mãe deixaram a casa onde viveram por anos, tudo porque Rita descobriu a gravidez da filha. O namoro escondido mantido por eles, por temerem que não seria aceito, já que ela era a filha da cozinheira e ele o filho dos patrões, foi perpetuado através da filha que tiveram. Quando Maria Luiza nasceu, Cecília não teve coragem de contar à família rica sobre a criança, vez que, ainda grávida, ao procurar por Luiza, a irmã de Miguel e sua melhor amiga, foi interpelada por aquele que já tinha interferido em suas vidas. Henrique amedrontou a jovem, mentiu que Carlos Miguel já vivia um novo amor no país onde permanecia estudando e ainda garantiu que se os avós da menina, Laura e Gaetano Magno, soubessem de sua existência, a tirariam dela. A mentira contada destruiu os sonhos de Cecília e a separou para sempre de seu grande amor.

Só que nada pode ser mais forte de que um grande amor. A força dele e a necessidade de que a verdade deveria ser desvendada, fez o destino cruzar outros caminhos, desta vez o de Maria Luiza e Leonardo. Leonardo, filho de Luiza e Henrique, sobrinho de Miguel, num dia levado a dirigir com pressa e

preocupação pelo nascimento prematuro de seu sobrinho, Gustavo, acabou atropelando Maria Luiza. Foram esses os meios que o destino reservou para trazer o passado à tona. A paixão entre Maria Luiza e Leonardo foi instantânea, afinal, era assim que era para ser. E outra vez Henrique quis interferir no destino. Ao constatar que a moça que Leonardo atropelou era a filha de Carlos Miguel e Cecília — e somente ele da família que sabia da existência dela —, se viu ameaçado, a ambição falou mais alto, tentando assim separar Leonardo e Maria Luiza. Porém, dessa vez Henrique não conseguiu separar um grande amor. E ainda teve seu plano sórdido de roubar a clínica da própria família destruído, ao ser descoberto por Maria Luiza.

E aí, quando o véu caiu e toda a verdade se revelou, Carlos Miguel soube que Cecília havia sido vítima de um tumor no cérebro inoperável que, assim que descoberto, dali pouco meses, Cecília faleceu. A doença roubou a vida de Cecília de forma precoce, fazendo-a deixar a filha de apenas 15 anos. A doença roubou também a chance de um dia ela reencontrar o homem que... morreu amando. E para Carlos Miguel, a tristeza sempre presente por nunca mais ter encontrado a sua amada, ao saber que ela estava morta, sua dor só não foi maior porque tomou em seus braços a filha que tivera com a mulher que amou por toda a sua vida. Era um pedaço de Cecília, um pedaço dele, um fruto do amor deles.

Quando o passado foi descoberto, Leonardo e Maria Luiza souberam que eram primos, isso poderia minar a relação deles. Então, outra verdade — uma tão triste quanto a outra — veio à tona. Leonardo, na verdade, não era filho biológico de Luiza, e sim de Beth, uma enfermeira que trabalhava na clínica e que desde seu nascimento aprendeu a amar como uma amiga da família. E aqui a maldade de Henrique foi ainda pior. Ele não foi só cruel quando separou Cecilia e Carlos Miguel, foi também quando violentou Beth. E tanto ela quanto Luiza foram, por amor, capazes de deixar Leonardo nascer e ser amado. Luiza assumiu o papel de mãe e criou Leonardo como filho, ao lado da filha que já tinha com Henrique, Melissa.

Os segredos puderam ser mantidos por anos, no entanto, depois de descobertos, a justiça foi feita. Henrique passou anos preso pagando por seus males feitos e certamente assimilando e se arrependendo pelos erros. Ao ganhar a liberdade foi embora trabalhar como médico na África. Henrique, por certo, tinha feito feridas profundas em pessoas que mais o amavam, feridas que sempre deixariam cicatrizes, só que o perdão é algo libertador para quem dá e para quem recebe. Anos se passaram, ele acabou falecendo, mas antes, no entanto, teve o perdão da família.

A vida seguiu seu curso, a família se manteve unida e mais forte

depois de tudo. E mesmo com as perdas, souberam conduzir seus dias.

E tudo, absolutamente tudo, só foi possível porque um dia Carlos Miguel e Cecília se apaixonaram, e mesmo desejando que o percurso da história deles não tivesse sido como foi, compreendo que apesar de triste era assim que era para ser. Pois foi só assim que os começos e recomeços foram possíveis.

Leonardo e Maria Luiza criaram os filhos, Valentina, Alice e Gaetano, ao tempo em que Melissa, casada com Luís, fez o mesmo, criando o filho Gustavo. As crianças cresceram juntas. E outra vez um grande amor nasceu. Valentina e Gustavo, os primos que não são primos de sangue, estavam destinados. Nada foi — nada era — em vão. As provas vieram, testando o amor e a capacidade de superação. E eles foram capazes de superar uma a uma.

Hoje uma nova geração dos Marquezzi continuará a perpetuar a história da família, a começar pelos filhos de Gustavo e Valentina, Malaika e Cecília, e outros que ainda virão do casal e também de Alice e Gaetano.

O amor sempre foi e continuará sendo a base de tudo. Mas o que o presente difere do passado é que não há mais segredos. Os dias não serão feitos apenas dos bons momentos, mas ao menos a confiança, união e amor, estarão presentes para transformar dias pretos em coloridos.

A morte é uma verdade imutável, assim como é vida também é. As dores e as perdas são inevitáveis. Os recomeços são essenciais, deles novas vidas nascem e amores encontram novas chances. Vez que no final das contas, os caminhos que se cruzam nunca são em vão. As novas vidas que a família Marquezzi recebeu, e que por justa homenagem aos percussores de tudo isso, receberam respectivamente os nomes Miguel e Cecília, são talvez o sinal de que almas destinadas sempre encontrarão uma forma de voltar para outra, de sempre tentarem uma vez mais, até terem o seu... final feliz.”

Cecília sussurra o final da frase um tanto surpresa. Abro os olhos, vendo-a ficar de joelhos à minha frente. Sua expressão é assustada.

— Você acha que nós somos eles? Acha que somos, nós outra vez? — pergunta-me, alarmada. Ela foi capaz de captar exatamente e se perguntar o mesmo que eu quando li este final do livro.

Coloco-me de joelhos diante de Cecília e respondo aquilo que penso sobre esse assunto.

— Eu não sei. Mas às vezes tenho sonhos e algumas sensações de que nós estivemos juntos, muito antes...

— Não. Isso não é bom. A história deles foi linda, mas foi triste. Não quero isso para nós — declara de uma forma incômoda e até com medo.

Envolvo seu rosto entre minhas mãos, suas íris de tom azul brilhante se movem rápido, acompanhando sua respiração que se torna rápida,

demonstrando seu nervosismo.

— Cecília, não fique nervosa ou assustada. O que importa é o presente. E se *nós* somos mesmo *eles*, a nossa realidade *agora* é outra. Nada vai me levar para longe de você, nada nos impedirá de viver esse amor. E nada será capaz de impedir que sejamos felizes um ao lado do outro. Não afirmo que teremos o nosso final feliz, porque Cecília, nunca haverá um final entre nós dois, e por isso esse símbolo do infinito tem tanto significado pra mim. Nosso amor não tem fim. É eterno.

— É assim que eu quero que seja, Miguel.

— Será. Eterno e infinito. Eu prometo.

Miro meu próprio reflexo em seus olhos e sei que Cecília também consegue se ver nos meus. Ela afunda os delicados dedos em meu cabelo e diz de maneira suave e calma a frase que faz o meu coração, eu por inteiro, entregue ao delírio de fascínio e alegria:

— Eu te amo, Miguel. Eu sei que te amo desde sempre.

— Eu também, Cecília. Desde sempre, eu te amo.

Abraçamo-nos e enquanto nossos corações batem junto um do outro, selamos com um beijo à luz do luar aqui neste labirinto, a nossa promessa de nosso amor eterno.

Se eu tivesse que definir quando exatamente eu me apaixonei por Cecília, não saberia dizer. À medida que fui crescendo, acompanhando também o seu crescimento, eu sabia que sentia algo especial por ela, eu sabia que eu tinha nascido para amá-la.

Tê-la em meus braços, sentindo seu cheiro, seu toque, seu calor, me dão a certeza de que eu pertencço a Cecília e ela a mim.

E se eu viver mil vidas, em todas eu quero poder viver com Cecília.

Amendo-a e sendo amado, eternamente.

Fim

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar a vida, saúde e dom para escrever.

A você, leitor, que deu uma chance ao livro, espero de verdade que a história de Valentina e Gustavo tenha emocionado ao ler, assim como me emocionou ao escrever. Eu vivo e sinto cada cena escrita.

A todos os membros da minha família, por sempre me apoiarem e incentivarem, mas, sobretudo, por compreenderem minha ausência do convívio familiar nas infinitas horas em que tive que me isolar do mundo real para mergulhar no mundo de “Nascidos para Amar”.

Em especial, meu marido Guilherme, e meu filho Eduardo. Obrigada! Sem o apoio e compreensão de vocês dois, eu não teria conseguido. Eu os amo mais que tudo nessa vida.

O apoio também veio delas, as “Luluzinhas da Lu”, meu grupo de leitoras e amigas fiéis, que diariamente estão comigo nesta caminhada. Saibam que vocês são fundamentais no meu processo de escrita. A interação que possuímos é maravilhosa e eu amo muito. Qualquer agradecimento se torna pequeno diante da grandeza do amor, da entrega e do apoio que me oferecem. Vocês estarão eternizadas em minha mente e em meu coração.

E eu não posso deixar de mencionar aquelas que diariamente me ajudam com os grupos, aquelas que sem dia e sem hora, atendem a um pedido, ou a chamado meu. E principalmente, que cuidam e se preocupam comigo. As minhas Administradoras: Cristiane Custódio, Daisy Capistrano, Daniela Fernandes, Daniele Cristina Serafim de Oliveira, Jéssica da Silva Martins, Sandra Áurea de Andrade Ferreira e Oneliana de Oliveira. Obrigada! Vocês são meus anjos.

Pude contar também com o apoio de dois — atenciosos — médicos, doutora Thaís Magnabosco Spinola Silva e doutor Wesley Justino Magnabosco, que me auxiliaram com seus conhecimentos específicos na composição do quadro clínico de Gustavo, e ainda tantos outros pequenos e importantes detalhes, que foram capazes de sanar minhas dúvidas, referentes aos temas relacionados à medicina. Thaís, além de ser minha leitora, foi um verdadeiro anjo. Entre tantas atividades diárias, ainda encontrava tempo para me oferecer sua atenção e responder minhas inúmeras mensagens. Muito obrigada por sua disponibilidade.

Por fim, encerro esses agradecimentos como costumo fazer, dizendo que:

sempre haverão novas linhas, novos parágrafos, novas histórias e, principalmente, sinceros agradecimentos por cada apoio, incentivo e oportunidade.

MUITO OBRIGADA, LEITOR!

MUITO OBRIGADA, FAMÍLIA LULUZINHAS DA LU!

Com amor, Luana Lazzaris.

Leia a seguir
um trecho de
Quando os caminhos
se cruzam

EPÍGRAFE

Numa fração de segundo, o fogo queima, a chuva começa a cair do céu acinzentado, numa fração de segundo a vida nasce e na outra fração ela morre.

Numa fração de segundo, eu enxerguei o carro que vinha em minha direção enquanto atravessava a rua. Arregalei os olhos em pânico e, numa fração de segundo, senti o impacto em meu corpo.

Bateu forte.

Rolei.

Caí.

Fui ao chão.

Doeu, como doeu.

Puxei o ar para os pulmões, mas não os encontrei.

E... tudo escureceu.



PRÓLOGO

CECÍLIA

Lágrimas lavam o meu rosto enquanto corro entre os altos arbustos de árvores que formam o labirinto no jardim. Enfio-me no emaranhado dos galhos arranhando-me propositalmente na tentativa de fazer com que essa dor supere a que está rasgando meu peito, mas nada será capaz de superá-la.

Miguel corre atrás de mim, sei que a situação dele não está diferente da minha, estamos ambos sofrendo e sentindo o dilacerar de nossos corações.

— Cecília, meu amor, espere!

Fraquejo diante de sua voz dolorosamente assustada, meus joelhos afundam-se na grama e é nela que minhas mãos se agarram, sustentando o peso da dor.

— Cecília — ele fala, ajoelhando-se ante a mim.

Com delicadeza, toma minhas mãos, beija-as e fita minha face banhada em lágrimas.

— Eu te amo, Cecília, eu te amo com todas as minhas forças. Se eu pudesse escolher eu não iria, você sabe disso.

O desespero está estampado no rosto do homem que amo, desespero esse que também está dentro do meu peito. Sei que um dia o verei novamente, mas a distância imposta a nós é algo que arde e queima em mim.

Acaricio sua face com ternura memorizando cada detalhe, o sol de verão que começa a se pôr no horizonte brilha sobre nós, iluminando-nos e aquecendo-nos nesse final de tarde. Guardo na memória os olhos amendoados, os lábios finos de sorriso fácil, o cabelo negro bem cortado onde meus dedos

adoram passear está bagunçado, aliso-o colocando no lugar.

— Miguel, eu também não quero que você vá, eu não sei se conseguirei viver sem você. Como farei para suportar tamanha dor, que já sinto mesmo você ainda estando aqui?

— Serão alguns anos, assim que me formar estarei de volta. Daremos um jeito, eu vou escrever sempre, vou enviar as cartas endereçadas para minha irmã para que nossos pais não desconfiem, ela sabe o quanto eu te amo e vai nos ajudar a manter contato de alguma maneira. E, Cecília... eu não posso te perder, não posso pensar em perder este seu sorriso lindo, seus lábios macios, seu corpo que me enlouquece... não posso perder seu amor. Diga que vai esperar, diga que nosso amor será capaz de suportar essa distância — suplica-me, com meu rosto entre suas mãos.

— Eu jamais serei capaz de amar outro homem, Miguel, te esperarei nem que isso me mate a cada dia, mas assim como um doente em estado grave sobrevive com a ajuda de fios ligados a uma máquina, nossas lembranças também me farão sobreviver. Cada momento que tivemos, cada vez que nossos corpos e almas fizeram amor da forma mais linda, cada vez que sorrimos juntos. Cada vez que eu me lembrar de suas mais lindas feições, do seu corpo quente, seus braços que me envolvem de um jeito que me sinto segura, cada beijo que demos. Enfim, em tudo isso eu encontrarei forças para sobreviver a este período de escuridão em minha vida, até que você volte.

Entre um sorriso esperançoso e lágrimas, Miguel beija-me. Seus lábios trêmulos tocam os meus com intensidade e percebo que somente isso é capaz de afastar a dor. Esqueço por um instante do futuro de saudade que nos espera e permito-me sentir o sabor do seu beijo e a reconfortante sensação que ele faz em mim.

Uma de suas mãos desliza pela extensão do meu cabelo longo trançado para o lado, em seguida ele a repousa sobre o meu coração, que bate descompassado. E com a outra mão envolve-me com força pela cintura, mantendo nossos corpos unidos de um jeito como se não quisesse nunca ter que separá-los.

— Ah, minha doce Cecília, eu te amo tanto e vou te amar para sempre.

— Eu também te amo muito, meu eterno amor.

E ali de joelhos no lugar onde demos nosso primeiro beijo e onde entregamo-nos ao outro também pela primeira vez, realizamos a nossa sincera promessa de amor eterno.



QUANDO OS CAMINHOS SE CRUZAM

MARIA LUIZA

Vinte e seis anos depois

Assim que o despertador do celular tocou, prolonguei por mais alguns minutos, não imaginei que iria acabar adormecendo mais do que poderia. Culpa do meu maldito cérebro que não me deixou dormir na noite anterior.

Estou atrasada! Tenho menos de uma hora para chegar ao meu compromisso. Desde que fui demitida por cortes de despesas administrativas do meu último emprego, candidato-me para várias vagas, essa é uma e estou extremamente ansiosa.

Esta é especial. Pois se trata de um grande e conhecido escritório de assessoria, o serviço que prestam aos seus clientes é completo, desde assessoria financeira e contábil até à jurídica. Sua carta de clientes é de dar inveja a qualquer outro escritório, somente grandes empresas fazem parte desta lista, e quando me refiro a grande não estou falando só em tamanho físico, mas sim do seu capital social. Eu sei dessas informações porque assim que me ligaram marcando uma entrevista, pesquisei tudo que pudesse me auxiliar para impressionar, além do meu excelente currículo e formação na área.

Modéstia à parte, tenho uma boa experiência. Definitivamente, preciso conseguir essa vaga, o salário é ótimo, e o melhor, o escritório fica perto de onde eu moro. Vivo com o seguro-desemprego e algumas economias, preciso de um trabalho urgente, tenho contas a pagar, tenho que comer, estudar, proporcionar-me algum lazer, enfim, viver dignamente.

Tomo banho o mais rápido que posso, seco-me no mesmo instante em

que escovo os dentes e penteio os meus cabelos castanhos-escuros que caem sobre meus ombros em ondas sutis. Fito meu rosto no espelho e vejo bolsas escuras abaixo dos meus olhos cor de mel, sinal de uma noite mal dormida. Não tenho muito tempo, faço uma leve maquiagem apenas para não parecer com um verdadeiro zumbi.

Visto-me com a roupa que já deixei separada na noite anterior: uma calça social preta, um *camisete* de cetim em um tom de rosa envelhecido e, por cima, um blazer preto, enfio meus pés nos sapatos *scarpin* da mesma cor, coloco um brinco de ouro que era da minha mãe, pego a bolsa, confiro se tudo que preciso está nela, alcanço o celular no criado-mudo e saio do quarto.

Já estou quase na porta de saída e me lembro que não passei perfume, de jeito nenhum saio sem perfume. Volto correndo ao quarto e borriço o meu melhor e mais caro deles, observo o líquido já no final e jogo-o dentro da bolsa para caso precise dele mais tarde.

Por um instante me observo no espelho de corpo inteiro. Não sou o tipo modelo de passarela, meu corpo é curvilíneo, tenho uma estatura mediana, mas nem por isso deixo de me sentir e achar uma mulher bonita. Trago sempre comigo um belo sorriso, ainda que tenha passado por dificuldades e perdas ao longo dos meus vinte e seis anos, as adversidades nunca me impediram de ser uma pessoa positiva e de bem com a vida. No elevador, confiro o horário, consegui me arrumar em tempo recorde. O escritório não fica longe, posso ir caminhando. Agora só preciso ser capaz de andar o mais depressa possível nesses saltos.

Caminho rápido e por vezes estou dando uma corridinha, preciso desse emprego, preciso dessa oportunidade, nada irá me impedir de chegar no horário marcado.

Após andar algumas quadras, estou prestes a atravessar a rua quando meu celular toca, tiro-o da bolsa e imediatamente identifico que é o número do escritório. Preocupada se estou atrasada, atendo a chamada em desespero e preocupação. Mas, ainda assim, tento disfarçar ao máximo a voz ofegante por estar andando tão rápido.

Com a atenção dividida entre a ligação e atravessar a rua, meus olhos vão até o semáforo e constato a cor amarela, logo ficará vermelho e não vem nenhum carro, por isso, decido atravessar. Coloco meus pés na faixa de pedestres, dou alguns passos apressados, enquanto ouço a moça se identificar e dizer que minha entrevista irá atrasar.

Respiro aliviada, não estou atrasada e ainda tenho um tempo para

chegar com calma e me concentrar para a entrevista.

Que maravilha! Isso é um bom sinal. Vai dar tudo certo.

Dando meus últimos passos na faixa de pedestres, ouço uma buzina alta e desesperada.

Viro minha cabeça.

Arregalo meus olhos.

Pânico me envolve, meus pés não saem do lugar, *corra*, meu cérebro grita, *corra, Malu!*

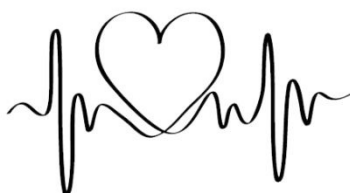
O veículo sedan preto se aproxima rapidamente, ele está a uma distância mínima. Ouço o som dos pneus sendo abruptamente freados. Mas não será o suficiente para impedir o impacto sobre o meu corpo. Serei atingida por ele, não tenho escapatória e tudo acontece numa fração de segundo...

Meu corpo é violentamente jogado por cima do capô, ao mesmo tempo em que rolo por ele, sinto meu rosto afundar-se no para-brisa e, tão leve quanto a batida, eu estou caída no chão de costas no asfalto duro.

Minha cabeça parece que vai explodir, sinto uma névoa em meus olhos.

Tudo roda...

Tudo fica escuro.



Como se estivesse longe, sim, bem ao longe, ouço uma voz forte masculina me chamando, ao mesmo tempo em que sinto uma mão quente na minha e outra em meu rosto.

— Ei, moça, consegue me ouvir? Acorde! Por favor, eu preciso que você acorde!

Mesmo parecendo tudo aquilo um sonho, eu pude sentir o desespero em sua voz, e talvez por isso forço meus olhos a se abrirem.

Saio da escuridão para enxergar os olhos aflitos do homem que me observa. Seus olhos são os verdes acinzentados mais lindos que eu já vi na minha vida. As laterais de seu rosto são duas linhas retas, que descem por seus maxilares igualmente retos, encontrando a perfeição de seu queixo que, não diferente das outras linhas, também é reta. Seus lábios não são muito grossos, mas o suficiente para combinar com o nariz e todo o restante, e é um desenho

lindo.

A verdade é que o rosto deste desconhecido é uma perfeita forma geométrica, pois cada uma de suas linhas é simétrica e se encaixam perfeitamente. E para completar todo esse belo conjunto, uma barba por fazer de tonalidade clara quase loira, assim como os cabelos curtos, envolve sua face.

A imagem desse homem distrai minha mente das dores horríveis que sinto pelo corpo, a visão dele é como um alívio, observo-o enquanto ele continua a falar, com uma voz firme, quase como uma ordem.

Mas eu não consigo responder, apenas olhá-lo.

— Aconteça o que acontecer, fique de olhos abertos, fique acordada, está bem?

Ele está abaixado no chão comigo, nossos rostos estão tão perto que posso sentir o calor de sua respiração descompassada pela situação em que estamos. De repente, ele tira o celular do bolso da calça, afasta sua mão do meu rosto, mas a outra permanece aquecendo e apertando firme minhas mãos, que agora estão unidas em cima do meu abdômen.

— Aqui é o doutor Leonardo, preciso de uma ambulância agora, tenho um grave acidente, ocorreu a duas quadras da clínica. Sejam rápidos, há uma pessoa gravemente ferida. — Ele agradece e finaliza a ligação.

Seus olhos, que nunca deixaram os meus enquanto falava ao telefone, têm a preocupação estampada neles. Começo a sair do meu estágio letárgico, e pânico começa a tomar conta de mim. Sinto um líquido quente escorrer da minha testa para o meu rosto, um dos meus olhos ardem como se tivesse areia neles, meu nariz parece que está entupido, começo a me sentir sufocada, meu corpo todo dói, mas principalmente minha cabeça, solto minhas mãos da dele, levo ao nariz e sinto a necessidade de enxugá-los como se estivesse com um terrível resfriado, mas eu não estou resfriada. É sangue. Sangue escorrendo pelo meu nariz. Assim que vejo o vermelho vivo manchando meus dedos, o pânico me vence. Sinto minhas lágrimas se misturarem ao sangue que escorre do meu rosto.

O homem percebe meu desespero, limpa minha mão com a barra da sua camisa branca e em um tom agora tranquilizador me diz:

— Mantenha-se calma, o socorro já está a caminho, vai dar tudo certo. Consegue falar? Qual o seu nome?

Fitando seu olhar e a segurança que ele transmite, consigo responder com o pouco de força que tenho:

— Maria Luiza. — Sai baixo como um sopro, mas suficiente para ele ouvir.

— Certo, Maria Luiza. Eu me chamo Leonardo, vai ficar tudo bem, seja forte e fique tranquila. Eu não vou deixar você, *ok*?

Murmuro um "*ok*" em resposta. Seus olhos nos meus me dão a confiança e segurança que preciso neste momento. O pânico diminui, relaxo, mas então um forte cansaço me toma e eu vejo a escuridão pela segunda vez.

LEONARDO

Momentos antes...

Estou a caminho do aeroporto, participarei de uma convenção fora da cidade, é uma das melhores do ano, reúne bons médicos e excelentes palestrantes. Desde que me formei em medicina com especialização em pediatria, tenho trabalhado muito e principalmente gosto de atualizar meus conhecimentos. Acredito na minha vocação em cuidar de crianças. Quero sempre o melhor para os meus pacientes, amo o que faço.

Ao iniciar a graduação em medicina, eu já sabia qual seria minha especialização, na minha adolescência acompanhei minha mãe muitas vezes em suas visitas ao orfanato onde ela é voluntária, e de alguma maneira ver aquelas crianças e ter contato com elas ajudou na minha escolha pela pediatria. Meu pai, doutor Henrique, é um neurocirurgião renomado, ao longo dos anos traçou uma carreira de sucesso, salvou muitas vidas, com mãos firmes é capaz de realizar cirurgias que duram horas e ter no final motivo para comemorar e fazer valer a exaustão.

Ele nunca interferiu na minha escolha profissional, deixou-me livre para tomar a decisão que quisesse, mas eu sempre soube que queria ser médico e seguir os passos da minha família na área da medicina. Digo isto porque meu avô materno, que também foi médico, fundou há anos uma clínica hospitalar que é nosso orgulho, nossa dedicação e onde trabalhamos.

Eu sempre tive profunda admiração pelos meus pais e pelo amor que envolve o casamento deles, ambos se conheceram quando cursavam a faculdade de medicina e, após a formatura, casaram-se. Enquanto minha mãe estava fazendo sua residência e especialização em cardiologia, descobriu que estava grávida, nove meses depois nasceu Melissa, minha irmã, que é apenas um ano mais velha do que eu. Dona Luiza, minha doce e amável mãe, nos conta que assim que pegou Melissa nos braços tomou a decisão de não voltar a exercer sua profissão e ficar em casa para cuidar da filha e acompanhar cada momento de seu desenvolvimento, dar-lhe todo amor e atenção. No ano seguinte, eu nasci e não foi diferente comigo. Nas lembranças de criança que possuo, minha mãe sempre esteve ao meu lado dando seu aconchegante abraço e os mais belos e encorajadores sorrisos. Por sua vez, meu pai, apesar da agenda cheia, sempre fez de tudo para ser presente em nossos dias e o tempo que passávamos juntos era de

muita atenção e carinho. Tive uma infância rodeada de amor, companheirismo e, acima de tudo, união.

Estou com tempo de sobra para chegar ao aeroporto, por isso, conduzo meu carro com calma. No rádio, uma canção qualquer é interrompida pelo som de chamada do celular.

— Alô. — Atendo pelo sistema *Bluetooth* do carro, sem me preocupar em ver quem chama.

— Leo! Estou levando Melissa para a clínica, ela está com contrações e a bolsa estourou. — Meu cunhado fala cheio de nervosismo e preocupação.

— Mas já?! Ela está com trinta e quatro semanas, ainda não é a hora. Preocupação também me atinge.

— Diga isso para o seu sobrinho. Melissa está muito assustada, Leo, além das contrações ela teve um sangramento.

— Fique calmo, Luís. Leve-a para a clínica, estou indo para lá também. Vai dar tudo certo. Tranquelize-a.

— Está bem, cunhado. Obrigado.

Imediatamente, procuro pelo primeiro retorno e começo a dirigir em direção à clínica. Melissa está com trinta e quatro semanas de gestação, e um parto antecipado gera preocupações. A clínica possui outros médicos pediatras que podem muito bem cuidar do meu sobrinho *apressadinho* que está querendo nascer antes do prazo previsto, mas eu não perco este momento por nada e, além disso, quero eu poder lhe assegurar os primeiros cuidados assim que nascer.

Após dirigir alguns bons quilômetros na loucura e caos desse trânsito de cidade grande, sinto-me ansioso para chegar ao meu destino, só preciso passar por um último semáforo e duas quadras até estacionar na entrada de emergência. Conheço bem este caminho, pois o faço todos os dias.

O temporizador do sinal verde no semáforo está chegando ao fim, em breve será substituído pelo amarelo, acelero um pouco para não ter que ficar preso nele.

Nesse instante, meu celular toca.

Resolvo não atender, mas desvio o olhar para o visor e nesta fração de segundo avisto uma mulher. Ela atravessa a rua em passos ligeiros, falando ao celular.

Eu estou muito próximo. *Meu Deus!*

Buzino chamando sua atenção.

Piso fundo no freio.

Os pneus cantam com o atrito no asfalto, consigo ver o seu olhar de pânico, aperto firme as mãos no volante e continuo a frear, mas não será o suficiente para impedir o choque sobre seu frágil corpo.

E a partir daí até que ela esteja estirada no chão, parece que tudo se passa em câmera lenta. Ela rola por cima do capô do carro, seu rosto encontra o para-brisa, trincando-o, rola mais uma vez sobre o carro e então cai no chão.

Solto a respiração que estava prendendo até este momento, saio às pressas de dentro do carro pegando o meu celular no banco do carona para chamar a ambulância.

Sentindo-me culpado e atormentado, vou a seu encontro.

Ela está com os olhos fechados, vislumbro o seu rosto ferido, cortes ocasionados pelo vidro que se quebrou, seu supercílio esquerdo está sangrando muito, no alto da testa um corte, o sangue escorre pelo rosto e o nariz também sangra.

Deus do céu, eu matei uma pessoa! Eu salvo vidas, e não as tiro!

— O que foi que eu fiz? — Brado ao aproximar-me dela.

Desespero. Sim, eu estou desesperado e não posso acreditar que isto está acontecendo.

Tomo sua mão e seu rosto e começo a chamá-la, rezando a Deus que ela retome a consciência.

— Ei, moça, consegue me ouvir? Acorde! Por favor, eu preciso que você acorde!

Sua pulsação é lenta e sua respiração pesada.

— Ei, moça, consegue me ouvir? Acorde! Por favor, eu preciso que você acorde! — Repito, em um tom de voz mais alto.

Vagarosamente, ela abre os olhos, fazendo-me constatar que um deles está com um coágulo de sangue, o que faz meu estômago se apertar.

Definitivamente, não estou me reconhecendo. Atendo crianças em situações piores, sangue não é algo que me assusta ou me deixe em pânico, afinal, eu sou médico. Mas, quando vejo o que fiz a esta moça, não posso evitar o desconforto e a dor que me atinge.

Reúno forças, afasto meus pensamentos de pânico e trago para fora o homem centrado, que foi preparado para lidar com a vida e com a morte.

Aproximo-me ainda mais do seu rosto e falo:

— Aconteça o que acontecer, fique de olhos abertos. Fique acordada, está bem? — Uso um tom firme e de comando, preciso dela acordada.

A queda foi brusca e, além disso, a colisão que sofreu na cabeça me preocupa muito. Mantê-la consciente é o melhor a fazer neste primeiro momento.

Alcanço o celular, disco rapidamente o número de atendimento de emergências da clínica, prezamos para que as ligações feitas a este número sejam atendidas já no primeiro toque, por isso não demora para que eu tenha um dos atendentes falando comigo. Identifico-me, falo das condições do acidente e peço o socorro com urgência. Mantenho meus olhos na mulher ferida, e a minha mão que está livre deixo unida às dela, pois sinto a necessidade de lhe transmitir segurança.

Inevitavelmente, ela me ouviu dizer que o acidente foi grave, o que ocasiona um evidente pânico em seus olhos.

Assustada, tenta puxar a respiração com força, mas não consegue. Solta minha mão e leva a dela em sua face machucada, enxuga o nariz, sente e vê que seus dedos estão sujos de sangue. Lágrimas perfuram seus olhos, medo e dor são suas expressões.

Limpo suas mãos na minha camisa, não que isso a fará melhor, mas é como se não vendo o sangue seu desespero possa ser amenizado. Meu coração bate descompassado, eu tenho que mantê-la calma e consciente até a ambulância chegar.

É o que tento fazer.

E, em tom tranquilizador, peço que se acalme, que logo o socorro irá chegar e tudo ficará bem. Quero saber se ela consegue falar, então pergunto o seu nome, e como se forçasse as palavras a saírem de sua boca e quase inaudíveis, ela me responde:

— Maria Luiza.

Ela tem o nome da minha mãe e nesse instante me lembro do olhar encorajador que Dona Luiza sempre me dá diante de uma situação difícil. Isto é o suficiente para me acalmar e tentar fazer o mesmo à Maria Luiza.

Volto a falar, dizendo-lhe o meu nome e nesse instante me coloco como sua âncora — permitindo-a assim que se sinta segura comigo ao seu lado. Afirmo que ela ficará bem e que não a deixarei sozinha.

Olho no fundo dos seus olhos, aquele que está avermelhado pelo coágulo de sangue esconde sua cor original, mas no outro livre de ferimento vislumbro o quanto são lindos. Sua íris brilha e um tom de mel que se funde com um castanho, como se fosse uma avelã.

Uma inexplicável sensação passa pelo meu peito, inspiro fundo,

sentindo que este acidente me fará ligado a Maria Luiza, quem sabe pela culpa e responsabilidade pelo que lhe causei, ou quem sabe por outros motivos que nem eu consigo entender agora.

Só o que consigo compreender é que ela tem uma doçura e uma força em seu olhar que me faz encantado, e isso me faz pensar que se eu a encontrasse em outras circunstâncias, ainda assim me sentiria ligado a ela por tamanha bagunça que seu olhar despertou dentro de mim.

Encaramo-nos.

Junto forças para lhe transmitir confiança suficiente para que fique calma, tenho a sensação de que ela entende o que meus olhos falam, pois, agarrando-se neles vejo surgir tranquilidade em suas feições, mas sua pulsação diminui ainda mais, seus olhos se fecham e Maria Luiza perde sua consciência novamente.

Neste momento, ouço o barulho das sirenes se aproximando, os curiosos em volta abrem caminho e logo os paramédicos descem da ambulância para começar a fazer o seu trabalho. Fico o tempo todo segurando a mão de Maria Luiza, mesmo ela estando inconsciente eu não a largo, prometi isso a ela e eu também não quero lhe soltar.

Em pouco tempo, ela está sobre a maca com um colar cervical e oxigênio sendo jogado para seus pulmões. Ao ser levada para dentro da ambulância, permaneço junto dela.

Do lado de fora, as sirenes gritam e pelo caminho os carros abrem espaço para passarmos e levarmos a mulher que atropelai para ser devidamente atendida.

Quando já estamos chegando à clínica, ela abre os olhos por um breve momento como se fosse só para se certificar de que eu estou ao seu lado. E mesmo com o tubo de oxigênio em sua boca eu posso notar o canto dos seus lábios se curvarem tentando esboçar um sorriso.

Sinto-a apertando a minha mão, retribuo seu toque e em seguida Maria Luiza volta a fechar os olhos.

Livro físico >>> <http://www.3deaeditora.com.br/loja>

Versão em E-book >> <https://amzn.to/2QcK>

Leia a seguir
um trecho de
Prove-me, Conto do
casal
Derek e Beatriz



BEATRIZ

“Uma mulher pode sofrer uma grande desilusão amorosa, mas se ela for esperta o suficiente, sofrerá uma única vez.”

Sim ou não? Certo ou errado?

“Coração estilhaçado sabe o quanto ele é sensível, e por isso, preservá-lo é sempre a melhor atitude.”

Concorda ou discorda?

Eu tive o meu quebrado em mil pedaços. Achei que nunca seria capaz de juntar todos os cacos; achei que do fundo do poço jamais sairia; imaginei que a saudade que eu sentia do toque daquele maldito homem de profunda elegância, gentileza, charme e de um sexo inigualável, jamais sairia da minha mente ou da minha pele. Só achei... Afinal, como se diz por aí: “não há dor que dure para sempre, nem mal que nunca se acabe.” Mas o que muitos esquecem de acrescentar, é: “até que outra dor surja e outro mal também”.

Foi no meu primeiro ano da faculdade. O curso de administração de empresas era o meu sonho, representava uma grande conquista e um grande passo, também. Mudei-me da cidade em que até então vivia com meus pais para estudar, trabalhar e tocar a vida de forma independente. Estava disposta a me concentrar única e exclusivamente aos estudos, mas bastou que meu professor de contabilidade básica entrasse na sala, para que os planos iniciais naufragassem. Ele tinha uns 35 anos, já eu, 19 recém-completados. Seus olhos castanhos eram miúdos e o canto deles puxado para o lado. Isso dava a sensação de que sempre

estavam semicerrados. E de alguma forma, todas às vezes que ele direcionava sua atenção para mim, conseguia me deixar hipnotizada no rosto de pele tão clara. O cavanhaque, de fios loiros, combinava com a tonalidade do cabelo que, em geral, parecia estar bagunçado... e eu gostava daquilo.

A cada aula a paquera aumentava, até que num final de noite, o encontrei no estacionamento da faculdade e aceitei uma carona para casa. Desprovida de razão e com a atração que crescia cada vez mais, permiti que ele mudasse a rota que havíamos combinado e me levasse para um motel. Fiz sexo com ele naquela noite, e foi o melhor da minha vida até então. Sua idade dava-lhe uma experiência diferente dos poucos garotos da mesma idade que a minha, com quem eu já havia transado. Ele fez coisas comigo que nunca tinha experimentando! E a partir daquela noite, tantas outras vieram... Apaixonei-me perdidamente pelo meu professor. Depois de um semestre inteiro, eu acreditei que era bem mais que paixão. Vislumbrei o amor, o senti, e cheguei a pensar que ele nutria o mesmo sentimento por mim.

Nas férias de julho, numa tarde fria de domingo, decidi aceitar o convite de uma amiga e ir até um café. O objetivo? Comer um belo pedaço de torta e tomar um cappuccino, mas não foi o que aconteceu. Assim que passei pela porta, tive a visão de um homem que fez meus pés travarem no lugar e meu coração parar de bater por segundos. O homem segurava sobre a mesa a mão de uma mulher, e ao lado deles, uma garotinha de uns cinco anos sorria enquanto se lambuzava ao comer um cupcake. Era ele, meu professor, o homem que no último dia de aula, antes das férias, fez amor comigo e disse que me amava, que iria passar um tempo na cidade natal, junto com os pais dele, e por isso ficaríamos sem nos ver até o retorno das aulas, mas que ele morreria de saudade. Tudo uma grande mentira, pois o que eu acabava de ver, na verdade, era a verdade sobre ele — um cara casado e com uma filha. Ele possuía uma família.

Foi naquele momento que meu coração se quebrou e jurei a mim mesma que nunca mais na vida eu me apaixonaria outra vez. Foi naquele momento que meu cérebro criou um escudo contra homens elegantes, charmosos e de boa conversa.

Terminei a faculdade sem nunca tocar no assunto com meu professor. Sua tentativa em explicar o inexplicável me dava mais raiva, e ignorá-lo era tudo que eu poderia fazer, assim como ignorar qualquer outro que se assemelhasse a ele.

Eu nunca mais cairia nessa armadilha novamente... eu nunca mais cairia, até conhecer o famoso doutor Derek D'Avila. Já tinha dois anos que eu trabalhava na clínica hospitalar, conhecia sua fama. Aliás, todas as mulheres da

clínica conheciam e muitas já haviam provado do feitiço que ele possuía. Sem fazer muito esforço, tinha qualquer uma em sua cama.

O repuxar de seus lábios finos era um convite para sorrir para ele também. Os gracejos que distribuía, um perfeito encantamento. Se ele passasse as mãos pelo cabelo e deixasse por mais de dois minutos seus olhos verdes em cima de uma mulher, poderia fazer com que ela se derretesse. Era um maldito comedor, e sua fama de levar as mulheres ao prazer absoluto e intenso só facilitava para que a cada semana ele conquistasse para o seu covil, mais uma presa.

Quando a enfermeira Elizabeth apareceu diante da minha mesa, no Setor de Internação — que inclusive era um lugar seguro, longe do contato direto com o médico conquistador — e me disse que eu estava sendo transferida para a área da pediatria por um tempo, não poderia imaginar que a partir dali eu começaria a ser o próximo alvo daquele a quem eu já conhecia o tipo. Tipo do qual eu sabia que o melhor era ficar longe.

Missão impossível, pois doutor Derek era o melhor amigo do doutor Leonardo, o pediatra para quem fui designada a secretariar. Em meu primeiro dia no novo setor de trabalho, tive também meu primeiro contato com o doutor Derek. Ao chegar na recepção, seu olhar interesseiro me fitou com curiosidade. Notei que algo em mim lhe chamou a atenção. Ele certamente acreditou que eu seria sua próxima conquista. Mas o que ele não sabia era que minha experiência de vida já tinha me ensinado que, homens como ele, não merecem atenção e, os demais, servem apenas para uma noite de sexo e nada mais. Eu era praticante do lema “pegar sem se apegar”. E ainda assim, eu não iria me deixar ser pega por ele. Eu não iria!

Um encontro entre amigos num barzinho bem frequentado e com música ao vivo, me fez saber que doutor Derek, além de ser médico, possuía o dom de cantar — muito bem, por sinal. A voz rouca e grave tornava o homem mais sexy ainda. Qual mulher não despende uma certa queda ao ver um homem bonito cantando, principalmente quando sua voz melódica ecoa uma canção direcionada a ela, sem tirar os olhos da mulher? Eu sabia que se ficasse por mais de dois minutos concentrada nele, começaria a ser enfeitiçada. Ele era um bruxo da conquista e com sua música conseguiria minha atenção. Por isso, me fiz forte. Cortei cada tentativa dele para comigo, sendo, talvez, grosseira o suficiente para que ele pudesse me deixar em paz. Acontece que eu estava lutando contra o seu inebriante charme, enquanto ele se mantinha disposto a jogá-lo para cima de mim.

Fui forçada a deixar o apartamento que dividia com uma colega. Eu

precisava de um lugar para ficar por poucos meses, uma vez que aguardava a resposta de uma bolsa de estudos fora do país, e então, obtive a ajuda necessária para aquele momento. Veio de alguém que não poderia imaginar. Maria Luiza, a noiva do doutor Leonardo, a jovem de olhar doce e conversa fácil teve uma atitude gentil ao me oferecer o seu apartamento. Ela havia se mudado para o do noivo e por isso o dela estava livre e eu o teria pelo tempo que precisasse, sem ter que pagar aluguel.

Minha alegria em receber sua ajuda foi tão grande! Jamais imaginaria que alguém que eu mal conhecesse poderia fazer algo tão generoso. E o que pude conhecer dela naquela ocasião me demonstrou que se tratava de uma pessoa de bom coração. Só que o destino tende a jogar sujo, e ele soube como me enredar em uma sujeira atraente.

Sem prever, estava sendo levada a provar do feitiço do bruxo. O encantamento foi forte, intenso e irreversível. Ele me desafiou a provar, eu provei.

Enfeitei-me.

Apaixonei-me.



BEATRIZ

Queria ter me mudado no início da semana, assim que Maria Luiza me deu as chaves do seu apartamento. Contudo, com a agitação do dia a dia, só consegui tempo suficiente para juntar as roupas e poucos pertences em minha mala durante uma sexta-feira chuvosa, e ainda o fiz às pressas, já que minha ex-colega de quarto — no meu, a partir de então, antigo apartamento — estava com a nítida expressão de que não via a hora de me ver longe. O fato de ela ter levado o noivo para morar lá, impedia minha permanência. E como o contrato do aluguel era em seu nome, e eu pagava apenas uma bagatela para ajudar nos gastos, não tinha o direito de contrapor o seu “pedido de caia fora”. Não, ela não usou esse termo. Mas a sua insistência em perguntar se eu já havia arrumado outro lugar para ficar, a cada vez que eu chegava à noite em casa, dava a entender isso. E como “para um bom entendedor meia palavra basta”, eu tinha ciência de que deveria me mudar assim que fosse possível.

As articulações dos meus dedos reclamavam e a pele estava avermelhada por conta da circulação pressionada pelo peso da mala que eu carregava — e não arrastava — pelo corredor do andar. Tudo porque o horário já ultrapassava as 22h e eu estava disposta a não fazer barulho, a fim de evitar incomodar os vizinhos. Relaxei quando a soltei próximo à porta do apartamento, mas não por completo, pois outro peso me deixava cansada, o das minhas roupas grudadas ao corpo. O curto trajeto da portaria do prédio até o hall de entrada que não é coberto foi o suficiente para me deixar ensopada. Até ensaiei algum tipo de

xingamento por tal situação, mas calei meu cérebro ingrato no mesmo instante, afinal, eu tinha arrumado um lugar para ficar e reclamar aos deuses pela chuva que me acolhera ao chegar aqui não seria nada bonito.

Girei a chave na fechadura e a destravei. O lugar estava escuro, logo, tateei na parede ao lado até encontrar o interruptor. A luz se fez, dando-me a visão da sala. O espaço não era grande, havia uma poltrona em tom cinza, um sofá de três lugares no mesmo tom de cor da poltrona só que um pouco mais escuro e, no centro, em cima de um tapete bordô, uma mesa baixa de madeira que me lembrou uma peça de móvel rústica. Dali tive a visão da cozinha que era conjugada com a sala, e uma ilha separava um cômodo do outro. Eu me imaginei sentada em uma das banquetas altas que ficavam em volta dessa espécie de mesa, desfrutando das muitas refeições que faria pelos próximos meses em que moraria no apartamento. Muitas, exceto a daquela noite, pois o que eu desejava com toda força era, após o banho, me estirar naquele sofá de almofadas de aparência fofas e macias, pedir uma comida pelo telefone e, nele mesmo saciar minha fome, enquanto, ocasionalmente, assistiria qualquer programa de televisão. Talvez um daqueles de entrevista, em que o apresentador tem uma veia humorística e nos faz rir das besteiras que ele fala ao convidado. Era um ótimo plano. Dando mais alguns passos, avistei um corredor que levava ao quarto, concluindo que o local não imprimia luxuosidade, mas era aconchegante, o que, sem dúvida, bastava para mim.

Acompanhada da mala, caminhei por esse corredor sem acender a luz, já que a iluminação da sala se fazia suficiente. A primeira porta que encontrei eu abri, dando-me conta de que era um lavabo. Fui na direção da segunda, com a certeza de que era o quarto e encontrando-o por fim. Nele, próximo à cama, soltei a mala devagar, apesar de querer apenas largá-la sem cuidado, pois eu já não suportava mais aquele peso. Ainda assim, me preocupei uma vez mais em evitar o barulho. As luzes acesas e a cama de casal com lençóis bagunçados deram a impressão de que alguém havia saído às pressas. Maria Luiza tinha comentado que ainda haveriam muitas coisas dela pelo apartamento, e... pelo visto saiu sem se importar em conferir todas as luzes e tampouco arrumar a cama. O que já não era mais um problema, pois eu seria capaz de manter a cama arrumada e as luzes apagadas, sempre que saísse dele.

No chuveiro — após pegar na mala os itens que precisava para o banho —, o primeiro jato que saiu foi frio, fazendo-me encolher no canto do box. Segundos depois, com a temperatura já mais agradável, me enfiei debaixo da água, sentido a gostosa sensação de um banho quente, principalmente depois de toda a chuva que tomei.

Enquanto a água escorria pelo meu rosto, reparei em algumas embalagens esquecidas de xampu. Curiosa, peguei uma delas. Ao inalar, senti uma fragrância forte e masculina. Sorri ao pensar que, pelo visto, não foi só Maria Luiza que deixou algumas coisas por ali. Tudo indicava que doutor Leonardo também havia deixado alguns pertences para trás. Inalei outra vez e ela me pareceu familiar, fazendo-me fechar os olhos. Mas logo devolvi a embalagem ao seu lugar, sentindo-me uma intrusa em ficar bisbilhotando coisas que não eram minhas. Ainda mais se tais coisas fossem do meu chefe.

Por fim, decidi tomar meu banho e mais nada... Até que, de maneira involuntária, o rosto de Derek surgiu em minha mente. Ele e aquele sorrisinho sarcástico; ele e aquele olhar galanteador de quem achava que podia ter todas as mulheres aos seus pés; ele e aquele cabelo no qual parecia usar trilhões de produtos para deixá-lo tão perfeito.

Merda, Beatriz! Pare de pensar nesse homem. Ele e nenhum outro vale seus pensamentos, concluí, debatendo com minha consciência.

Sentindo raiva de mim mesma por deixar que Derek ocupasse um lugar onde ele não deveria estar, fechei com força o registro do chuveiro e todas as lembranças que queriam me inundar.

Do corpo encharcado, tirei o excesso de água, assim como do meu longo e negro cabelo. Com a toalha enrolada no corpo, abri a porta e o vapor que se formou no banheiro escapou por ela, e de mim escapou um suspiro com a sensação de liberdade por morar sozinha e não ter que me preocupar por andar de toalha pela casa, por exemplo. Mas essa sensação se desfez no mesmo instante em que o vi.

— Ahh! — gritei, tomada pelo espanto e ao mesmo tempo puxando com força a toalha contra o corpo.

— Caralho! O que você está fazendo aqui? — o homem a minha frente perguntou, se apressando em pegar um travesseiro a fim de cobrir sua nudez.

— Essa pergunta é minha. O que você, Derek, está fazendo aqui? — indaguei, exaltada, sem acreditar que o bruxo feiticeiro da conquista estava no mesmo lugar que eu. E ainda por cima nu.

— Eu estou morando aqui, ué! — respondeu, com uma entonação que soou a coisa mais normal do mundo. — Mas e você, como entrou no apartamento? — emendou ele. Dessa vez sua entonação demonstrou que minha presença no apartamento era algo anormal.

Não acreditei no que estava acontecendo. Só podia ser carma.

— Ora, como entrei? Com a chave, lógico. Arrombando a porta é que não foi!

Bufei e era muito provável que tivesse feito uma careta de brava.

— Quem te deu? — ele fez a pergunta logo em seguida, semicerrando os olhos.

— Maria Luiza — contei.

— Está explicado.

Derek também bufou, mexendo a cabeça de um lado para o outro.

— O que está explicado, Doutor Cantor Sabichão? — questionei em tom de deboche.

— Leonardo me deu a chave. Certamente eles, quando fizeram isso, não comunicaram um ao outro e agora estamos os dois aqui. — Seus ombros se ergueram quase encontrando as orelhas, como se quisesse expressar que não tinha culpa e na verdade fosse uma vítima da situação.

— Merda! — Soprei, ciente de que fomos os dois, vítimas de um encontro que não planejamos.

— Merda... — Derek replicou. Sua cabeça se inclinou, correndo os olhos pelo meu corpo dos pés à cabeça.

— Não me olhe assim — repreendi ao notar sua cobiça. E o pior é que percebi que meu corpo deu sinais de que gostou.

— Você está só de toalha, como não vou olhar? — legitimou, como seu eu fosse a culpada.

— Claro, acabei de sair do banho! — falei, e com a mão apontada para ele, acusei-o: — E você está pelado! Vista-se! — ordenei, por fim.

Senti meu cabelo começar a pingar com o acúmulo de água nas pontas dele, por isso, pressionei-o contra o tecido felpudo da toalha, aproveitando para me concentrar em algo que não fosse o corpo seminu de Derek. Mas os meus olhos se atraíam para a pele clara dele, onde músculos modestos — e atraivos — preenchiam seus membros; no peito liso desprovido de pelos, era visível a umidade por causa da chuva que ele devia ter tomado assim como eu e, pelo rosto, a água de seu cabelo bagunçado escorria.

— Claro, estava indo tomar banho — Derek me replicou uma vez mais, e isso me irritou. Olhei de cara feia para ele. — Estou encharcado de chuva! — completou, justificando.

Estávamos numa situação muito parecida, mas não poderia ficar naquele apartamento com ele, pois isso não acabaria em boa coisa.

— Deixe-me passar, preciso pegar minha roupa. — Dei uns passos, indo em busca da minha mala que estava atrás dele. — Vou embora daqui — completei, fitando-o.

Derek não se moveu.

— Por favor, me dê licença? — pedi.

— Bea, olha só, espere, está bem? — Ele inclinou o corpo, pegando no chão sua calça jeans. — Não precisa sair. Eu saio.

Sua reação tão rápida e disposta em facilitar a situação me deixou impressionada. Observei-o segurar o jeans com uma mão enquanto a outra ainda permanecia segurando o travesseiro que escondia o que, talvez — veja bem, eu disse “talvez” —, eu estivesse bem curiosa para ver. Ele não se preocupou em ficar de costas ao tentar se vestir e nem eu desviei o olhar. No momento em que ele viu que não conseguiria fazer o que pretendia só com uma mão, largou o travesseiro e rapidamente puxou o jeans para cima.

Não acreditei no que vi!

— Você está duro! — exclamei, por vê-lo num estado “pronto para o ataque”.

Levei a mão ao rosto, cobrindo de maneira superficial os olhos. Eu continuava vendo o que talvez eu quisesse mesmo ver.

— Mole é que eu não estaria com você aí só de tolha, cabelo molhado e essas gotículas de água escorrendo do pescoço para os seios... — Seus olhos dançaram, transferindo a atenção desde meu rosto até os seios escondidos na toalha. Concentrado demais em me reparar, esqueceu de fechar a calça e eu pisquei algumas vezes com o tamanho.

Putá merda! Era grande!

— Feche essa calça e controle-se! — adverti-o, brava o suficiente para que ele não notasse o que aquela visão tinha me ocasionado.

Eu já estava molhada e não era por conta do banho que tinha acabado de tomar.

— Desculpe... — Ele fechou o zíper da calça fazendo uma careta por ter que guardar num lugar pequeno o que era grande.

Derek saiu da frente da minha mala e eu me abaixei até ela no chão, abri e comecei a caçar minhas roupas, certa de que, em hipótese alguma, poderia deixar a toalha cair. Com uma mão segurava-a contra o corpo e, com a outra livre, ia tirando peça por peça, separando o que estava de fácil acesso. Um shorts jeans e uma blusinha branca de algodão que, em geral, usava para ficar em casa. No bolso menor da mala estavam minhas calcinhas, meus dedos puxaram a primeira que eles alcançaram. A voz do bruxo ressoou sexy demais ao meu lado.

— Eu adoro lingerie branca. De renda, então...

— Cale a boca, Derek! — esbravejei, devolvendo a calcinha e pegando outra.

— Também adoro as pretas — ele disse e eu ouvi sua risadinha baixa.

Inspirei fundo, ciente de que qualquer que fosse a cor da calcinha, ele iria tecer algum comentário. Desisti de encontrar outra e fiquei com a preta, pegando ainda, um sutiã da mesma cor.

Levantei-me, filmando as pernas dele que estavam cobertas pelo jeans molhado. Uma ponta de pena assumiu meu coração. Eu tinha me molhado antes com a chuva e sabia que a água estava congelante.

— Bom, acho que você pode tomar um banho antes de ir, e trocar-se ao menos para roupas secas — falei, encontrando seu rosto que imprimiu um ar surpreso com minha sugestão.

— Obrigado, Bea.

Estranhei sua resposta concisa e sem gracinhas. Às vezes, Derek me surpreendia.

Em seguida, ele caminhou até o armário, pegando uma toalha de banho. Quando o abriu, notei algumas camisas penduradas no cabide e isso fez com que eu recordasse do xampu que encontrei no banheiro. Derek chegou primeiro que eu no apartamento, suas coisas já haviam sido tiradas da mala, portanto, era justo que eu fosse embora, e não ele.

Um clarão preencheu o quarto, depois ouvimos o som de um trovão. O mundo se derramava em água lá fora. Seria desconfortável tanto para mim quanto para ele sair naquela trovoadas. Eu poderia lidar com a presença dele pelo menos por algumas horas até que a chuva amenizasse e só depois fosse embora. Mas para qual lugar? Voltar para o apartamento da minha colega — que àquela altura já deveria estar se agarrando com o noivo por cada cômodo do apartamento — estava fora de cogitação; para a casa dos meus pais teria de tomar um ônibus e viajar pelo menos por três horas para chegar, e como seria ir ao trabalho todos os dias? Droga! Eu não tinha muitas opções.

— Eu não demoro! — Derek falou, entrando no banheiro.

— Tudo bem... — disse a ele, tentando encontrar uma saída para a equação.

Quando ouvi a porta do banheiro sendo fechada, deixei a toalha cair, pronta para colocar a roupa. Olhei na mala o meu hidratante, a lembrança de Derek me ajudando a abrir o armário da clínica dizendo que aproveitava para me cheirar enquanto me ajudava, pipocou em meu cérebro. Sorri. Peguei-o e antes de me vestir, passando uma camada fina em minhas pernas, braços, barriga, por um instante imaginei as mãos do bruxo da conquista percorrendo meu corpo.

— Gosto de lingerie vermelha também, Bea... — A voz dele me fez parar num sobressalto. Agarrei a toalha caída no chão e me virei para a porta do banheiro que permanecia fechada. Ufa! Apertei os olhos, lembrando que havia

deixado minha calcinha no box. Não respondi nada, fazendo-o acreditar que não havia ouvido seu comentário.

Enfiei, finalmente, a roupa, e deixei o quarto. Na janela da sala, observei através da luz do poste a chuva que caía torrencialmente. Não tinha saída, eu teria de passar a noite no mesmo lugar que o doutor Derek D’Avila e sabia que precisaria me manter forte o suficiente para não cair nas armadilhas de seu encantamento e de meu próprio desejo em descobrir o que o feiticeiro fazia que deixava as mulheres babando por ele.

“Prove-me, Bea!” A proposta feita por ele, em uma das conversas que tivemos na clínica, soprou em meus ouvidos. Tão nítida que parecia que ele acabava de falar diante de mim.

“Prove-me”

— Prove-me!

— Prove-me? Como assim? O que quer dizer? — perguntei.

Derek voltou alguns passos e ficou diante de mim.

— Bea, prove-me. Me dê uma noite. Prove-me, e depois prove-me que não quer um relacionamento comigo — ele despejou sua proposta e se afastou.

Fiquei muda por alguns segundos e arrisquei-me em chamá-lo.

— Derek?

— Sim? — ele respondeu com atenção, encarando-me. Eu notei seu olhar de expectativa.

— Você também cheira deliciosamente bem. E não sei se disse, mas você, além de ser um ótimo médico, canta muito bem — admiti com coragem por revelar o que eu achava dele, mas ainda que com coragem, me senti um tanto tímida por expor o que pensava.

— Eu sei! — Derek falou, pretencioso.

— Convencido — rebati, irritada.

Derek era pretencioso demais.

— Eu sei! — Ele sorriu e eu acabei sorrindo também.

Afinal, ele era um maldito de um pretencioso, gostoso.

— Bea?

— Sim, Derek.

— Prove-me!

Argh... Beatriz, não seja burra! Não morda da maçã envenenada. Não prove!

SINOPSES

Livro: Quando os Caminhos se Cruzam

Doutor Leonardo é médico-pediatra homem de bom caráter e coração nobre.

Um grave acidente faz o caminho do médico cruzar com Maria Luiza, uma mulher corajosamente determinada e justa. Em meio a essa situação assustadora nascerá um grande e verdadeiro amor.

Mas um segredo do passado envolvendo suas famílias virá à tona. E a descoberta do passado, poderá transformar esse forte amor, em um amor impossível.

Livro físico >>> <http://www.3deaeditora.com.br/loja>

Versão em E-book >> <https://amzn.to/2QcK>

Livro: Prove-me (conto do casal Derek e Beatriz, do livro Quando os Caminhos se Cruzam)

“Eu, doutor Derek D’Ávila, não quero mais qualquer outra mulher. Eu quero a Beatriz.”

Doutor Derek, um homem bonito, dotado de extremo charme e um exímio paquerador. De maneira fácil tinha todas as mulheres que quisesse, e ele gostava disso até conhecer uma mulher em específico – Beatriz.

Mas a linda morena de gênio forte não estava disposta a facilitar as coisas para o lado dele, afinal, ela tinha seus motivos para isso. Agora Derek teria que convencer Beatriz a prová-lo.

— *Bea?*

— *Sim, Derek.*

— *Prove-me!*

Só que o médico não imaginou que Beatriz possuisse um escudo contra homens do tipo dele. E ela sabia que prová-lo era um erro, contudo, um erro tentador demais.

Um conto sensual e quente do casal Derek e Beatriz do livro Quando os Caminhos se Cruzam, que

fará você querer PROVAR até a última página.

E-book na Amazon: <https://amzn.to/2Vo6Wwu>

SOBRE A AUTORA



Luana L. Lazzaris, 34 anos, vive no litoral de Santa Catarina, com o filho e marido.

Uma mulher que ama a vida e a família. Uma romântica incurável, que se entrega de corpo, alma e coração a tudo que se propõe a fazer.

A leitura sempre foi um prazer. E, de tanto ler e se encantar com os livros, decidiu trazer para fora seu sentimento pela leitura, escrevendo seu primeiro romance “Quando os Caminhos se Cruzam”.

Luana, se encontrou na escrita que lhe traz grande realização pessoal. E nela pretende ficar até quando sua mente lhe der criatividade para contar histórias.

Com carisma natural e forte empatia, a autora mantém uma relação de amizade com seus leitores.

“Escrevo e sinto que já fiz isso antes, minha alma transborda em satisfação. Quando escrevo, encontro-me.”

Luana Lazzaris

www.luanalazzaris.com.br

REDES SOCIAIS

Acompanhe a autora pelas redes sociais e saiba mais sobre os atuais trabalhos e projetos futuros.

Site: www.luanalazzaris.com

E-mail: autora@luanalazzaris.com.br

Fanpage: <https://www.facebook.com/autoraluanalazzaris>

Grupo facebook: <https://www.facebook.com/groups/104760963459963/>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/LuanaLazzaris>

Twitter: @luanalazzaris

Instagram: @luanalazzarisautora

Lembrando que no **Spotify** você pode ouvir a *playlist* de cada um dos livros, inclusive a de Nascidos para amar.

Acesse: <https://goo.gl/BZCeWL>

Table of Contents

[DEDICATÓRIA](#)

[SINOPSE](#)

[APRESENTAÇÃO](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[PARTE UM](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[PARTE DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)

[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)

[CAPÍTULO QUARENTA](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E SEIS](#)

[PARTE TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E SETE](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[LEIA UM TRECHO DE QUANDO OS CAMINHOS SE CRUZAM](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[LEIA UM TRECHO DE PROVE-ME](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[SINOPSES](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[REDES SOCIAIS](#)